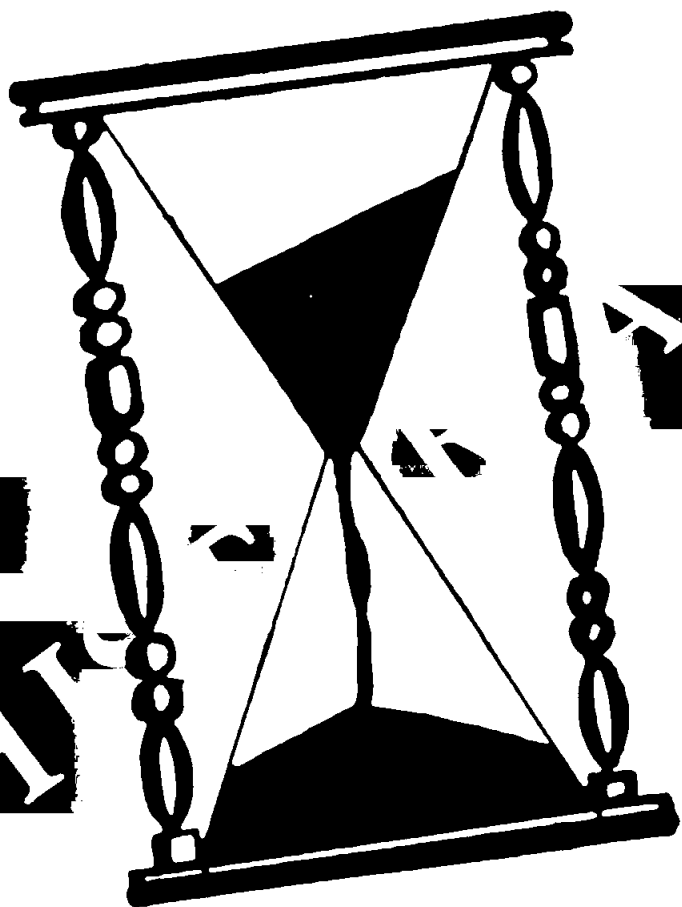




LUIZ DO NASCIMENTO

das classes laboriosas

peito, Ordem e Moralidade



A PROVINCIA  
PROPRIETARIO DO CARNÊ

DA  
IMPRENSA  
DE

PERNAMBUCO

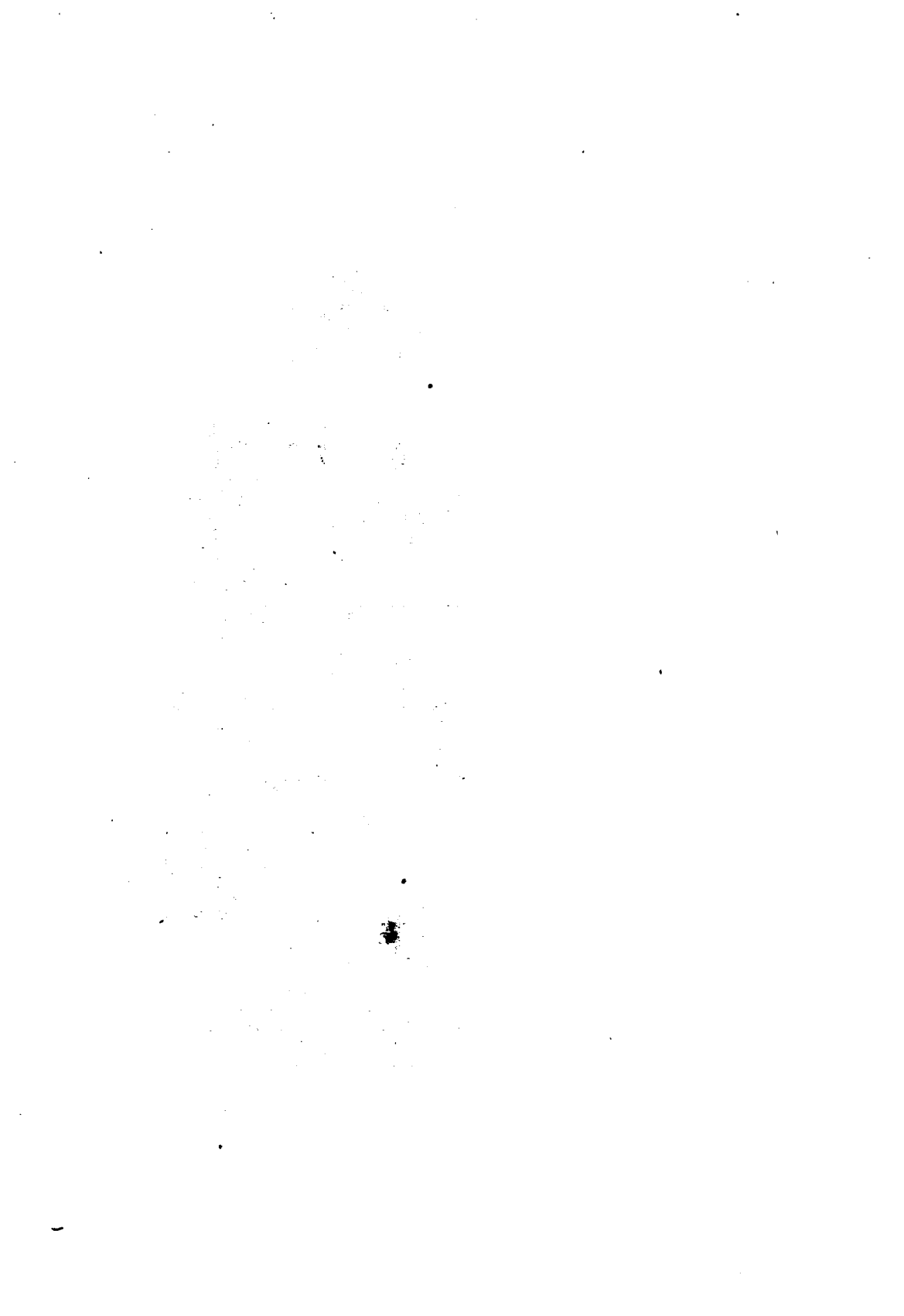
RECIFE — 1975

"Realização de gigante, a desse eminente confrade pernambucano. Se há, nestas paragens, um trabalhador intelectual para quem se deve voltar a admiração calorosa de todos — e à gratidão, principalmente, dos homens de jornal — esse trabalhador é Luiz do Nascimento. Não se faz o que ele fez sem alma, sem amor, sem dedicação e sem a honestidade que lhe marca as pesquisas. E à Universidade Federal de Pernambuco, que se empenha em editar seu trabalho, em torno dela se deve salientar o excelente serviço prestado à inteligência e letras pernambucanas, fazendo votos para que jamais se lhe retarde a publicação da obra de mestre que empreendeu". (Mestre Nascimento", Arnoldo Jambo, **Diário de Pernambuco**, 24.9.1971, e **Jornal de Alagoas**, 4.12.1971).

"Luiz do Nascimento pertence àquela categoria de homens de letras que, ao comentário crítico, temos de acrescentar, também palavras a respeito de sua extraordinária pessoa. Uma velha experiência nos adverte: não nos aproximar demais, pessoalmente, dos escritores que admiramos. É quase certa a desilusão, porque botaram tudo nos seus livros, nas suas linhas, e na sua vida só ficou um homem inacessivelmente seco. Mas não é este o caso desse Luiz do Nascimento. Sua personalidade é tão rica que podia dar tudo em seus livros e ainda fica um homem de muitas facetas e um a-  
i-  
o de imensurável coração" ("Letras da Semana", Marcus Antônio do Prado, **Diário de Pernambuco**, 11.4.1970).

"... cada vez mais firma-se em mim a convicção de que poucas obras haverá reclamando publicação tão urgente quanto a sua. Não consigo entender o critério observado pela Universidade (Federal de Pernambuco) em soltar os volumes em conta-gotas, quando se sabe que, quanto mais cedo estiver publicada, mais depressa a História pernambucana e mesmo a brasileira poderão ser retificadas. Acredito que, normalmente, a Universidade poderia dar um volume por ano, concluindo-se a série até 1980. Do contrário, esgotar-se-á o século" (De uma carta do Conselheiro José Wamberto, de Brasília, 6.10.1972).

MMO-48Z



LUIZ DO NASCIMENTO

# História da Imprensa de Pernambuco

(1821 - 1954)

VOL. VII

PERIÓDICOS DO RECIFE - 1901 - 1915

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

RECIFE — 1975

## TRABALHOS DO AUTOR

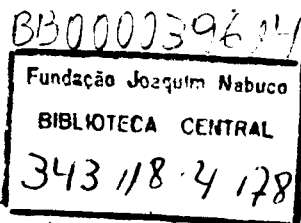
### Publicados:

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. I  
(duas edições), II, III, IV, V, VI, VII.  
IMPRENSA PERIÓDICA PITORESCA DE PERNAMBUCO.  
PERIÓDICOS DO RECIFE NO SÉCULO XIX.  
(mimeografado).  
O JORNAL POR DENTRO E POR FORA.  
TRÊS MESTRES DE DIREITO NO "BATENTE" DO  
JORNAL.  
A IMPRENSA VITORIENSE NO SÉCULO XIX.  
UM DECÊNIO DE IMPRENSA E VIDA (separata).  
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE MANUEL CAITANO.  
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE GOIANA (separata)  
OS BICHOS NA TOCA DA IMPRENSA.  
CADEIRA 39 A TRÊS VOZES (separata).  
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE VALDEMAR DE OLIVEIRA.  
SESQUICENTENÁRIO DO PRIMEIRO JORNAL  
PERNAMBUCANO.

### A publicar:

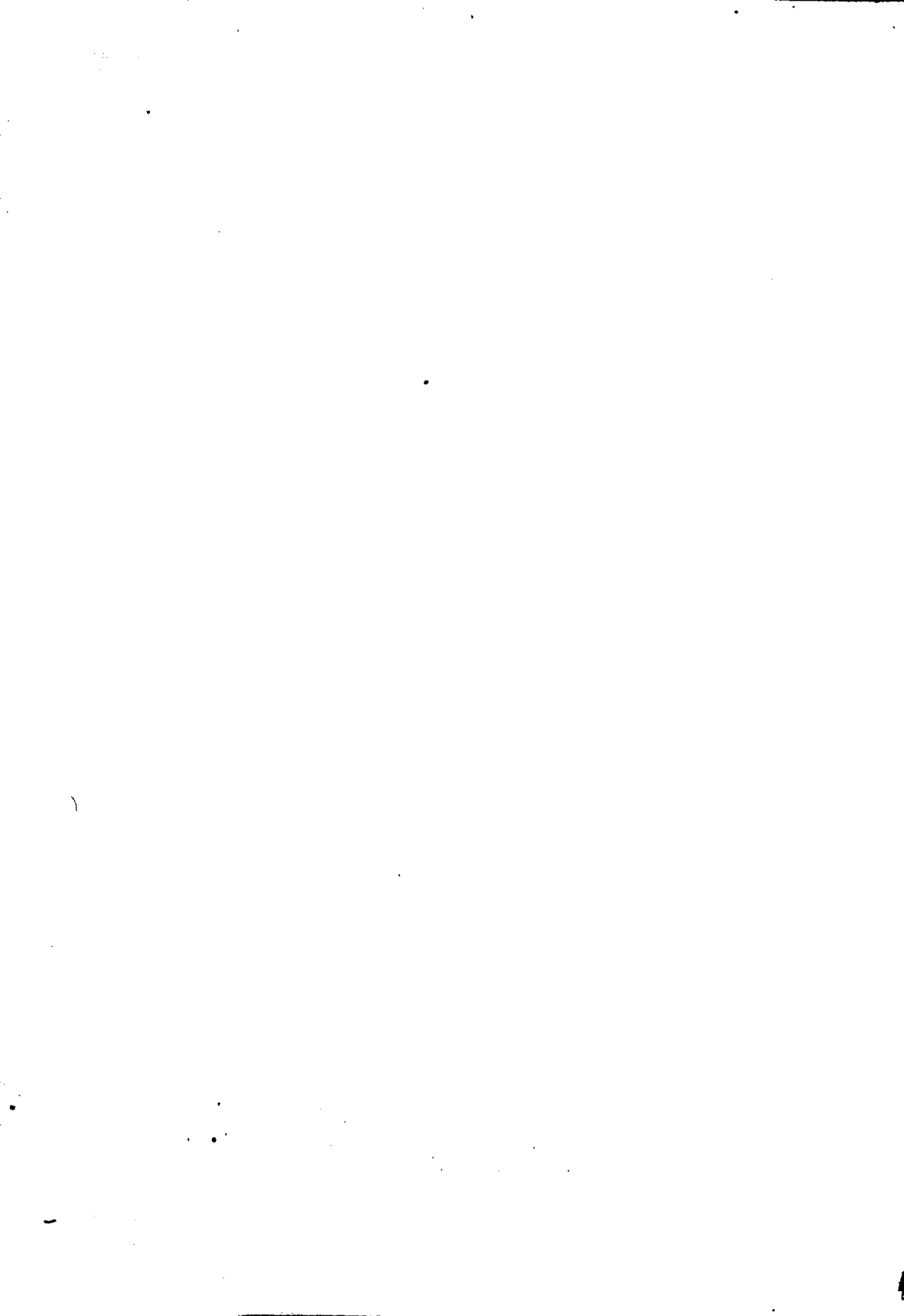
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. VIII,  
IX, X, XI, XII, XIII, XIV.  
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE OLINDA.  
MARTIROLOGIO DO JORNALISTA BORGES DA  
FONSECA  
DICIONÁRIO PERNAMBUCANO DE PSEUDÔNIMOS.  
ROTEIRO DE JORNALISTAS PERNAMBUCANOS.  
O RECIFE PELA VOZ DOS POETAS.  
REMINISCÊNCIAS DE UM JORNALISTA MATUTO.  
O ADMIRÁVEL NASCIMENTO FEITOSA.  
MÁRIO MELO EM CORPO INTEIRO.  
O PAPEL DA IMPRENSA ONTEM E HOJE.

Capa: WILTON DE SOUSA



ins. 90  
ins. / out. / 81

**Homenagem à memória do insigne pensador  
LUIZ DELGADO, a quem tanto deve a "História  
da Imprensa de Pernambuco".**





## INDICE DE TÍTULOS

<i>Prefácio</i> .....	19
<i>Acreano</i> .....	104
<i>Aduaneiro (O)</i> .....	271
<i>Agrário (O)</i> .....	324
<i>Agricultor Prático (O)</i> .....	100
<i>Alagoas Livre</i> .....	61
<i>Album Artístico, Commercial e Indústrial do Estado de Pernambuco</i> .....	343
<i>Album Chic</i> .....	160
<i>Album de Pernambuco</i> .....	344
<i>Album Luso-Brasileiro</i> .....	179
<i>Alerta (O)</i> .....	252
<i>Alma Latina</i> .....	366
<i>Almanach da Botica Francesa e Drogaria de H. Rouquayrol</i> .....	120
<i>Almanack Acadêmico</i> .....	358
<i>Almanack da Revista "Maria"</i> .....	330
<i>Almanack do Natal</i> .....	200
<i>Altair</i> .....	161
<i>Altaneiro (O)</i> .....	299
<i>Alvorada</i> .....	206
<i>Andarilho (O) — 1906</i> .....	168
<i>Andarilho (O) — 1913</i> .....	340
<i>Annaes do 4º Congresso Brasileiro de Geographia</i> .....	378
<i>Annuário Commercial de Pernambuco, Parahyba, Alagoas e Bahia</i> .....	71
<i>Annunciador Elegante (O)</i> .....	220
<i>Aperta (O) — 1902</i> .....	79
<i>Aperta (O) — 1908</i> .....	222
<i>Apito (O)</i> .....	40
<i>Aquino (O)</i> .....	198
<i>Aranha (A)</i> .....	222
<i>Arara (O) — 1902</i> .....	78
<i>Arara (O) — 1907</i> .....	205
<i>Archivo de Jurisprudencia</i> .....	95

<i>Arquivo Maçonico</i> .....	192
<i>Arquivo Popular</i> .....	269
<i>Archivos de Higiene Publica e Higiene Tropical</i> .....	373
<i>Aristides (O)</i> .....	81
<i>Arrabalde (O)</i> .....	340
<i>Arrebol (O)</i> .....	173
<i>Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco</i> .....	282
<i>Atirador (O)</i> .....	262
<i>Aurora Espirita</i> .....	174
<i>Aurora Social</i> .....	36
<i>Automovel (O)</i> .....	215
<i>Avacalhado (O)</i> .....	356
<i>Avança!</i> .....	233
<i>Avança</i> .....	368
<i>Azul e Ouro</i> .....	33
<i>Bacamarte (O)</i> .....	209
<i>Bacurao (O)</i> .....	102
<i>Banquete (O)</i> .....	209
<i>Baptista (O)</i> .....	195
<i>Barata (A)</i> .....	214
<i>Batalhador (O)</i> .....	178
<i>Bebé (O)</i> .....	205
<i>Beijo (O)</i> .....	167
<i>Bemtivi (O)</i> .....	133
<i>Bem-Ti-Vi (O)</i> .....	334
<i>Bento Milagroso (O)</i> .....	333
<i>Besouro (O)</i> .....	73
<i>Bicho (O)</i> .....	275
<i>Bloco (O) — 1908</i> .....	228
<i>Bloco (O) — 1909</i> .....	252
<i>Bode (O) — 1904</i> .....	126
<i>Bode (O) — 1907</i> .....	212
<i>Boi (O) — 1909</i> .....	255
<i>Boi (O) — 1910</i> .....	268
<i>Boletim Agrícola de Pernambuco</i> .....	201
<i>Boletim da União dos Sindicatos Agrícolas de Pernambuco</i> .....	200
<i>Boletim Mensal de Estatística da Associação Commercial Beneficente de Pernambuco</i> .....	113
<i>Boletim Policial</i> .....	286
<i>Bomba (A)</i> .....	253
<i>Bonde Eléctrico (O)</i> .....	332
<i>Botão do Lyrio (O)</i> .....	95
<i>Braga (O)</i> .....	140
<i>Brasil (O)</i> .....	195

<i>Brasil-Turista</i> .....	365
<i>Cabeção (O)</i> .....	40
<i>Caçador (O)</i> .....	265
<i>Caixa Dotal do Recife</i> .....	367
<i>Caxeira (A)</i> .....	163
<i>Calangro (O)</i> .....	160
<i>Calouro (O)</i> .....	316
<i>Candidato (O)</i> .....	253
<i>Caneca (A)</i> .....	162
<i>Cangica (A)</i> .....	253
<i>Canna Verde (O)</i> .....	73
<i>Capadocio (O)</i> .....	283
<i>Cara Dura (O)</i> .....	162
<i>Cardoso (O)</i> .....	127
<i>Carnaval (O) — 1911</i> .....	288
<i>Carnaval (O) — 1913</i> .....	325
<i>Carnaval (O) — 1914</i> .....	346
<i>Carro Misterioso (O)</i> .....	209
<i>Cartão Postal</i> .....	369
<i>Cartomancia (A)</i> .....	352
<i>Casa Ideal (A)</i> .....	159
<i>Casamenteiro (O)</i> .....	126
<i>Catanebio (O)</i> .....	149
<i>Catimbó (O) — 1906, 1º</i> .....	167
<i>Catimbó (O) — 1906, 2º</i> .....	173
<i>Chacon (O)</i> .....	81
<i>Chaleira (O)</i> .....	127
<i>Chanaan</i> .....	376
<i>Charadista (O)</i> .....	358
<i>Chibata (A)</i> .....	148
<i>Chic</i> .....	31
<i>Chicote (O)</i> .....	89
<i>Chim (O)</i> .....	
<i>Chrysantho (O)</i> .....	300
<i>Cidadão (O)</i> .....	127
<i>Cigana (A)</i> .....	225
<i>Cinema</i> .....	266
<i>Cinema (O)</i> .....	364
<i>50º Aniversário do Gabinete Portuguez de Leitura</i> .....	60
<i>Ciscador (O)</i> .....	32
<i>Clarim (O)</i> .....	274
<i>Cobra (A)</i> .....	93
<i>Coió (O)</i> .....	326
<i>Coisa (A) — 1901</i> .....	39
<i>Coisa (A) — 1909</i> .....	250
<i>Colheita (A)</i> .....	57

<i>Colher (A)</i> .....	163
<i>Cometa (O) — 1901</i> .....	41
<i>Cometa (O) — 1906</i> .....	199
<i>Commercio (O) — 1907</i> .....	217
<i>Commercio (O) — 1914</i> .....	346
<i>Commercio &amp; Industria</i> .....	371
<i>Confraria de N. S. do Livramento</i> .....	116
<i>Contrabando (O)</i> .....	271
<i>Corisco (O)</i> .....	98
<i>Correio Academico (O)</i> .....	133
<i>Correio da Semana</i> .....	219
<i>Cri-Cri</i> .....	231
<i>Cruz Vermelha (A)</i> .....	157
<i>Crysanthemo (O)</i> .....	209
<i>Cultura Academica (A)</i> .....	130
<i>Dedo (O)</i> .....	122
<i>Destino dos Amantes (O)</i> .....	357
<i>Dever (O)</i> .....	378
<i>16 de Janeiro (O)</i> .....	161
<i>Diabo (O) — 1903</i> .....	103
<i>Diabo (O) — 1906</i> .....	107
<i>Diabo Solto (O)</i> .....	153
<i>Diluculo (O)</i> .....	256
<i>Districto (O)</i> .....	272
<i>Dois de Dezembro</i> .....	88
<i>Dois de Fevereiro</i> .....	161
<i>D. Julio Tonti</i> .....	129
<i>Dosdewothos</i> .....	333
<i>Doutores da Moda</i> .....	334
<i>Dr. José Antônio de Almeida Pernambuco</i> .....	117
<i>Dr. Pisada (O)</i> .....	335
<i>Echo (O) — 1908</i> .....	229
<i>Echo (O) — 1910</i> .....	275
<i>Echo (O) — 1912</i> .....	322
<i>Echo da Predial (O)</i> .....	257
<i>Echo do Norte (O)</i> .....	53
<i>Echo do Povo</i> .....	264
<i>Egreja (A)</i> .....	77
<i>Elephante Branco</i> .....	296
<i>Embaixador (O)</i> .....	35
<i>Emboca (O)</i> .....	123
<i>Empalhador (O)</i> .....	162
<i>Encrenca (A)</i> .....	314
<i>Época (A)</i> .....	353
<i>Escola</i> .....	301
<i>Escola (A)</i> .....	280

<i>Espectador (O)</i> .....	236
<i>Esperança (A)</i> .....	208
<i>Espia (O)</i> .....	226
<i>Espumas Flutuantes</i> .....	195
<i>Estado de Sitio (O)</i> .....	350
<i>Está na Hora</i> .....	315
<i>Está namorando!</i> .....	357
<i>Estimulo (O)</i> .....	249
<i>Estrellas de Junho</i> .....	371
<i>Estrondamundo</i> .....	79
<i>Estudo (O) — 1901</i> .....	31
<i>Estudo (O) — 1914</i> .....	351
<i>Euthalia</i> .....	125
<i>Evangelho da Fada (O)</i> .....	210
<i>Evolução (A)</i> .....	241
<i>Exedra Academica</i> .....	60
<i>Fallador (O)</i> .....	335
<i>Familia (A)</i> .....	286
<i>Fanal (O)</i> ..	305
<i>Fanatico (O)</i> .....	356
<i>Fantoche (O) — 1909, fevereiro</i> .....	251
<i>Fantoche (O) — 1909, junho</i> .....	253
<i>Feiticeiro (O)</i> .....	126
<i>Feitozense (O)</i> .....	339
<i>Ferramenta (O)</i> .....	171
<i>Fiat-Lux</i> .....	348
<i>Figurão (O)</i> .....	267
<i>Film</i> .....	267
<i>Florete (O)</i> .....	338
<i>Folha do Commercio</i> .....	267
<i>Folhinha Popular do "Diario de Pernambuco"</i> .....	367
<i>Fon-Fon</i> .....	225
<i>Frade (O) — 1907</i> .....	210
<i>Frade (O) — 1914</i> .....	346
<i>Frevo (O)</i> .....	228
<i>Frou-Frou</i> .....	238
<i>Fundão</i> ..	263
<i>Fuso (O)</i> .....	104
<i>Fura-Bolos (O)</i> .....	253
<i>Furão (O)</i> .....	214
<i>Furdunheiro (O)</i> .....	168
<i>Furdunço (O)</i> .....	104
<i>Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco</i> .....	180
<i>Gallo (O)</i> .....	149
<i>Garoto (O) — 1907</i> .....	217
<i>Garoto (O) — 1908</i> .....	228

<i>Garoto (O) — 1909</i> .....	252
<i>Gato (O)</i> .....	211
<i>Gazeta Homeopática de Pernambuco</i> .....	190
<i>Gazeta Litterária</i> .....	129
<i>Gazeta Mercantil</i> .....	128
<i>Gazeta Pedagogica</i> .....	360
<i>Gazeta Ypiranga</i> .....	104
<i>Genio (O)</i> .....	371
<i>Gitanilha (A)</i> .....	40
<i>Gremio (O)</i> .....	114
<i>Gremio Litterario Virgino Marques</i> .....	89
<i>Greve (A)</i> .....	253
<i>Grillo (O) — 1901</i> .....	69
<i>Grillo (O) 1 1907</i> .....	215
<i>Grinalda (A)</i> .....	237
<i>Guarany (O)</i> .....	101
<i>Guarda Nocturno (O)</i> .....	253
<i>Harmonias da Tarde</i> .....	282
<i>Heliantho</i> .....	252
<i>Heliopolis</i> .....	331
<i>Helios</i> .....	239
<i>Helvetica (O)</i> .....	289
<i>Homenagem à eximia pianista D. Thereza Diniz</i> .....	137
<i>Homenagem das alunas do Colégio Santa Margarida</i> ..	194
<i>Honores Accipe</i> .....	338
<i>Imparcial (O)</i> .....	370
<i>Incentivo (O)</i> .....	173
<i>Independência ou Morte!</i> .....	135
<i>Indicador do Commercio e Industria de Pernambuco</i> ..	324
<i>Indio (O)</i> .....	40
<i>Instituto Ayres Gama</i> .....	58
<i>Iscariotes (O)</i> .....	150
<i>Jacaré (O)</i> .....	98
<i>Janota (O)</i> .....	137
<i>Japonez (O)</i> .....	126
<i>João Candido (O)</i> .....	294
<i>Jornal da Semana</i> .....	290
<i>Jornal de Medicina de Pernambuco</i> .....	141
<i>Jornal do Commercio — 1908</i> .....	227
<i>Jornal do Commercio — 1914</i> .....	344
<i>Jornal dos Fumantes</i> .....	264
<i>Justiça (A)</i> .....	273
<i>Juventude (A)</i> .....	322
<i>K-tisca (O)</i> .....	40
<i>Labaro (O)</i> .....	336
<i>Lanceta (A)</i> .....	306

<i>Leão do Norte</i> .....	317
<i>Leviatan (O)</i> .....	251
<i>Liberdade (A)</i> .....	303
<i>Limalha (A)</i> .....	154
<i>Limonada (A)</i> .....	126
<i>Linguarudo (O)</i> .....	153
<i>Lins (O)</i> .....	138
<i>Livro (O)</i> .....	165
<i>Liz (O)</i> .....	313
<i>Lobishomem (O)</i> .....	92
<i>Lorota (O)</i> .....	126
<i>Lucta (A)</i> .....	251
<i>Luctador (O)</i> .....	361
<i>Luizinho (O)</i> .....	137
<i>Lumen</i> .....	97
<i>Luneta (A)</i> .....	117
<i>Luz (A)</i> .....	213
<i>Luzeiro da Verdade</i> .....	178
<i>Lyceu de Artes e Officios</i> .....	198
<i>Lydia</i> .....	177
<i>Lyra (A)</i> .....	115
<i>Lyrio (O)</i> ..	83
<i>Macacoo (O)</i> .....	153
<i>Macaco Secco</i> .....	345
<i>Malmequer (O)</i> .....	153
<i>Mangerico (O) — 1908, agosto</i> .....	230
<i>Mangerico (O) — 1908, dezembro</i> .....	249
<i>Maria</i> .....	328
<i>Maridos Ideais</i> .....	345
<i>Marinha Civil (A)</i> .....	276
<i>Marreta (O) — 1912, janeiro</i> .....	305
<i>Marreta (O) — 1912, junho</i> .....	338
<i>Martello (O)</i> .....	158
<i>Martins Junior — 1905</i> .....	158
<i>Martins Junior — 1906</i> .....	180
<i>Maroim</i> .....	264
<i>Mascara (A)</i> .....	269
<i>Mascote (A)</i> .....	225
<i>Mata-Mosquitos (O)</i> .....	332
<i>Menino Gigante (O)</i> .....	153
<i>Menino Sem Braço (O)</i> .....	153
<i>Mensageiro (O)</i> .....	98
<i>Mensagem (A)</i> .....	377
<i>Mercurio</i> .....	323
<i>Merito</i> .....	376
<i>Mestre (O)</i> .....	191

<i>Mez (O)</i> .....	349
<i>Microcosmo (O)</i> .....	297
<i>Milho (O)</i> .....	333
<i>Militar (O)</i> .....	291
<i>Missionário (O)</i> .....	56
<i>Moleque (O)</i> .....	216
<i>Molho (O)</i> .....	69
<i>Momo (O)</i> .....	221
<i>Mosca (A)</i> .....	54
<i>Mulher dos Calções (A)</i> .....	295
<i>Mundial (O)</i> .....	327
<i>Mutualidade Pernambucana</i> ..	347
<i>Mutua Predial do Recife (A)</i> ..	336
<i>Myosote (O)</i> .....	284
<i>Mystico Ramalhete</i> ..	138
<i>Noites de Natal</i> .....	379
<i>Noiva (A)</i> .....	158
<i>Normalista (A)</i> .....	221
<i>Norte Illustrado</i> .....	60
<i>Nota (A)</i> .....	351
<i>Nova Folha</i> .....	288
<i>Nova Revista</i> .....	164
<i>Nove e Meia (O)</i> .....	202
<i>Órgão da União Sportiva Pernambucana</i> ..	156
<i>Órgão do Circo Lusitano</i> .....	155
<i>Órgão do Colyseu Metallico Brasileiro</i> ..	156
<i>Padre Cicero (O)</i> .....	350
<i>Pagé (O)</i> .....	78
<i>Paladino (O)</i> .....	313
<i>Palavra (A)</i> .....	107
<i>Pallium</i> .....	168
<i>Palpite (O)</i> .....	287
<i>Panchito (O)</i> .....	150
<i>Pandego (O)</i> .....	98
<i>Pando (O)</i> .....	98
<i>Panela do Feitiço (A)</i> .....	126
<i>Panther (A)</i> .....	167
<i>Pão Carioca (O)</i> .....	264
<i>Papagaio (O) — 1902</i> .....	80
<i>Papagaio (O) — 1909</i> .....	259
<i>Papão (O)</i> .....	258
<i>Parafuso (O)</i> .....	312
<i>Pátria</i> .....	347
<i>Patria (A)</i> .....	155
<i>Pé de Moleque (O)</i> .....	172
<i>Pelintra (O) — 1901</i> .....	53



<i>Pelintra</i> (O) — 1909 .....	250
<i>Penna</i> (A) .....	261
<i>Peralta</i> (O) .....	315
<i>Periquito</i> (O) .....	62
<i>Pernambuco Times</i> (The) .....	368
<i>Peru</i> (O) .....	274
<i>Philatelista Brasileiro</i> (O) .....	166
<i>Philomomo Junior</i> (O) .....	32
<i>Philomomos</i> (Os) .....	370
<i>Pica-Pau</i> (O) .....	230
<i>Pierrot</i> (O) .....	269
<i>Pimenta</i> (A) .....	42
<i>Pimentão</i> (O) — 1901 .....	70
<i>Pimentão</i> (O) — 1914 .....	362
<i>Pimpão</i> (O) — 1907 .....	211
<i>Pimpão</i> (O) — 1913 .....	342
<i>Pintainho</i> (O) .....	167
<i>Piolho</i> (O) .....	88
<i>Piparote</i> (O) .....	112
<i>Pisada</i> (A) .....	334
<i>Pistola</i> (A) .....	97
<i>Planeta</i> (O) .....	343
<i>Platêa</i> (A) .....	298
<i>P. M.</i> .....	71
<i>Poetra</i> (A) .....	269
<i>Polyanthéa</i> — 1907, outubro, 12 .....	216
<i>Polyanthéa</i> — 1907, outubro, 20 .....	217
<i>Polyanthéa</i> — 1910 .....	270
<i>Polyanthéa Comemorativa do Monte-Pio Popular Per-</i> <i>nambucano</i> .....	197
<i>Polyantho</i> .....	123
<i>Polytheama</i> (O) .....	357
<i>Porvir</i> (O) .....	327
<i>Postaleida</i> .....	178
<i>Potyguarania</i> .....	41
<i>Prato</i> (O) .....	163
<i>Prego</i> (O) .....	353
<i>Preito</i> .....	362
<i>Prelio</i> (O) — 1905 .....	149
<i>Prelio</i> (O) — 1913 .....	342
<i>Primavera</i> (A) .....	199
<i>Primaveras</i> (As) .....	111
<i>Progresso Commercial</i> (O) .....	284
<i>Propheta</i> (O) .....	229
<i>Proscenio</i> (O) .....	239
<i>Protesto</i> (O) .....	270

<i>Pythonisa (A)</i> .....	98
<i>Quengo (O) — 1903, maio</i> .....	97
<i>Quengo (O) — 1903, junho</i> .....	102
<i>Rabisco (O)</i> .....	314
<i>Raio (O)</i> .....	82
<i>Ratão (O)</i> .....	315
<i>Recife (O) — 1904</i> .....	134
<i>Recife (O) — 1908</i> .....	220
<i>Recife Illustrado</i> .....	287
<i>Relampago (O)</i> .....	105
<i>Relógio do Futuro (O)</i> .....	225
<i>Remo (O)</i> .....	95
<i>Renascença</i> .....	361
<i>Revista (A)</i> .....	279
<i>Revista Academica</i> .....	322
<i>Revista da Academia Pernambucana de Letras</i> .. .	27
<i>Revista do Superior Tribunal de Justiça de Pernam- buco</i> .....	359
<i>Revista Homeopática de Pernambuco</i> .....	191
<i>Revista Juridica</i> .....	59
<i>Revista Moderna</i> .....	176
<i>Revista Musical</i> .....	58
<i>Revista Pernambucana</i> .....	86
<i>Revolta (A)</i> .....	222
<i>Revolto (O)</i> .....	294
<i>Revolução (A)</i> .....	316
<i>Romeiros da Caridade</i> ..	122
<i>Rosca (A)</i> .....	314
<i>Rouxinol (O)</i> .....	239
<i>Rua (A)</i> .....	117
<i>Sabiá (O)</i> .....	157
<i>Saia-Calção (O)</i> ..	294
<i>Salve 9 Novembro de 1901</i> .....	62
<i>São Lucas (O)</i> .....	225
<i>Sapato (O)</i> .....	326
<i>Satanaz (O)</i> .....	224
<i>Século XX</i> .....	33
<i>Semana (A) — 1904</i> .....	120
<i>Semana (A) — 1910</i> .....	281
<i>Semana Agrícola (A)</i> .....	364
<i>Sentinella (A)</i> .....	255
<i>Seringa (A)</i> .....	92
<i>Serpentina (A)</i> .....	79
<i>Serra Grande (O)</i> .....	218
<i>Seu Zé</i> .....	296
<i>Smart (O)</i> .....	248

<i>Sogra</i> (A) . . . . .	209
<i>Somnambulo</i> (O) . . . . .	79
<i>Sorteio Militar</i> (O) . . . . .	225
<i>Sport</i> . . . . .	140
<i>Sportman</i> (O) . . . . .	156
<i>Stylus</i> . . . . .	106
<i>Surdina</i> (A) . . . . .	369
<i>Symbolo</i> (O) . . . . .	301
<i>Tabaréo</i> (O) — 1902 . . . . .	78
<i>Tabaréo</i> (O) — 1908 . . . . .	238
<i>Tagarela</i> (O) — 1906 . . . . .	193
<i>Tagarela</i> (O) — 1908 . . . . .	237
<i>Talher</i> (O) . . . . .	163
<i>Talisman</i> (O) . . . . .	274
<i>Tapioca</i> (A) . . . . .	55
<i>Tempo</i> (O) — 1911 . . . . .	302
<i>Tempo</i> (O) — 1913 . . . . .	325
<i>Theatro</i> (O) — 1905 . . . . .	159
<i>Theatro</i> (O) — 1906 . . . . .	169
<i>Theatro</i> (O) — 1912 . . . . .	313
<i>Thereza Diniz</i> . . . . .	196
<i>Thesoura</i> (A) . . . . .	291
<i>Thesouro da Família</i> . . . . .	359
<i>Tigipiôense</i> (O) . . . . .	282
<i>Tira-Teimas</i> (O) . . . . .	172
<i>Traque</i> (O) . . . . .	40
<i>Trevo</i> (O) . . . . .	295
<i>Tribuna</i> (A) — 1902 . . . . .	82
<i>Tribuna</i> (A) — 1906 . . . . .	181 e 184
<i>Tribuna Acadêmica</i> . . . . .	302
<i>Tribuna Colonial</i> . . . . .	236
<i>Tribuna Popular</i> (A) . . . . .	290
<i>Tribuna Religiosa</i> . . . . .	182
<i>Tributo</i> (O) . . . . .	322
<i>Trinta e Quatro</i> (O) . . . . .	315
<i>Trombeta</i> (A) . . . . .	376
<i>Trovão</i> (O) . . . . .	99
<i>Turf</i> (O) . . . . .	157
<i>Turuna</i> (O) . . . . .	209
<i>União Caixeiral</i> . . . . .	375
<i>União Cívica Beneficente</i> . . . . .	335
<i>União Operária</i> . . . . .	150
<i>Urubu</i> (O) . . . . .	130
<i>Urucubaca</i> . . . . .	373
<i>Vagabundo dos Ares</i> (O) . . . . .	274
<i>Vatapá</i> (O) . . . . .	326

<i>Vem Vindo</i> .....	350
<i>Venancio (O)</i> .....	293
<i>Verdade (A) — 1904</i> .....	136
<i>Verdade (A) — 1908</i> .....	243
<i>Verdadeiro Venancio (O)</i> .....	293
<i>Vesuvio (O)</i> .....	283
<i>Vibração (A)</i> .....	374
<i>Vigia (O)</i> ..	148
<i>Viriato (O)</i> .....	31
<i>Viuva Alegre</i> .....	273
<i>Voz das Creanças (A)</i> .....	277
<i>Witruvio (O)</i> .....	224
<i>Zig-Zag (O)</i> .....	207
<i>Ziza (O)</i> .....	154
<i>Zum-Zum (O)</i> .....	54

**PALAVRAS**

**AO**

**LEITOR**



*Cumpro a obrigação de incorporar mais um volume à "História da Imprensa de Pernambuco". Aí fica o acervo das publicações periódicas recifenses nascidas e vividas no período de 1901 a 1915, num total de 503.*

*Página por página, procurei estudar a existência de cada jornal, revista, album, arquivo, poliantéia, para isto visitando, além das fontes principais — a Biblioteca Pública do Estado e o Arquivo Público — outras bibliotecas e arquivos, os de estabelecimentos de ensino, instituições religiosas e particulares. E foram-me familiares, nesse mister, — desde o contido nos volumes já divulgados — diferentes bibliotecas de outros pontos do país.*

*Percorri, enquanto isto, centenas de volumes da imprensa diária do Recife, de épocas diversas, para confrontar datas do noticiário referente aos periódicos que vinham sendo publicados, de alguns dos quais não foi possível encontrar comprovantes.*

*— Ainda me servi do roteiro do historiador Alfredo de Carvalho, só, no entanto, até o ano de 1907, pois aí finda a relação, com algumas falhas, constante de sua obra, os "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — 1821/1908".*

*Tal relação, aliás, foi continuada por outro historiador, Sebastião de Vasconcelos Galvão, que copiou, no seu "Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco" (Vol. III), as datas alinhadas no trabalho mencionado e, por conta própria, empreendeu ligeiro registo das publicações aparecidas, na capital do Estado, de janeiro de 1908 a junho de 1921. Não pôde servir-me de roteiro, por demasiado deficiente.*

*No período de 1901 a 1915 cresceu mais o acervo de periódicos e, cada ano, enchiam-se os salões familiares de novos livros de sortes, injustamente postos à margem por Alfredo*

*de Carvalho, o igualmente desprezador dos almanaques, tanto estes, quanto aqueles, autênticos órgãos da imprensa.*

*Literatura, ciência, religiões, humorismo, troça e notícia, tudo fica registrado aqui, extraído de milhares de páginas manuseadas, para apreciação do leitor comum e do historiador do futuro. A par da história da imprensa, um pouco de história do Recife, de Pernambuco.*

*Se não fiz o melhor, consegui o máximo, numa pesquisa contínua, de déu em déu, cascavilhando por toda parte, encontrando aqui um pequeno jornal, ali uma revista que a desídia das tipografias não encaminhou à guarda das bibliotecas e arquivos.*

*Outros volumes virão.*

---

*O historiador pernambucano-recifense Alfredo de Carvalho (27-6-1870/23-6-1916) deixara em poder do bibliófilo Olímpio Costa Júnior um maço de originais em manuscrito, inclusas algumas laudas com o título "Jornais Pernambucanos de 1908", seguido este da seguinte*

#### **ADVERTÊNCIA:**

*"O benigno acolhimento que, não só do jornalismo local como de todo o país, mereceu o nosso trabalho "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821 a 1908", mandado publicar, como contribuição do Estado à Exposição Comemorativa do I Centenário do Estabelecimento da Imprensa no Brasil, pelo então Governador, o exm<sup>o</sup> sr. desembargador Sigismundo Antônio Gonçalves, nos moveu a continuar inventariando as manifestações posteriores do nosso periodismo e a consigná-las em resenhas anuais, de que esta é a primeira.*

*Nelas registaremos todos os jornais novos e bem assim os fatos principais dos procedentes de épocas anteriores.*

*O método bibliográfico das descrições é aqui o mesmo observado naquele primeiro inventário geral, ao qual estes anuários irão servindo de suplementos".*

*Não continuaram, porém, as resenhas, naturalmente porque outros empreendimentos de natureza histórica absor-*



*veram as atividades do insigne homem de letras, cujos trabalhos publicados enriqueceram o publicismo pernambucano.*

*Fico muito grato à oferta que me fez o confrade Olimpio Costa Júnior do precioso documento, no qual se pode admirar a letra aprumada e viva de Alfredo de Carvalho, que, por dilatados anos, se dedicou à mais intensa pesquisa, sobretudo na Biblioteca Pública do Estado, atual Biblioteca Estadual Presidente Castelo Branco, cujas coleções da grandíssima hemeroteca guardam a memória de sua presença.*

**L. do N.**

**Rua Bartolomeu de Gusmão, 258  
— Aptº 3, 1º andar — Madalena  
RECIFE - PE. Fone: 25-0712**



**PERIÓDICOS DO RECIFE**

**1901/1915**



1901

REVISTA DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS —  
**Publicação trimestral** — Entrou em circulação o nº 1, datado de janeiro/março de 1901, formato de 22x15, com 40 páginas de texto, em coluna larga. Da capa, repetidos na página de rosto, constavam os versos a seguir, da “Prosopopéia”, de Bento Teixeira:

“De lanças e de escudos encantados  
não tratarei em numerosa rima,  
mas de varões ilustres afamados  
mais que quantos a musa não sublima.

.....  
Em falar a verdade serei raso  
que assim convém fazê-lo quem escreve,  
se a justiça quer dar o que se deve.

.....  
E se o fim não alcança desejado  
é por não ser o meio acomodado”.

Impressa na tipografia d’A **Provincia**, à rua 15 de novembro (atual do Imperador) ns. 49/51, a revista teve a orientá-la uma Comissão de Redação, assim constituída: Alfredo de Carvalho, Carlos Porto Carreiro, Eduardo de Carvalho, João Batista Regueira Costa e Antônio Joaquim Barbosa Viana. Condições de assinatura: por um ano — 6\$000, mediante pagamento adiantado. Número avulso — 2\$600. Terminava o Expediente: “...assina-se na sua sede, no Instituto Arqueológico (Histórico) e Geográfico Pernambucano, à rua Duque de Caxias nº 115, e nas principais livrarias da cidade, onde vendem-se números avulsos”.

Firmou o artigo de abertura — “Razão de ser” — o vice-presidente do sodalício, Artur Orlando, assim concluindo suas considerações em torno do papel das Academias: “Os membros da Academia Pernambucana de Letras, que não são sábios, mas

simples cultores das letras, nem pensam na imortalidade de seus livros, nem na imortalidade de seus nomes, nem mesmo na imortalidade de suas descobertas, apenas pensam na perpetuidade das tradições literárias de Pernambuco. É o velo de ouro a zelar, é a razão de ser desta **Revista**".

Seguiu-se a divulgação do Termo de Instalação da Academia (1) e dos discursos do presidente, Carneiro Vilela, e do orador oficial, Carlos Porto Carreiro. :

Foram outros trabalhos, em prosa, publicados na edição de estréia: "Estudos sobre Pernambuco", de Artur Orlando, a continuar, e "Apontamentos para a história da literatura pernambucana", de F. A. Pereira da Costa (série), terminando com poesias de J. B. Regueira Costa, Gervásio Fioravante e Carneiro Vilela, que deu início às "Legendas da Pátria", ocupando oito páginas de alexandrinos (2).

O nº 2 saiu datado de abril/junho; o nº 3 de julho/setembro, e o nº 4 de outubro/dezembro, somando em numeração seguida, o total de 154 páginas, que constituíram o primeiro tomo. O segundo começou com o nº 5/6, pertinente aos meses de janeiro a junho de 1902 (3), terminando o ano com o nº 7/8, de julho/dezembro, num total de 144 páginas. Nesse segundo tomo, os redatores Alfredo de Carvalho e Carlos Porto Carreiro foram substituídos por Teotônio Freire e Faria Neves Sobrinho.

Além da constante aparição dos nomes mencionados, as diferentes edições da **Revista** divulgaram trabalhos de Francisca Izidora Gonçalves da Rocha, como o drama lírico "Elnar", em três atos, todo em versos, ocupando 24 páginas dos ns. 2 e 3, e o poema "Lord Byron", em prosa; de Ernesto de Paula Santos; de Almeida Cunha, que foi a tradução do poema "Intermezzo Lírico", de Heinrich Heine, ocupando 27 páginas do nº 4; de J. V. de Castro Tavares (póstumo); de Aprígio Gul-

---

(1) A Academia Pernambucana de Letras foi instalada, solenemente, no dia 26 de janeiro de 1901.

(2) O poema de Carvalho Vilela prosseguiu nas duas edições seguintes; ficou suspenso por alguns meses, para continuar no nº 7/8, ano II, perfazendo um total de 34 páginas e 1.301 versos.

(3) Naturalmente erro de revisão, acha-se registrado o ano 1904, em lugar de 1902, nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — 1821/1908", do historiador Alfredo de Carvalho.

marães: o prólogo do drama histórico nacional “João de Souto Maior” ou “O delírio do patriota”, ocupando 20 páginas do nº 7/8; de Sebastião de Vasconcelos Galvão; de Paulo de Arruda e de Martins Júnior; mais discursos acadêmicos, juízos críticos, bibliografias, atas e relatórios. O nº 4 publicou também a “Lei Orgânica” da Academia, e consta do nº 5/6 um relatório, de 28 páginas, do secretário perpétuo João Batista Regueira Costa, sobre as atividades da instituição durante o ano de 1901.

Após uma interrupção de 24 anos, voltou a **Revista** a circular, em segunda fase, a 26 de janeiro de 1926, formato de 23x16, com oito páginas de texto. Comissão Diretora: Manuel Arão, Costa Rego Júnior, Laiete Lemos, Raul Monteiro e Neto Campelo.

Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua do Apolo nº 78/82, divulgou o magazine o artigo “Razão de ser”, assinado por Artur Orlando, que servira de apresentação da estréia, precedido de palavras encomiásticas sobre o escritor extinto. Matéria publicada: Estudo, de França Pereira, a respeito da Academia (um dos últimos, senão o último, da lavra do escritor); trabalhos, em prosa e verso, de Manuel Arão e Faria Neves Sobrinho; discursos acadêmicos de Samuel Martins, França Pereira (póstumo), Oliveira Lima, Laiete Lemos e Dom José Pereira Alves e as “fôlhas bibliográficas” de Manuel Neto Carneiro Campelo e Joaquim José Faria Neves Sobrinho.

Do nº 1, ano I, passou para o nº 3, ano III, (como se houvesse circulado o nº 2 ano II), de junho de 1928, impresso na Tipografia Globo, à rua Visconde de Inhauma (atual do Rangel) nº 162. Capa, como sempre, de cartolina de côr, e 126 páginas de texto. Abriu com o noticiário e discursos da solenidade comemorativa do 25º aniversário (ocorrido em janeiro de 1926) da Academia. Seguiram-se discursos de posse, folhas bibliográficas” e produções de Manuel Arão, Costa Rego Júnior e Faria Neves Sobrinho.

Veio, finalmente, a última edição da segunda fase: nº 4, ano IV, de maio de 1929, contendo 90 páginas de texto. Trabalho gráfico da oficina da Associação da Boa Imprensa, ou seja, **A Tribuna**, situada à rua do Riachuelo. O corpo redacional sofreu duas substituições: saíram Manuel Arão e Neto Campelo; entraram Mário Melo e Júlio Pires Ferreira. Do sumário, além de discursos e “folha bibliográfica”, constaram produções de

Faria Neves Sobrinho, Raul Monteiro e Manuel Arão e uma homenagem à memória do acadêmico fundador Luiz de França Pereira.

Todas as edições apresentavam quadros atualizados dos ocupantes das cadeiras da Academia e respectivos patronos.

Finalmente, reapareceu a **Revista**, em terceira fase, após outro longo período, de quase 23 anos, com o nº 1, ano I, de dezembro de 1951, obedecendo ao mesmo formato e igualmente impressa na tipografia d'**A Tribuna**. Comissão diretora: Mário Melo, Edwiges de Sá Pereira, Costa Rego Júnior, Araújo Filho, Esdras Farias e Hermógenes Viana. Texto de 162 páginas e capa em cartolina branca.

Ainda sob o título "Razão de ser", coube ao primeiro dos redatores mencionados assinar o artigo de abertura. Falou ele das duas primeiras fases do magazine, dos primeiros dias de esplendor da Academia e do seu período de inatividade, acrescentando: "Felizmente a Academia encontrou um Mecenas — o industrial Oton L. Bezerra de Melo — de modo que desapareceu o grande mal da falta de recurso financeiro e a **Revista** vai entrar na sua terceira fase, com esperança de vencer todas as dificuldades que, porventura, se antolhem no seu caminho". Manteria o lema expresso por Carneiro Vilela, no discurso inaugural de 26 de janeiro de 1901, que se resumia em "honrar as tradições literárias de Pernambuco".

A edição inseriu diferentes notas literárias, farto noticiário da solenização do cinquentenário da Academia, incluindo discursos e mensagens recebidas; conferência de Valdemar de Oliveira, sobre o tema "Castro Alves"; outras produções, em prosa, de Célio Meira, Luiz Delgado, Lins e Silva, Hermógenes Viana, Edwiges de Sá Pereira, João Aureliano, Silvino Lopes, cônego Alfredo Xavier Pedrosa e Araújo Filho, e poesias de Eustórgio Vanderlei, Costa Rego Júnior, Oscar Brandão da Rocha e Esdras Farias.

Infelizmente, ficou no primeiro número a terceira fase da **Revista da Academia Pernambucana de Letras** (4) (Bib. Púb. Est.).

---

(4) Só em 1964 encetou uma quarta fase o magazine dos "Imortais" pernambucanos, quando na presidência da Academia o escritor Luiz Delgado. Prossegue a publicação.



O VIRIATO — **Órgão de Justas Homenagens** — Tendo como redatores... “diversos”, circulou no arrabalde do Porto da Madeira, a 17 de janeiro de 1901, festejando o aniversário natalício de Manuel Viriato do Socorro. Número único, de quatro páginas, apresentou-se em formato de 22x16, inserindo editorial e saudações diversas, assinadas por amigos e admiradores do homenageado. Trabalho gráfico pouco lisonjeiro.

Outra edição, o formato um pouco maior — ano II, nº 2 — publicou-se a 17 de janeiro de 1904, impressa em excelente papel, no atelier da “Maison Chic”, as duas páginas externas em tinta encarnada e as internas em azul. Sob o título, lia-se: “Em comemoração ao aniversário do mais dileto amigo”, constando toda a matéria, ilustrada, de saudações, em prosa e verso, ao festejado Manuel Viriato do Socorro (**Bib. Púb. Est.**).

CHIC — **Jornal catita, ilustrado e impresso à la diable, distribuido a l'oeil pela Maison Chic** — O nº 1, ano I, circulou no mês de janeiro de 1901 (1), formato de 32x22, com quatro páginas, impresso em papel couché, a cores, em tipografia própria.

Dedicado à propaganda do referido estabelecimento comercial, lia-se na nota de abertura, dirigida à leitora: “Nada lhe promete senão informar **petit-a-petit** de tudo o que na moda atual tiver o último grito e imperar como princípio ativo do **dernier bateau**”.

Inseriu em meio aos anúncios ilustrados e notas soltas, a crônica “A liga”, sobre “a arte de vestir”.

Obedecendo ao programa de órgão anunciante das novidades da Maison Chic, publicou-se o nº 2 logo em fevereiro e, daí por diante, com certa irregularidade, inclusive ao atingir 1902. No ano III (e último) saíram quatro edições: o nº 1 no mês de fevereiro e o nº 4 no dia 15 de dezembro de 1903. (**Bib. Púb. Est.**).

O ESTUDO — **Periódico Literário e Publicação Mensal** — Surgiu a 4 de fevereiro de 1901, em formato de 28x19, com quatro páginas de duas colunas a 16 cíceros. Redatores — José Ro-

---

( ) Alfredo de Carvalho (obra citada) registou erroneamente, como a seguir, a estréia do **Chic**: “...s. d., saiu em dezembro de 1900”....

drigues dos Anjos e Euzébio de Sousa. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Assinatura trimestral — 1\$000.

No editorial de apresentação — “Porque nos congregamos” — dizia a redação que **O Estudo** era “mais uma manifestação de que na alma juvenil do estudante pernambucano palpita fortemente o sangue dos sãos princípios e no cérebro da mocidade estudiosa agita-se a idéia da luta pelo desenvolvimento, o desejo ardente de participar de perto do grande banquete das coisas pátrias”.

A bem orientada folha divulgou crônicas e artigos concisos, assinados pelos redatores e por João Ezequiel, Martins Filho, José de Barros Lima e **Ariosto**; ligeiras notícias e o “Quebra cabeças”, de **Javert**.

Circulou o nº 2 no dia 3 de março, inserindo colaborações de Marcionilo Maciel, Mário Melo, Olímpio Fernandes e Manuel Pinheiro Filho (**Bib. Nac. e Bib. Púb. Est.**) (1).

O nº 3 ( e último) publicou-se, consoante o registro dos “Anais”, no dia 13 de abril.

**O CISCADOR — Órgão do Clube Misto dos Ciscadores —** Embora circulando pela primeira vez, apareceu com a indicação de “ano IV”, número único, a 17 de fevereiro de 1901. Formato de 22x16, quatro páginas e modesto aspecto gráfico, foi impresso na oficina de Eduardo Layme, à rua Duque de Caxias.

Divulgou matéria carnavalesca, crítica de costumes e uma crônica ilustrada (**Arq. Púb. Est.**).

Voltou a publicar-se — nº 2 — no Carnaval de 1905, a 5 de março.

**O PHILOMOMO JUNIOR — Bisnagada Carnavalesca Para o Ano de 1901 —** circulou no dia 17 de fevereiro, com quatro páginas, em formato acima de médio (papel **couché**), todas litografadas, a primeira e a última desenhadas e as do centro gravadas em manuscrito.

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existe comprovante da primeira edição.

A alegoria da frente representava um cenário aberto, rodeado de holofotes, ao centro do qual, sob o título "Ao público folgazão — Riamos", achavam-se manuscritos os seguintes versos:

"Camilo disse uma vez  
Que a sisudez é doença.  
Porisso, caro burguês,  
Riámos sem mais detença.

Não para aqui; disse mais  
Sôr Camilo, com critério:  
— De todos os animais  
É o jumento o mais sério.

A vista disso, um conselho  
Vai dar-te amigo casmurro:  
— Se não te ries, meu velho,  
Ficas sendo um grande burro".

Não era de muito porte a matéria redacional, constituída de prosa e versos ligeiros. O clichê final encerrava diferentes motivos de alegoria e crítica (**Bib. Púb. Est.**).

**SÉCULO XX** — Jornal-reclamo, edição de Carnaval (e única), apareceu datado de 17/18/19 de janeiro (na realidade, era fevereiro) de 1901, em formato de 35x24, com quatro páginas de três colunas. Redator — **Pafuncio Semicupio Pechincha**. "Assinatura: grátis para quem sabe ler".

Apresentou, na página de frente, uma folhinha-calendário para 1901; a última só inseriu reclamos comerciais, figurando nas do centro o artigo de abertura, assinado por **O Tipógrafo**, seguido de boa matéria humorística e satírica: versos, anedotas, troças e curiosidades, com anúncios de poucas linhas intercalados, amena propaganda da editora, a Tipografia Lammert & Cia., situada à avenida Marquês de Olinda nº 4 (**Bib. Púb. Est.**).

**AZUL E OURO** — **Revista Literária e Científica** — Publicação mensal, surgiu a 5 de março de 1901, formato de 26x18, com 14 páginas, inclusa a capa, esta trabalhada em artísticas vinhetas, tendo ao centro o título, o sumário e um soneto. Confecção da Imprensa Industrial, à rua do Bom Jesus, 34 e 36, em cujo escritório funcionava a redação, tinha esta á sua

frente Caitano de Almeida Andrade, Manuel Duarte e Eugênio de Sá Pereira. Constava o preço de 1\$000 por assinatura mensal, e, em contradição, o seguinte: “Cada número avulso custa 1\$500”.

Lia-se, na sub-capa, o seguinte Expediente: “A revista **Azul e Ouro** publicará somente trabalhos inéditos e cujos autores sejam filhos do norte da República. Não está filiada nemiliar-se-á a nenhum dos grupos literários existentes e que possam **ad futurum** aparecer. Dos trabalhos enviados se escolherá um, por sorteio, para o lugar de honra na capa, e outro que se publicará no texto, juntamente com o retrato do autor. A redação pede, encarecidamente, aos distintos homens de letras de Pernambuco e dos outros Estados do norte o obséquio da colaboração, porque é o seu maior desejo manter **Azul e Ouro** em posição digna e capaz de representar as intelectualidades do norte em qualquer ponto do país”.

Bem elaborado editorial, sob o título “Fiat lux” e o sub-título “Em profissão de fé”, abriu a primeira página do texto, assim iniciado:

“Almas em flor, abertas ao sol espiritualizante da religião que apostolamos e que pode, desde já, ser crismada — **jacobinismo literário**; peitos em que a esperança imortal entrou vitoriosamente, clangorosamente, batendo o Fatalismo e o Desalento; cérebros em que o Sonho ergueu, soberano, um sólio, para reinar absoluto; eis-nos acastelados na **Turris-eburnea** da Observação e da Análise, para entoar, quebrando o silêncio que nos envolve, cânticos ao futuro do Belo que imaginamos destronado, como um rei infeliz, mas ainda enroupado de púrpuras, diademado de estrelas brancas...”

Prosseguiu, assim, o artigo, cheio de divagações poéticas, para terminar: “Escaldadas ao calor do Livro, nossas fronte saberão resistir à ingratidão das intempéries fortes... O nosso lema é este: — Só a descrença é um mal...”

Além de produções, em prosa e verso, assinadas pelos redatores, a bem impressa revista divulgou poesia de Edwiges de Sá Pereira, artigos de Antônio Valença e Clemente Aires (“Reportagem biográfica”) e o longo estudo “O lirismo português através dos tempos”, que continuou no mês seguinte, sem assinatura. Uma só página de anúncios completou a edição: a última da capa.

O segundo número, que foi também o último, circulou datado de abril. Com duas páginas a menos, teve, a mais que o primeiro, a ilustrá-lo, retratos a bico-de-pena, abrindo o texto o de Martins Júnior, da autoria de Euclides Fonseca. Outros colaboradores: Alípio Meneses, Mateus de Oliveira e Olímpio Galvão (Bib. Púb. Est.).

O **EMBAIXADOR** — Órgão Mensal de Propaganda Evangélica — Apareceu em abril de 1901, formato de 25x17, com quatro páginas a duas colunas de 14 cíceros. Redator principal — Manuel Sacramento; gerente — Bernardino Ferreira, funcionando a redação na rua São José de Riba Mar nº 27. Trabalho material da Tip. Luso-Brasileira, situada à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-F. Tabela de assinaturas: ano — 2\$400; trimestre — \$600; mês — \$200.

Esforçar-se-ia “pela emancipação espiritual dos nossos conterrâneos”, consoante o artigo-programa, “combatendo o erro, a superstição, a mentira, o culto falso e idólatra”.

Sua matéria constou de artigos de doutrinação; “A arimética do crente”, noticiário especilaizado e alguns versos.

Mantendo, no cabeçalho, a divisa “Nós fazemos o ofício de embaixadores em nome de Cristo” (2. Cor. 5:20), o periódico aumentou, no seu nº 3, o formato para 35x23, a duas colunas de 18 cíceros, a fim de publicar “todo o movimento evangélico das igrejas cristãs em todo o mundo”. Solicitava, então, aos “irmãos e prosélitos do Evangelho” que auxiliassem o jornal com novas assinaturas, “deixando de parte as constantes lutas” que diariamente se agitavam no “nosso meio social evangélico”, uma vez que sua força dependia da “união vital dos nosso sentimentos”.

O corpo redacional d'O **Embaixador** foi acrescido dos nomes de João da Cunha, Ulisses de Melo e F. Magalhães (este último deixou de aparecer na edição seguinte), e alguns anúncios tiveram admissão na quarta página. Mais dois meses e o encarregado das finanças cedeu o lugar a Manuel Francisco da Costa. E afastava-se o redator Cunha. Entre os colaboradores contavam-se Leopoldina Malta, Almeida Sobrinho e João M. G. dos Santos.

Após o nº 7, datado de outubro, foi o jornal suspenso, para

reaparecer, como prometia, em janeiro de 1902 (1), suspensão motivada pelo abandono da causa por parte dos assinantes.

Esperava, prometeu o redator, continuar no “posto de combate”, o que, entretanto, não ocorreu, à falta, naturalmente; do estímulo pecuniário que solicitara dos desavindos evangelistas (Arq. Pú. Est.).

**AURORA SOCIAL — Órgão do Operariado mantido pelo Centro Protetor dos Operários** — Saiu a lume a 1º de maio de 1901, em bom formato, com quatro páginas, confeccionado na Imprensa Industrial, à rua do Bom Jesus ns. 34/36. Trazia sob o título o slogan: “Proletários de todos os países, uni-vos!” Corpo redacional: João Ezequiel, redator-chefe; Manoel J de Santana Castro, Rodolfo Lima, Martins Filho, Francisco Brito, Ulisses de Melo, Secundino Lins e Flaviano Martins, gerente — Vieira de Melo, funcionando redação e escritório na rua Pedro Afonso (atual da Praia) nº 60. Tabela de assinaturas: ano — 9\$000; semestre — 6\$000; mês — 1\$000.

O editorial de apresentação aludiu à compreensão do papel que cabia aos trabalhadores, à instituição do Dia do Trabalho, quando “os deserdados da sorte, que têm o crime de nascerem na pobreza, atiram à face do capitalismo o seu grito de guerra contra a exploração de que são vítimas”.

Era preciso acabar com o argentarismo, era necessária a união de todos os companheiros. “A **Aurora Social**, longe das sugestões partidárias e interesseiras”, chamava “a postos a classe operária, a fim de um dia o trabalhador, vencendo os agroses da atual organização, entoar o cântico solene da sincera reivindicação”. Apelou para que a mulher se levantasse do marasmo, pugnando pela sua emancipação. Mais adiante, disse:

“Filhos do trabalho, vítimas do infortúnio atrás que mata e aniquila, aqui tendes o vosso órgão, que vos falará ao coração com a linguagem singela e rude daqueles que só conhecem o trabalho, mas que sonham ainda com um dia melhor, onde o nome operário seja realmente glorificado. A **Aurora Social**, que hoje nasce, cheia de vida, risonha e esperançosa, não conhece raças nem religiões, cores nem preconceitos, porque re-

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o nº 3, d'O **Embaixador**, de junho de 1901, como último, seguido de interrogação.

presenta o vosso direito, que incontestavelmente é o mais belo sentimento daqueles que se mantêm à custa dos seus próprios esforços”.

A edição foi praticamente dedicada à data, com artigos e notas assinados pelos redatores e um soneto do socialista italiano Francisco Marotti, radicado no Recife.

Durante algumas edições, a partir da segunda, o periódico inseriu, na quarta página, em coluna aberta, o seguinte; “**Aos companheiros** — Este jornal, que é o fiel representante da classe operária de Pernambuco, se publicará quinzenalmente, e se o vosso amor e interesse pelos vossos direitos forem uma realidade, ele passará a semanal ou diário, e manterá uma correspondência direta com todos os países, pondo-vos ao corrente de todo o movimento operário. Além disso, procuraremos ilustrá-lo, dando-lhe todo o realce de uma folha bem organizada. A sua colaboração é exclusivamente de operários e ele vos falará sempre a verdade, pugnando por vossos direitos. Para isto, pois, uma única coisa bastará fazerdes: auxiliá-lo na sua publicação, tomando uma assinatura. É isto, pois, o que esperamos”.

Logo no nº 5, o cabeçalho foi substituído por vistoso clichê, cujo desenho representava, à esquerda, o sol nascente no horizonte, a desprender raios, trazendo no seu bojo o **slogan** já mencionado. No nº 6 verificou-se a saída de Vieira de Melo e do redator Rodolfo Lima, assumindo Francisco Brito a gerência. Além de artigos redacionais ou assinados, mantinha-se a seção “Pelo mundo”, vasto noticiário local e a seção “Recreio”, de charadas. João Ezequiel firmava a crônica “Farrapos”, não faltando, igualmente, a parte literária, com as “Pérolas soltas”, na qual se liam produções, em prosa ou verso, de Temístocles de Andrade, Martins Filho, F. Marotti, José Saturnino, Samuel Lins, José Gomes de Matos e Silva, etc.

Nova modificação veio a ocorrer no cabeçalho, no nº 11, de 1º de outubro, quando o clichê foi substituído por artístico trabalho em tipos e vinhetas, acrescentando-se-lhe, à direita, outro **slogan**: “A emancipação dos trabalhadores deve ser obra deles mesmos”.

Admitindo novos colaboradores, como Ildefonso Acióli, Estevão Estrela, F. G. Costa Sobrinho, Anco Márcio, com as “Aparas”; Bráulio da Silva Fraga, Cleómenes Filho, Agripino

da Siva, Pedro Mendes da Costa e outros, seguiu a **Aurora Social** existência normal, vindo a dedicar, um ano depois, nova edição ao 1º de maio, ocupando a primeira página um desenho simbólico, com a legenda: "Homenagem da **Aurora Social**", ao passo que as três páginas restantes apareceram repletas de artigos, maiores ou menores, ou poesias, em saudação à data.

Ora com uma página de anúncios, ora absolutamente sem eles, o periódico, já para o fim do segundo ano, veio a ilustrar a primeira página com clichês de operários de projeção, e manteve sempre o mais completo noticiário possível das ocorrências das classes trabalhadoras, afora os comentários alusivos e os artigos de doutrina e de propaganda socialista.

O primeiro número de 1903 que saiu a 19 de janeiro, publicou longo "Manifesto do Conselho Geral do Partido Socialista Brasileiro aos habitantes do Brasil, especialmente aos proletários". Na edição seguinte, inseria as resoluções tomadas no Segundo Congresso Socialista Brasileiro, realizado em São Paulo.

Já não se publicava quinzenalmente a **Aurora Social**, o que só conseguiu fazer no primeiro ano e em parte do segundo; assim é que, em 1901 (oito meses) saíram 16 números, mas, durante todo o ano de 1902, só foram publicados 20. E continuou como mensário, circulando em dias indeterminados. Aparecia, então, como gerente, Pedro Alexandrino de Melo, ao mesmo tempo assinando artigos de colaboração. Já não figurava, no Expediente, o corpo redacional. Outros colaboradores foram Bráulio Fernandes Tavares, Alfredo Lima, Manuel Gaia, Alvaro de Carvalho, Pedro Borges da Fonseca, F. Galvão, Samuel Ramos, etc.

Com o nº 12, de 31 de dezembro de 1903, ficou suspenso o bem feito órgão socialista, sem concluir a divulgação dos longos Estatutos do Centro Protetor dos Operários em Pernambuco, iniciada na edição anterior.

Transcorridos mais de dois anos, reapareceu a **Aurora Social** — ano V, nº I — a 1 de maio de 1906, mantendo os mesmos **slogans** do cabeçalho, com redação à rua de Santa Teresa nº 21 e impresso, no mesmo formato anterior, na tipografia de Silva & Ribeiro, à rua Estreita do Rosário nº 33, para continuar, no terceiro número, na oficina gráfica da Agência Jor-



nalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33. Declarava o artigo de apresentação:

“... aqui está a **Aurora Social**, que continuará a ser o que sempre foi: um espantalho para os maus, para os réprobos, e uma alavanca poderosa para a liberdade dos crentes, dos puros, dos sinceros e dos bem intencionados”. Ressurgia protestando contra “o fuzilamento dos sublimes propagandistas de Chicago” e contra “a exploração que, em nome do operariado pernambucano, vai fazendo a burguesia hodierna”.

Constava do expediente: “A **Aurora Social** será publicada tantas vezes quanto permitirem as suas forças”. E, a partir do nº 3: “... obedece à orientação mental do companheiro João Ezequiel”, sendo Pedro de Melo encarregado da parte financeira.

Além de editoriais e amplo noticiário especializado, incluía a seção “Movimento operário”, a folha teve, também, nas suas edições, a colaboração literária de Martins Filho, M. de Sousa Aguiar, José Dativo, Augusto Leite, J. Trindade, Alberto de Brito, Pedro Alexandrino de Melo, **Dudu Peralta** (pseudônimo de Durval de Brito), com os “Bilhetes Postais”; João S. de Carvalho, Tomaz Vila-Nova, Rocha Melo, Manuel Gaia, Múcio Guerra, Edwiges Chagas, etc., mantendo ainda uma seção de Literatura, com sonetos de Mariano Lemos, Bráulio Fraga, José Esteves, Vital Pereira da Silva Melo e outros.

Por fim, a **Aurora Social** recomendou a candidatura do escritor-operário João Ezequiel à deputação estadual.

Findo o ano com o nº 14, de 31 de dezembro, começou 1907 com o nº 1, ano VI, de 24 de janeiro. Mas estava no fim a existência do órgão socialista, que só veio a divulgar o nº 2 a 18 de abril. E foi o último (**Arq. Púb. Est.**).

A **COISA — Crítica Satírica e Livre** — Publicação iniciada no mês de maio, não restando comprovantes das duas primeiras edições, teve o seu nº 3 em circulação a 5 de julho de 1901, formato de bolso — 16x11, com quatro páginas. Redator-chefe — **K. Pitão**; redatores — **K. Lunga, K. Brito, K. Galo e K. Peta**, funcionando a redação na “rua dos Colegas nº 69”. Assinatura trimestral — 300 réis. “Só sai uma vez por mês”. Impresso na tipografia d’**A Coisa**.

Sua matéria dividia-se em seções, tais como: “Versos Quebrados”, “Perguntas a vapor”, “Lérias”, “Cemitério d’A Coisa” e “Charadas”.

O nº 4 saiu no dia 21 de agosto, todo encarnado, acrescido o formato para 26x18, mas reduzido a três os redatores e transferida a redação para a travessa do Ouvidor nº 12. Apareceu **K. Tão** corrigindo, em artiguete, erros gramaticais de **Bilontra**, colaborador d’**O Pelintra**, jornalzinho de idêntico quilate. E não faltaram notas humorísticas de duplo sentido.

Não houve outras edições (**Bib. Púb. Est.**).

O **INDIO** — Com bastante antecedência, saiu a lume esse “endiabrado livro de sortes para Santo Antônio, São João e São Pedro”, acrescentando a notícia, a respeito, da **Gazeta da Tarde**, de 8 de maio de 1901: “Escrito com verve, merece ser procurado pelos que gostam de divertir-se”.

O **APITO** — Este outro, confeccionado na oficina da Imprensa Industrial, apresentou-se “cheio de espirituosas sortes e variada parte literária”, conforme o **Jornal Pequeno** de 25 de maio de 1901. Foi redigido por **Gregório Júnior** e **Juca Perнета**.

A **GITANILHA** — Livro de sortes de **D. Sanches y Guitarilla**, apresentou-se com 152 páginas, impresso no Atelier Miranda, para ser vendido o exemplar a 1\$000. “Além de diversos e variados assuntos” continha poesias, anedotas, receitas úteis, contos e... o diabo” (**Jornal Pequeno**, 28/5/1901).

O **K-TISCA** — Circulou com 100 páginas, divulgando, a par da série de sortes, matéria variada. Foi organizado pelo **Dr. Anzol Agudo**. Preço do exemplar — \$500 (**Jornal Pequeno**, 1/6/1901).

O **CABEÇÃO** — “Espirituoso livro de sortes”, que se dizia “um livro elétrico”, circulou, consoante o **Jornal Pequeno**, na segunda semana de junho de 1901, contendo “variada parte literária e toda a história do célebre “Cabeção”, que, por algum tempo, ocupou a atenção do nosso público”.

O **TRAQUE** — Redigido pelo humorista **Claudio Gil**, foi o último livro de sortes posto em circulação em 1901, noticiado,

ainda, pelo **Jornal Pequeno**. Teve 72 páginas, dividida a matéria em diferentes seções.

**O COMETA — Livro de profecias! Bíblia do futuro! Oráculo das moças!** — Circulou em junho de 1901, obedecendo ao formato de 17x11, com 84 páginas. Dizia-se: “Monoclereoscopone luminoso, para as noites festivas de junho”. Programa: “Variados, modernos e espirituosos assuntos. Literatura supimpa. Comédias. Monólogos. Cançonetas. Músicas para piano e canto. Direção de **Fortunato Ventura** (Ernesto de Paula Santos). Trabalho gráfico da oficina d’A **Provincia**.”

A matéria constou de quatro seções: “O futuro” — Sortes; “Literatura”, com a colaboração de Anselmo Ribas, João Barreto de Meneses, **Caliban**, Euniciano Ribeiro, Aníbal Amorim, **Pedro de Abel** (pseudônimo de Júlio (César) Falcão) **Pif**, afora transcrições, “Teatro”, com uma cançoneta e a comédia em um ato “Debaixo da mesa”, ambas de Ernesto de Paula Santos, e “Música”, com originais musicais de Artur Nogueira Lima (**Colec. Moacir S. Maior**).

**POTYGUARANIA — Revista Científica, Política e Literária. Órgão da Colônia Acadêmica Norte-Riograndense** — Deu à luz o primeiro número a 12 de junho de 1901, formato de 25x18, sendo confeccionada na Imprensa Industrial, à rua Bom Jesus nº 32, com escritório e redação à rua Velha nº 59, 2º andar. Preço do exemplar — 1\$000.

Alimentava, consoante o artigo-programa, o desejo de ser útil às letras pátrias e, particularmente, ao Estado natal, pugnando “pelos seus interesses e direitos”. Seria o eco de “sentimentos imparciais e sensatos” e “a expressão singela e refletida dos ensinamentos proveitosos”; “... a condensação de nossos esforços, o transunto de nossas locubrações primeiras”.

Publicaram-se, nada obstante tão animadora perspectiva, apenas três edições: a segunda a 21 de julho e a terceira a 25 de agosto. Com excelente capa trabalhada em vinhetas, o título em diagonal, incluía-se nela um soneto original e o sumário. Reverso em branco. Impressa em papel **couché**, apresentou-se o primeiro número com oito páginas de texto e os dois últimos com doze, contendo produções, em prosa ou verso, dos redatores S. Fernandes, Antônio Soares, J. Medeiros, Alcibíades Cabral, Luiz Lira, Augusto Monteiro, Orcarlino d’Erbal, Lima Filho, U. G., Costa Barros, Raul Fernandes, Abel Barreto,

J. Antunes, e as "Notas de casa", assinadas pela **Redação (Arq. Páb. Est.)**.

**A PIMENTA — Fôlha Noticiosa e Humorística** — Estreou a 16 de junho de 1901, formato de 36x25, com quatro páginas, impressa na oficina gráfica da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33. Redação na mesma rua, nº 65. Propriedade de Antônio I. Borges (**Juca Palheta**) e Samuel José dos Santos (**Pato Patureba**). Tabela de assinaturas: semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000, depois reduzida para 3\$000 e 1\$500, respectivamente; para o interior, primeira parcela — 4\$000. Número avulso — 100 réis.

Apresentou-se com o editorial abaixo: "Comparando mal, a imprensa é uma grande cozinha onde se preparam os alimentos espirituais do público".

"Aproveitando esse luminoso pensamento que aí fica, pode-se dizer que os jornais diários parecem hotéis de várias classes, desde o frege-mosca até à mais luxuosa hospedaria, conforme a qualidade dos pratos fornecidos aos fregueses. E, na verdade, há artigos de fundo mais indigestos do que uma feijoada de carne seca adubada com gerimum e toucinho rançoso e na qual entraram pedaços de carne que sobejaram no dia anterior, quando serviram de bife, lombo ou guisado. O leitor olha-os, come alguns bocados, engulindo-os à força de cálice de cana, e deixa o resto, que ainda há de ser aproveitado por outro freguês retardatário.

"Há telegramas verdadeiras sopas. Sopas de pão duro, inchado n'água fria durante uma noite inteira, espatifado no outro dia em caldo grosso com alguns temperos, inclusive meia dúzia de moscas. E o que se diz desses artigos e desses telegramas refere-se também a outros produtos intelectuais que se lêem nas folhas diárias, encontrando-se, é verdade, alguns acepipes bons, servindo os anúncios e outras publicações como azeite e vinagre para a refeição.

"Dissemos isso para justificar o título de nosso periódico — **A Pimenta**. Todos sabem que a pimenta, além de um bom estimulante, simboliza o maior elemento da felicidade humana. Faz dar estalidos na língua e palpitar os corações. Apresentando a nossa em público, prometemos fazê-la entrar em toda par-

te, bolir com todos, mas de modo que não ofenda a ninguém. É uma pimenta inofensiva, verdadeira pimenta dágua...”.

Constava do expediente: “Aceita-se toda e qualquer colaboração, prometendo-se publicar desde que tenha pimenta e não ofenda à Exma. Moral”.

No segundo número, vinha o editorial “Vitória”, no qual declarava a redação: “O primeiro número d’**A Pimenta** esteve de molho três dias, em mãos do sr. Agostinho Bezerra, proprietário da Agência Jornalística, à rua do Imperador nº 31, razão pela qual o público não a teve fresquinha, como nós lh’a mandamos. Faltava a licença da polícia e o sr. Agostinho receava, com muita razão, que os agentes da moralidade pública arrebatassem o novo periódico nas ruas, quando os gazeteiros gritassem: — **A Pimenta!** cem réis!

“Mas, afinal de contas, o sr. dr. chefe de polícia, a quem foi a dita entregue, leu-a de cabo a rabo, saboreando gostosamente as suas boas pilhérias e, com um sorriso nos lábios, tomou da pena e lavrou o passaporte, mercê do qual **A Pimenta** tem, de ora por diante, entrada franca em toda parte”.

E concluiu: “Continuará ela, pois, ainda por muito tempo, e quem sabe se até a consumação dos séculos, na ardente missão de que se encarregou, jurando guerra de morte a tudo quanto é tristeza e aborrecimento. Vitória!”.

Começou o apimentado jornal adotando as seções “Pela semana”, em versos, a cargo de **Santinho**; “Epistolário amoroso”; “Mote e Glosas”; “Burro morto”, de charadas, etc. A publicação seguiu-se normalmente, tendo como principal colaborador **Fortunato Ventura** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos), além de **Dr. Engasga**, **Job Olina**, **Gualberto**, **Violino**, **Fr. Besouro**, **Rebeca**, **Conceição**, **Aratu** (outro pseudônimo de Antônio I. Borges); **Redator Fotógrafo**, **Dr. Esfola Tripa**, etc., incluindo, aqui e ali, algumas ilustrações.

A partir do nº 9, **A Pimenta** apresentou-se com edições de seis páginas, pouco depois aumentadas, definitivamente, para oito. No nº 14, acrescentava ao cabeçalho os nomes dos redatores: **Zé Grilo** (outro pseudônimo de Ernesto de Paula Santos), **Besourinho** e **Drolibano**. Outros colaboradores apareciam, tais como (sempre pseudônimos): **Barafunda**, **Dr. Escalpe**, **Dr. Cabeçudo** (Praxedes Lima), **Eurico Lustroso**, **Torololó**, **João Braga**,

**Léo** (Leônidas de Oliveira), **Orion**, **Otrebla**, **Mandioca Mole**, **Diabo Esperto**, **Fr. Júnior**, **Querlabulinques** (Manuel Vicente de Albuquerque Lins), **Demo de Moraes** (José Monteiro), **Dr. Chicote**, etc., que escreviam tanto em prosa quanto em verso, mais verso do que prosa, especialmente sonetos, alguns com chave de acentuado duplo sentido.

A 14 de setembro, apareceu a oitava página cheia de anúncios, sob o título geral "Reclamos Especiais", precedidos da nota a seguir: "Atendendo à grande circulação d'**A Pimenta**, hoje tão indispensável, principalmente nas casas de família, como a pimenta malagueta ou a cumari, resolvemos publicar pequenos anúncios das melhores casas comerciais desta cidade, gratuitamente, sob condição apenas de ficarem assinando a folha os negociantes contemplados nos ditos reclamos. Fazemos isso a pedido de muitas leitoras. Assinaturas adiantadas".

O nº 18, de 11 de outubro, dividiu-se em duas partes: quatro páginas de matéria comum, e quatro, estas em papel **couché**, dedicadas à atriz Lucinda Simões, ao ensejo do seu festival, no Teatro Santa Isabel, contituindo as saudações, em boa prosa e estilizados sonetos. Logo mais, no dia 20, modificava-se o sub-título para "Periódico Ilustrado, Noticioso e Humorístico". Não mais redatores, só figurando a direção de **Zé Grilo**, ao passo que permaneciam, como proprietários, os nomes dos primitivos diretores. O horrível desenho do título, então adotado, foi substituído. E, a começar do número 24, de 23 de novembro, lia-se no cabeçalho: "Jornal de maior circulação na América do Norte". — Tiragem: uma porção de exemplares". Já a primeira página se vinha especializando com a inserção de desenhos um tanto licenciosos, a par de legendas no mesmo sentido. O ilustrador era Eduardo Fonseca.

**Zé Grilo**, entretanto, não durou na direção (saiu para fundar o congêneres **O Periquito**). Apareceu a colaboração, em bons versos, de **Pio Piparote** e **Zamparino** (ambos pseudônimos de Artur Benício de Araújo Lima), afora a de **Favonio** (Ovidio Guimarães), **Jurucutuba Sado**, **Gil Minhoca**, **Satan Peralta**, **K. Rolino**, **Manrico**, **K. Dastro** (José P. Nunes de Melo), **Roberto do Diabo**, **K. Boré**, e outros, que se substituíam espantosamente, sobretudo assinando as "Respostas", em quadras humorísticas, e as Glosas.

Dedicados ao Natal foram os ns. 29 e 30 do periódico, da-

tados, respectivamente, de 24 e 28 de dezembro (últimos do ano), com ilustrações alusivas, inclusive, no primeiro, um grupo com os retratos, a bico-de-pena, de **Léo, Patureba, Palheta e Pio**, “quatro almas de boêmio metidas no corpo garoto d’**A Pimenta**” (1).

Prosseguiu a publicação em 1902, saindo o número 1 no dia 4 de janeiro, ilustrada a primeira página com alegoria ao Ano Novo, cuja legenda dizia: “**A Pimenta**, aos abraços e às beijocas com o pequerrucho Ano Novo, não pode deixar de convidar a **divina poeira** para uma manifestação ao cabuloso Ano Velho, que tanto mal nos fez e tantos horrores nos deixou”.

No nº 7, de 15 de fevereiro, a propriedade transferiu-se a “uma Sociedade Anônima”, sob a direção de **J. Papelão**, mas este, no mês seguinte, era substituído por **Zé Grilo**, de volta d’**O Periquito**. Permaneceu, porém, (não mencionado no cabeçalho), o redator Leónidas de Oliveira, o **Léo** da “Semana em **Camisa**” e de numerosos versos soltos. A partir do nº 18, as letras do título foram substituídas por vistoso desenho em fotogra-  
vura, representado por várias pessoas lendo **A Pimenta**. A assinatura semestral subiu para 68000 (fora da cidade), assumindo Fernandes Bandeira a parte das finanças, ao passo que o jornal se tornava bissemanário, saindo às quartas-feiras e aos sábados.

Seguindo o mesmo programa, surgiram outros colaboradores, tais como **Silvio Siracusa, Mário d’Alva, Lulu Pimenta, Braz Caturra, Bibelot** (Euniciano Ribeiro), **K. H. I., Chacon Leite** (Agripino Nazaré), **Black, K e Traz, Picapau, Abelhudo, Théo** (Teodoro de Albuquerque), **Joca Tigre, D. Pincel d’Oro, Gil Mascote** (Osvaldo de Almeida), **Petrônio Murta, Florindo Rosa, Seaman e Fausto Modesto** (ambos o tenente Manuel Carlos Vital Sobrinho), **Antonito das Moças, Língua de Prata** (José Luiz de Melo), **Murilo** (Artur Nogueira Lima), este último no período 1902/1903, e muitos outros, voltando a aparecer, em fins de abril, os magistrais sonetos e demais produções de **Pio Piparote** ou **Zamparino** ou **Chico Carnaúba** (este, o tercelro pseudônimo de Artur B. de Araújo Lima), o qual, a partir de 14 de maio, também assinava, com Leónidas (**Pio e Léo**) o folhetim “A mulher do boticário”, com a advertência: “romance

---

(1) Consoante anúncio fixo, as gravuras publicadas n’**A Pimenta** podiam ser adquiridas “pela quarta parte do valor”.

escandaloso”, o qual ocupou numerosos rodapés. Outro folheto viria a assinar, já em dezembro, **Mário Didier** (pseudônimo do intelectual português Manuel Coimbra Lobo): “História de um leito”, cuja inserção se prolongou por vários meses.

A edição de 21 de maio, ainda de 1902, dava notícia da composição, pelo maestro Lourenço Tomaz da Silva, do dobrado “A Pimenta”, logo mais posto na pauta das retretas da banda de música “Matias Lima” (2). A 7 de junho, reclamava uma nota redacional contra os decotes escandalosos que as senhoras da sociedade ostentavam nos bailes e casamentos.

O número em cores, do dia 14, comemorou o primeiro aniversário d’**A Pimenta**, figurando na frente um desenho de mulher nua e, ao lado, o soneto “Aos meus amigos”, de **Fortunato Ventura**, cujo primeiro terceto exclamava:

“Ela surgiu p’ra vós, e por vós, todo dia;  
Luta contra a calúnia, esmaga a hipocrisia,  
Faz tremer o intrujão ao grito: — “Olha **A Pimenta!**”.

Sem interrupção, a primeira página sempre ocupada com desenhos, inclusive de **Venu** (ou Benevenuto Teles), não faltando, no texto, as “Teatrices”, de canções da época, nem deixando de divulgar escândalos e frases de duplo sentido, veio a encerrar o ano com o nº 93, de 27 de dezembro.

Não existem comprovantes a partir do nº 94, daí passando para o nº 142, ano III, de 5 de março de 1903. Consoante nota de abertura, ainda pertencia “à mesma empresa”; apenas **Bibelot** cedera seu lugar a **Lingua de Prata**, embora continuasse feito colaborador.

Dois meses após, o bissemanário e as letras boêmias de Pernambuco sofriam rude golpe; faleceu Artur Benício de Araújo Lima, afamado poeta goianense, aos 25 anos de idade, fato noticiado no nº 160, de 9 de maio. A primeira página apareceu circulada de tarja, com retrato do extinto (bico-de-pena de Benevenuto Teles), lendo-se ao lado, com a assinatura de **Léo**: “Tinha de ser assim: a Galeria Santa esperava **Pio Piparote**

---

(2) **Lingua de Prata** também mereceu, depois, quando se tornou proprietário do periódico, um dobrado (cujo título era o pseudônimo) da autoria do professor Artur Nogueira Lima.



para fazer **pendent** a **Gregório Júnior**" (falecido um ano antes, a 12 de fevereiro). Abaixo, um soneto de **Fortunato Ventura**, cujos tercetos aqui vão transcritos:

"**Pio** era forte e bom, valente e generoso;  
Das vagas não temeu o embate proceloso,  
Ao ver, desarvorado, o barco entre os escolhos.

Foi a rir e a cantar que ele encarou a morte...  
Sempre valente, sempre generoso e forte,  
Inda a cantar e a rir fecharam-se-lhe os olhos".

A edição dedicou ao apreciado humorista a quarta e a quinta páginas, que se encheram de prosa e poesia de vários companheiros de vida literária, o que ocorreu, igualmente, no número seguinte, quando assim terminou um soneto de **Léo**:

"A pilheria morreu e a gargalhada chora".

A 20 de junho, assumia **Lingua de Trapo** a direção d'**A Pimenta**, continuando como redatores principais **Léo** e **J. Pape-lão**.

Em prosseguimento, apareceram novos colaboradores, a destacar: **Leumas** (Samuel Campelo), principalmente com as "Lorotas"; **J. Pimentão**, **Zeca Gaião**, **Luigi Vampa** (outro pseudônimo de Agripino Nazaré), **Dr. Torololó**, **Salomão**, **Dr. Rui de Alencar** (era Pedro Borges da Fonseca) **Joroalbra** (Almeida Braga), **Gasquim** (Gabriel Soares Quintas), **Waldo Pernetá** (Walfrido Leonardo Pereira) e **Micróbio Macróbio**, que, no nº 203, iniciava a seção "No sério". E apareceu outro folhetim de **Mário Didier**: "Viagem da terra ao inferno e ao céu".

(Interrompe-se a coleção manuseada, a partir do nº 205, de 14 de outubro).

O nº 225, ano IV, de 1904, saiu no dia 5 de janeiro. Novas seções criadas: "É disto que papai se queixa", por **Filhinho de Papai**; "De postigo a postigo", a cargo de **Papilon**; "Recadinhos", de **Pimenta Verde**; "Notícias mundanas" e "Foguetes".

Na edição de 12 de março, informava **A Pimenta** haver o seu diretor assinado, na Prefeitura, um termo de responsabilidade, que lhe custara 50\$000, além de \$800 de selos. No mês seguinte, a direção passou a ser exercida por **Kelly**, figurando

**Lingua de Prata** na qualidade de proprietário; mas este era, igualmente, um dos redatores, que mereceu, na edição de 25 de junho, artística fotogravura, na primeira página, por motivo do aniversário da folha.

A 30 de abril anunciava-se a retirada do redator Osvaldo Aníbal de Almeida, que vinha assinando a seção “Pelos esquinas”, com o travesti de **Chico Arranca Tôco**, aparecido, igualmente, como **Bilontra**, **Pacifico Leão** e **Gil Mascote**; firmava, inclusive, com o último dos pseudônimos, algumas ilustrações, como desenhista que era. A mencionada seção passou à responsabilidade de **Zé Grande**, que era o mesmo **Léo** da “Semana em Camisa”, ou seja, Leonidas de Oliveira, o redator principal.

Nesse ano de 1904, aparecia a colaboração do **Dr. Gancho**, que não era outro senão Mário Sette (3), autor de crônicas, contos e versos humorísticos. A 4 de maio escrevia ele: “Partindo”, e passou a mandar impressões do Rio de Janeiro, durante uma estada na metrópole. De volta, era o **Dr. Gancho** mencionado como o médico d’**A Pimenta**. Outros colaboradores da época foram o **Cabo d’ Esquadra Lativ** (outro pseudônimo do tenente Vital Sobrinho); **Pirilampo**; **Dr. Zeca Brito** (José Ferreira da Silva); **Mané Machuca**; **Raul D’Anglar**; **Comparsa**; **Pafuncio Batoque**, que fez parte do corpo redacional até 1905; **Contra Regra**, autor de crônicas teatrais; **Solano Cais**; **Zé Bocó**; **Temerário II** e outros. Sucediam-se os folhetins, a salientar “A mãe de Inácio” (história escandalosa), por **Léo & Bilontra**, e os de **Mário Didier**, colaborador dos mais constantes, com diferentes produções.

A par da matéria jocosa, das reportagens sobre escândalos, e das gravuras fesceninas da primeira página, padrão jamais alterado, o bissemanário manteve, durante o ano, campanhas sérias: contra o jogo “do bicho” e contra as impurezas do café “Teixeira & Miranda”, o que lhe acarretou uma demanda judiciária, da qual obteve ganho de causa.

---

(3) O “batismo de imprensa” de Mário Sette ocorrera três anos antes, conforme escreveu num “caderno de notas íntimas”, publicadas postumamente, sob o título “Toque de Recolher...”, edição de 1956, da Imprensa Industrial, com a indicação: “Estante da Academia Pernambucana de Letras”. Seu primeiro soneto publicou-o **A Pimenta**, edição de novembro ou dezembro de 1901.

Terminado o ano com o nº 325, de 31 de dezembro, prosseguiu, em 1905, quando o colaborador **Cirano** passou para o corpo redacional. Era ele **Romeu Gibson**. Sem lacunas na circulação, saiu a 30 de dezembro o nº 427.

Em 1906, contou com diferentes colaboradores, como **Job Sá** (Jáder de Andrade) e **Val de Vino**, ambos procedentes de Timbauba, onde havia, além disso, um correspondente especial para denunciar os pequenos escândalos sociais da cidade; **Diabo Azul**; **Demo de Moraes**; **Leosel** com a seção "Tiros"; **Linguarudo** ("Pedacinhos de rua"); **Manuel Sandoval**, sonetista (até 1908), enquanto **Vulcano** (Severo de Barros) e **Tartarin** substituíam **Léo**, quando ausente, na crônica poética "Semana em camisa".

Desde o princípio de 1906, retirado **Kelly**, assumiu **Lingua de Prata**, novamente, a direção, além da propriedade, servido do seguinte corpo redacional: **Zé Mole**, **Zé Grande**, **Léo**, **Papillon**, **Tartarin**, **Julho Setentesses**, **Sant'Iago**, **Zé Bocó**, **Etc.** Terminou o ano o nº 529, de 29 de dezembro.

A partir de 27 de fevereiro de 1907, iniciava-se a inserção da comédia, em um ato, "A pulga", de Segundo Vanderlei, colocada em formato de livro, para recortar e encadernar, prática a que se seguiu a novela "A alma do outro mundo", de **Adolpherne**. Uma nota de 13 de abril pedia o concurso de repórteres amadores, aos quais seriam pagas gratificações mensais.

Nesse ano, foi a direção d'**A Pimenta**, por duas vezes, chamada a Juízo: em junho, pelo Liceu de Artes e Ofícios e, em agosto, pelo médico **Alcides Codeceira**, os quais ficaram estomagados com troças inocentes.

Sempre apareciam novos colaboradores: **Diabolino**, **Chico Danado**, **J. Rebouças** (ainda Severo de Barros), **Negro de Tino** (travesti de Antônio Gitirana), **Pragamio**, **Bico de Ouro**, **Zé de Guila** (Guilherme de Araújo), com os "Perfis Militares"; **Gil Lima** (Joaquim Lima) **Jovieira**, **João Semnome**, **Pimpano**, etc., continuando **Contra Regra** a assinar crônicas teatrais e **Mário Didier** notas diversas.

A 4 de janeiro de 1908 publicava-se o nº 625. Entrou **Cabuloso** a implicar, em versinhos de sete sílabas, com os padres. **Brígido Esperança** e **Raul de Vila Flor** publicavam sonetos, sen-

do o segundo deles Monte Sobrinho. Ainda: **Renatinho** (pseudônimo de Alfredo do Carmo), **Font e Auta Ribeiro**. Jamais faltaram as “Teatrices”, seção de valsas, modinhas e canções da época.

A circulação vinha-se fazendo com irregularidade. No nº 655, de 27 de junho, comemorativo do sétimo aniversário do jornal, iniciava-se, abrindo a segunda página, o folhetim “Regina”, por Teotônio Freire, destinado a ficar em meio do caminho.

Desfalcada, aí, a coleção da Biblioteca Pública do Estado, existem, num dos volumes de “jornais diversos” do Arquivo Público, os ns. 646 e 647 (puro engano tipográfico, pois essa numeração já fora ultrapassada), datados de 4 a 8, respectivamente, de agosto de 1908, no primeiro dos quais se dizia que **A Pimenta** voltava “depois de alguns dias de suspensão, esta ocorrida por motivos “justíssimos”.

Houve, porém, nova suspensão.

Exibindo diferente clichê no cabeçalho, com alegoria de mulher rigorosamente vestida, reapareceu **A Pimenta** — nº 1, ano IX (devia ser VIII) — a 4 de novembro de 1908, sob propriedade e direção de **Juca Letrado** (pseudônimo de Miguel Magalhães). Constava do expediente: “Periódico Bissemanal — Ilustrado, Noticioso e Humorístico”. Assinaturas: — ano — 10\$000; semestre — 6\$000; pagamento adiantado. Caixa de correspondência na Agência Jornalística Pernambucana.

A primeira página da “nova” estréia inseriu um soneto cuja quadra inicial vai aqui transcrita:

“Como a Fenix da lenda, hoje, alacre e garrida,  
Pronta para o Prazer, pronta para a Alegria,  
**A Pimenta** ressurgiu assim nova e vestida,  
Rindo em todo o fulgor de sua galhardia”.

Além dessa apresentação, outra, em prosa, abriu a segunda página, sob o título “Nova fase”, declarando, inicialmente: “Eclipsou-se para reaparecer mais brilhante, ELA, a mais garrida folha humorística que tem circulado em nosso meio jornalístico, a que maior cabedal de glórias e sucessos tem reunido, na sua trajetória por vezes acidentada de obstáculos que a inveja e o despeito lhe opõem”.

Após outras considerações, concluiu: “Ressurgindo, **A Pimenta** traz novos elementos de vida e as mais alviçareiras esperanças de encontrar ainda na alma popular o carinhoso abrigo, onde germinaram as suas primeiras crenças, onde triunfaram os seus primeiros ideais. A propriedade deste jornal, conforme publicações feitas na imprensa diária, foi transferida pelo snr. José Luiz de Melo a uma nova empresa, que dispõe dos mais auspiciosos elementos para o seu progresso. Aquele senhor fica, portanto, isento de toda e qualquer responsabilidade e privado de qualquer interferência nas publicações e na gestão dos negócios do mesmo jornal”.

Seguiu-se a publicação, nada obstante a gravidade do desenho do título, obedecendo ao velho programa de ilustrações fesceninas e legendas de duplo sentido, reportagens e noticiário de escândalos, inclusive da zona chamada “brejeira”. Novas seções: “Mote e Glosas”; “Diligências d’**A Pimenta**”; “Proverbiando”, pelo **Dr. Pirilampo**; “Semana em camisa” de **Juca Letrado**; “Revista mundana”; “Pragas”, etc.

Essa fase teve curta duração, terminando com o nº 14, de 27 de dezembro.

Voltou o endiabrado jornal — nº 1, ano **X** (aliás **IX**) a 18 de junho de 1909, sob a direção de **Heleno** e **Traquino**. Justificando o reaparecimento, declarava o editorial:

“**A Pimenta** é necessária, caros leitores, na sociedade em que nascemos, onde a prostituição encontra guarida numas tantas conveniências, indignas do meio estreito, sim, porém educado nos princípios da moralidade, em que vivemos. Mais adiante, advertia: “**A Pimenta**, reaparecendo e vestida com decência, poderá ser comprada à vista de todo mundo e entrar sem o menor recato nas casas das patricias”.

Não obstante o enunciado, o periódico das quartas-feiras e dos sábados manteve o programa anterior, admitindo mais a colaboração de Aderbal Lins, com a seção “Pelos cafés”, logo mais intitulada “Pelo ô...co do mundo”. Alterou-se o formato, a partir do nº 9, para 45x32, reduzida a quantidade de páginas de oito para quatro, inexpressiva feição gráfica e alguns anúncios. Mas não passou do nº 10, datado de 24 de julho de 1909.

É que foi suspensa, por ordem do Chefe de Polícia, Ulisses Costa, devido a uma nota considerada “caluniosa e agressiva à honestidade alheia” (4).

Passados alguns anos, eis novamente **A Pimenta** em ação. Reapareceu nº 1, ano XIV — a 9 de janeiro de 1914, formato de 37x27, com oito páginas, ostentando novo clichê de cabeçalho, obedecendo ao tradicional sub-título: “Jornal humorístico, satírico, noticioso e de maior circulação nas duas Américas”. Dizia-se “completamente alheio ao seu passado”, adotando outro programa. Propriedade de **Zé de Guila**, tinha como diretor **Lingua de Ouro** (ambos pseudônimos de Guilherme de Araújo, o qual também se tranfigurava em **Zé Gostoso** ou **Zé da Revolta**), sendo secretário **Asmodeu**, este depois substituído por **Abílio Vesper** (Adauto das Mercês), e caricaturista **Abdon Fernandes (Bila)**.

Impresso na oficina do **Diário de Pernambuco**, transferiu-se, no nº 6, para a Tipografia e Papelaria Brasil, à rua Nova nº 9, sendo a redação instalada à rua Duque de Caxias nº 61, 1º andar. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 4\$000; Publicação semanal.

Apresentou boa e variada matéria, em prosa e verso, assinada pelos redatores auxiliares **Hélio, Ramon, Badalo, Tim-Tim, Dr. Faisca e Max Linder**, e pelos colaboradores **Plácido, Treloso, Don Quixote, Lúcio de Alfombra** (Frederico Codeceira), **Fuzileiro, Bocácio, Mário Didier, Fr. Anatólio, Zé Mateus** e outros. Não deixou, entretanto, de manter seções debochadas, algumas vindas da primeira fase, sendo uma das novas: “É com isto que eu me avacalho”, além de reportagens de casos escabrosos. Coube a **Plutão** a seção carnavalesca “Pandemonium”, depois transformada em título geral das charadas. A primeira página era ilustrada com **charges** ou fotogravuras de pessoas de representação social ou... comercial. Primou **A Pimenta** em levantar campanhas de higiene e de seleção de sociedades mútuas e de pecúlios. Os anúncios, poucos, apareciam em meio à matéria redacional.

Não foi porém, satisfatória a receptividade do semanário, cujas finanças precárias o levaram a suspender a publicação a 16 de maio, nº 16.

---

(4) Nessa altura, **A Pimenta** foi substituída, temporariamente, pelo **O Papão**.

Outra tentativa, "alimentando as maiores esperanças", teve início um ano depois, precisamente a 15 de maio de 1915 — nº 17, ano XV — quando Guilherme de Araújo transferiu a empresa d'A **Pimenta**, por arrendamento, a Armando Boudoux, que apareceu, na qualidade de gerente, com o pseudônimo de **Zé Dunga**, tendo como redatores **Tutu Manhoso** (Sebastião Pinto Ribeiro), **Lingua de Prata**, e **Sílvio Ney**. Estava, porém, por um fio a existência do travesso órgão, que apresentou alguns novos colaboradores, a saber: Elmano Ramalho, **Submarino U 20**, **Zé Filante**, **Flósculo Rusor** (Fausto Rabelo), **Águia Gentil**, **Raios X**, etc.

Os dois primeiros números dessa última fase foram confeccionados no **Diário de Pernambuco**, e os quatro restantes, mal impressos, em tipografia não identificada. Em consequência das indiscrições da reportagem, o diretor-gerente foi agredido, a 28 de maio, por um leitor inconformado, o dentista Daniel Ramos, que ainda leu seu caso à justiça, numa tentativa de processo.

O "canto de cisne" ocorreu uma vez publicado o nº 20, datado de 5 de junho. E não se falou jamais em fazer voltar **A Pimenta** à circulação (**Bib. Púb. Est., Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (5).

O **PELINTRA** — Órgão Crítico-Humorístico — O nº 1 circulou a 1º de julho de 1901, nº 8, impresso na tipografia d'O **Pelindra**, e o nº 2 (e último), in-4º, no dia 15, saído da oficina do Atelier Miranda. Preço da assinatura trimestral — 1\$000 ("Anais").

O **ECHO DO NORTE** — Folha de agradável aspecto material, impressa na oficina da Livraria Francesa, saiu a lume no dia 8 de julho de 1901, formato de 43x32, de quatro colunas a 14 cíceros, com quatro páginas. Assinava-se a 3\$000 por semestre, (4\$000 para fora da cidade), custando 100 réis o número avulso.

Impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, custando 1\$000 a assinatura trimestral e \$300 o número avulso, a publicação

---

(5) Nenhuma das coleções consultadas é completa. Quanto ao ano de 1903, não existe um só comprovante nas bibliotecas do Recife. Mas foi possível encontrá-los na Biblioteca Nacional, que aliás só guarda partes de 1902 e de 1903.

continuou, conforme o registro dos "Anais", até o nº 4, de 12 de outubro.

Dizia-se, no artigo de apresentação, órgão "literário, crítico e noticioso"; neutro em política, apenas apreciaria os fatos da semana, imparcialmente, só emitindo opiniões "desapaixonadas e o mais criteriosas possíveis". E adiantava: "As seções humorísticas não trarão as gargalhadas de histriões nem as pilhérias gangrenosas; não, elas serão apenas compostas de um humor ligeiro de gabinete, onde predomina o riso e a alegria; mas onde falece o insulto".

Bastante variado de matéria, incluiu "Medicina prática", pelo **Dr. T. Guida**; "Jogo de paciência; "Bric-a-Brac", etc., bom noticiário, poema de Carlos Dias Fernandes e crônica literária de Luiz Guimarães, sendo a quarta página de anúncios.

Não conseguiu **O Echo do Norte** viver mais do que o segundo número, do dia 15, com a colaboração poética de Mário Rodrigues e Marcelino dos Santos (**Arq. Púb. e Bib. Púb. Est.**).

A **MOSCA** — Desse "periódico crítico, satírico e livre" acusou a **Gazeta da Tarde**, em suas edições de 18 de julho e 2 de agosto de 1901, o aparecimento do 1º e do 2º números.

O **ZUM-ZUM** — **Hebdomadário Eletro-Crítico** — Apareceu no dia 20 de julho de 1901, formato de 27x18, com quatro páginas, impresso em papel róseo. Redatores — Almeida Júnior, **L. Rabellais** e **M. Sylla**. Preço do exemplar — 100 réis.

Segundo o artiguete de apresentação, seu objetivo era utilizar "sal e pimenta", concluindo:

"Sou conhecido por **Zum-Zum**  
E as moças me querem bem  
Só ando por certas partes  
Por onde não vai ninguém".

Redigido em prosa e verso, o jornaleco só inseriu comentários grotescos e históricas de linguagem livre, a exemplo do enunciado abaixo:

"A leitura do **Zum-Zum**  
Quer por frente, quer por trás,  
Dá força, dá resistência,  
O velho fica rapaz".

Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).



A **TAPIOCA** — Jornalzinho manuscrito, a lapis, de alunos do Instituto Pernambucano, começou a publicar-se em julho de 1901, sendo Samuel Campelo encarregado da confecção e principal redator. Ocupava dez páginas, do tamanho de meia folha de papel pautado dobrada, circulando ora uma, ora duas vezes por semana. Sobre o seu conteúdo, informaria Aurino Maciel (1): "... mexia, em prosa e verso, com todos os colegas, botando apelido num, revelando de outro uma tolice, toda a sorte de inconveniências da meninice".

No arquivo de Samuel Campelo (2) foram encontrados cinco exemplares do humorístico órgão, a saber: ns. 6, 9, 13, 14 e 19, datados, respectivamente, de 18 e 29 de agosto, 12 e 15 de setembro do ano referido. O último, apenas com seis páginas, foi o único a exibir, no cabeçalho, corpo redacional: **Zebedeu** e **Xico Linguça**. Estivera suspenso. Daí, a nota explicativa a seguir:

"Por circunstâncias maiores, que não podemos atalhá-las, **A Tapioca** passou dois meses no **túmulo**, mas hoje ressuscita e fica à disposição do ilustrado e bondoso povo brasileiro e especialmente do heróico povo pernambucano, que lhe tem dispensado tantas faltas. Durante a nossa ausência, um covarde periódico — **O Pimentão** — agrediu-nos traiçoeiramente e, por ser ele tão baixo e ruim jornal, o patriótico e justiceiro público pernambucano fez com que ele baixasse ao **túmulo**, e que de lá não saía jamais. **A Tapioca** está um pouco mudada, como o leitor vê, mas está sempre às ordens de seus admiradores".

A matéria do jornalzinho incluía noticiário do movimento teatral, sob o título "Nos bastidores" ou "Palcos e Salões", por N. N.; seção charadística e enigmática; "Cartas do mato" e a comédia "No chic" (letra de **Mané Come-Couve** e música de **Xico Linguça**), publicada, seguidamente, em sete edições. Vários outros pseudônimos assinavam os versos e notas ligeiras d'**A Tapioca** (Bib. Púb. Est.) .

---

(1) Discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras, em novembro de 1941.

(2) Parte do arquivo de Samuel Campelo, jornalista e teatrólogo falecido a 10 de janeiro de 1939, passou às mãos do escritor Valdemar de Oliveira, que ofereceu ao autor desta bibliografia a coleção desfalcada d'**A Tapioca**, hoje guardada na Biblioteca Pública do Estado.

**O MISSIONARIO — Órgão da Sociedade Evangelizadora Batista em Pernambuco** — Começou a publicar-se em agosto de 1901, formato de 36x26, com quatro páginas de quatro colunas, ostentando a divisa: "Salvos para servir". Diretor — Salomão L. Ginsburg; tesoureiro — Artur Lindoso. Entregava-se grátis, nos templos batistas, mas aceitava ofertas ou donativos. Redação à rua Formosa n. 21.

Dizia o editorial de apresentação: "... ocupar-se-á dos trabalhos desta zona, do progresso da causa aos cuidados da Sociedade Evangelizadora Batista. Publicará artigos de propaganda e, sendo necessário, também de polêmica".

Impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, não teve trégua a sua divulgação, constituída de editoriais e noticiário, além da colaboração de Efigênio F. de Sales, João Borges da Rocha, José Lima, J. L. Bezerra, etc., sendo a quarta página de anúncios. O n. 6, último do ano, saiu a 6 de dezembro, excepcionalmente em pequeno formato. Prosseguiu no ano seguinte, quando deu apenas dez edições.

A partir de 1903 tornou-se "órgão da Missão Batista em Pernambuco", quinzenal, mantendo o mesmo tamanho, com três colunas de 16 cíceros. Apresentou nova divisa no cabeçalho: "Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo". (São Marcos, cap. 16, versos 15, 16). Outros colaboradores: R. Câmara, Ceyne Brandão, M. R. e Pedro Falcão, sem faltar também a produção do diretor; e manteve as seções: "Escola Dominical", "De todas as partes da Missão", "Esses padres..." e "Estudos da Bíblia".

Voltou, em 1904, a publicar-se mensalmente, até a sexta edição, datada de junho. Suspenso, ressurgiu em janeiro de 1906, como "órgão da Sociedade Juvenil Batista", o formato excepcionalmente diminuído para duas colunas. No ano seguinte (formato maior), passou à orientação da Junta Missionária da União Batista Pernambucana, para retornar em 1908, à Missão Batista, outra vez (e única todo o ano) como bissemanário.

A direção do periódico esteve a cargo de Salomão L. Ginsburg até junho de 1909, quando passou a D. L. Hamilton, permanecendo este até o fim, apenas substituído, no espaço de junho de 1911 a agosto de 1912, por H. H. Muirhead. Inserin-

do, invariavelmente, matéria específica, teve como colaboradores principais Manuel Sacramento, Artur Cristo Lindoso, Pedro Falcão, Nilo Alves, Manuel da Paz, Pereira Sales, Carlos Barbosa e outros.

**O Missionário** circulou regularmente, pelo menos até o nº 9, do 13º ano, datado de setembro de 1915 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A COLHEITA — Periódico Recreativo, Humorístico e Ilustrado — Especialmente dedicado às Famílias —** Saiu a lume, pela primeira vez, a 1º de agosto de 1901, formato de 30x22, com vinte páginas em papel **couché**, afora a capa, esta em papel de cor, o frontispício trabalhado em vinhetas. Confeccionado na Imprensa Industrial, de Néri da Fonseca & Cia., à rua do Bom Jesus ns. 34/36, tendo a redação instalada à rua Rosa e Silva (hoje, da Imperatriz) nº 17, assinava-se a 2\$000 mensais para dentro do Estado e 2\$500 para fora, não havendo vendagem avulsa. Editor — Alípio Z. de Carvalho; agente — Artur Cardoso Aires.

Lia-se no artigo de apresentação, entre outras considerações: “**A Colheita** não tem programa, a não ser que fosse possível um programa negativo; porque não é política, não é religiosa, não é comercial, não é propagandista de novas idéias, não traz crônica dos fatos ocorrentes; nem ao menos cura desses interesses como apreciadora imparcial, dando pancada de cego, indiferentemente, para a direita ou para a esquerda. Nada disso. Para tão preciosas informações o leitor já tem, na imprensa desta capital. órgãos de subida importância, servidos por inteligentes redatores, os quais podem satisfazer cabalmente sua curiosidade. **A Colheita** tem pretensões mais modestas. O seu fim é dar aos seus leitores algumas horas de distração, aliviando-os do peso das labutações diárias, fazendo-lhes esquecer, por alguns momentos, as contrariedades da vida, nessa luta em que todos se acham empenhados pela existência”.

Noutro tópico: “**A Colheita** preza-se de ser uma senhora de educação fina e da mais alta distinção, pelo que as exmas. famílias podem abrir-lhe francamente suas portas, sem receio de que, na sua linguagem, deparem jamais com um termo equívoco ou uma expressão grosseira que faça corar uma senhora”.

Na realidade, a revista em apreço diferiu, substancialmente, das publicações da época, constituindo uma espécie de en-

ciclopédia, servida de contos, historietas, anedotas, informações úteis e curiosas, enigmas, novelas e boas **charges**, copiadas de outras enciclopédias. Só na última edição a primeira página apresentou uma **charge**, assinada por Crispim Amaral, trabalho zincográfico de Eduardo Fonseca.

Circulando regularmente, cada quinzena, **A Colheita** não alterou o seu programa de — nada local, tudo extraído. E parou com a sexta edição de 30 de outubro. Numerando-se seguidamente, formaram os textos um total de 120 páginas. Só admitiu anúncios, com excelente disposição gráfica, nas sub-capas (**Arq. Púb. Est.** e **Bib. Púb. Est.**) (1).

**REVISTA MUSICAL** — A edição de estréia apareceu na primeira semana de agosto de 1901, sob a direção de Laiete Lemos, impressa na oficina do Atelier Miranda. Noticiando-lhe o aparecimento, a **Gazeta da Tarde**, edição do dia 10, ressaltou que a iniciativa representava “uma época de prosperidade para Pernambuco”.

Publicação mensal, da qual não existem comprovantes nas Bibliotecas visitadas, dela saíram quatro edições, consoante informes da imprensa diária contemporânea, a última delas no princípio de dezembro, contando com a colaboração de Sabino Filho, Leonis Ebbert, Cleómenes Filho e Henrique Jorge, além de noticiário específico.

**INSTITUTO AYRES GAMA** — Poliantéias de 8 de agosto de 1901, de 1903 e de 1904, foram publicadas como “homenagem dos alunos ao seu ilustre diretor”, ao ensejo da respectiva data natalícia. Sempre impressas em fino papel, no formato de 32x 22, com quatro páginas, figurava na primeira o retrato do professor Alfredo de Albuquerque Gama, “busto varonil e altamente simpático”, segundo a biografia divulgada em 1901.

Ocorreram saudações, em prosa e verso, assinadas por professores e alunos, a salientar, entre os primeiros, Osvaldo Machado, Faria Neves Sobrinho, Abílio Victor, A. Jobim, Aristides Carvalho Schlobach, Júlio Pires, Trajano Mendonça, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Oscar de Barros; entre os segundos, Luiz

---

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

da Silva Rêgo, Alfredo Vieira Lima, Franklin Seve, Alexandre dos Santos Selva Filho, José Maria Belo, Edgar Altino, Moreira Cardoso, Adalberto Marroquim, Gustavo Pinto, Carlos de Lima Cavalcanti e Ernesto Lima.

Confecção da “Imprensa Industrial” (os dois primeiros) e da Tip. Commercial, de Russel & Able (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA JURIDICA — Órgão do Grêmio Jurídico Teixeira de Freitas** (1), — Iniciou sua existência com a edição de 11 de agosto de 1901, formato de 21x15, com 42 páginas de papel **couché**, afora a capa, impressa em papel de cor, graficamente trabalhada em linhas e vinhetas. Assinava-se a 8\$000 por ano ou 5\$000 por semestre, custando cada exemplar 2\$000. Comissão de redação: Cunha Melo Filho (redator-chefe), Afonso Campos, José Domingues Filho, Misael Seixas e Alfredo Marques. A primeira página do texto foi ocupada com clichê do dr. Augusto Teixeira de Freitas, num desenho de Euclides Fonseca.

“Órgão de uma sociedade de moços que estudam o direito, e têm o ideal da justiça, que confiam na missão regeneradora do direito”, era a revista, segundo o pensamento do artigo-programa, “uma tenda de lutadores e uma arena de combate”. Mais adiante, dizia: “As nossas colunas estão, pois, abertas a todo aquele que por elas quiser dar o testemunho de seu interesse pelo progresso jurídico, qualquer que seja a opinião que queira sustentar, qualquer que seja a escola que queira seguir”.

Sobre o patrono do Grêmio, escreveu A. R. de Sousa Campos. Firmaram outros artigos: Cunha Melo Filho, Misael Seixas, Avertano Rocha, Artur G. de Araújo Jorge, Clovis de Barros e Joaquim Amazonas. Impressão a cargo de Neri da Fonseca & Cia., com oficina à rua do Bom Jesus nº 36.

O nº 2 circulou a 20 de setembro, completando, em numeração seguida, 78 páginas.

“Suspensa durante o decurso do período ferial, tão prolongado por circunstâncias inesperadas”, a **Revista Juridica** reapareceu — nº 3 — no dia 15 de agosto de 1902 e ainda se publicou o nº 4 a 20 de setembro, para não mais voltar à tona. Continuando a numeração de páginas, formou em total de 142.

---

(1) O Grêmio Jurídico Teixeira de Freitas foi solenemente instalado, no salão nobre da Faculdade de Direito, no mesmo dia em que circulou a **Revista**.

Sua matéria compreendia, somente, extensos artigos dos redatores, estes substituídos, no segundo ano (menos Afonso Campos), por Carvalho Barros, Avertano Rocha, Benjamin Lins e Gaspar Vanderlei Loio. Outros únicos colaboradores foram M. Tavares, Aquiles Bevilaqua e A. G. de Araújo Jorge (**Bib. Fac. Dir. — U.F.Pe.**).

50º ANIVERSARIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA (1) — Edição especial, comemorativa da data da instalação, circulou a 15 de agosto de 1901, com 20 páginas em papel **couché**, formato de 31x22. Serviço gráfico da Imprensa Industrial, situada à rua do Bom Jesus ns. 34/36, exibiu artística capa trabalhada em vinhetas, impressa a cores, seguindo-se uma página de rosto contendo os nomes dos sócios instaladores e dos membros da diretoria pioneira.

Antônio de Sousa Pinto abriu o texto focalizando “A fusão das associações portuguesas em Pernambuco”. Outros escritores (e poetas) ocuparam-se do evento, a saber: Dr. Ferrer, Carlos Porto Carreiro, Carlos Russell, Antônio Gomes Pereira Júnior, Xavier Coelho, Manuel Arão, Barbosa Viana, etc. A última página, também ricamente ornada de vinhetas, apresentou, em tipos fortes, a “homenagem da diretoria de 1901 e 1902 a todos que têm cooperado para o engrandecimento desta útil instituição” (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

EXEDRA ACADEMICA — Nova revista, surgiu “sob os auspícios mais lisonjeiros, desde que a redação é composta do que de mais intelectual possui a nossa Faculdade de Direito”. Nas suas 30 páginas, estampou “trabalhos tão substanciosos quanto variados e sobre os mais palpitantes assuntos, não só da ciência do Direito como também sobre literatura”. Colaboração destacada de Aristeu de Andrade, Anísio Jobim, etc. A informação foi extraída da **Gazeta da Tarde**, de 4 de setembro de 1901.

Não passou do primeiro número.

NORTE ILLUSTRADO — Publicação trimestral, com oito páginas, formato de 32x22, apareceu no dia 14 de setembro de 1901, sob a direção de Augusto Monteiro, João Cunha e Manuel Monteiro. Redação provisória no Hotel Republicano. A pri-

---

(1) Não consta da relação da citada obra de Alfredo de Carvalho

meira página da edição apresentou artística capa litografada, cujo desenho incluía, no centro, o retrato do poeta e jornalista Paulo de Arruda, como preto de homenagem à sua memória.

Consoante o artigo de apresentação, a folha foi fundada com o intuito de pugnar “pelo alevantamento moral e intelectual” da pátria, imprimindo-se-lhe “feição consentânea com a atual fase da literatura universal”, assim concluindo: “Dividindo o nosso jornal em três partes: literária, crítica e noticiosa, havemos de moldá-lo a um critério justo e consciencioso, sem nos importarmos com a trombeta felina dos empavonados e obscuros, que surja, porventura, contrariando os nossos intuitos”. A assinatura mensal foi estabelecida em 1\$000, pagos adiantadamente, e o número avulso em \$400.

O segundo número, de 25 de setembro, apresentou, na primeira página, num desenho de Monteiro, o retrato do extinto poeta Demóstenes de Olinda, tendo ao lado um soneto de sua lavra e, abaixo, a legenda: “Honra ao mérito”.

Das oito páginas do **Norte Ilustrado**, quatro eram litografadas: a 1ª (capa); a 4ª (retratos de personalidades); a 5ª (**charges**) e a 8ª (anúncios) e as restantes impressas (trabalho do Atelier Miranda), nelas incluindo-se notas redacionais sobre homens de letras, artigos, crônicas e poesias, além de seções ligeiras e algum noticiário. Entre os colaboradores contavam-se Fiuza de Pontes, **Mário do Vale**, Caitano de Andrade, Mateus de Oliveira, José do Amaral, Manuel Duarte, **Durval do Monte**, **Petrônio** (pseudônimo de Valfrido de Almeida), **Firmino** e **Pio Piparote** (Artur Benício de Araújo Lima) (**Bib. Púb. Est.**).

Do nº 3, que teria circulado a 5 de outubro, não existe comprovante.

**ALAGOAS LIVRE** — Poliantéia datada de 16 de setembro de 1901, como homenagem da Sociedade Protetora dos Alagoanos residentes no Recife ao 84º aniversário da emancipação política do vizinho Estado, apresentou-se com oito páginas de texto e artística capa, em cartolina de cor, trabalhada em vinhetas, ao pé da qual figuraram os nomes dos municípios e dos homens mais ilustres das Alagoas. Foi confeccionada na Imprensa Industrial, de Neri da Fonseca & Cia., à rua do Bom Jesus ns. 34/36, sob a responsabilidade da seguinte comissão redacional: Paulino Cândido da Silva Jucá, Euclides Celso da

Silva, Sebastião P. de Araújo Grangeiro, Demócrito Brandão Gracindo e João Lopes Ferreira.

Tinha em vista, consoante o editorial de apresentação, dois fins: "render uma simples e modesta homenagem ao amor que cada um tem obrigação de votar à sua terra natal e manifestar, publicamente, a estima que consagra aos pernambucanos". Afora os redatores, escreveram sobre a data: Artur Xexéo, Otaviano Flores, Padre Hermeto, João Tertuliano, Manuel Correia de Araújo, Luiz de Mascarenhas, Antônio Casado de Araújo Cavalcanti, Pedro Palmeira, José F. Ribeiro, João Pita, Luiz Barreto, Padre Jonas Taurino de Andrade e José Maria de Araújo. Da última página, circulada de vinhetas, constou a nomenclatura da diretoria da Sociedade, encimada com o retrato do presidente Antônio Casado, num bico-de-pena de Euclides Fonseca (Arq. Púb. Est.).

SALVE 9 DE NOVEMBRO DE 1901 — Poliantéia publicada na data do aniversário natalício do comendador português Antônio da Silva Ramos, como "homenagem de seus admiradores", foi impressa, em papel superior, no Atelier Miranda, situado à rua Duque de Caxias nº 37.

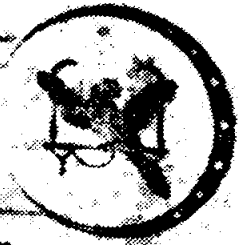
Contendo quatro páginas, a primeira, num desenho, em litogravura, do famoso ilustrador Antônio Vera Cruz, apresentou retrato do aniversariante, cercado de nomes dos membros de sua família e dos amigos, que, no espaço restante, assinaram notas de saudação. (Arq. Púb. Est.).

O PERIQUITO — Periódico Joco-Sério e Noticioso, Ilustrado — Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51, tendo escritório à rua do Bom Jesus nº 6, 1º andar, surgiu no dia 15 de novembro de 1901, ostentando a divisa: "Vai ou racha. Entra ou arrebenta". Formato de 32x22, com oito páginas de três colunas. Assinava-se a 4\$000 por semestre e 2\$000 por trimestre, custando 100 réis o exemplar. Direção de Zé Grilo (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos).

A edição de estréia apresentou, na coluna do centro da primeira página, sugestiva crítica, sob o título "15 de novembro", assim concebida: o sub-título, "Através de um sonho", encimava o clichê de bela mulher, de barrete frígio e facho à mão, com a legenda: "A República de Vieira de Melo, Tiradentes, Caneca e Nunes Machado"; outro clichê, abaixo, intitulado



# O Periquito



Periodico Joco-Serio e Noticiaso

Diracão de Zé Grillo

— 20001 — VAI NA RACHA, ENTRA OU ARREBENTA — 20002 —

## Programma ?

15 DE NOVEMBRO

## MUNDO GALANTE

Perfis femininos

MARIETA

Algo vivo e ligar,  
apresenta-se hoje ao publico  
do Periquito este despretensioso e modesto *Periquito* que se a  
que define pessoa, e, certamente, o de  
falar em termos, pois somos sempre  
são conhecidos, e que a excepcional  
de se dar a verdade.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

He porque, não traça o um programma  
e não se he a condicão.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

Quando se tem imaginação, não sabe  
dever, e, assim, he desde a criança o  
que el ou a rapariga o que he costar.

### Atravez de um sonho



A República de Utopia de Nello, T. 1.  
Fotografia de Nello e Nello Nello.

### Uma realidade



A Mulher de Moderno Estado.  
Fotografia de Nello e Nello Nello.

Nascem no lago Certo, delicias do  
castelo monacal de Christo, onde se  
marcha dos tempos de Nello e Nello  
sua valentes e a Nello Nello.

Em uma menina encantadora, nasceu  
cua liza e bonita e Nello Nello Nello.

Desde a liza, sua Nello Nello Nello  
sempre um temperamento Nello Nello  
reputa, que he a Nello Nello Nello  
e Nello Nello Nello Nello Nello Nello.

Uma liza, Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

Um lizo de a Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

Um Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

Um Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

Um Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

Um Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello  
Nello Nello Nello Nello Nello Nello

“Em plena realidade”, mostrava uma velha carcomida, de cacetete à mão, com a legenda: “A república de Deodoro, Floriano, Prudente e Campos Sales”.

Dizia o artigo-programa tratar-se de jornal “alegre, vivo e loquaz”, acentuando: “... se algum defeito possui é certamente o de falar em excesso; este mesmo, porém, ele contrabalança com a excepcional virtude de só dizer a verdade”. Quanto ao programa, proclamava: “Para que? Isto de programa em jornal é conversa fiada, muito parecida com aquela que, nos partidos políticos, se chama plataforma”.

Publicação semanal, não guardou conveniência em seus comentários e nas **charges**, infiltrando-se pelos meandros da vida social, descobrindo escândalos, divulgando anedotas picantes e versos mais ou menos livres, inclusive através de motes glosados em concursos semanais, e mais a seção “Teatro da moda”, constituída de canções, modinhas e cançonetes da época. Colaboração principal de **Fortúnio e Fortunato Ventura** (como se ocultava Ernesto de P. Santos), **J. Papelão, Dr. Escalpelo, Lula Sanhassu, J. ou Juca Vergueiro** (pseudônimo de José Bento Ribeiro), com as “Missivas cariocas”; **D. Egas, Frei Fidelis, Frei Besouro, Bilontrinha, Rabeca, Crécio, Poquelin, Dr. Gramixola, Torololó e Yoyô Boêmio** (pseudônimo de Domingos Magarinos de Souza Leão).

A partir do nº 7, o cabeçalho, em caracteres tipográficos, com pequena vinheta de periquito na gaiola, foi substituído por um desenho, a bico-de-pena, constituído de mulher nua, deitada sob a gaiola da ave. O nº 10, ano II, de 8 de janeiro de 1902, noticiou a ocorrência de uma agressão (frustrada) a **Zé Grilo**, por motivo de gracejos publicados numa das edições d’**O Periquito**.

Ficou essa primeira fase do endiabrado órgão com o nº 13 (numeração não interrompida), de 14 de fevereiro, nele não figurando o nome do diretor, impresso em tipografia diferente, com cabeçalho simples e o sub-título: “Periódico Jogo Certo...”. A primeira página, com tarjas e emblema fúnebre, homenageou a memória do poeta **Gregório Júnior**, ou seja, João Gregório Gonçalves.

Mais de três anos depois, reapareceu **O Periquito** a 17 de julho de 1905, com o nº 13 (repetido, este nº 13), ano II, voltando a adotar o sub-título “Periódico Joco-Sério e Noticioso” e o

**slogan** “Vai ou racha; entra ou arrebenta”. Outro clichê de cabeçalho, nada espalhafatoso, mantendo, porém, as mesmas características, conforme o artiguete de apresentação, intitulado “Segunda fase”: “... ei-lo, como sempre, alegre, jovial e palrador”. Nova tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000, mediante pagamento adiantado.

Seguiu-se a publicação normalmente, sempre com oito páginas. Pouco tempo depois, a fim “de satisfazer a todos, publicando a grande quantidade de originais” dos “amáveis colaboradores”, resolvia a empresa que **O Periquito**, a partir da edição de 25 de setembro, abrisse “o bico e as asas” duas vezes por semana, acentuando a nota alusiva: “O público, sempre benévolo e obsequioso, foi quem assim quis, dando-lhe o conforto de sua proteção e o estímulo dos seus aplausos”.

Distribuiu as seções da seguinte maneira: Segundas e quintas-feiras: “De janela a janela”; “Bem-ti-vi”; “Feira do Baccuráo”; “Vida mundana”; “De poleiro”; “Proclamas de casamento” e “Segue o bonde”. Segundas-feiras: “Teatro da moda”; “Comércio do brejo”; Mote e glosa” e “Lista dos Colós”. Quintas-feiras: “Serenata”; “De rebenque”; “Tipos e Tipos”; “Consultório” e “Perguntas e respostas”.

A propósito de uma denúncia sobre “intrujões” que especulavam com o nome do jornal, escreveu a redação uma nota “Ao público”, na edição de 9 de outubro, repelindo-os e esclarecendo: “Avisamos, portanto, ao clero, à nobreza e ao povo que **O Periquito** não pede favores, nem aceita auxílio”. Em conclusão: “**O Periquito** faz favores, mas não os aceita; tem amigos, a cujos pedidos se rende, mas não quer protetores”.

Mantinha-se o bissemanário quase sem anúncios, estendendo sua circulação pelo interior do Estado. A primeira página apresentava, em cada edição, uma alegoria ou **charge** ilicenciosa, variando de desenhistas, a salientar: **Venu** (Benevenuto Teles), Eduardo Fonseca e **Til** (Osvaldo de Almeida). Depois surgiria outro ilustrador: **Guapy**, ou seja: Herculano de Albuquerque.

Sem apresentar, na segunda fase, corpo redacional, só na edição de Natal a folha mencionou o “pessoal de casa”, à frente **J. Papelão** e **Heleno**, respectivamente, redator-chefe e redator-secretário, o primeiro dos quais autor da seção “De janela a janela”, sendo o segundo o poeta das “Coisas da Semana”.

Proseguiu, ininterruptamente, pelos anos de 1906/07 afora (1), com numeroso grupo de colaboradores, que se revejavam ou substituíam amiúde. Foram alguns deles: **Raul Pimpolho** (pseudônimo de Armando Oliveira), que além dos poemas humorísticos individuais, veio a assinar, com **Black**, longa novela, intitulada "O Mole", ocupando mais de trinta rodapés; **Gil Gregório**, **Frei Convento**, **Silvano**, **Zé Gandaio**, **F. Tenebroso**, **Dr. Piff Paff** (José Figueiredo), **Pic Poket**, **Maruim**, **Virgílio**, **Tutu Manhoso** (Sebastião Pinto Ribeiro), **Dr. Palegrêco**, **Raio X.**, **Tasciro** (Fausto Rabelo) **Krichna**, **João Mole**, **Frei Celeste**, **T. M.** (série de sonetos: "Tipos & Tipos"); **Vôte Semêdo**, **Seaman** (Antônio Carlos Vital); **Stoessel**, **Sednem Leonam**, **Dr. K. Ladinho**, **Mário Didier Melo** (Coimbra Lobo), com o folhetim: "O sonho de Noêmia"; **Seu Toinho**, **Eurico Flores** (também folhetinista), **Aeronauta** (J. Daniel), **Marilemos**, **Capadócio**; **Professor Tranquilino** (autor das "Palmatoadas"), **Frasquinho** (noticiário comentado do Prado Pernambucano), etc.

A partir de 19 de novembro de 1906, **Juca Letrado** (Miguel Magalhães) assumia a paternidade das "Coisas da Semana", que sempre foi, de todas, a matéria mais interessante, em versos humorísticos. O jornalista Monte Sobrinho era outro dos colaboradores, sem que fosse possível descobrir-lhe o pseudônimo. De variedade em variedade, a redação chegou a adotar uma galeria, na qual apareciam clichês de mundanas, com legendas em versos. E a seção "Fora da capital" ocupava-se de fatos da vida do "brejo" de diferentes cidades.

O aspecto gráfico do periódico, que deixava muito a desejar, melhorou desde 25 de outubro (ainda 1906), quando se transferiu o trabalho de confecção para a Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33, também encarregada da distribuição aos gazeiteiros.

No nº 191, de 20 de maio de 1907, declarava uma nota redacional haver **O Periquito** mudado de direção (?), frisando: "... aparece, hoje, reformado, cheio de nove horas e não sei quantas novidades que o novo pessoal inventou para agradar

---

(1) A empresa d'**O Periquito**, estendendo o seu campo de atividades, editou as publicações a seguir: junho de 1906 — o livro de sortes "O Andarilho"; dezembro — "Almanaque do Natal", ambos "confecção humorística e literária de **Fortunato Ventura**" (Ernesto de Paula Santos); junho de 1907, de 1908 e de 1909, respectivamente, os livros de sortes "O Frade", "A Cigana" e "O Guarda Noturno".

aos seus cinco mil leitores”. Lia-se no Expediente: “... não tem redação; é feito a granel, nos bancos dos jardins, nas mesas de hotel e nas casas das **camélias**, quando elas nos dão consentimento”.

A partir de então surgiram novos pseudônimos, novas seções. **Gil Mascote**, por exemplo, travesti do jornalista Osvaldo de Almeida, divulgou, em regime de continuação, a comédia, em um ato, “Primeiro de Abril”, a que se seguiram, espaçadamente, “Atropelos de um marido” e “Elixir Maravilhoso”. Foram outros colaboradores; (alguns eram membros da “Boêmia Fortunato Ventura”): **Carol Chaleira**, **Hebreu**, com as “Notas Olindenses”; **Gil Grego**, **Pepé**, **Chico Danado**, **K. E. Tano** (noticiário do “Turf”), **Zé Tripa**, **Leosel**, **Randolfo Sousa** (nome ou pseudônimo?), **Camisinha** e, além de outros, **J. Rebouças**, **Lulu Regadas** e **Vulcano** (todos os três eram o mesmo: Severo de Barros). Já em fins de julho, **Vulcano** iniciava a série “Sete dias em ceroula”, em bons versos humorísticos, tempos depois continuada por **Juca Letrado**, que estivera ausente.

Em agosto do referido ano, iniciada a temporada da Companhia Vitale, no Teatro Santa Isabel, dava-lhe o **Periquito** a melhor cobertura, divulgando clichês de artistas na primeira página e publicando minuciosas crônicas assinadas por **Vileli-nha**, redator provisório, cujo afastamento a edição de 9 de setembro anunciou. O movimento teatral mereceu, geralmente, constante atenção do órgão.

Não deixava, porém, o periódico de exibir gravuras com legendas de duplo sentido, adotando, por outro lado, seções como “Pessoal da Vida”, “Escola d’**O Periquito**”, “Conventos e Conventinhos”, “Alfinetadas”, “Telegramas” (em pastiche), etc. A “Serenata” abrigava, em cada edição, por todo o tempo, o gênero — canções.

Solenizando o quarto aniversário de sua fundação, a folha estampou uma alegoria na página de frente, cuja legenda, em duas quadras, dizia, na primeira:

“Por entre as saudações alacres, jubilosas,  
Do Zé Povo escovado — o amigo verdadeiro,  
Passa hoje o aniversário, entre luz, entre rosas,  
Do **Periquito** audaz, novo, forte, altaneiro”.

Identicamente, lia-se na página “Natal d’**O Periquito**”, edição de 23 de dezembro:

“Sintetizando a Troça aqui nesta gravura,  
Nesse tipo provocante e lascivo,  
Saudamos o Natal tão cheio de atrativo,  
Tempo de paz, de amor, de riso e de ventura”.

Terminado o ano com o nº 251, de 30 de dezembro, prosseguiu a circulação em 1908, já com diferentes colaboradores (só permanecendo **Tutu Manhoso**), a salientar: **Ponto e Vírgula**, **Reticência**; Antônio Maciel Sobreira e seus anagramas: **Arierbos Leicam** e **Arierbos Oinotna**; **Cabuloso**, o mesmo **Cavaleiro Negro** das “Chicotadas”; **Zé Mateus**, com as “Anedotas em versos”, etc. A costumeira crônica em versos, suspensão, veio a intitular-se “Despindo a semana”, assinada por **S. Campinas**; depois, voltou para “Coisas da semana”, por **Arame**, que a transformou em “Os sete dias”, tudo sem continuidade, em caráter esporádico.

Mas a edição de 13 de julho de 1908 anunciou “nova forma”; um rumo mais consentâneo com a moral das famílias; artigos de fundo “com chiste e graça”, concluindo: “O pessoal de pena nova e cabeça cheia vai dar o que fazer com esta nova fase d’**O Periquito**”. E começou a piorar graficamente, passando a ser impresso numa tipografia à rua das Cruzes (atual rua Diário de Pernambuco) nº 38. A direção estava a cargo de Luiz Leite, embora não mencionado no Expediente. Novas seções: “Pssual da vida...”; “Pelos pastoris”, por **Chico Valente**; “Palestra entre vizinhas” e mais anúncios foi o que se viu, em desacordo com o prometido, a par da divulgação de escândalos e de ilustrações pouco recomendáveis.

Assim findou o ano, com o nº 340, de 28 de dezembro, continuando a decadência em 1909, quando, na edição de 1º de março, declarava estar sendo o periódico impresso na oficina do Atelier Miranda, para acrescentar: “...não obstante nada devermos, fomos obrigados a retirá-lo para outra tipografia”.

Ainda se prolongou a existência d’**O Periquito** até o nº 385, de 26 de julho do referido ano, quando a polícia lhe sustou a circulação, sendo substituído pelo **O Papagaio** (2), que seguiu a numeração até o nº 535.

---

(2) Segundo **O Papagaio** (edição de 16 de agosto de 1909), foi a publicação, no congêneres **A Pimenta**, de uma nota “caluniosa”, o que deu motivo à suspensão da mesma **A Pimenta**, e d’**O Periquito**.

Com o nº 536, datado de 20 de janeiro de 1912, reapareceu **O Periquito**, quase três anos após, “de propriedade de uma sociedade anônima”, exibindo na primeira página o desenho de um indivíduo de monóculo, chapéu à mão direita e ramalhete na esquerda, curvado diante duma bailarina, cuja legenda dizia: “**O Periquito**, ressurgindo hoje, mais catita, mais falador, saúda aos seus inúmeros leitores, desejando que tivessem boas saídas e melhores entradas do novo ano”. E uma nota da segunda página esclarecia: “**Volta ao seu antigo título**”, adiantando: “**Manterá o seu programa antigo e suas seções alegres, sabendo respeitar o lar, porém não em sentido de bandalheiras**”.

Publicaram-se mais três edições, terminando a existência do licencioso órgão com o nº 539, de 14 de fevereiro de 1912 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (3)

**O MOLHO — Periódico Ilustrado, Humorístico, Crítico e Noticioso** — Deu à luz o nº 1 a 27 de novembro de 1901, formato de 30x20, com quatro páginas. Propriedade de A. Estanislau (**Pindoba**), sendo redatores: **Zé K. Ramixola, Zé Grande, Xico Carboreto e Candoca**. Tiragem de “um punhado de exemplares”. Número “do dia” — 100 réis.

Sua matéria constituiu-se de notas ligeiras sobre “colós de ponta de rua” e versinhos apimentados, com expressões mesmo licenciosas, tudo assinado por pseudônimos e entremeado de vinhetas figurativas à guisa de ilustração.

Ficou no primeiro número (**Arq. Púb. Est.**).

**O GRILLO — Periódico Cáustico, Noticioso e Humorístico** — Iniciou sua publicação a 3 de dezembro de 1901, formato de 33x21, com quatro páginas. O desenho do cabeçalho representava uma caneta cruzada com uma pena de ave sobre as grandes letras do título e, na última, um grilo. Propriedade de **Brás Pinote e Felix Patife**; diretores — **Gil Minhoca e Braz Filhote**. Ainda sob o clichê do título: “**Rir, que o riso não leva selo**” — “**E deixa andar... corra o marfim**”. Com redação à rua da Imperatriz nº 19, assinava-se a 4\$000 por semestre e 2\$000 por trimestre, custando o exemplar 100 réis.

---

(3) Nenhuma das coleções manuseadas é completa, mas completam-se entre si.

Estreou honrando a primeira página com retrato (desenho e zincografia por Benevenuto Teles) de Santos Dumont, felicitado, em lisonjeira legenda, como “o **primus-inter-pares** dos aeronautas”. Abrindo o texto, na segunda página, dizia ligeira nota: “O noso pequeno e inocente **O Grillo** não tem programa. Procura somente, por meio da galhofa (cheia de espírito) e por meio de uma linguagem moral, fazer o riso estalar, frenético e argentino, dos lábios (de açúcar) de nossas gentis leitoras e das **beijolas** dos nossos leitores”.

Constituíram-se suas páginas, nos poucos números divulgados, de matéria em prosa e verso, ligeira e variada, passando, às vezes, da verve e da galhofa à licenciosidade, ao duplo sentido, ocorrendo algumas ilustrações a bico-de-pena. Além dos diretores e proprietários, as produções traziam assinaturas tais como: **Pafuncio**, **Roberto do Diabo**, como se ocultava Valfrido Leonardo Pereira; **Satan-Maroto**, **Juca Patusco**, **K. Millo**, **Frei Boneco**, **Zamparino** (pseudônimo de Artur Benício de Araújo Lima), etc. Após o terceiro número, o primeiro dos proprietários foi substituído por **Tomaz Caminha** (pseudônimo de Carlos Martins Torres).

Circulando semanalmente, só saíram, todavia, cinco edições (1): a terceira do ano a 17 de dezembro, mais os ns. 1 e 2, respectivamente, de 10 e 17 de janeiro de 1902, o último com seis páginas. Foi substituído pelo **O Besouro** (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.).

**O PIMENTÃO — Semanário Humorístico, Noticioso e Ilustrado** — O nº 1 circulou no dia 4 de dezembro de 1901, em formato, estilo e características idênticos aos d’**A Pimenta**, d’**O Periquito** e d’ **O Grillo**, mas com apenas quatro páginas, ostentando o cabeçalho expressivo desenho, sob o qual se lia: “Política não vale nada” — “Custa... mas há de entrar”. Com redação à rua da Intendência (hoje, Avenida Manuel Borba) nº 30, era impresso na Tip. Industrial, à rua do Bom Jesus ns. 34/36; assinava-se por 4\$000 semestrais e 2\$000 trimestrais, custando cada exemplar \$100. Diretor — **Lucifer Sacramento**.

“Não publicamos trabalhos demasiadamente livres” — dizia no expediente. Adiantava, no artigo de apresentação, ter sido fundado “para os leitores terem mais uns momentos de

---

(1) Alfredo de Carvalho registrara o nº 1 como tendo sido o último.



distração no meio de uma vida tão asuada". E mais: "O nosso **O Pimentão** é um jornal puramente trocista e não se envolverá absolutamente em negócios políticos. O nosso emblema será o de trocar e não ofender à Exma. Moral...".

Além da do diretor, teve a colaboração de **Felix Mimoso, Chiquinho das Moças, Pacífico Valente, Zé Pereira, Pacífico Leão** (pseudônimo de Osvaldo de Almeida) e outros. Matéria humorística e satírica, não deixou de divulgar reportagens ligeiras de fatos escandalosos e versinhos com fecho de duplo sentido (**Bib. Púb. Est.**).

Seguindo sua rota, publicou-se o nº 3 no dia 18 de dezembro. Embora a deficiência de comprovantes outros, a publicação se estendeu até o nº 5, registado pelo **Jornal Pequeno** de 3 de janeiro de 1902.

## 1902

**ANUÁRIO COMMERCIAL DE PERNAMBUCO, PARAÍBA, ALAGOAS E BAHIA** (1) — Circulou datado de 1902/1903, em grosso volume de 654 páginas, mais 28 em algarismos romanos, no formato de 31x22, trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 48/51. Propriedade da firma D. Monezilho & Cia. (D. Monezilho, Emílio Filol Garrigosa & João Solari Poitano).

Inseriu Calendário para 1902 e 1903; Informações Úteis, Indicador Administrativo Comercial, Industrial e Profissional e um total de 800 anúncios, que constituíram o principal objetivo da publicação. A Pernambuco foram dedicadas 63 páginas redacionais, abrindo com clichê do governador Gonçalves Ferreira, seguindo-se uma resenha história e geográfica, descrição da cidade do Recife e Informações Gerais. Além disso, espraíram-se anúncios, da capital e do interior, desde a página 101 à 355<sup>a</sup>, não escapando o mais longínquo município pernambucano (**Bib. Nac. e Bib. Est. de Sergipe**).

**P. M. — Órgão dos Fracos** — Saiu a lume no dia 29 de janeiro de 1902, formato de 31x22, a três colunas, com quatro pá-

---

(1) Não consta dos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

ginas. Redação, escritório e oficina — rua do Imperador ns. 13/20 (Agência Jornalística, de J. Agostinho Bezerra). Como redatores, anunciava, ridiculamente: Domingos Codeceira, Afonso de Albuquerque e João Caitano de Abreu. Constava do expediente: “As assinaturas serão a 500 réis por cabeça: podem começar em qualquer dia, mas terminarão no último de carnaval. De acordo com os Estatutos do Clube, é proibida aos profanos a leitura e até mesmo a simples vista do nosso órgão”.

Lia-se no artigo inicial: “Órgão do venerando clube **P. M.**, excusado é dizer que o nosso jornal estará sempre na vanguarda da defesa das causas nobres; será sempre pelos fracos contra os fortes e duros, pelos humildes e encolhidos contra os grandes e esticados. Politicamente, e em geral, não somos gregos nem troianos, pois que sob todos os regimes e em qualquer forma de governo o **P. M.** existiu e existe”.

A matéria geral obedeceu ao programa exposto: licenciabilidade a torto e a direito.

O nº 3, ano III (?), circulou no carnaval (fevereiro de 1903, trazendo como assuntos principais: “Crônica do Ano” — Augusto de Oliveira; “Coisas que constam” — **Dr. Pitombo Júnior**; “Questão Religiosa” — **Teléforo**. O segundo redator foi substituído pelo gerente **João Mole**.

Publicou-se a 12 de fevereiro de 1904 o nº 4, ano IV, tendo como redatores: Delph Cavalcanti, J. Teixeira e J. de Abreu. Dizia-se “sempre gaiteiro, porém delicado, sem gotejar o veneno da lascívia, sem ofender o pudor das donzelas...” Colaboração de **Rosa Júnior**, **João Mole** (“Galeria do **P. M.**”), **Dr. Obscuro**, **Cirano Pereira**, etc.

No nº 5, ano V, de 3 de março de 1905, o primeiro dos redatores do ano anterior foi substituído por J. Galhardo e cresceu um pouco o formato, sem alterar o programa de pasquinadas.

Não existe comprovante do nº 6. O 7º circulou no dia 8 de fevereiro de 1907; o 8º a 28 de fevereiro de 1908, e o 9º a 19 de fevereiro de 1909, seguindo sempre o gênero pastiche, bem redigido, em prosa e verso.

Dizendo-se “jornal mais antigo da América Latina” e ainda “órgão dos fracos”, reapareceu, “depois de quatro anos de

completa abstenção”, com o nº 10, a 11 de abril de 1914. Além da equipe de “diretores”, apresentou uma diretoria de honra, à frente o governador Dantas Barreto, seguido do prefeito Eudoro Correia. Boa matéria, incluindo conto de **Mário Oito**, o “Album jornalístico”, “Descantes poêmicos” e “Pêemadas”, tudo relacionado com o pessoal da Imprensa.

Foi o último número publicado **Bib. Púb. Est.**).

O CANNA VERDE — Órgão do Clube Cana Verde — Tendo como redatores **Manuel das Batatas** e **Manuel dos Tucinhos**, circulou a 9 de fevereiro de 1902, em substituição a **O Ilheo** (1). Impresso no Atelier Gráfico da Maison Chic, formato de 32x22, apresentou-se com quatro páginas, em papel especial, vendo-se na primeira uma alegoria em homenagem aos associados e à imprensa pernambucana. Na última, figurou outro desenho, de saudação ao Carnaval. As páginas centrais inseriram matéria humorístico-satírico-carnavalesca (**Bib. Púb. Est.**).

Voltou a publicar-se **O Canna Verde** no Carnaval de 1905, a 5 de março, de acordo com o noticiário d'**A Província**.

O BESOURO — Ilustrado e Humorístico — Surgiu no dia 27 de fevereiro de 1902, já com o nº 6 (até o nº 5 era **O Grillo**), tendo como proprietários **Tomaz Caminha** (pseudônimo de Carlos Martins Torres) e **Felix Patife**, e diretores **Sá Cantor**, **Gil Minhoca** e **Simplório Baiacu**. Caixa à disposição dos colaboradores na Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador nº 31/33. Assinaturas: semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500; custo do exemplar — 100 réis.

Lia-se no editorial “A nossa transformação”: “**O Besouro** de hoje não é mais nem menos do que **O Grillo** de ontem, endiabrado e livre, que fez muito coió andar com os fundos nas mãos”. “**O Grillo** sacudiu fora a casaca acinzentada dos cantadores para envergar as roupagens douradas d'**O Besouro** civilizado e zumbidor”. Seu pessoal estaria espalhado “pelas ruas, cafés, jardins, reuniões (casamentos nem se fala), teatros, bastidores, camarins e... recurso dos recursos. Reportagem fina e perspicaz”.

---

(1) No volume anterior desta “História da Imprensa de Pernambuco” encontra-se a bibliografia d'**O Ilheo**, publicado durante os anos de 1892 a 1901 e ainda em 1904.

Tendo estreado com seis páginas, aumentou-as para oito a partir do nº 2, e também alterou ligeiramente o formato para 36x25, sempre com três colunas de composição.

Redigido por intelectuais de valor, seu principal colaborador — **Pio Piparote** (pseudônimo de Artur Benício de Araújo Lima, que usava, igualmente, o de **Zamparini**) — assim iniciou as “Besouradas da semana”:

“Ó Musa minha, ó Musa tão magana,  
Busca a rima sutil e penetrante,  
Alegre e provocante,  
E conta as **besouradas** da semana!...”

Repleto de matéria humorístico-licenciosa, grande parte em versos, ilustrada com desenhos, às vezes fesceninos, a maioria de autoria de Benevenuto Teles, também gravador, as produções eram assinadas pelos diretores e proprietários, além de outros, a saber: **Dr. Cabeçudo** (como se escondia Praxedes Lima); **Ruffo**, **Jacinto Porteiro**, **O Besouro-Mor**, **Escabrioso**, **Dr. Serycobático**, **Dr. Maracujá de Gaveta**, **Roberto do Diabo**, **Tomaz Taboca**, **Dr. Ascânio Peixoto** (nome de ilustre médico pernambucano (então vivo) transformado em pseudônimo de José Pedro de Sousa); **Invisível nº I** e **Dr. Bilontra** (ambos usados por Caitano Quintino Galhardo); **Pacífico Leão** e **Gil Mascote** (ambos de Osvaldo Anibal de Almeida) e diversos mais, que se iam alternando. Por algum tempo manteve-se a “Galeria Teatral”, assinada pelo **Dr. Chacon Leite**, que não era outro senão Agripino Nazaré.

Atingido o nº 12, saíram todos os nomes do cabeçalho, ficando inscrito o seguinte: “Propriedade de uma Associação; diretor — **Pio Piparote**”. Tal associação incluía, como redatores, **Tomaz Caminha**, **Sá Cantor** e **Simplório Baiacu**.

Ao completar o primeiro semestre de existência, as letras do título da folha foram substituídas por um desenho em zincogravura, tendo como motivo besouros... humanos. Causavam, então, sensacionalismo as “Cartas impressas”, de **Raul Paulicéa**, cujos destinatários sofriam a crítica mais acerba aos “pontos fracos” de sua vida íntima. O noticiário focalizava os excessos dos namorados (que eram chamados **coiós**) e das “estrelas” (como eram denominadas as mulheres de vida airada), isto é, daquelas mais salientes nos respectivos setores, e outros escândalos.

A edição de 13 de junho cientificou o afastamento, do corpo redacional, de **Simplório Baiacu** (assim oculto o nome de Severino Alves Barbosa), dando como motivo a odiosidade que se criara, contra ele, diante das notas humorísticas do jornal.

Um quadro de honra, na primeira página do nº 34, de 22 de agosto, homenageou a data do aniversário natalício de **Pio Piparote**, jovem e fecundo poeta e prosador, que assinava contos e sonetos, as “Cartas de amor” e o “Teatro do Besouro”. Chegou ele a ser agredido por um dos **fonas** mencionados nas notas diversas de críticas, que tinham títulos como “Revelações de um papagaio”, “Rua do Imperador” e “Ouvimos dizer...” Não faltavam ameaças, de quando em quando, ao indiscreto periódico, nem vexames partidos da alçada policial. Havia, também, a seção “Lira popular”, de modinhas e canções, e um “Torneio poético” de glosas, com grande comparecimento de poetas nem sempre escrupulosos, obedientes, aliás, aos motes licenciosos.

Veio a alterar-se a direção do periódico a 7 de outubro de 1902, assumindo-a outro grupo de “amantes da troça e da pilhéria”, sem indicação de nomes nem pseudônimos. Dizia a redação, a propósito: “Não pretendemos mudar a feição d’**O Besouro** e, portanto, ela continuará no mesmo, falando de tudo e de todos, chicoteando sempre os coíós sem vergonha e as cobaias atrevidas e bailistas. Doravante, **O Besouro** será o terror do brejo e o atraso dos quengos”.

Já vinha custando 5\$000 o semestre, só havendo assinaturas para o interior, e o trabalho gráfico passou a ser feito no Atelier Guttenberg, localizado na rua Duque de Caxias nº 34, continuando a distribuição a cargo da Agência Jornalística Pernambucana. A par de raros colaboradores mantidos, outros apareceram, como **Frei Boneco**, **Espada de Zinco**, **Rui Black**, o das “Besouradas da Semana”; **Ongam**; **Chico Arranca-Touco** (terceiro pseudônimo de Osvaldo de Almeida); **J. Pimpão**; **Lança Aguçada**; **Rui Pimpolho**; **Donzelo-Mor** (travesti de Antônio Lopes); **Dr. Catão**; **Petrônio** (disfarce de Valfrido de Almeida), **Murta**, etc.

Com o nº 48, de 2 de dezembro, celebrou a folha seu primeiro aniversário, exibindo, na página de frente, impressa em tinta encarnada o desenho de uma dama despida cavalgando um besouro cuja legenda — em soneto — tinha a “chave de ouro” abaixo transcrita:

“Essa mulher, tão guapa cavaleira,  
É nossa musa, é nossa mensageira,  
Que vos saúda em nome d’**O Besouro**”.

Sucederam-se saudações, no texto, em prosa e verso, à redação do trêfego e endiabrado órgão, tão livre que chegou a instituir concursos de beleza de “estrelas” e de “quengos”, assim chamadas as pessoas que não gostavam de pagar dívidas. Ofereceu, depois, “um mimo de festa aos leitores” que acertassem no milhar aduzido a cada exemplar a correr pela Loteria Federal do Natal, no valor de 50\$000. Não houve sorteado...

Só a partir do nº 51 constou do cabeçalho o nome do novo diretor: Cir Nolasco. O nº 54, último do ano, circulou no dia 30 de dezembro.

Prosseguiu a numeração a 9 de janeiro de 1903, saindo no dia 20 o nº 57, quando a primeira página, circulada de vinhetas, homenageou o transcurso do aniversário natalício de Júlio Agostinho Bezerra, propretário da Agência Jornalística Pernambucana, sendo ele saudado com palavras encomiásticas, em tipo fantasia, tendo por assinatura — **A Redação**.

Ocorreu um hiato na publicação, difícil de apurar devido à deficiência da coleção manuseada. O nº 64, ano IV, de 17 de maio de 1904, indicava: Propriedade de uma Associação Anônima; diretor — **Zé Perigo**. Parou pouco depois, com o nº 69, de 11 de junho.

“Depois de uma suspensão de alguns meses”, reapareceu **O Besouro**, sob a direção de **Temerário II** e ainda “propriedade de uma Associação”, saindo o nº 1, ano III, a 28 de maio (1) de 1907. Mudou para “ano II” na edição subsequente, laborando em erro, quer no primeiro, quer no segundo caso.

“Veio mais velho — dizia a reapresentação — porém sempre com o mesmo espírito”, adiantando: “Pretende modificar a linguagem e não usará termos que uma senhorita não possa ouvir”. Aboliria, “por completo, as troças pesadas”.

Todavia, não melhorou coisa nenhuma criando seções debochadas e inserindo desenhos com legendas capazes às vezes, de fazer corar. **Renato d’Alencar** escrevia “O que tenho eu com

---

(1) Não a 18 de março, como consta dos “Anais”.

isto?"; **Auta Ribeiro**: "Eu nas casas públicas"; **Amilcar**: "Rua do Crespo"; **Chico Emprestado** e outros: "Besouradas da Semana"; **Temerário II**: "Nós, neles..."; **Frei Besourinho**: "Casamentos d'O Besouro"; **Abelhudinho**: "Sabatinas"; **Dondon Enfeitada**: "Correias"; **Zé Amâncio**: "Na surdina"; **Amaro da Pax**: "Tarequinhos"; **Lucas**: "Ronda noturna d'O Besouro"; além da colaboração esparsa de **Lulu Regadas** (pseudônimo de Severo de Barros); **Jobeiro** (João Ribeiro), **Manduca**; **Solano Peres** (Valfrido Leonardo Pereira); **Lulu Fon Fon**; **Terêncio**; **Cyllim**; **Otacílio**; **Simplicio**; **Xiró** e tantos outros.

Publicados 24 números até 12 de dezembro, **O Besouro** des-cansou até 22 de janeiro de 1908, ano III, iniciando nova numeração. E, desde o nº 3, **Temerário II** fez-se cercar do seguinte corpo redacional: **Baques**, **Gil Tinteiro**, **Lucas**, **Celim**, **Leva & Trás**, **Manduca**, **Almicar** e **Horácio de Freitas**, adotando tabela de assinatura, antes não exposta, a saber: fora da capital: ano — 8\$000; semestre — 4\$000; na capital: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; número do dia — 100 réis; atrasado — 200 réis.

Do nº 5 por diante imprimiu-se na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador, 31/33, melhorando bastante a feição material. Divulgava sonetos de **Mendes Martins**, **Dr. Piff Paff** (pseudônimo de José Figueiredo); **Antônio O. Sobreiro**, com o nome e o anagrama, e **Joaquim Lima**. Criou, ainda, o "Indicador Comercial d'O Besouro", ocupando uma página, às vezes duas. Não deixou, entretanto, de manter a seção primitiva "Revista do brejo" (que não seria jamais leitura para senhoritas), além de notas soltas sobre certos escândalos, envolvendo principalmente viúvas e coíós afoitos. Por último, surgiu a colaboração humorística de **Juca Letrado** (Miguel Magalhães).

Circulando irregularmente, **O Besouro** estendeu sua existência até 8 de julho de 1908, com o nº 16, que teria sido o último (**Arq. Púb. Est.**).

A EGREJA — Número único, circulou a 6 de maio de 1902, ao ensejo do transcurso do primeiro aniversário da Igreja Evangélica Brasileira do Recife, formato de 27x19, com quatro páginas. Acima do título, figurava a insignia: "Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (Math. XVI: 18).

O editorial de abertura focalizou o período vivido “de lutas, de memoráveis acontecimentos”. Além dessa primeira coluna, a folha divulgou apenas dois artigos doutrinários e um poema, todos com a assinatura de **Sena**, e hinos evangélicos (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O TABAREO** — Livro de Sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, entrou em circulação acrescido de parte literária, anedotas, charadas, etc. (**Jornal Pequeno**, 19/5/1902).

**O PAGÊ** — Outro livro de sortes aparecido, para vender-se o exemplar a 500 réis. Era “pequeno, mas bem feito, contendo muitos escritos interessantes” (**Jornal Pequeno**, 31/5/1902).

**O ARARA** — **Crítico e Ilustrado** — Entrou em circulação no dia 5 de junho de 1902, obedecendo ao formato de 37x27, com oito páginas de três colunas. Propriedade “de uma Associação”, tendo como diretor o **Dr. Gavroche**. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) nº 31. Os redatores principais eram Celso Júnior e Albino Meira Filho (**Dr. Platão Neto**). O segundo, porém, fez uma declaração, no segundo número, de que se afastava do corpo redacional por motivos superiores.

Jornal bastante movimentado, bem redigido, mais em verso do que em prosa, dividia a sua matéria em curiosas seções de boa verve e sátira esfusiante, a par de algum sensacionalismo e escândalo, inclusive através de **charges** zincográficas. A colaboração, toda à base de pseudônimos, estava a cargo de **Asmodeu**, **Bitter**, **Fulano Júnior**, o das “Bicaradas”; **Flor de Enxofre**, **Insensível I**, **Gil Minhoca**, **Chacon Leite** (o estudante Agripino Nazaré), **Fr. Mingao**, **Antonito das Moças**, **Floresto da Boêmia**, **Dr. Futrica**, **Pafúncio Bolina**, **Dr. Cabeçudo**, ou seja, **Praxedes Lima**; **Sócrates**, **Arara-Mor**, **Frei Simplicio**, **Dr. Favônio**, etc. Ocorriam “Mote e Glosas”, “Perguntas e respostas”, “Charadas e enigmas” e a “Semana em folia”, além de folhetim literário e peças teatrais ligeiras.

**O Arara**, que andou às turras com o congêneres **A Pimenta**, teve vida bastante efêmera, sendo último número avistado o 5º, datado de 3 de julho (**Bib. Púb. Est.**) (1).

(1) Não existem comprovantes dos ns. 1 a 4.



O SOMNAMBULO — Editado pela Livraria Econômica, foi esse livro de sortes posto à venda nos primeiros dias do chamado mês ( e São João (**Jornal Pequeno**, 6/6/1902).

ESTRONDAMUNDO — Mais um livro de sortes em circulação. “Bem organizado e nitidamente impresso, com elegante capa onde vem a gravura de uma soberba rosa Estronda Mundo contém variada coleção de contos, anedotas, monólogos, poesias, etc. e uma tabela para o jogo de bichos. É um livro que pode ser guardado para outros anos, porque os assuntos das sortes, embora modernos, não são de ocasião, prestando-se para sempre. Além disso, custa barato: 1\$000 o volume” (**Jornal Pequeno**, 7/6/1902).

O APERTA — “Galhofeiro livro de sortes”, circulou em junho de 1902, dedicado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. Apresentou-se “recheado de líricos gracejos”, sendo redigido pelo “talentoso humorista” **Ribas Moreno** e outros (Cf. **O Arara**).

Adiantou uma notícia do **Diário de Pernambuco**, edição de 14 de junho, que cada exemplar d'**O Aperta** vinha numerado, para efeito de sorteio pela Loteria Federal, dando direito a um par de aquarelas do desenhista Antônio Vera Cruz ao felizardo.

A SERPENTINA — **Delicioso elixir galhofeiro para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro** — Circulou em junho de 1902, formato de 17x11, com 100 páginas, e capa em papel **couché**, na qual figurou a seguinte “Fórmula”, ou seja, o conteúdo da revista: “Um punhado de sortes alegres; meia dúzia de caricaturas exóticas; um quilo de bons sonetos e contos; um molho de canções e monólogos; quatrocentos gramas de anedotas; um pingo de malícia e duas onças de espírito de superior quilate”. O diretor, **Fortunato Ventura**, assinou, também na capa, um soneto de apresentação, do qual vale transcrever a segunda quadra:

“Sanjuanescamente, **A Serpentina**  
Abre a porta a vedados paraísos,  
Queimando incensos, tilintando guisos,  
Na alacridade da pilhéria fina”.

Impressa na oficina d'**A Província**, a revista contou com a colaboração dos melhores humoristas da terra, tais como: **Gregório Júnior** (transcrição); **Dr. Cabeçudo** (Praxedes Lima);

**Leo** (Leonidas de Oliveira); **Pio Piparote** (Artur Benício de Araújo Lima) e **Yôyô Boêmio** (Domingos Magarinos de Sousa Leão). Terminou com a comédia em um ato "Amor e Polícia", de Ernesto de Paula Santos, que era o detentor do pseudônimo responsável pelo magazine (**Bib. Púb. Est.**).

**O PAPAGAIO — Periódico Crítico e Noticioso** — Começou a circular a 17 de agosto de 1902, formato de 26x18, com quatro páginas de três colunas, apresentando como redatores... "diversos". Entre estes, estava Graciliano Augusto. O escritório-redação foi instalado à rua Coronel Suassuna (hoje, rua Augusta) nº 26, sendo logo mais transferido, simplesmente, para o subúrbio de Areias. A assinatura mensal deu-se o preço de \$300, custando o número avulso \$100, a seguir reduzido para \$060.

Em curtíssima nota de apresentação, lia-se: "**O Papagaio** detesta as pimentas e, por isso, o seu programa é moral. É um órgão literário e um tanto humorístico".

Publicação irregular, a folha inseria crônicas leves, versos de boa verve, trepações, como as "Coisas com que eu embirro", por **Esperito**, e outras, além da seção "Modinhas brasileiras", sendo principais colaboradores **Diabo de Albuquerque**, **D. Rimini**, **Petit** e **Anzol**, este mantendo interessante folhetim, intitulado "O pé".

A partir do nº 7, de 11 de novembro (1), **O Papagaio** aumentou o formato para 33x22, ainda com três colunas, passando a dar oito páginas, a primeira das quais ilustrada, aparecendo sob o título — representado por um desenho simbólico da autoria de Benevenuto Teles — o novo corpo redacional, assim constituído: **Dr. Pitombo**, **Tenente Bico Doce**, **Mané do Arão**, **Major Pataca**, **Joca Arara** e **Professor Filó**. Assinatura trimestral — 1\$000 e 1\$500, respectivamente, "para o Interior" e "para o Exterior". A redação mudara-se para o "Ôco do mundo", sendo instalada uma Caixa de Correspondência na Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador nº 31.

Terminando o ano com o nº 9, de 26 de dezembro, iniciou-se 1903 com o nº 1, a 2 de janeiro, impresso em tinta de côr. Prosseguiu com boa matéria e novos colaboradores, em prosa e verso, entre os quais **Gil Minhoca**, **Donzelo Mor** (pseudônimo

---

(1) Lapso de data, pois a edição anterior circulara a 15 de novembro.

de Antônio Gomes Lopes), **C. P. C.**, **Xico**, **K. Pote & Cia.**, **Black**, **Dr. Anzol Agudo**, **Estafeta de Namorados**, **Professor João de Deus**, **Caturra**, **Papúlio**, **Lili**, **Petrônio Murta**, com a “Semana alegre”, crônica em versos; **Tutu Manhoso** (Sebastião Pinto Ribeiro), **Pechote**, **Ra-T-za**, **Dr. Filho Neto**, com os “Pérfis beberibenses”; **Bolimbalacho**, **Leumas** (anagrama de Samuel Campelo). **Dr. Maracujá de Gaveta**, **Perrucho**, **Selvagem Congestionado** (pseudônimo de João Cláudio Carneiro Campelo), **Antônio das Moças**, **K. Cho** — autoridade brejeira (pseudônimo de Manuel Lima), etc.

A publicação normalizara-se como semanário e o seu nº 7 (2) veio a apresentar como diretor espiritual **Chico Carnauba** (pseudônimo de Artur Benício de Araújo Lima) e como redatores **A. Lima**, **D. Soares** e **J. Carvalho**; mas, logo na edição seguinte voltava o corpo redacional anterior, ficando sem continuação o folhetim daquele **Carnauba**, intitulado “Mulheres!...”, indicado como “romance escandalosíssimo”, escrito especialmente para **O Papagaio**.

Após nova lacuna na circulação, encerrou-se a existência do órgão humorístico com o nº 12, de 30 de abril. Não lhe faltaram, em meio à verve, as frases de duplo sentido, as reportagens da “zona brejeira”, a ilustração tendenciosa. E terminou sendo “propriedade de uma Sociedade Anônima”, com o corpo redacional oculto (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O ARISTIDES** — “Folha neutra, consagrada à data natalícia de Aristides José de Oliveira”, cujo clichê dominou a primeira página, toda cercada de vinhetas, saiu no dia 31 de agosto de 1902, como “lembrança da família **Francelino Júnior**”. Trabalho gráfico do Panteon das Artes.

Constou, a poliantéia, de quatro páginas, formato de 37x25, em excelente papel, a segunda das quais ocupada pela biografia do aniversariante e as duas últimas de saudações, em prosa e verso, assinadas por amigos e admiradores (**Bib. Púb. Est.**).

**O CHACON** — Segundo informou o periódico **O Guarany**, na sua edição de 12 de outubro de 1904, antes da fundação da Sociedade Literária José de Alencar, ocorrida a 13 de setembro

---

(2) Em solenização ao Carnaval, a edição de 19 de fevereiro, que devia ser o nº 6, d'**O Papagaio** saiu com a denominação de **A Seringa** (Ver pág. ).

de 1902, José Alheiro Ferreira Dias fundara, com Aureliano Coutinho e Harry Herbert Dobbin, “um jornalzinho literário **O Chacon**, o qual anareceu no arrabalde de Casa Forte”.

O **RAIO** — Apareceu na “primeira quinzena de outubro” de 1902, formato de 32x22, a duas colunas largas de composição e oito páginas. Redação e gerência à rua da Palma nº 43. Preço do trimestre — \$600, aumentado para 1\$000 no segundo número. Sendo a direção literária de **Pio Piparote** (pseudônimo de Artur Benício de Araújo Lima), tinha como diretor artístico Eduardo Fonseca e gerente Carlos Russell.

Apresentou-se como “trocista, faceto, galo, entre **chuvas** humoradas e **trovões** de gargalhadas”, para divulgar: “Assuntos de toda classe, sonetos bons, contos, troças, chispas, nem finas nem grossas, conforme a questão em face, estudos novos, noções, **cobertores** de quentura, um punhado de gravuras sem ferinas alusões”. Concluiu: “Fuzile **O Raio**... Ríbombe o **trovão** da chocarrice. De pilhéria e de momice, haja, pois, uma hecatombe!...”

A primeira página constou de uma alegoria envolvendo o título e uma fotogravura de nu artístico: “O passarinho morto”. Outro nu, na segunda edição, de frente, trazia a legenda: “**Barbeiro fin du siècle**”.

Redigido em prosa e verso, mas bem redigido, era a matéria d'**O Raio** de caráter quase que exclusivamente fescenino, inclusive as outras ilustrações. A maior parte tinha a assinatura de **Pio Piparote** ou **Zamparino** (que eram o mesmo), sendo colaboradores **Lucas, Jack, O Empata, Solrac, Rui Vaz**, etc.

Não conseguiu o licencioso jornal ir além do nº 2, que circulou no dia 10 de outubro (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

A **TRIBUNA** — Circulou pela primeira vez no dia 18 de outubro de 1902, confeccionado na Imprensa Industrial, de Neri da Fonseca & Cia., à rua Bom Jesus ns. 34/36, formato de 44x31, a quatro colunas de 14 cíceros e quatro páginas. Redação à rua do Sossêgo nº 32. Assinava-se a 5\$000 anuais para a capital e 6\$000 para o exterior; semestre a 2\$500, acrescidos de \$500 para fora da capital, custando \$100 o número avulso.

Num tópico do longo editorial de apresentação, lia-se: “**A Tribuna** é um jornal hebdomadário, o que quer dizer que toda

semana, cada um dos seus redatores, moços e apaixonados, imergindo à seara intelectual, subirá para estas colunas com o produto, mais ou menos sadio, de suas locubrações. Mesmo assim, **A Tribuna** será um jornal noticioso, defenderá aqueles que estudam e tanto quanto possível, servirá de lealdoso incentivo às classes que vivem no eterno sonho do progresso e da paz. Estas colunas, porém, digamo-lo com franqueza, estarão sempre fechadas à impertinência dos nulos, ou surja ela flaflando nas asas da rima, ou venha coleando através da prosa barateada e chilra" (1)

Jornal bem redigido, apresentou-se repleto de notas e comentários redacionais, noticiário, versos de Bruno Barbosa e longa transcrição de Viriato Correia, sendo a quarta página de anúncios.

Motivos desconhecidos levaram-no, porém, a finar-se — depois de inserir colaboração de Cruz Gouveia, Misael Seixas e Euclides Dias — com o nº 3, datado de 7 de novembro (Arg. Púb. Est.).

**O LYRIO — Revista Mensal** — Surgiu a 5 de novembro de 1902, formato de 27x19, com 10 páginas, afora a capa, esta em papel assetinado de cor, ostentando artístico desenho em vinhetas, que envolvia, além do cabeçalho, o sumário e, ao lado, um soneto (o primeiro foi de Ana Nogueira), modalidade mantida enquanto viveu o interessante magazine. Corpo redacional: Amélia de Freitas Bevilaqua (redatora-chefe), Cândida Duarte de Barros (secretária), Edwiges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Belmira Vilarim, Adalgisa Duarte Ribeiro e Luisa Cintra Ramalho.

Abriu o texto da edição de estréia o artigo "Duas palavras", assinado por Alcibiades Lima e Cintra Lulz, assim terminado: "O nosso intuito, o que felizmente conseguimos, fora derruir os terríveis castelos onde se abrigava a modéstia de nossas patrícias e apresentar ao público mimosos rebentos de cérebros femininos, que têm a melodia divina de uma harpa eólea.

---

(1) Muito parecido esse fim de período com o conselho de Celso Vieira, inserto no **Correio Mercantil**, órgão diário, em sua edição de 8 de julho de 1901: "... só não abrigue a tolice, quer venha sacudindo as asas da estrofe, quer venha coleando através da prosa".

“O **Lyrio** surge; porém surge inebriado de olores mágicos, bafejado por uma atmosfera de estridentes aplausos, aplausos que partem do âmago do coração daqueles que desejam ver desfraldado o estandarte da democracia feminina.

“Amanhã, se ele, numa apoteose de bênção, penetrar no Capitólio científico da humanidade, conduzido triunfalmente pelos admiradores dos grandes feitos, entre lágrimas sorridentes diremos, apenas, fazendo parte desse cortejo mirífico — a mulher pernambucana assim fazia jus pelo seu talento”.

Seguiu-se o editorial de apresentação, do qual constavam os tópicos que se vão ler:

“Senhoritas gentis, entre o vosso minúsculo dedal, a vossa tesourinha de costura, vossas fitas e os vossos estudos, reservei um cantinho para **O Lyrio**. Abrigai-o em vosso seio, ele é inocente e puro como vossas almas diáfanas e amorosas. Não é político, não tem pretensões literárias, nem é valdoso”.

“Cavalheiros ilustres, não olheis de sobrelhas carregadas para esta florinha que desponta. Acolhe-la nas vossas secretárias, com a devoção benevolente que se tributa a um filho. Protegei-a, animai-a! Não a desencorajéis, porque ela é o símbolo da fé a verdade concentrada na alma da mulher brasileira, que é vossa mãe, vossa irmã e vossa esposa”.

A redação situava-se na rua do Lima nº 54, residência da redatora-secretária, custando 1\$000 o exemplar e 2\$000 a assinatura trimestral. O primeiro número foi confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje — do Apolo) ns. 49/51, saindo os demais da tipografia d'A **Província**, situada à rua do Imperador nº 19, com novo desenho de vinhetas na capa.

A publicação prosseguiu em 1903 e, no quarto número, de 1 de fevereiro, acrescentou-se ao corpo redacional o nome de Úrsula Garcia; no sexto, retirava-se Belmira Vilarim; no nono, a redatora-secretária, ausentando-se, era substituída pela poetisa Úrsula; no décimo, estabelecia-se, também, assinatura semestral, ao preço de 4\$000, e a correspondência passou a ser recebida na rua do Paissandu nº 3, ou pelo engenheiro Cintra Luiz, à rua Capitão Lima nº 58.

O nº 13/14, envolvendo os meses de novembro e dezembro, com vinte páginas, solenizou o primeiro aniversário da revista, incluindo várias notas de saudação do naipe feminino, pelo evento, a começar pela redatora-chefe Amélia de Freitas Bevilaqua (homenageada com clichê na primeira página), que rendeu, por sua vez, homenagem à “pessoa do ilustre sr. Cintra Luiz, seu proprietário e fundador”, lendo-se outras de Clóvis Bevilaqua, Artur Muniz, Carlos Porto Carreiro, Afonso Costa, Teotônio Freire, Santos Neto, Domício Rangel e Henriques Lima.

Continuou a publicação, regularmente, em 1904, até o mês de junho, quando circulou o nº 20. Suspensa, ainda apareceu em setembro o nº 21, reduzido o formato, com 10 páginas (1).

Salvante a exceção mencionada, a revista só divulgava colaboração feminina (2), nela figurando, afora as componentes do corpo redacional (ao qual se juntou, no nº 15, o nome de Luisa Laura de Almeida Cunha), produções, em prosa e verso, de Ana Nogueira Batista, Virgínia de Figueiredo, Cândida Ribeiro, Francisca Izidora, Maria de Oliveira Cavalcanti, Alice D. Barros, Rita de Cintra Costa, Lia Marinho Rêgo, Santina Potiguaré, Alice de Oliveira Cavalcanti, Maria Olindina Leal, etc., além das colaboradoras de outros Estados, a salientar: Inês Sabino e Emília Leitão (Bahia), Rosália Sandoval (pseudônimo de Rita de Abreu) (Alagoas), Olga Alencar e Francisca Clotildes (Ceará), Leodegária de Jesus (Goiás) e Mariana Luz (Maranhão).

Não deixou de ter **O Lyrio** ligeiro noticiário social, uma seção de passa-tempo, raros originais de músicas (3) e alguns anúncios nas páginas inferiores da capa. Os clichês publicados, de escritoras ou de vistas da cidade, eram confeccionados em Portugal e na Itália (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) No registo dos “Anais” figura o nº 20 como último publicado.

(2) Na seção “Sobre a nossa banca”, escreveu o noticiário d’**O Co-libri**, de Limoeiro, edição de 15 de novembro de 1903: “**O Lyrio**, um dos mais mimosos ramalhates que ornem a literatura brasileira...”.

(3) Ocupando uma página mais larga do que as outras, a edição de abril de 1903 estampou o clichê (“confiado ao hábil desenhista Pedro de Carvalho”) da composição musical “**O Lyrio**”, polca, para piano, de Raul Lins.

**REVISTA PERNAMBUCANA** — Publicação quinzenal, de literatura, deu à luz o primeiro número a 15 de novembro de 1902, formato de 32x22, com doze páginas, inclusive a capa, esta em papel de cor, bem trabalhada em vinhetas, nela figurando, além do título, os nomes dos redatores — Olímpio Fernandes e Getúlio do Amaral, o sumário e um soneto (estreado por Edwiges de Sá Pereira), prática que foi adotada até o nº 7. Confeccionada na Imprensa Industrial, à rua do Bom Jesus ns. 34 e 36, assinava-se a 10\$000 por ano, 5\$000 por semestre e 3\$000 por trimestre, custando o número avulso \$500. Redação à rua Cruz Cabugá (hoje, Duque de Caxias) nº 12, 1º andar.

O artigo de apresentação concluiu com o tópico a seguir: “Uma brilhante pleiade de espíritos, a mais numerosa e ilustre que jamais reuniu, entre nós, uma revista, prepara-se a afirmar, quinzenalmente, a vitalidade e o valor de Pernambuco na ordem do saber e do pensar. Resta, agora, ao público acudir a sustentar esta obra. Se o público se recusar, a **Revista Pernambucana** tem de desaparecer — ficando de novo a reinar, sobre tanta coisa que necessitava ser atendida e iluminada, a treva e a indiferença”.

Constou do expediente a lista dos colaboradores: Teotônio Freire, Clóvis Bevilaqua, Carlos Porto Carreiro, Artur Orlando, Augusto de Oliveira, Edwiges de Sá Pereira, Heliodoro Balbi, Ernesto de Paula Santos, Artur Bahia, Eugênio de Sá Pereira (também usou o pseudônimo **Paulo Mateus**), Domicio Rangel, Caitano de Andrade, Manuel Duarte, Mendes Martins, Júlio Barjona, Bruno Barbosa, José de Matos e Silva e Luiz Tavares de Lira.

Publicou-se a bem feita revista com regularidade, a princípio, aumentando, sucessivamente, o número de páginas do texto, só inserindo anúncios nas páginas internas da capa. Cada página de rosto era ilustrada com fotografia de personalidade ilustre, a saber, até o último número: Presidente Rodrigues Alves, Martins Júnior, Clóvis Bevilaqua, Baltazar Pereira, Antônio Sales, Barão do Rio Branco, Demóstenes de Olinda, Valentim Magalhães, Teotônio Freire, Major José Domingues Codeceira e França Pereira, seguida, na página imediata, da respectiva biografia. No número 5, de 15 de janeiro de 1903, criava-se uma seção de Esperanto, a “lingua internacional”, a cargo de Cintra Luís.



A partir do nº 7, datado de 28 de fevereiro, já com atraso, a **Revista** passou a publicar-se mensalmente, isto — dizia — para que fosse possível melhorá-la até ficar uma das melhores do Brasil. Mas era preciso, ao mesmo tempo, que os assinantes esquecidos dessem sinal de vida.

Fundidos em um só, saíram os ns. 8 e 9, com 40 páginas, correspondentes aos meses de março/abril. Modificada a capa, passou esta a apresentar sugestivo desenho de Benevenuto Teles, representado por uma mulher de livro aberto à mão, ficando o espaço, à direita, ocupado, em cada edição, até o fim, por clichê de personalidade, extinta ou não, a saber: José Plácido de Castro, capitão Joaquim Quintino Vilarim, José de Vasconcelos, Joaquim Vilela de Castro Tavares, Samuel Martins e Alba Valdez (nome adotado pela poetisa cearense Maria Rodrigues Peixe). Na página de rosto instituiu-se o sub-título — “Artes e Letras”, e foi admitido, como gerente, João Campelo (que durou pouco tempo), tendo-se transferido a redação para a rua Nova nº 60, 2º andar, e aumentado para 1\$000 o preço do exemplar.

Não obstante os bons propósitos da redação, a **Revista** não pôde mais regularizar sua circulação. Assim é que os ns. 10 e 11 foram dados a público, respectivamente, em julho e agosto; o nº 12 (Francisco Solano substituíra Olímpio Fernandes na direção) só apareceu em janeiro de 1904 (a página de rosto indicava: ns. 12 a 15 — dezembro de 1903); o nº 13, indicando na capa: mês de maio, trazia no texto: fevereiro; finalmente, o nº 14/15 apresentou-se datado de junho/julho de 1904.

Por algum tempo, o magazine manteve seções de Música e de Modas, esta a cargo das modistas Paula Lima e Georgina Lima; mais charadas, enigmas e logogrifos, além de se desenvolver a parte de ilustrações, com clichês dos colaboradores e de vistas do Recife.

A **Revista Pernambucana** divulgou, na realidade, a melhor literatura da época, em prosa e verso, incluindo, entre os colaboradores já mencionados, nomes como os de Mário Freire, Mateus de Albuquerque, José Júlio Virgiles de Sousa, Artur Muniz, Eduardo de Carvalho, Amélia de Freitas Bevilaqua, Fernando Griz, João Barreto de Meneses, Demóstenes de Olinda, Oswaldo Machado, Damasceno Vieira, **Rosália Sandoval** (pseudônimo da poetisa Rita Rosália de Abreu), Úrsula Garcia, J. B.

Regueira Costa, Eustórgio Vanderlei, Inês Sabino, Laiete Lemos, França Pereira, Augusto Lins e Silva (também com o pseudônimo **Aldo Nadir**), Júlio Pires, José de Barros Lima, Alfredo de Carvalho, Gervásio Fioravante, Isaac Cerquinho, Faelante da Câmara, **Pethion de Vilar** (pseudônimo de Egas Moniz Barreto de Aragão) e outros.

Desde o nº 7, a parte literária vinha impressa em papel **couché**, precedida de páginas em papel comum, também fechando o texto, numeradas com algarismos romanos e destinadas ao noticiário e pequenas biografias. A redação mudou-se novamente para a rua Larga do Rosário nº 36, 2º andar.

O nº 14/15 inseriu, na última página, a nota "Aos assinantes", segundo a qual se encerrava "o seu primeiro ano de existência", compreendendo "o período de novembro de 1902 a julho de 1904". Circulou ele com 40 páginas, só contendo literatura.

O total das edições atingiu 288 páginas, inclusive 44 em numeração romana. Não voltou a publicar-se a **Revista Pernambucana**, cujo último número foi impresso na oficina gráfica d'A **Província** (Arq. Púb. Est., **Bib. Púb. Est.** e **arquivo de José Crespo**).

**DOIS DE DEZEMBRO** — **Dedicado à interessante Maria das Dores e oferecido a seus carinhosos pais** — Poliantéia de 1902, entrou em circulação na data do título, formato de 18x12, com quatro páginas, impressa em papel **couché**. Foi organizada por J. Macedo, A. Gomes e J. Coelho, que assinaram saudações, em prosa e verso, em conjunto e individualmente, homenageando o "primeiro aniversário" (1) da filhinha do casal Tenente Antônio Salustiano de Lemos (**Arq. Púb. Est.**).

**O PIOLHO** — **Jornalesco** dirigido por Manuel Lima, circulou sem data, formato pequeníssimo de 11x9, com quatro páginas a duas colunitas de composição. Sem palavras de apresentação, inseriu matéria inexpressiva, pretensamente humorística, ocupando a última página dois anúncios, o segundo deles do **Atelier Guttenberg**, à rua Duque de Caxias nº 34, onde ocorreu o trabalho gráfico.

---

(1) No seu registo dos "Anais", Alfredo de Carvalho referiu-se à aniversariantezinha como sendo **Mlle**.

Duas outras edições saíram, respectivamente, nos dias 6 e 10 de dezembro de 1902, acrescido o formato para 18x12, anunciando o preço de 2\$000 por assinatura trimestral. Só divulgou "literatura" debochada, focalizando casos de depravação; versinhos de duplo sentido e péssima ilustração. Pseudônimos usados: **K. Melo, Curioso, Mangará, Me Leite**, etc. (Arq. Púb. Est.).

**GREMIO LITTERARIO VIRGINIO MARQUES** — Polian-téia de quatro páginas, em papel **couché**, no formato de 33x22, circulou no dia 6 de dezembro de 1902, ao ensejo do encerra-mento do ano letivo do Instituto Pernambucano. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial.

A primeira página, circulada de vinhetas, apresentou re-tratos (bico-de-pena de Eduardo Fonseca) dos professores Vir-gínio Marques e Cândido Duarte, respectivamente, fundador e diretor do mencionado estabelecimento de ensino, e, abaixo o hino do mesmo, letra de Manuel Duarte e música do professor Lourenço Tomaz da Silva.

Nas páginas restantes — todas igualmente circuladas e a composição em duas colunas largas — além do editorial expli-cativo, liam-se produções, em prosa e verso, de Francisco Duarte; dos professores Gaspar Vanderlei Loio, Pedro Celso e Ma-nuel Duarte, e dos colegiais Lafaete Correia, Tancredo Loio, João Marques de Queiroz Pinheiro e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O CHICOTE** — **Periódico Litero-Humorístico e Noticioso** — Entrou em circulação a 15 de dezembro de 1902, formato de 38x26, com quatro páginas de quatro colunas de composição a 15 cíceros. Propriedade de "uma Sociedade Anônima", apre-sentou o seguinte corpo redacional: **Pio Piparote** (pseudônimo de Arthur Benício de Araújo Lima), **Petronio Murta, Gil Mascote, K. Lungoso, Ja Maica, Ma Gomes, Jean Lameche e Zé Boêmio**, tendo escritório instalado na rua Duque de Caxias nº 34 com caixa de correspondência na Agência Jornalística Per-nambucana, à rua do Imperador, 31/33.

Lia-se no artigo-programa: "A aparição d' **O Chicote** não é um caso extemporâneo. Faz-se preciso um **Chicote**, como o pão para a boca e o pecado para o amor. Impunemente va-gueiam por aí, cabeça altiva e ademanos de fidalgo, celebérri-mos araras, carachués, coiós, fonas e pêemes, mercedores do azourrage e dignos de vara... **O Chicote** desenrolou-se para

eles... Estalejando no ar, desce para ferir bem de frente, sem dó, sem piedade, as carantonhas indecentes dos imorais e tristes DD. Juans que empestam a nossa Venesa, anônimos, incognitos..."

"Filho da Troça, também fará rir. Mordaz, vergastador, chanfalhão, este periódico publicará semanalmente um repostório de chacotas escolhidas a dedo, pilhérias novíssimas adubadas de pimenta e sal... mas mesmo muito sal..."

Ao alto das duas colunas do centro da primeira página, sob o título "Ao público", via-se o desenho (bico-de-pena de Eduardo Fonseca), em zincografia, de um indivíduo bem trajado, em meio a pincéis, penas e papel, com um chicote na mão esquerda, em posição de brandir, e o chapéu-cartola na direita, em saudação, tendo como legenda um soneto alexandrino, cuja quadra primeira é a que segue:

"Em nome d'O Chicote, o rei dos brincalhões,  
leitores em geral, amáveis e gentis,  
deponho aos vossos pés as minhas saudações,  
em bela curva, ao chic de Paris".

Com bastante matéria tipográfica e poucas ilustrações, saíentavam-se as seções "Semana a chicote", em versos, de **Petrônio Murta**; "Notas avulsas"; "Chicoteando"; "Datas célebres"; "Pelo buraco"; "Bilhetinho semanal"; "Perguntas incógnitas", etc.

No segundo número iniciava-se o folhetim "Uma comédia em ensaios", original de **Pio Piparote**. Foram outros colaboradores: **Abel Pirapama**, **Puritano**, **Lulu Moreno**, **Rabelais Júnior** e tantos mais, que iam aparecendo, revezando-se e substituindo-se, a saber: **Talião**, **Renato**, **Donzelo Mor** (pseudônimo de Antônio Lopes), **Pragamyó**, **J. Papagaio**, **Leão Caciporé**, **Buzumum**, **Remington K. Bral** e **Chico Venusco**, afora a produção propriamente dos redatores, sendo mais comum a poesia, de boa qualidade, de **Pio Piparote**. Além do humorismo, da sátira e da crítica de costumes, não faltaram a licenciosidade, a frase de duplo sentido, assim como a ilustração debochada.

O nº 4, de 5 de janeiro, iniciando o ano II (1903), dividiu, excepcionalmente, as duas páginas do centro em quatro reduzidas, no sentido vertical (formando o "jornal de troças" **O**

**Carroussel**, saído “das entranhas maternas d’O **Chicote**”. Matéria idêntica, os mesmos colaboradores.

A seguir, o suplemento mencionado — ns. 2 e 3 — constituiu-se de duas páginas normais, vinculadas aos ns. 5 e 6 do semanário, que passara a ter oito páginas, no formato de 32x23.

Mas **O Chicote** ficou suspenso após o nº 8, de 2 de fevereiro, para reaparecer a 28 de abril, conservando inalterável o programa chistoso-satirico-licencioso. E prosseguiu até o nº 14, de 8 de junho, quando findou sua primeira existência.

Reapareceu **O Chicote** mais de três anos decorridos, com o nº 1, ano V, datado de 16 de outubro de 1906, como semanário “joco-sério”, “propriedade de uma Associação”, tendo como diretor **Mário Latão**; redatores — **Tota das Moças**, **Serezarp** e **Sancho Martins**. Assinaturas a 10\$000 por ano e 5\$000 por semestre. Manteve o último formato adotado, com oito páginas, a primeira das quais, no reinício, ocupada pelo mesmo clichê do homem do chicote, servido de legenda também em versos, cuja primeira quadra dizia:

“Elegante e gentil, cheio de graça e chiste,  
**O Chicote** aparece outra vez para o povo;  
 Vem mais endiabrado, insinuante e novo,  
 Pronto a chicotear qualquer Figura Triste”.

No segundo número o famoso tipógrafo **Júlio Hancem** iniciava, em meio à matéria endiabrada do periódico, a publicação, em rodapé, de sua novela “O suicida”, inexplicavelmente suspensa na nona inserção. Além disso, permaneceu uma página de sonetos líricos, colaborada por **Monte Sobrinho**, **Euzínio de Almeida**, **Frederico Codeceira**, **Dr. Piff Paff** (**José Figueiredo**), **Gil Gregório** e **Seaman**. Mas o forte, mesmo, eram as seções cômicas, tais como: “Teatro d’O **Chicote**”; “Serviço policial d’O **Chicote**”; “Fatos da atualidade”, por **Serezarp**; “Semana d’O **Chicote**”, por **Krichna**; “Chicotadas”; “Cipoadas”, por **Zózimo de Avelar**; “Pelo binóculo”; “Pelo brejo”; “Cavações...”, por **Camilo Trapalhada**; “Praça da Independência”, por **Carlito** e, depois, **Viremont**, e outras, em que eram comuns as reportagens de escândalos amorosos, surgindo sempre novos pseudônimos, inclusive **Lulu Regadas**; (**Severo de Barros**), com “Chicotadas da semana”, e **Chico Lapa**, com a “Secretaria d’O **Chicote**”.

Tendo circulado onze edições até 29 de dezembro, iniciou numeração nova a 8 de janeiro de 1907, para continuar, com algumas lacunas, até o nº 14, de 21 de maio, que foi o último publicado.

A direção d'**O Chicote** vinha sofrendo várias alterações, terminando em poder de **Juvenal**, o mesmo acontecendo com o corpo redacional, do qual vieram a participar **Pepino Penaforte** e **Zózimo d'Avelar** e, depois, **Vulcano** (outro pseudônimo de Severo de Barros) e **Merino**, sem figurar nenhum redator nos últimos quatro números. Não faltaram ilustrações fesceninas, inclusive devidas ao bico-de-pena de **Benevenuto Teles**. (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (1).

## 1903

**O LOBISHOMEM — Semanário Esculhambativo** — Saiu a lume no dia 20 de janeiro de 1903, formato de 27x19, com quatro páginas.

Era, segundo declarou, “mais um papa-tostão”, que apreciava, disposto “a viver muito”, acrescentando: “Esculhambar, trocar, rir até quebrar os botões da ceroula, e descascar muita pouca vergonha, sem distinção de classe — é este o seu programa”.

A edição encheu-se de “pensamentos”, em poucas linhas, utilizando pseudônimos tomados de outros jornais humorísticos, em regime de pastiche, e ligeiras pasquinadas.

Não passou do primeiro número (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**A SERINGA** — Edição carnavalesca do periódico **O Papagaio**, circulou a 19 de fevereiro de 1903, formato de 37x26, com oito páginas, formando uma só, ligadas entre si, as quatro do centro, constituídas de uma litogravura, a cores, de crítica social e de costumes. As quatro restantes, a primeira circulada de vinhetas divulgaram diferentes produções, raramente em prosa, de **Gil Minhoca**, **Bolimbalacho**, **Petrônio Murta**, **Farrusco**, **K. Bocio**, **Donzelo Mor** (pseudônimo de Antônio Gomes Lo-

---

(1) Os poucos comprovantes da Biblioteca Pública do Estado completam a coleção do Arquivo Público Estadual.

pes), etc., em que a sátira e o humor predominavam, sem excluir as frases de duplo sentido (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A COBRA — Revista Ilustrada e Humorística** — Entrou em circulação a 21 de fevereiro de 1903, formato de 36x25, com oito páginas de três colunas. Direção de **Juca Palheta** (pseudônimo de Antônio I. Borges) (1) funcionando a redação na rua Direita nº 132, 1º andar. Tabela de assinaturas: semestre — 4\$000 (6\$000 para o interior); trimestre — 2\$000; número avulso 100 réis.

Lia-se, no artigo-programa: “Tem o leitor entre as mãos **A Cobra**, macia e delicada, bela e inofensiva, sem distilar o veneno da pornografia e, antes pelo contrário, aconselhando a moralidade, tão indispensável para a ventura da existência. Não é um jornal **nova seita**, redigido pelo senhor Salomão Ginsburg e chelo de tolices e versos quebrados, não senhor; é um jornal humorístico, mas decente, sem falar em coisas feias, sem se preocupar seriamente com assuntos pesados e graves. Sai pela primeira vez à rua na véspera de Carnaval, quando os festejos ao deus Momo nos enchem a alma de uma satisfação enorme, predispondo-nos à luta pela vida. E continuará circulando por aí afora, Deus louvado, insinuando-se por todos os cantos, metendo-se mesmo onde não for chamada, não para dar dentadas mortais, mas afim de expor aos olhos dos leitores o que encontrar de bom e de ruim”.

“Mas, **A Cobra** não tem programa definido; ajuizada e séria, faz aquilo que entende, o que acha bom fazer; não se escraviza à idéia nem a coisa nenhuma. Em política é o que ainda ninguém conseguiu ser: independente; por isso, quando tiver de se externar a respeito de qualquer assunto político, falo-á de cabeça levantada. Recebam todos, pois, **A Cobra**; um jornal humorístico, dessa espécie, é um bem para a sociedade onde a corrupção lavra, intensamente, nas casas de jogo e nas casas de recurso, nos lares e nas ruas”.

Com as páginas externas ocupadas unicamente por desenhos, com legendas em versos, as internas também apresentaram lisonjeiro serviço de ilustrações, a cargo de Benevenuto Teles e Euclides Fonseca, a par de vasto sumário de matéria

---

(1) Na relação dos “Anais”, Alfredo de Carvalho atribuiu a direção e propriedade d’**A Cobra** a Domício Rangel, o que não exprime a realidade.

dosada de fino humor casado a maliciosa sátira, através de crônicas, poemets, notas ligeiras e quadras soltas, de **Pio Piparote e Zamparino** (pseudônimos, ambos, de Artur Benício de Araújo Lima); **Juca Palheta, Frei Meireles, Maia Maravilhoso, Pragamyo, Dr. Tesoura, Major Pataca**, etc.

Encerrou a edição de estréia a nota a seguir: “Um aviso importante — **A Cobra** sai à rua e ficará saindo com licença do dr. chefe de policia. A digna autoridade esteve com ela entre as mãos, mirou-a de um lado e de outro, deliciou-se com a sua leitura e deu, muito satisfeito, o seu **placet**. Porque **A Cobra** não é um jornal indecente, não tem pornografia; pode entrar em qualquer casa de família e todos devem lê-la”.

Seguiu-se a publicação semanalmente, obedecendo ao programa estabelecido. **Caboclo Mororó** iniciou a interessante crônica em versos “A Semana”. Apareceram a “Correspondência”, as “Receitas d’A Cobra”, o “Teatro d’A Cobra”, etc.

A partir do nº 3, “propriedade d’uma sociedade”, o periódico exibiu, junto ao diretor, o seguinte corpo redacional: **Caboclo Mororó, Pio Piparote, Manrico, Dr. Tesoura e Madalena**; secretário — **Garnopante**; encarregado da parte artística — **Cifalho**.

Atingido o número 13, **A Cobra**, passou a ter doze páginas, inclusive quatro da capa, em **couché**, trabalhada a primeira em vinhetas, tendo ao centro os dizeres do cabeçalho, e as restantes repletas de reclamos comerciais. Enquanto isto, o título da página de rosto apresentou-se desenhado artisticamente, tendo como motivo uma cobra em atitude de ataque. Ao lado do diretor ficou, apenas, o nome do secretário.

Foram outros colaboradores: **Selvagem Congestionado** (como se escondia João Cláudio Carneiro Campelo); **Léo** ou **João Ninguém** (pseudônimos de Leônidas de Oliveira), com a “Crônica”, em versos; **Chilonito, Arnold, Zeguedegue, Donzelo-Mor** (Antônio Gomes Lopes), **Gil Minhoca, Memé e Claudio Gil**. Não faltou boa seção de charadas, sob o título “Recreio d’A Cobra”, organizada pelo **Dr. H. Xado**. A parte gráfica esteve a cargo da **oficia d’A Província**, à rua do Imperador nº 19, até o nº 12, e da Agência Jornalística, de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador nº 33.



O último número pesquisado foi o 17, de 14 de agosto, (**Bib. Púb. Est.**) (2).

**O BOTÃO DO LYRIO** — Jornalzinho de orientação feminina, apareceu no dia 21 de fevereiro de 1903, formato de 13½x11, com quatro páginas de duas colunas, tendo a redação instalada à rua do Lima nº 54. Gracioso trabalho gráfico, em papel **couché**, de J. B. Edelbrock, à rua Marquês de Olinda nº 4. Redatora-chefe — Amélia de Freitas Bevilaqua; secretária — Cândida de Barros; tesoureira — Luisa Ramalho; redadoras — Maria Augusta Freire, Edwiges de Sá Pereira, Belmira Vilarim e Úrsula Garcia (1).

Apresentou-se às leitoras com o conciso artigo "Petit lis", assinado pela redatora-chefe, seguindo-se ligeiras produções, em prosa e verso, das outras redadoras (faltando, naturalmente, espaço para acolher o excessivo número de colaboradoras constante do Expediente). Findou a edição com duas notícias sociais de quatro linhas e outras tantas ocupadas com duas charadas.

Apesar de dizer-se mensal, o segundo número (e último) só circulou a 5 de novembro (2), nele colaborando, entre outras escritoras, F. Clotildes, Santina Potiguaré, Rita Cintra Costa e Elisa de Almeida Cunha (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O REMO** — Órgão do Clube Carnavalesco dos Remadores — Número único, circulou a 22 de fevereiro de 1903, (1), em pequeno formato, divulgando matéria alusiva ao tríduo de Momo ("Anais").

**ARCHIVO DE JURISPRUDENCIA** — Revista Mensal de Legislação, Prática e Doutrina — o nº 1, ano I, apareceu em março de 1903, formato de 22x13, em coluna larga de composição, com 96 páginas de papel assetinado, afora a capa. Publicado sob a direção dos bacharéis Hermilo de Melo Ribeiro, J. J. Albuquerque Xavier, J. F. Barros Almeida e Melo Cahu, funcionou o escritório da redação na rua Primeiro de Março nº 12, 1º

---

(2) Coleção incompleta.

(1) O mesmo corpo redacional d'O Lyrio, a que O Botão era filiado.

(2) No registo dos "Anais", escreveu Alfredo de Carvalho que, após o primeiro número, continuara a publicação no Rio de Janeiro...

(1) O nº 2 d'O Remo saiu em 1904, datado de Olinda.

andar. Trabalho material da oficina gráfica de Lins Vieira & Cia., à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) nº 43.

O artigo de abertura, que abrangeu sete páginas, assinado **A Redação**, ocupou-se da implantação da República, da forma federativa; da “construção republicana” em face dos hábitos e dos vícios herdados da Monarquia; dos “poderes políticos” em comparação com outros países e do “aparato judiciário”.

“Felizmente — concluiu — uma reação salutar ganha todos os dias terreno nas lições dos mestres, nos livros dos juristas, na sentença dos tribunais, no próprio seio do governo. Enquanto, porém, ela não consegue vencer em toda a linha, os magistrados, os advogados, os juristas práticos veem-se confundidos nesta babel em que, a duas horas de viagem, fala-se uma língua jurídica diferente. Obrigados a consultarem leis, regulamentos, decisões, arestos dos tribunais, felizes se consideram quando conseguem encontrá-los.

“Para remediar, na medida de nossas forças, a esse inconveniente, pensamos em publicar esta revista, onde iremos consignando todos os poderes executivos e legislativos dos Estados e onde faremos o registro dos arestos dos tribunais do país, não nos poupando nenhum esforço para que a nossa revista bem mereça dos que versam as letras jurídicas”.

A parte doutrinal abriu com trabalho de Clóvis Bevilacqua, seguindo-se colaboração do Dr. Ferrer. Outras divisões de matéria: Jurisprudência Federal e dos Estados; Jurisprudência Criminal; Legislação; Crônica e Bibliografia.

Variando a quantidade de páginas, seguiu a publicação sua meta, obediente ao ritmo inicial. E transpôs o ano, prolongando-se-lhe a existência até o nº 20, de outubro de 1904.

A colaboração, além daqueles nomes mencionados, esteve a cargo de Adolfo Cirne, Henrique Milet, Meira de Vasconcelos, Altino de Araújo, Olinda Cavalcanti, Joaquim Tavares, Osvaldo Machado, Lisboa Coutinho, Carlos Vaz, Oliveira Fonseca, Fonseca Galvão, J. de Souza Spinola, Plínio Alvim, Araújo Jorge, E. da Gama Cerqueira, Paulino Nogueira, Euclides Bevilacqua, Sabino do Monte, Henrique Valga e Fleury Curado. Em meio do caminho, a revista perdeu um dos seus redatores — Hermilo Ribeiro, falecido em setembro de 1903.

A coleção do **Arquivo de Jurisprudência** consta de cinco tomos, cada um dos quais contendo quatro edições, num total de 1744 páginas. A partir do tomo II o serviço gráfico foi executado pela Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51 (**Bib. Púb. Est., Bib. Fac. Dir. U.F.Pe. e Bib. Gab. Port. de Leitura**).

**A PISTOLA — Livro de Sortes** — “Bem organizado, espi-rituoso, prestando-se muito bem aos folgares a que se destina”, foi o primeiro da série a entrar em circulação, bastante antecipado das festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Redatores — **Zé Pistolão e Juca Travesso (Jornal Pequeno, 8/5/1903)**.

**O QUENGO** — Surgiu esse órgão de literatura licenciosa a 8 de maio de 1903, propriedade “de uma Sociedade Anônima”, formato de 32x23, com quatro páginas. Dizia-se “puramente humorístico e satírico, para “desmascarar meia dúzia de burgueses”, refinados quengos *fin du siècle*”. Não tinha programa, pois pretendia exhibir-se apenas uma vez, não respeitando “posição nem qualidade”.

Prosa, verso e ilustrações, estas assinadas por **Venu** (criptônimo de Benevenuto Teles), toda a ligeira matéria teve a qualidade inerente aos pasquins então em voga (**Bib. Púb. e Arq. Púb. Est.**).

**LUMEN — Órgão da Sociedade Literária 19 de Abril, do Instituto 19 de Abril** — Entrou em circulação a 12 de maio de 1903, formato de 35x25, com quatro páginas a três colunas de composição. Assinaturas: trimestre — 1\$500; mês — \$500. Impressão do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, 18/22, e redação à rua do Hospício nº 53, sede do estabelecimento de ensino do professor Carlos Porto Carreiro, orientador da publicação.

O editorial de estréia, sob o título “Abre-te, Sesamo!”, apresentou o jornal como “uma resultante de várias forças em concorrência, partidas todas de alguns cérebros”, que principiavam a “lenta elaboração científica”. “Poesia, descrição, narração, conto, oratória ingênua e entusiástica — eis o produto desses espíritos de moços, ainda esvoaçantes”.

Circulando mensalmente, inseriu produções, em prosa e verso, assinadas pelos colegas José Otávio de A. Lessa, Rômulo A. Prazeres, Artur Leal, Manuel Pinto Moreira, Júlio

Porto Carreiro, Adolfo Ramires, Alvaro Ramos Leal, Carlos Teixeira Lopes, Antônio Pereira de Carvalho, Antônio Luiz Santos, Teofredo Lopes de Siqueira, Raimundo Seixas e Otto Linch.

„De vida efêmera, só circulou até o nº 4, de 18 de agosto (Arq. Púb. Est.).

O **JACARÉ** — **Livro de Sortes** — Redigido por **Fortunato Ventura** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos), foi posto em circulação, “em linguagem decente”, para percorrer os salões familiares nas noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro (**Jornal Pequeno**, 15/5/1903).

O **PANDEGO** — **Epopéia Sanjuanesca** — Foi organizado pelo **General Pandeiro** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro) e impresso na oficina d’**A Província**, com 112 páginas, contendo “Extensa coleção de sortes novas sobre assuntos palpitantes, contos, sonetos, pensamentos, monólogos e canções, telegrafia dos namorados por meio do leque, anedotas, seção instrutiva, a comédia francesa “Duelo a cotovias”, oráculo das flores, etc.” (**Jornal Pequeno**, 16/5/1903).

O **PANDO** -- **Livro de Sortes** — Saiu a lume sob a responsabilidade de “hábil humorista” oculto sob o pseudônimo de **Zumba das Moças**. Afora a matéria específica, contaram-se 40 páginas de literatura e “duas chistosas canções do acadêmico Isaac Cerquinho” (**Jornal Pequeno**, 19/5/1903).

A **PYTHONISA** — “É o título de um excelente produto da literatura sanjuanesca”, aparecido a 26 de maio de 1903, segundo noticiou o **Jornal Pequeno**; “... um livro de truz, em cujas 112 páginas os amantes dos folgares do popular mês de junho poderão encontrar ampla messe para resfolêgo do espírito e alimento da troça”. Foi organizado pelo humorista **Aristófanes** e vendido a 1\$000 o exemplar.

O **CORISCO** — **Jornal Lítero-Humorístico e Noticioso** — Publicou-se no dia 26 de maio de 1903, formato 32x22, com quatro páginas, ilustrado com algumas **charges**, inclusive, na primeira, a intitulada “Marido exemplar”, de esplêndida sátira. Inseriu matéria variada, colhida nos bordéis da literatura livre.

Não passou da edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

O **MENSAGEIRO** — **Órgão da Igreja Evangélica Pernambucana. Propagador das Verdades Evangélicas** — Começou a

circular em junho de 1903, formato de 23x16, com quatro páginas, a duas colunas de 15 cíceros. Publicação mensal, para ser vendido o exemplar a 100 réis, tinha como redator-chefe Alexander Telfor; redator-secretário — Pedro Campelo; redator-gerente — Ulisses de Melo.

Fundou-se com o objetivo de “levar aos pecadores a mensagem de salvação manifestada na Bíblia”. Aparecia justamente no “momento em que se desenrola, no cenário religioso pernambucano, tremenda luta da mentira contra a verdade, das trevas contra a luz e de Satanaz contra Cristo”.

Concluiu o editorial de apresentação solicitando o concurso material dos “irmãos”, para que **O Mensageiro** tivesse vida longa.

A par de poesia e artigo assinados pelo gerente e pelo secretário, a folha divulgou extenso noticiário sob o título “Movimento de nossas igrejas” e outras informações ligeiras. (**Bib. Púb. Est.**).

Não foi possível encontrar outros comprovantes. Entretanto, a publicação prosseguiu, circulando no mês de novembro o nº 3. Terminou com o nº 6, registado pelo **Diário de Pernambuco** de 26 de janeiro de 1904.

**O TROVÃO** — Propriedade “de uma Sociedade Anônima”, deu à publicidade sua primeira edição a 1º de junho de 1903, formato de 37x26, com quatro páginas e o clichê do título em fundo negro, assimétrico, com letras brancas disformes. Impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, 18/22, tinha redação à rua Duque de Caxias nº 37.

Apresentou-se com uma **charge** na primeira página e legenda em versos de duplo sentido, abrindo o texto, na segunda, o editorial “Rompendo as núvens”, no qual dizia, em resumo: Com seu **ribombar**, de oito em oito dias, deixaria metade da população alarmada; teria a “propriedade de subir e descer, de conformidade com o estado atmosférico” do lugar onde se fizesse ouvir. “Os fracos e humildes serão respeitados; a religião, a política e o sagrado lar doméstico são arcanos invioláveis”. Custava 100 réis o exemplar e 2\$000 a assinatura trimestral.

Seguiu-se matéria chistosa, em prosa e verso, descambando para a licenciosidade. Terminou com o início, em rodapé, da comédia em um ato, de **Perrucho**: “O caçador de borboletas”

Tendo advertido: “Prá semana, e aos raios dardejantes do sol, ele **trovejará** furiosamente, deixando, no rastro da sua passagem, destropos inumeráveis”, circulou, realmente, no dia 8; mas foi o fim.

Foram outros colaboradores do chistoso órgão: **Bolinbalacho**, **O Caixaero**, **Máximus** (pseudônimo de Felisberto dos Santos Pereira), **Tonerre**, **Shakespeare**, **Leumas** (Samuel Campelo), **Bandarra**, etc. (Arq. Púb. Est.).

**O AGRICULTOR PRATICO — Dedicado à Classe Agrícola de Pernambuco** — Circulou pela primeira vez no dia 1 de junho de 1903, formato de 32x22, com oito páginas, a duas colunas de 18 cíceros. Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51, estabeleceu escritório redacional à Avenida Rosa e Silva nº 61. Publicação quinzenal, assinava-se a 10\$000 por ano. Redator principal: Inácio de Barros Barreto; outros redatores: Luiz Correia de Brito, Davino Pontual, Barão de Suassuna, José M. Fiuzza, Manuel A. dos Santos Dias Filho, José Rufino Bezerra Cavalcanti e Francisco Antônio de Souza Leão, depois substituído por G. Pereira Lima.

No artigo de apresentação do “modesto vulgarizador de Idéias e notícias práticas sobre a Agricultura”, o primeiro redator, ocupando duas e meia páginas, teceu longas considerações sobre peculiaridades, princípios e diversidades da lavoura; condições econômicas e climáticas, cultura da cana e características gerais do campo, concluindo:

“**O Agricultor Pratico** não é um jornal oficial nem subvencionado pelo governo. Não é órgão desta ou daquela associação agrícola, deste ou daquele grupo. Não tem exclusivismos de sistema e nem se filia a escolas. Resultante do esforço de uma pleiade de agricultores que pensam cumprir um dever cívico consagrando alguns momentos de sua vida à disseminação de Idéias úteis à agricultura de Pernambuco, um grande espírito de liberdade e progresso o anima, obedece a um largo sentimento de solidariedade humana, acreditando que do concurso de todos depende o engrandecimento da pátria. É um jor-

nal livre. Tais os nossos intuitos, felizes se pudermos viver e algo conseguir de nosso **desideratum**".

Além de artigos assinados pelos redatores, a edição de estória inseriu "Legislação" e "Notas e Notícias".

O quinzenário circulou normalmente, obedecendo ao programa enunciado, para encerrar o ano com o nº 14, de 15 de dezembro, tendo antes dedicado a primeira página da edição de 1 de outubro ao falecimento de um dos seus redatores: o agricultor canavieiro Francisco Antônio de Sousa Leão.

Iniciou o ano de 1904 o nº 1, ano II, de 1 de janeiro, circulando 24 edições até 15 de dezembro, para continuar a 1 de janeiro de 1905, com outro nº 1, ano III, publicando-se até o nº 16, datado de 15 de setembro. As edições, sempre de oito páginas, eram acompanhadas de um suplemento de quatro, estas somente de anúncios.

Tendo ficado suspenso, **O Agricultor Prático** reapareceu — nº 1, ano IV — a 15 de março de 1906. Voltava, conforme acentuou, depois de uma "interrupção havida por motivos superiores", mas obediente "aos mesmos intuitos e à mesma orientação". Avistados comprovantes até o nº 4, de 1 de junho, cujas oito páginas incluíram três de reclamos comerciais.

O magazine manteve sempre bem informada e orientada a classe agrícola. Nele colaboraram, além das produções dos redatores, Abel Peretti de Moura, Enéas de C. S. Brandão, Alfred Watts, José Teófilo Carneiro de Albuquerque e raros outros. Do princípio ao fim, o principal artigo de cada edição era assinado por I. Barros (Inácio de Barros Barreto) (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (1).

Ainda chegou a publicar-se o nº 5, que foi o último, registrado pelo **Diário de Pernambuco** de 7 de agosto de 1906.

**O GUARANY — Órgão da Sociedade Literária José de Alencar** — Entrou em circulação a 1º de junho de 1903, formato 27x19, com quatro páginas de três colunas, impresso no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias nº 37, utilizando papel couché. Assinava-se a 1\$000 trimestrais, tendo redação instalada

---

(1) Coleções desfalcadas.

à rua do Comércio nº 18, 1º andar. Redatores: Sinfrônio Coutinho, Paulo Guedes Pereira, Joaquim de Gois Cavalcanti e, a partir do nº 2, Harry Herbert Dobbin.

Vinha o periódico, segundo o artigo de apresentação, batalhar em “prol de uma idéia santa, como seja o levantamento e o cultivo de muitas inteligências que se acham em embrião”. Alguns membros do sodalício assinaram notas de saudação e congratulações pelo aparecimento do jornal.

Seguiu-se normalmente a existência d’O **Guarany**, publicado no dia 1 de cada mês, ocorrendo uma edição extraordinária a 13 de setembro, data do primeiro aniversário da Sociedade. De feição exclusivamente literária, enchia as suas páginas de contos, crônicas e sonetos ou poematos do pessoal da redação, variando com ligeiras biografias de personalidades, cujo retrato figurava, como homenagem, na primeira página de algumas edições, a saber: Papa Leão XIII, Martins Júnior, José de Alencar, Júlio de Castilhos, etc. Teve mais a colaboração de Edmundo de Oliveira, Alvaro da Silva Ferreira, Domingos Viera, José de Gois Cavalcanti, Joaquim G. Correia de Andrade, Miguel Magalhães, Olímpio Alves da Silva, José Alheiro Dias, José Batalha, Antônio C. de Arruda, Pedro Borges da Fonseca, Catulo Matos, etc.

O corpo redacional achava-se, em outubro de 1904, acrescido dos nomes de José de Gois Cavalcanti e Jorge Lima. Após a edição do mês seguinte (dedicada à Proclamação da República — clichê de Benjamin Constant), estava à vista o ocaso do periódico. Assim é que só reapareceu a 25 de fevereiro de 1905 e, transcorrido mais longo interregno, circulou o nº 18 no dia 1 de outubro, para não voltar jamais (**Arq. Púb. Est.**).

O **QUENGO** — Entrou em circulação para ocorrer “às folias sanjoanescas”, editado pela Tipografia Boulitreau. Constituía a sua matéria “uma infinidade de sortes engraçadas, subordinadas a vários assuntos, escritas em linguagem moderada” (**Jornal do Recife**, 4/6/1903).

O **BACURAO** — O **Terror da Noite** — Periódico humorístico e noticioso, dirigido por **Frei Bacurao**, surgiu no dia 4 de junho de 1903, formato de 32x21, com quatro páginas a três colunas de composição. Assinava-se a 2\$500 ou 3\$000 semestrais, respectivamente, para dentro e fora da capital.



Dizia-se "...bicho esculhambador de todas as poucas-vergonhas do mundo", sem programa, nem partido, nem afilhados... "Fala de tudo e de todos, conforme o que vir e o que souber". E advertia: "Tremam os coiós de todas as classes, tremam as **estrelas**"; "tremam os velhos acionistas dos bancos dos jardins públicos, trema o clero, trema a polícia, trema o povo, trema a Nação, trema o bispo, trema Celestino, trema Salomão e toda a raça existente e por existir...".

Cada edição abria com um quadro de coluna — "Os santos do Bacurao", em caráter chistoso. E, como prometia a redação, o jornal ocupava-se, em prosa e verso, de assuntos escandalosos, tendo como colaboradores **Dorminhoco**, **Aberto Diavolo**, **Dr. Atrasa**, Milton de Azevedo, **Balabrega**, **Pernet**, etc. Viam-se raras ilustrações.

As reportagens escabrosas deram lugar a duas agressões a um dos redatores cuja identidade foi impossível apurar.

Não pôde prosseguir a existência d'**O Bacurao**, cujo último número, o quarto, circulou a 23 de junho (**Arq. Púb. Est.**) (1).

**O DIABO — Periódico Humorístico. Órgão do Clube Carnavalesco Conspiradores Infernais** — Entrou em circulação a 5 de junho de 1903, formato de 42x29, com três colunas largas de composição e quatro páginas. Vendia-se "em pregão, pelas ruas e praças. Número avulso: um níquel de tostão". Constava do Expediente, assinado por **Asmodeu**, o redator-chefe: "**O Diabo** não tem dia certo para sair à rua; dará seus passeios todas as vezes que lhe der na cabeça. Não toma assinaturas, porque é inimigo de compromissos. Na Agência Jornalística, à rua 15 de Novembro nº 31, tem **O Diabo** a sua **caixa infernal**, onde deve ser colocada toda a correspondência. **O Diabo** não aceita artigos referentes às mulheres mundanas, ou que atassalhem a reputação de qualquer indivíduo. Dos trabalhos não publicados não se devolverão os autógrafos, que serão arquivados no caixão do lixo e incinerados nas fornalhas infernais". O clichê do título representava alguns diabos de grandes asas intrometidos nas letras, em sugestivo desenho.

Sob o título "Mão de entrada", declarava surgir o periódico "maquiavélico e mais que infernal, não levantando telhados

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só é encontrável, entre os avulsos, o nº 2 d'**O Bacurao**.

(como o Asmodeu de Le Sage) nem desvendando segredos, mas fazendo rir o bípede implume a quem o vulgo chama homem". E mais: "Lépido, saltitante e alegre, cauda dentro das calças e cornos ocultos pelo penteado, ei-lo curvado no mais gracioso dos cumprimentos, saudando aos que passam, apertando a mão de uns, abraçando e beijando outros; enfim, dando-se com todos porque conhece todo o mundo". "Além disto, é carnavalesco, adora Momo, o Deus da folia e da patuscada".

**O Diabo** teve também sua parte de comentários sérios sobre acontecimentos sociais. A colaboração humorística era bem redigida e geralmente sadia, assinando-a, em prosa e verso, além de **Asmodeu**, os pseudônimos de **Rhadamantho**, **Mefistófeles**, **Juca Diabrete**, **Pé de Pato**, **Demo de Moraes** (como se ocultava José Monteiro), **Lusbel**, **Aristófanés**, **Cérbero**, **Figaro**, **Juca**, **Urubu Malandro**, **Zé Antônio** e **Luciano Diabinho**.

Embora anunciasse novidades para a edição seguinte, a folha, cujo nº 2 só circulou a 13 de julho, publicou o 3º e último no dia 31, não voltando mais à tona (**Arq. Púb. Est.**).

**O FUSO** — "Espirituoso" livro de sortes, circulou sob a direção dos irmãos **Aleixo Teixo de Oliveira Queixo** e **Alacho Tacho de Oliveira Cacho**, inserindo "assuntos chistosos em versos bem feitos". Preço do exemplar — 200 réis. (**Diário de Pernambuco**, 7/6/1903).

**ACREANO** — Outro livro que apareceu na época junina, foi dirigido por **André Corisco**. A brochura, vendido o exemplar a 500 réis, continha, "além de assuntos para sortes, versos, anedotas, contos, charadas enigmas, conselhos, diálogos e as canções "Santos Dumont" e "O Menino Jesus". (**Diário de Pernambuco**, 7/6/1903).

**GAZETA YPIRANGA** — Saiu a lume na qualidade de "órgão destinado aos interesses gastronômicos, para as festas sanjuanescas". Oferecia prêmios aos leitores, mediante sorteio da Loteria Federal (**Jornal do Recife**, 9/6/1903).

**O FURDUNÇO** — Jornal da categoria dos licenciados, circulou a 12 de junho de 1903, formato de 33x22, com quatro páginas, sob a "responsabilidade de uma Associação anônima", tendo como diretor **Seaman**. Assinatura trimestral — 2\$000; número avulso — 100 réis.

Lia-se no artigo de apresentação, assinado por **Seu Bilé**: “**O Furdunço** terá como divisa acochar todas as classes que compõem a nossa sociedade, sem exceção e não conhecerá amigos quando estes estejam incursos nos artigos do regulamento que o rege”.

De curta existência, sua matéria compunha-se de notas crítico-satíricas com incursões na seara livre, e boa parte de versos, sendo colaboradores, além da produção do diretor: **Caga-Sêbo, Birimbáu, Varola, J. Pimenta d'Agua, Cangarussu, Estevão Bicheiro, Papa-Feio, Dr. K. Reça, Zé Boêmio, etc.** A primeira página vinha sempre ilustrada com desenhos em zinco gravura, o primeiro dos quais assinado por B. Teles, tendo legendas em versos de duplo sentido.

O terceiro e último número saiu a 26 de junho (**Arq. Púb. Est.**).

**O RELAMPAGO — Periódico Humorístico** — Propriedade “de uma Sociedade Misteriosa”, saiu a lume no dia 18 de junho de 1903, formato de 32x22, com quatro páginas. Preço do exemplar — 100 réis, constando do expediente não aceitar “artigos referentes à vida alegre”.

Sua página de frente apresentou artístico desenho, tendo como legenda um soneto amoroso, assinado pelo **Dr. Trombudo**. Segundo o editorial, na página seguinte, sob o título “Nosso fim”, vinha a folha, modestamente, “colocar-se no último lugar da imprensa da terra. Não empregaria o estilo picaresco e rude, “que desperta o riso dos boçais”, preferindo “a pilhéria galante e inofensiva”. Achava que a “crítica sensata” era uma necessidade, para corrigir “os mil erros” que se davam a cada passo”.

Seguiu-se a publicação com formato um pouco aumentado, acrescentando ao pé do cabeçalho; “Órgão de maior circulação nas duas Américas”. Constituiu-se sua matéria de contos, “Teatro de Relâmpago”, “Cabeça às tontas” (logogrifos e charadas), noticiário, poesias e algum noticiário, sendo principais colaboradores, além do **Dr. Petit** (o redator-chefe): **Antonito das Moças, Zig, Diadema, Dr. Zabumba, Zé Boêmio, Tagarela, Dr. Volúvel, etc.**

Circularam, apenas, quatro números, o último dos quais datado de 14 de julho (**Arq. Púb. Est.**).

**STYLUS** — Órgão da Sociedade Literária Pestalozzi —  
Publicação mensal, surgiu a 23 de julho de 1903, formato de 26x18, com quatro páginas de duas colunas largas. Preço da assinatura trimestral — 1\$000.

Lia-se no artigo programa: “Tendo à sua frente inteligências brilhantes, mas ainda em botão, não poderá, por certo, merecer d’agora as honras de uma consagração: é o representante de uma agremiação de jovens que começam a engatinhar no vasto campo literário. No verso, no conto, na descrição, na história, enfim, nas múltiplas e variadas manifestações da arte literária, este jornal procurará ser, não o *stylus* dos primeiros tempos da escrita, rasgando na cera os caracteres consumíveis pelos mais simples fenômenos físicos, mas o *stylus* que, cinzelando as frases na estatuária das letras, marca uma época na literatura, transformando as suas produções em coroas imarcessíveis. Hoje frágil batel, o *Stylus* será amanhã uma poderosa nau dirigida pela Sociedade Literária Pestalozzi, esses argonautas das letras, que, como os antigos cruzados em demanda da Terra Santa, marcham, vigorosos e confiantes, para a conquista do belo, da arte!”

Impresso em papel *couché*, no Atelier Miranda, logo no segundo número transferiu-se para a Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51. Aumentou o formato para 32x22, a três colunas de composição, e passou a exibir, no cabeçalho, a seguinte Comissão de Redação: Bernardo José Correia, Rui Carneiro da Cunha e Mário Ramos e Silva, os dois últimos imediatamente depois substituídos por Eugênio Saboia e Alvaro Silva.

Publicou-se a folha literária normalmente, até outubro, após o que circulou, em edição especial, a 6 de dezembro, comemorativa do encerramento dos trabalhos escolares e dedicado ao diretor do Instituto Pestalozzi, Raimundo Honório da Silva, com o respectivo clichê na primeira página, biografia, crônicas laudatórias dos alunos e artigo do professor Landelino Câmara.

Reapareceu — nº 1, ano II — a 24 de março de 1904, sob a responsabilidade de outra Comissão de Redação, a saber: Leandro Cavalcanti, Guilherme Martins e Renato Câmara, o segundo dos quais logo substituído por Arlindo Lima e este último, finalmente, por Valfrido Maranhão. Após a edição de 30

de abril, houve um lapso, só circulando o terceiro (e último) número a 20 de agosto.

Folha exclusivamente literária, divulgou produções dos redatores e seus condiscípulos Elesbão de Oliveira, Adolfo de Oliveira, José Mesquita, Abílio Tavares, Silvino Sílvio, João de Oliveira, Américo Santos, Harold Lima, Lauro Beltrão, Ovídio de Valois Correia, José Ribeiro, etc. (Arq. Púb. Est.).

**A PALAVRA — Órgão do Grêmio Literário Virgínio Marques** — Redigido por alunos do Instituto Ginásial Pernambucano, sob a direção do professor Cândido Gomes Duarte, circulou o primeiro número a 25 de julho de 1903, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Impresso em bom papel, trazia sob o título a divisa: "Sic itur ad astra", e assinava-se a \$500 réis por mês.

A primeira edição apresentou pequeno quadro, no centro da página de frente, contendo os seguintes dizeres; "A memória de José de Alencar".

"Atirando A Palavra à rua" — dizia o artigo-programa — "descortinamos, reverentes, a ara sacrossanta e misteriosa do porvir, guardada em pélagos de palas suntuosas, vislumbrando soberba promessa nos rubros horizontes pátrios".

"Queremos, sim, levar ao mundo da erudição o conhecimento das nossas pálidas locubrações de escolares, emergidas das alevantadas aspirações daqueles que, intimamente, compulsam epítomes literários, científicos e artísticos, cedendo a uma eclosão de forças coesivas que convergem para um centro de gravidade comum — a pensar e a escrever".

"Consagraremos cada número deste periódico à memória indelével e resplandesciente de um dos nossos mortos ilustres que hão figurado nas letras pátrias como astros de maior grandeza".

Completaram a edição produções dos alunos Adelmar Tavares, Lafaiete Correia, José Ferraz de Abreu e Rui Lobato; noticiário especializado e, na última página, anúncio do Instituto.

Circulando mensalmente, a folha deu edição especial a 6 de dezembro, trazendo na primeira página o seguinte: "Cumpramos o nosso dever — Deus, pátria e Liberdade". Ao centro, num grupo fotográfico, o presidente e a diretoria do Grêmio

no ano de 1903. Abaixo: “Homenagem d’A Palavra ao Instituto Pernambucano e aos alunos premiados — Salve, mocidade!”. Seguiram-se editorial sobre o fim do ano letivo e resultados colhidos; crônica de Ademar Tavares, a respeito do 13º aniversário do Instituto, lista dos alunos premiados e trabalhos literários assinados por Aurélio Buarque de Holanda, Alvaro Silva, Gastão Leopoldo da Silveira, Eurico de Sousa Leão, prof. Pedro Celso e outros.

O nº 6 do ano II, publicado a 31 de agosto de 1904, homenageou a memória de Martins Júnior, falecido recentemente, cujo retrato figurou na página de frente, tendo como legenda os tercetos a seguir, de um soneto do professor Porto Carreiro:

“Sonhador! Sonhador! Que sede infinda!  
Que anseio de repouso ergue-te a fronde,  
Fértil, somente, em flores de Memória!

Vê quanta dor nas penedias, onde,  
Águia, tombaste, carregando ainda  
N’asa possante o rumo para a glória!”

A par de editorial e noticiário, as três páginas restantes inseriram o soneto “Morreu!...”, de Ademar Tavares, e crônicas de saudade de Renato Faelante, José Otávio A. Lessa e Júlio A. Silva.

Em dezembro de 1905 atingia **A Palavra** o nº 17, sendo Ademar Tavares um dos seus redatores.

Ao circular o nº 2, ano IV, de 22 de abril de 1906, a folha, desviando-se do programa de “dedicar cada número a um morto ilustre”, estampou na primeira página, com o respectivo panegírico, clichê do patrono Virgínio Marques. Colaboraram na edição: Pedro Calado, Renato Faelante, Armando Martins, A. Leal e Araújo Filho, com uma carta a Ademar Tavares (1). Mais notícias do Grêmio e anúncio do Instituto.

---

(1) Assim concluiu a carta do intelectual pernambucano de Goiana, então residente em Manaus, de congratulações: “Guarda bem o que te vou dizer: Tu estás fadado a fazer neste país uma figura excepcional. O teu espírito é de eleito. Mas, terás um grande, um formidável empecílio: essa ternura, essa bondade que poreja o teu coração. Terás por isso de sofrer muito. Mas, sê forte: a partilha de cada um de nós é um mundo”.

Na verdade, Ademar Tavares atingiu o apogeu, chegando ao fim da vida como desembargador no Rio de Janeiro. GB. e membro da Academia Brasileira de Letras.

Instituto Pernambucano, 6 de Dezembro de 1903

# A PALAVRA

Ano I.

*Sic itur ad astra*

N. especial

*Cumpramos o nosso dever*

*Deus, Patria, Liberdade.*



*O Presidente honorario e a directoria do Gremio no anno de 1903*

*Homenagem da* **A Palavra** *ao*

**Instituto Pernambucano**

*e aos Alunos Premiados*

**SALVE MOCIDADE**

O nº 6 ano IV, de 11 de agosto, foi dedicado ao diretor Cândido Duarte, por motivo da aposição do seu retrato no salão de honra. Inseriu, em suas oito páginas, clichê do homenageado, soneto-legenda, por Pedro Celso Uchôa Cavalcanti e diferentes produções, em prosa, de Pedro Correia, Prof. Pedro Calado, prof. Laudelino Câmara, Gastão Marinho, Manuel Duarte, Boaventura Tavares, Abelardo Fernandes e Miguel Calander.

Outra edição especial ocorreu no encerramento do ano, datada de 9 de dezembro — 1906 — com trinta páginas, feito Revista, formato de 25x18, tendo capa ilustrada. Impressão da Tipografia Comercial, à rua Duque de Caxias nº 25. Abriu com clichê do professor Cândido Duarte, figurando, mais adiante, outro do professor Virgínio Marques. O editorial, sob o título “Fim de batalha”, assim concluiu: “O Instituto Pernambucano, pelo seu diretor, abraça os seus discípulos, com o mesmo afeto com que os abraçará amanhã, quando os receber novamente no doce conforto de sua amizade e de seus ensinamentos”.

Além do auxiliar da disciplina Ademar Tavares, escreveram na referida edição: Severino Tejo, Ivo Luna, prof. Alcides Codeceira, Constâncio Pontual, Irineu Malagueta de Pontes, Manuel Parente Viana, Paulo Correia, Odilon Lima de Sousa Leão, Nestor César, Gastão da Franca Marinho, professor Carlos Porto Carreiro, **Silvio Murat** (pseudônimo de Manuel Duarte), que fez a biografia dos membros do corpo docente, e outros. Inseriu, por fim, amplo noticiário, compreendendo as festas cívicas do ano, relação de alunos e informações específicas.

Prosseguiu **A Palavra** no feitio de jornal. A edição inicial de 1909 — nº 1, ano VII — datada de 20 de abril, homenageou o Instituto Ginásial Pernambucano, pela vitória que acabava de alcançar, com sua equiparação ao Ginásio Nacional. O retrato do diretor figurou, em ponto grande, na terceira página.

Quando atingiu 1911 — nº 1, ano IX, a 24 de maio — era o seguinte o corpo redacional do interessante órgão: Alfredo Sotero, Edmundo Jordão, Astrogildo Paiva e F. de Oliveira e Silva.

Afora os redatores de cada ano, assinavam artigos de colaboração os colegiais Barbosa Lima Sobrinho, Joel Galvão, Agrício Brasil, Antônio Correia de Oliveira, Adolfo Celso Uchoa



Cavalcanti, Lafaiete Vareda, Ulisses Costa, Júlio Alcino de Oliveira e outros.

Rareou bastante, na segunda década, a publicação d'**A Palavra**. Houve, em 1916, novamente transformado o jornal em revista, uma edição à qual o tipógrafo deixou de colocar a data. Com 16 páginas, abriu o texto ligeira biografia do professor Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, vindo a seguir o artigo "De volta à vida", em que declarou haver passado "alguns meses como que em atonia nervosa", voltando mais forte e bem aparelhado para prosseguir. Inseriu uma Aula de Português, de Alceu Dantas Maciel; produções de alunos; sonetos de Osório Borba, Esdras Farias e Avelar e Silva e uma crônica do professor Guedes Alcoforado, terminando com noticiário escolar.

Datou de setembro de 1917 o último número avistado do órgão do Grêmio Virgínio Marques (**Bib. Púb. Est.**) (2).

Outro nº 1 d'**A Palavra** teria circulado a 2 de dezembro de 1920, conforme registou Sebastião Galvão(3).

**AS PRIMAVERAS — Periódico do Centro Literário Casimiro de Abreu** — Surgiu a 11 de agosto de 1903, impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18/22, formato de 37x 25, com quatro páginas de três colunas de composição a 12 cículos, tendo redação e escritório instalados à rua da Concórdia nº 35. Redatores: Manuel Eugênio, Antônio Farias, Felisberto Pereira e Ramiro Lapa. Assinatura trimestral — 1\$000. Consta do cabeçalho a quadra a seguir, de autoria do patrono do sodalício:

"Se entre as rosas das minhas "Primaveras"  
Houver rosas gentis, de espinhos nuas,  
Se o futuro atirar-me algumas palmas,  
As palmas do cantor são todas tuas".

---

(2) Coleção de números esparsos. O exemplar de 1904 foi avistado em poder da senhorinha Risoleta Guedes Pereira, por nimia gentileza. Da edição de 1916 só existe comprovante na Biblioteca Estadual de Sergipe, em Aracaju, onde foi possível compulsá-la.

(3) "Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco", Vol. III. O autor dedicou dois verbetes a **A Palavra**, tendo errado no primeiro, quando deu por terminada a existência do pequeno órgão "a 8 de dezembro de 1904". Nem ao menos acompanhou os "Anais", de Alfredo de Carvalho de quem geralmente copiava as datas...

O editorial de apresentação, de quase uma página, focalizou “os élitros de um representante da espécie privilegiada da natureza artística de Guttenberg”; o aparecimento de outras “joias literárias no sendal azul da imprensa deste Estado”, onde se acentuava “a tendência inata dos filhos deste torrão fecundo para o desenvolvimento da literatura brasileira”; o “cunho social e o alcance literário” do jornalzinho, sob o patrocínio do poeta Casimiro de Abreu. Concluiu:

“É, pois, n’*As Primaveras* que estão as primeiras flores de nossos conhecimentos e oxalá que o público atencioso seja o orvalho progressor de suas exalações perfumadas de esperanças fantasiosas e fantasiosos designios e que a crítica não lhes venha ser o frio gélido que lhes creste as pétalas ainda tão delicadamente mimosas”.

Não viveu, entretanto, o interessante órgão, mais do que duas edições, a última datada de 5 de setembro. Foram seus colaboradores, além do pessoal da redação: — em prosa: **B. Melo, Braz Laponio, Paulo Eleutério, Raul Caluête; Márcio Sostan, E. de Lucena e A. Vicente**; em verso: **Mário Melo, João Soares, Moreira Cardoso, Agripino da Silva; José Campelo e Joaquim Rocha Carvalho (Arq. Púb. Est.)**.

O **PIPAROTE — Órgão da Boêmia Pío Piparote** — Divulgou o nº 1 a 23 de agosto de 1903, formato de 27x19, com quatro páginas, tendo como diretor **Leumas** (pseudônimo de Samuel Campelo); redatores — **Farrusco e K. Boclo**; gerente — **Gil Pândego**. Assinatura trimestral — \$500.

O artiguete de apresentação intitulou-se “Por honra da firma”, para justificar que não tinha programa, manifestando, porém, a certeza de que não faria “papel triste”. Seguiu-se, encimada por pequeno clichê, ligeira biografia do famoso humorista **Pío Piparote** (Artur Benício de Araújo Lima), falecido meses antes, em homenagem a cuja memória seus admiradores fundaram a “Boêmia”.

Constituído de matéria ligeira, cheia de verve, publicou-se o segundo número a 30 de setembro, último do ano. Outros associados assinaram produções, em prosa ou verso, todos só aparecendo com pseudônimos, a saber: **Antonito das Moças, Selva-gem Congestionado** (João Cláudio Carneiro Campelo), **Chico Venusco, Oton Patola, Rui Platão, Fulano dos Grudes, Frei Fe-**

lix; Dr. Maganão, Dr. Tabacolino, Yôyô Fogoso, Sadok e Marclio.

Reapareceu — ano II nº 1 — a 19 de maio de 1904, sendo o diretor e os redatores substituídos, respectivamente, por **Farusco**, **Gasquin** (anagrama de Gabriel Soares Quintas) e **J. Sultão**. Dizia, no “Artigo de fundo sem frente”, haver sido publicado em homenagem à “data gloriosa” do primeiro aniversário da “Boêmia”. Foram novos associados colaboradores: **Gil Florete**, **Joma Risam**, **Zeca Brito** e **Querubim**, fechando a edição o soneto “Ri”, de **Gil Piparote**.

Terminou aí a publicação (**Arq. Púb. Est.**).

**BOLETIM MENSAL DE ESTATÍSTICA DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL BENEFICENTE DE PERNAMBUCO (1)** — Surgiu no mês de setembro de 1903, formato oblongo de 23x35, com duas páginas, trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51. Inseriu, apenas, dois mapas: movimento do porto e de gêneros exportados.

Prosseguiu regularmente, cada mês, elevada para oito a quantidade de páginas, a primeira das quais dividida em três, no sentido oblongo, a do centro servindo de cabeçalho, a da esquerda com a relação dos diretores da Associação, e a da direita destinada a endereços, assinalado o local do selo do Correio.

Logo se retirou do título a palavra *Estatística*, para figurar no Sumário a que se dedicou, exclusivamente, a publicação, a saber: “Estatística, exportação de açúcar, algodão, aguardente, álcool, mel, caroços de algodão, solas, peles; couros; cera de carnaúba, feijão, farinha, milho, tecidos; óleo. Entradas de açúcar e algodão, movimento do porto; saídas e entradas dos navios; passageiros. Câmbio. Bancos. Preços máximos e mínimos durante o mês. Indicador Comercial”.

Ao atingir o nº 7, modificou-se o título para **Boletim Mensal da Associação Commercial Beneficente e Associação Commercial Agrícola**. Mas, do nº 10 por diante, firmou-se em **Boletim Mensal da Associação Commercial de Pernambuco**.

---

(1) A Associação Commercial de Pernambuco foi instalada no dia 1 de agosto de 1839; agraciada, com o título de “Beneficente”, por decreto do Governo Geral, de 14 de agosto de 1854, e fusionada com a Associação Commercial Agrícola a 10 de março de 1904.

Sem interrupção, nem qualquer alteração, quer no feitio, quer na espécie da matéria, a existência do periódico prolongou-se até o nº 112, ano X, de dezembro de 1912. Iniciou numeração nova em janeiro de 1913, ano XI, e chegou ao nº 10 no mês de outubro, possivelmente último publicado (Bib. da Fac. Dir. U.F.Pe., Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.) (2).

**O GREMIO — Órgão do Grêmio Literário Aires Gama —** Surgiu a 10 de setembro de 1903, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas, confeccionado, em bom papel, na Imprensa Industrial, à rua do Apolo ns. 49/51, funcionando a redação na rua do Hospício nº 10. Sob o título, o lema: “**Fac et spera**”.

Após pedir lugar, “no campo da imprensa”, para “um recruta”, lia-se no artigo de apresentação: “Os escritos que formam, dia a dia, os números d’**O Gremio** não são das penas de cultos artistas; saem das penas trémulas de jovens e inexperientes neófitos das letras. **O Gremio** é mais um incentivo para o estudo, é uma nova forma de congregar, mais uma vez, num só corpo, os alunos do Instituto Aires Gama. Já não bastavam as reuniões semanais do Grêmio Literário Aires Gama, já não era suficiente a convivência nas aulas; fazia-se mister a reunião em público, a demonstração indiscutível dessa solidariedade de espírito e de coração, e nenhuma prova melhor se apresentava que o jornal, que é, para o nosso Grêmio, não só o lugar onde se trocam idéias, como um meio prático e eficaz para o aperfeiçoamento das lições recebidas”.

A primeira edição divulgou produções do professor Alfredo de Albuquerque Gama e dos alunos Alfredo Polari, Teófilo de Albuquerque, Edgar Altino, Moreira Cardoso, Alexandre S. Selva e Adalberto Marroquim, concluindo com ligeiro noticiário.

No nº 2 iniciava-se a inserção da novela “Alzira”, do também musicista Alfredo Gama, que ocupou o rodapé de várias edições.

Terminando o ano com o nº 4, de 4 de novembro (seis páginas), o nº 5, só apareceu no dia 22 de setembro de 1904, con-

---

(2) A primeira das coleções manuseadas, em grosso volume, desde a fundação, atinge o nº 76, de dezembro de 1909. A segunda, em avulsos, compreende uma edição de 1903 e as de 1912/1913. Na terceira só existem comprovantes de janeiro a novembro de 1912.

tendo igualmente seis páginas, dedicado à memória de Martins Júnior e do aluno Francisco Carreira Gaião, com os respectivos clichês.

A publicação prosseguiu, esporadicamente, vindo a aparecer o nº 13, ano VI, no dia 8 de agosto de 1908, em caráter de poliantéia, dedicada ao professor Alfredo Gama, cujo retrato figurou na primeira página, ao ensejo da passagem do seu aniversário natalício, saudando-o, em prosa e verso, diferentes professores e alunos do Colégio.

Longo tempo decorrido, encontra-se comprovante d'O **Grêmio** correspondente ao nº 4, ano IX, de 12 de outubro de 1914, com quatro páginas, aumentado o formato para 38x25, a quatro colunas de composição. Tinha novas divisas no cabeçalho: "Ilustrar o Espírito" e "Formar o Coração". A edição dedicou a primeira página a Joaquim Nabuco, com o respectivo retrato, seguindo-se: discurso de Jorge Cahu (de 7 de setembro); produções de Alfredo Gama, Ferreira de Sousa, Francisco F. Sobral, Heitor Lindoso, Umberto Santiago e outros, e "Correspondência de Paris", assinada por X... (**Bib. Púb. Est.**).

**A LYRA — Revista da Sociedade Literária Alvares de Azevedo** — Publicação mensal, surgiu no dia 12 de setembro de 1903, formato de 26x18, com oito páginas de papel couché e capa em assetinado de cor. Impressa na tipografia d'A **Provincia**, à rua do Imperador nº 19, tinha redação à rua da Palma nº 71, 1º andar, sendo redator-chefe Francisco Solano Carneiro da Cunha. Assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000.

Na folha de rosto figurou o retrato do patrono da revista, com versos próprios servindo de legenda, seguindo-se-lhe o elogio na segunda página. Só na terceira veio o artigo de apresentação, onde se falava da comemoração do primeiro aniversário da Sociedade na data em que aparecia **A Lyra**, declarando um tópico:

"Ela não pede glórias... não pede fama... Representa humilde lira que traz algumas notas para juntar-se à sublime música da literatura e do amor... Representa assim como a luz de um ciro que alumia a campã de um poeta. Por cima desta campã existe um céu... um céu azul bordado de astros... astros de luz... de muita luz...".

Logo no segundo número o redator-chefe transformava-se em diretor, ao lado de José Carneiro R. Campelo, e no terceiro, que só saiu em dezembro, a revista apresentou-se maior (30x 20), tendo na capa, no mesmo *couché* branco do texto, o desenho, em vinhetas, de uma lira, dentro da qual ficava o Sumário.

Reaparecendo em janeiro de 1904, *A Lyra* divulgou, ao pé da última página, a seguinte "Explicação" dos Diretores: "Fundada por nós, esta revista era órgão do ex-Centro Literário Alvares de Azevedo, por concessão que fizemos desde o primeiro número. Tendo ultimamente se dissolvido aquela sociedade, participamos aos nossos assinantes que *A Lyra* ficará d'ora em diante sob nossa exclusiva direção".

Todavia, estava por um fio a vida da bem feita revista literária, que se extinguiu com os ns. 2, 3 e 4 enfeixados numa só edição, com 16 páginas, correspondente aos meses de fevereiro a abril, ilustrada a lira da primeira página com uma fotografia da poetisa colaboradora **Rosália Sandoval** (disfarce de Rita Rosália de Abreu), enquanto a página de rosto homenageava o jornalista Gonçalves Maia, como fizera, na edição anterior, com Teotônio Freire, também colaborador.

Afora a produção dos diretores, liam-se, do primeiro ao último número do periódico, trabalhos, em prosa ou verso, de Luiz Leão, Paulo André, Basílio de Melo, Almeida Braga, **Marcário**, Miguel Magalhães, Vieira de Gusmão, Alcibiades B. de Lima, José Fioravante, Mendes Martins, Cândida Ribeiro, Alice de Barros, J. Moreira Cardoso, Martins Filho, Targino Neves Neto, Silveira Carvalho e outros (**Arq. Púb. Est.**).

CONFRARIA DE N. S. DO LIVRAMENTO (1) — Polian-téia editada a 19 de setembro de 1903, por ocasião da festa anual da padroeira, e confeccionada na Imprensa Industrial, à rua do Bom Jesus ns. 34/36, formato de 32x22, com 24 páginas em papel *couché* e capa em assetinado azul, esta trabalhada em vinhetas, tendo ao centro o clichê da Igreja. Outras páginas do texto, com reverso em branco, exibiam zincografias alusivas.

Iniciou a matéria tipográfica o estudo histórico "A Igreja de N. S. do Livramento", de F. Augusto Pereira da Costa, se-

---

(1) Publicação não registada nos "Anais".

guindo-se versos de F. Facundo de Castro Meneses e produções em prosa de Sebastião de V. Galvão e F. A. de Albuquerque Melo, além de transcrições da imprensa diária e noticiário sobre a data (**Arq. Púb. Est. e Bib. Liceu de Artes e Ofícios**).

A **LUNETTA — Periódico Livre** — Saiu a lume no dia 12 de novembro de 1903, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Redatores-proprietários — **Bibelot & Legran**. Não aceitava colaboração “sub-censura”, nem se distribuía por meio de assinaturas, vendendo o exemplar a 100 réis.

Não apresentou o costumeiro editorial de apresentação, constituindo-se sua matéria, especialmente, de seções de crítica, sátira e humorismo, servindo-se dos títulos usados na imprensa diária, tais como: “Na maciota”, “Lapijando”, “Várias”, “Notas indiscretas”, etc., predominando a nota maliciosa de duplo sentido.

O nº 2 (e último) circulou a 19 de novembro, prestando homenagem ao jornalista fluminense José do Patrocínio, com o respectivo clichê. Em meio à matéria rotineira, a redação criticou, com certo azedume, a oratória de Bianor Medeiros (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**DR. JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA PERNAMBUCO** — Poliantéia de página única (reverso em branco), formato de 38x25, circulou a 1º de dezembro de 1903, como “homenagem de um grupo de amigos, no dia do seu aniversário natalício”, encimada com o respectivo clichê (bico de pena de Eduardo Fonseca). Escreveram sobre a data: Laurindo Leão, Francisco Alexandrino (poesia), Pereira Júnior e J. Pinto Mendes. (**Arq. Púb. Est.**).

A **RUA — Semanário Ilustrado** — Estreou a 8 de dezembro de 1903, formato de 31x22, a três colunas de composição e agradável feição material. Assinatura semestral — 3\$000, só para fora da capital; número avulso — 100 réis.

Sem mencionar corpo redacional, era o periódico dirigido, segundo o **Jornal do Recife**, por “um apreciado humorista”; e, consoante Alfredo de Carvalho, redigido pelos jornalistas Gonçalves Maia e Manuel Caitano. A correspondência era mandada encaminhar ao escritório d’A **Província**, em cuja oficina gráfica se fazia a impressão.

Assim começava o artigo-programa d'A **Rua**: "Ninguém procure, nesta folhazinha, escritos doutrinários, puxados à substância; também, fiquem tranquilos, nela não se encontrarão notas de altos escândalos e de pornografia, agressões e críticas descomedidas e descabeladas.

"Outra coisa: viverão todos livres de topar, nas colunas retas e alinhadas desta **Rua**, elogios exagerados ou de encomenda — o que, numa palavra de gíria, se chama **engrossamento**. Desejamos oferecer, aos que nos procurarem, leitura amena e alegre, modestamente instrutiva em alguns casos, e gravuras novas, tão artísticas e tão limpas quanto fôr possível no Recife, que, em matéria de artes, bem devia ter avançado um pouco mais.

"A vida corre difícil e tristíssima; é necessário esquecer e rir um pouco. Tentaremos ocupar e divertir alguns minutos em cada semana os nossos leitores; eles, porém, que dispensem as indecências cruas e as bisbilhotices sobre o viver privado de qualquer. Ou, senão, escolham outros. Este nome — **A Rua** — é só por si um programa: nunca devassaremos os lares e o que lhes fôr peculiar".

O primeiro número saiu com quatro páginas, continuando com oito, sempre impressas em papel **couché**, repletas de boa matéria.

Tendo o nº 4 encerrado o ano, a 28 de dezembro, o 5º saiu a lume no dia 4 de janeiro de 1904, ilustrada a primeira página com excelente alegoria ao Ano Novo, trabalho artístico de Crispim Amaral, reproduzido d'A **Província**.

Circulou o periódico regularmente, divulgando comentários gerais; notas ligeiras, de crítica e humorismo, soltas ou em seções como "Palavras e obras", "Cartazes à esquina", "Colóquios ligeiros", "Cenas e quadros", em versos, todas sem assinatura; "Posta d'A **Rua**"; um conto por semana, em transcrição; "Leitura para meninos"; "Os amores de Lulu", cena cômica; anedotas; noticiário breve e poesias de Celso Vieira, J. Julião, Guedes Teixeira, **T. Borboleta**, **Cabrion da Silva**, **J. Garatuja**, **Fortunato Ventura** (Ernesto de Paula Santos), **Fausto Modesto**, **Silveira Carvalho**, **Leovigildo**, **Sílvio Senior**, etc.

Na edição de 10 de março iniciou **Gasparino** a seção "Travessa d'A **Rua**", na qual se propunha, "calmo e sem pretensões,



sincero e criterioso, analisar os homens e as coisas, na sua faixa de grandes e nobres cometimentos, de pequeninos e vis caracteres”.

A folha empreendeu campanhas sociais, sobretudo contra o jogo de azar, e mantinha-se em constante rusga com o **Diário de Pernambuco**, criticando a política do Conselheiro Rosa e Silva.

Do nº 17 ao nº 21, ocupava a primeira página caricatura de jornalista em evidência, sob o título “Penas sem pena”, trabalho artístico de **Guapy** (pseudônimo de Herculano de Albuquerque), que pertencia ao corpo de ilustradores d’A Rua, ao lado de **Pierre**, **Leymarie** e **Aru**. De quando em quando, divulgava-se um original de música. E surgiram as seções “Telegramas”, em forma satírica; “Triolets”, por **Zé de Rafa**, e “Coisas da semana”. Inseria anúncios, que nunca encheram uma página.

A primeira e a oitava páginas constituíram-se, desde então, de ilustrações, o que, a partir do nº 34, ocupava, igualmente, as do centro — 4ª e 5ª — em forma de **charges** de crítica social ou política. Começou, no nº 25, a seção “Os nossos jornalistas”, seguindo-se à propedêutica o primeiro perfil: de **Arthur Orlando**, “baixo e gordo — curto e grosso”, o “baé da imprensa” (1).

Prosseguiu a existência d’A Rua, dentro do seu programa crítico-artístico-humorístico, até o nº 47, de 30 de novembro de 1904, que foi o último publicado (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Outros jornalistas perfilados — um em cada edição — pela malícia dos redatores d’A Rua, numa síntese das “qualidades” a eles atribuídas:

**Faria Neves Sobrinho** — “Chinelo de governador. Percevejo de colarinho. Pulgão do Erário”.

**França Pereira** — “Paquiderme da imprensa. Casca grossa da filosofia. Casaca de couro da literatura”.

**Oswaldo Machado** — “É um fuso doido. Ventoinha da imprensa”.

**Coelho Leite** — “Jornalista de ocasião”. “Tratado de osteologia ambulante, com bigodes de almocreve e óculos de professor de primeiras letras”.

**Albino Meira** — “Jeitoso, manhoso, melífluo, mas duro de roer. Sene e maná: doce e amargo ao mesmo tempo”.

**Almeida Cunha** — “Doutor mesuras. Jacamin de salão. Poeta dos aniversários”.

**Pereira Júnior** — “De pena na mão é uma máquina de descarregar algodão. Motu-continuo”.

1904

**ALMANACH DA BOTICA FRANCEZA E DROGARIA DE H. ROUQUAYROL — Para 1904** — Entrou em circulação para ser distribuído entre os fregueses da firma sucessora de Rouqueirol Frères e A. Caors. A par da propaganda do estabelecimento, inseriu Calendário e matéria geral. (Inf. do **Jornal Pequeno**, 20/1/1904).

Sem que restem outros comprovantes, foi possível avistar a edição de 1909, confeccionada na Imprensa Industrial, à rua do Apolo nº 51, formato de 17x12, com 50 páginas, mais a capa e, em papel destacado, um retrato do fundador da farmácia da rua do Bom Jesus.

Leu-se na nota de abertura do texto: “Como vêem os leitores, aumentamos de formato e dotamos a nossa folhinha de um bem lançado horóscopo e predições do tempo, baseada nos estudos de provecos astronomicos nacionais e estrangeiros”.

A edição incluiu algumas fotografias de aspectos do Recife e rara literatura, através de transcrições (**Bib. Nac.**).

Noutra fonte de pesquisa encontram-se exemplares correspondentes aos anos de 1913 e 1921, o primeiro com 54 páginas, capa de côr, contendo produções literárias originais de Teotônio Freire, J. Figueiredo, Antônio Nogueira e T. Moura, e o segundo, com 46 páginas, comemorativo do centenário da fundação da Botica Francesa, ambos divulgando matéria comum às publicações do gênero e ambos impressos na tipografia antes mencionada, já transferida para os ns. 78/82 e pertencente a Néri da Fonseca & Cia. (**Bib. Est. de Sergipe, Aracaju**).

**A SEMANA — Revista de Ciências e Letras** — Entrou em circulação a 1º de fevereiro de 1904, com oito páginas, formato de 31x22, tendo duas colunas largas de composição. Impressa em bom papel, no Ateller Miranda, à rua Duque de Caxias nº 37, também ali o escritório e redação, assinava-se a 10\$000 por ano, custando o exemplar 200 réis. Redator-chefe — Pedro d’Able.

Lia-se no editorial de apresentação, intitulado “Ao público”: “**A Semana** trás em seu bojo leitura amena e útil para suprir, nos dias de segunda-feira, a falta sensível de jornais matutinos, e tratará um pouco de tudo, como revista de ciências, artes e letras, tanto do nosso país como do estrangeiro. Na es-

colha que fizer de seus artigos terá, sobretudo, em vista levantar o nível intelectual e moral de seus leitores, abolindo completamente a literatura pornográfica que ultimamente tanto tem contribuído para atrofiar o espírito e depravar o caráter da moderna geração. Será um periódico popular, isto é, claro em seu estilo ao alcance de todas as inteligências, sem cor política ou sectária, livre nas idéias e na consciência, pugnando apenas pelo direito, pela verdade e pela justiça. A ciência e o bem público serão o seu fanal”.

A “Crônica” de abertura do texto e a “Revista da Semana”, na última página, tiveram a assinatura, respectivamente, de **Molière** e **Silvio da Silva** (psudônimos de Pedro d’Able). Foram outras matérias da edição de estréia: “Revista do mundo invisível”, “Estudos econômicos e sociais” e “Religião — As origens do Cristianismo”, artigo este, iniciando uma série, firmado por Ed. Stapfer, e poesias de Manuel Duarte e P. Yoffely.

Seguiu-se a publicação às segundas-feiras, invariavelmente com oito páginas, numeradas ininterruptamente, vindo a alterar-se a parte gráfica no nº 23, quando mudou o serviço de confecção para a Tipografia Comercial, de Russell & Able, que se instalara à rua Duque de Caxias nº 34.

O periódico manteve até o fim as seções iniciais e inseria artigos sobre doutrina espiritualista, fenômenos psíquicos, biologia, filosofia, problemas médicos e de higiene, sobretudo, quanto aos últimos, assinados por **Molière** ou Pedro d’Able, e pelo dr. João Bentes Castel-Branco, que focalizou, em série, “A medicina em pantanas”. O diretor da revista fustigava, sobretudo, as idéias e opiniões do dr. Raul Azêdo, que aparecia, sob o pseudônimo de **Joca Bangó**, n’A **Província**.

Uma das páginas d’A **Semana**, intitulada “O nosso Album”, estampava, em cada edição, fotografia de algum cientista ou quadro célebre no setor espiritualista. Foi preocupação redacional, igualmente, a guerra russo-japonesa. Aqui e acolá, transcreviam-se poesias, mas Francisco Marotti colaborou diretamente nesse setor (1).

---

(1) O penúltimo número d’A **Semana** dedicou as duas primeiras páginas ao falecimento do poeta socialista italiano F. Marotti, ocorrido no dia 22 de julho: a 1ª com o respectivo clichê e a segunda com o necrológio, de autoria do Dr. Ferrer.

Sucessivas edições do semanário divulgaram o drama “de reivindicação” histórica “A guerra dos mascates”, da autoria de Manuel Arão, que firmava, concomitantemente, “Uma questão filosófica”, refutando **Fly**, ou seja, Osvaldo Machado, este — a princípio, pelas colunas do **Jornal do Recife** e, depois, na própria **A Semana** — a defender o materialismo. Arão continuou a polémica com a série “As objeções de **Fly**”.

Outro colaborador de talento foi M. Eloy (pseudônimo?), que, a partir do nº 6, divulgou sucessivos artigos sobre “O problema da vida e o materialismo”, depois do que, já no nº 22, ele reacendeu a polémica de Manuel Arão com **Fly**, escrevendo, até o último número, a série “Ainda materialismo?”.

A existência d'**A Semana** prolongou-se até o nº 30, de 3 de outubro, formando um volume de 244 páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O DEDO — Órgão do Clube do Dedo** — Número único, circulou no Carnaval de 1904, a 14 de fevereiro, formato de 33x25, com quatro páginas, tendo a redação localizada “no olho da rua”.

Destinado a “introduzir-se em toda parte”, menos na política, o curioso jornal, todo em manuscrito, era intercalado de desenhos, afora o do título, com abundância de dedos, vendo-se na última página grande alegoria, representada por uma mulher cercada de mais dedos e do “Hino do Dedo”. Em prosa e verso, dosados de sátira e esfusante verve, só uma assinatura predominou: a de **Rivoli**, redator e ilustrador.

O trabalho de impressão, em litogravura total, com as páginas centrais em tinta vermelha, esteve a cargo da firma **Barbosa Primo & Cia.** (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**). . . . .

**ROMEIROS DA CARIDADE** — Número único, apareceu sem data, mas na realidade a 14 de fevereiro de 1904, formato de 34x23, com quatro páginas, como homenagem ao presidente honorário de Clube Carnavalesco Romeiros da Caridade, Manuel Antunes de Oliveira. Trabalho material da tipografia de Macedo Amorim, imprimiu-se em bom papel e tinta de cor.

Sua matéria foi assim dividida: 1ª página — título e dedicatória, circulada de vinhetas, tendo ao centro fotografura do homenageado; 2ª — relação da diretoria e sócios do novo Clube, inaugurado um mês antes. 3ª e 4ª — literatura exclusiva-

mente sobre a caridade, inclusive produção, em prosa, de Alfredo Falcão e poesia, transcrita, de Tobias Barreto de Menezes (Arq. Púb. Est.).

O **EMBOCA** — Órgão do Clube do Emboca — Dizendo-se “jornal de maior circulação nos mundos carnavalescos”, circulou o nº 1, ano I, a 15 de fevereiro de 1904, formato de 27x18, com quatro páginas.

Na reduzida nota de apresentação, lia-se que **O Emboca** não embocaria em toda parte, mas somente onde houvesse “mesa lauta, com os melhores acepipes, os melhores vinhos”.

Sua matéria foi rigorosamente carnavalesca, incluindo as seções “Embocando”, por **Lula**; “Noticiário”, “Conversas na sede do Emboca”; “Carnavalizando”, pelo **Dr. K. I. Faz**; telegramas chistosos e versalhada de **P. M.**

O segundo número saiu em março de 1905, dia 3, aumentado o formato para 35x25, trazendo sob o título as divisas “Tristezas não pagam dívidas” e “Deve-se embocar, apesar de tudo”. A colaboração esteve a cargo de **Paulo Contente, Sansão Júnior, Zé K. Deado, Dengoso, Pierrot, Sílvio, Dr. Luneta e Dr. Embocalhambífero** (Arq. Púb. Est.).

Não avistado o nº 3, que circulou a 26 de fevereiro de 1906.

Encerrando a existência d'**O Emboca**, viu-se-lhe publicado o nº 4, ano IV, no Carnaval de 1907, dia 10 de fevereiro, obedecendo ao mesmo programa de troças e chistes, com diferentes colaboradores, tais como: **Fulano Júnior, Meu Louro, B. Veras, Ohnituooc** e outros (Bib. Púb. Est.).

**POLYANTHO** — **Publicação Mensal** — De programa estritamente literário, saiu a lume no dia 12 de março de 1904, impresso na Tip. Comercial, de Russel, Lobo & Cia., à rua Duque de Caxias nº 34, formato de 23x16, com duas colunas de composição e quatro páginas; papel couché. Direção de **Martins Filho e Adolfo Silva**, funcionando a redação na rua do Caldeireiro nº 88. Tabela de assinaturas: ano — 3\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000.

Lia-se no editorial de abertura: “**O Polyantho** apresenta-se aos seus leitores benévolos com poucas flores, sem ter o perfume embriagador das rosas e bogaris brotados em manhã pri-

maveril. O nosso intuito é dar expansão aos devaneios de nossa mocidade em flor e contribuir, com o esforço frágil de nosso intelecto, para o aniquilamento da grande apatia que envolve os Novos.

“Sentimos os mesmos fenomenos psicológicos que se manifestam nos mestres, e a eles pedimos licença para esboçar na tela do verso, ou insculpir no cristal da prosa, as imagens sublimes das visões sedutoras que nos povoam o cérebro. Por isso, convictos, esperamos que eles, que têm coração e amam, que também foram jovens, não nos criticarão, decerto, matando de um só golpe os nossos sonhos dourados e as belas ilusões de nossa adolescência”. Findou sugerindo que os críticos e os maldizentes passassem de longe.

Sem aceitar colaboração, a não ser solicitada, divulgou trabalhos, em prosa e verso, nos primeiros números, de Agripino da Silva, Garibaldi Neto, Olavo de Albuquerque, Flaviano Martins, Leonor dos Anjos, Amélia de Oliveira, José de Araújo, José Campelo, Umbelina Bandeira e Marcelino da Silva.

O nº 5, de 22 de setembro, com oito páginas, homenageou, com o respectivo clichê na primeira e o necrológico na segunda, a memória de Martins Júnior, sendo as demais ocupadas com artigos e poemas sobre o falecimento do famoso homem público.

Suspendendo aí a circulação, só reapareceu **Polyantho** a 23 de junho de 1906 — ano II, nº 1. O diretor Martins Filho começou assim o artigo de representação do jornalzinho literário:

“Após longa calmaria no róseo horizonte de nossas aspirações, reaparece, cheio de vida, o nosso querido **Polyantho**, trazendo consigo todas as vibrações de nossos desejos e todo o aroma de nossa dedicação”.

Essa segunda fase seguiu o ritmo anterior; mas aumentou o formato para 30x22. E apareceram como redatores: Agripino da Silva, Costa Rêgo Júnior, Mariano Lemos e João Alfredo, aos quais foram acrescentados, depois, os nomes de Araújo Filho e Guilherme Rodrigues. Passou a dar seis ou oito páginas, publicando-se sete edições até 31 de dezembro, impressas em tipografias diferentes, a saber: duas na de J. Agostinho Bezerra; três na do **Diário de Pernambuco**, e duas na Boullitreau.

Novo rumo tomou **Polyantho** a partir do nº 1, ano III, de janeiro de 1907, quando assumiu feição de revista, com doze páginas, inclusive a capa, cuja frente foi ocupada por alegoria permanente, no centro da qual vinha o sumário da matéria de cada edição. Ganhou lisonjeiro aspecto material, sendo impressa na oficina da Livraria Contemporânea, de Ramiro M. Costa & Filhos, situada na rua do Imperador nº 5 e Cais da Regeneração (atual Martins de Barros) nº 48, onde ficou até o fim.

Foram seus colaboradores, além da turma da redação: Teotônio Freire Filho, Marcelino dos Santos, Paulo Eleutério, Leônidas e Sá, João C. M. Cabral, Raul Caluête, Eustórgio Vanderlei, Caitano Galhardo, Tenório de Cerqueira, Carlos Vital, Durval César, Laiete Lemos, Manuel Arão, Renato Faelante, Rodovalho Neves, Edwiges de Sá Pereira, Fábio Silva, Domingos Magarinos, Pinto Ribeiro, J. Times Pereira, etc.

Circulou regularmente, apenas vivendo de literatura (e anúncios), para chegar ao fim do ano com o nº 11/12, datado de dezembro. As edições aumentaram até o total de 16 páginas, afora a capa.

Em janeiro de 1908, quando saiu o nº 1, ano IV, a revista passou a ser órgão do Ateneu Recifense, sem outras modificações. Mas ficou circulando bimestralmente. Atingido o nº 6/7, em julho, ficou suspensa.

Reapareceu — nº 8 — no mês de novembro, em formato menor, de 24x15, com 24 páginas, a 200 réis o exemplar, sem anúncios. Dizia-se órgão polimorfo, sem mais aquele luzido corpo de redatores, mas apresentando vasta colaboração e notas curiosas. Foi o fim (**Bib. Púb. Est.**).

**EUTHALIA** — Número único, circulou a 10 de abril de 1904, formato mínimo de 9½x7, com quatro páginas de duas colunas estreitas, graciosa apresentação gráfica em papel cartolina.

Constituiu uma homenagem à professora Eutália Lemos Duarte, ao ensejo da data do seu aniversário natalício, por iniciativa de colegas e amigos, que assinaram carinhosas palavras de parabens. As páginas centrais divulgaram um programa de concerto musical (**Arq. Púb. Est.**).

O **CASAMENTEIRO** — **Livro de Sortes** — Entrou em circulação para o divertimento das noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. “Escrito pela firma **Juca Perneta & Cia.**, que mal encobre espirituoso corretor de nossa praça, trata de 15 assuntos, seguidos por uma parte recreativa, onde se encontram, além de outras, as trovas de Hilário e uma infalibilíssima tabela para ganhar no jogo dos bichos” (**Diário de Pernambuco**, 8/5/1904).

O **FEITICEIRO** — **Livro de Sortes** — Publicou-se ao mesmo tempo que o precedente, “devido à pena do hábil **Dr. Solon Disojano**”. Afora a matéria específica, apresentou “extensa parte literária e humorística, em que figura a comédia em um ato “O honrado sr. Apollnário”, da lavra do autor” (**Diário de Pernambuco**, 8/5/1904).

O **LOROTA** — Redigido por **José Pinote**, apareceu esse outro livro de sortes, contendo um “amontoado de bons versos trocistas” (**Diário de Pernambuco**, 19/5/1904).

A **PANELLA DO FEITIÇO** — “Preparada com todos os temperos e cozida em quatro fervuras, **Fortunato Ventura**, humorista muito conhecido e apreciado, acaba de pôr à disposição dos amantes dos bons acepípes sanjuanescos **A Panela do Feitiço**, que nada mais ou menos é que um livro de sortes, cheio de verve e chiste. Além de 12 assuntos, em que não se nota o ardor da pimenta, traz uma boa parte literária” (**Diário de Pernambuco**, 25/5/1904).

**JAPONEZ** — **Livro de Sortes** — Produção de **Plácido Brando**, foi dado a público contendo “dez assuntos escritos com grande verve e uma parte literária bem organizada, tudo enfeixado em 69 páginas” (**Diário de Pernambuco**, 25/5/1904).

O **BODE** — “Mais um livro de sortes para as diversões sanjuanescas, escrito com bastante atualidade”. Responsabilidade “da firma **Gregório & Viremont**, que o confeccionara para vender a \$500” (**Diário de Pernambuco**, 28/5/1904).

A **LIMONADA** — **Livro de Sortes** — Apareceu com 120 páginas, tendo como redator **Zumba das Moças**. Sua matéria específica distribuía-se por “16 espirituosíssimos assuntos, uma bem organizada e inédita parte literária, a hilarante comédia “O Inglês de oitava”, do apreciado comediógrafo dr. Alfredo Gama, uma belíssima e saltitante polca, para plano, denomi-



nada “A Limonada”, pelo mesmo distinto dr., além de bonitas e ligeiras gravuras” (**Diário de Pernambuco**, 31/5/1904).

**O CHALEIRA** — Circulou, por fim, esse “mágico tesouro de sortes familiares para as noites sanjuanescas”. Redigido por **Bibelot** (um dos pseudônimos de Euniciano Ribeiro), vendia-se a 1\$000 o exemplar. Afora as páginas dedicadas a literatura, humorismo e variedades, divulgou o **pas de quatre** “Beijos de noiva”, de Artur Nogueira Lima (**Jornal Pequeno**, 4/6/1904).

**O CARDOSO** — Poliantéia datada de 23 de junho de 1904, formato de 32x22, impressa na oficina gráfica d’**A Província**, em bom papel, saiu com quatro páginas, a primeira das quais, sob o título “Prolfaças”, apresentou nítido clichê com a legenda — “Antônio Cardoso” e, mais abaixo. “Homenagem de seus amigos”. As três restantes, além do artigo principal, de Fr. Júnior, achavam-se repletas de saudações assinadas, em prosa e verso, por motivo do aniversário natalício daquele comerciante (**Bib. Púb. e Arq. Púb. Est.**).

**O CIDADÃO** — **Órgão do Clube Popular** — Apresentou o nº 1, ano I, no dia 14 de julho de 1904, formato grande, a quatro colunas largas de composição e quatro páginas, tendo escritório (o mesmo do Clube) instalado à rua do Imperador nº 43. Um “Aviso”, à guisa de Expediente, ao pé da última página, dizia; “**O Cidadão** não é folha diária; aparecerá quando exigirem as circunstâncias e segundo a aceitação que merecer do público”. Embora vendido a 100 réis o exemplar, distribuía-se grátis aos consócios. Assinaturas à razão de 3\$000 por vinte números, com direito a anúncios grátis.

Constava do artigo-programa: “O Clube Popular, cuja missão é educar o povo nos princípios políticos e sociais pelos quais se rege ou deve reger-se a sociedade brasileira, para levar avante sua propaganda, adotará a imprensa e a tribuna popular. **O Cidadão** será o órgão de seus princípios e do que houver de dizer em defesa dos direitos do povo”. O editorialista aduziu, a seguir, o histórico da palavra “cidadão” e findou declarando que o jornal formaria “a opinião pública em bem da cara Pátria”.

Prolixos, mas bem elaborados artigos focalizaram a decadência política do Brasil, a desilusão republicana, a necessida-

de de dias felizes com a Democracia, etc. Divulgou longo discurso de Adolfo Tácio da Costa Cirne, iniciou a tradução d' "Os mártires da Liberdade", de Alphonse Esquirós, e homenageou a data da Revolução Francesa. Nenhum anúncio.

Ao que tudo indica, ficou na edição de estréia (**Arq. Púb. Est.**).

**GAZETA MERCANTIL — Folha Independente e Noticiosa** — Surgiu no dia 18 de julho de 1904, formato de 44x30, com quatro páginas de quatro boas colunas e lisonjeiro aspecto material, impressa no Atelier Miranda. Redatores-proprietários — Domicio Rangel e João Demétrio de Meneses; gerente — Manuel Zeferino Gonçalves Ferreira, funcionando redação e escritório na rua Duque de Caxias nº 37. Assinatura semestral — 5\$000 ou, para fora da capital, 6\$000.

Pretendia, segundo o editorial de apresentação, "um lugar modesto mas honroso no seio da generosa imprensa pernambucana, para combater ao lado das folhas independentes em prol dos interesses do nosso Estado, adiantando: "Não é órgão de um partido, nem obedece à orientação de qualquer interesse político, estando, entretanto, disposta a servir àqueles que mais inclinados se mostrem a favorecer o bem público". Seus esforços visariam à defesa do comércio, agricultura e indústria, "tão explorados nestes últimos tempos por uma política asfixiadora e gananciosa".

O bem redigido jornal publicou-se bissemanalmente, inserindo comentários editoriais sobre política e administração, às vezes assinalando desmandos do governo estadual; variado noticiário; a crônica intitulada "Epistolário", de Caitano de Andrade; os "Perfis acadêmicos" (a começar do nº 7), d'O Braga; as "Cartas ao Prefeito" (do nº 8 em diante), por Veritas, e versos de Silveira Carvalho, José de Barros Lima, Mendes Martins, Laiete Lemos, Miranda de Azevedo, L. Smith e Januário de Carvalho. Quase duas páginas eram de anúncios.

O nº 7 da **Gazeta Mercantil** assinalou o afastamento do proprietário-redator João Demétrio. Mais três edições e encerrava-se, a 23 de agosto, a existência do periódico (**Arq. Púb. Est.**).

**GAZETA LITTERARIA** — Publicação bimensal, saiu a lume no dia 20 (1) de julho de 1904, formato de 32x21, com quatro páginas a três colunas de composição. Confeccionada em bom papel, na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51, instalou redação na rua da Imperatriz nº 19, loja, assinando-se a 2\$000 por trimestre. Redatores: Moreira Cardoso, Adolfo Simões, Gustavo Pinto e Márcio Marques, aos quais se juntou, já no nº 7, J. Simões.

Nada obstante o murmúrio dos zoilos, “não trepidamos — declarava o artigo de apresentação — em lançar à luz da publicidade o nosso filho intelectual, a **Gazeta Litteraria**, produto talvez efêmero de uma talvez efêmera aspiração, como são todas as aspirações dos moços”, adiantando, mais adiante: “... vamos cultivar o nosso espírito na prática do jornalismo, cientes de todos os obstáculos com que teremos de arcar”.

Circulou com regularidade, divulgando produções, em prosa e verso, dos redatores e de Penalva de Freitas, M. Magalhães, Teófilo de Albuquerque, Paulo d’Azeglio, Olívio Vieira, Mário Sette, Jarbas Loreti, Armando Oliveira, Franco Lelis, etc. O último manteve, igualmente, a seção charadística “Amantes d’Esfinge”, continuada por Tiburtino Lopes. A partir do nº 4, cada primeira página homenageava, com clichê e panegírico, um nome de projeção nas letras de Pernambuco. Foram eles; Martins Júnior, Edwiges de Sá Pereira, Júlio Pires, Baltazar Pereira e Artur Muniz.

O último número foi o 8º, de 30 de outubro (Arq. Púb. Est.).

D. JULIO TONTI (2) — Circulou, como número único, a 28 de julho de 1904, “em testemunho de profundo respeito e gratidão” ao “venerando bispo de Ancira e M. D. Núncio Apostólico no Brasil” (então visitando o Recife), editado pelas Escolas Profissionais Salesianas do Recife.

Impresso em papel **couché**, com tinta de cor, teve o formato de 29x20, assim dividindo suas quatro páginas: primeira — moldura de vinhetas, com o título e dedicatória; segunda — “Saudação”, em versos alexandrinos, de J. A. de Almeida Cu-

---

(1) Não no dia 30, como está nos “Anais”

(2) Não consta da relação da citada obra de Alfredo de Carvalho.

nha; terceira — retrato, em zincografia, do homenageado; quarta — em branco (Arq. Púb. Est.).

O URUBU — Tendo como redator-chefe o **Dr. Galinha Morta**, apareceu esse jornalzinho humorístico a 32 (1) de julho de 1904, formato de 26x18, com quatro páginas de três colunas estreitas.

Lia-se, em sucinta nota de apresentação: “O cruel descendente dos rapináceos há de ser cruel mesmo, rasgando as carnes apodrecidas das entidades mórbidas. De preferência escolherá os monturos dos teatros, fervilhando as imundícies dos **perus patuscos** e das atrizes ridículas”.

Uma de suas seções principais intitulou-se “De cima para baixo”, onde o redator narrava cenas de rua e dos ambientes fechados. Constituiu-se a matéria de notas leves, entremeadas de versos, também ligeiros e cheios de verve, ocupada, porém, a última página com anúncio da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador nº 31, em cuja tipografia se imprimiu.

Publicou-se o segundo número a 20 de agosto, sendo o título — horrível clichê negro, em xilogravura, — substituído por caracteres comuns. E não voltou mais à circulação (Arq. Púb. Est.).

A CULTURA ACADEMICA — Ciências e Letras — Surgiu no dia 11 de agosto de 1904, Fasc. I, Tomo I, Vol. I, formato de 22x16, uma só coluna de composição e 88 páginas de texto. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, situada na rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51, utilizando papel **couché**. Assinatura anual — 10\$000. Custo do exemplar — 3\$000. Propriedade e direção permanente de J. E. da Frota e Vasconcelos. Comitê de Redação para o segundo semestre do ano: Clóvis Bevilacqua, Faelante da Câmara, Carneiro da Cunha, Gervásio Fioravanti, Carlos Pôrto Carreiro, Artur Orlando, Vicente Ferrer, Carneiro Vilela, Faria Neves Sobrinho, Francisco Alexandrino, Araújo Jorge, Rêgo Barros Júnior, Merval Veras, José Pernambucano e Manuel Marques.

---

(1) Não foi possível identificar o d'a exato. 32 foi repetido no texto, nos “Telegramas de confinança”, onde apareciam, igualmente, os dias 44 e 69 de julho.

Sem editorial de apresentação, abriu o texto a nota aqui reproduzida: “**A Cultura Acadêmica** tem as suas colunas franqueadas a todas as manifestações do saber dos produtos intelectuais da Faculdade de Direito do Recife. Cabe aos respectivos autores a inteira responsabilidade de suas idéias e ortografia. Não serão devolvidos os originais”.

Como primeira matéria, precedida de página com retrato, escreveu Artur Orlando o elogio de Tobias Barreto, seguindo-se notas biográficas coligidas pela redação. Foram outros colaboradores: Dr. Ferrer, Faelante da Câmara, Lustosa de Freitas, A. G. de Araújo Jorge, Carlos Pôrto Carreiro, Virgínio Marques, Santos Neto e Cruz Oliveira, os dois últimos assinando poesias. Algumas biografias, ilustradas com clichês, entremevam os longos artigos literários, filosóficos ou jurídicos.

A 22 de setembro circulou “um número especial consagrado à memória de Martins Júnior”, contendo 120 páginas, repletas de produções firmadas pelos nomes mais destacados das letras pernambucanas. Clóvis Bevilaqua focalizou o Jurista; Gervásio Fioravante — o Poeta; Artur Orlando — o Filósofo; Osvaldo Machado — o Político; Artur Muniz — o Orador; Virgílio de Sá Pereira — o Íntimo; A. G. de Araújo Jorge — o Meio em que aparece; França Pereira — Sua influência na vida mental brasileira; Carlos Pôrto Carreiro — o Último poeta da República; Faelante da Câmara — o Jornalista; Teotônio Freire — biografia. Versos de Durval de Brito e Bianor de Medeiros. Poesias do extinto encerraram a edição, que também inseriu diferentes fotografias familiares.

O fascículo II apareceu a 12 de outubro, e o III, completando o tomo I, a 25 de dezembro. Total de 290 páginas, em numeração seguida.

Voltou **A Cultura Acadêmica**, iniciando o tomo II, a 24 de fevereiro de 1905, com novo Comité de Redação (escalado para o primeiro semestre), assim constituído: Silveira de Souza, Adolfo Cirne, Virgínio Marques, Neto Campelo, Samuel MacDowel, Joaquim Tavares, Sousa Pinto, França Pereira, Osvaldo Machado, Luiz Estevão de Oliveira, José Augusto, Carlos Xavier, Cromwell Carvalho, Rodolfo Garcia e João Barreto de Menezes. Os dois fascículos seguintes saíram nos dias 21 de abril e 24 de junho, completando o segundo tomo, Vol. I, num total de 240 páginas.

O ano II, vol. II, começou com a edição de 11 de agosto — tomo I, fasc. I — substituído o Comité de Redação pelo seguinte, para o segundo semestre de 1905: João Vieira, Henrique Millet, Tito Rosas, Laurindo Leão, Simões Barbosa, Rodolfo Araújo, Júlio Pires, Maria Fragoso, Manuel Caitano, Bianor de Medeiros, Moraes Correia, Paulo Salgado, Artur Ramos Júnior, Trajano Chacon e Luiz Franco. Completaram o tomo, sempre de três fascículos, os de 12 de outubro e 25 de dezembro. Total de 258 páginas.

Datado de 24 de fevereiro de 1906, teve início o segundo tomo do vol. II, ano II, obediente ao Comité da Redação abaixo: Adelino Filho, Augusto Vaz, Eugênio de Barros, João de Oliveira, Odilon Nestor, Aprígio Garcia, Artur Muniz, Guimarães Júnior, José Carlos Borges, Odilon dos Anjos, Alberto Pinheiro, Fernando Barroca, João Cláudio (como passara a assinar-se João Rodrigues Carneiro Campelo) e Antônio Carneiro Leão. Os fascículos seguintes foram datados de 21 de abril e 24 de junho.

Foram outros colaboradores d'A *Cultura Acadêmica*: Abelardo Lobo, Antônio Vitrúvio, Carlos Pontes, Gaspar Vanderlei Lolo, João Damasceno, Meira de Vasconcelos, Soriano de Albuquerque, Ulisses Viana, José de Barros Lima, J. B. de Andrade Lima, Luiz Franco, Mateus de Albuquerque, Rodrigues de Melo, Adalberto Peregrino, F. A. Pereira da Costa, Alberto J. de Góis Teles, Arlindo de Andrade, Hersílio de Sousa, J. B. Regueira Costa, Laiete Lemos, Nilo Caeté, etc., ora em prosa, ora em verso. Todas as edições, divulgavam notas biográficas de homens de letras, ilustradas com fotografias.

Publicou-se ainda o Fasc. I, Tomo I, Vol. III, Ano III, datado de 11 de agosto de 1906, com 86 páginas (1). Novo Comité de Redação: José Seabra, Constâncio Pontual, Gonçalves Ferreira, Sofrônio Portela, Sá Antunes, Hersílio de Sousa, Samuel Martins, Otávio Hamilton, Turiano Campelo, Eustáquio Pereira (Faneca), Hora de Mesquita, Luciano Pereira, Andrade Bezerra, Francisco Solano e João Meira e Sá. Divulgou o sumário a seguir: biografia do Barão de Catuama, por Eduardo

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, nos "Anais", como último número publicado, o de 24/6/1906, como o fez, igualmente, no tocante a *O Correio Acadêmico*, estudado a seguir.

W. T. Barreto; notas sobre o Conselheiro Rosa e Silva, por F. B.; poesias de Carlos Porto Carreiro, Odilon Nestor e José de Barros Lima; conferência de Clóvis Bevilaqua; artigos de Faelante da Câmara, João Cláudio, Bianor de Medeiros e Henrique Martins, e notas sobre João Batista Regueira Costa e o Conselheiro Joaquim Antônio de Sousa Spinola (Bibs. Públ. Est., do Inst. Arq. e da Fac. Dir. UFPe. (2)).

**O CORREIO ACADEMICO** (Anexo a **A Cultura Academica**) — Tendo como redator J. E. da Frota e Vasconcelos (bibliotecário da Faculdade de Direito), iniciou-se na mesma data de 11 de agosto de 1904, impresso, igualmente, na **Imprensa Industrial**, mas com duas colunas estreitas de composição e, no fim, algumas páginas de anúncios.

Constituiu a parte noticiosa d'**A Cultura**, ilustrada com fotografias de professores e dos novos bacharéis. Visava, "a par do objetivo primacial de imprimir ao intenso labor do nosso meio litero-científico a mais larga repercussão, proporcionar aos cultores da jurisprudência um precioso repositório de variadas utilidades e informações que lhe pudessem interessar".

Assim se dividiam as seções: "Pela República das Letras"; "Pela Faculdade"; "Pela Cidade"; "Por Casa"; "Pelo Mundo"; "Pela Cidade da Morte", etc., variando a quantidade de páginas. A edição de 22 de setembro do primeiro ano foi unicamente dedicada aos funerais de Martins Júnior, ilustrando-a diversas fotografias.

Não se interrompeu a publicação do Anexo, cujo 6º e último número do ano II tem a data de 24 de junho de 1906, começando o ano III, com o nº 1, a 11 de agosto do mesmo ano (16 páginas), exclusivamente dedicado a Joaquim Nabuco e Clóvis Bevilaqua. Terminou aí, também, a existência d'**O Correio** (Bib. do Inst. Arq. e Bib. Fac. Dir.-UFPe.).

**O BEMTIVI** — Órgão Humorístico e Noticioso — Publicação semanal, circulou no dia 11 de agosto de 1904, com redação no

---

(2) Dentre as coleções do Recife, só a da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, inclui a edição de agosto de 1906, o mesmo acontecendo quanto a **O Correio Academico**. Outra coleção completa, conjunta, existe na Biblioteca Pública de Aracaju, Sergipe.

subúrbio de Areias e impresso no Atelier Miranda, à rua das Cruzes (atual, rua do Diário de Pernambuco) nº 37, formato de 32x22, a três colunas de composição, com quatro páginas. Sob a direção de **Chaleira-Mor** (José Pedro de Sousa), tinha como redatores **Zé Tufão** (Manuel Lopes) e **Dr. Bonitinho** (Diniz de S.). Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; para o interior — 5\$000 e 2\$500, respectivamente.

Lia-se no artigo de apresentação: “É mais um lutador e um trocista a campear alegre e prazenteiramente no campo das lutas e das troças. É mais um amante das boas pândegas a coparticipar, feliz e despreocupado, do chiste e da pilhéria a flux rebentando de lábios e corações. Recebei-o, pois, moços e velhos, grandes e pequenos, ricos e pobres, feios e bonitos, recebei-o numa orquestra harmoniosa de estridentes gargalhadas”. Também usaria “a seriedade e a franqueza”, quando a ocasião o exigisse.

Publicaram-se, apenas, três números d’**O Bemtívi**, que inseria seções interessantes, a saber: “Pela brecha”, de **Rabelais Júnior**; “Coisas que **O Bemtívi** cantou”, pelo **Dr. Bonitinho**. “Semanários”, constituída de notícias locais; “Ouro sobre Azul”, de aniversários natalícios, e ligeiros contos, assinados por **G. Augusto**, **Dr. Pedro Romano**, **F. Pereira** e **H. Neves**. Ao contrário do que era comum, não divulgou nenhum verso, sendo de anúncios a quarta página.

A edição final foi datada de 27 de agosto, justamente quando anunciava o afastamento, por “motivo de desavenças”, dos redatores José Pedro e Manuel Lopes, substituídos por **Zé Capeta** (diretor) e **Rabelais Júnior** (Arq. Púb. Est.).

**O RECIFE — Folha alegre e Ilustrada** — Surgiu no dia 3 de setembro de 1904, como semanário, formato de 38x26, com oito páginas, impresso na oficina da Livraria Boulitreau, à rua do Imperador nº 48, onde foi também estabelecido o escritório da redação. Diretores: **Black** (pseudônimo de Severino Alves Barbosa) e **Zeca Franzes**; direção artística de **Guapy** (Herculano de Albuquerque). Assinatura trimestral (só para o interior) — 3\$000.

Estreou com retrato de Martins Júnior, na primeira página, circulada de vinhetas, tendo como legenda a quadra:



“Do Mestre valoroso, em frente ao negro esquite,  
O Mestre que sofreu e forte lutou tanto,  
Nós deixamos cair, os moços d’O Recife,  
Dos nossos corações o mais sincero pranto”.

**Paulo Contente**, abrindo a seção “Pela semana”, fez a apresentação do periódico em versos. Seguiu-se o editorial, assinado **A Redação**, que prometeu “notícias fresquinhas, sem afronta à moral, humorismo quente e bem talhado, dos nossos melhores autores, gravuras operadas com esmero, por um caricaturista próprio, etc., etc.”.

Inseriu matéria interessante, a salientar: “Caras acadêmicas”, por **Amorzinho**; “Fatos e Sucessos”; “No brando”; “Comédias do Recife”, a cargo de **Simplório Baiacu** (outro disfarce de Severino Alves Barbosa); “Contos ligeiros”, de **Frei Tomaz**; “Mentiras históricas”, por **Chico Martins**; reportagens, etc. Fechou a última página a alegoria “O Recife e a Imprensa”.

Prosseguiu a publicação no mesmo estilo, acrescentando a “Seção Teatral”, de **Remington**; as “Lancetadas”, por **Velasco**; o rodapé “Aqui, ali e acolá”, por **Zeca Franzes**; torneio de glosas; a “Coluna popular” e poucos anúncios. Ao atingir o nº 5, de 30 de setembro, reduziu o formato, para logo mais voltar ao primitivo. A primeira página era ilustrada com fotografias de aspectos da cidade.

No nº 9, de 28 de outubro, último avistado da coleção lacunosa, figurava o nome de Augusto Vanderlei Filho feito encarregado da parte econômica do periódico cujo escritório redacional se transferira para a rua Estreita do Rosário nº 17, 1º andar. (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo Alfredo de Carvalho, **O Recife** chegou a atingir o nº 11, publicado no dia 11 de novembro.

**INDEPENDENCIA OU MORTE!** (1) — Poliantéia datada de 7 de setembro de 1904, com 28 páginas, inclusive a capa, esta em **couché** róseo, foi impressa no Atelier Miranda, à rua do Imrador, formato de 35x23.

---

(1) Aa iniciar as páginas de matéria do texto, a revista apresentava, ao alto, outro título — **O Brasil Independente**.

Abriu o texto o retrato de José Bonifácio, em artístico círculo de vinhetas. Três outras páginas encrustavam, sobre alegoria em côres diferentes, clichês de personalidades locais, sem legendas (2); onze páginas eram só de anúncios, oito delas em diferente papel róseo, assetinado. As oito restantes, em **couché** branco, além de artigo de apresentação, inseriram o poema "José Bonifácio", de Machado de Assis; artigos de Artur Muniz, Frederico Vilar, Teotônio Freire, Faelante da Câmara, Lustosa de Freitas, A. G. Araújo Jorge, Abel da Silva, João Ezcquele, Martins Filho, João Cláudio, Turibio Chaves e **Mário Didier** (travesti de Coimbra Lobo); versos de Júlio Pires, Aluísio de Oliveira e **Um Pernambucano**, tudo alusivo ao feito da independência. A publicação teve como responsável Manuel Coimbra Lobo (**Bib. Púb. Est.**).

A VERDADE — **Periódico Literário e Noticioso** — Surgiu a 12 de setembro de 1904, tendo como proprietários e editores Manuel Nunes Correia e José Francisco de Moraes e Silva, com escritório de redação à rua Duque de Caxias nº 32, 1º andar. Impresso no formato de 44x30, com quatro páginas, a quatro colunas de composição, serviu-lhe de cabeçalho vistoso clichê, cujo desenho exibiu uma mulher de barrete frígio, tendo à mão direita um ramo e à esquerda um mastro do qual se desenrolara longa flâmula drapejando ao vento, nela inscritas as letras do título do jornal; sob a flâmula, via-se meia circunferência do globo terrestre mostrando o território do Brasil e, sobre ela, a divisa: "O Direito e a Lei. A Justiça e a Grei". Assinava-se a 3\$000 por trimestre, custando 200 réis "o número do dia anterior".

Seu programa, expresso em artigo, firmava-se na fé republicana, tendo como norma as palavras contidas na epígrafe.

Publicado semanalmente, iniciava o texto de cada número a seção "Santos do dia", seguida de editorial, "Literatura" "Jurisprudência", "Pela Grei", "Diversões", "Notícias" e mais de uma página de anúncios. Teve a colaboração de Ambrosina Nunes, Paulo Barros, Alcibiades B. de Lima, Antônio Estanislau, Occam, Ribeiro da Silva, etc.

Foi bastante curta a vida d'A Verdade, que só atingiu o quarto número, publicado a 3 de outubro (**Arq. Púb. Est.**).

---

(2) Cinquenta anos depois, foi possível identificar, entre os nove clichês, as effigies do escritor Artur Muniz e dos professores Cândido Duarte e Alfredo Gama.

O LUIZINHO — Poliantéia de louvor ao pianista Luiz G. C. Leão, por motivo do seu aniversário natalício, circulou no dia 5 de outubro de 1904, formato de 14x10, com quatro páginas, impressa em papel superior.

Da página de frente constou, abaixo do cabeçalho, uma vinheta musical sobre minúscula fotogravura do homenageado. A segunda estampou programa de concerto musical, aparecendo, nas restantes, ligeiras notas de saudação, assinadas por amigos e admiradores de Luizinho (Arq. Púb. Est.).

O JANOTA — Órgão de um conventilho boêmio — O nº 1 circulou no dia 18 de outubro de 1904, formato de 37x27, com oito páginas, impresso na tipografia da Agência Jornalística, à rua do Imperador nº 31. Direção de **Frei Vergão e Frei Galerno**. Assinava-se o trimestre a 1\$200.

Segundo a nota de apresentação, inserta na quarta página, o jornal era “filho da troça, neto da folia”, tendo “por parentes, bem chegadinhos, a galhofa, o riso e a brincadeira. O fazer rir é seu verdadeiro lema”.

Constou a primeira página de uma ilustração de nu, com legenda em versos, dividindo-se a matéria em seções como “Janotices da semana”; “Coisas que fazem rir”; “No confessionário”, por **Frei Taboca**; “Notas furadas”; “É com isto que a negrada embirra”, por **Frei Birra**; mais a colaboração de **Frei Fulano, Juca Travesso e Capelão Frei Gafanhoto**; outras ilustrações e poucos anúncios. Na quinta página vinha o número (centena) de cada exemplar, para sortelo a prêmio.

Ora semanal, ora quinzenalmente, **O Janota** seguiu sua jornada, incluindo nos seus gracejos cenas de escândalo, pasquinadas. A partir do nº 4 mudou o sub-título para “Periódico humorístico e ilustrado”. Mas logo terminou sua existência, uma vez posto em circulação o nº 6, de 30 de dezembro, impresso em tinta de cor. (Bib. Púb. Est.) (1).

HOMENAGEM A EXÍMIA PIANISTA D. THEREZA DINIZ — **Da Sociedade Musical Euterpe** — Número único, salu a lume no dia 18 de outubro de 1904, formato de 32x22, com quatro páginas, impresso em papel couché. Ao lado do título figurava o emblema musical.

---

(1) Coleção desfalcada.

O artigo de abertura, precedido do clichê, em duas colunas, da homenagem, focalizou o sentido da publicação que patenteava “a imensa gratidão” da Euterpe à sua fundadora, na data do respectivo aniversário natalício. Assinou-o o primeiro secretário Alfredo (de Oliveira) Polari. Seguiram-se produções, em prosa, a respeito do evento, firmadas por Carlos Xavier Pais Barreto, L. Smith, Barbosa Viana, Bartolomeu Anacleto, Lídio Gomes e Alfredo Gaspar, figurando na última página um acróstico feito por M. Carvalheira, com os títulos das músicas publicadas pela maestrina, servindo de centro o seu nome completo — Thereza da Fonseca Borges Diniz (**Arq. Púb. Est.**).

O LINS — Homenagem da Corporação Tipográfica do **Jornal Pequeno** a Joaquim Caldas Lins, circulou, como número único, a 29 de novembro de 1904, impresso em papel-cartolina, inserida, porém, a matéria, simplesmente nas páginas internas, ficando as de fora em branco.

“Esta poliantéia — declarou a nota de apresentação — sintetiza o amor e reconhecimento ao velho companheiro de lutas na tenda de trabalho”, aludindo ao “cristalino caráter” do homenageado. Vários tipógrafos assinaram saudações, em poucas linhas, ao aniversariante, a saber: Aurélio Silva, João de Oliveira, Ranulfo de Araújo, Júlio Paz, Pacheco, João Martins de França, Torquato Espindola, Samuel Santos, Severino Bezerra e Antônio Valentim da Silva (**Arq. Púb. Est.**).

MYSTICO RAMALHETE — Poliantéia “a Maria Santíssima, no faustoso dia de sua Imaculada Conceição — Tributo de amor filial da Confraria de N. S. de Lourdes da Igreja da Pênya”, circulou no dia 8 de dezembro (1) de 1904, impressa na oficina gráfica d’A **Provincia**, à rua do Imperador. Apresentando-se no formato de 30x20, com 72 páginas em papel **couché**, afora a capa, no mesmo papel, porém róseo, nela figurou um desenho simbólico (trabalho do gravador **Benevenuto Telles**). Seguiu-se, na página de rosto, a portaria de aprovação e autorização de D. Luiz de Brito, bispo de Olinda, abrindo o texto uma estampa da Virgem, com palavras de exaltação à “grandiosa festa” da Conceição.

A matéria do **Mystico Ramalhete** constituiu-se de artigos, crônicas e diferentes poesias alusivas ao evento religioso, as-

---

(1) Inexplicavelmente, Alfredo de Carvalho atribuiu à poliantéia acima estudada a data de 17 de agosto.



sinados por congreiras da Penha e associadas de outras corporações pias, inclusive de Olinda e Bom Conselho. Entre as signatárias viam-se os nomes de Ana Angélica de Albuquerque Melo, Maria José G. Coimbra, Maria Osmida de Barros Lima, Rosa Evarista Rodrigues Machado, Leopoldina Dias, Laura Georgina Abrantes, Marilita de Albuquerque, Maria Amélia de J. e Silva, Maria do Carmo Carneiro Leão, Ambrosina Abrantes, Francisca Isabel Carneiro Leão, Arcelina Campelo, Parisia Nínia Pontual, Ana Temporal, Ana Carlota de Barros Barreto, Maria Tavares César de Melo, Virgínia de Figueiredo, Maria do Carmo Vidal de Negreiros e Maria Stela de Holanda Cavalcanti, encerrando com poema lírico de Landelino Câmara (Arq. Púb. Púb.).

O BRAGA — Número único, “dedicado ao Coronel Alexandre Braga, no dia de seu aniversário natalício”, foi dado à estampa a 18 de dezembro de 1904, formato de 30x21, com quatro páginas, impressas a tinta de cor, em fino papel.

De frente figurou o retrato, em fotogravura, do homenageado, tendo como legenda um artigo de Carlos Porto Carreiro, que ainda o saudou num soneto da segunda página. Outros versos foram-lhe dedicados por Artur Bahia e A. H. de Farias, afora artigos ou saudações mais ligeiras firmados por José Rodrigues dos Anjos, José Temporal, Artur Muniz, Artur Oliveira, Odilon dos Anjos, Mário Freire e Alcides dos Anjos. Num prospecto anexo, Antônio Lins Vieira parabenizou “ao imortal trocista, ao bom amigo Alexandre Braga” (Arq. Púb. Est.).

## 1905

SPORT — Propriedade “de uma empresa particular”, circulou, pela primeira vez, a 7 de janeiro de 1905, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas. Impresso na oficina d’A **Provincia**, dizia, à guisa de Expediente: “Assinatura — não tem”. Preço do exemplar — 100 réis.

“... não se restringirá, exclusivamente, às funções hípi-cas” ressaltava a nota de apresentação, acrescentando que trataria, também, de outros gêneros de diversões.

A edição apresentou a primeira página no lugar da quarta e a segunda no da primeira, ficando no centro a terceira e a

quarta. Além do noticiário das corridas hípicas e de uma parte de anúncios, liam-se versos humorísticos de **Lulu Pelintra** e uma crônica-rodapé de **D. Fuas (Bib. Púb. Est.)**.

O nº 2 (e último) circulou no dia 14, consoante informação do **Diário de Pernambuco** do dia 15, que aludiu ao nome de Eurico Vitruvius como diretor da "interessante publicação". Era ele o humorista **Lulu Pelintra**.

**JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO — Órgão dos Interesses Científicos Práticos e Profissionais da Classe Médica Pernambucana** — O primeiro número foi publicado a 16 de janeiro de 1905, com oito páginas, formato de 32x22, a duas colunas de composição. Diretor e redator-chefe — Otávio de Freitas, funcionando a redação na rua do Hospício nº 3. Assinatura anual — 10\$000; União Postal — 12\$000. Preço do exemplar — 1\$000. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo ns. 78/82.

Após algumas considerações em torno do reergulmento da classe médica em Pernambuco, assim concluiu o editorial da apresentação: "...se tudo vai melhorando nos domínios da medicina social, da assistência pública, da medicina doutrinária, literária e clínica, entre nós, justo é que procuremos incitar, prosseguir e promover, cada vez mais, o alevantamento da classe, fazendo entrar na liça mais uma arma, e das mais poderosas: o jornal.

"Mas... permitam-nos a franqueza, encetamos a nossa odisséia sem programa traçado, sem planos delineados. Cronologicamente, somos a quarta tentativa a fim de constituir-se numa permanente realidade a manutenção de uma folha médica no Recife: em 1843, um grupo de valentes esculápios fundou os **Anais da Medicina Pernambucana**, que saíram seis vezes no largo espaço de três anos; em 1875 surgiram os **Anais do Instituto Médico** (1), com um número único, igual sorte cabendo aos **Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco**, em 1898. Tentativas, apenas, eis o que temos tido até hoje e, apesar da boa vontade que nos anima e da confiança que depositamos em o nosso empreendimento, somos por enquanto uma

---

(1) O articulista enganou-se quanto a datas; assim é que os **Anais de Medicina Pernambucana** saíram, pela primeira vez, em 1842, e os **Anais do Instituto Médico Pernambucano** foram publicados em 1874.

tentativa também. Por isso, para não deixá-lo irrealizado, para não vê-lo burlado, evitamos de esboçar o nosso programa.

“Somos um jornal de medicina em cujas colunas cada um representante da classe poderá escrever sobre assuntos não só que digam respeito particularmente aos interesses da profissão, como os de doutrina ou prática médica. Nada mais”.

Publicando-se regularmente, cada mês, aumentando, pouco a pouco, o número de páginas, o **Jornal de Medicina** foi, de início, o único periódico médico existente em todo o Norte do país. Inseria relatórios, notas científicas, noticiário, bibliografia, crítica de livros, conferências, discursos, estatísticas, formulários e atas das sessões da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Como colaboradores efetivos, figuravam Constâncio Pontual, Arnóbio Marques, Simões Barbosa, Oscar Coutinho, Ascânio Peixoto, João Marques, Alcides Codeceira, José Inácio d'Avila, Lisboa Coutinho e Eustáquio de Carvalho.

No período de abril a dezembro de 1906, durante uma ausência do diretor efetivo, assumiu essa função o dr. Alcides Codeceira, o qual, em maio de 1910, se tornou redator-secretário. Outros colaboradores foram surgindo, tais como Augusto Chacon, Bandeira Filho, Frederico Cúrio, Gouveia de Barros, João Amorim, Joaquim Loureiro, João Marques, José de Barros, Leopoldo de Araújo, Lins e Silva, Luiz Loureiro, Raul Aze- do, Vicente Gomes e Vieira da Cunha.

Ao solenizar-se, em janeiro de 1911, a data do sexto aniversário do **Jornal de Medicina de Pernambuco**, escreveu a redação: “Neste lapso de tempo, que já não é curto, ele tem sido repositório das elocubrações intelectuais dos nossos facultativos, como de alguns cirurgiões dentistas e farmacêuticos, e quem percorrer as páginas dos seus seis volumes já publicados verá de pronto a enorme messe de trabalhos de elite que elas possuem, atestando a produtividade do nosso meio científico, onde florescem tantos talentos peregrinos”.

Não parou mais. Chegado o nº 3 do ano XII, de 16 de março de 1916, apareceu “vestido com outras roupagens”, isto é, o formato reduzido para 22x15, em coluna larga de composição. A redação, que já vinha funcionando na rua da Imperatriz nº 21, mudava-se para o nº 76 da mesma rua. Na página de rosto figuravam, como redatores; Otávio de Freitas, Alcides Code-



# JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

PUBLICAÇÃO MENSAL

<p>Por um ano Cada Parte Quatro Partes</p> <p>Os preços são contados em dinheiro vivo, não são cobrados em papel-moeda.</p> <p>Que impressões de qualquer natureza não serão feitas sem a autorização expressa do Director do Jornal.</p> <p>3.000 RS. ANNUO</p>	<p><b>Dr. Carlos de Sá</b> Diretor do Jornal</p> <p><b>Dr. Carlos de Sá</b> Diretor do Jornal</p> <p><b>Dr. Carlos de Sá</b> Diretor do Jornal</p> <p><b>Dr. Carlos de Sá</b> Diretor do Jornal</p> <p><b>Dr. Carlos de Sá</b> Diretor do Jornal</p>	<p>... e de ... ... e de ... ... e de ...</p> <p>... e de ... ... e de ... ... e de ...</p> <p>... e de ... ... e de ... ... e de ...</p>
--	--	---

### SUMARIO:

- I. Jornal de Medicina de Pernambuco. A. Vasquez
- II. Clinica Cirurgica. ...
- III. ...
- IV. ...
- V. ...
- VI. ...
- VII. ...

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

## JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

... e de ...  
... e de ...  
... e de ...

ceira e farmacêutico Virgílio Lima, este admitido, na qualidade de gerente, desde dezembro do ano anterior. Aumentou o número de páginas para a média de 20, afora a capa e algumas de anúncios.

Em maio de 1917 afastavam-se o redator-gerente e o redator-secretário. Este último cargo só foi preenchido em janeiro de 1919, pelo médico Antônio Inácio, o qual, por sua vez, o entregou, em junho de 1921, a Mário X. Carneiro da Cunha, que o ocupou até maio de 1923. A redação transferira-se para a mesma rua nº 245, 1º andar.

A revista gozava do melhor conceito na classe médica pernambucana, publicando sempre escolhida colaboração científica, a salientar os trabalhos de Arsênio Tavares, Barreto Sampaio, Edgar Altino, Antônio Carneiro Leão, Mário Ramos, Soares de Avelar, Prado Valadares, Meira Lins e Gilberto Fraga Rocha.

Em homenagem aos colaboradores do ano anterior, passaram a figurar, desde janeiro de 1927, como redatores, os seguintes médicos: Francisco Clementino, João Marques, Ulisses Pernambucano, Ageu Magalhães, Fonseca Lima, Aluísio Marques, Romero Marques, Mateus de Lima, Ferreira dos Santos e Medeiros Brito.

A edição de junho do referido ano saiu com 100 páginas, comemorativas da inauguração do edifício da Faculdade de Medicina do Recife, bastante ilustrada, inserindo discursos, mensagens, ata da solenidade, apreciações da imprensa e artigos especiais de Ageu Magalhães, Sílvia Moncorvo, Paulino de Barros e Mário Melo.

A partir de agosto, a redação ficou instalada na Praça Maciel Pinheiro nº 48, 1º andar. E o trabalho gráfico passou, em março de 1928, para a oficina d'A Pilhéria, à rua da Aurora nº 39.

A turma de redatores permaneceu no cabeçalho até que, em janeiro de 1935, ficou o velho diretor ladeado, apenas, por um redator-secretário: Otávio de Freitas Júnior. E a redação foi transferida para a rua D. Bosco nº 779, onde, finalmente, permaneceu.

Mais dois anos, e o “jornal médico mais antigo do Nordeste brasileiro” tornou-se, em janeiro de 1937, órgão da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. Entretanto, foi suspenso — fato pela primeira vez verificado — no mês de setembro.

Reapareceu em janeiro de 1938, como revista trimestral, órgão da Sociedade Médica do Hospital Pedro II, obedecendo à seguinte equipe: Diretor-fundador — Otávio de Freitas; redator-secretário — Gonçalo de Melo; conselho de redação — Arnaldo Marques, Artur Moura e Romero Marques, tendo como colaboradores o Corpo Clínico do Hospital Pedro II e membros da Sociedade Médica. A tabela de assinaturas ficou assim organizada: ano — 30\$000 para o estrangeiro e 20\$000 para o país; número avulso — 2\$000.

No artigo intitulado “Nova fase”, dizia o professor Otávio de Freitas que o **Jornal** “estava ficando demodê”; daí porque resolvera “imprimir-lhe novos rumos, nova feição, dar-lhe, em suma, uma amplitude maior, em consonância com a crescente altitude da nossa classe médica”. Noutro tópico: “O **Jornal** passou a fazer parte de minha vida. E eu não a compreendo sem ele...” Apesar, todavia, dos novos rumos, nada de “exclusivismo de escolas ou de grupos”.

Entretanto, a reestruturada revista, com a média de 50 páginas por edição, impressa em papel couché, na tipografia do **Diário da Manhã**, não durou mais que as edições de janeiro, abril e julho do referido ano.

Suspensa, reapareceu em 1940, para publicar-se mensalmente, como dantes, sob a responsabilidade única de Otávio de Freitas, sendo secretário Otávio de Freitas Júnior e gerente Miguel Arcanjo. Tornou-se, outra vez, órgão da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose e, concomitantemente, da Sociedade Pernambucana de Tuberculose. O primeiro número dessa fase, compreendendo janeiro, fevereiro e março, num total de 112 páginas, divulgou, apenas, os trabalhos da II Conferência Nordestina de Tuberculose, realizada no Recife. Voltou a ser confeccionada na Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca & Cia. Ltda.

Continuando a circular regularmente, a edição de dezembro de 1942 foi dedicada às bodas de ouro de formatura do professor Otávio de Freitas, inserindo artigos alusivos, assinados por vários médicos, e um roteiro completo das atividades do

homenageado, enquanto o número seguinte — janeiro de 1943 — se ocupava do relato das comemorações do marcante acontecimento, divulgando, inclusive, os discursos pronunciados em diferentes solenidades. O preço da assinatura anual, para o estrangeiro, elevava-se para 50\$000, ou sejam, Cr\$ 50,00, alterado que foi o padrão da moeda brasileira. Continuou a anualidade de Cr\$ 20,00 para o Brasil.

As primeiras edições de 1944 foram dedicadas à publicação das lições proferidas, no ano anterior, no Curso de Tisiologia, pelos professores Edgar Altino, Ageu Magalhães, Aguinaldo Lins, Otávio de Freitas, Sérgio Morel, Nelson Chaves, Miguel Arcanjo, Ferreira Pinzon, Joaquim Cavalcanti, João Asfora, Barros Lima, Fernando Livramento, Agenor Bomfim, Romero Marques, Bezerra Coutinho, Francisco Montenegro e Meira Lins.

Sem mais interrupções, cada ano editando doze números, sempre a cuidar “dos interesses científicos, práticos e profissionais da classe médica pernambucana”, o **Jornal de Medicina**, em agosto de 1945, restringiu-se a órgão da Liga P. Contra a Tuberculose; em outubro de 1947 admitiu, como gerente, Manuel Gomes de Sá, mês e ano em que passou a ser impresso na seção de Artes Gráficas da Escola Industrial da Encruzilhada, à rua João de Barros nº 1769.

O ano de 1949 foi de luto, em virtude do falecimento, a 26 de janeiro, do Mestre Otávio de Freitas. Tinha circulado a primeira edição do ano (2). A seguinte apresentou-se como nº 4, compreendendo os meses de fevereiro a abril, num total de 48 páginas. Dedicada à memória do ilustre diretor e fundador, divulgou-lhe o retrato, na capa, e, no texto, artigos especiais, discursoso proferidos nas exéquias, telegramas e transcrições da imprensa diária.

---

(2) Segundo o editorial de abertura da edição de fevereiro/março/abril de 1949 do **Jornal de Medicina**, Otávio de Freitas ainda reviu as provas da edição de janeiro, “já no leito do Hospital, poucos dias antes de falecer”. E acentuou: “Todo o trabalho do **Jornal** ele o tomava a si, com a avidez do amor, como demonstrou várias vezes ser capaz, pelas coisas a que deu vida. Era ele que coletava as colaborações e quando estas faltavam, sozinho escrevia todos os artigos do **Jornal**. Traduzia artigos estrangeiros, que julgava de interesse divulgar. Levava mensalmente a matéria às tipografias. Corrigia as provas, orientava a paginação. Subscitava número por número, para a distribuição. Selava um por um dos exemplares e ele mesmo levava ao correio os pacotes de seu jornal, para lançá-lo na cidade, no Estado, no país e no estrangeiro”.

Do nº 5 — maio/junho — por diante, o **Jornal de Medicina de Pernambuco** ampliou sua cobertura científica, acrescentando ao expediente: “Órgão do Centro de Estudos da Enfermaria Santana do Hospital Pedro II, do Serviço do Professor Simões Barbosa, do Instituto Pernambucano de História da Medicina, do Sindicato dos Médicos de Pernambuco e da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose”. Redator-chefe — Otávio de Freitas Júnior; redatores-secretários — Antônio de Sousa Costa e acadêmicos Helena Moura e Salustiano Gomes; tesoureira — Elena Freitas.

A partir de 1950, todas as capas exibiram clichê do diretor extinto. Todavia, não voltou o importante magazine à periodicidade mensal. Ficou circulando bimestralmente; mas ocorreram duas únicas edições em 1952, sempre arbitrária a quantidade de páginas.

Iniciado 1953 — nº 1, de janeiro/abril — lia-se, apenas, no expediente, o nome do fundador, ao lado do de Otávio de Freitas Júnior, na qualidade de editor-responsável, assessorado por um Conselho Consultivo e comissões científicas. Encarregado da publicidade — Ênio de Barros Pereira, que substituiu a Adel Amorim. Previa, consoante o editorial de abertura, um “planejamento diverso de suas atividades”, esperando publicar algumas monografias da Comissão de Psiquiatria.

Nesse ano, todavia, só foram divulgadas duas outras edições, a última delas em novembro/dezembro, constituindo um “número de laboratório”, excepcionalmente dirigido pelo professor Marcionilo Lins, com 12 páginas, impresso, também por exceção, na oficina da **Gazeta Esportiva**.

Tendo a vida por um fio, o tradicional magazine científico deu uma edição exclusiva em 1954, comemorativa do cinquentenário de sua fundação, contendo 114 páginas. Segundo o editorial alusivo, dificuldades materiais impuseram-lhe modificações sucessivas, inclusive redução de páginas; mas, mantinha-se “vivo o espírito do mais antigo jornal médico do Nordeste brasileiro, cronologicamente o terceiro do Brasil, com o seu lema de cuidar “dos interesses científicos, práticos e profissionais da classe médica pernambucana”, que inscreveu, já no longínquo ano de 1905, seu fundador, o professor Otávio de Freitas”. Acentuou que o famoso médico-escritor o manteve “ano após ano, às vezes sozinho, escrevendo todas as suas páginas, corri-

gindo suas provas tipográficas, subscritando os endereços dos assinantes e correspondentes, colocando cada número no Correio, com o amor dum pai que nunca permitirá o desaparecimento do filho. Não o esqueceu nem nas suas últimas horas de vida, em seu leito de morte”.

Esteve farta, a edição, de trabalhos de natureza científica, e o sociólogo Gilberto Freire assinou artigo especial sobre Otávio de Freitas.

Nos últimos anos, o **Jornal de Medicina de Pernambuco** contara com a colaboração dos médicos Francisco Montenegro, Valdemar de Oliveira, Jorge Glasner, Costa Carvalho, Herodoto Pinheiro Ramos, Paulo Borba, Aldo Vilas Boas, Orlando Parahym, Alvaro de Figueiredo, Eduardo Vanderlei, Marcionilo de Barros Lins, José Otávio Cavaicanti, Salgado Calheiros, Manuel Caitano de Barros, Juraci Mendes Bezerra, Simão Foigel, Clóvis Paiva, Fernandes Viana, Sabino Pinho, Arnaldo Marques, Eleazar Machado, Leduar de Assis Rocha, Laurênio Lins de Lima, Gilson Machado, Aristides de Paula Gomes, Rui João Marques, Bento Magalhães Neto, Frederico Carvalheira, Walter Costa, José Asfora e outros (3) (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Med. — U.F.Pe.** (4)).

A CHIBATA (1) — “Com esta epígrafe, apareceu, aqui, neste arrabalde, um indecente pasquim”.

Sem mais esclarecimentos, a não ser que a folha “continha diversos pormenores familiares e muitas boçalidades”, foi assim registrada, pelo **O Vigia** de Tigipió, edição de 19 de fevereiro de 1905, a existência d’A Chibata.

É provável que só tenha circulado uma vez, dada a advertência do noticiarista ao subdelegado, para que “procurasse evitar aparecer pela segunda vez o dito pasquim, a bem da moral pública”.

O VIGIA — **Semanário Humorístico e Noticioso** — Tendo como proprietários **Zé Corisco** e **Treme-Treme**, saiu a lume no dia 19 de fevereiro de 1905, formato de 30x21, com quatro páginas a três colunas de composição, sediado em Tegipió.

(3) Só voltou a publicar-se em 1957.

(4) Coleções com lacunas.

(1) Não consta da relação de Alfredo de Carvalho.

“Noticioso e humorístico, **O Vigia** será um porta-voz da verdade e se esforçará para bem corresponder à expectativa pública” — tal era o seu programa, expresso em ligeiro editorial, que terminou solicitando a ajuda dos leitores.

O pequeno órgão viveu, apenas, o espaço de três edições, a última das quais datada de 5 de março. Bem impresso e variado, além da principal seção de **Zé Corisco**, em versos, “A guisa de assuntos”, teve a colaboração ligeira de **Tu-Tu-Chinês**, **Tucuman**, **Beija-Flor**, **H. T.**, **Pé-Kin**, **Maluco**, **Tutu Manhoso** (Sebastião Pinto Ribeiro), etc., não sem deixar de focalizar, em editoriais, assuntos de vital importância (**Arq. Púb. Est.**).

O **CATANEBIO** — Jornalzinho dedicado aos folgares de **Momo**, apareceu no dia 3 de março de 1905, conforme noticiou, no dia seguinte, o **Diário de Pernambuco**, sendo distribuído por ocasião do ensaio geral do Grupo Carnavalesco **Catanebios do Amor** do qual era órgão.

O **GALLO** — Órgão da fortuna em todos os partidos e indispensável em todas as festas — In-fol. peq., circulou o “número único em março. Jornal lotérico” (“**Anais**”).

O **PRELIO** — Surgiu no dia 16 de março de 1905, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas. Proprietário e gerente — Antônio Carvalho. Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica( atual do Apolo) ns. 49/51, instalou a redação no mesmo local. Preço da assinatura trimestral — 1\$000, acrescidos de \$500 quando para o interior do Estado.

Era um “trabalhador obscuro do progresso”, não aspirando — consoante o artigo de abertura — “nem mesmo o sopé da alta montanha olímpica onde se assentam, em conselho luminoso de deuses, as sublimes personalidades dos literatos de todos os tempos”.

Declarando-se trimensário, divulgou extensa relação de colaboradores, dos quais poucos compareceram às colunas d’**O Prelio**, que logo desapareceu do cenário, extinguindo-se com o nº 2, do dia 30.

A par de uma “Seção charadística” e ligeiro noticiário, as duas edições divulgaram produções de Clóvis Bevilaqua, Antônio Carvalho, O. S. (Orris Soares), Amélia de Freitas Bevila-

qua, Úrsula Garcia, dr. Pedro Calixto, José Júlio, Júlio Pôrto Carreiro, Bianor de Medeiros, Teotônio Freire e Edwiges de Sá Pereira (Arq. Púb. Est.).

**O PANCHITO — Homenagem dos seus admiradores do Recife** — Número único de 5 de abril de 1905, formato de 33x22, com quatro páginas, a primeira das quais com um clichê, entre vinhetas, de Francisco Fernandes (o Menino Cobra). e, sob o título, a sentença: "Fazer justiça ao mérito e ao talento é um ato digno do dever".

Tratava-se do festival de benefício de Panchito, artista do Circo Universal; e seus fans quiseram assim festejar o talento do famoso contorsionista de 11 anos de idade. Encheu-se a pollantêia de crônicas e notas de saudação, assinadas por Eusébio de Sousa, F. Pereira, Tiago dos Santos, Oscar Loureiro, Franco Basillisco (este com um soneto), Jarbas de Barros, etc. No fim, o programa do festival (Arq. Púb. Est.).

**O ISCARIOTES** — Surgiu, "desfraldando o estandarte da sátira", com o nº 1, ano I (e único) a 22 de abril de 1905, formato de 36x25, com quatro páginas, a três boas colunas de composição. Com o objetivo de fazer rir, "não quis, segundo o "Artigo de Raso", enfileirar-se com os humoristas da época, que só sabem fazer espírito ferindo individualidades e, às mais das vezes, conspurcando o santuário do lar".

Escrito mais em verso do que em prosa, ilustrado de caricaturas, apresentou matéria de primeira qualidade, assinada por Isaac Cerquinho, D. R. (Domício Rangel), **Mário Didier** (pseudônimo de Coimbra Lobo), Basilides Getúlio, **Ruy Blás, Bangó, Fly (1), Gil Bohemio, Zé Grilo** (Ernesto de Paula Santos), **Araripe Pipoca, Judas**, com "O meu testamento", etc. (Arq. Púb. Est.).

**UNIÃO OPERARIA — Órgão do Operariado em Pernambuco** — Sob a direção de Círculo Ribeiro, saiu o primeiro número no dia 1 de maio de 1905, formato médio de quatro colunas, com quatro páginas, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, à

---

(1) Esta foi a "chave" do soneto "Judas", assinado por **Fly** (pseudônimo de Osvaldo Machado):

"Mas, ó vida, que sorte te governa:  
A tua história é uma quaresma eterna,  
Porque não tens Jesus prá tantos Judas!"



rua do Imperador nº 47, tendo a redação instalada à rua Mar-  
cílio Dias (hoje — Direita), nº 47.

Constava do editorial de apresentação: “Obedecendo sem-  
pre ao lema de Instrução e União, seguirá a **União Operaria**  
uma orientação capaz de bem servir à classe em geral e especi-  
almente a todas as sociedades artísticas e operárias, às quais  
recorrerá para sua manutenção material e intelectual”.

“... tudo envidará para dar a verdadeira e leal interpre-  
tação às palavras que lhe servem de título”.

“... forte e inabalável, cheia de fé e esperança, assume o  
honroso cargo de órgão da classe, defendendo e pregando a  
doutrina do bem no lema de Instrução e União”.

A edição inicial divulgou artigos ligeiros, sobre temas tra-  
balhistas, de João Ezequiel, M. Gaia, José Nonato Cisneiro,  
Martins Filho, Tiago dos Santos, Guilhermino de Melo, José  
Dativo dos Santos, **Michor**, Marcelino dos Santos e **Um Prole-  
tário** e poesias de Manuel Duarte, Agripino da Silva e Francisco  
Marotti.

— O bem feito jornal, que pretendia publicar-se trissemanal-  
mente, ficou suspenso depois do nº 3, datado de 4 de junho.

Reapareceu a 4 de outubro na oficina da firma Silva &  
Ribeiro, instalada, com a redação, na rua Estreita do Rosário  
nº 33, obedecendo à seguinte tabela de assinaturas: ano —  
2\$000; semestre — 1\$000; trimestre — \$500. Constou do Expe-  
diente: “A União Operaria sairá regularmente, uma vez por  
mês e, extraordinariamente, todas as vezes que for possível ou  
necessário. Além dos números do jornal, serão publicados fo-  
lhetos que os assinantes terão direito a receber”.

Mais dois números, encerrando o ano, circularam em no-  
vembro, sendo o 6º e último datado de 26, excepcionalmente  
com oito páginas, em homenagem ao aniversário da Sociedade  
dos Artistas Mecânicos e Liberais e do Liceu de Artes e Ofícios.

O nº 1 do ano II saiu a 14 de janeiro de 1906, continuando  
a folha “à disposição de todas as sociedades”, para qualquer  
publicação que dissesse respeito “aos interesses operários, as-  
sim como inserção de relatórios, estatutos, projetos, etc.” Duas  
edições ocorreram no mês de maio: nos dias 1, com oito pági-

nas, e 13. Aumentou o formato em agosto: 51x37, a cinco colunas de composição, admitindo pouco mais de uma página de reclamações comerciais. E findou o ano com o nº 13, de 23 de dezembro.

Tendo transportado a redação e a oficina do chamado "Albergue Tipográfico" para a rua das Laranjeiras (estreita rua encravada no espaço atualmente abrangido pela Avenida Dantas Barreto), a **União Operaria** abriu numeração nova — ano III — a 14 de janeiro de 1907, reduzido o formato enorme, quando escreveu a redação:

"É motivo de seu particular regozijo o ter sabido e podido manter ileso o seu programa, vencendo para isto grandes dificuldades e encarando com altivez levas de despeitados e invejosos, que pretenderam forçar os limites de suas conquistas". Iniciava novo tirocínio, "erguendo altiva a frente ao mavioso som do hino do trabalho".

Cirilo Ribeiro continuava chefiando a redação, da qual também faziam parte Tomaz de Aquino e Pedro Alexandrino da Silva. O jornal tornou-se quinzenário, circulando em datas indeterminadas. A edição de 10 de maio foi dedicada à criação dos "sindicatos profissionais e sociedades cooperativas", divulgando, inclusive, o texto do respectivo decreto. Iniciou, na subsequente, a divulgação da longa conferência que, sobre o assunto, pronunciou o escritor Faelante da Câmara, na Federação Operária Cristã.

Afora os nomes antes mencionados, a **União Operária** inseria, desde o princípio, alternadamente e de substituição em substituição, artigos de Luiz Pereira da Costa, Santos Barros, Martins Pereira, Antônio Furtado de Melo(1), Albino Moreira, Luiz S. de França Pereira e outros, e, na parte literária, sob o título geral "Madrepérola", poesias de Costa Rêgo Júnior, Beatriz Ribeiro, Mariano Lemos, Tomaz de Aquino, Frederico Co-deceira, Monte Sobrinho, etc.

O vibrante órgão socialista chegou ao fim de sua existência uma vez posto em circulação o nº 11, ano III, de 22 de julho de

---

(1) A colaboração de Furtado de Melo, nas primeiras edições de 1907, constituiu-se de azedos ataques à personalidade intelectual do famoso tipógrafo João Ezequiel de Oliveira Luz, redator-chefe da **Aurora Social e**, depois, deputado estadual.

1907. Grande anúncio ocupou, então, a última página, oferecendo à venda o Albergue Tipográfico (**Arq. Púb. Est.**).

**O LINGUARUDO — Livro de Sortes** — Entrou em circulação, destinado a percorrer os salões familiares nas noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro. “Muito bem organizado”, foi redigido por hábil humorista, que se ocultava sob o pseudônimo de **Zé Falador (Jornal Pequeno, 9/5/1905)**.

**O MENINO GIGANTE** — Espirituoso livro de sortes, edição d’**A Pimenta**, apresentou-se recheado “de anedotas, bons ditos e versos humorísticos”, trazendo “doze assuntos para a extração de sortes”. Dispunha, segundo a notícia publicada, de “bons elementos para fazer as delícias das nossas festivas noites sanjoanescas” (**Diário de Pernambuco, 31/5/1905**).

**O MACACO — Livro de Sortes** — Redigido por **Fortunato Ventura** (pseudônimo do famoso humorista Ernesto de Paula Santos), divulgou, afora a matéria específica, “soberba messe de humorismo em verso e prosa, adicionando-lhes um exemplar da “Andaluza”, bela valsa, pra piano, pelo dr. Alfredo Gama”. Como atração, oferecia ao leitor felizardo da Loteria Federal “um corte de tecido fantasia para vestido, a escolher na Maison Chic” (**Diário de Pernambuco, 1/6/1905**).

**O DIABO SOLTO** — Foi apresentado como “o rei dos livros de sortes” do ano, o preferido “pelas mocinhas louras e gentis morenas”, oferecendo “três vantajosos prêmios”. Saiu com 100 páginas, tendo como redatores **Zabulon & Dabereth**. Preço do exemplar — 1\$000 (**A Província, 1/6/1905**).

**O MENINO SEM BRAÇO** — Outro livro de sortes posto em circulação, organizado por “apreclado humorista” oculto sob o pseudônimo de **Frei Gregório**. Acrescentou a informação: “Está escrito com muita graça e traz canções, contos, etc., custando apenas \$500 (**Jornal Pequeno, 8/6/1905**).

**O MALMEQUER** — Fascículo de “quase cem folhas”, publicou-se sob a responsabilidade de **Mário Didier** (pseudônimo de Manuel Coimbra Lobo) e de Aluizio de Oliveira, com capa “ornada de um bem acabado **art nouveau de Guapy**” (era o conhecido ilustrador Herculano de Albuquerque). “Sortes hilariantes, canções espirituosas, oráculo de flores, telégrafo amatório, feitiçarias amorosas, mágicas, receitas, contos, duetos cômicos, fadinhos portugueses” formavam o conjunto do livro,

um dos melhores já aparecidos. Tinha muita verve, sem **transparecer malícia** (**Jornal Pequeno**, 12/6/1905).

A **LIMALHA** — **Livro de Sortes de Bibelot** — Destinado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, entrou em circulação no mês de junho de 1905, obedecendo ao formato de 17x11, com 72 páginas de texto e capa em papel **couché**, ilustrada a caráter, num mau desenho. Constava do programa: "Sortes, canções, monólogos, sonetos, contos, anedotas, dicionário dos sonhos, música". Trabalho gráfico da oficina d' **A Província**.

Apresentou-se com excelente soneto de **Bibelot** (como se ocultava Euniciano Ribeiro), cujos tercetos vão abaixo transcritos:

"Sonhos de herança e de almejado afeto,  
que as almas enchem dum sabor discreto,  
— tudo este livro iluminado cita.

Vereis, ó moças, a verdade inteira  
— queimando esta **Limalha** na fogueira  
do ideal que em vossos corações crepita".

Depois da parte específica do magazine, que eram as **Sortes**, seguiu-se a demais matéria, incluindo colaboração poética de Ernesto de Paula Santos, Xavier Coelho, José Henrique, Edwiges de Sá Pereira e **Braz Patife**, prosa de João da Câmara, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

O **ZIZA** — Poliantéia em homenagem a Zeferino Gonçalves Agra (Dr. Ziza), publicou-se no dia do seu aniversário natalício, a 26 de agosto de 1905, formato de 23x16, com **quatro** páginas, a cores, figurando na primeira o retrato dele.

Toda a matéria se constituiu de saudações, em prosa ou verso, assinadas por M. J. de Santana Araújo, A. Nogueira, A. Câmara, Ângelo Sabiá e outros.

Na mesma data, em 1906, circulou o segundo "número único", sendo a primeira página, trabalhada em vinhetas, ocupada por um soneto de Simão d'Almada. Outros amigos do Dr. Ziza assinaram saudações, a saber: Gaspar Regueira, Domicio Rangel, Olímpio A. de Sá, Malaquias da Rocha, Júlio Agostinho Bezerra, etc.

Novas edições d' **O Ziza** ocorreram em 1907, 1909, 1910, 1911 e 1912, com o mesmo significado. Todas foram impressas, em papel **couché**, na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33 (**Bib. Púb. Est.**).

**A PATRIA — Homenagem da Mocidade do Comércio de Pernambuco aos Oficiais da Canhoneira "Pátria"** — Número único, circulou no mês de agosto (1) de 1905, formato de 33x22, com oito páginas, mais a capa, tudo em papel **couché**. Impressão a cores, na tipografia de J. Edelbrock, situada na Avenida Marquês de Olinda nº 4.

Encimada pelos emblemas do Brasil e Portugal, a página de rosto apresentou, entre vinhetas, um soneto, alusivo, de Leandro de Oliveira. As demais, igualmente circuladas, ostentando a palavra **Pátria** como fundo, em diagonal, em duas boas colunas de composição, inseriram artigos ou notas de saudação assinadas por Osvaldo Machado, Almeida Braga, Augusto Figueira, A. Carmo Almeida Sobrinho, A. Cardoso, **Mário Didier** (pseudônimo de Coimbra Lobo), Carvalho Júnior, Manuel Taborda, Raulino Ramos, Amâncio Azevedo, L. de Oliveira e M. de Sousa Lima, e poesias de Gabriel Quintas, Ramiro dos Santos, Segundo Vanderlei, Fr. Júnior, Artur Nogueira Lima, Euniciano Ribeiro e A. Lopes Barros.

Segundo "O porque d' **A Patria**", sua publicação — cotizada por amigos — não era "uma manifestação isolada e filha do exclusivismo", mas "um ato coletivo, ou seja, a junção de duas raças que falam a mesma língua, que sentem o mesmo patriotismo e firmam por escrito o que o coração lhes dita, despedido de rivalidades e de jacobinismo" (**Bib. Púb. Est.**).

**ORGÃO DO CIRCO LUSITANO — Coliseu de Aço** — Circulou (sem data) a 7 de outubro de 1905, formato de 26x18, com quatro páginas, para distribuição gratuita. Diretor e proprietário — Henrique Lustre. Com matéria noticiosa e algumas anedotas na primeira página, as de centro continham o programa do espetáculo circense a realizar-se à noite, ao passo que a última inseria reclamos comerciais. A publicação prosseguiu com outro título (2) (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Não em outubro, como registara, nos "Anais", Alfredo de Carvalho.

(2) Enganara-se, o autor citado, ao mencionar dois números publicados do **Órgão do Circo Lusitano**.

**ORGÃO DO COLYSEU METALLICO BRASILEIRO** — Começou a circular, em substituição ao precedente (também sem data), a 10 de outubro de 1905, sem qualquer alteração, com uma página de matéria redacional e três dedicadas a anúncios e ao programa dos espetáculos do Circo Lusitano, que mudara o nome para Coliseu Metálico. (1)

Alguns números apareceram datados, a começar do oitavo, de 25 do referido mês. Circulando em dias indeterminados, chegou a divulgar 15 edições, a última das quais a 14 de novembro (Arq. Púb. Est.).

**O SPORTMAN — Propriedade e Redação do Hipódromo de Campo Grande** — Entrou em circulação no dia 14 de outubro de 1905, para distribuir-se gratuitamente, formato de 26x18, com quatro páginas, contendo, as externas, duas colunas de 16 cículos.

Era sua missão, consoante o artigo inicial, “pôr os **sportman** ao corrente de todo o movimento de nossa casa de corridas”, esclarecendo depois: “Pugnaremos pela fiel execução dos páreos, bem como pela sua boa organização; pela repressão dos **tribofes**; pelo apuro do nosso gosto no desenvolvimento da raça cavalar e, mais do que tudo isso, pelo soerguimento do nosso prado, até bem pouco tempo lamentavelmente entregue ao abandono cruel do nosso povo”.

Publicou-se, a folha especializada, ora uma, ora duas vezes por semana, ocupadas as páginas centrais exclusivamente com programas das corridas, ao passo que a primeira e a última (esta, a princípio, admitiu anúncios diferentes) inseriam comentários, anedotas ou noticiário sobre assuntos de **turf**, incluindo a crônica, em regime de continuação, “Original Hípico”, por B. Lima (que não chegou ao fim), e a transcrição, em cada número, sob o título “Musa sportiva”, de um soneto da “coleção de versos do saudoso humorista pernambucano **Gregório Júnior**” (pseudônimo de João Gregório Gonçalves).

Não passou, todavia, a existência d’O Sportman, do nº 9, datado de 2 de dezembro (Arq. Púb. Est.).

**ÓRGÃO DA UNIÃO SPORTIVA PERNAMBUCANA** — Embora declarando-se “publicação semanal”, circulou uma única vez (sem data), no dia 14 de outubro de 1905, véspera da 26a.

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionara, erroneamente, os meses de novembro e dezembro como tendo sido o período de circulação do **Órgão do Colyseu Metálico Brasileiro**.

corrida do ano, no Prado Pernambucano. No cabeçalho, aparecia o nome do gerente: Afonso de Moraes Pinheiro. Publicação gratuita, formato de 26x18, com quatro páginas. Destas, somente a primeira apresentou ligeiro noticiário, sendo as restantes ocupadas com o programa das atrações hípicas do dia seguinte. Foi substituído pelo **O Turf (Arq. Púb. Est.)**.

**O SABIA** — Jornalzinho de bolso (formato de 18x12), com quatro páginas de papel assetinado, circulou a 15 de outubro de 1905, “ano LXIX, nº 69” (único), impresso com tinta azul, na “tipografia dum P. M.”. Constituiu uma homenagem a Ângelo Vilaça, alcunhado “Sabiá”, presidente do Clube P. M., na data do seu aniversário natalício. Escreveram, a respeito do evento, em prosa ou verso, **Urubu Malandro, Coronel Balduin, Dr. Rolha** e outros. Não faltou, no cabeçalho, à direita, uma vinheta de sabiá com raminho no bico (**Arq. Púb. Est.**).

**O TURF** — **Órgão da União Sportiva Pernambucana** — Entrou em circulação (sem data) a 21 de outubro de 1905, obedecendo ao mesmo formato do substituído e impresso na tipografia de Silva & Ribeiro, à rua Estreita do Rosário nº 33. Gerente: Afonso de Moraes Pinheiro. Distribuição gratuita.

Com ligeiro noticiário na primeira página, as restantes estampavam o programa das corridas e alguns reclamos comerciais. Só a partir da quarta edição — 11 de novembro — resolveu o paginador colocar as datas. Imprimiu-se, a seguir — dia 14 — uma edição extraordinária, a cores e em formato maior, solenizando o primeiro aniversário da reabertura do Prado Pernambucano.

A publicação continuou semanalmente, verificando-se outra edição extraordinária a 8 de dezembro, para noticiar o programa de grande corrida em benefício da ereção da estátua de Martins Júnior, sobre cuja personalidade a primeira página transcreveu artigos de Artur Muniz e Cleodon de Aquino.

Sem mais alterações, **O Turf** circulou pela última vez no dia 27 de janeiro de 1906, perfazendo o total de 15 edições (**Arq. Púb. Est.**).

**A CRUZ VERMELHA** — **Órgão do Estabelecimento do Mesmo Nome e Dedicado às Distintíssimas Famílias Pernambucanas** — Circulou o nº 1 (e único), em outubro de 1905; pequeno formato e quatro páginas de três colunas, papel couché e tinta encarnada.

Desde a apresentação, toda a matéria, em prosa e verso, salvo rara curiosidade de poucas linhas, constituía propaganda da “casa de modas e confecções” situada à rua Nova nº 26, entremeadada de vinhetas ilustrativas. A quarta página, entretanto, admitiu anúncios de outros estabelecimentos. Impressão da oficina da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33 (**Arq. Púb. Est.**).

**O MARTELLO — Órgão Neutro —** Nº 1 (e único), saiu a lume no dia 23 de novembro de 1905, formato de 27x17, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Pertencia “a uma Associação”. Distribuição gratuita e “publicação — às vezes”.

Toda a primeira página foi ocupada pelo artigo de fundo, sob o título “Cavaco”, segundo o qual a missão d’**O Martello** era “fazer a apologia do trabalho, exaltando o labor daqueles que se utilizam desse útil instrumento, entre os quais se destaca, indiscutivelmente, o agente de leilões”. Enalteceu, até o fim, o trabalho e o martelo do leiloeiro.

As páginas restantes anunciaram leilões do agente Martins, sendo este louvado num soneto. Algumas anedotas, “Para divertir”, completaram a edição (**Arq. Púb. Est.**).

**A NOIVA — Órgão de Propriedade da Loja da Noiva, de Otávio Bandeira** — Surgiu em novembro de 1905, com tiragem declarada de 20.000 exemplares, para distribuição gratuita. Formato de 30x21 e quatro páginas.

Constou toda a sua matéria de literatura de propaganda do estabelecimento, a começar pelo artigo de apresentação, variando, apenas, com o soneto transcrito “A Noiva”, de Luiz Guimarães.

Nas mesmas condições publicou-se, em dezembro, o segundo número, que foi o último. Variou com algumas quadras de A. Nogueira (**Arq. Púb. Est.**).

**MARTINS JUNIOR — Homenagem póstuma no dia em que se comemora o seu aniversário natalício** — Circulou no dia 24 de novembro de 1905 (1), formato de 33x22, sendo impresso na

---

(1) Registada, nos “Anais”, como tendo aparecido em 1906.



tipografia de J. B. Edelbrock, à avenida Marquês de Olinda nº 4.

Com quatro páginas, a primeira, em expressiva moldura de vinhetas, apresentou o soneto, de E. de Carvalho, "A memória de Martins Júnior", encimado pelo respectivo clichê. As do centro inseriram a biografia do extinto, assinada por Agrícola C. Branco, lendo-se na última um soneto de Xavier Coelho e diversas anotações de Martins Júnior, sob o título "Últimos estudos", por ele deixadas em várias tiras de papel, destinadas a provável trabalho sobre Finanças (Arq. Púb. Est.).

**O THEATRO — Órgão de propaganda teatral** — Saiu a lume no dia 29 de novembro de 1905, formato de 26x18, com quatro páginas, sendo as duas externas de duas colunas largas.

Propriedade da Companhia Excêntrica de Variedades dirigida pelo Real Ilusionista Comendador Carisi, apareceu o jornalzinho, segundo a nota de abertura, assinada por **Nem Ela Nem Eu**, "trajando galas, catita e faceiro", com o objetivo de anunciar os espetáculos do mencionado conjunto no Teatro Santa Isabel. Distribuição gratuita.

As páginas centrais faziam reclamo comercial da empresa, estampando, em tipos fortes, o programa de cada espetáculo. A primeira, de cada edição a seguir, inseria literatura alusiva, enquanto a quarta, ora acompanhava a precedente, ora apresentava grande anúncio extra-teatral. Publicaram-se, apenas, quatro edições, a última datada de 9 de dezembro (Arq. Púb. Est.).

**A CASA IDEAL — Órgão do Estabelecimento do Mesmo Nome e Dedicado às Distintíssimas Famílias Pernambucanas** — Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, formato de três colunas, com quatro páginas, publicaram-se o nº 1 e o nº 2 (únicos) em novembro e dezembro de 1905. Papel **couché** e tinta de cor. Só literatura de propaganda, entremeada de raras notas curiosas e algumas figuras decorativas. A quarta página incluía anúncios de outras casas comerciais.

O jornalzinho apresentou-se em tudo idêntico a **A Cruz Vermelha**, acontecendo, simplesmente, que o estabelecimento

era o mesmo, mas com proprietário e denominação diferentes (Arq. Púb. Est.).

**O CALANGRO — Órgão de Propaganda dos Cigarros Calangros** — todo impresso em verde, utilizando papel **couché** — trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33 — circulou em dezembro de 1905, como “mimo de festas” do proprietário da Fábrica Mercieiros aos consumidores daquele produto.

“... jornal recreativo de assuntos alegres, ligeiros e inocentes”, segundo a nota assinada **A Redação**, apresentou-se em formato de 31x21, com quatro páginas de três colunas, algumas ilustrações jocosas e, no cabeçalho, o desenho de enorme calangro, encimado pelo título.

A matéria, entremeada de “foguetes” de propaganda, incluiu a poesia “Natal”, de **Fortunato Ventura** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos). A última página só teve anúncios.

Ficou no nº 1 (Arq. Púb. Est.).

## 1906

**ALBUM CHIC** (1) — Edição de luxo da Maison Chic, tendo por título “Escrínio de joias inéditas dos principais escritores pernambucanos”, foi confeccionada pelo atelier gráfico do estabelecimento e divulgada em janeiro de 1906.

Em agradável formato de 25x16, apresentou capa e texto (38 páginas) em papel **couché**, toda em policromia, exibindo variados motivos de arte gráfica, cujos trabalhos estiveram a cargo do diretor da respectiva oficina, Felix dos Santos, a par de vasta ilustração.

Iniciando o texto da curiosa revista, dirigiu-se “às freguesas da Maison Chic”, a firma proprietária Vilela & Conde: “Pedimos aos nossos mais ilustres escritores que nos dessem, em prosa ou verso, as suas opiniões sobre roupagens e adornos femininos. Todos ou quase todos nos responderam e, de trechos cintilantes, nós formamos o **Album Chic**, o primor dos primores. Virem a página deste exórdio e nos agradeçam a lembrança”.

Entre páginas ou meias páginas de anúncios coloridos do armarinho, viam-se produções de Artur Muniz, Carlos Porto

---

(1) Não registada por Alfredo de Carvalho.

Carreiro, Teotônio Freire, Artur Bahia, Dulce Amaral, Júlio Pires, Amélia Bevilaqua, Almeida Cunha, Mendes Martins, Tomé Gibson, Ana Palha, Domício Rangel, Manoel Caitano, Aníbal Freire, Barbosa Viana, J. B. Regueira Costa, Alcântara Carreira, Alcedo Marrocos, O. C. Melo, Mateus de Albuquerque, Dionísio Mala, J. E. C. Muniz e Baltazar Pereira (**Bib. Púb. Est. e colec. Franc. Rodrigues**).

O 16 DE JANEIRO — XXXI Aniversário — Número único, circulou na data natalícia de Júlio Agostinho Bezerra, proprietário da Agência Jornalística Pernambucana, cuja tipografia, situada na rua do Imperador ns. 31/33, o imprimiu. Com quatro páginas, formato de 24x17, via-se, na primeira, emoldurado de vinhetas, o clichê do homenageado, com legenda em versos decassílabos.

As páginas restantes — papel **couché** e tinta **bordeaux** — em seguida às palavras de apresentação — “porta-voz de sentimentos puros e de convicções sinceras” — inseriram saudações, em prosa e verso, assinadas por José Luiz de Melo, Domício Rangel, Manuel Buarque, **Mário Didier** (pseudônimo de Coimbra Lobo) e outros. Acompanhou a edição um Anexo, contendo os versos “Sem pé nem cabeça”, numa homenagem de **Lira Quengo (Arq. Púb. Est.)**.

DOIS DE FEVEREIRO — Número único, foi dado à publicidade na data do título, em 1906, formato de 24x17, com quatro páginas, impresso em papel **couché**. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra.

Comemorativo dos festejos em honra de N. S. da Saúde, do Poço da Panela, teve o objetivo precípuo de homenagear o respectivo juiz-tesoureiro, Afonso Ferreira Baltar, cujo clichê figurou na primeira página, circulada de vinhetas, com legenda encomiástica. O espaço restante, ilustrado com fotogravura da ermida, inseriu, como matéria única, importante trabalho assinado por F. A. P. C. (Francisco Augusto Pereira da Costa), intitulado “Notícia histórico-topográfica da povoação do Poço da Panela” (**Arq. Púb. Est.**).

ALTAIR — Começou com o nº 1, ano II (1), de 21 de fevereiro de 1906, formato de 16x11, com quatro páginas de duas

---

(1) Segundo Alfredo de Carvalho, **Altair** iniciara sua existência no Rio de Janeiro.

colunas estreitas, sendo impresso na tipografia da Ag. Jornalística Pernambucana. Diretoras — Floriza Bevilaqua e Doris Teresa Bevilaqua.

“Por algum tempo, o modesto **Altair** viveu na doce obscuridade do lar...” — dizia a concisa nota de apresentação, acrescentando: “Hoje, porém, que estão em festa os corações a que ele mais diretamente fala...”

Foi o transcurso do aniversário natalício da primeira das diretoras o que motivou a publicação do pequeno órgão, no qual escreveram, saudando-a, seus pais: Amélia de Freitas e Clóvis Bevilaqua, e outros intelectuais.

No dia 5 de maio circulou o nº 2 (e último), acrescido de minúsculo suplemento. Inseriu literatura, em poucas linhas, das famílias Freitas e Bevilaqua, além de versos originais de Faria Neves Sobrinho, Paulo de Arruda (póstumo), Francisca Izidora, Úrsula Garcia e Ana Nogueira Batista (**Arq. Púb. Est.**).

**A CANECA — Órgão do Clube Carnavalesco Misto Canequinhas** — Número único, circulou no dia 26 de fevereiro de 1906 (Not. do **Diário de Pernambuco**).

**O CARA DURA — Órgão do Clube Carnavalesco Cara Dura** — Circulou no dia 26 de fevereiro de 1906, formato de 38x25, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 18/20. Redator-chefe — **João Minhoca**.

Utilizaram boa verve, na prosa ou no verso, os colaboradores **Dr. Leocando, Folgazão, D. M., Heleno, J. Confetti, Duda Moleque** e outros.

Passados três anos, publicou-se o nº 2. ano II, datado de 22 de fevereiro de 1909, aconselhando: “Vamos, leitor amigo, a gargalhar com o **Cara Dura**, a troçar, a dançar, a efusiar com ele”. Raros foram os colaboradores novos. Imprimiu-se noutra tipografia e não voltou jamais a sair (**Bib. Púb. Est.**).

**O EMPALHADOR — Órgão do Clube Carnavalesco Misto Empalhadores do Feitosa** — Apareceu, feito número único, a 26 de fevereiro de 1906, impresso na tipografia da **União Operária** (Cf. “**Anais**”).

Outra edição, da qual foi possível manusear comprovante, publicou-se no Carnaval de 1907, a 10 de fevereiro, com a indicação: nº 2, ano III (?). Formato de 30x20, tinha quatro páginas a três colunas de composição. Inseriu poesias de Aníbal de Almeida, Artur Leal de Barros, **J. Pelotas** e **Otelcana**; mote-glosas; crônicas e notas chistosas. Era presidente do Clube: Luiz de França do Monte (**Bib. Púb. Est.**).

Quatro anos depois, reapareceu **O Empalhador**, em edição de 26 de fevereiro de 1911, registrada pelo **Jornal Pequeno** de 1 de março.

Decorreram mais seis anos e a turma dos Empalhadores do Feitosa fez publicar sua folha no Carnaval de 1917, a 18 de fevereiro.

**A CAIXEIRA** — Órgão do Clube Carnavalesco das Caixeiras — O nº 1, ano I, saiu a lume no dia 26 de fevereiro de 1906 (**Not. do Diário de Pernambuco**).

Existe comprovante do nº I, ano III, de 10 de fevereiro de 1908, apresentado em formato de 26x18, com quatro páginas, impresso a cores. Figurava, como presidente do Clube, o nome de Antônio Valentim da Silva. Sua matéria constou de editorial alusivo ao carnaval, assinado por **Paranhos**; a letra da marcha "As caixeiras da Madama" e a ligeiríssima seção "É com isto que as caixeiras se danam". Encheram-se de anúncios quase três páginas (**Arq. Púb. Est.**).

**O TALHER** — Órgão de quem quer passar bem economicamente — Impresso na oficina gráfica da Maison Chic, entrou em circulação a 26 de fevereiro de 1906, como número único (**Not. do Diário de Pernambuco**).

**O PRATO** — Órgão Carnavalesco do Restaurante Marquês do Pombal — Outra edição ocasional, publicou-se a 26 de fevereiro de 1906, infol. peq. (**Cf. "Anais"**).

**A COLHER** — Jornal pequenino, de quatro páginas, formato de 12x9, coluna única, foi dado à luz no dia 23 de março de 1906, impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Diretor — **Fr. K. Cête** (pseudônimo de Antônio Chagas Ribeiro) (1).

---

(1) "...único e raríssimo exemplar, onde realizei minha primeira tentativa de tipógrafo e de jornalista" — Chagas Ribeiro, em artigo no **Diário de Pernambuco** de 11 de julho de 1954.

Exibiu, na página de frente, uma caricatura de cabeça, sendo a seguinte a legenda. "Com a língua de fora, cumprimento a meus amigos e colegas". Notas ligeiras, de caráter humorístico, completaram a ediçãozinha. Ficou na estréia (**Arq. Púb. Est.**).

**NOVA REVISTA** — Circulou em março de 1906, formato de 29x21, com doze páginas, inclusive as da capa, estas em papel azul e todas em **couché**, excelente trabalho gráfico d'**A Província**, cuja oficina se achava instalada na rua do Imperador nº 77. Diretor — Mendes Martins; secretário — Silveira Carvalho (encarregado de receber a correspondência, na rua do Imperador nº 49); gerente — Afonso Saldanha. Preço do exemplar — 100 réis.

Conscante o artigo de apresentação, o surgimento da revista significava um "estímulo aos que estudam" e um "protesto contra essa religião literária que se propaga em todo o Brasil e de que se constituíram pontífices uns tantos adeptos do elogio mútuo, prosélitos do exclusivismo, a se dizerem arautos de ideais que eles próprios não possuem e, nem mesmo, por vezes, compreendem. A **Nova Revista** promete defender em qualquer terreno os princípios tolerantes em que se baseia seu programa, repudiando a toda manifestação do individualismo literário".

Órgão do Grêmio Baltazar Pereira, (clichê na página de rosto), cujos estatutos constaram de uma das páginas, acentuou o editorialista: "O nosso símbolo é o mais perfeito e bem acabado tipo do intelectual"; "o maior dos nossos homens de imprensa; a sua fecundidade de talento fez com que a opinião pública o sagra-se o primeiro dos nossos jornalistas".

Mais adiante, lia-se: "A **Nova Revista** sairá sempre que possa. Não tem assinantes e nem compromissos decorrentes de contratos materiais com quem quer que seja".

O nº 2, divulgado em junho, estampou, na página de rosto, fotogravura do escritor Artur Muniz, seguindo-se-lhe o panegírico na seguinte.

Magazine exclusivamente literário, inseriu produções, em prosa e verso, dos redatores e de Samuel Lins, Lídia Duarte, Virgínia de Figueiredo, Oscar Brandão, Josefina de Araújo, Adelmar Tavares, Laiete Lemos, **Flávio** (pseudônimo de João

Lemos), João Fioravante, Manuel Duarte, Adolfo Simões, Pedro Calado, Alfredo de Carvalho, Carlos Estevão e Uriel de Holanda. Este último faleceu em maio e foi alvo de carinhosas expressões de saudade da revista, que ainda o homenageou com a publicação da primeira parte da longa poesia "Flor de Lotus", considerada "uma das mais felizes concepções" do extinto, prometendo concluí-la na edição seguinte, que jamais circulou (Arq. Púb. Est.).

O LIVRO — **Periódico Literário** — Surgiu a 24 de abril de 1906, tendo a redação instalada à rua Princesa Isabel nº 11, dela fazendo parte Arlindo Dias, João de Freitas Henriques, Otacilio Feijó e Antônio Celso mencionados como diretores. Apresentou-se em formato de 24x18, com quatro páginas, impresso em bom papel.

O editorial de introdução pedia benevolência aos leitores, frisando: "O corpo redacional compõe-se de quatro crianças que mal sabem escrever ainda, mas que almejam se ilustrar para alguma coisa fazer em prol da Pátria". Como penhor de estima, era dedicada a primeira edição ao professor Cândido Duarte, diretor do Instituto Pernambucano.

O jornalzinho inseriu, a par de lígelo noticiário e variedades, literatura incipiente dos redatores e colaboradores, tudo em pequena doses.

Seguiu-se a publicação mensalmente, ilustrada a primeira página de cada edição com fotogravura de homens de projeção nas letras. A partir do nº 3, quando entrou Abelardo Fernandes para o corpo redacional, constava do cabeçalho: "Órgão do Grêmio Literário Joaquim Nabuco", cujo clichê ocupou o frontispício da seguinte edição. E, no nº 5, aumentou o formato para 30x20, homenageado, então, com clichê e artigo encomiástico, o professor Cândido Duarte. O nº 7, de 16 de outubro, foi o último dado a público (1).

Afora os membros do corpo redacional, **O Livro** teve a colaboração, em prosa e verso, de Ademar Tavares, que era o mesmo da série "Carta aberta", com a assinatura de **Adelmi-lo Seravat**; Manuel Duarte, também com o pseudônimo de

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionara o nº 6, de 11 de agosto, como tendo sido o último publicado.

**Silvio Murat**; Odilon de Sousa Leão, Irineu Malagueta de Pontes, Jorge Pessoa Filho, Parente Viana, Santina Potiguaré, Moreira Cardoso, etc. Os ns. 1 a 4 foram impressos na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33; e o último na oficina da Livraria Boulitreau, na mencionada rua, nº 46 (Arq. Púb. Est.).

O PHILATELISTA BRAZILEIRO (1) — **Jornal mensal dedicado aos colaboradores e negociantes de selos e cartões postais** — O nº 1 circulou a 15 de maio de 1906, formato de 31x20, com quatro páginas a três colunas de composição e tiragem declarada de 2.000 (depois, 3.000) exemplares. Diretores: Luiz Augusto Alves da Silva e Antônio Benevides Barbosa Viana. Custava 3\$000 a assinatura anual, “com direito à inscrição do nome e endereço na lista dos colaboradores de selos ou cartões postais por três vezes”. Seguia-se, no Expediente, uma tabela de anúncios, à base de 20\$000 por página, tudo mediante pagamento adiantado.

Com a publicação do periódico, concretizava-se, segundo o artigo-programa, uma aspiração justa, qual a de desenvolver o gosto pelos assuntos de que cogitava o cabeçalho, acrescentando a redação: “Além da filatelia, própria dita, também trataremos de cartões postais, indústria que tem tido um desenvolvimento extraordinário, e que, entre todos os povos cultos, ocupa um lugar bastante saliente”. Dizia adiante: “Seções puramente recreativas serão intercaladas”, concluindo: “A modéstia do nosso programa deve servir de garantia às boas intenções que nos animam”.

Logo no nº 4, abriu a primeira página a declaração de que a direção e propriedade da folha era transferida a José Sotero da Silva Faria e Oscar Ramos, localizada a redação na rua Duque de Caxias nº 84, 1º andar.

Nada obstante a matéria especializada de que era portavoiz, inclusive a seção “Biografia de funcionários postais”, o periódico inseria sonetos (um em cada edição) de Tomaz Vila-Nova, Severino Leite e F. Tondela Júnior e o “Recreio característico”, contando mais de uma página de anúncios.

---

(1) Nos “Anais” está registado, por engano, **O Philatelistas Pernambucano**.



Não passou do nº 6, datado de outubro/novembro (Arq. Púb. Est.).

**A PANTHER — Livro de Sortes** — Entrou em circulação sob a responsabilidade da firma de humoristas **Raul Pimpolho, Black & Cia.**, sendo o primeiro deles Armando Oliveira e o segundo Severino Alves Barbosa. Trabalho material da tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra. Preço do exemplar — 1\$000. “Em seu artigo de apresentação, diziam aqueles senhores que **A Panther** é uma canhoneira que não é alemã nem filha de alemão e que traz em seu bordo monumental munição de assuntos, contos, anedotas, sonetos, poesias dramáticas, canções da época, duetos, tercetos, monólogos, pensamentos e mais pilhérias de extraordinário chiste”. Oferecia prêmio de 50\$000, mediante sorteio da Loteria Federal (**Jornal Pequeno**, 21/5/1906).

**O BEIJO** — Outro livro de sortes para as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, sob o título acima, foi posto à venda, redigido pelo “festejado escritor sanjoanesco **Mário Didier**”, pseudônimo sob o qual se escondia Manuel Coimbra Lobo, português radicado no Recife. Foi impresso no Atelier Miranda, sendo a capa litografada na oficina da Agência Jornalística Pernambucana. Contendo cerca de 100 páginas e vendido o exemplar a 1\$000, apresentava “uma infinidade de coisas; poesias em vasta escala, de autores nacionais e estrangeiros, anedotas, escritos diversos, etc., etc.” (**Jornal Pequeno**, 22/5/1906).

**O PINTAINHO — Livro de Sortes** — Publicado sob a orientação dos humoristas **Gil Teimoso** e **Frei Chaleira**, pretendia encontrar-se nos salões familiares no decorrer das festas juninas. Sua matéria constituía-se de “contos, anedotas, charadas, poesias, canções”, prometendo ser um dos melhores do ano (**Jornal Pequeno**, 28/5/1906).

**O CATIMBÓ — “Vade-mecum” sanjoanesco — Livro de Sortes para os festivas noites de junho** (1906) — Apresentou-se no formato de 17x11, contendo 16 páginas. Programa: “sortilégio colhido em dez sessões de catimbó, com cachimbos de todos os tamanhos e comprado por um alto preço a um sindicato de Angola”, acrescentando: “As sortes são boas e garantidas. Traz assuntos não explorados ainda”. Direção de **Clistertino Pimenta**, sendo o trabalho gráfico da Imprensa Industrial. Preço do exemplar — 300 réis.

Edição modesta, além das sortes e de “Duas palavrinhas”, só inseriu “Coisas de Catimbó” e duas poesias de Leodegário Varejão. (**Bib. Púb. Est.**).

**O ANDARILHO — Livro de Sortes —** Mais um aparecido para as festivas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. Registrou-lhe o aparecimento o **Jornal Pequeno** de 29/5/1906, acentuando: “O trabalho intelectual, da lavra do incansável escritor humorista **Fortunato Ventura** (jornalista Ernesto de Paula Santos), nada deixa a desejar”. Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, cada exemplar fazia-se acompanhar de boa série de disparates rimados.

**O FURDUNCEIRO — Livro de Sortes para as noites quentes de junho de 1906** — Saiu com 96 páginas, afora a capa, obedecendo ao formato de 17x11, sob a direção de **Zé Sabe Tudo**. Oferecia “aos leitores: uma arroba de sortes apimentadas, novas em folha; meia arroba de sonetos bons, cinco quilos de anedotas e humorismo; dois quilos de cançonetas e monólogos; um quilo de contos; meio quilo de profecias e uma libra bem pesada de feitiçaria”. Confeção material da Imprensa Industrial, situada à rua do Apolo ns. 49/51.

Abriu o texto o soneto “Furdunçando”, vendo-se noutra página uma caricatura de **Zé Sabe Tudo**. Várias páginas foram dedicadas às Sortes, terminando com a demais matéria mencionada, ora transcrições, ora (prosa e verso) com a constante assinatura do diretor (**Bib. Púb. Est.**).

**PALLIUM — Publicação Mensal da Sociedade Literária e Histórica Bernardo Vieira de Melo** — Saiu a lume em junho de 1906, formato de 31x21, com dezesseis páginas de duas colunas largas e impressa em papel superior, na oficina do **Jornal Pequeno**, à rua do Imperador nº 43. Capa em papel de cor, assestado, envolvido o título numa vinheta de **Til** (Osvaldo Almeida), tendo ao centro o sumário e, em baixo, o expediente. Assinava-se a 6\$000 anuais e 3\$00 semestrais, custando o número avulso \$500. Redação à rua de Horta nº 14, 1º andar. Redator-chefe — José Campelo; secretários — Domingos Vieira, Leonino Correia e Franklin Seve; redator-gerente — Oscar Loureiro.

Assim começou o artigo de apresentação, assinado pelo redator-chefe: “É luz, e muita luz, o que aspiramos para ascendermos a esfera outra que não essa onde vivem os casos bur-

gueses da nossa terra querida. É este querer a causa do aparecimento da nossa revista". E mais adiante: "No atascal em que se afundam as energias todas das letras em Pernambuco, vez em vez surge alguma flôr perdida, esplêndida de seiva, tentando, com esforço hercúleo, subir, galgar acima da lama, para a Vida de um sentir mais intenso, de emoções mais altas... É assim o **Pallium**". "E, sob ele, havemos de combater, defendendo o que pensamos, o que sentimos".

Revista exclusivamente literária, dela se publicaram, apenas, quatro edições, figurando nas suas colunas, além da constante produção dos redatores, originais, em prosa e verso, de nomes categorizados nas letras pernambucanas, tais como: Artur Muniz, Teotônio Freire, George Campos, João Batista Regueira Costa, Silva Lobato, F. Solano, Renato Faelante, Valfrido Almeida, Paulo Eleutério, Miguel Magalhães, Araújo Filho, João Fioravante, Gilberto Amado, Domingos Magarinos, Guedes de Miranda, José de Barros Lima, Alberto Solano, Barreto Cardoso, Edwiges de Sá Pereira, Adalberto Marroquin e outros. Na última edição, aparecia Teotônio Freire Filho, estudante de preparatórios, com sua primeira produção na imprensa — o conto "Contrastes".

A edição final — nº 4 — circulou no mês de setembro, somando, ao todo, em numeração seguida, 64 páginas (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O THEATRO — Litero-Artístico e Noticioso** — Deu à luz o primeiro número no dia 2 de junho de 1906, formato de 27x20, com oito páginas em papel couché, de duas colunas largas, sendo impresso na Agência Jornalística, à rua do Imperador nº 33. Dizia-se "Jornal de **Til & Venu**" (pseudônimos de Osvaldo de Almeida e Benevenuto Teles), tendo como redatores **Bombolina** e **Contra Regra**. Destinava-se a sair bissemanalmente, durante a temporada da Companhia Tomba, de óperas e operetas. O título envolvia-se num clichê simbólico.

Na íntegra, o seu editorial de apresentação: "Sem os alarmantes e alvitreiros toques dos clangores da fama, modesto mas sincero, surge, hoje, **O Theatro** no firmamento da imprensa indígena. Apesar de não traçar um campo de ação, o que seria limitar as suas pretensões, em todo caso se propõe a trazer os **habitués** do legendário Santa Isabel ao par de todo o movimento teatral, quer do Brasil, quer dos outros países civilizados do velho e novo mundo....

“Fazia-se mister, força é confessar, que nesta decantada Venesa Americana, tão estremecida por todos, aparecesse um jornal que procurasse arrancar a arte teatral da indiferença em que jaz mergulhada em o nosso meio. E **O Theatro**, supomos, preencherá essa lacuna, que, por uma desídia nossa, até agora ainda não havia sido reparada”.

Folha interessante, cingiu-se à matéria específica, inserindo resumo de óperas, biografias ilustradas dos artistas, diferentes seções ligeiras, como “Arranhadelas”, por **Gato Manhoso**, e “Eles na intimidade”, por **E. Flores**, além da colaboração poética de Araújo Filho, Manuel Buarque, Veiga Pessoa, Silva Lobato, Costa Rêgo Júnior e **Epícuro**, não faltando, também, boa messe de anúncios miudos.

Não circulou, porém, com a periodicidade enunciada, variando a demora entre uma e outra edição. Os dois últimos números só tiveram quatro páginas, transferida a confecção gráfica para a Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje do Apolo) ns. 49/51. Encerrou-se a publicação com o nº 7, de 6 de julho.

A 31 de outubro de 1907 apareceu um nº único, ano II, d'**O Theatro**, com quatro páginas, em pequeno formato, a primeira das quais exibindo bela fotogravura de Irene Esquiros, com a legenda: “Homenagem sincera à aplaudida atriz cantora, que faz parte do elenco artístico da Companhia José Ricardo”.

Impresso na Agência Jornalística, com tinta de cor sobre papel **couché**, as outras páginas da poliantéia divulgaram crônicas ligeiras, assinadas por Valdemar de Albuquerque, Mário Marques, Otávio Amilcar, Domingos Veiga, etc., e versos apenas firmados com asteriscos. Dera ensejo à publicação o festival de arte da homenageada (**Arq. Púb. Est.**).

Decorridos quase três anos, viu-se publicado o nº 8 d'**O Theatro** (sem data nenhuma) no dia 11 de julho de 1910, novamente impresso na oficina da Agência Jornalística, em bom papel assetinado. Subtitulava-se “Jornal de Temporadas”, sem indicar corpo redacional. Dizia um quadrinho, à direita: “Periódico joco-sério de grande circulação dentro e fora do teatro”. A esquerda trazia um número (centena), mediante o qual, se sorteado pela Loteria Federal (cada edição um sorteio), habilitava-se o leitor a uma cadeira grátis no Teatro Santa Isa-

bel. Circulação às quartas-feiras e aos sábados, custando \$100 o exemplar.

Lia-se na concisa nota de abertura; "**O Theatro** não surge; ressurge; e, como das outras vezes, sem compromissos de espécie alguma. Não faz política nem literatice. É lacônico nos seus conceitos e sincero nas suas apreciações. A sua vida será do mesmo tamanho da temporada da Companhia Vitale" (1).

Noutro tópic: "A sátira será o seu principal elemento, mas a sátira de casaca e luva de pelica, meio graciosa, meio mordaz, uma espécie de morcego que morde e sopra. Se houver tempo e jeito far-se-á também um pouco de espirito".

Bem redigido, seguiu vida normal, divulgando retratos de elementos da empresa de óperas e operetas em exibição no Teatro Santa Isabel. Teve como matéria principal: "A guisa de crônica", por Gravina; resumo das peças encenadas; sonetos de Flavio Smart (psudônimo de Franklin Seve) e de Luiz Mascarenhas; notas ligeiras, epigramas, trepações, anedotas e anúncios-foguetes.

Circulando invariavelmente sem data, **O Theatro** findou sua existência ao sair o nº 13, no dia 3 de agosto, quando terminou a temporada (**Bib. Púb. Est.**).

**O FERRAMENTA — Sortes novas, inocentes e espirituosas, escritas com muito jeito e muita arte pelo pessoal escovado d' A Pimenta** — Circulou em junho de 1906, formato de 17x11, com 100 páginas, inclusive a capa, ilustrada com modesto desenho impresso a cores. Era um "regalo das meninas bonitas e velhas espalhafatosas, nas festivas, estupefacientes e esquentadiças noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, dedicado às famílias pernambucanas. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51.

A matéria dividiu-se em três partes: "Sortes", "Letras" e "Sons". Da segunda constaram poesias de Mariano Lemos, Leo (travesti de Leonidas de Oliveira) e Paulo Contente; transcrições; epigramas, anedotas ilustradas e curiosidades. No fim, três originais de músicas para a época (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) A empresa de Ettore Vitale já tinha realizado, em 1907, uma temporada no Recife.

**PÉ DE MOLEQUE — Fortificante livro de Sortes. Muita decência. Humorismo. Literatura.** — Entrou em circulação no mês de junho de 1906, obedecendo ao formato de 17x11, com 96 páginas de texto. Capa ilustrada de acordo com o título, num desenho de **Guapy** (pseudônimo de Herculano de Albuquerque). Magazine “fumegante e apetitoso”, para “as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro”, teve como diretores **Mané Paciente** e **Zé Doido**. Confecção gráfica da Imprensa Industrial.

Constou de sete quadras, em decassílabos, a apresentação do magazine, sob o título “Partindo o bolo”. Dizia uma delas:

“... aos pobres  
Que andam da sorte aos rijos pontapés,  
Resolvemos vender — perdendo cobres —  
Um bom pé de moleque por mil réis”.

Seguiu-se a seção “Castanhas”, de sortes, em quadras de diferentes metros. Vieram, após, as “Fatias”, assim abertas:

“A parte mais deleitosa  
São deste bolo as fatias;  
Cançonetas, boa prosa,  
Versos, modas, fantasias”.

A par de escolhidas transcrições, as “Fatias” contaram com a colaboração de Mendes Martins, Eustorgio Vanderlei, Xavier Coelho, Moreira Cardoso, Laiete Lemos, Jonas da Silva e Leonardo Selva. Alguns anúncios. (Bib. Púb. Est.).

**O TIRA-TEIMAS ou O SETESTRELLO DA CANDINHA — Miscelânea Sanjuanesca** — Salu a lume em junho de 1906, formato de 17x11, com 110 páginas, inclusive as da capa. Matéria “dividida em três partes: sortilégio, Literatura burlesca e não burlesca. Regalo para todas as festivas noites de junho”. Direção de **Clistertino Pimenta**. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51.

Abriu a edição uma série de sonetos-perfis, seguindo-se as Sortes e “Alhos e bugalhos”, para terminar com a “Lira das ruas e dos salões”. Colaboração principal de Leodegário Varejão, Fábio Silva, Luna Júnior e Pintalegrete. Raros anúncios. (Bib. Púb. Est.).

O **CATIMBÓ** — Livro profético e verdadeiramente fatilouquente, para as noites de S. Antônio, S. João e S. Pedro. — Edição, também, de 1906, publicada em junho, apresentou o **Dr. Urubatão** como diretor. Formato de 17x11, com 76 páginas, impressas em bom papel, a capa trabalhada em vinhetas, sendo o serviço tipográfico da Livraria Francesa, à rua 1º de Março nº 9.

A matéria constou de poesias e trechos de literatura de grandes autores; notas curiosas e variedades. Variou o tipo das Sortes, com respostas sucintas, não em versos, seis apenas para cada um dos 40 quadros (**Bib. Púb. Est.**).

O **ARREBOL** — Folha Recreativa, Literária e Noticiosa — Tendo como redator-proprietário Tomaz Vila-Nova e destinada a publicar-se nos dias 5, 10 e 15 de cada mês, surgiu a 5 de junho de 1906, formato de 35x24, com quatro páginas a três colunas de composição. Pretendia cobrar 4\$000 por ano e 2\$000 por semestre, vendendo o exemplar a 100 réis. Do expediente constava, também, alentada tabela de preços para anúncios.

Em artigo de apresentação, louvando inicialmente a instituição da Imprensa, a redação pôs o jornal à disposição da juventude pernambucana, esperando contar com o auxílio daqueles que almejavam “o desenvolvimento intelectual e moral” do país.

Circularam, apenas, dois números, o segundo no dia 15, divulgando, ambos, literatura assinada pelo diretor, mais Zó-zimo de Avelar e pseudônimos, boa parte de charadas e folhetim que ocupava o rodapé de duas páginas, iniciando o romance “O frade negro”, de Clémence Robert (**Arq. Púb. Est.**).

O **INCENTIVO** — Órgão do Grêmio Literário Lauro Sodré — Entrou em circulação a 7 de junho de 1906, formato de 31x20, com quatro páginas de três colunas, confeccionado, em bom papel, na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo), ns. 49/51. Publicação mensal.

Apareceu, cortando “o espaço literário com asas pandas e certo vôo”, como “o reflexo do sentimento de um punhado de moços, côncios de seus ideais em prol da ciência, como escrínio sagrado, arca soberba a agasalhar os iluminados na trajetória do tenebroso mar da vida intelectual brasileira”.

Após duas colunas de digressão filosófica sobre a fugacidade da vida, frisou o editorialista: “Estará **O Incentivo** sempre pronto a receber trabalhos, energias de seus consócios e de todos que quiserem ilustrá-lo com suas luzes. Fiel ao seu nome, transformar-se-á em estímulo para os que começam”.

Só no segundo número constou do cabeçalho o corpo redacional seguinte: diretor — Hermes Paraíba; secretário — Oscar Ramos; redator-gerente — José Sotero, achando-se a redação instalada à rua da Penha nº 23, assinatura única: trimestre — 1\$000. Mas, não passou do nº 3, datado de agosto, quando inseriu uma carta do patrono Lauro Sodré, de agradecimento e de incentivo aos redatores, pela iniciativa.

As três edições divulgaram, além da produção do pessoal mencionado, colaboração especial, em prosa e verso, de Severino Leite, Jonatas Costa, Marieta Santos, Temístocles de Andrade, Artur Gusmão, Álvaro Borges, Adauto Acton, Gabriel Quintas, **Stentor**, Antônio Sá, Tomaz Vila-Nova e **Gavroche**. Não faltou, também, algum noticiário, nem o “Canhenho d’**O Incentivo**” (Arq. Púb. Est.). (1).

**AURORA ESPIRITA — Revista mensal das Ciências Físicas e Sociais** — Órgão do Centro Espirita Regeneração, apareceu no dia 1 de julho de 1906, formato de 24x17, com 16 páginas, inclusive a capa, simples, no mesmo papel comum, sendo impressa na Tipografia Comercial, situada à rua Duque de Caxias nº 25, local também da redação. A distribuição era gratuita, aceitando, porém, donativos para as despesas. Da capa, além do cabeçalho e do Sumário, constavam três pensamentos de homens célebres, respectivamente, sobre A Ciência, A Política e A Religião, e sugestiva vinheta, figurando uma lâmpada sobre um livro, com a legenda: “Fiat Lux”. Diretor e redator — Pedro d’Able.

Segundo o artigo de apresentação, ocupar-se-ia o periódico de novo ramo de estudos, a saber: “As ciências psíquicas e psico-físicas, isto é: a psicologia ou estudo da alma; a psico-fisiologia ou estudo do espírito, como função do cérebro; o psiquismo, que abrange a telepatia, ou estudo dos fenômenos determinados pelo ser **subliminal** ou **subconsciente**; e o Espiritismo científico ou experimental, também chamado **Espiritualismo mo-**

---

(1) A Biblioteca Pública do Estado possui exemplar do nº 1.



**derno, Espiritualismo positivo e Metapsiquismo** (palavra esta que significa: **além do psiquismo**), ciência que estuda as transcendentes relações que podemos estabelecer com o mundo invisível". E frisava: "Pernambuco, que estaciona ainda na fase filosófica e religiosa das tradições seculares, desconhece, por completo, a moderna evolução científica; e, embalado pelas litanias das velhas eras, dorme o tranquilo sono da ignorância ou da indiferença, à sombra dos claustros medievais e das ogivas catedralescas".

Publicou-se a revista regularmente, dedicando o nº 4 ao aniversário de Alan Kardec, com 20 páginas, ocasião em que alterou a capa, tendo esta no frontispício "uma figura alegórica da Aurora desterrando com a luz de seu facho as trevas que envolvem o nosso Planeta e precedendo o Sol do Espiritismo, que vem iluminar o mundo", acrescentando-se-lhe, ao lado, em cada edição a seguir, um pensamento diferente. Na edição seguinte, alterava-se o título para **Aurora Espírita ou A Renascença Christã**. A partir do nº 7, de janeiro de 1907, cessou a gratuidade, passando a ser vendido o exemplar a \$400, ao passo que se anunciava o preço de 5\$000 por assinatura semestral, variando a quantidade de páginas.

A matéria da revista constituía-se de artigos transcritos, sem fugir aos temas do programa estabelecido, além de notas locais, algumas vezes figurando fotogravuras de evocações mediúnicas. Na edição de novembro de 1906, iniciara Pedro d'Able uma série de cartas abertas e artigos contra Frei Celestino, a propósito da queima de Bíblias, em Caruaru, instigada pelo monge.

Com volumosa edição, encerrou a **Aurora Espírita** — nº 12, de junho de 1907 — o primeiro ano de sua existência, perfazendo, em numeração seguida, um total de 276 páginas. Não tiveram trégua os ataques ao Clero, com citações constantes de escândalos e imoralidades que teriam sido praticados por padres e frades.

O segundo ano da publicação só começou — nº 1 — em janeiro de 1908, acrescentando-se ao título o sub-título: "Órgão de propaganda espírita e anti-clerical", modificado o preço da assinatura para 5\$000 por "um ano ou doze números" e para \$500 o de número avulso. Apresentou 44 páginas, afora a capa, esta em cartolina especial, trabalhada em vinhetas e impressa em duas cores, figurando, em página especial, a efigie do reda-

tor-chefe Pedro d'Able. Este ocupou várias páginas do texto com uma "Breve resposta ao Dr. Raul Azedo", contestando pontos de vista deste, expressos no **Correio do Recife**, sob o pseudônimo de **Roberto Leal**.

Acompanharam a referida edição um índice geral das matérias publicadas no ano I; um "cartão postal, simbólico da imoralidade da confissão"; e um suplemento de oito páginas, iniciando a tradução da obra "O Padre", a mulher e o confissionário", de autoria do padre Chiniquy, e ainda uma carta convocatória e um boletim de adesão ao II Congresso Espírita do México. Divulgada, também, uma conferência espírita de Manuel Arão.

Passaram-se vários meses e, devido a "graves incômodos de saúde" do diretor-redator, voltou a revista com os números 2/8 conjuntos, correspondentes aos meses de fevereiro a agosto, constando de 84 páginas de texto, duas gravuras em separado e um suplemento avulso. Abriu a edição uma "Carta aberta ao padre santo", por Pedro d'Able, seguindo-se numerosas transcrições, comentários ligeiros e noticiário especializado.

Terminou aí a vida da **Aurora Espírita ou A Renasceça Christã (Arq. Púb. Est. e Bib. da Federação Espírita Pcana.)**.

**REVISTA MODERNA — Magazine Semanal Ilustrado —** Entrou em circulação a 9 de julho de 1906, formato de 27x20, com 16 páginas, em bom papel, mais a capa, ilustrada, não impresso o respectivo reverso. Trabalho da oficina da Agência Jornalística, de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33, onde também se localizava a redação. Propriedade de "uma Associação", tinha como diretores artísticos **Pierre** e **Guapy** (este último era o famoso desenhista Herculando de Albuquerque). Tabela de assinaturas: semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000, custando 200 réis o número avulso. O preço dos anúncios, segundo a tabela inserta, variava entre 40\$000 por página externa ao mínimo de 2\$500 por 1/12 no texto.

Consoante o editorial intitulado "Away!", a Revista era "mantida por um grupo de moços amantes do Belo e do Direito", acentuando: "...desejamos trabalhar pelo engrandecimento de Pernambuco e concorrer com o nosso fraco contingente para a prosperidade da pátria".

“Em política — aduziu o articulista — não comungamos na mesa dos oposicionistas e muito menos na que é presidida pelo dr. Rosa e Silva”. E concluiu: “A **Revista Moderna** recolherá em seu seio todas as idéias nobres, fecundas e generosas; e, sem fazer questão de crenças religiosas e idéias políticas, ela aceitará a defesa de tudo quanto for justo e alevantado”.

Publicando-se regularmente, sem alterar a quantidade de páginas, cinco a seis das quais de anúncios, sua matéria dividia-se da seguinte maneira; “Crônica”, de Felix Bertoldo; “Perfil Acadêmico”, por Epaminondas e outros; “Máximas e Reflexões”; “Fagulhas”; “O que eles fazem...”; “Folhetim”, de Cardoso de Oliveira; comentários e notícias; além da colaboração poética de Araújo Filho, Alcino Maia, Adalberto Marroquim, Moreira Cardoso, também com o pseudônimo de **Domingos de Páscoa**; Ademar Tavares, Severino Leite, **Treloso**, Miranda de Azevedo, A. de A. Carneiro Leão e João Fioravante; e prosa de **Nolasco** e **Fabício Teles**, este firmando as “Cartas Simples”.

O nº 10 divulgou, em duas páginas, o original musical da valsa intitulada “Revista Moderna”, do maestro Abdon Lira, composta em homenagem à redação. Esgotada a edição, foi a música repetida na subsequente.

A capa e a primeira página do texto eram, invariavelmente, ilustradas com desenhos ou **charges** a bico-de-pena, encontradiços igualmente entre a matéria, não só da autoria dos diretores artísticos, mas também de **Til** (Osvaldo de Almeida), **Job** e **Joca**. Ocorreram concursos para crianças e um prêmio semanal de 5\$000, mediante sorteio, para isto sendo numerados todos os exemplares da revista.

Não consegui, porém, apesar do chamariz, ultrapassar o nº 12, que saiu a lume no dia 24 de setembro (**Bib. Púb. Est.** e **Bib. Nac.**) (1).

**LYDIA** — Poliantéia em homenagem à colegial Lídia Duarte (1-A), saiu a lume na data do seu aniversário natalício, a 11 de julho de 1906, formato de 14x9, com quatro páginas, impressa em papel **couché**, e mandada publicar pelo poeta Manuel Duarte. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de **Júlio Agostinho Bezerra**.

---

(1) Coleções incompletas, completando-se entre si.

(1-A) Depois: Sra. Aristarco Cavalcanti de Albuquerque.

O jornalzinho divulgou saudações, em prosa e verso, de poucas linhas, assinadas pelos irmãos Cândido, Manuel, Francisco e Leopoldina Duarte; Gaspar Vanderlei Loio, Artur Muniz, Mendes Martins, Silveira Carvalho, Samuel Lins, Caitano Galhardo, Ademar Tavares, Josefino e Amélia Araújo e Olegária Galhardo (**Arq. Púb. Est.**).

LUZEIRO DA VERDADE — Número especial, circulou a “14 do 5º mês do ano da V. . L. . 5906, ou seja, no dia 14 de julho de 1906, formato de 23x15, com quatro páginas. Imprimiu-se, em papel azul, na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana.

A edição constituiu uma “homenagem da Aug. . e Resp. . Loj. . Cap. . Luzeiro da Verdade” ao líder maçônico Zeferino Gonçalves Agra, cujo clichê figurou na primeira página, emoldurado de vinhetas, em virtude de haver-lhe sido conferido o título de Benemérito. Inseriu matéria alusiva, incluindo saudações, em prosa e verso, assinadas pelos Irmãos (**Arq. Púb. Est.**).

POSTALEIDA — Número único, foi dado à publicidade no dia 19 de julho de 1906, formato de 44x32, com quatro páginas de três colunas largas. Significou uma “homenagem dos empregados do Correio de Pernambuco aos delegados brasileiros ao VI Congresso Postal Universal”. Comissão de Redação: Spencer Neto e Olímpio Galvão. Confecção da Tipografia Boulitreau, de Lins Vieira & Cia., situada à rua do Imperador nº 46.

Motivou a edição a passagem pelo Recife, a bordo do “Amazone”, do diretor geral dos Correios da República, Joaquim Carneiro de Miranda e Horta, e do seu secretário, Henrique Aderne, que haviam participado do certame realizado em Roma.

Toda a matéria focalizou assuntos postais do presente e do passado, principalmente longas produções de caráter biográfico, de autoria de Spencer Neto (duas), Olímpio Galvão (três), Brissant Neto e Aurélio Tavares, administrador da repartição postal em Pernambuco (**Arq. Púb. Est.**).

O BATALHADOR — Órgão da Sociedade Beneficente dos Operários da Fábrica Celeste (Vila Santa Lucila, subúrbio de Areias) — Surgiu no dia 1 de agosto de 1906, formato de 37x26, com quatro páginas de três colunas largas. Destinado a sair bimensalmente, assinava-se a 2\$000 por trimestre, tendo como

gerente Manuel T. de Araújo Saldanha. Impressão da Ag. Jornalística Pernambucana.

Com duas notas de apresentação, a primeira assinada por A. C., dizia a segunda: “Como bem exprime a sua epigrafe, **O Batalhador** pugnará sempre pela prosperidade das indústrias nesta terra e será um paladino tenaz e sincero nas manifestações de suas idéias e na segurança de suas doutrinas”. Procuraria “desenvolver o mais ardente desejo daqueles que sabem que só o trabalho nobilita”, assim como aguçaria “o gosto e a perserverança dos operários, que, com os seus contingentes, eleva e faz progredir um Estado e quiçá uma nação”.

Com o respectivo clichê ao alto da coluna central, a edição de estréia homenageou Luiz Amorim Silva, presidente da Sociedade Beneficente e proprietário da Fábrica Celeste.

Publicou-se o periódico regularmente, divulgando matéria variada, inclusive Literatura, “Galhofas”, noticiário e duas páginas de anúncios, estes não só do Recife, mas igualmente de outros pontos do país.

Foram colaboradores: T. S. F., José Vilarouca, N. Balet Peraza, Paulino de Brito, Oscar, Araújo Saldanha, A. C. (Antônio Cardoso), Ribeiro da Silva, F. Júnior (Francelino Domingues da Silva Júnior), do corpo redacional, autor dos “Perfis” em sonetos, e outros.

Tendo circulado o nº 10 a 20 de dezembro, começou 1907 com a edição — nº 1, ano II — de 7 de janeiro, para findar a publicação com o nº 5, datado de 19 de março (**Arg. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**ALBUM LUSO-BRASILEIRO** — Circulou a 1º de agosto (1) de 1906, segundo noticiou, na mesma data, o **Jornal Pequeno** (confirmado pelo **Diário de Pernambuco**) — “o número inicial da bonita revista” de título acima, “publicação mensal sob a direção do operoso moço João Pinto Ribeiro”.

Apresentou “ótimas gravuras de cavalheiros residentes nesta praça” e, na página de honra, “excelente retrato” do Gover-

---

(1) Alfredo de Carvalho atribuiu ao mês de julho a publicação do **Album**, dando-lhe como diretor Coimbra Lobo.

nador do Estado, o Conselheiro Sigismundo Gonçalves, além de numerosos “escritos literários em prosa e verso”. Foi impresso na oficina gráfica da Agência Jornalística Pernambucana, para vender-se o exemplar a 1\$500.

Não prosseguiu a publicação.

**GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA EM PERNAMBUCO** — Poliantéia em homenagem ao 55º aniversário da instituição, saiu a lume no dia 15 de agosto de 1906, com catorze páginas de texto, afora a capa, a cores, tudo em papel *couché*, magnífico trabalho da oficina gráfica da Ag. Jornalística Pernambucana.

A página de rosto estampou, em pequenos clichês, as effigies da turma da diretoria de 1905/1906, à frente José dos Santos Figueira. Outra página homenageou o fundador do Gabinete, dr. João Vicente Martins, a primeira diretoria e os sócios instaladores.

Abrindo o texto com as palavras sacramentais de apresentação, seguiram-se produções, em prosa e verso, a respeito do evento, firmadas por Costa Ferreira, Antônio Dias, A. Cardoso, Coimbra Lobo, João Pinto Ribeiro, Isaac Cerquinho, J. C. de Almeida, Eduardo de Almeida, Augusto J. Martins, Carvalho Júnior, F. dos Santos Moreira e outros (**Arq. Púb. Est.**).

**MARTINS JUNIOR** — Outra poliantéia, circulou a 22 de agosto de 1906, formato de 33x21, a duas colunas de composição. Contendo quatro páginas, figurou entre a matéria, no centro da primeira, o clichê do famoso homem público.

Além das palavras de exaltação ao Mestre, abrindo o texto, com a assinatura — **Os moços da “Bernardo Vieira de Melo”**, quase toda a demais matéria se constituiu de excertos, em poucas linhas, de escritores de nomeada, sobre a personalidade do extinto, a saber: Emile Zola (em francês), Artur de Azevedo, Barão do Rio Branco, Aloisio de Carvalho, Rosa e Silva, Lauro Sodré, Carlos Porto Carreiro, Artur Orlando, Faelante da Câmara e diversos outros.

A quarta página reproduziu dois sonetos, improvisados em 1894 (um continuando a estrofe produzida pelo outro), por Martins Júnior e Gervásio Fioravante (**Arq. Púb. Est.**).

A TRIBUNA — Publicação promovida, com aprovação eclesiástica, pela Pia Associação de São Luiz de Gonzaga — Saiu o primeiro número a 26 de agosto de 1906, formato de 27x18, com quatro páginas a duas colunas de composição, tendo como sede o Seminário de Olinda. Órgão quinzenal, impresso na oficina gráfica do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 43, cobrava 3\$000 por assinatura anual.

Abriu a edição o editorial a seguir:

“Isto não é um jornal, é um incentivo apenas.

“O desejo de levar a palavra de Deus por aí afora, de porta em porta, foi o seu único objetivo.

“É sabido que esforço empregam os filhos das trevas, senão para destruir a verdade, ao menos para cercá-la de mil preconceitos que a tornem odiosa ou impossível.

“Uma palavra despretensiosa e verdadeiramente evangélica bem pode convencer alguns, premunir a muitos e ser apropriado incentivo para a prática de olvidados deveres religiosos.

“É este o nosso fim.

“Cercado das mil dificuldades que assaltam os principiantes, curvamo-nos respeitosamente ante a distinta imprensa indígena, saudando-a, e nos consideramos em caminho”.

Tendo como primeiros redatores, segundo o Cônego Alfredo Xavier Pedrosa (1), “D. José Pereira Alves, D. João Tavares de Moura, ainda estudantes de Teologia do Seminário; D. Augusto Alvaro da Silva, então vigário de São José, e o Padre Francisco de Luna Sobrinho, vigário de Vicência”, as edições iniciais divulgavam o “Evangelho”, seguindo-se-lhe as “Cartas”, por Pels; a “Crônica”, de Aloysius, e outras colaborações, assinadas por **Evandro, Alex, Joel, Cláudio, Pinho Neto, Victor Dantas e Filipe Cabral**, além do “Noticiário”.

O nº 10, datado de 13 de janeiro de 1907, inseriu uma portaria do Bispo de Olinda, D. Luiz de Brito, segundo a qual ficava aumentado o corpo redacional, sob a direção do monsenhor

---

(1) “Letras Católicas em Pernambuco”, edição da Cruzada da Boa Imprensa — 1939.

Marcolino Pacheco do Amaral; reservava-se uma seção para o "Boletim Oficial", destinado a divulgar "a solução dos casos de Moral, as disposições da Santa Sé e os da administração diocesana", e recomendava-se que cada freguesia concorresse com 50\$000 para ajudar as despesas com a publicação.

Na edição de 1º de fevereiro, mudava-se o título para TRIBUNA RELIGIOSA passando a datar-se do Recife, com o subtítulo: "Órgão Oficial da Diocese de Olinda", em cuja Secretaria funcionava a Comissão de Redação. Assinaturas; na redação — 4\$000; nas paróquias, aos respectivos vigários — 2\$000. Novo formato: 37x25, a três colunas de composição, passando a confecção a efetuar-se na Imprensa Industrial, à rua do Apolo ns 49/51.

Apresentando-se, "em público, mais aparelhado para a luta", acrescentou o editorial alusivo: "Será a tribuna donde, sem fraqueza e sem desânimo, ensinaremos ao povo o amor aos salutares princípios da Religião do Divino Nazareno; rebateremos com firmeza, mas, sem faltar à caridade, os golpes desferidos contra a nossa crença, donde quer que eles partam", finalizando: "Somos inteiramente estranhos à política, pelo que não nos imiscuiremos nos enredos dos partidos. Desejamos concorrer para o nobilitamento moral da sociedade..."

Foram novas promoções, sempre começando com o "Evangelho" (do Padre Antônio Vieira): "Católico e Espiritista?", em série; "Prosando", crônica de Paulo Cruz; "Catequese"; "Consultas"; "O Catolicismo e a Bíblia"; versos de Auta de Sousa e **Silvino Silvio** (pseudônimo do então Padre Augusto Alvaro da Silva); transcrições, noticiário e correspondências.

Uma terceira fase teve início com o nº 24, de 15 de agosto, quando o periódico aumentou, mais uma vez, o formato, passando a ter 49x35, páginas de quatro boas colunas, e a ser impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, situada na rua do Imperador ns. 31/33.

Seguiu-se a publicação com regularidade, mantendo o mesmo programa de matéria variada e admitindo novos colaboradores, tais como: **Nemo**, **Ruben**, **Paulus**, Padre Veloso, Padre Coloma (contos, em rodapé), **P. S.**, etc.

Publicado o nº 34 (sem contar a fase denominada **A Tribuna**), o jornal comemorou o primeiro ano de vida com o nº



1, ano II, de 1º de fevereiro de 1908, edição que constituiu, ao mesmo tempo, uma quase poliantéia em homenagem ao papa Pio X, pelo transcurso do seu onomástico, figurando na primeira página expressiva fotogravura do Sumo Pontífice. No dia 20 de junho, a edição foi unicamente dedicada à divulgação da "Terceira Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de São Salvador da Bahia".

A partir de 1909, quando se tornou órgão semanal, a **Tribuna Religiosa** veio a iniciar numeração nova em cada primeira edição do ano. E as páginas, em vez de quatro, passaram a conter cinco colunas, mais estreitas, sem alteração no formato, sendo a impressão feita, a partir daí, em oficina própria, à rua da Aurora nº 197.

No mencionado ano a folha abriu campanhas contra o líder protestante Jerônimo Gueiros; contra o periódico batista **O Missionário**; contra o **Jornal do Recife** (série sob o título "Vindícias Históricas", enquanto **Um Ex-Seminarista** repelia a filosofia de **Fly**, (pseudônimo de Osvaldo Machado); contra **O Norte Evangélico**, de Garanhuns, contra a Maçonaria; contra Manuel Arão e o médico Raul Azedo. E divulgava produções do Padre Eliseu Cavalcanti, de Antônio Guedes Alcoforado (série de cartas "Ao amigo Jorge"), Aurélio Ramos, Rabelo Cruz, **Plínio** ("Reflexos"), Manuel Buarque, **Cláudio** (sonetos), etc.

No ano seguinte, apareceram **Rabelais**, com as notas satíricas "Balinhas", e **Ego**, com o comentário "De tudo". Foram publicadas "As aventuras de Pinóquio", em tradução especial, além de folhetins, sem ter solução de continuidade o programa de combate às chamadas crenças eréticas.

A tiragem do periódico, porém, não era a mesma do início de 1907, quando proclamava ser de 4.000 exemplares; em meados de 1909 baixou para 2.500; mas em dezembro de 1910, teve novo alento, subindo para 3.400, conforme constava do Expediente. Novo corpo redacional só veio a ser divulgado a 1º de abril de 1911; foi o seguinte: diretor — Padre Alberto Pequeno; secretário — Padre José Pereira Alves, gerente — Padre José G. de Sá Leitão, este último substituído, meses após, pelo Padre José do Carmo Barata.

Quase três anos depois, em fevereiro de 1914, o redator-secretário foi substituído pelo Padre Leonardo Mascelo, subindo Pereira Alves para a direção. Entre outros colaboradores,

inclusive usando pseudônimos, aparecia M. F. (como se assinava o professor João Feliciano da Mota e Albuquerque Filho), desde abril de 1913.

Devido às dificuldades que se opunham à aquisição de papel, em consequência da guerra européia, a **Tribuna Religiosa** viu-se na contingência de reduzir o formato, o que se verificou de 1º de maio de 1915 a 2 de dezembro de 1916, sendo, então, redator-secretário o Padre Alfredo Xavier Pedrosa. E ficou suspensa.

Depois de “forçado repouso”, por “motivos de ordem superior”, reapareceu a 15 de março de 1917, restabelecido o formato anterior de quatro colunas. Não exibiu corpo redacional, publicando-se regularmente até 16 de dezembro de 1920, ano em que divulgou, no período de 29 de abril a 2 de setembro, uma série de 21 artigos, igualmente publicados no **Jornal Pequeno**, sob o título “Contraditas a um resumo de Emílio Bossi”, de autoria do líder católico Barreto Campelo, em polêmica com o professor Joaquim Pimenta, que vinha analisando, através do **Jornal do Commercio**, algumas conferências pronunciadas, na Igreja de Santo Antônio, pelo então Monsenhor Pereira Alves, sobre o tema “A questão social em face do Catolicismo”.

A partir da edição de 6 de janeiro de 1921, reduziu-se o título do jornal à primitiva denominação.

A TRIBUNA — Dirigida, ainda, pelo referido Monsenhor, tinha como redator-chefe o padre Xavier Pedrosa e redator-secretário o padre Euvaldo Souto Maior, que acumulava, em caráter provisório, a função de administrador. Escreveu, a propósito, a redação: “Este jornal, em sua nova fase, tendo-se em vista a conveniência da brevidade, passa a chamar-se **A Tribuna**. O seu programa, porém, é o mesmo de sempre, continuando a propugnar pelo bem da Igreja e da Pátria”.

Começou com seis páginas, diminuindo-as, logo após, para quatro. Cobrava 5\$000 pela assinatura anual e \$100 por número avulso.

A 11 de janeiro de 1923 mudou o corpo redacional, que ficou assim constituído: diretor — Padre Eustáquio de Queiroz; redatores — Padres Xavier Pedrosa, Batista Cabral e Francisco Carneiro; Laudelino Câmara e Barreto Campelo. Eram colaboradores: Correia de Brito, Tiburtino Mondin, Epifânio Be-

zerra, J. Falcão Filho, Manuel Cirilo, João Monteiro, Eustórgio Vanderlei, Benjamin de Albuquerque, Padres Dubois e Júlio Cabral. Mediante a aquisição de nova máquina impressora, **A Tribuna** apresentava melhor feição material.

Tendo assumido o Arcebispado de Olinda e Recife, D. Miguel Valverde lançou veemente apelo em prol do porta-voz dos católicos pernambucanos, consagrando o primeiro domingo de cada mês à campanha então criada em favor do Patrimônio da Boa Imprensa. A 13 de outubro o hebdomadário tornou-se órgão da Associação da Boa Imprensa (fundada por iniciativa do arcebispo), a cuja orientação ficou submetido.

Nova modificação ocorreu no corpo redacional, que, em setembro de 1924, era o seguinte: diretor — Landelino Câmara; redator-chefe — Barreto Campelo; sendo gerente Albino Moreira, enquanto a assinatura anual passava a ser cobrada por 10\$000 e a semestral por 5\$000.

Ao iniciar-se 1925, **A Tribuna** saía com seis páginas, sendo três de anúncios, mas, diminuindo estes, reduziu-as, novamente, para quatro. Ostentava formato elegante, dispondo da matéria variada, assim distribuída: “A Semana”, notas de toda parte; “Governo Diocesano”; “Notas Econômicas e Comerciais”; “Páginas escolhidas”, rodapé; “Vida litúrgica”, “Vida Paroquial”; “Crônica Social”, por Nelly; “Reparos”, por T. de A.; “Coluna infantil”, iniciada em março, por Eustórgio Vanderlei; e artigos, que se iam revezando, de **João do Prado** (pseudônimo do prof. Mota e Albuquerque Filho), Lacerda de Almeida, Landelino Câmara, Alvaro Negromonte, Heloisa Fonseca, Barreto Campelo, Andrade Bezerra, Monsenhor Xavier Pedrosa, Padre Nestor de Alencar, Felisberto dos Santos Pereira, Manuel Cirilo, Isabel Orlando, etc.

Em dezembro já se encontrava na direção o professor Andrade Bezerra, tendo como secretário o Cônego José Tomaz, que pouco demorou no cargo, entrando como gerente, depois, Fileno de Miranda. No mês de fevereiro de 1926 voltava a publicar-se às quintas-feiras, como o fizera nos primeiros anos.

Sucediam-se as alterações no corpo redacional, assumindo a direção, no princípio de 1927, o Padre Francisco Domingues Carneiro. E Andrade Bezerra passou a figurar como redator, ao lado de Luiz Cedro. Tornou-se mais movimentada, então, a parte intelectual do periódico religioso, com as seções de crô-

nicas e comentários “De leve”, por **Pierre**; “**Minutas**”, por **Inês d’Ávila**; “Coisas da Cidade”, por **J. Fuas Roupinha**; “Consequências do Espiritismo”, por A. M.; produções de **Marta Maria** (pseudônimo de Raquel Lima); Padre Luiz Gonzaga Cabral; **Frei João da Paciência**, que, a partir de agosto, escrevia sobre temas sociais, para continuar, nos anos seguintes, ainda que esporadicamente, com outros artigos, mas utilizando o próprio nome — Aurélio Domingues; **José Hortas**, que, entre outros temas, focalizou “o drama mexicano”, quando elementos católicos eram “assassinados, friamente, pelos soldados de Plutarco Sales”, assunto avocado, ainda nos dois anos seguintes, pelo Cônego Xavier Pedrosa, a par dos variados temas de que se ocupava, refutando, inclusive, artigos de Nelson Coutinho (segundo semestre de 1929), que defendia, n’A **Voz de Narareth**, a política social do governo do México (2).

A 26 de abril de 1928 o Padre Carneiro passou a acumular a gerência. Era administrador da oficina R. Silva. Também surgiram produções de **Paulino d’Alva**; padre Leonardo Mascello; **C. G.**, o das “Notas Soltas”; Flávio Celso; frei Manuel da Esperança e padre Manuel Gregório, que assinou longa série de “**Cartas do Sertão**”, refutando um discurso do professor **Metódio Maranhão**, publicado na **Revista Acadêmica**, sob o título “**O direito e a religião**”. Outro colaborador de então foi o estudante Afonso Ligório Bezerra, norterriograndense, inclusive usando o pseudônimo **Alípio Serra**.

Três grandes edições proporcionou **A Tribuna**, de 20, 36 e 28 páginas, respectivamente, a 26 de agosto de 1928, 1 de setembro de 1929 e 26 de agosto de 1930, comemorativas do aniversário de sua fundação, incluindo na primeira delas clichês dos diretores da Associação da Boa Imprensa, assim constituída: Andrade Bezerra (presidente), Bruno Veloso da Silveira, Manuel Dias dos Santos, Barreto Campelo e Adriano Pinto Coelho. Divulgaram matéria especial, sobretudo produções de Mauro Mota, padre Antônio Fernandes, Milton Cabral, Costa Rego Júnior, Domingos de Albuquerque, Eustáquio Gomes, Clodoaldo Pessoa de Oliveira, José Vieira Coelho, Joaquim Maria Moreira, Fernandes da Costa, Manuel Lubambo e outros. Boa fatura, também, de anúncios.

---

(2) Logo a seguir, o Cônego Alfredo Xavier Pedrosa reuniu tais artigos em livro, denominando-o “A epopéia do México”.

Dai por deante, sucederam-se edições bem nutridas nas datas comemorativas. Barreto Campello substituiu Andrade Bezerra no corpo redacional. Novos colaboradores ocuparam, em 1930, as páginas do semanário, tais como: Gomes Maranhão, Nilo Pereira, **padre Tenório de Canavieiras** (pseudônimo de D. Gabriel Beltrão); padre Campos Gois, cônego Eustáquio de Queiroz, padre José de V. Borba, Andrade Lima Filho, padre Alfredo Câmara, padre João Costa, **Pery**, etc. Voltou **Pierre** ("De leve") e surgiu **Zaqueu** com o quadro em duas colunas, tipo corpo 12, intitulado "Leia"; mais **Efgê** e S. A., este assinando as "Coisas do Sertão".

Ao atingir 1931, a direção do jornal voltou ao Cônego Xavier Pedrosa, o qual foi, depois, substituído pelo cônego Eustáquio de Queiroz.

Em janeiro do ano seguinte, **A Tribuna**, "sempre a lutar contra os inimigos da religião e contra os "inimigos" da boa imprensa, isto é, os indifentes", entrou em nova fase, publicando-se bissemanalmente, às quartas-feiras e aos sábados, sob a direção do professor Rui de Aires Belo, tendo como redator-secretário José Carlos Dias, este só até o mês de agosto, ficando vago o cargo. Colaboração principal de Landelino Câmara, Andrade Bezerra, Luiz Delgado, José Vieira Coelho, padre João Costa e Manuel Lubambo. Passou para 20\$000 o preço da assinatura anual e para 10\$000 a semestral. Durante algum tempo, nesse ano, teve a assistência eclesiástica do padre Airton Guedes. Combateu a instituição do Rotary Clube.

Seguiu-se a publicação, inalteravelmente, e a 14 de junho de 1934 ocupou Luiz Delgado as funções de redator-chefe, só permanecendo, porém, até fevereiro do ano seguinte, embora continuasse como colaborador.

Ainda em 1934, a 29 de dezembro, **A Tribuna** voltou a publicar-se semanalmente. Outros colaboradores da nova fase: Novais Filho, Oscar Mendes, Sérgio Higino, Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) e Luiz Santa Cruz.

Continuou a publicação pelos anos afora.

A partir da edição de 3 de setembro de 1939 (32 páginas), diminuiu o formato para 37x27, a três colunas de composição, quando assumiu a gerência João Meneses. Durante uma semana, circulou diariamente, ora com oito, ora com dez páginas, in-

serindo amplo noticiário, ilustrações e trabalhos assinados sobre o Congresso Eucarístico Nacional, na ocasião reunido no Recife. Chegou até a edição de 12 de junho de 1943, quando circunstâncias especiais impuseram sua suspensão.

Passados alguns anos, **A Tribuna** foi restituida ao publicismo, precisamente a 26 de outubro de 1947, “ao t ermo de uma interrup o determinada, inicialmente, pela mudança da reda o e da oficina, em vista da destrui o do prédio onde funcionavam, para alargamento da rua e constru o da ponte Duarte Coelho, e prolongada depois por vários motivos”.

No mês seguinte, aumentou de formato — cinco, depois, seis colunas — não mais alterado, e a assinatura anual subiu para Cr\$ 25. A 10 de janeiro de 1948 reencetou circula o regular, lendo-se numa nota o seguinte: “Antes divulgara alguns números de propaganda, que eram, na verdade, um apelo aos amigos da imprensa católica, no sentido de auxiliarem a sua difusão, restaurando os serviços de assinatura e vendagem, que há anos se haviam interrompido. Não tardaram esses amigos. Trouxeram uns a sua assinatura individual. Outros organizaram listas de assinantes. Outros, ainda, atendendo   solicita o de revdmos. p rcos e reitores de igrejas, organizaram a distribui o de exemplares do jornal, e assim por diante”.

Finalmente a 7 de fevereiro de 1948, Luiz Delgado assumiu a dire o da folha, que iniciou uma fase de plena normalidade, saindo semanalmente, com oito páginas, repletas de boa e variada matéria. Foi logo contratada a publica o do serviço informativo de “Notícias Católicas”, organismo de correspondência jornalstica mantido pelo “National Catholic Welfare Council”.

A 23 de outubro do mesmo ano, Durval Mendes entrou a funcionar como redator-secretário. Novo aumento sofreram as assinaturas anual e semestral, que foram tabeladas, respectivamente, em Cr\$ 35 e Cr\$ 20. Esses preços elevaram-se, depois, para Cr\$ 40 e Cr\$ 25, com acréscimo de Cr\$ 5 para o interior e Cr\$ 10 para outros estados, enquanto o número avulso, àquele época estabelecido em Cr\$ 0,70, passou para Cr\$ 1.

S  ligeiras modifica es ocorreram após o in cio dessa última fase, continuando **A Tribuna** a sair todos os sábados, servindo   sua precípua finalidade de órgão católico, bem redigido e conceituado. Matéria principal: “Evangelho”; “O santo

da semana”, por Adauto X. Carneiro Pessoa; “Ação Católica”, a cargo de Dom Costa; “Pelo Brasil afora”; “Notícias de toda parte”; “Pelas paróquias”; “A que filmes assistirei?”; e serviço das agências estrangeiras “Fides”, “Kna”, e “Newservice”, além de notas editoriais e trabalhos assinados por elementos de projeção nas letras católicas do país. Entre os últimos colaboradores, de substituição em substituição, contavam-se Tristão de Ataíde, d. Helder Câmara, padre Daniel Lima, d. Pedro Bandeira de Melo, padre Domingos Carneiro, padre Bonifácio Hemelink, Judite Listowel, padre Zeferino Rocha, Manuel Simões Barbosa, Amadeu Cunha, Jandari Leitão, Adige Maranhão de Barros, Carlos Mesquita, Bernardino Quitê de Vasconcelos, Antônio C. de Sá Barreto, apdre Nestor Oliveira, Paulo C. Brito Filho, padre Teófanos Barros, Carlos Frederico Maciel, Luiz Valois, C. Viana, padre Antônio Loebmann, Epaminondas de Albuquerque, Francisco Barreto Campelo, Jorge A-brantes, Costa Porto e outros, nem todos com assiduidade. No período de 1950 a 1952, B.N. ou seja Benedito Nunes, assinou uma série de 60 crônicas, sob o título “Coisas velhas e novas”.

Atingido o segundo semestre de 1954, **A Tribuna** intensificou suas atividades, dando algumas edições extraordinárias a saber: 24 de julho — 24 páginas, em dois cadernos — dedicada ao Tricentenário da Restauração Pernambucana, com trabalhos alusivos, assinados por Nilo Pereira, Tristão de Ataíde, Alfredo Carlos Schmalz, Padre Francisco Haasen, Frei Bonifácio Muller e Flávio Guerra, e outros de Francisco Montenegro, Manuel Simões Barbosa, Luiz do Nascimento (3), etc. Inseriu, além disso, vibrante editorial e vasta matéria noticiosa e informativa, a respeito das comemorações, estampando, na primeira página do segundo caderno, ilustrações referentes à guerra contra os holandeses. 4 de agosto — 12 páginas — em homenagem ao Congresso Nacional da Aparecida. 7 de dezembro — 12 páginas — comemorativa da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição de Maria. 25 de dezembro — 16 páginas — dedicada ao Natal, em dois cadernos, com alegoria de Vilares e colaboração alusiva.

Na edição comum (sempre oito páginas) de 18 de setembro, foi noticiado que os irmãos Maria do Socorro, Paulo André e José M. Dias da Silva tomaram a iniciativa de constituir-se

---

(3) Divulgou este relato da vida d'**A Tribuna**, agora bastante ampliado.

em comissão para conseguir fundos destinados ao pagamento (por fora dos recursos normais da Associação da Boa Imprensa) dos compromissos resultantes da aquisição da nova máquina impressora e outros melhoramentos introduzidos nas instalações gráficas.

O redator-chefe Luiz Delgado divulgou, nos últimos meses, artigos em defesa da Liga Eleitoral Católica (4). O Arcebispo de Olinda e Recife, d. Antônio de Almeida iniciou, a 20 de novembro, uma série de artigos intitulados "A verdadeira Igreja". Vicente Vanderlei passou a estampar, utilizando a inicial V, a interessante seção "Instantâneos".

Chegando aos 48½ anos de vida em dezembro de 1954, **A Tribuna** constituiu um exemplo de tenacidade. Experimentou momentos difíceis; manteve campanhas religiosas, em polémica com outros jornais, pela pena, sobretudo, de Barreto Campelo e Luiz Delgado; esteve suspensa durante quatro anos e, finalmente, reergueu-se, tornando-se, no Recife, o periódico de vida mais longa e, no Estado, o segundo em efetiva circulação.

A Associação da Boa Imprensa de Pernambuco, de que era órgão **A Tribuna**, dispunha de bem montada oficina, com Linotipos, sendo o jornal impresso em máquina Schenellpressen. Era tesoureiro da empresa o escritor Alfredo Carlos Schmalz, estando a administração da tipografia, há muito, confiada a Diógenes Ferreira Prado (5) (**Arq. Púb. Est., Bib. Púb. Est. e Arquivo d'A Tribuna**).

**GAZETA HOMOEOPATICA DE PERNAMBUCO — Publicação Mensal** — O nº 1 foi dado à luz no mês de setembro de 1906, formato de 24x15, com oito páginas de duas colunas. Redator — Dr. Sabino Pinho, em cuja farmácia, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 43, funcionava a redação. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo ns. 78/82. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000. Preço do exemplar — \$400.

---

(4) Já a 20 de março de 1954 fora editado o **Boletim da LEC**, como suplemento d'**A Tribuna**, em pequeno formato de 26x19, com quatro páginas, de cuja matéria especializada constou uma Mensagem de D. Antônio Morais, dirigida ao Clero e aos fiéis da Arquidiocese.

(5) A publicação prosseguiu em 1955 e parou em...



Visava, consoante o editorial intitulado “Nosso programa”, a vulgarizar, “por todos os meios, embora pálidamente, os progressos da Homeopatia” e defender, “com a máxima cortesia e sem ofensas pessoais, os ataques científicos que porventura lhe forem feitos por delicados antagonistas”.

Constou o sumário de extenso artigo científico, assinado pelo diretor, e de transcrições do mesmo caráter.

A partir do nº 3, transformou-se em REVISTA HOMOEOPÁTICA DE PERNAMBUCO, passando a ter 16 páginas, afora a capa. Publicado o nº 4, em dezembro, terminou o ano I, perfazendo, em numeração seguida, o total de 48 páginas.

Começou numeração nova em janeiro de 1907, ao circular o nº 1, ano II. A quarta edição saiu em abril, ficando suspensa pelo espaço de um ano.

Reapareceu em maio de 1908, ano III, com o nº 9, prosseguindo a numeração de páginas do ano anterior. Voltou, então, ao regime de oito páginas. Todavia, só foram publicados o nº 10, em junho, e o nº 11 (sem data) em junho. No cômputo geral dos dois últimos anos, verificou-se a soma de 88 páginas. No fim, a distribuição foi gratuita.

Não deixou a **Revista** de manter seu programa rígido. Além da colaboração dos médicos especialistas Nilo Cairo da Silva, Helvécio de Andrade e Olinto Dantas, a redação polemizou com doutores alopatas, na defesa dos seus princípios científicos (**Bib. Púb. Est.**).

O MESTRE — Poliantéia datada de 10 de setembro de 1906, teve o formato de 30x21, com quatro páginas, em papel **couché**, sendo confeccionada na oficina da Agência Jornalística Pernambucana. Editaram-na os “alunos do terceiro ano jurídico, amigos e admiradores do sapiente catedrático dr. Henrique Millet, no dia da solene inauguração do seu retrato no salão nobre da Faculdade de Direito”.

Figurou, na página de frente, circulada de vinhetas, o clichê do mestre, tendo por legenda um soneto, assim fechado:

“Dispomos vossa efigie em meio à galeria  
Dos vultos magistras da nossa Academia.  
— Mais um sol que resplende a par de muitos sois”.

As páginas restantes inseriram saudações assinadas por Sinfrônio Coutinho, Rosa e Silva Júnior, João Demétrio, Efrem Embirassu, Bartolomeu Anacleto, Aniceto Varejão, Paulo André, Domingos Vieira, Otávio Coutinho, Gustavo Codeceira e outros (**Bib. Pú. Est.**).

**ARCHIVO MAÇONICO — Órgão de Propaganda e Informações** — O nº 1 saiu no dia 12 de setembro de 1906, formato de 21x13, com 16 páginas, afora a capa, na qual se inscrevia a epigrafe: “A Gl. do Gr. Arch. do Univ.”, vendo-se abaixo o emblema da Maçonaria. Redator-chefe — Nilo Câmara; gerente — Ezequiel de Medeiros, funcionando a redação na rua Dr. Rosa e Silva (atual Imperatriz) nº 66. Assinaturas: anual — 8\$000; semestral — 5\$000. Exemplar avulso — 1\$000. Publicação mensal, impressa na tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador.

Constava do artigo programa, intitulado “Os nossos intuitos”: “Este órgão não será somente um propagador entusiasta da Art. Réal e um informante criterioso para os obreiros do bem e da verdade; ele será também tenda de combate ao vício e ao mal, abrindo para isso as suas colunas aos seus respeitáveis irm.. Em troca, porém, do seu esforço, o **Arquivo Maçônico** ambiciona apenas o concurso moral e intelectual e a simpatia fraternal dos obreiros deste oriente”. Apresentava-se, por fim, “à Imprensa e à Maçonaria Universal”.

Seguiu-se a publicação com a devida regularidade, divulgando, em cada número — de acordo com “Um compromisso” a que se impusera a redação — retratos de três “irmãos” que houvessem prestado “assinalados serviços” à instituição maçônica, prática que foi mantida todo o tempo, estreando com os clichês de Lauro Sodré, Dr. José Inácio d’Ávila e Tenente Ezequiel de Medeiros.

A matéria da revista, cuja quantidade de páginas foi aumentando pouco a pouco, até o máximo de 52, constituiu-se de doutrinação, polêmica, noticiário das Lojas, artigos de colaboração e o comentário “Atôa...”, assinado por **Lucullo**.

De início, o articulista do **Arquivo** criticou acerbamente a queima de Bíblias, recém efetuada, em Caruaru, por frades capuchinhos. Depois, entrou a combater a **Tribuna Religiosa**, em numerosas edições, com ela discutindo acirradamente, na defesa dos respectivos pontos de vista.

Foram colaboradores: Manuel Arão, Dr. Ferrer, Caitano de Andrade, J. A. Souza Leão, Mário Melo (1), Tomaz Ferreira de Aquino, que assinava, em 1909, as “Cartas Franqueadas”, ao passo que **Zé da Hora** escrevia as “Cartas de prego”, continuadas em 1910; Olivio Câmara, Dário Veloso e Magalhães Lima.

No decorrer de 1907/08, divulgou a “Exposição histórica da Maçonaria no Brasil”, autoria de Manuel Joaquim de Meneses.

Reproduziam-se discursos de reuniões solenes, a par de amplo noticiário das atividades da Maçonaria em Pernambuco; mais as seções “Avisos e Comunicados”, por **Véritas**; “Notas e Informações”, “Publicações recebidas” e “Trocós miudos”.

No nº 48, de agosto de 1910, iniciava-se a inserção do importante trabalho de Manuel Arão “A legenda e a história na Maçonaria” o qual, ocupando diversas páginas de cada edição, se estendeu por 38 publicações seguidas, sem chegar ao fim, uma vez que a revista parou.

Foi ininterrupta a circulação do **Arquivo Maçônico**, com doze edições por ano, em numeração seguida. Assim transpôs, obedecendo à mesma orientação de Nilo Câmara, ano após ano. Nas edições de abril e maio de 1912 surgiram os primeiros apelos aos assinantes, para que saldassem, na gerência, os compromissos do ano anterior.

Vencendo dificuldades materiais e financeiras, o magazine da Maçonaria pernambucana chegou ao fim de sua existência com o nº 86, ano VIII, de outubro de 1913 (**Bib. Púb. Est., Bib. Nac. e Bib. Est. de Sergipe**) (2).

O **TAGARELLA** — “Mais um jornal humorístico circulou ontem (dia 25) nesta cidade. Está bem impresso, é de proprie-

---

(1) A edição de fevereiro de 1909 distribuiu-se acompanhada de uma plaqueta de 28 páginas, contendo o discurso de Mário Melo “A Maçonaria no Brasil (Prioridade de Pernambuco)”, pronunciado em reunião da loja “Seis de Março”.

(2) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado, faltando, principalmente, todo o ano de 1907. Na Biblioteca Nacional, entretanto, encontram-se comprovantes de 1906 até novembro de 1907. Completa é a coleção manuseada em Aracajú, Estado de Sergipe.

dade de **Bebé e Zezinho** e traz bem arrançadas seções” (**Diário de Pernambuco**, 26/9/1906).

Embora não restem comprovantes dessa primeira fase, a publicação estendeu-se, segundo Alfredo de Carvalho (obra citada) até o nº 4, de 9 de novembro.

Depois de prolongada suspensão, reapareceu **O Tagarella** com o nº 4 (repetido?), ano II, a 28 de junho de 1910, formato de 27x17, com quatro páginas de duas colunas a 14 cíceros, sendo impresso na tipografia de J. Regadas & Irmão, à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 41, local também da redação. Propriedade “de uma Associação anônima”, assinava-se a 1\$500 por trimestre, custando \$100 o número avulso.

Constava do seu programa: “Defender os lares; detestar os espetáculos que dia a dia observamos, contristados no teatro do escandalismo; pugnar pelos direitos de quem os tem, etc”.

Seguiu-se a publicação de acordo com o enunciado, inserindo, inclusive, as seções “Modinhas”, “Tagarelando”, “Da janelinha do meu 6º andar observo com o meu binóculo”, por **K. Tôta**; “Motes a Concurso”; “De varanda a varanda” por **Cascalho**, e, até, um “Folhetim d’O Tagarella”, com a novela “O Arara”, que não chegou ao fim. No mais, reportagens de escândalos e notas picantes. Quase sempre, ilustravam a primeira página **charges** em zincografia.

A partir do nº 11, viu-se-lhe o formato acrescido para 37 x26. Aumentou, assim, a quantidade da matéria, mas a qualidade não melhorou. Teve poucos anúncios.

Nada obstante a “grande aceitação” de que se jactava, parou **O Tagarella** com o nº 14, de 15 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

**HOMENAGEM DAS ALUNAS DO COLLEGIO SANTA MARGARIDA** — À sua diretora **Maria Emília Pereira de Sousa** — Circulou a 25 de setembro (1) de 1906, em formato de 32x23, com quatro páginas, em papel róseo, confeccionada na Imprensa Industrial, à rua do Apolo. Via-se, de frente, o clichê da homenageada, ao lado do soneto “Preito”, da poetisa **Santina Potiguaré**. Seguiram-se o artigo “A instrução da mulher”, de

---

(1) Não de outubro, como consta dos “Anais”.

João Batista Regueira Costa, e uma série de escritos de saudação à aniversariante, motivo da publicação da poliantéa, firmados por professores, amigos e alunas, contando-se, entre eles, Leopoldo Pires Ferreira, Leonino Correia, Benedito Costa, Tolentino de Carvalho e Olímpio Fernandes e, entre elas, Amanda Munier, Maria das Mercês Oliveira, Leonor Ramos e Elvira Santos Lima (**Bib. Púb. Est.**).

O BRASIL — Edição única, apareceu no dia 21 de outubro de 1906, formato de 30x20, com quatro páginas, impressa em bom papel, trabalho da oficina do **Jornal do Recife**. Constou, da primeira, um soneto de Oscar Brandão da Rocha, ladeando o clichê do homenageado, e, abaixo, as palavras: “Salve! ao excelso aeronauta José Pereira da Luz — Preito de homenagem dos seus admiradores: Oscar Brandão, João Ezequiel, Artur L. Moreira, Euclides de Oliveira, Odilon Vidal de Araújo, Tomaz Barreto, João Monteiro, Francisco das Chagas, Júlio Antônio Ferreira, Tiago J. dos Santos, Jerônimo M. de Albuquerque e Joaquim Farias”.

Todos esses nomes firmaram artigos ou notas de saudação, individualmente, ao modesto artista que ia levantar vôo, pela segunda vez, no balão “Brasil”, por ele próprio construído (**Arq. Púb. Est.**).

O BAPTISTA — Poliantéa organizada por admiradores do médico João Batista de Carvalho, ao ensejo do seu regresso da Europa, saiu a lume no dia 25 de outubro de 1906, formato de 30x20, com quatro páginas. Impressão da oficina da Agência Jornalística Pernambucana. Via-se, na primeira, cercado de vinhetas, o retrato do renomado clínico, seguido de poema de exaltação, assinado por L.

O espaço restante esteve repleto de artigos, notas e saudações ligeiras, em que se focalizava a personalidade do “humanitário cientista, que (palavras de Spencer Neto) do seu sacerdócio jamais fez um balcão mercenário, experimentando sempre inefável júbilo em socorrer ao pobre, aliviá-lo, curá-lo dos males do corpo”. Escreveram, a respeito, entre outros: Bianor de Medeiros, Erasmo de Macedo, Alfredo Gama, Augusto Cunha, José Lima e Felix Francisco das Chagas (**Bib. Púb. Est.**).

ESPUMAS FLUCTUANTES — **Revista Mensal da Sociedade Literária Castro Alves** — Circulou o primeiro número em outubro de 1906, formato de 25x18, com doze páginas, em bom pa-

pel, afora a capa, esta em papel de cor, assetinado, com cabeçalho ilustrado, tendo ao lado a Súmula dos trabalhos publicados. Diretor — Camilo Morato; secretário — Astrogildo de Carvalho; gerente — Fausto Rabelo, situando-se a redação na rua de Horta nº 96. Assinaturas: ano — 3\$000; semestre — 1\$500; número avulso — \$300.

A primeira página do texto exibiu clichê de Castro Alves, com a legenda:

“Salve! o rei dos poetas inspirados,  
 Que escreveu, em estrofes cintilantes,  
 Em versos belos, versos cinzelados,  
 As imortais **Espumas Fluctuantes**”.

Consoante o editorial de apresentação, abrindo a página seguinte, a revista penetrava “o sacrossanto templo do jornalismo indígena”, firme e crente “na nobilitante tarefa de propagar a instrução, galvanizando o cadáver da indiferença em que jazem as letras pátrias”.

Só saiu o nº 2 (e último) no mês de dezembro, em formato um pouco maior, impresso no Albergue Tipográfico, à rua das Laranjeiras (espaço hoje ocupado pela Avenida Dantas Barreto), para onde igualmente se transferira a redação, sendo as duas primeiras páginas dedicadas, com o respectivo clichê, a Bianor de Medeiros, presidente honorário da “Castro Alves”, saudado em versos por C. Morato e, em prosa, por Astrogildo de Carvalho.

As duas edições, formando 32 páginas, em numeração seguida, divulgaram, afora a produção dos redatores, outras, em prosa e verso, assinadas por Benedito Pinto, Carlos Boto Guimarães, Maranhão Sobrinho, Costa Rêgo Júnior, Bianor de Medeiros, Francisco Leão, Almeida Neves, José Monteiro, Rodovalho Neves, Antônio de Sousa Pinto, Mariano Lemos, M. Porciúncula, Márcio Marques e Leonardo Pereira, terminando com ligeiro noticiário (**Arq. Púb. Est.**).

**THEREZA DINIZ** — Poliantéia datada de 31 de outubro de 1906, constituiu um preito de “homenagem dos seus admiradores em a noite do seu concerto”. Trabalho gráfico da tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, apresentou o formato de 33x22, com quatro páginas a três colunas de composição, impressas em papel superior.

A primeira página estampou, ao lado dum soneto de J. B. Regueira Costa, a efígie da beneficiada e, abaixo, duas crônicas ligeiras, de Manuel Arão e Teotônio Freire. Nas páginas do centro, liam-se poesias de Barbosa Viana, Oscar Brandão, Malaquias da Rocha e Leandro de Oliveira; mais crônicas de Artur Muniz, Blanor de Medeiros, Osvaldo Machado, Domicio Rangel, Dr. Ferrer, Alfredo Gaspar, Isaac Cerquinho, Durval de Brito, A. Baltar Filho e Manuel Carvalheira, todos enaltecendo a personalidade artística da pianista. A página do fim foi ocupada com o programa do concerto, realizado no Teatro Santa Isabel (**Bib. Púb. Est.**).

**POLYANTHÉA COMEMORATIVA DO MONTE-PIO POPULAR PERNAMBUCANO — 50º Aniversário** — Ostentando capa trabalhada em vinhetas, a cores, e um texto de 20 páginas, no melhor papel **couché**, efetivou-se a publicação no dia 11 de novembro de 1906, formato de 28x19, sendo impressa na oficina gráfica da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra.

Inseriu vasto material informativo em torno da primeira à última diretoria, uma “Notícia histórica do Monte-Pio Popular Pernambucano”, ilustrada de fotogravuras, e mais artigos ou poesias alusivos ao cinquentenário, firmadas por Manuel Arão, Costa Rêgo Júnior, João C. de Melo Cabral, Ermiro Lima, Cardoso Reis, Ildefonso de Freitas Pinheiro e P. T. Maestrali (**Arq. Púb. Est.**).

**O DIABO — Semanário Crítico Ilustrado** — Saiu a lume no dia 12 de novembro de 1906, formato de 31x21, com oito páginas (1), sendo a primeira e a última constituídas de **charges** em litogravura ou zincografia. Impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18/22, tinha redação à Travessa do Corpo Santo nº 25. Diretor-artístico — **Diabo Louro** (pseudônimo de Valfrido Leonardo Pereira); redatores — **Demulo, Dragulo e Sataniel**. Assinaturas: por ano — 7\$000; semestre — 4\$000. Número avulso — \$200.

A edição de estréia, em artístico desenho a craion, exibiu, na página de frente, o Diabo de mãos dadas com a Imprensa,

---

(1) Todos os exemplares da coleção do Arquivo Público Estadual estão desfalcados das quatro páginas centrais. Não foi possível avistar nenhum comprovante d'O Diabo em qualquer outra biblioteca ou arquivo particular.

numa saudação a **Zé Povo**. Não apresentou, no texto, artigo-programa. Uma das duas **charges** da página de fundo, por sua vez, mostrava **O Diabo** no cemitério, sobraçando algumas coroas mortuárias, diante dos túmulos da **Revista do Norte**, **A Reforma**, **O Besouro** e **A Cobra**.

Circulando às segundas-feiras, com as mesmas características, o periódico, a par de editoriais focalizando temas diferentes e versos líricos de Oliveira Brasil ou Matos e Silva, inseria “História de Trancoso”, por **Pafuncio**; “Cartas do Inferno”, por **Plutão**; “Semana elétrica”, por **J. da Hora**; e notas ligeiras, crítico-humorísticas, assinadas por **Lucifer**, **Gil**, **Diabolino dos Anjos**, **Diabo Côxo**, etc. O nº 4 estampou, na última página, o original musical da cançoneta “O Diabo”, do **Dr. Naureddin**, e a letra do **Dr. K. Ladinho**.

A publicação só chegou até o nº 5, de 10 de dezembro (**Arq. Púb. Est.**).

**O AQUINO** — Número único, publicou-se no dia 22 de novembro de 1906, formato de 28x18. com quatro páginas, impressas em papel verde, sendo o trabalho material da oficina do **Jornal do Recife**. A primeira, à guisa de capa, estampou, em tipos fortes, com vinheta florida ao centro, os dizeres: “Homenagem dos alunos do Externato 22 de Novembro ao seu diretor Tomaz Ferreira de Aquino — em solenização ao seu aniversário natalício”. Fechando-a, um “Salve” à data.

As páginas centrais inseriram diversas saudações assinadas, figurando na derradeira um soneto de Francisco Leão, cuja “chave de ouro” foi a seguinte: “Natal bemdito, refulgente e santo!” (**Arq. Púb. Est.**).

**LYCEU DE ARTES E OFFICIOS** — Poliantéia em homenagem ao 65º aniversário da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e 26º do Lyceu, entrou em circulação a 26 de novembro de 1906, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas, impressa na Ag. Jorn. Pernambucana.

Divulgou mais de uma página de comentários em torno da vida das duas instituições, o programa festivo da data e produções alusivas, da autoria de Alfredo M. J. dos Passos, Samuel Lins, Rogério de Paiva Machado, Olímpio Galvão e outros (**Arq. Púb. Est.**).



A PRIMAVERA — Propriedade “de uma Associação”, deu à luz o nº 1 a 1º de dezembro de 1906, obedecendo ao formato de 32x21, com quatro páginas de duas colunas largas. Imprimiu o novo órgão, em papel *couché*, a Livraria Francesa, à rua 1º de Março nº 9. Redatores — Diamantino Costa, João do Nascimento, Herculano F. Neves, José Alves de Sousa Bandeira Filho, Teodoro do Nascimento e Pierre Luz.

Sem editorial de apresentação, trazia, apenas, na terceira página, sucinta nota de saudação e “merecidas homenagens” à Imprensa pernambucana. O nº 2, que foi último, circulou no dia 16.

Tendo a primeira página ilustrada (alegoria e *charge* de Benevenuto Teles), divulgaram as duas edições literatura, em prosa e verso, de iniciandos, inclusive J. B. B. J. e José Bezerra, e uma parte de Variedades (*Arq. Púb. Est.*).

O COMETA — Jornalzinho literário de vinte centímetros de altura por duas simples colunas de composição, com quatro páginas, deu à luz sua primeira edição a 7 de dezembro de 1906, “por ser dia do encerramento das aulas do Instituto 19 de Abril ou Colégio Porto Carreiro”, consoante ligeiríssima nota de apresentação, a qual terminou desejando aos “assinantes e amigos boas festas e felizes entradas do novo ano”. Apresentou como redatores Carlos Manuel Seixas, Luiz Faria, Domingos da Silva Ferreira Neto e Pedro Faria, destinando-se a circular nos dias 1 e 15 de cada mês. Impressão da tipografia do *Jornal do Recife*, à rua do Imperador nº 47.

Inexplicavelmente, saiu o “nº 5” do quinzenário no dia 15 de dezembro, pedindo a mesma consideração e confiança dispensadas pelos “amáveis leitores ao . . . quarto número”. Indicava então: assinatura mensal — 500 réis; número avulso — 300 réis. Esses preços baixaram, depois, para \$200 e \$100, respectivamente.

A par de ligeiras produções assinadas, *O Cometa* inseriu noticiário, pensamentos, telegramas “especiais”, anedotas e charadas.

Após quase dois meses de férias, voltou o órgão estudantil com o nº 1, ano II, a 9 de fevereiro de 1907, para continuar sempre impresso em papel *couché*, até o nº 8, de 20 de julho, tendo-se afastado da redação, no mês anterior, Domingos Neto.

Manteve programa noticioso e humorístico, a par da incipiente literatura dos redatores e de outros colegas, tais como: A. Fraga Rocha, José M. Simões, Manuel Xavier da Cunha Sobrinho, Oriocongo, com os "Tipos da época"; J. Ezequiel, etc. (Arg. Púb. Est.).

ALMANACK DO NATAL — Editado pela empresa do órgão caricato **O Periquito**, e impresso na oficina da Ag. Jornalística Pernambucana, circulou em dezembro de 1906.

"Confecção humorística e literária de **Fortunato Ventura**", divulgou: "Crônica e crítica dos mais importantes fatos do ano, com gravuras elucidativas, retratos, etc.; resenha das companhias que ocuparam o nosso teatro durante o ano, com retratos de artistas; brilhante e escolhida coleção de modinhas, canções, fadinhos, etc.; grande profusão de charadas, logogrifos, enigmas e outras coisas parecidas; anedotas ilustradas com interessantes gravuras; uma deliciosa valsa do dr. Alfredo Gama, música de grande sucesso, e mais uma grande variedade de coisas curiosas e agradáveis". Concluiu o noticiário: "Parece até impossível que tudo isto se dê por 1\$000" (**O Periquito**, 7/1/1907).

## 1907

BOLETIM DA UNIÃO DOS SINDICATOS AGRÍCOLAS DE PERNAMBUCO — Circulou pela primeira vez em janeiro de 1907, com 32 páginas, mais a capa, formato de 22x14, sendo confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 48/51. Redação na sede da União, à rua do Imperador nº 29, 1º andar. Assinava-se a 6\$000 por ano, custando \$500 cada exemplar.

Começou o artigo de apresentação com a nota a seguir: "A lei nº 791, votada pelo Congresso Legislativo do Estado de Pernambuco e sancionada a 30 de maio último pelo Exmo. Sr. Dr. Desembargador Sigismundo Antônio Gonçalves, determina a "publicação mensal de um boletim, em que serão publicados dados estatísticos relativos à lavoura e à indústria, instruções práticas para o ensaio de culturas novas e seu aproveitamento industrial, artigos de divulgação de conhecimentos científicos úteis à agricultura e indústrias conexas, estudos sobre a indústria pastoril e estudos sobre as melhores raças de animais, cuja criação convenha desenvolver no Estado". A União dos Sindicatos Agrícolas de Pernambuco foi incumbida de dar execução

a esta parte da referida lei: este **Boletim** é a realização do compromisso”.

Após cinco páginas de digressões sobre a situação da Agricultura e, particularmente, do agricultor no país, concluiu o editorialista: “**O Boletim da União dos Sindicatos** está aberto ao concurso de todos. Que os mais competentes e os bem intencionados venham aqui externar seus estudos, suas observações, seus conselhos”.

Obedeceu ao sumário a seguir: Notas Sindicais — Leis — Atas da Instalação da União (1906) e das seções subsequentes — Estatística de entradas e saídas de açúcar na e da praça do Recife.

A publicação seguiu-se mensalmente, variando (para mais) a quantidade de páginas, estas numeradas ininterruptamente, de edição para edição, além da inserção de mapas das cotações de açúcar, admitindo raros anúncios.

Com o nº 12, do mês de dezembro, que encerrou o ano, atingiu o **Boletim** 930 páginas. Foram seus colaboradores: J. Inácio Tosta, Antônio A. de Castro, J. C. Travassos, Cornélio Lima, Monteiro da Silva, João Batista de Castro, Luiz R. de Brito Passos, Pascoal de Moraes, John L. Cowou, Dário Veloso e outros.

Proseguiu pelos anos afora, assim contando-se a soma de páginas em cada doze números publicados: 1908 — 758; 1909 — 530; a penúltima edição desse ano (ns. 7/10, de julho/outubro) registou, com o respectivo clichê, o falecimento, a 28 de julho, do engenheiro agrônomo Augusto de Castro, que foi, desde o aparecimento do **Boletim**, “um dos seus principais colaboradores, o encarregado de sua confecção”. Em 1910 — 806 páginas.

Decorridas as três primeiras edições de 1911, ocorreu substancial modificação na vida do periódico, o qual, a partir do nº 4/5, de abril/mayo, passou a denominar-se **Boletim Agrícola de Pernambuco**, acrescentando: “Órgão do Serviço Agrônomo e da Lavoura. Publicado pelo Governo do Estado, sob a direção da União dos Sindicatos Agrícolas de Pernambuco”. Divulgou-se, então, o corpo redacional: redator-chefe — Luiz Correia de Brito; secretário — Apolônio Peres.

A publicação obedeceu, desde aí, a um sumário mais variado, que incluía: Leis e Regulamentos do Governo do Estado; relatórios; estatísticas; monografias avícolas; dados meteorológicos; crônica agrícola; noticiário; indicações úteis; comércio; câmbio; preços do açúcar e do algodão; cooperativas; exposições; mapas; etc, a par de boa colaboração de técnicos em diferentes especialidades.

As doze edições de 1911 atingiram o total de 790 páginas. O primeiro **Boletim** de 1912 (1) abriu com retrato do novo governador pernambucano, General Dantas Barreto. Sem alteração, os doze números do ano somaram 916 páginas; os de 1913 — 772; os de 1914 — 718; os de 1915 — 656; os de 1916 — 587; os de 1917 — 440; os de 1918 — 630; os de 1919 — 498. Não incluídas as páginas duplas.

Terminou a existência do **Boletim** ao publicar-se o nº 2, ano XIV, de fevereiro de 1920, contendo 32 páginas. Permaneceram na chefia e na secretaria da redação, até o fim, os respeitáveis nomes acima mencionados.

Nos últimos anos, figuraram na relação de colaboradores nomes como Elpidio de Figueiredo, E. Cesar Santojane, J. G. Pereira Lima, João Rodrigues Becker, José Teófilo, Pascoal de Moraes, Fernando Rufier, Antônio da Silva Neves, J. S. Silva d'Utra e José Maria C. da Cunha (**Bib. Púb. Est. (2)** e **Bib. da Soc. Aux. de Agric.**).

O NOVE E MEIA — **Órgão do Clube Carnavalesco 9½ do Arraial** — Circulou em fevereiro de 1907 o nº 3, ano III, formato de 33x21, com quatro páginas de duas colunas, impresso na oficina gráfica da Livraria Francesa. Matéria interessante, em prosa e verso, a salientar as seções "Modo de pensar" e "Reflexões", do gênero pastiche, mais a colaboração de **Castelo de Nantes, Cungunhana, A. B. de Carvalho e Guizo**, tudo entremeado de vinhetas carnavalescas. Noticiário do préstito e a quarta página de anúncios.

Em março de 1908, o nº Único, ano IV, dizia-se **Órgão dos Interesses Carnavalescos do Clube**. Apresentou melhor forma-

---

(1) A começar de janeiro de 1912, o **Boletim** fez colocar na capa, sobre o título, os dizeres: "Grande Prêmio na Exposição de Turim de 1911". A distinção fora conferida à União dos Sindicatos Agrícolas de Pernambuco.

(2) A coleção da Biblioteca Pública do Estado só se estende até dezembro de 1917.

to, de 45x35, tendo as páginas impressas em tinta de cor, constituído o cabeçalho de grande desenho alusivo. Abaixo, os dizeres: "Redação — Uma pleiade de rapazes com espírito. Administração — Não tem; o século é de cada cabeça cada sentença. E deixa andar. E corra o martelo". Iniciou-o longa crônica, seguida de bem redigida matéria carnavalesca, em prosa e verso, inclusive da autoria de Alberto C. Pais Barreto, A. Gama, **Pedro Doido**, **Chico** e outros pseudônimos. Deu, também, o itinerário do préstito, a diretoria (à frente F. J. Jaime Galvão), o hino do Clube e caricaturas, sendo a quarta página de anúncios.

O nº Único do ano V publicou-se no Carnaval de 1909, sem constar data nenhuma, sendo impresso, como o anterior, na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33. Formato idêntico, utilizando papel **couchê**, exibiu, ocupando grande espaço da primeira página, expressiva alegoria multicolor, envolvendo o título, tendo como motivo máscaras e relógios cujos ponteiros marcavam 9½. Toda a matéria constituiu-se de versos, de todos os feitios e escolas, a partir do "Artigo de fundo" em soneto alexandrino, assinado por L. Foi possível verificar a boa qualidade dos poetas colaboradores, escondidos atrás de diferentes pseudônimos. Também impresso em tinta encarnada, mas sem anúncios.

A edição de 1910 — ano VI, nº Único — foi publicada no Sábado de Aleluia, dia 26 de março, em papel **couchê**, tinta vermelha, mas no formato primitivo. Sempre boa matéria, incluindo a transcrição de interessante crônica publicada no **Jornal Pequeno**, do escritor Mário Sette, a respeito da fundação do Clube, do qual fora eleito presidente (1).

---

(1) Na sua crônica "Registrando", de 17/2/1910, no **Jornal Pequeno**, o escritor Mário Sette, dois dias antes empossado na Presidência do Clube, narrou como fora criado o Nove e Meia do Arraial. Um grupo de intelectuais viajava, ordinariamente, da cidade para o subúrbio, na maxambomba de 9,25, rindo e falando. Eram eles: Lafaiete Bandeira, Nuno, Uriel, Gusmão, Leite, Mafra, Cruz Ribeiro e Ambrósio. Resolveram, numa das viagens, transformar o grupo num Cenáculo; ia pegando; mas Ambrósio, já noutra viagem, lembrou que se formasse o "Clube das 9½ do Arraial", tendo **A Pimenta** como órgão oficial. Como o Carnaval vinha perto (era dezembro/1902 ou janeiro/1903), reuniram-se na casa de Uriel, resolvendo organizar um préstito modesto de alegoria e críticas. E assim começou a vida do vitorioso núcleo dos boêmios do trem das 9½. A notar que o mencionado **Ambrósio** era o próprio Mário Sette.

Outras edições manuseadas d'O Nove e Meia:

Nº Único, ano VIII, de 23 de março de 1913 — segundo Carnaval. **Dominó Branco** assinou o editorial, intitulado “Desdobramento de época do riso”. Outros colaboradores: **Frei Marcelo, João Feio, Relojoeiro, Papa-papão, Ozébio, Fá Neco, Marcelo** (pseudônimo de Mário Sette) **Fragoso e Birimbáu**. Bom papel e tinta encarnada.

Nº Único, ano IX, de 22 de fevereiro de 1914. Dizia-se: “Órgão mais antigo em circulação na América... Carnavalesca — **Dantista**, de nascença... Quase sempre **Conservador... Liberal**, nas horas vagas... **Marreta**... uma ova! — Redação: **Óco do Mundo**”. Bastante ilustrado. Na segunda página, prestou homenagem aos Conselheiros Municipais e à diretoria dos “Destemidos”. O trabalho gráfico mudara-se para a oficina do **Jornal do Recife**.

Outro Nº Único saiu a 12 de abril do mesmo ano, por ocasião da Mi-Carême, ou segundo Carnaval. Matéria nova, sempre atraente.

A edição do “Carnaval de 1915” foi publicada a 14 de fevereiro. Apresentou, então, o órgão **Clube C. 9 ½ do Arraial**, como redator-chefe **Zinanysth Galvez**, sendo secretário **Anezi-thovisth C Lima**. A primeira página exibiu retrato do prefeito Eudoro Correia com legenda louvaminheira, em bons versos. No mais, humorismo e sátiras carnavalescas.

Reapareceu no carnaval de 1917, a 18 de fevereiro, segundo o **Jornal Pequeno**.

Último comprovante avistado: nº 1, ano XXII (?) de 2/3/1924, confeccionado na Imprensa Industrial, contando 22 páginas, inclusive capa, ilustrada por Alvaro (Amorim), que exibiu um Pierrot. Inseriu, a par de notícias e descrição do prédio do Clube, matéria leve, assinada por Jarbas da Silva, Lício, J. Colaço, A. H. **Berenice, Melaço, Nonô, Zé Ferino S. do Sul e Pifão**. Boa messe de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**) (2).

---

(2) Coleção, como se vê, desfalcada. A edição de 1910 pertence ao acervo da Biblioteca Nacional, única lá existente.

O BEBÉ — Órgão do Clube Parteiros da Boa Vista — Circulou nas datas conjuntas de 10/11/12 de fevereiro de 1907, em pequeno formato, com quatro páginas de três colunas. Inseriu bastante matéria satírico-humorístico-carnavalesca, inclusive versos de José Figueiredo e Dr. Piff-Paff ( o mesmo) e do tipógrafo Antônio Sobreira (Bib. Púb. Est.).

O ARARA — Periódico Humorístico — Começou publicar-se no dia 14 de fevereiro de 1907, formato de 10x7, com quatro páginas, para distribuição gratuita. A primeira exibiu um desenho de cabeça, sob o título "Introdução..." e com a legenda: "O Arara cumprimenta afetosamente ao pessoal da classe" (1). Matéria ligeiríssima completou a edição, incluído o início da seção "Caretas tipográficas".

Três dias após, apareceu o nº 2, aumentado o formato para 14x11, dizendo-se "periódico humorístico" e apresentando "Artigo sem fundo", no qual declarava: "A nossa divisa é unicamente troçar o pessoal da classe escovada e alguns araras que vierem para nosso lado com histórias de Trancoso". No expediente: "O Arara sai quando tem vontade, troça sem ofender e procura adquirir simpatias de todos". Quanto à colaboração: "Aceita-se, porém bem escrita e com muita moralidade". Pôde, então, admitir mais um pouco de matéria e, até, ilustração, em xilogravura, aliás, pouco expressiva.

No nº 3 acrescentou-se ao cabeçalho: "Ridendo castigat mores", constando do expediente que se publicaria às quartas-feiras e aos sábados. Redatores — Bicudinho e Zé Povo, o primeiro dos quais assinando duas crônicas, e Gil Gregório um soneto chistoso.

Publicou-se, regularmente, até o nº 6, de 6 de março, depois do que se tornou esporádica a circulação. Na edição subsequente, do dia 23, eram aqueles redatores substituídos por Maninho e Zé Timbu. Seguiu-se uma edição especial, a 15 de abril, em forma de revista, com oito páginas, mais a capa, tudo em papel couché, abrindo o texto uma zincogravura do Coronel Luiz Pereira de Oliveira Faria, gerente do **Jornal do Recife**, em homenagem ao seu aniversário natalício, do que se ocuparam,

---

(1) A primeira página d'O Arara, com ligeira mudança de palavras na legenda, foi a mesma com a qual se apresentara, em 1906, A Colher.

nas páginas restantes, várias crônicas assinadas, verdadeira poliantéia.

Passaram-se alguns meses de inatividade e ressurgiu **O Arara** — nº 9 — a 31 de agosto. Outro interregno e voltou a 26 de outubro, continuando até 14 de dezembro, quando saiu o nº 14.

Após extenso período de férias, prosseguiu em 1908, a 22 de abril, sem deter-se a numeração. Ao atingir o nº 20, já em outubro, cresceu, novamente, o formato, firmando-se em 23x16.

O corpo redacional substitua-se de vez em quando, vindo a vigorar, por algum tempo, o seguinte: Diretor — **Nolido**; redatores — **Zé Timbu** e **Jobeiro**; gerente — **Maninho**, este último figurando, já no fim, como proprietário e redator. Esses pseudônimos correspondiam aos nomes, respectivamente, de Odilon Vidal de Araújo, Tiago José dos Santos, João Ribeiro e Euclides de Oliveira.

**O Arara** inseria matéria variada, constituída de crônicas, poesias, noticiário, trepações, charadas, anedotas, epigramas e notas humorísticas, tudo vasado na melhor ética. Adotou três concursos, para apurar qual o tipógrafo mais assíduo ao trabalho, qual o mais bonito e qual o mais feio, sendo vencedores, respectivamente, Custódio de Araújo, Odilon de Araújo e Jerônimo de Morais.

Impresso, do primeiro ao último número, na oficina do **Jornal do Recife**, o interessante jornalzinho era confeccionado, totalmente, tanto intelectual quanto materialmente, pelos tipógrafos que ali trabalhavam, inclusive Chagas Ribeiro.

O último número — o 23º — circulou no dia 14 de novembro de 1908 (2) quando **Jobeiro** ocupou a primeira página com um soneto, entre moldura de vinhetas, em louvor à proclamação da República (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (3).

**ALVORADA** — **Revista Literária Mensal** — Deu à luz o primeiro número em março de 1907, formato de 28x19, com quatro

(2) Alfredo de Carvalho dera por finda a existência d'**O Arara** com a derradeira edição de 1907.

(3) É bastante desfalcada a coleção da Biblioteca Pública do Estado'



páginas de duas colunas, impressa em bom papel, estando o serviço material a cargo do Albergue Tipográfico, situado à rua das Laranjeiras (transversal à rua Nova e hoje inexistente) nº 16. Redação no arrabalde dos Afogados, estando à frente da publicação José Pessoa e Cândido Uchoa. Assinava-se a 3\$000 por ano e 1\$500 por semestre.

Dizia o artigo de apresentação tratar-se de um “despretençioso registo de locubrações, de ensaios literários, de opiniões, de todos os primeiros frutos de inteligências que se amem, que aspiram subir, dignificadas, triunfantes, ao objetivo máximo, à conquista integral do saber”.

O jornalzinho (não revista) circulou com regularidade, abrindo cada edição uma “Crônica”, assinada pelo primeiro dos redatores. Teve a colaboração em prosa e verso, de Adelgiso Pessoa, J. Sampaio, Otaviano Coutinho, Artur R. Nogueira Lima, A. Magno, Cândido Uchoa, Olavo Lopes, D. Ramiro, **Petronius**, Antônio C. da Costa Alecrim, Possidônio de Sousa, Valfrido Leonardo Pereira, etc. Cerca de uma página era dedicada ao noticiário.

Circularam, ao todo, dez edições, a última das quais datada de dezembro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**ZIG-ZAG — Semanário Litero-Humorístico** — Teve o primeiro número publicado a 9 de março de 1907, formato de 36x 23, com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe — **Dr. Narciso das Moças** (pseudônimo de Manuel Batista Esteves de Sousa), funcionando a redação no subúrbio de Tegipió. Assinava-se a 1\$500 por trimestre, custando o exemplar 200 réis. Impressão, em papel *couché*, na Imprensa Industrial, à rua do Apolo.

Seu programa estava assim concebido: “Literário, o **Zig-Zag** trará somente esta literatura que diverte, que deleita o espírito, suavisa as dores da alma e incita a amar, a sentir. “Humorístico, o **Zig-Zag** trará unicamente este humorismo que faz rir, que nos faz esquecer as agruras da vida; não desceremos ao pântano da imoralidade; respeitaremos o lar”.

Circulando regularmente, pelo menos no princípio, logo admitiu uma quadra de bons redatores, a saber: Valfrido Leonardo Pereira, autor de sonetos e comentários diversos, princi-

palmente usando os pseudônimos de **Diabo Louro** e **Solano Peres**; Astrogildo Calipso de Carvalho, o secretário, que assinava verso e prosa e utilizou o pseudônimo de **Lourival Júnior**; Fausto Rabelo, também feito **Tasciro**, e Severino Machado, que era o **Farrusco** ou **Tobias Parolim** da seção de charadas "Passatempo".

Foram seções em evidência do **Zig-Zag**: "Troçando", com diversos pseudônimos; "Meus folhetins", de **Suetônio Júnior**; "As afogadenses", perfis femininos, por **Apeles**; "Perfil masculino tigiipiôense", de **Taylor**; "Coluna feminil", a cargo de Dulce Monteiro, depois **Corisandra**; "Trotos", por **Atanásio**; "Cartas", "Postais", etc.; mais noticiário e alguns anúncios. Ainda a colaboração de Naasson de Figueiredo, S. Machado, Simão d'Armada, Celina Feijó, José Bezerra, Luiz Loureiro, Oscar Pereira, Artur R. Nogueira Lima, **Leumas** (anagrama de Samuel Campelo), Francisco Lopes Pessoa, Monte Sobrinho, Estevão de Lellis, **Zi-Zi** e outros.

Passados os primeiros meses, a publicação tornou-se mais espaçada, sendo algumas edições impressas (mal impressas) no Albergue Tipográfico, situado à rua das Laranjeiras (extinta).

O **Zig-Zag**, que se projetou como órgão literário suburbano, estendeu sua existência até o nº 16, de 13 de dezembro (**Arq. Púb. Es.**).

A **ESPERANÇA** — Pequeníssimo jornal de quatro páginas, formato de 14x10, saiu o nº 1 — que foi único — no dia 11 de maio de 1907, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47. Redator-chefe — Paulo Leite Moreira.

Constou da página de frente uma carantonha de língua estirada (1), com a seguinte legenda: "Pela primeira vez que sai, o nosso querido jornalzinho cumprimenta aos seus amáveis leitores, desejando-lhes felizes aventuras no corrente ano". Seguiu-se matéria humorística ligeiríssima nas páginas centrais, ocupando metade da última (a outra metade em branco) a tabela de assinaturas (?) e o endereço da gerência (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) O mesmo clichê antes utilizado pelos congêneres **A Colher** e **O Arara**.

O **TURUNA** — **Livro de Sortes** — Foi dado à circulação para as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, tendo como redator **Duda Moleque**. Apresentou “numerosos vaticínios” e “variado sortimento de poesias, contos, monólogos, disparates, anedotas, charadas, etc.”. (**Diário de Pernambuco**, 24/5/1907).

O **BANQUETE** — Jornalzinho especializado na distribuição de brindes juninos, mediante sorteio da Loteria Federal, foi publicado por Jacinto Malheiros, da Casa Malheiros. Preço do exemplar — 500 réis (**Diário de Pernambuco**, 4/6/1907).

O **CRYSANTHEMO** — **Livro de Sortes** — “Organizado caprichosamente” por **Mário Didier** (pseudônimo de Manuel Coimbra Lobo), apareceu disposto a fazer “sucesso nas diversões sanjuanescas” do ano. Afora literatura, humorismo e variedades, teve “uma parte dedicada ao belo sexo sobre declarações de amor e proposta de casamento, e a música da valsa “Na relva” (**Jornal do Recife**, 11/6/1907).

**CARRO MYSTERIOSO** — Foi outro livro de sortes posto em circulação, dedicado às reuniões festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro (**Diário de Pernambuco**, 22/6/1907).

A **SOGRA** — **Livro de Sortes** — Circulou (sem data) em junho de 1907, formato de 17x11, com 96 páginas de texto e capa em papel *couché*, simbolicamente ilustrada. Direção de **Raul Pimpolho, Black & Cia** (pseudônimos de Armando Oliveira e Severino Alves Barbosa) e confecção da tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, situada à rua do Imperador ns. 31/33.

Abriu a edição um poema, em bons decassílabos, de louvor à **Sogra**, que então circulava difundindo a pilhéria “para colher a gargalhada franca dos leitores”. Seguiram-se as Sortes; a interessante seção “Lágrimas de sogra”, na qual colaboraram os categorizados poetas Araújo Filho, Silva Lobato, Eustórgio Vanderlei, Samuel Lins e os dois diretores; mais poesias humorísticas de **Black** e **Raul Pimpolho**, este igualmente autor da peça teatral “A sogra”, de um ato, em versos. Raras páginas inseriram prosa (**Bib. Púb. Est.**).

O **BACAMARTE** — **Imponente e esplendoroso Livro de Sortes** — Entrou em circulação em junho de 1907, obedecendo ao formato de 17x11, com 110 páginas, inclusive capa tipográfica, em papel *couché*. Nele — dizia — os leitores encontrarão enor-

me variedade de monólogos, sonetos, glosas, cançonetas, etc., confeccionados pelo fujão **Mr. Romain**, para as festivas noites dos festivos S. Antônio, S. João e S. Pedro". Impressão da oficina da **Gazeta do Norte**, à rua Larga do Rosário ns. 9/11. Preço do exemplar — 1\$000.

Após a apresentação, através de dois sonetos do encarregado, seguiram-se as sortes e a parte Literária e Humorística, com vasta transcrição de sonetos famosos. Nas páginas do fim divulgou-se a comédia em três atos "O Gato", de autoria do **dr. Gil (Bib. Púb. Est.)**.

**O EVANGELHO DA FADA — Volume único —** Editado por **João Ninguém** (pseudônimo de Severo de Barros). Foi dado a público no mês de junho de 1907, obedecendo ao formato de 17x11, com 84 páginas, inclusive a capa, que apresentou boa ilustração. Divisa: "Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita" (cap. 69. 71, traduzido por **Lucas e Mateus**, de uns alfarabios indígenas de Cartomância). Preço do exemplar — 1\$000. "A venda: aqui, ali, acolá e em toda parte", especialmente na Livraria Luso-Pernambucana. Oferecia um prêmio de 30\$000 a quem tivesse a centena da sorte grande da Loteria Federal do dia 22, achando-se numerado cada exemplar. Outro prêmio — de 20\$000 — teria quem decifrasse todas as charadas e logogrifos.

Após a enunciação do "Ante-Scriptum", seguiu-se uma "Epístola" humorística, assinada pelos "irmãos" **Lucas e Mateus**, dividindo-se a matéria geral em quatro partes, a saber: "Evangelho para Cavalheiros", "Evangelho para Damas", "Evangelho para rir" e "Evangelho para pensar".

Redigido com bastante verve, os mais salientes colaboradores — prosa e verso — foram Valfrido Leonardo Pereira, o mesmo **Solano Peres**; **Frei Paulo** e **Lucas**; mais um soneto de **Astrogildo de Carvalho** e transcrições, afora a matéria ligeira, incluindo charadas (**Bib. Púb. Est.**).

**O FRADE — Evangelho das moças bonitas e dos rapazes divertidos** — Circulou em junho de 1907, formato de 17x11, com 100 páginas, sendo o desenho da capa, atinente ao título, da autoria de **Til** (pseudônimo de Osvaldo Almeida). Indicação: "Livro de Sortes familiar por excelência — Gracejo e malícia sem ofensa e sem escândalo". Impressão da tipografia de **Júlio Agostinho Bezerra**, situada à rua do Imperador ns. 31/33.

Da poesia de apresentação constou a quadra seguinte:

“É um frade bonachão que adora as troças  
Do milho verde assado na fogueira  
E, prá cair nas boas graças vossas,  
Não foge à pagodeira”.

Após a inserção de boa parte de Sortes, seguiu-se a matéria geral, constituída de contos, canções, pensamentos, epigramas e anedotas, tudo entremeado de pequenos anúncios. Colaboração do **Dr. Piff-Paff** (pseudônimo de José Figueiredo) e de **J. Papelão**.

Terminou a edição com o entreto cômico “Amor na chuva”, de Ernesto de Paula Santos, o diretor do magazine, aparecido na capa como **Fortunato Ventura (Bib. Púb. Est.)**.

**O PIMPÃO — Piramidal Livro de Sortes** — Publicou-se no mês de junho de 1907, formato de 17x11, com 100 páginas de texto, mais quatro de um Suplemento e capa ilustrada. Dividido “em três capítulos: um que é alegre, outro que não é triste e outro que seria triste se não fosse alegre”. Direção de **Bibelot** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro) e trabalho material da tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33. A apresentação, em versos de sete sílabas, foi colocada na capa, ao lado de uma figura de “janota”.

Inseriu matéria variada e de boa verve, com a colaboração de Mendes Martins, Silva Lobato, **Braz Patife**, Manuel Duarte, Euniciano Ribeiro e outros. Findou com os originais da letra e da música do **pas de quatre** “Flores Portuguesas”, de, respectivamente, Laete Lemos e F. Galvão, escritos para **O Pimpão (Bib. Púb. Est.)**.

**O GATO — Edição d'A Pimenta** — Circulou em junho de 1907, com 100 páginas, obedecendo ao formato da praxe: 17x11. Indicação: “Regalo de quem se preza, nomeadamente das meninas corretas, velhas simpáticas, povos e povas deste Estado, nas estardalhacentas, festivas e milagrosas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. Dedicado às famílias pernambucanas”. Confecção material da tipografia de J. Agostinho Bezerra.

O bichano, conforme o editorial “**O Gato dando sorte**”, deu o seu nome ao livrinho para as festas sanjuanescas, onde há

coisas pitorescas, onde há carinho... E O Gato, gentil, pateta, vai começar suas troças...".

A primeira parte foi dedicada às Sortes, ao que se seguiram as "Literatices", com a colaboração de Alexandre Fernandes, Mariano Lemos, Mendes Martins, **Olivério Neto** (como se ocultou Severo de Barros), **Antunes Macabro**, **Bibelot** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro) e Jobar Silveira. Terminou com ligeira "Seção Musical". Anúncios entremados (**Bib. Púb. Est.**).

O BODE — **Seminário Humorístico e Recreativo** — Apareceu no dia 23 de julho de 1907, formato de 49x35, de quatro colunas a 16 cíceros, com quatro páginas, sendo impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33. Constava do Expediente: "**O Bode** será publicado às terças-feiras, em língua portuguesa e sem reforma de ortografia. Vender-se-á nas ruas, becos, largos e pontes, a 100 réis, e fora da capital a 200 réis. Assinatura só para o interior e fora do Estado — 3\$000 por semestre. — Não se admite leitura filada. Anúncios por contrato, que será cumprido religiosamente".

"Vamos pintar o bode!" — exclamou, inicialmente, o "Programa", para depois esclarecer: "Trata-se de um **Bode** de família, honesto e incapaz dos excessos de sensualismo tão peculiares, aliás, de sua espécie, pelo que aspira ingresso franco nos salões da gente séria".

Divertir-se-ia "divertindo os leitores". "No mais, o programa é isto mesmo: leitura recreativa, humorismo, um pouco de literatura e alguma coisa de arte".

Redigido por penas adestradas na sátira e na verve, os dois únicos números do jornal — em cujo título não faltou a cabeça do conhecido animal — divulgaram bastante matéria, sendo o bode cantado em prosa e verso, sobretudo na seção "**O Bode nos salões**", na qual teve o redator o cuidado de esclarecer: "O nosso **bode é cheiroso**" (1). Ocorreram outras ilustrações em

---

(1) Mera coincidência foi o aparecimento, 45 anos depois, de um Bode Cheiroso, na cidade de Jaboatão, votado, sarcásticamente, para deputado estadual.

Entretanto, o primeiro Bode Cheiroso foi criado há cem anos. Era assim apelidade, por adversários políticos, o II Barão de Itamaracá, Antônio Peregrino Maciel Monteiro, jornalista, parlamentar, diplomata, poeta de nomeada e homem muito chegado às mulheres e aos perfumes...

zincogravura. Diferentes produções ligeiras eram firmadas por **Aladino, Cabritto, Bode Yoyô, J Malandro, Raspão, J Furio, Apolon de Rodes**, etc., além de poesias sérias de Eduardo de Albuquerque e Gustavo Teixeira, transcrições e uma seção de Teatro, firmada por **Ogam**. Poucos anúncios.

O nº 2 (e último) circulou a 2 de agosto (**Arq. Púb. Est.**).

A **LUZ** — Periódico mensal, circulou pela primeira vez a 5 de agosto de 1907, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas a 15 cícros, impresso em papel couché. Redatores — **Fernando Ferreira** e **Eduardo Vanderlei**. Assinava-se a \$600 trimestrais (\$800 para o interior). Redação à rua da Imperatriz nº 48, 2º andar.

Em ligeira nota de apresentação, declarou ser uma “despretensiosa e pequenina folha literária, modesta, sem grandes ambições, aspirando somente estimular a mocidade estudiosa para o convívio das letras”.

Publicou-se com regularidade, até o nº 4, de 27 de novembro, para só voltar — ano II, nº 1 — a 6 de fevereiro de 1908. Mais um interregno e o nº 2 só veio a furo no dia 12 de abril, o formato aumentado para 29x20, a três colunas de composição. Dizendo-se quinzenário (só o foi, na realidade, no último mês), estabeleceu o preço de 1\$500 por assinatura de seis meses, custando \$100 o número avulso.

Outra alteração ocorreu no nº 4, de 21 de junho do segundo ano, quando passou a constar do cabeçalho: “Periódico Literário e Noticioso”. A redação foi transferida para Caxangá, à rua São Francisco de Paula nº 28, e o corpo redacional ficou sendo o seguinte: **Fernando Ferreira, Horácio Saldanha** e **Luiz Ribeiro**.

Prosseguiu até 23 de agosto, quando saiu o nº 7, comemorativo do primeiro aniversário, com ele se encerrando a existência d'A **Luz**, cujo trabalho gráfico esteve a cargo da **Livraria Francesa**.

Além da produção dos elementos da redação, o pequeno órgão divulgou trabalhos, em prosa e verso de **Nívio**, ou **Lili**, com os “Reparos...”; **Adolfo Barreto, Adroaldo Cabral Costa, Manuel Duarte** (o mesmo **Sílvio**); **Hermógenes Viana, Renato Faellante, Artur Maranhão, Aníbal de Almeida, J. E. da Cunha Mu-**

niz, etc. Ligeiro noticiário e, já para o fim, aparecia uma coluna de anúncios (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O FURÃO — Periódico Litero-Humorístico, Noticioso e Ilustrado** — Entrou em circulação a 6 de setembro de 1907, formato de 30x21, com oito páginas de duas largas colunas. Propriedade “de uma associação”, tinha como diretor **Tutu Manhoso**, e redatores — **Gil Gerôncio, Gil Moreno, Buarques e Toinho**, este último só até o nº 3. Tabela de assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 2\$500. Redação: Rua Velha de Santa Rita nº 10.

O programa — escreveu a redação — “é o mesmo traçado e seguido pelos seus antecedentes, apenas se desviando completamente do **humorismo pornográfico**. Conforme o título indica, **O Furão** ocupar-se-á de **tudo...** (sem alusão) e de todos, porém isto de uma maneira trocista, sem rancores nem despeito. Não deixará, no entretanto, de trazer a lume os atos reprováveis praticados por este ou aquele, ou mesmo de dar o **grito de alarme** sobre qualquer fato escandaloso”.

Circulando semanalmente, a primeira página ocupada com **charges**, a folha não fugiu ao deboche e à licenciosidade, nada obstante a garantia de moralidade. Chegou, até, a criar uma “Galeria Elegante”, onde perfilava, em sonetos pífios, com a assinatura T. M. (que era o mesmo **Tutu Manhoso**, ou seja, Sebastião Pinto Ribeiro), as chamadas “estrelas” da “zona”, e adotou uma “Seção brejeira”. Foram outras seções: “**Furadinhas**”; “**Rabiscos**”; “**Palco d’O Furão**”; “**Eis porque grito...**”, firmadas com pseudônimos. Mas também admitiu crônica teatral, sob o título “**Pelo Santa Isabel**”, a cargo de **Comparsa**, dando cobertura à temporada da Companhia José Ricardo, com clichês na primeira página. Iniciou o folhetim “**A saia preta**”, novela de **D. Vilaflor**, que não chegou ao fim, e ainda divulgou colaboração literária, em prosa e verso, de **Randolfo Sousa, Dr. Piff-Paff** (ou José Figueiredo), **Jacinto Júnior, Adolfo Santos, Gil Trocista, Arierbos Oidivo Oinotna** (anagrama), **M. de Freitas** e **S. Melo**.

**O Furão** atingiu o nº 10 a 9 de novembro, terminando aí sua existência joco-séria (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A BARATA** — O menor jornal pernambucano, surgiu no dia 24 de setembro de 1907, formato de 9½x8, com quatro páginas, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47. Não fez apresentação aos leitores, inserindo o



mínimo de matéria, de caráter levíssimo, toda ela reunida não comportando mais de um palmo de composição, em tipo corpo 12 e bastante espaçada.

Ficou no primeiro número, haja vista a nota da segunda página: “**A Barata** não sai mais para não sujar-se com **O Grilo**” (Arq. Púb. Est.).

O GRILLO — Tendo aparecido manuscritos os dois primeiros números (“Anais”), o 3º circulou a 25 de setembro de 1907, tendo como redatores **Q. Luz** e **Barzebu**. Formato de 13x9, com quatro páginas de duas colunas a sete cíceros, menos a primeira, larga.

Constituiu-se de notas humorísticas, palpites ilustrados para “jogo de bicho” e um artiguete contra o jogo de azar. Serviço gráfico do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47, possivelmente a cargo de aprendizes (Arq. Púb. Est.).

O AUTOMOVEL — **Periódico Humorístico, Literário e Noticioso** — Entrou em circulação a 5 de outubro de 1907, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, impresso em papel couché. Com redação à rua de Horta nº 2, 2º andar, assinava-se a 5\$000 por ano, 3\$000 por semestre e 1\$500 por trimestre. Diretor — Alfredo Rodrigues da Fonseca; redatores — Gois Teles Júnior, Sebastião Caldas e Monte Sobrinho.

“Nós, os moços d’**O Automovel**, — lia-se no artigo de apresentação — que representamos a falange guerreira contra o obscurantismo e que, na pura efervescência de nossa vida, enveredamos o campo para lutar em defesa das letras pátrias, contamos com a vossa aceitação”. Esperavam boa receptividade, “pois a alma pernambucana é a verdadeira colunata que sustenta o palácio santificado da ciência”.

Contou o periódico com as interessantes seções “Rabiscos”, crônica de **Gil Bocacio** e “Trapalhadas”, de **Conde**, a par da parte noticiosa e das produções em prosa e verso, dos redatores, mais a colaboração de Samuel Chaves, Olavo Lopes, Paulo Tebas, José Augusto de Castro, Euzébio de Almeida, Manuel T. de Oliveira, Adauto Acton e José da Silva.

Dizendo-se semanário, circulou, todavia, irregularmente, dando à luz o quinto (e último) número no dia 30 de novembro (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.).

**POLYANTÉA** — Saiu a lume no dia 12 de outubro de 1907, com quatro páginas de texto e capa, esta só com a primeira impressa. Foi editada pelo Grêmio Literário D. Luiz, do Colégio Diocesano, “em comemoração da descoberta da América por Cristóvão Colombo e em solenização ao segundo aniversário de sua fundação”, sendo o trabalho gráfico da tipografia da Livraria Contemporânea, de Ramiro Costa & Filhos, situada na rua 1º de Março.

“Nenhuma pretensão tem a nossa **Polyanthéa**” — escreveu o encarregado do editorial de apresentação, acentuando: “É um ramallete simples de flores inodoras, porém que foram colhidas no jardim do coração”. Toda a matéria constou de um poema de José Diniz Barreto e ligeiros artigos, em torno da data, assinados por Fernando de Mendonça, Artur de Moura, José Pontual e outros membros do Grêmio (**Bib. Púb. Est.**).

**O MOLEQUE** — Órgão Crítico, Noticioso e Humorístico — Iniciou-se a 17 de outubro de 1907, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas, sob a direção do **Dr. Satan**. Assinava-se a 1\$000 por trimestre, custando \$100 o exemplar. Redação localizada no arrabalde do Barro.

Ocupando a primeira página um clichê do chefe político do Peres, abriu a seguinte a apresentação, sob o título “Nosso Fim”, segundo a qual **O Moleque** estava sempre pronto para “rir e zombar das mazelas alheias”, acentuando: “Não será buliçoso, não admitirá cócegas. Tudo pela moral — será a sua legenda”.

Publicação semanal, a partir do nº 4 passou a ser impressa na oficina gráfica da Livraria Francesa. Circularam nove edições até 29 de dezembro, prosseguindo, em 1908, a partir de 5 de janeiro — nº 1. ano II. Logo mais, o Expediente indicava as iniciais **G. A.**, a quem devia ser dirigida qualquer correspondência, com o endereço da rua 15 de Novembro (hoje, do Imperador) nº 46. Afastando-se o **Dr. Satan**, assumiu a direção o **Dr. Tanas**, prosseguindo sem mais alterações. Também aumentou o formato para 26x18, comportando mais matéria.

A princípio apenas noticioso, a partir do nº 3 começou a adotar seções satírico-humorísticas, tais como: “O que dizem os meninos da Candinha”, por **K. Cête**; “Peiadas” por **Moleque Turuna** (pseudônimo de Carlos Lima); “Com o que vovó mete o dedo”, a cargo de **Netinho da Vovó**, além de notas soltas, ver-

sinhos e diferentes trepações. Outros colaboradores: **Mané Bacuráu**, **Perigo**, **Leumas** (anagrama de Samuel Campelo), **O Rondante**, **K. Pivara**, **Capoeira**, **Ibrahim-bey**, **Zé Pinguinho**, **K. Pitão Kry**, **Tenente Bonitinho**, etc.

Procurando seguir rumo mais sério, **O Moleque**, já em abril, entrou a divulgar versos líricos ou parnasianos, firmados por Gerçon de Lima, Naasson de Figueiredo, J. E. da Cunha Muniz, Maciel Sobreira, **Dr. Piff Paff** (travesti de José Figueiredo), Isaura Coutinho, Luiz Malheiros, e outros.

Ao contrário da praxe de curta existência dos pequenos jornais, **O Moleque** circulou normalmente, até o nº 26 do ano II, datado de 5 de julho (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**POLYANTHÉA** — “Homenagem do Corpo Docente e Discente do Colégio Salesiano Sagrado Coração ao Padre Teófilo Twortz”, foi dado à luz no dia 20 de outubro de 1907, in-fol. peq., impresso na Escola Tipográfica Salesiana (“**Anais**”).

**O COMMERCIO** — Órgão de Propaganda Comercial — Destinado a circular mensalmente, apareceu no dia 10 de dezembro de 1907, formato de 48x30, com quatro páginas de quatro colunas. Redação: Praça da Independência nº 31, 1º andar. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra.

A nota de apresentação focalizou as vantagens do anúncio impresso. Mais duas únicas notícias completaram a matéria redacional.

Distribuído gratuitamente, a direção não cobrou a divulgação das três e meia páginas de reclamos comerciais inseridas a título de experiência. Estampou, então, uma tabela de preços, que não chegou a ser posta em vigor, porque a amostra jornalística ficou mesmo na amostra (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O GAROTO** — Periódico Litero-Humorístico e Noticioso — Apareceu no dia 20 de dezembro de 1907, pequeno formato de três colunas, com quatro páginas, dirigido por **Gil Lima** (pseudônimo de Joaquim Lima) e **Zeca Brito**, (José Ferreira da Silva), tendo como redatores **Zé Ferino** e **Nézinho**. Propriedade “de uma associação”. Pretendia receber assinaturas à razão de 5\$000 por ano, 3\$000 por semestre e 1\$500 por trimestre; pa-

ra fora da cidade: 6\$000 por ano e 3\$500 por semestre. Redação: rua do Rangel nº 44.

Lia-se no artiguinho de apresentação: “No firmamento do humorismo, é mais uma estrela que surge. Troçar sem ofender os melindres de quem quer que seja, é esta a sua divisa”.

Constituído de matéria leve, obedecendo ao programa enunciado, saiu o segundo número no dia 31, em formato um pouco maior, ambos com **charges** tomando-lhe a primeira página e legendas em versos chistosos. A matéria do texto geral constituía-se de títulos assim: “É disto que o padre briga”, “Coíós cabulosos”, “Pelo brejo”, “Garotando”, “O que causa riso”, etc.

Circulou o terceiro (e último) número a 21 de janeiro de 1908 (**Bib. Púb. Est.**).

## 1908

**O SERRA GRANDE — Órgão Independente e Periódico dos Interesses Industriais e Agrícolas da Grande e Popularíssima Fazenda Serra Grande** — Surgiu a 6 de janeiro de 1908, formato 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Imprimiu-se a cores, em bom papel, na Seção Tipográfica da empresa, à rua do Rangel nº 35.

Publicação mensal, o nº 2 saiu em fevereiro, o formato um pouco maior, apresentando, excepcionalmente, um soneto bucólico de Ribeiro da Silva. Crescendo mais, o nº 3 só apareceu no mês de outubro, indicando o cabeçalho: “Órgão de propaganda da Fazenda Serra Grande — Colaboradores diversos. Distribuição gratuita”. Passou para abril de 1909 o nº 4, novamente aumentado o formato, para permanecer em 44x31, a quatro boas colunas de composição. No referido ano também circulou uma “edição especial”, sem data de nenhuma espécie.

Tornada irregularíssima a publicação da folha, veio a aparecer outra “edição especial” em 1910, nº 1, ano VI, repetida, sem data, como nº 2. Ocorreu, depois, a “edição especial de 1911”, nº 3, ano VII (?), saindo, finalmente, nova “edição especial”, de nº 6, ano IX, em 1913.

O jornal, de boa apresentação gráfica, divulgava, unicamente, literatura de propaganda das propriedades da empresa e de sua famosa indústria de aguardente localizada na Vitória de Santo Antão, inclusive soneto de **Jacques Milkau** (pseudônimo de Joaquim de Oliveira Melo). Outros “colaboradores” foram os irmãos Gomes do Rego, que assinavam tópicos a respeito da qualidade medicinal dos produtos de que eram fabricantes (**Arg. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (1).

**CORREIO DA SEMANA** — Teve seu primeiro número publicado no dia 23 de janeiro de 1908, formato de 41x35, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de “uma Sociedade Anônima”, tinha como diretor Euzínio de Oliveira Almeida, funcionando a redação e oficina na rua das Cruzes (atual rua Diário de Pernambuco) nº 18. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000. Número avulso — 100 réis.

Lia-se no artigo inicial, que não passou de insulsa peça literária, sem nenhuma forma de programa: “...que seja marchetada de flores odoríferas a estrada por onde enveredamos, e se algum dia, cansado de lutar, nos sentirmos desanimados, venha nos alentar a alma o olor dos lírios e borboletas brancas, e os passarinhos, acariciando as assetinadas plumas e entoando baladas amorosas, cheguem a embalar a imagem idealizadora das nossas ilusões”.

A edição de estréia, afora a parte de anúncios, que encheram mais de uma página, inseriu produções assinadas, focalizando temas de interesse local, até políticos, ou de natureza literária, em prosa e verso. Só no nº 2 apareceram as “Notícias da Semana”. Um tal J. C., através das “Solicitadas”, insurgiu-se contra “a falta de repressão do governo à matilha invasora de frades” que infestava “o nosso querido Brasil e, especialmente, o nosso estremecido Pernambuco”.

O mal impresso jornal viveu poucos números. Contou com a colaboração de Tondela Júnior, Abel dos Passos, Frederico Codeceira, Monte Sobrinho, J. Crumêncio, A. Jorge de Sousa, Olavo Lopes e outros poetas, inclusive o diretor Euzínio de Almeida e o redator Miranda de Azevedo, cabendo a **Teles** a seção satírico-humorística, em versos, “Era só o que faltava!” Adotara, também, as seções “Variedades”, de mote-glosas, e “Pelo feminismo”.

---

(1) São raros os comprovantes da Biblioteca Pública do Estado.

Já com um acervo superior a duas páginas de reclamos comerciais, o **Correio da Semana**, que se tornara propriedade de G. de Sena, E. de Almeida e A. de Sousa, só chegou ao nº 5, de 17 de fevereiro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O ANNUNCIADOR ELEGANTE** — **Publicação útil e grátis** — Circulou em fevereiro de 1908, mas sem mencionar data de qualquer espécie, com oito páginas, formato de 32x24, variando de duas a três colunas de composição.

Jornal só dedicado ao reclamo comercial, não trazia artigo ou nota de apresentação, nem expediente, apenas declarando haver sido impresso na oficina gráfica da Livraria Contemporânea, à rua 1º de Março, cujo anúncio ocupou toda a última página.

Pretendendo quebrar a monotonia (não quebrou), inseriu, em meio aos anúncios, raros versos ou prosa em poucas linhas (**Arq. Púb. Est.**).

**O RECIFE** — **Órgão Crítico e Noticioso** — Manuscrito em folha de papel pautado, começou a circular no dia 16 de fevereiro de 1908, saindo, a princípio, quinzenalmente e, depois, semanalmente. Direção de Ildefonso Lopes e Honorina Lopes, na residência dos quais, no subúrbio da Encruzilhada, funcionava a redação.

Confeccionava-se um só exemplar, que passava de leitor a leitor; mas, decorrido algum tempo, a tiragem foi aumentada para três e até quatro, tendo em vista o aparecimento de assinantes, ao preço de 300 réis por dois meses. Os anúncios, muito raros, eram cobrados à razão de 20 réis por linha.

O jornalzinho inseria matéria ligeira, entre literatura, humorismo, curiosidades e notas sociais, incluindo a seção "Para meninos" e sucessivos concursos, a salientar: "Qual o rapaz mais smart?", "Qual a moça mais chic?". Um deles destinava-se a apurar "qual o jornal manuscrito melhor" (1). Por sinal que a edição de 27 de março de 1910, "dedicada às senhoritas do concurso", apareceu com terrível desenho, em toda a primei-

---

(1) Jornais manuscritos mencionados como existentes na época, até 1912, sem pormenores: **A Lucta**, **A Rosa**, **A Gazeta Colegial**, **O Parnahiba**, **O Feitosa**, **O Bem-te-vi**, **O Brasil**, **A Fé**, **O Norte** e **Cupido**.

ra página, de um “Judas civilista”, pendurado na forca, tendo meio palmo de língua estirada.

O nº 100, a 19 de junho, deu uma relação do “pessoal d’O Recife no ano de 1910”, que era o seguinte: Ildelfonso Pessoa de Almeida Lopes, Humberto Sá e Ezequiel Pirete — repórteres; Manuel Pirete Silva — correspondente no Recife; colaboradores — João Cleofas de Oliveira, Manuel Oliveira e José Xímenes. No ano seguinte, voltou a figurar, exclusivamente, a antiga direção.

Ao solenizar seu quarto aniversário, o periódico manuscrito pretendia dar 16 páginas, não o fazendo por estar de luto pelo falecimento do Barão do Rio Branco, cujo retrato (ou o que fosse...), a bico-de-pena, de autoria de Manuel Arlindo de Oliveira, salu na primeira página da edição subsequente, datada de 25 de fevereiro de 1912. O número especial veio a 7 de setembro, contendo seis páginas e dedicado à independência do Brasil, ilustrada a primeira com alegoria alusiva.

Publicação ininterrupta, circularam até então 190 edições d’O Recife, sempre em papel pautado (2). Faltam pormenores do prosseguimento, que, todavia, se verificou, prolongando-se até data indeterminada de 1914 (Colec. Ildelf. Lopes).

O MOMO — Dedicado “ao simpático Clube Carnavalesco Vasculhadores”, o nº único, ano I, saiu a lume no dia 1 de março de 1908, formato de 34x23, com quatro páginas de três colunas.

O artiguete de abertura expressou os motivos que deram ensejo à publicação da folha. Esta encheu-se de matéria batida, em prosa e verso, referente ao Carnaval, à base de sátira, humorismo e troças, tendo como colaboradores Máscara Amarela, K. Aldas, Shah, Gil Vaz, Siameses, Sílvio do Val, Gravata Roxa e outros (Arq. Púb. Est.).

A NORMALISTA — Órgão do Clube Carnavalesco Misto Normalistas em Troça — Número único, circulou a 1º de março de 1908, formato de bolso, ou seja, 17x12, com quatro páginas, impresso em papel de cor. Além do editorialzinho de apresen-

---

(2) Nenhum outro órgão manuscrito de Pernambuco teve vida tão longa como O Recife, que é, assim, recordista.

tação e um soneto de Monte Sobrinho, poucas notas ligeiras, inclusive de A. Estanislau, completaram a matéria satírico-humorística do pequeno jornal (**Arq. Púb. Est.**).

O **APERTA** — **Órgão do Clube do Aperta** — Surgiu no Carnaval de 1908 (1º de março), formato de 22x16, com quatro páginas, impresso em papel de cor. Lia-se sob o título: “Circula quando há dinheiro de sobra”. Aos lados: “A vida é uma página de alegrias e risos” (**Arôxa**) e “O Carnaval, se não existisse, era preciso fazê-lo”.

O artiguete-programa focalizou o objetivo do jornal: era “apertar” filhós e “pinga” dos amigos. Inseriu, a seguir, dois sonetos: de Nilo Caeté e Santos Neto; alguns “pensamentos” e outras notas, com o mínimo, porém, de referências carnavalescas (**Arq. Púb. Est.**).

A **REVOLTOSA** — **Órgão do Clube Carnavalesco Cigarreiras Revoltosas** — Apareceu, feito número único, a 1º de março de 1908, formato de 35x24, com quatro páginas a três boas colunas de composição. Dizia-se “jornal de maior circulação onde há tabaco, seda e caximbo”, tendo como redator-chefe **Pacífico da Paz Cordeiro Manso**.

Surgia “na arena do jornalismo”, saudando “o respeitável público” e pedindo licença para as **Revoltosas** passarem.

Constituiu-se a matéria da vermelha folha (porque impressa com tinta encarnada) de notas humorísticas e trepações carnavalescas, havendo também os versos de **Uma Revoltosa** e **Um Coisa**, tudo entremeado de figuras simbólicas. Os anúncios ocuparam mais de uma página (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

A **ARANHA** — **Dedicada ao Clube Vasculhadores** — Apareceu, designando-se “número único”, datado de 1/2/3 de março de 1908, formato de 22x16, com quatro páginas. Redatores — **Maninho, Zé Timbu** e **Jobeiro** (pseudônimos de Euclides de Oliveira, Tiago José dos Santos e João Ribeiro), ocorrendo o trabalho gráfico na oficina do **Jornal do Recife**.

Sua matéria constituiu-se de crônicas, epigramas, anedotas e troças, tudo de sabor carnavalesco.

A publicação prosseguiu, anos seguidos, nem sempre res-tando comprovantes.



Outro número avistado trazia o sub-título: **Carnaval de 1911. — Oferecido ao vitorioso Vasculhadores**. Publicou-se a 26 de fevereiro, nº 4, declarando completar “o seu quarto ano de existência”. Impresso em papel de cor, exibiu pequena e atraente alegoria na primeira página. Ocupou-se, sobretudo, da vitória do Clube em sua exibição no Carnaval, contando com a colaboração humorística de **Bumba e Alfinetinho**.

O nº 7, ano VII — Carnaval de 1914 — circulou no dia 22 de fevereiro. “Jornal crítico”, apresentava a mesma dedicatória. Entre a sua matéria específica incluiu-se a seção “Teatro-Cinema Carnavalesco”. Voltou em abril do ano em tela, por ocasião do Segundo Carnaval, ou Mi-Carême. Teve a colaboração de **Cha-Gaz**, ou seja, Chagas Ribeiro, e outros humoristas.

Saiu o nº 9, ano VIII, a 14 de fevereiro de 1915, divulgando como sempre, interessante matéria crítico-humorístico-carnavalesca.

Decorridos dezoito anos, eis, novamente, na ativa **A Aranha**, então classificada “órgão crítico do Clube Vasculhadores”. Circulou no Carnaval de 1933, realizado em fevereiro, apresentando-se em formato de 31x22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Impressão da tipografia do Diário da Manhã, à rua do Imperador nº 227.

Ressurgia, conforme a nota de abertura, em face da reorganização do Clube, que desde muitos anos não se exhibia, figurando na terceira página uma fotogravura da diretoria, da qual era presidente o linotipista Vladimiro Samico. Divulgou variada matéria carnavalesca, inclusive crônicas de Altamiro Cunha, **Pierrot Burguês**, **Kelé** e outros, e versos de Chagas Ribeiro e **Tutu Manhoso** (pseudônimo de Sebastião Pinto Ribeiro).

Nova edição — nº XXV, ano XXV — foi publicada no Carnaval de 1934, ilustrada com fotogravuras e **charges**, a par de boa sùmula de matéria tipográfica dedicada a Momo, sendo impressa em papel **couché**, utilizando tinta verde.

Bem mais nutrida foi a edição de 3/4/5 de março de 1935, ano **XXVI**, em formato de 48x30, com quatro páginas a seis colunas de composição, ainda confeccionada na oficina do **Diário da Manhã**, com apuro gráfico. No clichê do título figurou uma aranha entre confetes e serpentinas. Inseriu poesias de Silva Pinto e José de Sousa; prosa de Chagas Ribeiro; boa reporta-

gem das “festas com que o “Vasculhadores” iniciou o seu Carnaval em 1935” e, além das piadas, epigramas e trepações, alentada parte de anúncios. (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (1).

**O SATANAZ — Órgão do Clube Carnavalesco Cavaleiros do Satanaz** — Número único, ano III (não há notícia de haver circulado antes), foi publicado no dia 2 de março (segunda-feira de Carnaval) de 1908, em formato de 35x25, com quatro páginas de três colunas. Trazia, sob o título, o lema: “**Ridendo castigat mores**”. Impressão, em tinta vermelha, da oficina gráfica da Livraria Francesa.

Divulgou interessante matéria dedicada ao Deus Momo, a maioria em versos, estes assinados por **Sílvio Murat** (pseudônimo de Manuel Duarte), **João Quadrado**, **Cascavel**, **Catilino**, **Farçola**, etc.

Em formato menor, de duas colunas, circulou **O Satanaz Suplemento** no mês seguinte, 18 de abril, dia da Mi-Carême, ou Segundo Carnaval (**Arq. Púb. Est.**).

Outro “número único”, ano IV, d’**O Satanaz** saiu a lume no Carnaval de 1909, a 23 de fevereiro, em amplo formato de 47x30, com quatro páginas. Divulgou apreciável matéria específica, em prosa e verso, tendo como colaboradores **Diabo Verde**, **Menelao**, **Bico Azedo**, **Almar Tares**, **Lorimer**, **Cunha Porto**, **Bill** e muitos outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O WITRUVIO** — Circulou no dia 6 de abril de 1908, formato de 24x15, de duas colunas, impresso em papel especial, indicando, no cabeçalho: Ano XXXVIII — nº 38. Motivo da publicação: “Sincera homenagem pelo feliz aniversário de Eurico Witruvio Pinto Bandeira e Acióli de Vasconcelos”. Corpo redacional: Oscar Brandão, Mário Ferreira, Vicente de Melo, Diógenes Pernambuco, José Simões, Luiz Vitorino, Tancredo Ferreira, Júlio Acióli, Mamede Valença e Almeida Braga. Impresso na tipografia da Livraria Francesa.

Três páginas continham saudações, em prosa e verso, assinadas por amigos e admiradores do jornalista aniversariante, ao passo que a primeira serviu de apresentação, trabalhada em artísticas vinhetas (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Só encontrados, em ambas as bibliotecas, números esparsos.

**SÃO LUCAS — Livro de Sortes** — Saiu a lume logo no princípio de maio, confeccionado na Imprensa Industrial, tendo como redatores **Raul Pimpolho, Black & Cia.** “Está bem organizado. Traz excelentes assuntos, bonitas poesias, cançonetas, contos, gravuras, etc., uma oração dos alfarrábios de São Lucas e uma esplêndida surpresa: um quadro em branco, que, esquentado à luz, apresentará resposta a qualquer pergunta que se faça” (**Jornal Pequeno**, 5/5/1908).

**FON-FON** — Outro livro de sortes, pouco depois posto em circulação, foi editado pela Livraria Contemporânea e redigido pelo **Comendador Milho Assado.** “Está bem feitinho e traz agradáveis assuntos” (**Jornal Pequeno**, 8/5/1908).

**O RELOGIO DO FUTURO** — Entrou em circulação esse “espirituoso livro de sortes”, organizado pela dupla **Messias e Rabino.** “Está escrito com verve e é destinado a fazer a alegria das festas sanjuanescas” (**Jornal Pequeno**, 16/5/1908).

**O SORTEO MILITAR — Livro de Sortes** — Considerado o melhor do ano, foi editado pela Agência Jornalística Pernambucana, de **Júlio Agostinho Bezerra**, encarregando-se da parte intelectual “dois valentes humoristas”, ocultos sob os pseudônimos de **Pedro e Zé Pilhéria.** Dotado de esplêndido sumário, incluída “elegante parte literária”, apresentou capa em zincografia, com clichês gravados no Rio de Janeiro, feita a impressão a cores. Seria “o prato predileto”. Ofereceu prêmio, a sorteio, de 100\$000 (**Jornal Pequeno**, 20/5/1908).

**A CIGANA** — Livro de Sortes, de **Zebedeu**, editou-o o periódico caricato **O Periquito.** Além das seções literária e recreativa, apresentou “uma parte de feitiçarias, orações e outras coisinhas interessantes”; mais as receitas da **Tia Juana.** Na capa figurou um rosto de cigana, impresso a cores. Prêmio de 50\$000 oferecido aos leitores, mediante sorteio da Loteria Federal (**Jornal Pequeno**, 21/5/1908).

**A MASCOTE** — Livro de Sortes da série anual do famoso poeta **Fortunato Ventura**, foi posto à venda com o êxito esperado. Constou do noticiário: “Traz esplêndida capa litografada e um sumário variado, contendo sortes diferentes e uma parte literária. Entre outras cançonetas engraçadas, destaca-se “O Sorteio Militar”, da lavra daquele humorista e que foi musicada pelo dr. **Alfredo Gama**” (**Jornal Pequeno**, 23/5/1908).

O **ESPIA** — **Jornal Semanário, Humorístico, Literário e Noticioso** — Surgiu, em Tejipló, a 31 de maio de 1908, formato de 28x18, pouco depois aumentado para 30x22, com quatro páginas de duas (depois três) colunas, tendo como proprietário e redator o **Dr. Rompe e Rasga** (pseudônimo de Astolfo Barbosa Júnior), auxiliado por Antônio Jorge de Carvalho, que só “espiou” durante as quatro primeiras edições. Assinaturas a 1\$000 por trimestre, no povoado, ou 1\$500 para fora. A redação localizava-se à rua da Vitória nº 33, sendo a impressão feita no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37.

A apresentação do periódico, “com todo o acatamento e reverência”, foi feita num mau soneto, assinado por A. Júnior, assim terminado:

“Não é uma obra prima: — eis o esbôço;  
Tirai o magro cobre já do bolso,  
Pois só custa cem réis **O Espia**”.

Circulando com regularidade, às vezes exibindo alguma ilustração com legenda de duplo sentido, o jornal divulgou, a par de notícias locais, matéria jocosa, crítica e escandalosa, através de reportagens sobre assuntos menos publicitários, tendo colaboradores como **K. Bula, Espião Zambeteiro, Emplicante, Mané Machuca, Páo Reverso, Cabo Fuinha, K. Veira, Reticência, Dr. Bocão**, etc. Não deixou, também, de inserir produções em melhor estilo, ou seja, poeminhas e contos, assinados por Luiz Malheiros (ou **Soriehlam Ziul**), Casimiro Prazeres, Antônio Estanisláu, Jacinto Júnior, José Bezerra e Silva (o mesmo **Dr. Fura Mundo**) e Gerson de Lima, que terminou pertencendo ao corpo redacional (1).

Com o nº 18, de 7 de outubro, foi **O Espia** suspenso, só reaparecendo — nº 1, ano II — a 24 de janeiro de 1909, quando iniciou o concurso “Qual o rapaz mais criterioso de Tejipló?”, e dedicou uma coluna ao “Cemitério dos caloteiros”, para registrar os nomes dos assinantes relapsos.

Plorou bastante a feição material do órgão, acrescentando uma página aos poucos anúncios que inseria, e admitindo a

---

(1) Devido a uma das pilhérias d'**O Espia** (ver edição de 16/8/1908), foi agredido fisicamente, em Jaboatão, Argemiro de Brito, que nada tinha com a redação, mas era, apenas, tipógrafo do Atelier Miranda, onde se imprimia o periódico. O agressor julgou que espancava um dos redatores...

colaboração de Abelardo Maia, procedente de Pesqueira, sem mais qualquer matéria interessante. E deu a público o nº 8 do segundo ano (que foi o último) a 21 de março, (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**JORNAL DO COMMERCIO** — Órgão de propaganda comercial, deu a luz o nº 1, ano I, no dia 1 de junho de 1908 para publicar-se semanalmente, às segundas-feiras. Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33, apresentou-se em formato acima da média comum (51x36), com quatro páginas de quatro boas colunas. Dizia-se “único, no seu gênero, no Norte do Brasil”, anunciando, no cabeçalho, tiragem de 5.000 exemplares.

“Um jornal a mais não prejudica nunca sociedade alguma” — assim iniciava o editorial-programa, para, depois de outras considerações sobre a imprensa, “principal veículo da confraternização humana”, declarar: “**O Jornal do Commercio** destina-se, principalmente, a auxiliar a classe a que se refere em seu título, mas se ocupará também de assuntos que interessam a todos, procurando ser uma folha variada e interessante”. E mais: “Ao par do anúncio, publicaremos a anedota”, “a notícia verdadeira”, “uma poesia, uma gravura, etc”. Outra nota de apresentação salu na segunda página, consoante a qual o periódico circularia em todos os Estados do Brasil.

Cumpriu o **Jornal do Commercio**, realmente, seu programa, inserindo, inclusive, a “Croniqueta” semanal, assinada por Machado; os versinhos “Grotescos”, de João Só; colaboração de Renato de Alencar e algum poema de Pinto Ribeiro, Jacinto Júnior ou Monte Sobrinho; ainda as seções “Floricultura e Horticultura”, por Arctotis; “Pela ribalta”, por José Deixa ou Romeu do Val, e outras.

A edição de 6 de julho dedicou a primeira página ao presidente Afonso Pena, com clichê ocupando largo espaço e, em rodapé, um artigo de congratulações pela assinatura do decreto que autorizava as obras do porto do Recife.

Sob a gerência de Euclides G. da Silva, apareceu depois, como redator, Paulino Hermes da Silva. Não obstante ter aumentado sua tiragem para... 12.000 exemplares, divulgando sempre boa messe de reclamos comerciais, o **Jornal do Commercio** teve curta vida, extinguindo-se com o nº 9, de 3 de agosto (**Arq. Púb. Est.**).

**O GAROTO — Livro de Sortes** — Entrou em circulação sob a responsabilidade de **Bibelot** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro), editado pela Livraria Francesa. Estava muito “bem arranjado”, “variado e interessante”, para o regalo das famílias, nas noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro (**Diário de Pernambuco**, 2/6/1908).

**O FREVO — Livro de Sortes para as Festas Sanjuanescas** Apareceu nos primeiros dias de junho de 1908, com 96 páginas, formato de 18x12, em papel comum e capa de cartolina. “Da lavra dos humoristas **Leosel e Demofrio**”. Impressão da Tipografia J. Agostinho Bezerra, situada no Cais da Regeneração (atual Avenida Martins de Barros) ns. 31/33.

Na abertura, sob o título “O Frevo”, declarou um dos redatores que, num certo dia, achando-se em dificuldade para encontrar rima para trevo, usou a palavra frevo. Esta, depois, passou a significar movimentos espalhafatosos, maxixe, chamego. Dizia-se, num sereno: — Olha o frevo! Entrosou-se no Carnaval. O título diz do intuito do livrinho junto às “gentis patricias”, concorrendo para afugentar toda idéia triste.

Divulgou, a par da seção de Sortes, “O Grande Talisman da Fortuna” e boa parte de curiosidades e literatura, esta a cargo de Aníbal de Almeida, Estêvão Lellis, Leonardo Selva, Silva Lobato, Felix Bertoldo, Delmiro Farias, Manuel Duarte, Moreira Cardoso, Matos e Silva e outros. Alguns anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O BLOCO — Livro de Sortes de Primeiríssima, Caprichosamente Escrevinhado Pelo Pessoal d’A Pimenta** — Saiu em junho de 1908, formato de 17x11, com 84 páginas. “Pratinho predileto em as festivas noites, buliçosas e quentes, de Santo Antônio, São João e São Pedro. Dedicado às famílias pernambucanas”. Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33.

A apresentação oficial, em versos dispostos em oitavas, seguiu-se uma página ilustrada, tendo abaixo a legenda:

“Eis aqui **O Bloco** amado;  
Se queres dar gargalhada,  
Vira a folha com cuidado...  
.....  
Não te digo mais nada!”

A maioria das páginas foi dedicada às Sortes, no tradicional modelo de quadras de sete sílabas, bastante dosadas de humor. A matéria restante constou de epigramas, anedotas, charadas, crônicas, canções, sonetos transcritos e colaboração literária de Monte Sobrinho, Gil Nolasco e André Pereira da Costa. Poucos anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O PROPHETA — Livro de Sortes para as Esquentadas Noites de Junho de 1908.** — Apareceu em formato comum de 17x11, sob a direção de **Zé Sabe-Tudo**, “contendo novas e espirituosas sortes e uma variadíssima parte literária, onde o leitor mais splênético e frio encontrará uma verdadeira fábrica de gargalhadas. Muita moralidade. Oferecido ao Belo Sexo”. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, situada à rua do Apolo.

“A leitura d’**O Propheta** — diz-se no “Ingresso aos leitores” — cura o espírito doente, provoca o riso aos sérios e espanca a melancolia. É o espantinho da dor e o condutor da alegria”

Sua matéria constou de anedotas, sonetos, modinhas, pensamentos, histórias interessantes, recitativos, canções, profissões, charadas e paródias, além das páginas de Sortes. **Zé Sabe-Tudo** foi assinatura de 19 produções diferentes, em prosa e verso. Também ocorreram algumas transcrições (**Bib. Púb. Est.**).

**O ECHO — Publicação Quinzenal** — Iniciou sua circulação a 22 de julho de 1908, formato de 33x23, com quatro páginas a três colunas de 14 cêrcos. Redação em Tejipló, à rua da Vitória nº 34. Tabela de assinaturas: semestre — 1\$000; trimestre — \$500. Número avulso — \$100. Aduzia o expediente: “Vendagem no Recife. Agentes no interior”.

Ocupou-se, o editorial de abertura, da libertação da mocidade do espírito de apatia que a aniquilava, e da “restauração do império das letras nesse majestoso país”. **O Echo** representava “uma parcela do esforço que a mocidade tem despendido em favor da sua gloriosa ascensão às alcandoradas regiões da Verdade e da Luz”.

Órgão literário e noticioso, inserindo alguns anúncios, ao atingir o nº 4, de 6 de setembro, excepcionalmente com seis páginas, suspendeu a circulação.

Reapareceu a 31 de dezembro, impresso, inferiormente, em nova tipografia (nenhuma das duas identificada), prosseguindo mensalmente até o nº 7, de 5 de fevereiro de 1909, quando se tornou "propriedade de uma empresa". Só então constou do cabeçalho o corpo redacional, assim constituído: Astrogildo de Carvalho (**Lourival Júnior**), Severino Machado (**Tobias Parolim**), Luiz Medeiros e Lira Flores.

Entretanto, os primeiros redatores foram: Felisberto dos Santos Pereira, o **F. P.** da "Crônica"; Ivo Luna, autor da seção "Retrospectos"; Pedro Siqueira e Raul Cardoso Aires. A colaboração esteve a cargo de Silvio Albano, Augusto Rocha, **Veterano**, que assinava "Espécimes de calouros"; **Leumas**, ou seja, Samuel Campelo; **Samaritano**, com os "Sinapismos"; **Tailor**, dono da seção "Retratando", e outros. Não faltaram noticiário, notas humorísticas e, nas últimas edições, um frustrado concurso de beleza (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

O **PICA-PAU — Periódico Alegre, Crítico e Circunspecto** — Número um (e único), circulou a 1º de agosto de 1908, formato de 24x18, com oito páginas (seis, apenas, impressas), uma delas servindo de capa, contendo o expediente e pequena gravura, junto à qual estava escrito: "Ria comigo".

Abriu o texto ligeira nota, em que se apresentava o jornalzinho como "missionário do riso".

Graficamente mal confeccionado, divulgou matéria leve, de inexpressiva verve, inclusive assinada por **Fura-Mundo** e **Mestre Forjador**; algumas ilustrações de péssimo desenho, e uma página com quatro sonetos, firmados por Maciel Sobreira, **Reticência**, Jacinto Júnior e José Figueiredo (**Arq. Púb. Est.**).

O **MANGERICO** — Propriedade "de uma Associação", dirigido por **Scarpia**, apareceu no dia 14 de agosto de 1908, formato de 45x32, com quatro páginas de quatro colunas. Confeção material da Tipografia Boultreau, à rua do Imperador nº 49, em cuja livraria funcionava a redação. Assinava-se a 8\$000 por ano e 4\$000 por semestre, acrescidos de 1\$000 para o interior do Estado. Número avulso — 100 réis.

Consoante sucinta nota de "Apresentação", tendo por subtítulo "Freguesia", o semanário **O Mangerico** seria "um registo da vida recifense, nas suas diferentes modalidades", acrescentando: "O seu nome, que é um tanto ambíguo, serve apenas



para cabeçalho". E concluiu: "É seu único intuito fazer rir sem ofender a ninguém; não seguirá nenhum credo político, porque não aspira coisa alguma, a não ser o tostão do leitor civilizado e amigo".

Bem redigido e variado, inseriu seções interessantes, tais como "Fases da lua"; "Vida artística", por Cavaradossi; "Diversões recifenses", de R.; "Pensamentos profundos"; "Recife à noite", etc., completando a edição pouco mais de uma página de anúncios.

Foi curtíssima a gestão d'O Mangerico na arena jornalística. O nº 2, do dia 22, que divulgou uma "Carta em verso" de **Silvio Murat** (pseudônimo de Manuel Duarte), foi o último publicado (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**CRI-CRI (1) — Semanário Humorístico e Noticioso** — Saíu a lume na primeira quinzena de agosto de 1908, formato de 28x19, com 20 páginas, inclusive a capa, ilustrada e impressa em couché. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33, onde se localizava, também, a redação. O corpo redacional constituiu-se dos seguintes pseudônimos: **Túllius, Rastignac, Petrônio, Renê, Altamir e Hircio**, sendo **Til** o redator artístico. Tiragem declarada de 5.000 exemplares (?). Tabela de assinaturas: ano — 16\$000; semestre — 10\$000; preço do exemplar — \$300, menos a primeira edição, que custou \$400. Tabela de anúncios: página inteira — 50\$000; meia página — 30\$000; um quarto — 15\$000.

Dirigindo-se às "gentis leitoras", dizia o artigo "Apresentação", assinado por Nós: "**Cri-Cri** é feita para vos alegrar alguns instantes, para vos encher de bom humor, dando-vos a agradável leitura dum humorismo leve, delicado, e sem o mínimo de picante que vá ofender o vosso recatado pudor".

"Se tendes um pai político, ela falará no vosso pai, mas delicadamente. Se tendes um irmão, e ele for elegante, será in-

---

(1) **Cri-Cri** servira de título, pouco antes, a um "semanário ilustrado, humorístico e literário", de São Paulo, que estreou sua publicação, precisamente, em dezembro de 1907.

(2) Dos componentes do corpo redacional foi possível identificar os seguintes pseudônimos: **Tullius** — José Campelo. **Rastignac** — Teotônio Freire Filho. **Petrônio** — Valfrido de Almeida. **Renê** — Renato Faelante da Câmara. **Altamir** — Francisco Pessoa de Queiroz. **Til** — Osvaldo de Almeida.

cluido nas listas **smarts** em que se trate das modas **dernier cri** e dos fatos **up-to dates**".

"Vós tereis instantâneos, sereis retratadas, a vossa beleza será posta em destaque. Os vossos **beautiful** costumes serão descritos com todos os pormenores que nascem deliciosamente dos espíritos femininos. Não ireis numa rua elegante, num jardim, num velódromo, sem que os nossos repórteres lá estejam para saber o vosso nome, o vosso espírito, a vossa graça, e estampem-nos em nossas páginas, enchendo-nos de orgulho, o orgulho de ter-vos como amigas".

Ostentando elevado padrão de revista mundana, seguiu-se a publicação semanalmente, com as seguintes seções: "Folhinha do Cri-Cri", por **Profeta**, abrindo o texto; "A ver quem passa" — **Rastignac** e, às vezes, **Petrônio**; "Revista teatral" — **Tullius**; "O chic na Rua Nova" — **Rastignac**; "Na rua"; "O nosso concurso de beleza: Qual a mulher mais formosa do Recife?"; depois: Qual a criança mais bonita do sexo masculino? e do feminino? ainda concurso desportivo; "Gaveta de Cri-Cri" — **Dr. Guilhotina**; "Croquis de bacharelados" — **Gavarni**; "Causticando & Filosofando" — **João das Ruas**; "Monoculando" — **René**; "Perfis femininos" e "Sports" — **Altamir**; "Postais femininos" e "masculinos"; "Carnet mondain" — **Phé** (pseudônimo de Renato Faelante); "Música — "Elisio Santelmo"; "Sphinge" — **Hircio** (charadas); "Rápidos" (sonetos-perfis de moças) — **Nini**; e "As criancinhas" — **Tullius**.

Além disso, ocorriam, de raro em raro, poesias assinadas por Carlos e Júlio Porto Carreiro, Ademar Tavares, Silveira de Carvalho, Olímpio Fernandes, Silva Lobato, Oliveira Melo e Eurico B.; entrevistas, pelo **Repórter**; crônicas e versos ligeiros de **J. do Canto**, **Falocetes**, **J. de Bruxaxá**, **João do Norte**, **Sá de A.**, **Dr. Topolino**, etc.

A revista era ilustrada com instantâneos fotográficos, a salientar a página "O Recife de relance"; **charges** e caricaturas de **Guapy** (Herculano de Albuquerque), **Pivot**, **Pierre** e **Til**, este último o autor das diferentes alegorias da capa, sempre impressas a cores. Uma página de cada edição divulgava original de música de compositores locais; outra exibia "Carta enigmática". Páginas de anúncios abriam e encerravam o texto, completando, igualmente, as internas da capa.

A redação de **Cri-Cri** promoveu, a 13/14 de setembro, no armazém **Louvre**, seleta exposição de objetos de confecção manual, com o concurso das leitoras, a prêmio, o que constituiu tema brilhante de longa reportagem do a que se chamaria, hoje, gênero soçaite.

Desde o nº 8, quando passou a ser impresso na Livraria Contemporânea, de Ramiro M. Costa & Filhos, o bem feito magazine, que aceitava “qualquer colaboração espirituosa”, deixou de mencionar as datas de suas edições. Estas prolongaram-se até o nº 18, que foi o último(3) e circulou na primeira semana de dezembro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**AVANÇA!... — Semanário Ilustrado e Crítico** — Divulgou-se o primeiro número no dia 15 de agosto de 1908, formato de 31x21, com 12 páginas, inclusive a capa, apresentada com desenho de **Guapy**, figurando um homem a exibir a revista e uma flâmula, à qual servia de mastro uma caneta com pena e cinzel, e a legenda: “Avança!... Avança!... Avança!...” Com redação à rua do Imperador nº 45 A, imprimiu-se na tipografia do **Jornal do Recife**. Diretor — **Dr. Picareta**; redator-chefe — **Dr. João Bocó**; secretário — **Orion Júnior**; diretores artísticos — **Guapy, Diogo Barradas, Rafael Togo e Spitzer**; gerente — **Arxiles** (1). Assinava-se (para o interior) a 9\$000 por ano e 5\$000 por semestre, custando o exemplar \$200, a princípio e, depois, \$300. Anúncios: página — 25\$000; meia página — 15\$000; 1/4 — 10\$000.

Começou assim o editorial de abertura: “Senhora: Roube V. Exci<sup>a</sup>. aos sagrados deveres do seu lar quatro ou cinco minutos e leia o **Avança!... O Avança!...** val ser precisamente o

---

(3) A revista **Avança!...**, rival de **Cri-Cri**, publicou, a propósito, na sua edição de 12/12/1908, o seguinte convite, encimado por uma cruz:

“Triste e dolorosamente, previne a V. S. a Empresa do **Avança!...** que, devido à vontade da Providência Divina, passou-se deste mundo para a sua santa glória a sua prezada colega **Cri-Cri**, cujos restos mortais estão depositados na Livraria Contemporânea, onde, pelas 13 horas da madrugada, se devem dispensar as últimas orações e depois conduzi-la à sua verdadeira morada”.

(1) Pseudônimos do corpo redacional identificados: **Dr. Picareta** — Luiz Francisco Mendes; **Dr. João Bocó** — João Pessoa; **Orion Júnior** — João Monteiro; **Guapy** — Herculano de Albuquerque; **Diogo Barradas** — Colombo Pompílio; **Rafael Togo** — Luiz Filipe de Sousa Leão Gonçalves; **Arxiles** — José Félix de Oliveira; **Spitzer** — José Veloso.

seu jornal predileto, aquele que V. Exci<sup>a</sup>. distinguirá com os melhores sorrisos e com a mais absoluta constância de uso e de abuso”.

Depois de outras considerações, avançou o articulista: “V. Exc<sup>a</sup>. estudou com certeza a doutrina do céu em Santo Agostinho; a terrena, de aplicação imediata, de efeitos prontos, será encontrada no **Avança!**...; a moral dos séculos com preceitos indestrutíveis, onde o demônio deita o sal dos guisados comuns, está aqui nestas páginas. Talvez V. Exc<sup>a</sup>. seja solteira e esteja à procura do Esposo Amado entre núvens de incenso; o **Avança!**... iniciará V. Ex<sup>a</sup>. nas coisas do amor, apresentando-lhe sempre a última palavra no assunto. Se a senhora é casada, porém, quando o spleen e a monotonia do lar a assaltem, procure o **Avança!**... , porque ele saberá restituir o sorriso a tão lindos olhos molhados”.

Vinha, finalmente, preencher uma “lacuna, integrando, nos seus detalhes mínimos, a cena cotidiana dos lares, das ruas, das repartições e dos jornais”.

Matéria variada, o magazine apresentava comentários jocosos, noticiário, seção de charadas, dirigida por **Orion Júnior**; “Consultório do **Avança!**...”; “Recadinhos”; “A música da Semana”; “Carta enigmática”; caricaturas, **charges**, concursos diversos e uma parte literária, com trabalhos, em prosa e verso, de Artur Muniz, Tenório de Cerqueira, Oliveira Melo, Júlio Porto Carreiro, Silva Lobato, Araújo Filho, Alfredo de Carvalho (2), Rodovalho Neves, José Apolinário de Oliveira, Leonardo Selva, Esmerino Moraes, Edite de Oliveira, Rosinha Gama e outros.

O nº 8, de 3 de outubro, constituiu edição especial, em homenagem às crianças, às quais o **Avança!**... ofereceu uma festa, no jardim da Praça da República, com música, bombons, conetes e concursos a prêmio. Outra edição, depois, era dedicada ao Prado Pernambucano, seguida de tarde hípica festiva, no Prado do Lucas, a 15 de novembro.

Ligeira modificação, a 19 de dezembro, ocorreu no “Despacho Ordinário”, que era o título do Expediente, aparecendo

---

(2) No nº 25, de 13 de fevereiro de 1909, a coluna “Moleque de recado” publicou o seguinte: “Dr. Alfredo de Carvalho (Olinda) — A sua estréia no verso não foi boa, foi um verdadeiro desastre. Continue mesmo na prosa”.

o nome real de Luiz Mendes como diretor único e responsável, e o de Euclides de Oliveira como diretor técnico, ao passo que eram suprimidos os cargos ocupados por **João Bocó**, **Rafael Togo** e **Spitzer**. Novo sub-título: "Semanário Crítico, Caricato e Humorístico". Surgiram outros colaboradores, a saber: **Selenita**, com a crônica semanal "Narcóticos"; **Sebastião de Abreu**; **Lima Ribeiro**; **Infalível**, com a "Seção Infantil"; **Rui Brando**, assinando os "Recadinhos"; **Celina** com as "Notas olindenses"; **Manhoso**, o das "Caras e caretas", etc.

**Diogo Barradas** e **Guapy** mantinham o chiste das caricaturas e **charges**, quer na capa, quer no texto, principalmente o primeiro, signatário das seções "Biógrafo" e "Exposição Nacional", ao passo que páginas especiais de poesias eram também por ele ilustradas.

Verificada ligeira suspensão, após a edição de 23 de janeiro de 1909, o número seguinte — 25º — circulou a 13 de fevereiro, em nova fase, o formato reduzido de dois centímetros e impresso em papel **couché**. O "Despacho Ordinário" foi substituído pelo "Giro da casa", onde se lia: "**O Avança!**... sairá todos os sábados, chova ou faça sol. Redação: — pessoal que sabe onde tem as ventas. Aceitam-se colaboradores, desde que eles assumam um certo decôro perante a estética, a ética, a lógica e a gramática. Quem tiver negócios com a direção do **Avança!**... apareça à rua do Imperador nº 45, salvo matéria de bordoadas". As assinaturas passaram, desde o nº 9, a 15\$000 por ano e 8\$000 por semestre, mantido o preço do número avulso. No artigo "Vita Nuova" lia-se o seguinte tópico:

"Não colide com a modéstia a nossa afirmação de que esta revista vai ser, em sua segunda fase, uma das maravilhas do globo. Neste nosso semanário encontrareis d'agora por diante o que desejardes, desde o informe completo para a colocação de vossas ligas, respeitável leitora, até matéria transcendente para as vossas elocubrações filosóficas, sr. Barão de Casa Forte". E concluiu: "**O Avança!**... vai invadir os recessos da literatura, das artes e do grotesco, em geral, fazendo indistintamente aos que empolgam os referidos domínios uma coroação helênica, obrigada a epigrama de Sóstenes".

Continuou **Guapy** como ilustrador, ocupando algumas páginas com interessantes **charges** e caricaturas, auxiliado por **Hércules** e **Olenka** (como se ocultava Baltazar da Câmara). A revista já não contava com os primeiros colaboradores. Outros

surgiram, inclusive **João do Recife**, que iniciou uma série de entrevistas, sob o título "O movimento literário de Pernambuco"; Torquato do Nascimento, com as "Cartas de fora", versos em cassanje; **Viriato Verve**, **João Feio** e **S. Tiago**. Divulgava, ainda, originais de músicas.

No nº 28, de 13 de março, encontrava-se a notícia de haver entrado para o corpo redacional o "endiabrado humorista" **Aprigio dos Anjos**. Entretanto, não continuou a publicação, que se extinguiu, exatamente, na data referida. (**Bib. Púb. Est.**).

**O ESPECTADOR** — Publicação quinzenal, surgiu no dia 15 de agosto de 1908, formato de 24x17, com quatro páginas de três colunas. Impresso na Tipografia Serra Grande, de João & Frederico Regadas, à rua do Rangel nº 35, assinava-se a \$500 por trimestre, custando cada exemplar \$100.

Dizia, no artigo de apresentação (que, por "descuido" do paginador, não saiu no primeiro e sim no segundo número), tratar-se de "modesto jornalzinho amigo da troça e da pilhéria, que fará muita gente vender azeite aos quilos se sair fora dos limites". Apontaria os "inúmeros escândalos praticados aqui no Recife, por individuos mal educados e que desconhecem completamente a D. Moral".

Divulgou **O Espectador**, nos poucos números publicados, crônicas de **Fityr** e **Cláudio**; sonetos de E. Guerra e O. Braga; a seção bisbilhoteira "Na expectativa", por **Zé Pacato**; "Charadas", a cargo de **Miko**; as indiscreções "É com isto que eu implico", pelo **Dr. Cabeça de Prego**, afora algum noticiário e notas soltas chamando a atenção dos pais de família para os namoros escandalosos.

Circularam cinco edições, a última das quais datada de 31 de outubro (**Arq. Púb. Est.**).

**TRIBUNA COLONIAL** — Folha semanal, redigida em português, francês e italiano, começou a publicar-se a 17 de agosto de 1908, formato de 49x35, com quatro páginas de quatro colunas. Redator-chefe — **Públio Pugô**. Impressão da tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, instalando-se a redação na rua do Imperador nº 36, 1º andar. Preço da assinatura: até o fim do ano 5\$000.

Era “feito, exclusivamente, para as colônias estrangeiras que aqui vivem, e como tal não se envolverá jamais na política do país”, conforme se lia no editorial “**Ab ovo**”, que se seguiu ao de abertura, intitulado “**Primi vagiti**”, assinado por **La Redazione**. Adiantou aquele: “Todas as questões de interesse colonial, ou aquelas brasileiras que nos interessam de perto, poderão ser tratadas livremente e livremente discutidas nas nossas páginas”.

Além da matéria noticiosa, o periódico, tendo mais de uma página de anúncios, inseriu comentários de Coimbra Lobo e M. F. S., este último em francês, sendo mais comum a redação na língua italiana.

Continuou tal programa, incluindo a seção “Comércio e Finanças”. Todavia, circunstâncias desconhecidas levaram a bem arranjada gazeta a findar sua existência logo que se viu publicado o nº 3, do da 31, precisamente quando anunciava “demarches” para constituir uma empresa de arte gráfica, do que esperava proporcionar melhores informações na edição seguinte (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O **TAGARELLA** — Entrou em circulação esse “periódico pequenito, escrito a bico-de-pena e sob a direção do **Dr. Fuara e Enfia**, destinado a sair à rua todos os domingos” (**Inf. d’O Espia**, 6/9/1908).

A **GRINALDA** — **Reportagem das Flores** — Revista quinzenal, “sob a responsabilidade das flores”, tendo como redator-chefe — o Sol, surgiu no dia 4 de outubro de 1908, com oito páginas de papel couché e capa em cores, para vender-se o exemplar a 200 réis. Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje, do Apolo) ns. 49/51, apresentou-se no formato de 31x15, impresso com tinta azul.

Lia-se no galante artiguinho de abertura: “...como flores, queremos reinar sem a malícia do vocábulo; queremos educar, sem a férula da mestra, com o aljofar dos nossos lábios. E de olhos velados concentramo-nos e agimos, sem personalizar. Findou assim: “Tudo no mundo é consequência, e **A Grinalda** é a consequência dos cronistas enfatoados do Jardim”.

Folha exclusivamente literária, só continham suas páginas contos, fantasias, versos, assinados por **Violeta**, **A Grinalda**, **Pervenca**, **Hera**, **Saudade**, **Primavera**, **Lilás**, **Bonina**, **Urze**; **Tre-**

vo, Liz (esta encarregava-se da crônica mundana “No Jardim”), Orquídea, Magnólia e Eglantine.

Tal foi a matéria dos três únicos números do interessante jornal feminino, o último dos quais datado de 1º de novembro (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

O TABARÉO — O jornal de mais malhó circulação nas América — Apareceu datado de “Catinga Cheirosa”, 9 de outubro de 1908, formato de 35x23, com quatro páginas, da primeira constando, unicamente, uma charge, de legenda em versos chistosos. Diretor — Raio X.

Lia-se na nota de abertura da segunda página: “Noço fim é iscrusivamente fazê ri us amigus e leitô; noça fôia não tem carate pulitico: é imparciá nessas coisa”.

Toda a matéria, constituída de versinhos, telegramas de brincadeira, reportagens e noticiário, foi redigida em caçanje, terminando com a “Coluna dos doutô bacharé”, uma crônica de Raio X.

Ficou na edição de estréia (Arq. Púb. Est.).

FROU-FROU — Semanário Ilustrado — Apareceu a 29 de outubro de 1908, formato de 31x21, com 20 páginas, afora a capa, em cartolina. Impressão da Tipografia J. Agostinho Berra, à rua do Imperador nº 31, aí também localizada a redação. Assinaturas: ano — 14\$000; semestre — 7\$000; número avulso — \$300.

No artigo-programa, assinado por Zezé & Cia., dizia-se da nova publicação: “...entra nos cafés, nos restaurantes, nos magazines, toma o bonde, o trem, o carro, o automóvel; introduz-se no lar, vai de uma a outra casa, percorre, enfim, o pequenino mundo dos seus assinantes — mas tudo isso com calma e jeito, sem fazer barulho, sem as cores vivas e o ritmo forte e estridente da reclame!”.

Não haveria de ferir melindres. “Frou-Frou é a linguagem misterlosa da seda, o som vago e doce, o rumor brando, harmônico, melifluo...”; “...é o beijo da seda estalando baixinho, fremindo, cantando de leve...”

Ostentando vistosa alegoria a cores, da autoria de Guapy (Herculano de Albuquerque), a revista apresentou-se variada,



assim continuando, com ilustrações, crônicas leves, concursos, máximas e sentenças, originais de música, **charges** de **Erlano e H**, noticiário, seção charadística e algumas páginas de anúncios.

Colaboração assinada por **Zezé; Chico Redondo; Zebalos; Horácio Lupin; Luiz Simões** — “Palestras musicais”; **Julietta Rocha; Horácio** — “Batalhando” (charadas); **Rostand; Quintillien** — “Frou-Frou no jardim”; **Sancho Pansa; Aarão Lupin; S. Alvares; Netuno** — “De lápis em punho” (na retreta de **O-linda**); **Munguengue; Chic; Van Dick; Leonardo Selva, Lidio Gomes, Aluísio Baltar e Ademar Tavares**, que também se assinava **Andaluz** na seção “Pela Urbs”, e outras seções.

Última edição encontrada: nº 5, de 26 de novembro (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**O ROUXINOL** — Jornalzinho “a manuscrito, de muito interessante confecção”, foi dado à publicidade, redigido “pelos inteligentes moços **Alfredo Campos e Pedro do Lago**” (**Inf. d’ O Arara, 31/10/1908**).

**O PROSCENIO** — **Labor omnia vincit** — Entrou em circulação a 31 de outubro de 1908, formato de 30x20, com quatro páginas de duas boas colunas. Sob a direção de **Onildo Osmar** (anagrama de **Odilon Bráulio de Lemos Ramos**), tinha como redatores: **Solano Peres** (como se ocultava **Valfrido Leonardo Pereira**), **Sullivan** (que era **Luiz Tolentino César Loureiro**) e **Pororoça**. Redação e escritório na **Estrada de Belém nº 46**.

Apresentou-se como “jornalzinho joco-sério e com circulação forçada no recinto do teatro da Sociedade Dramática do **Feitosa**, em noite de espetáculo. Redigido por um grupo de sócios, não obstante isto, êle não tem com ela ligação alguma e, como tal, emite suas opiniões livremente sobre coisas do teatro”.

“O seu aparecimento motivou a necessidade que havia de matar-se a monotonia da sala, originada pela caceteação de se esperar pela subida do pano. O humorismo d’**O Proscenio** é inofensivo e as suas apreciações são feitas de tal forma que não venham provocar ódios nem discussões, evitendo-se o mais que é possível que sejam publicados trabalhos cujos assuntos caíam em resultado de desagrado”.

Outra edição saiu a 7 de dezembro, e o nº 3 — ano II — no dia 2 de janeiro de 1909, prosseguindo mensalmente. Ao atingir o nº 8, de 5 de junho, modificou-se o formato para 34x22, a três colunas de composição, passando o corpo redacional a constituir-se de nomes em vez de anagrama e pseudônimos, a saber: diretor — Odilon Ramos; redatores — Joaquim Pontes, Artur José de Oliveira, Valfrido Pereira e Luiz Loureiro, este último substituído, depois, por Astrogildo de Carvalho. Declarava uma nota:

“A começar do presente número, passa **O Proscenio** a ser propriedade exclusiva da Sociedade Dramática do Feitosa, de quem será órgão na imprensa indígena”. “Agora que ele se acha reformado, tanto no formato como no corpo redacional, continua a manter o seu programa de tratar de coisas de teatro, acrescentando o novo encargo de defender os interesses da agremiação”.

Logo mais, a 31 de outubro, uma edição especial de seis páginas, em papel de cor, comemorava o primeiro aniversário da folha, lendo-se, então, no editorial alusivo, entre outras considerações: “A nossa maior glória está no fato de completar **O Proscenio** um ano de existência sem o auxílio pecuniário de pessoa alguma e unicamente com os nossos modestos recursos; tem sido e será sempre gratuita a sua distribuição, sendo ele atualmente uma necessidade no nosso meio social”.

Prosseguiu a publicação, entrando pelo ano de 1910 afora, sempre com três páginas de matéria redacional e a quarta com anúncio dos programas da Sociedade Dramática do Feitosa. Inseria, como matéria principal, artigos de apreciação e crítica sobre as peças encenadas, noticiário especializado e literatura geral, em prosa e verso, não só dos redatores, mas também de outros membros da Associação, a saber: **Bambolina**, **Niceas**, **Ivan**, **Sílvio**, **Zelino**, **Niobio**, **Bastos Portela**, **Chico Redondo** (pseudônimo de Joaquim Feitosa), **Stênio**, **Bibi**, **Silvino**, **Contra-Regra**, **Mário Didier** (travesti de Coimbra Lobo), **Tércio Imar** e outros.

Após o nº 25, ano III, de 15 de outubro, a publicação sofreu um colapso, só reaparecendo (nº 26, ano IV) a 11 de fevereiro de 1911, numa edição de oito páginas, em papel especial, comemorativa (com retardamento) do seu segundo aniversário (que ocorrera a 31 de outubro de 1910). Inseriu variada matéria,

inclusos sonetos originais de Odilon Nestor e Vencesláu de Queiroz.

Na edição subsequente, **O Proscenio** cresceu um pouco de formato e passou a ser impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, chegando ao luxo de utilizar papel **couché**. Ao atingir o nº 33, deixaram o cabeçalho os redatores Joaquim Pontes e Artur Oliveira, logo mais voltando a ele Luiz Loureiro, após longa ausência.

Em março de 1912 — nº 38 — as letras do título foram substituídas por um clichê, incluídos no respectivo desenho símbolos das artes. No mês de novembro retirava-se Astrogildo de Carvalho do corpo redacional. Continuou a publicação em 1913, mas, ao sair a lume o nº 55, de 24 de janeiro de 1914, encerrou a gazeta sua atuação relevante.

Afora as produções da variada equipe redacional, **O Proscenio** admitira, nos últimos anos, escolhido corpo de colaboradores, a saber: Samuel Campelo, Afonso de Macedo, Felisberto dos Santos Pereira, Assunção Pessoa, Osvaldo Lima, Joaquim Lima, **Inoldo o Copista** (outro pseudônimo de Odilon Ramos), com a seção "Palcos e Platéias"; Artur Leal de Barros, Ribeiro da Silva, Mendes Martins e Simões Coelho. A quarta página era, invariavelmente, dedicada aos programas da Sociedade Dramática do Feitosa (**Bib. Púb. Est.**).

**A EVOLUÇÃO — Órgão Racionalista — Ciências, Artes, Letras, Filosofia, Política, Religião, Agricultura, Comércio e Indústria** — Saiu pela primeira vez em novembro de 1908, no formato de 24x15, com 48 páginas, afora a capa, esta em papel-cartolina de cor. Diretor — Raul Azedo; secretário — Hersílio de Sousa (1); redatores — Faelante da Câmara, Lins Caldas, Leal de Barros, Olinto Victor, Carlos Porto Carreiro, Gervásio Fioravante, Teotônio Freire, João Barreto de Meneses, Aprígio

---

(1) Anos depois, escreveu Joaquim Pimenta ("Retalhos do passado", página 126 — Editor A. Coelho Branco Fº — Rio, 1949) que o filósofo e jurista Hersílio de Sousa, lente da Faculdade de Direito do Recife, foi o primeiro, talvez, no Brasil, a ter abordado, em uma série de artigos, n'**A Evolução**, "o problema, ainda hoje em debate, da existência histórica de Jesus".

de Castro, Sampaio Ferraz, Augusto Castro, Gouveia de Barros e Rangel Moreira. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51, funcionando a redação à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) nº 38, 1º andar. Assinatura anual — 10\$000, acrescidos de 2\$000 para outros Estados e países da União Postal. Preço do exemplar — 1\$000.

O “Programa d’A **Evolução**” estava assim concebido: “Trabalhar pelo desenvolvimento econômico, intelectual e moral da coletividade: — procurando despertar o interesse e o zelo pelos seus vitais direitos e necessidades por ela geralmente descuidados; — promovendo a adoção de métodos educativos da infância e da mocidade adequados ao destino do homem moderno; — batendo-se pela policultura e pelo ensino agrícola teórico e prático; — contrapondo-se à ação de todos os elementos retrógrados militantes no meio social; — concorrendo para a cultura mental e para a melhoria das condições materiais de existência do operariado urbano e rural; — pregando a necessidade da elevação do nível intelectual da mulher; — vulgarizando os preceitos da moral científica. Eis as idéias fundamentais que deverão inspirar as contribuições dos redatores e colaboradores desta revista”.

Publicou-se o importante magazine, cada mês, até o nº 10, datado de agosto de 1909, só alterado o corpo redacional com a saída de Faelante da Câmara, ocupando-lhe o lugar João Eustáquio Pereira (Faneca). Obediente ao eclético programa traçado, inseria a mais variada matéria, não só assinada por elementos do corpo redacional — cabendo a Leal de Barros, além do mais, a seção “Páginas alheias”, de traduções — mas também colaboração de Fernando de Sá, José Vicente, Euclides Fonseca, Jaime Azedo, Almaquio Diniz, Vicente e Luiz Anselmo Fonseca; mais páginas de “Bibliografia” e notas redacionais. Anúncios, só nas duas páginas finais da capa. Volume encadernado de 622 páginas.

Após um interregno de quase quatro anos, veio a circular em março de 1913 o nº 11, ano II, d’A **Evolução**, sem nenhuma alteração na parte material. Mantida a antiga direção, ocupou a secretaria Andrade Bezerra, ficando a turma de redatores assim constituída: Joaquim Pimenta, Hersílio de Sousa, Gouveia

de Barros, Fernando de Sá, João Barreto de Meneses (2), Leal de Barros, Luiz de Gois e Olinto Victor.

Não se modificou o programa inicial, confirmado num artigo de três colunas, de R. A., ou seja, Raul Azedo. Prosseguiu por mais alguns meses, brilhantemente colaborada, incluindo artigos de Alfredo de Carvalho, Dantas Barreto, então governador do Estado; Soriano de Albuquerque e, excepcionalmente, um soneto de Mendes Martins, cada número dedicando espaço especial às seções "Revista das idéias", "Noticiário" e "Páginas alheias".

Com regular quantidade de páginas, numerando-se seguidamente, **A Evolução** não conseguiu ir muito adiante na sua segunda arrancada. Atingiu, tão somente, o nº 16/17, datado de agosto/setembro do mesmo ano, assim completado o segundo volume, totalizando 350 páginas (**Bib. Púb. Est., Bib. Fac. Dir. UFPe. e Bib. Est. de Sergipe**).

**A VERDADE — Órgão do Espiritismo em Pernambuco** — Entrou em circulação a 8 de dezembro de 1908, obedecendo ao formato de 38x27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor — Manuel Arão; redatores auxiliares — João Augusto de Sousa Leão, Pedro de Melo Santos, Agripino da Silva e Pedro Buarque; gerente — Ermiro Lima. Responsabilidade do Centro Espírita Regeneração, cuja sede servia de redação, à rua Marquês do Herval (atual da Concórdia) nº 32, 2º andar. Os subscritores pagavam 1\$000 mensais, "recebendo a folha em duplicata". A impressão do número de estréia esteve a cargo da Tipografia d'O Polyantho, à rua das Cruzes nº 25, prosseguindo na oficina gráfica do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47.

Lia-se no editorial "Desfraldando uma bandeira", inicialmente: "...por ora, é simples boletim mensal do movimento espírita quer de Pernambuco quer do que mais importante ocorra fora daqui; não aspira outras glórias senão a de colaborar na obra de propaganda e coesão".

---

(2) "... a existência d'A Evolução — escreveu João Barreto, na edição do mês de abril — é um grito d'armas, é um apelo às energias de todo o organismo republicano, para que se distribuam as suas doutrinas, as que, ao menos, o pareçam, no estado atual de nossas investigações científicas, como antídoto a essa intoxicação perigosa que vem de há muito corroendo o espírito escolar de nossa pátria, com o qual se não fazem homens fortalecidos para a vida, mas simplesmente automatizados alquebrantados na superstição".

O longo artigo focalizou os problemas espíritas em face dos que o negavam ou lhe faziam restrições, aos quais contrapunha “doutrina a doutrina, fato a fato”, acentuando: “Firmes sem intolerância, intransigentes sem irritação — eis os processos no nosso combate”.

Circulando normalmente, cada mês, sua matéria constituía-se de artigos doutrinários, assinados ou não; “Bibliografia”; “Musa Espírita”; “Fatos e Notícias”; “Ecos de toda parte”; o comentário “Digressões”, de A. S. (Agripino da Silva), etc.

Reiniciando numeração em janeiro de 1909, publicaram-se doze edições durante o ano, ritmo que continuou nos subsequentes. Em junho de 1912, o gerente foi substituído por Pedro Buarque, o qual, desde o princípio, vinha assinando poesias ou artigos científicos. Substituiu-o, precisamente dois anos após, Fausto Rabelo, cuja primeira providência consistiu em estabelecer a seguinte tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$500; para o Exterior: ano — 5\$000. Atingido 1915, passou o periódico, no mês de março, a ser órgão da recém-instalada Federação Espírita Pernambucana.

Em meio aos seus comentários redacionais, de vez em quando **A Verdade** rebatia acusações da **Tribuna Religiosa**, que não perdia oportunidade de atacar o Espiritismo. A colaboração assinada, que no primeiro ano incluiu poesias de Costa Rego Júnior e a série de artigos, de J. Thimes Pereira, sob o título “Os fenômenos anímicos”, dividia-se entre Otaviano Coutinho, Mário de Albuquerque Santos, J. de Oliveira, Cristóvão Guimarães, Carlos Passos, Milcíades Barbosa, Albano de Almeida, Dinamérico A. Crespo, Fausto Rabelo, J. P. da Mota Lima, El Brasil, Jarbas Ramos, Guedes Alcoforado, Olegário Vital; Amadeu de Aguiar, também aparecido com o pseudônimo **Silva Néri**; Esmerino Moraes, Maria de Moura e raros outros. Divulgava conferências pronunciadas por Manuel Arão ou Viana de Carvalho, fora transcrições.

O trabalho gráfico passou a ser executado, desde junho de 1912, na oficina da Livraria Francesa, à rua 1º de Março nº 9, e, a partir de abril de 1914, na do **Diário de Pernambuco**, voltando para a do **Jornal do Recife** em janeiro de 1915, e mudou, novamente, ao começar o ano seguinte, imprimindo-se em tipografia não mencionada nem identificada.

Atingiu a publicação, nessa primeira fase, pelo menos, até fevereiro de 1916, o nº 2 do ano IX.

Verifica-se, então, extensa lacuna nas coleções d'**A Verdade**. Teria sido suspensa a circulação? Quando? Até quando?

O seguinte volume encontrado começa com o nº 1, ano XVIII, de janeiro de 1925. Tornara-se "revista mensal espiritista", o formato reduzido para 27x20, com 20 páginas. Impressão em tipografia própria, situada na rua Marcílio Dias (atual Direita) nº 296, no ano posterior transferida para a rua Marquês do Herval (atual Direita) nº 520, defronte do nº 533, local da redação e sede da Federação Espírita Pernambucana, proprietária da empresa. Diretor — Epifânio Bezerra; redatores — Djalma Montenegro de Farias e José Costa. Tabela de assinaturas: ano — 7\$000; semestre — 4\$000.

Seguiu-se a publicação nos anos subsequentes, mas irregularmente, variando para bimestral ou trimestral, chegando a verificar-se pausas mais longas. Era igualmente arbitrária a quantidade de páginas, reduzidas ao mínimo de 10.

As funções de diretor e redatores, por outro lado, eram passíveis de alterações, com a participação, inclusive, de Mariano Teixeira, Augusto Costa e Abdenago de Araújo. Da gerência participaram José Romão Nilo e, por fim, Adauto Pontes.

Afora as produções da equipe redacional, **A Verdade** contou com a colaboração de Luiz R. Andrade Lima, Francisco Fialho, Gaudêncio Azevedo, E. de Alvarez, Matos Além, Manuel Bezerra da Cunha, o mesmo **Leonam Bezerra**; A. S. Queiroz, Mário Quajyl, José Marinho Filho, M. Possi, J. Pirro, Adauto Pontes, Enéas Alves, Fernando Burlamaqui, Aura Celeste, Mário Cavalcanti, etc. Não faltava, além dos comentários de doutrina, o noticiário específico.

Estendeu-se, assim, a existência do órgão da F. E. P. até dezembro de 1931, ano XXIII.

"Interrompida durante algum tempo, por motivos especiais", reapareceu **A Verdade** com o nº 1, ano XXXII, de julho de 1940, anunciando "novo e mais vasto programa de ação". Tornou-se "órgão oficial, noticioso e doutrinário das seguintes associações: Federação Espírita Pernambucana, Liga Espírita Suburbana e Cruzada Espírita Pernambucana". Diretor-respon-

sável — Bruno Mário Verri; redação à rua da Concórdia nº 533, logo transferida para a rua 1º de Março nº 217, 1º andar. Assinatura anual — 6\$000; para o interior 7\$000; preço do exemplar — \$500. Trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**. Reiniciando com 16 páginas de texto, em papel assetinado, apresentava capa em **couché**.

Prosseguiu, mensal e regularmente, dentro do programa enunciado, acrescentando à matéria redacional alguns anúncios.

No terceiro número da nova fase, adotou o sub-título: “Religião, Ciência e Filosofia”; no nº 5: “Revista Religiosa, Científica e Filosófica”; no nº 10, antepunha: “Órgão de propaganda...”; do nº 12 por diante, sem perder os demais sub-títulos, era “Órgão de Educação Moral”. A capa, que variava na apresentação de fotogravuras de personalidades espíritas, estabeleceu-se a partir do nº 14, com clichê único, de fundo em cor, colocado no centro o sumário de cada edição. A partir de fevereiro de 1942, deixou de representar as três instituições, tornando-se “independente, noticioso e doutrinário”.

A numeração das páginas, estas em quantidade variada, procedeu-se seguidamente, pelos anos afora, parando com o total de 2.492, em maio/junho de 1948, num total de 86 edições. Do nº 87 em diante, a numeração das páginas fez-se por edição.

Enquanto isto, **A Verdade** reduziu o formato, em julho de 1945, para 22x15, e, ao atingir maio/junho de 1948, diminuiu mais, para 18x13.

A tabela de assinaturas, ainda no nº 10, ano I, sofrera a seguinte alteração por ano: para o Recife — 12\$000; interior e exterior — 15\$000; com porte registado — 20\$000. O número avulso subiu para 1\$000, passando a Cr\$ 2. em junho de 1948.

Em julho de 1945, além da primeira modificação no formato, juntaram-se, no expediente, ao diretor Bruno Mário Verri, os seguintes nomes: redator-secretário — Luiz Coimbra Filho; redator — Aníbal G. Ribeiro; depois substituído por Caitano Coimbra e este por Tancredo Coimbra; tesoureiro — Sigismundo F. Medeiros; gerente — Amaro Soares de Andrade, em março de 1948 substituído por Aminadab Melo. A redação foi, ao mesmo tempo, transferida para a rua Aníbal Falcão nº 148, bairro das Graças.



Encerrando o período em lide, com o nº 90, datado de outubro/novembro/dezembro de 1948, quando circulou com 120 pequenas páginas, **A Verdade** contou, nesses oito e meio anos, com a colaboração de Djalma Farias, João Bezerra, **Cecília Mendes** (pseudônimo de Célio Meira), **Clarita** (como se ocultou Almêe de Toledo Lombardi); Enéas Alves, M. G. Pimentel, Rubens Almeida, Ferreira Lima, Leopoldo Machado, J. Pirro, J. G. Andrade, Israel Fonseca, Hilário T. Magalhães, **Rosália Sandoval** (pseudônimo de Rita de Abreu), Santos Gouveia, Fausto Rabelo, J. B. Chagas, **Minimus**, ou seja, João Luiz de Magalhães; Agésilau Pinheiro Ramos, Gomes da Silva, J. P. de Sousa, Pedro Lira, Aloízio de Matos, **Vinicius**, que era o professor Pedro Camargo; Aluizio Inojosa, Abdenago de Araújo, Fernando Burlamaqui, Otávio Coutinho, Osvaldo Melo, Clóvis Jordão de Andrade, Antenor Ramos, **Ferdiman**, o mesmo Manuel Ferreira Diu, Nelson Kerensky, Francisco Cribari, Oscar Nilson, A. Meneses, Orlando Luiz Gonzaga, Aurélio Valença, Alfredo de Azevedo, M. da Nóbrega, Joaquim Pontes e muitos outros.

Sem interromper a circulação, o magazine especializado assumiu nova fase com o nº 1/2/3, de janeiro/fevereiro/março de 1949, adotando o formato de 26x19, impresso na oficina da **Folha da Manhã** e editado pela Federação Espirita Pernambucana. Sub-título: "Revista mensal de Espirito Cristão", funcionando a redação na rua da Concordia nº 533. Diretor — Djalma Montenegro de Farias; secretária Beatriz da Silva Ferreira; gerente — José Andrade de Sousa. Assinatura anual — Cr\$ 15; número avulso — Cr\$ 1,50, preços que foram elevados em maio de 1950 para Cr\$ 30 e Cr\$ 3, respectivamente.

Ao iniciar-se 1950, **A Verdade** teve seu diretor, por motivo de falecimento, substituído por Lício S. Ferreira. Como redator-chefe, serviu Alano A. de Farias, sendo gerente Fausto Rodrigues da Silva.

Seguiu-se a publicação, porém irregularmente, saindo o nº 11/12 datado de novembro/dezembro, com 20 páginas; assim nos anos seguintes, até o mês de dezembro de 1954 (1), quando circulou numa edição de 74 páginas, comemorativa do cinquentenário da fundação da Federação Espirita Pernambucana, ilustradas a capa e a página de rosto com retratos de Allan Kardec.

---

(1) Prosseguiu a publicação em 1955.

A revista teve, na sua última fase, a colaboração de Alves de Farias Filho, Pedro Rodrigues Bastos, Alcino F. Passos, Otávio Coutinho, José Andrade de Sousa, José Augusto Romero, S. Van Der Linden, **Vinicius**, Idalino Lins Filho, Ismael Gomes Braga, **Irmã Jota**, José A. Nascimento, Bezerra de Meneses, Leopoldo Machado, Luiz Burgos Filho, B. de Sousa Filho, Alfredo de Azevedo, Edgar Guerra, Fernando Vaz, Oscar Farias, Carmen Cinira, Oscar F. Carneiro, **Agag**, ou Henrique Guimarães, Milton Barbosa Souto, **Ego**, Aníbal Ribeiro, Fausto Rabelo, **Murvino Barreiro** (anagrama de Bruno Mário Verri) e outros.

No fim, inseriu alguns anúncios (**Coleçs. Fernando Vaz, Fed. Espír. Pcana. e Bib. Púb. Est.**).

O SMART — **Periódico Literário e Humorístico** — Surgiu a 17 de dezembro de 1908, formato de 29x20, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel assetinado. Pretendendo publicar-se quinzenalmente, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano — 2\$500; semestre — 1\$500; preço do exemplar — \$100. Redatores — **Drs. Nodji, Garret, Ritter, Til e Ximbica**; redação — rua Corredor do Bispo nº 4. Impressão da Tipografia Comercial, à rua das Cruzes (atual rua Diário de Pernambuco).

Órgão do Grêmio Literário Martins Júnior, “associação composta de jovens preparatorianos amantes das letras”, segundo o artigo-programa, tinha “simplesmente em vista servir de incitamento àqueles que, desde cedo, se exercitam na escabrosa lida das letras, e bem servir aos seus leitores”.

A edição de estréia inseriu produções apenas assinadas com pseudônimos, algum noticiário e iniciou o fracassado concurso: “Qual o poeta pernambucano mais apreciado nas suas poesias?”

Outro nº 1 — ano II — saiu datado de janeiro de 1909, indicando o seguinte corpo redacional: João de Freitas Henriques (redator-chefe), Luiz Cabral de Melo e Arlindo Moreira Dias.

Após algum descanso, publicou-se o nº 2 no dia 2 de mar-

ço (1), reduzido o formato para 21x15, retirando do cabeçalho os nomes dos redatores. Homenageou, estampando-lhe o cli-chê na primeira página, o poeta Martins Filho.

Já o terceiro número, do dia 19, acusava o retorno de João Antônio de Araújo, um dos redatores-fundadores, e de Freitas Henriques, e a admissão de novo redator: Rômulo Carneiro da Cunha.

Não sem ocorrer outra modificação, chegou **O Smart** ao fim de sua existência, fazendo circular o nº 4 a 1º de abril. Voltou ao formato primitivo e foi impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Redatores — **Dr. Larbac**, secretário, e **Satierf** (anagramas).

Afora a incipiente literatura da variada equipe redacional, a folha, cumprindo sua meta lítero-humorística, divulgava colaboração de **Vesper, Leo** (outro disfarce de Luiz Cabral de Melo), **Iriamates Foutemar, Lip, Pérciles e Mané Soari** (Arq. Púb. Est.).

**O MANGERICO** — Rifa de comestíveis, publicou-se um número único a 24 de dezembro de 1908. Impressão da Tipografia de Lins Vieira & Cia., situada no Cais da Regeneração n. 40. Tinha quatro páginas, a duas colunas de composição, em formato de 22x16. Número avulso — 200 réis. (Inform. de Alfredo de Carvalho) (1).

**O ESTIMULO** — Órgão Literário, Humorístico e Noticioso — Sediado no subúrbio de Caxangá, entrou em circulação a 25 de dezembro de 1908, obedecendo ao formato de 27x18, com quatro páginas de três colunas. Redatores — Fernando Fer-

---

(1) Julgando extinto o congênere, o órgão literário de Olinda, **O Chic**, de vida igualmente efêmera, divulgou, em sua edição de 12/2/1909, a seguinte verrina:

“Morreu **O Smart!**... triste jornal, coitado,  
Que na vida passou despercebido!...  
Morreu **O Smart**... sem nunca ter vivido,  
Porque viveu, de todos, despresado!...”

(1) **O Mangerico** (segundo com este título) consta da sucinta relação “Jornais Pernambucanos de 1908”, deixada em manuscrito pelo autor dos “Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — 1821/1908”, livro que, como já foi dito, só inclui as publicações aparecidas até o ano de 1907.

reira, Horácio Saldanha e João Saldanha. Assinatura trimestral — 1\$000; número avulso — \$100.

“Modesto e simples como uma violeta oculta em suas verdes folhas”, conforme o artigo de abertura, surgiu para velar pelos interesses do arrabalde onde tinha a redação, sendo “dedicado ao belo sexo”.

O segundo número só saiu a 23 de maio de 1909, reduzido o corpo redacional aos nomes de Alberto Saldanha e Horácio Saldanha. Este último assinava-se, também, **H. S.** ou **Hermes Sandoval**, sendo outros colaboradores das duas edições: **J. Tavares Júnior** e **Libânio**. Liam-se, ainda, “Notas diversas” e “Bé-tises”, pastiche de pensamentos.

Não consta que tenha continuado a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

## 1909

O **PELINTRA — Periódico Humorístico e Noticioso** — Circulou o nº 1 a 6 de fevereiro de 1909, formato de 18x14, com quatro páginas de duas colunas, para distribuição gratuita. Diretor — **Albatrós**; redatores — **Penetrante** e **Dr. Catolé**.

“Amigo da troça”, destinava-se também a “corrigir certos tipos que vivem a praticar toda sorte de indecências e imoralidades”.

Inseriu matéria ligeira e a seção de indiscrições “Coisas com que eu me zango”, do **Dr. Catolé**, além da reportagem “No jardim”, d’**O Fiscal**. Não há notícia de ter prosseguido a publicação (**Arq. Púb. Est.**).

A **COISA — Órgão do Clube do mesmo nome** — “Folha sem chefe e sem programa e com pretensões a humorística”, publicou-se no primeiro dia do Carnaval: 21 de fevereiro de 1909, formato de 25x16, com quatro páginas de três colunas. Imprimiu-se na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana e esperava circular “uma vez por ano”, mas ficou na edição de estréia.

Todo o seu editorial de apresentação constituiu um estudo chistoso em torno da palavra que lhe serviu de título.

Divulgou, no espaço restante, boa matéria satírico-humorística, em prosa e verso, assinada por **Oberon, Alcíneo, Coisa Mor, Ali-Babá, Raul da Fonseca Gaião, Dr. Coisada, Dr. Pangloss, Balduino**, etc. (Bib. Púb. Est.).

A **LUCTA** — Aluno interno do Instituto 19 de Abril, Célso Meira fundou, com outros colegas, em 1909, esse seu segundo jornal manuscrito (1), feito “semanário literário, ilustrado e noticioso”, usando o pseudônimo **Ronald de Lemos** (Cf. o artigo “Mestre Leopoldo”, no **Jornal do Commercio**, edição de 26.4.1936).

O **LEVIATAN** — Foi fundado anos depois, pelo mesmo jornalista mirim, segundo o artigo acima mencionado. Era um “semanário sem atrevimentos, sem grandes vãos e que morreu tranqüilo como um pintassilgo”.

O **FANTOCHE** — Órgão do Clube Carnavalesco **Fantoches do Recife** — Apareceu a 21 de fevereiro de 1909, em bom formato de quatro colunas, com quatro páginas, sendo confeccionado em papel couché, na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo), ns. 49/51.

Servido de bastante matéria, em prosa e verso, foi um dos melhores jornais carnavalescos já aparecidos no Recife. Teve a colaboração de **Adauto Acton, Dudu Peralta** (pseudônimo de **Durval de Brito**), **Seubra, Frei Belisca, Farçola, Zuzu Pedante, Biaulibro, Nô de Nana Ramos, Arlequim, e Folgazão**, afora interessantes trepações, pensamentos e trovas soltas.

Nova edição — ano II, nº 1 — saiu no dia 6 de fevereiro de 1910, com idênticas características, nela aparecendo **Bráulio Fraga** em prosa e verso; **Tutu Manhoso** (pseudônimo de **Sebastião Pinto Ribeiro**), **Ely Jota, Vivi-Oli, Wilson Costa** e outros escritores e poetas carnavalescos.

A 26 de fevereiro de 1911 circulava o nº 1, ano III, ainda atraente e bem redigido, a destacar a prosa de **Oscar L. de Araripe Costa** e **Pietro Nerosci**; os sonetos de **Tondela Júnior** e **Nero Neptuno** e o poema de **Flávio Smart**, como se ocultava **Franklin Seve**.

---

(1) O primeiro, também intitulado **A Lucta**, saiu em 1908, na Vitória de Santo Antão, e sua históriazinha constará do Vol. XIV desta obra.

Sempre nitidamente impresso, em ótimo papel, mas em formato menor, de três colunas, surgiu o nº 1 ano IV, a 18 de fevereiro de 1912, contendo produções, em prosa, de **Guariba**, **Pipi**, **Juramo** e **Cabeça Grande**; e em versos, de **Caitano Galhardo**, **Apeles**, **Jotamaro**, **Gilgazo** e **Hermes Sandoval** (Horácio Saldanha).

Publicou-se, finalmente, o nº 5, ano V, a 2 de fevereiro de 1913, no formato maior, excelente trabalho gráfico da oficina de **J. Agostinho Bezerra**, à rua do Imperador ns. 33/35. Bastante matéria de fundo carnavalesco, assinada por **J. Vanderlei**, **Albino de Brito**, **João Feio**, **Zé da Gaita**, **Saldanha Neto**, **Lúcio de Alfombra** (pseudônimo de **Frederico Codeceira**), **Ferdinando**, **Vicente Sarmento**, **Dominó**, ou seja, **Alfredo do Carmo**, e outros (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O **GAROTO** — “Com o título acima, foi publicado, sábado último, nesta capital, um jornalzinho humorístico sob a direção do **Dr. 19½** (**Inf. d’O Bloco**, 20/4/1909).

O **ALERTA** — “Um grupo de rapazes amantes das letras fundou um jornalzinho com o título acima. Este jornalzinho será semanal ou mensal” (**Inf. d’O Bloco**, 20/4/1909).

O **BLOCO** — Jornalzinho de propriedade do **Dr. Caxambu**, circulou no dia 20 de abril de 1909, formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas, impresso em papel assetinado. Pretendia cobrar 2\$000 por assinatura anual, custando \$100 o número avulso.

Tinha o objetivo de promover “concursos de diversas naturezas”, declarando-se também humorístico. Mas teve pouca expressão a matéria nele inserta, mal redigida, salvando-se o poemeto “A neblina”, assinado por **Seci**. Não prosseguiu (**Arq. Púb. Est.**).

**HELIANTHO** — Órgão Literário e Noticioso — Saiu a lume no dia 6 de maio de 1909, formato de 35x23, com quatro páginas de três colunas. Redatores — **Pedro Martins da Silva**, **Randolfo Sousa** e **Sebastião Pinto Ribeiro**. Sediado no subúrbio de **Campo Grande**, à **Avenida Elpidio de Figueiredo** nº 211, imprimiu-se na oficina da **Agência Jornalística Pernambucana**, com o objetivo de circular mensalmente. Preço da assinatura semestral — 1\$500.

Mais literário do que noticioso, o periódico, cuja existência se limitou a duas edições, divulgou trabalhos, em prosa e verso, dos redatores e de Naasson de Figueiredo, Targélia Barreto de Meneses, Ernesto de Paula Santos, Amélia Rodrigues, J. Guimarães Júnior, J. H. de Sá Leitão, Estanislau de Sousa, Plínio Tarquínio e outros.

O segundo e último número teve a data de 7 de junho (**Bib. Púb. Est., Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**A GREVE — Livro de Sortes** — Entrou em circulação, “confeccionado com muito espirito, por dois humoristas que se ocultam sob o anonimato de **Zé Pihéria** e **Pedro Alegre**”, dividindo-se-lhe a matéria em três partes: Sortes, Literatura e Chave dos Sonhos. Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Agostinho Bezerra, estampou na capa simbólico desenho de **Til** (pseudônimo de Osvaldo de Almeida), representado por “uma mulher de cabelos desgrenhados, saia encarnada, rôta, tendo os braços presos às costas” (**Jornal Pequeno**, 27/5/1909).

**O GUARDA NOTURNO** — Outro livro de sortes publicado, que seria “o prato predileto das leitoras **smarts**, para os soberbos serões das festejadas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro”. Organizado por **Zebedeu**, apresentava “esplêndidas sortes e excelente parte literária” (**Jornal Pequeno**, 6/5/1909).

**O CANDIDATO** — Esse livrinho de 56 páginas, vendido o exemplar a 500 réis, teve como redator **Zebedeu Só**. Estava “escrito com muita verve e decência”, contendo Sortes, Literatura, Humorismo e Variedades (**Jornal Pequeno**, 14/6/1909).

**A CANGICA** — Foi anunciado como “o único livro de sortes” que dava “dez prêmios em centenas”, numa edição de 1.000 exemplares. Matéria variada e atraente para os serões familiares (**Correio do Recife**, junho, 1909).

**O FURA-BOLOS — Livro de Sortes** — Publicou-se em junho de 1909, em formato de 17x11, com 112 páginas, mais a capa, ilustrada de acordo com o título. Direção de **Bibelot** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro), que completava 15 edições no gênero, de títulos os mais variados. Indicação do expediente: “Sortes de furo, com a gentil colaboração do Conde Patrício, que as dedica às nossas patricias”.

Sua matéria dividiu-se em três partes, a saber: “Sortes de estalo”, “Mágicas & Prendas — Levitação de corpos inanimados” e “Cantos & Contos — Salada de Letras”, contendo diferentes transcrições e muitos anúncios entremeados. No fim, em papel especial, um hino dedicado ao Tiro Pernambucano (**Bib. Púb. Est.**).

**O FANTOCHE — Livro de Sortes para S. Antônio, S. João e S. Pedro** — Saiu em junho de 1909, formato de 17x11, com 80 páginas de texto e boa capa, ilustrada por **Olenka** (pseudônimo de Baltazar da Câmara). Feito “ao rigor do **smartismo**, pelos cavalheiros **Conde Castiglione** e **Tagliaferro Filho**” e “temperado a capricho para todos os paladares”. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Recife.

Assim concluiu a versalhada sob o título “Abrindo a cena”:

“Eu sou a graça, o deboche,  
Eu fiz um **trust** do riso  
Para editar n’**O Fantoche**”.

Após a inscrição das Sortes, constou a segunda parte do magazine de “Literatura, Humorismo, Música e Teatro”, tendo como colaboradores **Martins Filho**, **Invisível**, **Antônio Apolinário Tenório de Cerqueira**, **José Apolinário**, **José da Silva**, **Arnulfo Falcão**, **Gonçalves Lima**, **Sebastião Caldas** e **Lalete Lemos**.

Completou a edição a comédia de um ato “A boneca de **Lúcia**”, em versos de sete sílabas, que tinha como autor **Tagliaferro Filho**, pseudônimo sob o qual se ocultava **Domingos Vieira** (**Bib. Púb. Est.**).

**A BOMBA — Livro de Sortes... de estouro** — Foi editado em junho de 1909, por **Teixeira & Macaxeira**, obedecendo ao formato de 17x11, com 68 páginas, mais um Suplemento de 28 e a capa, trabalhada em vinhetas. Confecção gráfica da Imprensa Industrial, à rua do Apolo. Dizia-se “remédio infalível para as moléstias do coração. Elixir sanativo... dos desgostos da humanidade. Alívio dos coiós com ou sem sorte. Tesouro das moças solteiras, alegria das casadas, consolação das viuvas e defensora perpétua das santíssimas sogras. Arranjada, misturada, amassada, socada e disparada pelos melhores **fogeteiros** deste mundo: humoristas, literatos, poetas, filósofos, etc., etc., da época presente”.



Em seguida ao "Intróito", em versos de sete sílabas, e às Sortes, a revista dispôs de uma "Parte Literária", constituída de transcrições, e interessante série de poesias leves e epigramas de **Black** (pseudônimo de Severino Alves Barbosa) e de **Raul Pimpolho** (Armando Oliveira). Do Suplemento constou a comédia de um ato "Pena de Talião", "escrita, especialmente, para **A Bomba**, pelos conhecidos humoristas **Raul Pimpolho & Black**" (Bib. Púb. Est.).

**O BOI — Livro de Sortes** — Apareceu em junho de 1909, formato de 17x11, com 96 páginas, afora a capa. Sob o título, trazia a divisa: "Símbolo da paciência e do amor ao trabalho. Bicho manso que, quando se zanga, arremete". Declarava-se "familiar por excelência; gracejo e malícia sem ofensa e sem escândalo". Diretor — **Fortunato Ventura**. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial.

Apresentou-se o magazine com os versos intitulados "Dando entrada...", que era uma autobiografia do Boi. Figurou, noutra página, mal encarado desenho, sob o título "Retrato do Autor", e, abaixo, a seguinte sextilha, assinada pelo pseudônimo em causa, um disfarce do renomado poeta Ernesto de Paula Santos:

"Almas que andais ansiosas de ventura,  
Na estranha plaga onde o ideal fulgura,  
Buscando glórias, aspirando amores...  
Vereis aqui, ao rebolar dos dados,  
Os vossos ideais cristalizados  
E as vossas crenças rebentando em flores..."

Além das Sortes, a matéria d'**O Boi** constituiu-se do "Teatro da Moda" (canções e cançonetes) e da "Literatura Boêmia", dirigida por **Chico Contente**, com a colaboração de Valfrido Leonardo Pereira, **D. Xiquete** e Mendes Martins. No mais, boas transcrições e anedotas. Alguns anúncios (**Colec. Moacir S. Maior**).

**A SENTINELLA** — Semanário independente, deu à luz a edição de estréia no dia 12 de julho de 1909, formato de 28x24, com oito páginas. Corpo redacional: Adauto Acton (redator-chefe), Baltazar da Câmara (diretor artístico), Monte Sobrinho (secretário), Alfredo do Carmo, João Eufrásio Guió de Sousa, Alvaro de Assis Brasil e Jeremias de Albuquerque Mafra. Im-

primiu-se na oficina da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 18/20, estabelecendo redação e escritório na Praça da Independência nº 10, 1º andar. Tabela de assinaturas: doze meses — 6\$000; seis meses — 3\$500; três meses — 2\$000. Preço do exemplar — 100 réis. Anúncios e publicações pagas, por mês: página — 60\$000; meia página — 30\$000; um quarto — 15\$000; um oitavo — 8\$000. Notícias-reclamos: na 1ª página — 200 réis a linha, por edição; nas demais — 100 réis; preços susceptíveis de descontos.

Precedeu o editorial de abertura a reprodução do § 12, art. 72, da Constituição Brasileira. Após algumas considerações a respeito do ideal e do dever da mocidade, salientou o articulista: “**A Sentinella** propõe-se, unicamente, a ser um órgão das idéias e das crenças de um punhado de moços republicanos e, ainda mais, das idéias e das crenças de todos aqueles que, pensando conosco, quiseram nos ajudar nesta santa cruzada. Não é e não será, jamais, um órgão político-partidário”. Analisaria, “desapaixonada e independentemente, os homens, a política nacional, os destinos da república brasileira e todos os ramos da vida social”. Defenderia as artes, as letras, a ciência, o comércio, a agricultura, a indústria, todas as classes sociais”.

O primeiro e o segundo números do periódico apresentaram variado sumário, incluindo editoriais de apoio à candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à Presidência da República. As três últimas páginas formavam um suplemento humorístico, intitulado **Zé Povo**, sob a direção de **Zé da Gaita Júnior**, contendo algumas ilustrações e boa coletânea de chistes e epigramas, de acordo com o programa delineado: “O suplemento d’**A Sentinella** vem ajudar o leitor a ver-se livre da tristeza que porventura sofra, buscando provocar-lhe a bossa da alegria, desopilá-lo um pouco, ao menos um pouquinho”.

Não passou do nº 2, de 20 de julho (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O DILUCULO — Órgão do Ateneu Literário Alfredo de Carvalho** — Apresentado em formato de três colunas (28x19), com quatro páginas e boa aparência material, surgiu no dia 25 de julho de 1909, dizendo o editorialista, no artigo-programa:

“Não será qual foco de luz, imenso, que tenha imensa radiação. Não. Será apenas o dilúculo do espírito de moços, primícias do seu intelecto”.

Com redação, primeiro, à rua do Rangel nº 8, 2º andar, e depois à rua Larga do Rosário nº 6, 3º andar, assinava-se a 1\$500 por ano e \$800 por semestre, custando o exemplar \$100.

Publicação mensal, aparecia, contudo, em datas divergentes, divulgando tão somente matéria literária, em prosa e verso, firmada por Umberto Carneiro, Alfredo Sotero, Gercino Malaguetta de Pontes, Albino Buarque de Macedo, Nestor Diógenes, Nelson Figueiredo, Durval César de M. Lima, Flávio Meireles, Manuel Olímpio Romeiro, L. A. Cabral de Melo e Domingos de Abreu. A começar do nº 9, a folha exibia excelente papel **couché**.

Só na edição de 28 de Abril de 1910 tornou-se conhecido o corpo redacional d'**O Diluculo**, constituído de Alfredo Sotero e Umberto Carneiro, o primeiro dos quais substituído, na 16a. edição, de 27 de junho de 1911, por Clóvis Vanderlei. Foi este último, aliás, um número especial, de aniversário, com 16 páginas, que dedicou grande espaço ao historiador Alfredo de Carvalho, estampando-lhe o clichê na primeira página e inserindo artigos alusivos à sua personalidade, assinados por José Veríssimo, Oliveira Lima, Max Fleuiss e Artur Muniz. A edição de igual data do ano anterior, com as mesmas características, teve apenas oito páginas.

Impresso, a princípio, na tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33; continuou, desde o nº 4, na de J. Regadas & Irmão, à rua de São Francisco nº 41, e, a partir do nº 9, na oficina da Livraria Francesa.

Depois do nº 14, de 31 de agosto de 1910, a circulação do jornal foi irregularíssima, tanto que o nº 17, provavelmente último, teve a data de 11 de outubro de 1911 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O ECHO DA PREDIAL — Órgão da filantrópica Sociedade Cooperativa Predial dos Proprietários** — “Sem caráter político nem religioso”, publicou-se, pela primeira vez, em agosto de 1909, formato de 48x34, com quatro páginas a três colunas largas de composição. Tiragem declarada de cinco mil exemplares, sendo impresso na tipografia da Ag. Jornalística Pernambucana. Do cabeçalho constavam conselhos sobre as vantagens proporcionadas pela leitura do jornal e as seguintes sentenças de Cícero, uma de cada lado: “É mais agradável ser útil a todos do que possuir grandes riquezas” e “Não se meça tudo pelo interesse”.

A par das diversas notas informativas e de propaganda da Cooperativa, a folha inseriu colaboração assinada por Gervásio Lobato e Leodegário Varejão e vários clichês (recebidos de Hamburgo, Alemanha) de tipos de habitação da Europa e edifícios monumentais dos Estados Unidos.

Voltou a publicar-se — nº 1, ano II — em março de 1911, reduzido o formato para 35x25, impresso na Tipografia Moderna, à rua Duque de Caxias nº 38. Só divulgou matéria relativa à então denominada Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada Predial Pernambucana.

Ainda circularam três edições d'**O Echo da Predial**, datadas de agosto, de setembro e de outubro do mencionado ano (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (1).

**O PAPAÓ — Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso** — Apareceu no dia 14 de agosto de 1909, formato de 45x32, com quatro páginas a quatro colunas de composição, tendo como redator-responsável **Dr. Peixe-Boi**. Assinaturas a 10\$000 e 6\$000, respectivamente, por ano e semestre.

Lia-se no "Artigo de fundo": "Aqui está, pessoal, **O Papão**, grande órgão que, a começar deste número, vai ser escrito sem ofensas, com o humorismo estraido a guindaste de nossa quengologia. Agora, sim, vocês, leitores, vão ver o que é uma folha que aparece para fazer rir sem ser causticante, irreverente, sem ser leviana".

Tendo começado com o nº 1, ano I, passou, na segunda edição, para o nº 15 (?), ano X, pretendendo seguir, assim, a numeração d'**A Pimenta**, que fora suspensa (por determinação policial) ao divulgar o nº 10, de 27 de julho.

Nada obstante o enunciado na sua nota de apresentação, o órgão substituto seguiu as pegadas do substituído, inserindo ilustrações do gênero fescenino, legendas de duplo sentido, "Vida alegre"... do **bas fond**; "Perguntas e respostas" em versos irreverentes; as "Proezas de **Zé Macaco**"; "Por um óculo"; "É com isto que Vovó se dana", pelo **Netinho d'Ela**; "Pragas"; "Os quengos da época"; "Tele...fonadas", etc., chegando a ins-

---

(1) Nenhuma das duas coleções manuseadas é completa, mas completam-se entre si.

tituir, já no fim, sem resultado, o seguinte concurso: “Qual é a **estrela** de mais belas formas do brejo?”

Entre seus colaboradores, salientavam-se: **Diabo Louro** (pseudônimo de Valfrido Leonardo Pereira), **Desinfetante**, **Juca Letrado**, (Miguel Magalhães), **Zé Vitu** e **Leumas** (Samuel Campelo). Algumas das **charges** inseridas tinham a assinatura de **Venu** (Benevenuto Teles), aproveitadas de publicações anteriores. Não deixou, também, de ter anúncios, deixando muito a desejar a feição gráfica.

Viveu, **O Papão**, até o nº 33, ano X, de 20 de dezembro, na realidade com apenas 19 edições publicadas (**Arq. Púb. Est.**).

**O PAPAGAIO — Periódico Ilustrado, Humorístico e Noticioso** — Começou a publicar-se partindo do nº 386, ano VII, a 16 de agosto de 1909, em continuação a **O Periquito**, sem sofrer qualquer alteração, seja material, seja intelectual, seja no tocante à periodicidade bissemanal, mantidos os preços de 10\$000 e 5\$000 por assinaturas anual e semestral, respectivamente.

Em editorial, a redação esclareceu os motivos da transformação do **Periquito** em **Papagio**, ocasionada por uma ordem do chefe de Polícia Ulisses Costa, mandando suspender a publicação daquele órgão, que “só divulgava a verdade”. Outro artigo, na quarta página, intitulado “Plataforma”, aludia “às intempéries por que passa um periódico”, frisando:

**O Papagaio**, confiado à direção de **J. Periquito**, está disposto a lutar contra inimigos gratuitos que, covardemente, trabalham para a extinção dos periódicos, porque lhes botam a calva à mostra e comentam fatos vergonhosos. Traçamos aqui a nossa plataforma: não atacaremos o lar das famílias, não nos imiscuiremos com fatos que venham, mesmo de leve, afetar a honestidade alheia; a nossa preocupação será exclusivamente troçar os coiós, ridicularizar as mundanas, jogarmos com a sátira sem ofensa, levarmos tudo ao ridículo. Trataremos, também, de assuntos sérios”.

Não foi melhor nem pior do que o órgão substituído. Criaram-se novas seções, tais como: “Revelações de um papagaio”; “De janela a janela”; “Telegrafia sem fio”; “Postais mundanos”; “Piparotadas”; “Notas brejeiras”; “Chicoteando”; “Cipoadas”; “Confissionário d’O Papagio”, etc., variando de pseudônimos, a ressaltar os de **Linguarudo**, **Zé Perigo**, **Krichna**, **Ra-**

**dioso, Olho Vivo, O Homem da Sota, Dr. Picareta** (Luiz Francisco Mendes), **Paulo Tebas, Zé Cavador, Dr. Pixote, Flósculo da Paz, Frei Celeste, Paulo de Alencar e Mário Didier**, que era Coimbra Lôbo.

Assim ultrapassou o ano, prosseguindo 1910 afora, sem mais novidades nem modificações, a não ser, já na edição de 2 de abril, a volta ao cabeçalho do lema d'**O Periquito**: "Vai ou racha; entra ou arrebenta".

O bissemanário sempre deu cobertura às temporadas teatrais, inclusive estampando clichês de artistas. Não lhe faltou, também, uma página de anúncios. Nem faltaram as **charges** com legendas de duplo sentido.

Após o nº 482, de 24 de dezembro, ficou **O Papagaio** suspenso por alguns meses, para voltar à atividade a 15 de abril de 1911, quando a edição foi dedicada a Judas. A suspensão ocorrera enquanto se procedia à compra da tipografia na qual passou, então, a ser impresso. Continuava, segundo escreveu o redator, o seu programa "moderado", sem enveredar "pelo lar das famílias". Os assinantes antigos receberiam a folha, durante três meses, gratuitamente, nada perdendo com a paralização, e os novos teriam um abatimento de vinte por cento.

Tendo assumido a direção **Zé Perigo**, surgiram novas seções, a saber: "Conselhos inúteis"; "Na berlinda"; "Beliscões"; "Pessoal da vida"; "Coisas que encabulam"; "Teatro da moda"; "Serenata"; "Fora da capital" e outras, de maior ou menor duração. Criou-se, igualmente, uma seção de charadas: "Quebra-cabeça".

Quantos pseudônimos! Eram eles: **Acácio Júnior, Frei Max Mínimo, O Beliscador, Zé Frutica, Alpha Sigma, Tucano, João Redondo, Tutu Manhoso** (Sebastião Pinto Ribcero), **Zé Pequeno, Chico Danado, Fulano dos Anzóis Carapuça, J. Gramofone, Pik Poket, Simplório Baiacu** (Severino Alves Barbosa), **Prof. T. Melo, Bisturi, Zé Babão**, etc. A começar de 24 de maio iniciava-se a inserção do folhetim "Impudica" (romance realista), de **Paulo de Pádua**, a que se seguiu, a 5 de junho, "Alina" (poema cômico e satírico em quatro cantos), da dupla **Black** (o mesmo S. A. Barbosa) e **Raul Pimpolho** (disfarce de Armando Oliveira).

Venu (ou B. Teles) era, sempre, o mais assíduo colaborador de ilustrações, além das que o periódico republicava de edições antigas.

A coleção manuseada guarda comprovantes d'O Papagaio até o nº 535, de 28 de outubro de 1911.

Teria sido suspenso nessa data. Como sinal de que o periódico viveu em 1912, existe, na Biblioteca Pública do Estado, seção de jornais interditos ao manuseio, um exemplar do nº 6, de 15 de novembro.

Depois, através de um volume de Diversos, da mesma Biblioteca, foi possível seguir a rota do debochado órgão. Reapareceu com o nº 1, ano I (?), a 16 de outubro de 1913, com redação instalada à rua Francisco Jacinto (depois denominada São Francisco e hoje Siqueira Campos) nº 2, local da nova tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, onde ficou sendo impresso. Nenhuma modificação quanto ao programa da fase anterior, resumida no item: "fazer rir, sem ofender, a toda a humanidade, no céu, na terra e em todo lugar".

Entretanto, o "jornal de maior circulação" não foi muito longe; só chegou ao nº 8, de 18 de dezembro.

Mais alguns meses e O Papagaio veio novamente à tona em 1914, com quatro páginas, apenas, e melhor feição gráfica, impresso, em bom papel, na oficina do **Diário de Pernambuco**, à praça da Independência. Ainda o mesmo programa, incluindo desenho escabroso na primeira página, com legenda, em versos, de duplo sentido. Era, porém, o fim. Sairam duas edições, datadas, respectivamente, de 7 e 15 de julho, com os ns. 9 e 10 e, inexplicavelmente: ano IX (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.** (2)).

**A PENNA — Periódico Ilustrado, Humorístico e Noticioso** — Saiu a 22 de agosto de 1909, formato de 19x15, com quatro páginas de duas colunas. Diretor-proprietário — (Francisco de) Oliveira e Silva; redatores — Abdon Gomes Fernandes e Venâncio Rodrigues Teixeira; gerente — José Valdemar de Figueiredo. Assinaturas: anual — 3\$500; semestral — 1\$500; nú-

---

(2) A coleção, até 1911, pertence ao Arquivo Público Estadual, só existindo, na Bib. Pública do Estado, a parte restante.

mero avulso — \$100. A redação... foi instalada à rua da Concordia nº 123.

“...pequena no formato”, era “grande nas idéias”, segundo o artiguete de apresentação, que logo acentuou: “E quem poderá contestar o valor de uma pena, esse objeto minúsculo, que, ao mesmo tempo, é um colosso em todo o universo!” Seu lábaro seria “difundir a instrução popular”.

A pequena edição foi sobretudo noticiosa, nada ilustrada, algo literária, com uma crônica de Alves Mendes, e mais notas sociais de F., terminando com a “Seção infantil”, por **Fakir**.

Não consta haver circulado o segundo número. (**Arq. Púb. Est.**.)

**O ATIRADOR — Órgão de Propaganda e Informações da Sociedade Cívico-Militar “Tiro Pernambucano”** — Revista mensal, entrou em circulação a 7 de setembro de 1909, formato de 22x16, com 24 páginas de texto. Sob o título, a divisa: **Si vis pacem para bellum**”. Diretor — Mário Melo; redator — Tenente José Bento Tomaz Gonçalves. Assinatura anual — 5\$000; semestral — 3\$000. Número avulso — \$500. Segundo resolução de assembléia geral, cada associado contribuía com \$300, mensalmente, para a manutenção do órgão, com direito a um exemplar grátis. Sede à rua Barão de São Borja nº 49.

Lia-se no artigo de apresentação: “Com o intuito unicamente de desenvolver, cada vez mais, em nosso Estado, parte da obra do Marechal Hermes da Fonseca, despertando o entusiasmo da mocidade pernambucana, para lhe mostrar o caminho do dever, aparece **O Atirador**. Trabalhar, pois, pelo engrandecimento da pátria, militarizando o cidadão, iniciando-o nos segredos da arte de Marte, hoje tão profundos e tão adiantados, apontar aos tateantes o alvo para onde nos dirigimos, animar os que conosco partilham as mesmas idéias e convencer os retrógrados e os que esperam que a força do direito esteja a dominar o direito da força entre os diferentes Estados do Universo, é mais ou menos a nossa missão, o fim a que nos propomos”.

Concluiu o editorialista: “As lutas partidárias que infelicitam a marcha progressiva do Brasil e as questões religiosas que surgem em todo o âmbito do país não serão, nem de leve, tocadas em nosso órgão”.



A edição de estréia estampou, na primeira página, clichê do Marechal Hermes, continuando o exemplo, nas seguintes, com o de outras personalidades militares. Logo de saída, o diretor e o redator assinaram, cada um, dois artigos. Mais matéria específica e fotogravuras.

Com variável quantidade de páginas, mínimo de 18 e máximo de 32, em numeração seguida, circulou a revista regularmente, até o nº 4, do mês de dezembro. Decorrido certo interregno, o nº 5 saiu a lume em junho de 1910, só aparecendo o 6º em setembro e o 7º em janeiro de 1911, formando um total de 178 páginas. Essa última edição divulgou, apenas, dois relatórios militares.

(Um pouco de confusão: a página de rosto do nº 5, este expresso na capa, aparece como nº 1, ano II. O nº 6, assim mencionado na capa, apresenta-se, na folha de rosto, como nº 7, ano I. O nº 7, certo na folha de rosto, inscreve na capa: nº 6, ano II. Nenhuma alteração, porém, quanto ao mês da publicação).

Todos os movimentos do Tiro Pernambucano foram consignados na revista, através de notícias, comentários e reportagens ilustradas, além de artigos assinados por Parente da Costa, Alípio Bandeira, Mário Melo e tenente J. Bento T. Gonçalves, em tudo predominando o caráter cívico da publicação (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**FUNDÃO** — Circulou a 27 de setembro de 1909, no Acampamento de Beberibe, por ocasião das manobras militares então relaizadas. Redação sob a Mangueira-Mãe; diretores — tenentes Vital Sobrinho, Rodrigues Galhardo e dr. Heitor Borges. Constava do artigo de fundo:

“Órgão dos interesses das classes conservadoras, este jornal não mantém compromissos políticos de espécie alguma, batendo-se, com o desassombro que o caracteriza, em prol dos alevantados princípios da moral cristã, em correspondência com as leis biológicas que regem a espécie **maroim**”.

Datilografado em máquina Oliver, constituía um dos entretenimentos da tropa, nas horas não dedicadas aos exercícios de adestramento das armas, enchendo-se-lhes as colunas de chiste, graça e humor; mas só aceitava colaboração que não ofendesse o pudor masculino.

Declarando-se órgão diário, não foram dados à publicidade todavia, mais do que cinco números, o último dos quais datado de 9 de outubro e melhorado de condições, pois saiu impresso tipograficamente, na oficina do **Jornal do Recife**.

Não restou, como lembrança, nenhum comprovante, sendo os dados acima colhidos no noticiário do **Jornal do Recife**.

**MAROIM** — Foi outro jornalzinho do acampamento das manobras militares, título que adveio da enorme quantidade de pernalongos que enfrentaram a tropa. O nº 1 surgiu no dia 29 de setembro de 1909, dirigido pelos voluntários acadêmicos Rômulo de Azevedo, Antônio Swenson e Alexandre Mota. Igualmente “diário” humorístico, circularam apenas duas edições, a última delas datada de 30 de setembro. (Do noticiário do **Jornal do Recife**).

**JORNAL DOS FUMANTES** — Órgão “de indicações úteis aos srs. fumantes em geral”, para distribuição gratuita, circulou o nº 1 datado de novembro de 1909, formato de 25x17, com quatro páginas. Imprimiu-se com tinta vermelha, na tipografia da Ag. Jornalística Pernambucana.

Após a “Explicação necessária”, a folha divulgou, como matéria única, uma relação das casas comerciais distribuidoras dos produtos da Fábrica Lafaiete, terminando por ocupar a página de fundo um anúncio da novidade da época — o cigarro **Az de Ouros**.

Ficou na edição de estréia (**Arq. Púb. Est.**)

**O PAO CARIOCA** — Dedicado aos inúmeros apreciadores dos excelentes **Pão Carioca e Bolacha Ingrata** — Apareceu em dezembro de 1909, obedecendo ao formato de 25x19, com quatro páginas. Foi editado pela Padaria São Miguel, do subúrbio de Afogados, propriedade de Silva Barreto, com tiragem declarada de 15.000 exemplares.

Apresentou, na página de frente, saudações natalinas aos leitores (melhor: aos clientes), sendo o restante da matéria constituído de anúncios, comentários ligeiros e anedotas (**Col. Franc. Roiz**).

**ECHO DO POVO** — **Jornal de Livre Opinião** — Surgiu a 10 de dezembro de 1909, formato de 42x39, com quatro páginas de

quatro colunas. Direção e propriedade de Artur Lapa e Leonel Meira, funcionando a redação na rua 15 de Novembro (antiga e atual do Imperador) nº 45. Preço da assinatura mensal — 1\$000. Número avulso — 100 réis.

“...órgão por excelência do operariado e das classes baixas da sociedade pernambucana, tão desprotegidas da imprensa, tão perseguidas pelos governos, tão exploradas pelos potentados e ricos” — consoante o artigo-programa — nele encontrariam guarida e proteção “todos os perseguidos, todos os explorados”. Indo mais além, criticaria os erros dos governos e os impostos vexatórios, defendendo o comércio, a indústria e a lavoura”.

Tendo duas páginas de anúncios, pretendia publicar três edições por semana; mas não passou de bissemanário. Bastante noticioso, comentava os fatos mais palpitantes, fazendo-o em linguagem pálida, só algumas vezes com a assinatura de A. L.. Sem ter feição literária, inseria raros sonetos não originais.

Encerrando o ano o nº 6, saíram, ainda, os ns. 1 e 2, ano II, de 5 e 10 de janeiro de 1910 (sem trocar, no cabeçalho, os algarismos de 1909. E não voltou jamais a publicar-se (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**)).

**O CAÇADOR — Órgão de Propaganda Comercial** — Sem nenhuma indicação de data, circulou o primeiro número em dezembro de 1909, formato de 36x25, com quatro páginas a três colunas de 16 ciceros. Diretor — Martins Filho. Impressão, utilizando tintas de cor, da tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 77.

Sairam mais duas edições, igualmente sem data, em janeiro e em fevereiro de 1910, sendo a última no dia exato do Carnaval.

Sua matéria constituia-se, não só de propaganda do Armazem do Caçador, situado à rua Duque de Caxias nº 60, mas de literatura, em prosa e verso, inclusive assinada por João B. Neves, G. Rodrigues, Targino Filho, R. Neves, Astrogildo de Carvalho e Martinele, ou seja Martins Filho. Os dois números do fim admitiram reclamos comerciais de outros estabelecimentos (**Arq. Púb. Est.**).

1910

**CINEMA** — Revista literária e humorística, surgiu a 7 de janeiro de 1910, formato de 29x19, com 24 páginas, só utilizando o papel **couché**, confeccionada na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51. Lia-se, à guisa de expediente: “Entrada — 300 réis. Funções semanais. Único que exhibe fitas locais e sempre novas. Não há calor. Ventiladores a gosto da freguesia”. No cabeçalho interno: “**Cinema** — como o “Roial” e o “Pathé” — é também propriedade de uma empresa”. Na capa figurou paisagem fotográfica. Redatores principais — Manuel Monteiro e Eustáquio Pereira (Faneca).

Prometia, consoante a nota de abertura, “fazer a política do humorismo que alegra, da ironia que não fere, procurando sempre não melindrar suscetibilidades”.

Circulando com a média inicial de páginas, metade de anúncios, o magazine apresentava-se sempre ilustrado com instantâneos fotográficos de acontecimentos do cotidiano e retratos de personalidades locais, sendo o sumário constituído das seções: “Notas de um maluco”, por **João Braz**; “Carta em rima”, por **Zé Joaquim**; “Ditos e brinquedos”; “Nossos esculápios”; “Ai! Laife”, por **Barão Zeta** (pseudônimo de Eustáquio Pereira); “Modas e fanfreluches”, por **Petronius**; “Preciosidades”, além de notas curiosas, anedotas e poesias, estas assinadas por Carlos Porto Carreiro, Mariano Lemos, João Barreto de Meneses, Adelmar Tavares, Artur Lemos (cearense) e **Fanderno** (pseudônimo de Fernando Barroca).

No terceiro número, **Cinema** homenageou a memória de Joaquim Nabuco, estampando-lhe a fotografia e o clichê de um manuscrito de 1906, e oferecendo apoio à iniciativa da ereção da estatua do famoso abolicionista pernambucano.

A partir do quarto número, **Zé Lúcio** escrevia “Modas masculinas”; **Marcelo** (pseudônimo de Mário Sette), a crônica “Collis Postaux”; e **Operador**, “Filmes engrossativos”. Depois, as “Notas de um maluco” tiveram a assinatura de Lélío Júnior e se criou a página (circulada de vinhetas) “Perversidades”, com dois sonetos satíricos, por **Catulo**, o qual se ocupava da vida de intelectuais da terra, vindo ao pé a nota: “Nesta página não se diz bem de pessoa alguma”.

**Cinema** não vinha proporcionando “funções semanais”, como ficara expresso no cabeçalho, mas circulava em datas indeterminadas. Não lhe faltaram bons anúncios. O sétimo número, datado de 4 de abril, foi o último publicado (**Bib. Púb. Est.**).

**FILM — Jornal de Propaganda Comercial e Órgão do Cinema Pathé** — Saiu a lume no mês de janeiro de 1910, formato de 36x25, com quatro páginas de três alentadas colunas. Diretor — Oscar Mendes Antas. Trabalho gráfico da tipografia do **Jornal do Recife**, para distribuição gratuita.

Tinha o objetivo, segundo o artigo-programa, “de proporcionar aos frequentadores horas agradáveis, leituras amenas em descrições interessantes sobre cenas dramáticas e cômicas, sonetos mimosos, novelas delicadas, perfis espirituosos e concursos magistrais”.

Publicou-se irregularmente, contando, inclusive, com a colaboração de Floro e Silva, **Petit, Boireau, V. H. de Moraes e Um Habitué**. Ocorreu nova edição ainda em janeiro, saindo a terceira em fevereiro, para só reaparecer a 2 de julho, substituídas as letras do título por um desenho de **Olenka** (pseudônimo de Baltazar da Câmara). O nº 5, do dia 27, comemorou o primeiro aniversário do cinema de que era porta-voz, terminando aí sua existência (**Arq. Púb. Est.**).

**O FIGURÃO — Órgão do Clube Carnavalesco Figuras & Figurões** — Entrou em circulação a 6 de fevereiro de 1910, obedecendo ao formato de 21x16, com quatro páginas de duas colunas. Responsabilidade de **Quincas Bozó, Pipio, Julião Pernetá, Mimi, Braz e G. Lado**.

O editorial de apresentação reportou-se à criação do clube mencionado no sub-título, cuja diretoria era “composta de rapazes inteligentes e diligentes”. Inseriu interessante matéria, em prosa e verso, no estilo crítico-satírico-humorístico. Entre os colaboradores estavam **Romeu do Val, Derivado e Um Apreciador** (**Bib. Púb. Est.**).

**FOLHA DO COMMERCIO — Órgão dedicado aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria do Norte do Brasil** — Publicação mensal, deu à luz o primeiro número em fevereiro de 1910, formato de 30x21, toda impressa em papel **couché**, sendo a capa de cor. Das suas 40 páginas, apenas 12 continham ma-

téria redacional, constituindo-se a parte restante de reclamos comerciais, até na capa, salvantes, apenas, os cinco centímetros do cabeçalho.

Dirigida “por uma associação”, apresentou uma lista de 21 “redatores e colaboradores”, encabeçada por Alfredo da Rosa Borges, José Maria de Andrade e Ernesto Pereira Carneiro. Assinava-se a 20\$000 por ano e 12\$000 por semestre, pagos adiantadamente. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51.

Dedicada “aos interesses gerais” do Estado, “sem referências à política local e sem mais predileções por idéias de partido ou de grêmios”, veio, segundo o artigo de abertura, “preencher uma grande lacuna na praça do Recife”. Seria “porta-voz dos reclamos das classes laboriosas” e “copiosa fonte de informações úteis”.

Fiel à quantidade de páginas e de anúncios, circularam mais três edições da revista, com artigos de Alfredo de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, José Teófilo, José Mariano Carneiro da Cunha, Antônio Carneiro Leão, Francisco Pinto, Artur Pio dos Santos, Rômulo R. C. de Avelar, José Mariano Filho e alguns outros; mais transcrições e Variedades.

Após o nº 4, datado de maio, não voltou a publicar-se a **Folha Commercial (Bib. Púb. Est.)**.

**O BOI — Gosta da Troça, não tem Canga e nem pucha Carroças** — Folha humorística, apresentando como proprietário e redator **Zé Vaqueiro**, entrou em circulação a 28 de fevereiro de 1910, formato de 33x24, com oito páginas. A primeira divulgou uma cena amorosa, em desenho de **Venu** (Benevenuto Teles), com legenda em versos de sete sílabas e duplo sentido. Pretendia cobrar assinaturas a 10\$000 por ano e 5\$000 por semestre, adiantando o Expediente que, após os dois primeiros números, a publicação se faria bissemanalmente.

Consoante o artigo-programa, **Zé Vaqueiro** proporcionaria aos leitores “literatura humorística em prosa e verso; cenas das ruas; teatro, **sport**, retretas e outras diversões; costumes do povo; militança; ciências ocultas; modinhas, canções sertanejas, cançonetas e crônicas”, esperando agradar e não molestar.

O segundo número saiu com seis páginas, a 15 de março, sendo a **charge** da primeira desenhada por **Guapy** (Herculano de Albuquerque). Matéria bem redigida, de boa verve e fina sátira, assinada por pseudônimos, a saber: **Dr. Cabeçudo**, **J. Papelão**, **Black**, (Severino Alves Barbosa), **F. V.**, **Raul Pimpolho** (Armando Oliveira), **Abelhudo**, etc. Não faltaram, igualmente, reportagens indiscretas, colhidas no "céu brejeiro", com raras ilustrações.

O **Boi** não continuou a fazer graças... logo desaparecendo da circulação (**Arq. Púb. Est.**).

O **PIERROT** — "Em segunda edição, nos entrou de portas a dentro o endiabrado **Pierrot**, que produziu sucesso no meio culto de nossa capital. Está um **Pierrot** de cheirar e guardar" (**Jornal Pequeno**, 5/2/1910).

A **MASCARA** — **Revista Carnavalesca Literária e de Propaganda Comercial** — Apareceu, como número único, no Carnaval de 1910, 6 de fevereiro, para distribuição gratuita. Curiosa publicação, em formato grande, com quatro páginas, apresentava, em todas, matéria redacional no centro — 3 colunas — impressa em azul, e a parte de anúncios em tinta encarnada, formando moldura, num bem acabado trabalho gráfico da tipografia a vapor de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 31/33.

Inseriu excelente matéria dosada da melhor verve, e constituída de sátiras, epigramas, trepações e pastiche de jornalistas locais. (**Bib. Púb. Est.**).

A **POEIRA** — **Jornalzinho** "dedicado ao Clube Espanadores", foi dado à publicidade no primeiro dia do Carnaval (**Jornal do Recife**, 8/2/1910).

**ARCHIVO POPULAR** — Publicação que se dizia semanal, saiu a lume o 1º fascículo no dia 25 de abril de 1910. Conforme noticiou, no dia seguinte, o **Jornal do Recife**, constou da nota de abertura do novo órgão: "...publicado em fascículos de 32 páginas, que serão vendidos a 200 réis o exemplar, o **Arquivo** constituirá um vasto repertório de contos, poesias, anedotas, modinhas, canções, monólogos, duetos, fantasias, enigmas e charadas, reunindo de tudo isto desde o que houver de mais conhecido e vulgarizado até o inédito".

Ao que tudo indica, não passou da edição de estréia.

**POLYANTHÉA** — Circulou a 28 de abril de 1910, por ocasião das homenagens prestadas, no Recife, à memória de Alexandre Herculano, por motivo do transcurso do centenário do nascimento do eminente escritor português, sendo o artigo de abertura da lavra do jornalista Carlos Dias Fernandes (Do noticiário do **Jornal do Recife** em torno do evento).

**O PROTESTO** — Órgão de propaganda socialista, impresso no formato de 31x23, de três colunas, com oito páginas, em bom papel assetinado, teve seu primeiro número divulgado a 1º de maio de 1910, como “homenagem do Partido Socialista Internacional em Pernambuco”. Abaixo do título, liam-se os dísticos: “Proletários de todos os países, uni-vos!” e “O trabalhador unido é invencível!” Da primeira página, toda circulada, constou, apenas, o candente soneto de Francisco Marotti, “Ao 1º de maio”, cujo primeiro quarteto vai abaixo transcrito:

“Maltrapilhos, famintos, proletários  
Da pena, do pincel, enxada e malho,  
Alerta! Alerta, escravos dos salários,  
Escravos da miséria e do trabalho!”

As páginas restantes, a par de uma homenagem a Pedro Alexandrino de Melo, secretário geral do Partido, com o respectivo clichê, e de um soneto de Manuel Sacramento, inseriram artigos alusivos à data, assinados por Antônio Ferreira, Victor Demétrio, João Inácio, Manuel Emiliano, José Dativo, Sigismundo G. de Sousa e outros; notas diversas e “Últimas palavras dos martires”.

O segundo número saiu no dia 23, com quatro páginas, só então indicando os nomes dos redatores: Pedro Alexandrino de Melo e Manuel Sacramento. Constou do Expediente: “**O Protesto** será publicado tantas vezes quantas forem possíveis e de conformidade com a boa vontade dos companheiros”. Assinatura mensal: \$500. Redação à rua Estreita do Rosário nº 19.

As legendas sob o título foram substituídas pelas seguintes: “A emancipação dos trabalhadores deve ser obra deles mesmos” (Karl Marx) e “Trabalhadores: Vosso dever é propagar e defender a imprensa socialista, única que luta de verdade pela vossa emancipação”.

Ocorreu o terceiro (e último) número, nas condições do an-



terior, a 16 de junho. Divulgaram todos matéria de orientação operária e socialista (**Arq. Púb. Est.**).

**O CONTRABANDO** — Primeiro livro de sortes dado a público, para as festas sanjuanescas do ano, foi editado pelo jornal humorístico **O Papagaio**. Contendo 112 páginas, estava “bem escrito”, constituindo-se sua matéria de “variadas sortes e uma parte literária e recreativa, colaborada por vários poetas”. Oferecia prêmio, a sorteio da Loteria Federal, de 50\$000 (**Jornal Pequeno**, 9/5/1910).

**O ADUANEIRO** — **Órgão dos Guardas da Alfândega** — Saiu o primeiro número no dia 15 de maio de 1910, formato de 36x 26, com quatro páginas de três boas colunas. Impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47, instalou redação à rua Coronel Suassuna (hoje, rua Augusta) nº 200. Assinatura anual — 6\$000. Redator-chefe — Otaviano Coutinho; secretário — João de Arruda; redatores — Samuel Valente, Minarte Furtado e José Nunes de Melo; gerente — Ricardo Mercês; tesoureiro — J. Codeceira.

**O Aduaneiro** — dizia o artigo-programa — “vem revestido das galas de um programa verdadeiramente altruístico, porque dedicar-se-á à defesa da corporação de guardas da Alfândega de Pernambuco e tratará do interesse comum à classe, correspondente assim às suas aspirações mais puras, que são: associação coletiva de idéias e união dos elementos dispersivos por entre os seus membros”.

Publicação mensal, “aceita colaboração espontânea de todos quantos quiserem lançar o seu grão de areia nesse edifício de consolidação sublime”, mas “não tomará conhecimento das manifestações políticas, nem de discussões estéreis”.

A edição de estréia apresentou produções dos redatores, comentários, notícias, charadas, pensamentos e uma parte de humorismo.

Jornal bem feito, publicou-se regularmente, no dia 15 de cada mês, chegando ao fim do ano com oito edições, para começar numeração nova em janeiro de 1911. Tratando, sempre e detidamente, dos interesses e reivindicações da classe, contou também com a colaboração, em artigos assinados, de Plínio Dias de Oliveira, Minervino Feitosa, Pedro Barreto de Meneses

e José Lobão, encarregando-se Ricardo das Mercês dos “Perfis a lápis”. Variando a matéria em prosa, apareciam, às vezes, poesias de Otaviano Coutinho, Pedro Barreto ou Sales de Menezes.

Alguns números saíam com seis páginas, ocorrendo a impressão, invariavelmente, em papel *couché*; outros traziam a primeira página ilustrada com fotogravuras. Houve, no decurso da publicação, ligeiras modificações no corpo redacional, com aproveitamento de colaboradores.

No ano II circularam seis edições, a última das quais datada de 15 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

**O DISTRICTO — Órgão Imparcial** — Iniciou sua circulação, como quinzenário, a 15 de maio de 1910, formato de 33x22, de três colunas, com quatro páginas. Propriedade “de uma Associação Anônima”. Diretor — Manuel Paranhos da Silva. Tabela de assinaturas: ano — 1\$500; semestre — 1\$000; trimestre — \$500; para fora da cidade: 2\$000, 1\$500 e 1\$000, respectivamente. Redação: no distrito do Peres (subúrbio de Areias).

“Todas as vezes que aparece um paladino na arena do jornalismo, mais um astro fulgura no horizonte da pátria”. — lia-se no artigo-programa — “Sim, porque o jornal que cumpre o seu dever é o calix onde se liba o nectar da instrução e o escriptorio onde se arquivam as idéias pugnadores da verdade, da justiça e do patriotismo”. Acrescentou: “As suas colunas estão franqueadas às opiniões criteriosas sobre política, religião, ciências, artes, letras, etc., estribando-se todas na moral e nunca envolvendo-se em devassar o lar alheio ou a honra das famílias”.

Propugnando, realmente, pelos interesses do distrito, através de notas e comentários em torno das necessidades locais, além de noticioso, o periódico divulgava também, literatura, humorismo e mundanidades, através de seções como “Passeando”, por **Boêmio**; “Retratando”, de **Carral**; “Cáusticos”, a cargo de **K. Taplasma**; “Fitas”, por **Venus**, e “Traços e Troças”, de **Leumas** (anagrama de Samuel Campelo).

A partir do nº 7, aumentou o formato, adotando três colunas largas e introduzindo anúncios, que encheram a quarta página. Instalou, então, escritório e redação à Estrada do Gi-

quíá nº 235, mudando o sub-título para Órgão Independente e admitindo como redatores Manuel de Oliveira Lopes e Manuel Durães, aos quais se juntaria, já no último número, Rômulo Prazeres. Teve, mais, a colaboração, em prosa e verso, de Pedro Afonso, Monte Sobrinho, Carlos Brasil, **João da Bigorna**, com as “Marretadas...”; **Dr. Bisnagada**, autor da seção “Carnaval de 1911”, iniciada no nº 12, de 30 de outubro de 1910, etc.

Publicado o número seguinte, o 13º, de 27 de novembro, encerrou o **Distrito** sua existência (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A JUSTIÇA** — Surgiu a 20 de maio de 1910, tendo como redatores Benjamin Fonseca, Alberto Saldanha, Teobaldo Saldanha e Horácio Saldanha, com redação no subúrbio de Caxangá. Impresso na Tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de **J. Agostinho Bezerra**, situada à rua do Imperador ns. 31/33, apresentou-se no formato de 34x23, de três colunas, com quatro páginas. Publicação mensal, estabeleceu o preço de \$500 por assinatura trimestral, vendendo o exemplar a \$200.

“...será — dizia o ligeiro artigo de apresentação — um jornal literário, humorístico, noticioso e político algumas vezes”, acentuando: “Ferindo de leve os assuntos, sem ódios, sem ambições, **A Justiça** saberá corresponder em tudo e por tudo à sua denominação”.

Circulou com regularidade, cada mês, mas teve curta existência. Afora as produções assinadas pela turma da redação, foram outros colaboradores: **Silvio**, com a seção em versos “Na flauta” e os “Comentários”; Heribaldo Dias da Costa, Saldanha Júnior, **João Richepin**, José Soriano, **João Boa Vista** e Corinto Vitoriano Filho. A partir do nº 3, **Hermes Sandoval** (Horácio Saldanha) encarregou-se das seções “Esboços” e “Cartas ligeiras”.

O último número publicado foi o 5º, datado de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

**VIUVA ALEGRE** — **Livro de Sortes** — Apareceu “recheado de espírito fino”, contendo, “além de doze assuntos para sortes, uma esplêndida parte literária. Acompanha o citado livrinho, que se vende a 1\$000, a valsa da querida opereta “Viuva Alegre”, nitidamente impresso” (**Correio do Recife**, 28/5/1910).

O PERU — Foi exposto à venda esse “primoroso livro de sortes, caprichosamente confeccionado pelo endiabrado **Fortunato Ventura**, o humorista que ocupa lugar de real destaque no seio das nossas patricias”. Além das Sortes e da parte literária, trazia “uma comédia da lavra do ilustre sr. Ernesto de Paula Santos, d’A **Província**, e mais uma tabela miraculosa para o jogo de bichos, intitulada “O ganha-pão”, e demorada explanação sobre a ciência do catimbao” (**Correio do Recife**, 1/6/1910).

O TALISMAN — Entrou em circulação, organizado por **Bibelot**, o 15º livro de sortes de sua lavra. “Escrito cuidadosamente, destinado a ocupar o lugar que de fato lhe compete entre os seus congêneres”, “contém dez bons assuntos e mais uma tabela própria para adivinhar a idade da pessoa, contos, sonetos, pensamentos, anedotas e monólogos, modinhas e a cançoneta intitulada “O homem do Brum”. (**Correio do Recife**, 6/6/1910).

O CLARIM — **Interessante Livro de Sortes** — “Brinde da Vitalícia Pernambucana”, dedicado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, circulou em junho de 1910, para distribuição entre os mutuários, com 18 páginas e capa a cores. Impressão da gráfica da Livraria Francesa.

Do seu programa constava nada conter que não fosse “moral e digno, desde a parte propriamente de sortes e literatura, nesta colaborando poetas e escritores conhecidos”. Só inseriu mesmo sortes e a propaganda da Vitalícia Pernambucana (**Bib. Púb. Est.**).

O VAGABUNDO DOS ARES — **Livro de Sortes** — Circulou no mês de junho de 1910, obedecendo ao formato de 12x10, com 100 páginas. Direção de **Halley Brothers**. Impressão da tipografia da Ag. Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra.

Declarou-se, ao “Caro leitor”, um livrinho decente e correto, que podia ser lido por quem mais suscetível se julgasse, acentuando: “...está cheio de verve, daquela verve suficientemente arquitetada para arregaçares demasiadamente os cantos labiais e mostrares a fila cerrada dos dentes superiores num riso franco, jovial, sem vislumbres de malícia... E tudo isto, é incrível dizer-se... custa apenas 1\$000.

Sua matéria estava assim dividida: 1ª parte — “Urna das Sortes”; 2ª — “Cata-Vento Cerebral”, de quebra-cabeças e charadas; 3ª — “Tempo da Musa”, com a colaboração de **Marcelo** (pseudônimo de Mário Sette), **Escaravelho**, **Procópio Ventura** e **Orestes**; 4ª — “Eu quero a mala”, **qui pró quó** cômico, em 1 ato, de autoria de Sebastião Galvão (**Bib. Púb. Est.**).

**O ECHO** — **Órgão Literário e Noticioso** — Publicação quinzenal, iniciou-se a 2 de junho de 1910, com redação no bairro do Feitosa, à rua Nova nº 4. Apresentou-se em formato de 24x18, aumentando-o, na edição seguinte, para 29x20, de duas colunas de composição a 12 cêceros, com quatro páginas. Custava 1\$000 a assinatura trimestral. Sob a direção de Joaquim Lima (pseudônimos usados: **Gil Lima** e **Seu Gil**), teve como redator Austricliano Barbosa, ao qual se juntou, depois, Hisbello de Holanda Cavalcanti.

Do seu impagável artigo de apresentação constaram os tópicos a seguir: “Um jornal é sempre um elemento restaurador dos costumes sociais, um apóstolo virtuoso, humilde e honrado, um sacerdote, dizíamos, que distribui a seus párocos o bálsamo causticante às degradações mundanas, assegurando-lhes assim uma vida eterna, suavizada, recompensada e boa.

“Foi talvez apolado nesse princípio sociológico que surgiu **O Echo**, como uma flor pequenina mas atraente em meio dessa vegetação robusta em cuja sombra descansam as mentalidades sadias de nossa terra”.

Afora as produções em prosa e verso, com ou sem pseudônimo, do diretor, o periódico teve a colaboração principal de Eustachio Basselim, com os “Esparsos reflexos”; Ribeiro da Silva, Maciel Sobreira, E. S. B., Pedro Martins, Elpídio Brasil, Maria Natália de Melo, etc., ao que se acrescentava ligeiro noticiário e raros anúncios mirins.

Não passou do nº 7, datado de 11 de setembro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O BICHO** — **Espirituoso e inofensivo Livro de Sortes para as deliciosas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro** — Circulou nos primeiros dias de junho de 1910, formato de 18x12, com 48 páginas de papel comum e capa em couché, ilustrada, impressa a duas cores. Direção de Donato Arruda, sendo o tra-

balho gráfico da oficina do **Correio do Recife**. Preço do exemplar — 500 réis. Prêmio, a sorteio, de 30\$000.

Não é “um bicho de sete cabeças, capaz de vos atemorizar”, — dizia a nota de apresentação, dirigida à “Gentilíssima Leitora”, acentuando: “É um **Bicho** divertido que, nas tumultosas noites festivas de junho, quando nos terreiros as chamas das fogueiras comemorativas se elevam em zig-zags e as espigas de milho crepitam sobre um lado, tornando-se cor de ouro, decidirá o que consultares pelos dados”. Era, finalmente, um **Bicho** “educado na escola do bom e do belo”.

A par das Sortes pròpriamente ditas, em versos de sete sílabas, inseriu lisonjeira parte literária, em prosa e verso, a cargo de Sebastião Pinto Ribeiro; **Black** (pseudônimo de Severino Alves Barbosa); **Gil Lima**; Mendes Martins; **Yoyô Boêmio**, como se ocultava João Magarinos de Souza Leão; Estanislau de Sousa; Manuel de L. Mindelo, etc., além de epigramas, pensamentos, cançonetas e um único anúncio, de meia página, na última da capa (**Bib. Púb. Est.**).

**A MARINHA CIVIL — Órgão dos Oficiais da Marinha Mercante** — Saiu a lume no dia 17 de junho de 1910, formato grande (53x35), com quatro páginas a quatro colunas de composição, trazendo sob o título o seguinte conceito de D'Alembert: “Caminhai sempre para diante, a confiança vos acompanhará”. Diretores — Antônio Carlos Vital, Manuel Joaquim de Santana Castro, Raimundo Ferreira e Raul Armando de Medeiros. Redação à rua Augusta nº 276, 1º andar, e trabalho gráfico da oficina de Júlio Agostinho Bezerra, situada na rua do Imperador ns. 31/33. Assinaturas: anual — 10\$000; semestral — 6\$000. Tiragem declarada: 5.000 exemplares.

Do artigo de abertura, intitulado “**Surge et ambula**”, constou o tópico: “O aparecimento deste novo batalhador marcará uma data de júbilo para os esquecidos operários do mar, porque o seu programa, altruista e patriótico, tem por fim a coesão perfeita das classes de pilotos e maquinistas, o conagraamento de todas as classes marítimas, dentro das normas da boa ordem e disciplina, uma vez sancionadas pelas nossas instituições legislativas, trabalhando todos para o mesmo fim, obedecendo à mesma meta, como satélites de um grande porto, na mesma trajetória do engrandecimento e do bem”.

A edição esteve repleta de matéria alusiva, através de artigos, comentários, transcrições, noticiário e informações gerais, assim continuando mensalmente.

Atingido o nº 4, de setembro, alterava-se o corpo redacional, acumulando o diretor A. Carlos Vital as funções de redator-chefe, ao passo que os demais ficavam com a classificação de redatores, sendo Santana Castro substituído por Antônio Hartmann.

Do nº 6, de 28 de novembro, passou para o 7º, ano II, de 31 de janeiro de 1911. Seguiu-se a publicação, ora mensal, ora bimestralmente. E o nº 11, de 30 de junho, comemorou o primeiro aniversário com o artigo "Uma data feliz", de Carlos Vital, que descreveu a trajetória percorrida, focalizando a "ausência de alguns dos companheiros que compuseram a valente plêiade iniciadora da peleja". Concluiu fazendo um resumo das campanhas encetadas em defesa da classe.

A **Marinha Civil** caminhava para o fim de sua existência, apenas constando do cabeçalho o nome do esforçado diretor. Desde o princípio, teve a colaboração de **Sailor, Argus, Carlos de Sadowa, Stephson Watt, Diniz Papin, R. G. do Carmo, J. Daniel Santos e Samuel Ramos**, este assinando poesias.

O último número posto em circulação foi o 17º, datado de 31 de abril de 1912 (**Bib. Nac. e Bib. Púb. Est.**) (1).

**A VOZ DAS CRIANÇAS — Órgão da União Literária e Recreativa da Escola Paroquial de São José** — Começou a publicar-se no dia 21 de junho de 1910, formato de 8x18, com quatro páginas a duas colunas de 16 cêceros. Comissão de Redação — João Mariz, Silvio Romero e Antônio Soares. Impressão da oficina gráfica da Livraria Francesa, à rua 1º de Março nº 9. Não se distribuindo por assinaturas, recebia óbulos para o custeio das despesas.

Segundo a nota de abertura, o jornalzinho destinava-se a perpetuar "os pensamentos das crianças". Não se publicaria em períodos certos, porém nos "dias mais solenes da vida escolar". Esperava auxílio e benevolência das pessoas grandes...

---

(1) Cols. incompletas, completando-se entre si.

Sua matéria constituiu-se de produções da incipiente literatura escolar, em prosa e verso; "Perfis" e noticiário especializado.

Circulando irregularmente, a folha atingiu o nº 5 no mês de dezembro, edição de seis páginas, de despedida do ano letivo, ilustrada a primeira com fotografia de alunos entre professores.

Inseriu, nos primeiros números, sobretudo, colaboração de **Flávio** e **Silvino Silvio**, pseudônimos do Padre Augusto Alvaro da Silva, o qual, no ano seguinte, foi nomeado Bispo e atingiu o Cardinalato.

**A Voz das Creanças** voltou, após o período das férias, em março de 1911, e no nº 7, do mês de maio, via-se a Comissão de Redação substituída pela seguinte: Reginaldo Pereira, Oscar Mendes Guimarães e Alberto de Oliveira. Chegou ao nº 10 em dezembro.

Encetando numeração nova em abril de 1912, circularam até dezembro oito edições.

Recomeçou — nº 1 — a 19 de janeiro de 1913, aparecendo apenas quatro números até novembro. No ano seguinte, **A Voz** só saiu nos meses de junho, novembro e dezembro, daí passando para dezembro de 1915, quando findou sua existência.

Excetuado Oscar Mendes, que permaneceu até o fim, a Comissão de Redação sofreu alterações a partir de maio de 1912, dela também participando, ora um, ora outro, Manuel Alcides Mendonça, Jurandi da Silva Ramos, Apolônio Silva, José Vasconcelos Borba, Cícero Ferreira e Francisco de Assis Leitão.

Foram os nomes acima os principais signatários dos pequenos artigos, contextos e poesias mirins do jornal, além de alguns outros alunos e professores, sobretudo o Padre José de Sá Leitão, que também se assinava **Vosso Vigário**. A edição de abril de 1912 divulgou uma página do acadêmico Aníbal Fernandes, de incentivo à Escola Paroquial. Ocorriam seções fixas, a saber: "Crônica", por **Alfeu** (pseudônimo de Cícero Ferreira); "Caracterizando", a cargo de **João Caracterizador**, como se o cultava o depois médico Alberto de Oliveira; "Do meu Caderno...", por Duarte Pôrto, e comentários de **Nig de Lurubim**,



que reá o Cônego Benigno de Lira. Prêmios de honra e o resultado dos exames de cada ano letivo eram constantes nas páginas do simpático órgão.

Suspensa, veio à tona **A Voz das Creanças** quase oito anos decorridos, no dia 13 de maio de 1922 (impressão da tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47), na qualidade de "porta-voz de uma nova cruzada", que encetava, "com ânimo varonil e certos de contar vitória completa".

Ficou oculto, nesse último número, o corpo redacional, não havendo mais notícia da publicação (**Bib. Pú. Est. e Coleç. Assis de Sá Leitão**) (1).

A **REVISTA — Semanário Ilustrado** — Apareceu no dia 23 de junho de 1910, formato de 23x16, com 20 páginas de papel **couché**, inclusive a capa, impresso o frontispício em duas cores, tendo ao centro fotogravura do engenheiro **Morais Rego**: Assinaturas: semestre — 5\$000; trimestre — 2\$500 (3\$000 para os Estados); preço do exemplar — \$200. Redação e oficina (de **J. Agostinho Bezerra**) à rua do Imperador ns. 31/33.

Numa nota sucinta — "A entrada" — dizia não ter programa, apenas tratando da elegância e da moda. "Informar-vos-á as novidades da semana, irá surpreender-vos num passeio, numa festa, com a sua "kodac"; ocupar-se-á do vosso **chic**". Concluiu saudando os órgãos de imprensa existentes no Recife, a cada um dedicando uma quadra.

Dirigida por **Oscar Ramos**, circulando cada semana, regularmente, inseria matéria leve, em prosa e verso, ilustrando-a clichês de elementos da sociedade, inclusive instantâneos de rua ou de reuniões, e caricaturas.

Além de notas ligeiras, concursos e anedotas, divulgava crônicas de **Adel Rio** (pseudônimo de **Adelmar Tavares**); versos dele e de **João de Melo Prado**, **Hermes Fontes**, **Carlos Dias Fernandes**, **J. Times Pereira**, **Braulio Fraga**, **Arnaldo Lopes**, **Teodorico de Brito**, **X. Ali**, **Dornelas Câmara**, **Paulo Boêmio**, **Durval C. de Menezes Lima**, **Naasson Figueiredo**, **Orestes**, etc.; trabalhos em prosa de **Barbosa Correia**, **J. Pipio**, **Mozart Loche**

---

(1) Encontra-se desfalcada a primeira das coleções manuseadas, sendo completa, a segunda, até 1915.

(“Artes e Artistas”); J. Lino; **Hélio** (“A semana elegante”); Branca Falcão Cassal; Irene Campos; **Marcelo** (pseudônimo de Mário Sette), que assinava os “Relambórios...”; Felinto Braga; Alaide (“Perfilando”), e outros mais raros.

Manteve um “Album charadístico”, a cargo do **Conde Danilo**, sendo a última página dedicada ao folhetim, com o romance “Werther”, de Goethe, em tradução de João Teodoro Monteiro. Alguns anúncios entremeavam a matéria; outros integravam as páginas internas e a última página. Cada edição homenageava, no frontispício, pondo o respectivo clichê, uma personalidade da sociedade local, estando o serviço fotográfico geral sob a responsabilidade de Louis Piereck. Clichês confeccionados no Rio de Janeiro.

A bem feita revista teve vida efêmera, encerrando sua atividade com o número 12, datado de 14 de outubro, quando anunciava: “No próximo número, grandes novidades” (**Bib. Púb. Est.**).

**A ESCOLA — Órgão Independente, Literário e Noticioso —**  
Foi fundado a 21 de julho de 1910, “pela mocidade da Escola Normal Oficial”.

“Ele vem colocar-se — dizia o longo artigo de apresentação — ao lado dos que corajosamente lutam pela instrução, trabalhando ao mesmo tempo pelo engrandecimento e bem estar do professorado brasileiro”, acentuando: “Não trataremos de política, não discutiremos religião; lutaremos, sim, pela ciência da dignidade — se a tanto nos ajudar engenho e arte”.

Impresso em bom formato de 33x23, a três colunas de composição, utilizando papel especial, **A Escola** apareceu com quatro páginas, inserindo colaboração de Barbosa Correia, Olavo de Menezes, Rocha Pereira Júnior, Eládio dos Santos Ramos, Eduardo de Valois, Napoleão Lira, Silveira Olieva e J. Barbosa. Eram redatores: “diversos”, assinando-se por 3\$000 o trimestre. Impressão da tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador, 31/33.

A partir do nº 2, que saiu excepcionalmente com oito páginas, constou do expediente o seguinte corpo redacional: redator-chefe — Eduardo de Valois Correia; secretário — Olavo Meneses; redatores — Pedro de Oliveira e Silva, Miguel de Aze-

vedo, José Vicente Barbosa e Francisco J. F. Pires, este logo substituído por Napoleão A. Lira; gerente — Manuel R. de Vasconcelos.

Além das produções literárias e discursos festivos dos estudantes, o mensário dedicou apreciável espaço à campanha pró-“unificação das escolas”. Foram outros colaboradores: Deodato Monteiro, Júlia Toscano de Brito, Almeida Lima, João do Patrocínio Oliveira, Luiz Gomes de Melo; F. J. F. P., com os “Troços e Traças”; J. T. Monteiro, Odorico Vilares, Tecla Monteiro, L. Guimarães, etc.

Foi o quarto o último número publicado, com a data de 22 de outubro. (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

A SEMANA — **Periódico Literário, Crítico e Noticioso** — Propriedade de “uma Associação”, sendo redatores Silva Costa, Epitácio Monteiro Pessoa e Alberto Silveira, apareceu no dia 10 de agosto de 1910, formato de 35x23, com quatro páginas de três colunas.

Lia-se no artigo de apresentação: “É um simples soldado que agora se arregimenta nas fileiras das letras, encarando os primeiros combates, com a coragem da luta e com a vista fita na imagem da pátria intelectual, sonhando essa glória do espírito — a instrução”.

A edição de estréia inseriu uma “Seção das Crianças”, por Zinda; a “Coluna elegante”, de Zicos Dublios; noticiário, anedotas, charadas e logogrifos e iniciou um concurso para apurar qual o clube desportivo mais simpatizado da cidade. Com redação à rua Duque de Caxias nº 38, adotou a seguinte tabela de assinaturas: semestre — 2\$400; trimestre — 1\$200; para fora da capital: 4\$000 e 2\$000, respectivamente; número avulso — \$100.

Logo no segundo número **A Semana** aumentou de estatura, alargando suas três colunas de composição, e veio a divulgar a seção “Espécie de crônica”, por Ignotus, e produções outras de A. Marinho Reis e Saturno, além dos escritos do redator Epitácio e bom noticiário. A última página só continha anúncios.

Não passou do nº 4, de 13 de setembro (**Arq. Púb. Est.**).

**O TIGIPIÓENSE — Órgão Independente, Literário e Noticioso** — Circulou, pela primeira vez, a 21 de agosto de 1910, formato pequeno de três colunas, com quatro páginas. Redação à rua da Vitória nº 72, em Tejipió. Assinava-se, “neste povoado”, a 3\$000 por semestre e 1\$500 por trimestre, e para fora, a 3\$500 e 2\$000, respectivamente. Circulação anunciada para os dias 10, 20 e 30 de cada mês.

Assim concluiu o editorialzinho de apresentação: “**O Tigiipiôense** tratará de todos os assuntos que, estando ao alcance de seus fracos redatores e colaboradores, possam interessar aos seus leitores. Dos mestres do jornalismo, diante dos quais nos curvamos, esperamos que, ensinando-nos o verdadeiro caminho a seguir, tenham para conosco a máxima tolerância, e a todos agradecemos o benévolo acolhimento que tiver o nosso órgão”.

Logo no segundo número aumentou o formato para 32x21, adotando uma página de anúncios. Mencionou-se, então, como redator, o nome de Astolfo Barbosa Júnior, sendo a empresa pertencente a “uma Associação”.

A par de comentários e noticiário, a folha divulgou, em sua curta existência, produções literárias, em prosa e verso, de Paulo Tebas, Gerson S. Lima, Monte Sobrinho, Augusto Alves, Laburdsa e A. Rocha Filho.

Só existiu até o nº 5, de 30 de outubro, com diferença de quase um mês da edição anterior (**Bib. Púb. Est.**).

**HARMONIAS DA TARDE — Homenagem da Escola Literária Ribeiro da Silva** — Poliantéia datada de 7 de setembro de 1910, publicou-se por motivo da passagem do aniversário natalício do patrono, cujo retrato figurou na primeira página. Formato de 16x10, com quatro páginas em papel couchê, num trabalho gráfico de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 18/20.

Como matéria única, inseriu notas ligeiras de saudação ao professor Ribeiro da Silva, “insprado poeta, aplaudido dramaturgo”, assinadas pelos seus discípulos, entre os quais Baltazar de Mendonça, Raul Monteiro, Fernando Griz e Joaquim Lima (**Bib. Púb. Est.**).

**ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DE PERNAMBUCO** — Poliantéia comemorativa da inauguração da

sede própria (à Avenida Rosa e Silva nº 5), circulou no dia 8 de setembro de 1910, com 16 páginas de papel *couché*, formato de 32x22.

A página da capa, artisticamente trabalhada em vinhetas, seguiu-se uma folha de rosto, com o título "Página Gloriosa — 1885 — 1910" e o acróstico "Salve! Empregados no Comércio de Pernambuco", do qual constaram os nomes dos sócios distintos e beneméritos, assinado pelo sócio remido Manuel Carvalheira, ao lado das palavras "Deus, Pátria e Lei".

A respeito da data, cham-se, no texto, produções de Manuel Araújo, Minervino da Rocha, A. J. Barbosa Viana, Leôncio Chaves e Adolfo Cirne, encerrando a edição o poema "Paz e Trabalho", de Manuel Duarte (**Bib. Púb. Est.**).

O VESUVIO — Foi dado a público em setembro de 1910, manuscrito, redigido pela "prometedora inteligência" de Reinaldo Macedo (Inf. d'A Justiça, de Caxangá).

O CAPADOCIO — Semanário de Campo Grande, com redação à rua da Mangueira nº 7, surgiu a 13 de novembro de 1910, destinado "a infundir a troça inofensiva e boa no seio dos rapazes" do arrabalde, fornecendo "leitura amena e instrutiva nos dias dominicais". E acentuou, no artigo programa: "Vida alegre é a sua divisa; porém, uma vez em situações graves, saberá usar das formalidades de sua pragmática".

De formato pequeno (30x20), em duas colunas, com quatro páginas, apresentou-se como diretor Serezarp (anagrama de Casimiro Prazeres), mencionando os preços de 1\$200 e \$500, pela assinatura trimestral e mensal, respectivamente. Sob o título, trazia, a começar do nº 2, até o 5º, as divisas: "Vida alegre e fato rôto" e "Haja pau e troveje lenha". O seguinte Aviso fechava a última página: "O Capadocio, dispondo de um corpo redacional exclusivamente composto de tipógrafos, que confeccionam os seus próprios escritos, não aceita nenhuma publicação que não seja paga". Entre os redatores contavam-se Júlio Severino da Paz e Manuel de Larraz Mindelo.

Iniciou um folhetim, em rodapé da segunda página, intitulado "O fantasma de Campo Grande", por Tota das Moças, terminando na quinta publicação. Foram outros colaboradores, além dos nomes mencionados: Antônio Estanislau, Mário Burget, José Figueiredo, D. Pepito, Zé Valente, com a seção "Capa-

doçando"; **O Retrartista**, o dos "Retratos a craion", etc. Havia, também, a "Feira da Encruzilhada"; as "Lambadas a esmo" e "Pescarias e Caçadas", tendo diferentes assinaturas, constituídas de trepações com "a rapazeada". Apareciam, ainda, **charges** ilustrativas, às vezes ocupando toda a primeira página, de fraca verve nas legendas, sendo os clichês aproveitados de publicações anteriores. Já no fim, ocorreu o concurso "Qual a moça mais bonita de Campo Grande?", sendo dedicada à vencedora — Lili Lobo — uma Página de Honra (em mau trabalho de vinhetas) no nº 12, de 29 de janeiro de 1911, que foi o último publicado (1) (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O PROGRESSO COMMERCIAL — Órgão dedicado à propaganda dos estabelecimentos comerciais e industriais** — O primeiro número saiu em novembro de 1910, formato de 36x24, com quatro páginas de três colunas, impresso na oficina gráfica do **Jornal do Recife**.

Em editorial de apresentação, dizia-se destinado "a animar o desenvolvimento comercial, sugerindo idéias e batendo abusos".

Toda a matéria da edição de estréia constituiu-se de literatura relativa à organização, vantagens e demais informações da Empresa Brasileira de Brindes Comerciais, gerenciada pelo comendador A. J. Barbosa Viana.

Passados três meses, circulou em fevereiro de 1911 o nº 2, ano II, "especialmente consagrado à propaganda" de três firmas comerciais, todas dirigidas pelo mesmo comendador-escritor.

Não há notícia do prosseguimento da publicação (**Arq. Púb. Est.**).

**O MYOSOTE (1-A)** — Jornal feminino, deu à luz o primeiro número em novembro de 1910, no formato de 32x24, com quatro páginas de três boas colunas. Redatora-chefe — Guilomar de Carvalho; redadoras — Julieta de Carvalho, Julieta Santos,

---

(1) Em suas últimas edições vinha **O Capadocio** divulgando o anúncio a seguir: "**Pechincha** — Vende-se, pela insignificante quantia de 300\$000, a tipografia onde é impresso este jornal. O motivo se dirá ao comprador. A tratar nesta redação".

(1-A) O título do nº 1 foi **O Myosoti**, logo consertado.

Amanda Campelo e Davina Luna; redação: rua Mangabeira de Cima nº 30, subúrbio do Arraial. A impressão, em papel **couchê**, tinta de cor, estava a cargo da Agência Jornalística Pernambucana, à rua do Imperador ns. 31/33, sendo revisor Edmundo de Oliveira.

Era **O Myosote** “o fiel intérprete das gentis moças arraialenses, que, nas horas dos seus lazeres, apresentarão a sua força de vontade, produzindo trabalhos despreziosos, onde reinem a sinceridade e a pureza de intenções”.

Não era — continuando o artigo de apresentação — “um órgão de rubro combate”, mas “um sutil e perfumado brado contra o indiferentismo da mulher e contra certos e determinados Adonis que derramam sobre a mesma a bilis da sua crítica acidulada, não querendo dar a essa divina criatura o valor que lhe é devido como anjo do lar. **O Myosote**, flor singela, será o nosso lema, isto é, será a nossa divisa perfumada e simples”. ... “Será um repositório de artigos literários, poesias, pensamentos, onde as moças, muito em segredo, desfolharão as pétalas de sua paixão...”

Manteve, realmente, esse programa o interessante jornal. Divulgava “Perfis femininos”; as “Zoofonadas”, constituídas de gracejos; seção de Charadas; “Carteira elegante”, com o noticiário social, e “Teatro de Salões”, sobre as atividades da Sociedade Dramática Arraialense.

Nada obstante declarar-se “redigido por senhoritas arraialenses”, como constou do cabeçalho a partir do nº 9, não lhe faltaram produções do elemento masculino. Assim é que, além do que escreviam as redatoras, publicou alternadamente, colaboração assinada por **Mário Didier** (Coimbra Lôbo), **Júlia Dias Martins**, **Flávia Xexéo**, **Augusto Pessoa**, **Epitácio M. Pessoa**, **Nícios Clavis**, **Leonardo Selva**, **Radinol** (anagrama de **Arlindo Moreira Dias**), **Bráulio Fraga**, **Arnaldo Lopes**, **Edmundo de Oliveira**, **Oliveira e Silva**, etc., sendo mais comum ao sexo feminino o aparecimento através de pseudônimos floridos, tais como: **Verbena**, **Violeta Silvestre**, **Crisantemo**, **Saudade**, **Lírio**; **Girasol**, **Lilás**, **Orquídea**, **Bigônia**, **Petúnia**, **Aglaia**, **Parasita**; **Acácia**, **Madressilva**, **Sécia**, **Heliotrope**, **Angélica**, **Junquillo**, etc.

Promoveu concurso para apurar quem era “o rapaz mais simpático do Arraial” (vitorioso: **Luiz de Barros Cavalcanti**) e, saindo dos seus cuidados literários, dedicou a primeira página

da edição de dezembro de 1911 ao General Dantas Barreto, eleito Governador do Estado, com o respectivo clichê, legenda em versos e artigo laudatório.

Terminou **O Myosote** sua existência, que decorreu mensal e normalmente, sem lacunas, com o nº 15, de janeiro de 1912 (**Arq. Púb. Est.**).

**BOLETIM POLICIAL — Publicação trimestral —** Editado pela Repartição Central de Polícia, circulou o nº 1 em novembro de 1910, obedecendo ao formato de 30x21, com vinte páginas de texto, em papel superior, mais a capa, em cartolina de cor, ilustrada com o escudo do Estado. Trabalho gráfico da oficina do **Diário de Pernambuco**. Distribuição gratuita.

Apareceu, consoante a nota de abertura, “no intuito de prestar um serviço à sociedade, dando-lhe conhecimento de tudo que ocorrer no departamento da segurança pública do Estado” e “de orientar e instruir os funcionários policiais”.

O nº 2 publicou-se em março de 1911, seguindo a numeração da página anterior, até a 36ª.

Do sumário constavam: Atos do Chefe de Polícia; Noticiário; Estatística Criminal; clichês da Casa da Detenção (no primeiro número) e do Necrotério Público; artigos doutrinários sobre “Medicina Legal”, dos médicos Ascânio Peixoto e Frederico Cúrio, e sobre “Identificação Pessoal”, do professor José Rodrigues dos Anjos, diretor do Gabinete de Identificação e de Estatística e do **Boletim Policial**.

Não prosseguiu (**Bib. Púb. Est.**).

**A FAMILIA — Órgão Literário, Noticioso e Evolucionista —** “Especialmente feito para recreio e estímulo da família”, em cujo meio penetraria “como um amigo afetuoso e conselheiro prudente”, divulgou o primeiro número no dia 1 de dezembro de 1910. Destinava-se à propaganda da “Vitalícia Pernambucana”, para distribuição gratuita, com tiragem declarada de 20.000 exemplares.

Confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (hoje do Apolo) ns. 49/51, apresentou vistoso formato de 50x35, de quatro colunas largas, com quatro páginas.



Além da literatura de propaganda e raros anúncios alheios, inseriu artigos de Cornelio Gouveia e **Pitagoras** e, para não faltar algo de literatura, um soneto de Rodovalho Neves.

Voltou a circular em dezembro de 1911, com 12 páginas, em formato menor e impresso em papel de primeira qualidade (**Bib. Púb. Est.**).

Sem mais comprovantes, a publicação atingiu, no entanto, 1912, pois o diário **A Republica**, em sua edição de 29 de janeiro, registrou o aparecimento do novo número d'**A Família**, da **Vitalícia Pernambucana**.

O **PALPITE** — **Jornal útil e agradável, dedicado aos amantes do bicho** — “1º número da 3ª semana de dezembro de 1910”, apareceu em formato de 36x24, com quatro páginas de três boas colunas, sendo impresso na tipografia do **Jornal do Recife**. Preço do exemplar — 100 réis.

“Sem programa juramentado”, segundo a nota de apresentação, destinava-se a “favorecer ao público, oferecendo **meios** para levar ao lar substâncias aos seus e **liquidar** os banqueiros, verdadeiros sanguessugas, usurpadores dos nossos magros níqueis, ganhos com tantos sacrifícios para caírem em suas gavetas”.

Menos a quarta página, só de reclamos comerciais, toda a matéria do jornal se relacionou com o jogo “do bicho”, em notas ligeiras, tais como: “Palpitando”, “Ganhar pela Certa”, “Prêmio d’**O Palpite**”, “Bichinhos emperrados”, “Sonhos de ouro”, “Cálculos da Lola”, etc., entremeadas de vinhetas de animais.

Não obstante ser “publicação bissemanal”, tudo indica ter ficado no primeiro número (**Arq. Púb. Est.**).

## 1911

**RECIFE ILLUSTRADO** — Edição d’**A Revista**, para distribuição aos respectivos assinantes. Apareceu no dia 4 de janeiro de 1911, apresentando como redatores **J. Pipiu, Orrs** e **J. Kodak**. Formato de 48x32, em cinco colunas, com quatro páginas, foi impresso em papel **couché**, a primeira página em duas cores, tendo no centro o clichê do Governador Herculano Bandeira.

No editorial de apresentação, lia-se que o aparecimento do jornal não era “mais do que uma tentativa, uma mania de ter um órgão de publicidade, coisas que neste Recife se tem feito muitíssimas vezes, sem que até a presente data tenham expressado a verdade os programas iniciais de um periódico qualquer”. E acrescentava: “A redação do **Recife Ilustrado** é a mesma, **in totum**, d’**A Revista**, semanário publicado últimamente, que, digamos a verdade, mesmo sem o menor requinte de modéstia — é a mais chic, a mais bela revista que até então apareceu em Pernambuco”. (Sucedeu que **A Revista** fora suspensa “depois de regular prejuízo”).

A bem feita publicação inseriu produções originais de Naasson de Figueiredo, Astrogildo de Carvalho, Mário Galvão, Monte Sobrinho, etc. Matéria variada, inclusive seção característica e o início do folhetim “O Cravo Vermelho”, de Domingos Ribeiro.

Não há notícia da continuação (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O CARNAVAL** — Edição do **Correio do Recife** — Circulou no dia 26 de fevereiro de 1911, formato grande, a sete colunas de composição, com quatro páginas. Redator-chefe — **Dominó** (pseudônimo de Alfredo do Carmo). Constituiu uma “homenagem aos vários grupos carnavalescos”, “verdadeiros donos da cidade” durante três dias.

Grande espaço — desde a primeira até o meio da terceira página — foi dedicado ao noticiário minucioso, dos festejos carnavalescos, mas inexpressivo, em matéria batida, dividida por títulos na caixa alta do tipo utilizado: corpo 12. Aqui e acolá aparecia uma ou outra pequena ilustração de uma coluna, já utilizada em jornais anteriores. Abriu concurso para apurar qual o clube que apresentasse melhor porta-bandeira. E a página e meia finais encheram-se de reclamos comerciais. (**Bib. Púb. Est.**).

**NOVA FOLHA** — Órgão fundado por um grupo de moços estudiosos — Apareceu no dia 10 de março de 1911, formato de 38x25, com quatro páginas de três colunas e bom aspecto gráfico, tendo saído da oficina da Agência Jornalística Pernambuco, de J. Agostinho Bezerra.

Visava, consoante breve apresentação, ao “desenvolvimento do gosto pelas letras”. Ao fim, trazia a divisa: “Ordem e Progresso”.

A edição constituiu-se de matéria variada, entre noticiário, humorismo e literatura, esta a cargo dos colaboradores H. Lira, J. C. V., M. Fernandes, J. Galvão, R. G. Correia, H. Legey e outros.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O HELVETICA — Jornal Humorístico** — Surgiu a 15 de março de 1911 em formato de 28x21, com oito páginas, sob a direção de **Flávio Smart** (pseudônimo de Franklin Seve), que abriu a primeira página com o soneto “Augusta Soares”, encimado pelo clichê da artista endeusada. Impresso em tinta de cor, sobre papel assetinado, na tipografia do **Correio do Recife**, à rua do Imperador nº 21, onde também funcionava a redação, assinava-se a 7\$500 por ano e 4\$000 por semestre, custando \$200 o número avulso do dia e \$500 o atrasado. Solicitadas: a \$200 por linha.

Lia-se na segunda das duas notas de apresentação: “Ele (o jornal) não tem política, ou melhor, a sua política é a política, do Amor, pois, como sabeis, onde não há o culto à mulher não pode haver Arte nem Literatura”. Suas colunas estavam abertas aos que, “com talento e espírito, souberem aproveitar os fatos que se desenrolam, diariamente, dentro e fora dos bastidores do teatrinho de Munier” (1).

O segundo número circulou no dia 22, com apenas quatro páginas.

Teve **O Helvetica** a colaboração de Mário Neves, Targino Jorge, **Padre Casemiro** e **Um Timido**, autores de sonetos; **Victor**, com a “**Seção Smart**”, de mundanidades; **K. Neca** e **Jacob**; além de notas soltas, epigramas e anedotas, sob o império da boa verve, e mais concursos, inclusive da “senhorita mais bonita que vai ao Helvética”. Anúncios entremeavam a matéria.

Manuseados apenas, os dois números referidos, não havendo indícios da continuação (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Munier & Cia. era a firma proprietária do Teatro Helvética.

**A TRIBUNA POPULAR — Órgão de Defesa dos Interesses Populares** — Entrou em circulação no dia 22 de março de 1911, formato de 30x20, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na Tipografia Moderna, à rua Duque de Caxias nº 38. Direção e propriedade de Samuel Vieira, e redação na rua Frei Caneca nº 11. Lla-se sob o título: “Como hei de repousar enquanto houver homens que sofrem?” e “A humanidade é o supremo ideal”. No expediente: “Não aceitamos colaboração de assuntos políticos, religiosos e literários. — Circulará todas as vezes que as necessidades populares exigirem”.

Em lugar do artigo de apresentação, o redator focalizou a questão dos mocambos do Recife; seguiu-se o artigo “Pelo povo”, vindo depois apenas transcrições.

Foi um jornalzinho inexpressivo, que, segundo tudo indica, não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL DA SEMANA** — Órgão ligado ao Partido Republicano, tendo como redatores e proprietários Afonso e Epaminondas de Gusmão, começou a publicar-se a 25 de março de 1911, obedecendo ao formato de 44x31, de quatro colunas de composição, com quatro páginas. Localizada a redação no bairro do Espinheiro, à rua Coronel Apolônio nº 7, assinava-se a 12\$000 anuais, constando, ainda, do Expediente: “Os nossos assinantes terão direito a fazer, gratuitamente, qualquer publicação nas colunas pagas deste jornal, menos anúncios, nas quais, ainda assim, gozarão o abate de 30%”.

Consoante o artigo “O nosso aparecimento”, a folha voltaria as vistas, particularmente, para o arrabalde onde tinha sede, “um dos mais atraentes do Recife”. Fez, em seguida, a apologia do líder Rosa e Silva e dos dirigentes governamentais do Estado e do Município, fiéis ao Partido Republicano. Mas não viveria só de política, admitindo, em suas colunas, a literatura, “a crítica, a ciência e a filosofia”, além de noticiário.

Seguindo à risca o programa que se traçara, o **Jornal da Semana** circulou regularmente, aos sábados, com duas páginas completas de anúncios e duas de matéria redacional, incluindo as seções de comentários “Ensaio”, por **Bruno**; “Impressões”, de **Orima** (Mário de Vasconcelos Galvão); a crônica literária “Fragmentos”, por **Alonso**; mais a colaboração esparsa, em prosa e verso, de João Aureliano Correia de Araújo, Carmen de Carvalho, Marcos Vinitius, Alcindo Maia, Mário Galvão, Luiz

Gomes de Melo, José Miranda, Bráulio Fraga e, além de outros, Alcibiades Gonçalves, que, com dois sonetos, foi classificado em primeiro lugar no "Concurso Literário" instituído para desenvolver o tema "A saudade" e do qual também participou Anísio Galvão, cujo trabalho, em prosa, mereceu ser publicado, mas não classificado, porque não preencheu "as condições estabelecidas".

A aproximação das eleições governamentais, o periódico empenhou-se em recomendar o candidato Rosa e Silva. E, sendo órgão político, limitou sua existência até o nº 33, de 4 de novembro, véspera do agitado pleito que conturbou a vida recifense (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**A THESOURA — Órgão do C. Carnavalesco Filhos da Candiha** — Apareceu a 16 de abril de 1911, formato de 38x25, com quatro páginas de três colunas, ao ensejo da Mi-Carême ou Segundo Carnaval. Trabalho material da Tipografia Moderna.

"O nosso fim — lia-se no artigo de abertura — é pugnar para que o Carnaval enverede caminhos compatíveis com o latente progresso social; demolir inconfessáveis preconceitos e ir cortando do organismo social tudo o que o defeitua e contrasta".

Afora o noticiário específico do Clube, a edição inseriu interessante matéria humorístico-carnavalesca, com a colaboração de **Arbués, Cantilcava, Ignacionho** e outros.

Sem comprovante do nº 2, viu-se publicado o nº 3, ano III, no Carnaval de 1915, dia 15 de fevereiro, cuja primeira página exibiu uma alegoria a cores (trabalho da litografia de J. Agostinho Bezerra), nela envolvido retrato do prefeito da capital, Capitão Eudoro Correia. Nas três outras páginas, descrição do préstito do Clube, notas chistosas, epigramas e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda foi publicada **A Thesoura** no Carnaval de 1916, a 5 de março, conforme notícia do **Diário de Pernambuco**.

**O MILITAR — Órgão defensor da Guarda Nacional** — Publicação mensal, iniciou-se a 20 de abril de 1911, formato de 33x24, com quatro páginas de três colunas. Proprietários: major Ermírio José Francisco de Sousa, capitão Augusto B. de Farias Ramos, primeiros tenentes Manuel Floriano Pimentel e

Antônio Valentim da Silva, e segundos tenentes Francisco de Sousa Pinto, João Correia de Almeida e Emílio Baltar, só figurando, os dois últimos, na edição de estréia. Impresso na Tipografia da rua de São Francisco, 2-D, tinha redação à rua da Imperatriz nº 38, 1º andar. Assinaturas: ano — 2\$000; semestre — 1\$000. Número avulso — \$100.

Em artigo de apresentação, dizia ter o aparecimento do jornal o objetivo de “incentivar a Guarda Nacional de Pernambuco, para fortalecer-se e pugnar pelos seus direitos”, acenando:

“Instituída em 1831 e reformada em 1850, tendo como fim principal o auxílio às forças de linha para defesa da integridade nacional e das instituições do país, qualquer que seja a sua forma de governo, ela teve páginas de luz na história brasileira, especialmente na guerra do Paraguay. Na República mesmo prestou não pequenos serviços ao governo do marechal Floriano durante a revolta de 6 de Setembro. Infelizmente, em vez de constituir um grande exército auxiliar, como o deseja o marechal Hermes da Fonseca, ela não tem sido outra coisa que um instrumento de condecorações políticas, desvirtuada, portanto, de seus fins. Apenas na Capital Federal, em Niterói e na cidade de São Paulo há brigadas constituídas, representando uma realidade”.

“Daí a necessidade da propaganda de seus objetivos, ao que se propõe o novo jornal”.

No segundo número, publicava-se o seguinte: “**Val a quem tocar — Pedimos aos nossos colegas da Guarda Nacional que costumam, sem poder, se fardarem todos os dias, o obséquio de guardarem os seus fardamentos para as ocasiões necessárias, a fim de melhor papel representarem na sociedade. Um soldado sujo é a vergonha do seu comandante**”.

A matéria geral do periódico era especializada, cingindo-se ao programa enunciado. Constava de comentários e notícias, artigos de Samuel Ramos, C. P., major dr. Lôbo Viana e outros oficiais, algumas transcrições e, para variar, versos românticos de J. Figueiredo.

**O Militar** circulou regularmente, no dia 20 de cada mês, exceto o nº 7, que foi último e saiu datado de 30 de novembro (Bib. Púb. Est.).

**HELIOS** — **Revista Literária e Feminista** — Surgiu no dia 30 de abril de 1911, formato de 38x26, a três colunas, com quatro páginas, sendo impressa na Tipografia Moderna, à rua Duque de Caxias nº 38, destinada a circular mensalmente. Redatoras: Almerinda Ribeiro, Carmelita de B. Silva e Josefa P. de Melo.

Apresentou-se “com o principal dever de batalhar com intransigência em defesa dos direitos da mulher, mantendo contínua propaganda em prol do seu desenvolvimento e do ingresso nas múltiplas atividades políticas e sociais”.

Constou sua matéria de crônicas leves, poesias e artigos reivindicatórios dos postulados femininos, não ocorrendo mais do que duas outras edições. Na segunda (tipografia à rua de S. Francisco (hoje Siqueira Campos) nº 2-D, viam-se no cabeçalho o nome de Tiago Vila Nova, feito diretor, e novo corpo redacional, assim constituído: Maria e Blandina A. de Vasconcelos, Guilhermina de Andrade e Elvira Bittencourt.

No nº 3 (e último) publicado em junho, as irmãs Vasconcelos eram substituídas por Carmelita Brasil.

**Helios** teve também a colaboração de Artur Leal de Barros, Euclides Guerra, Gil Lima, ou seja, Joaquim Lima; Pío Barreto, Trevo do Vale (pseudônimo de Getúlio de Albuquerque César), etc. (Bib. Púb. Est.).

**O VENANCIO** — **Livro de Sortes e Pilhérias** — Foi organizado por Juca Palheta, “pseudônimo de conhecido periodista satírico”; apresentava “divertidos assuntos” e, além de um jogo de disparates, oferecia, mediante sortelo, um prêmio de 10\$000 (**Jornal Pequeno**, 5/6/1911).

**O VERDADEIRO VENANCIO** — Livro de sortes de Fortunato Ventura, “o autor preferido do ano” continha: “Sortes, em doze assuntos, delicados e espirituosos; brilhante coleção de canções e modinhas, contos, poesias e anedotas; a hilariante comédia “Jupe-culotte”, ornada de músicas; e um cálculo curioso, oferecendo um prêmio de 200\$000”. Concluiu o anúncio a respeito: “**O Verdadeiro Venancio**, para evitar confusões, tem uma grande cruz vermelha nas costas” (**Jornal Pequeno**, 14/6/1911).

**O SAIA-CALÇÃO —** Moderno livro de Sortes para as noites festivas de junho — Apareceu em 1911, formato de 17x11, com 80 páginas e capa ilustrada, tendo como motivo o título. “Caprichosamente confeccionado para todos os paladares, por **Braz Turbante Sans Culotte**. Sortes, contos, poesias, anedotas; modinhas, brincos de salão, orações e mágicas. Colaboração dos melhores humoristas. O maior sucesso da atualidade”. Confeção da oficina gráfica de J. Agostinho Bezerra.

Apresentado em versos de sete sílabas, seguiu-se boa série de Sortes, vindo após a “Parte Literária”, com a colaboração de Osvaldo Aníbal de Almeida, J. Dias, **A. Men** ou **Mendes Martins**, e **Juca Bilontra**; transcrições, notas humorísticas e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O REVOLTOSO —** Piramidal livro de Sortes, para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro — Edição d’**O Pagaio**, saiu a lume em junho de 1911, com 132 páginas, inclusive a capa, que ostentou desenho de navio e marinheiro armado. Dizia-se “o livro predileto dos salões, destinado às moças que têm amores e às que desejam ter”. Programa: “Sortes, literatura, modinha, cançonetes e anedotas. Colaboração dos melhores humoristas da terra. Espírito sem ofensa” Impresso na tipografia de Júlio Agostinho Bezerra.

Em seguida ao soneto “Apresentando”, o magazine inseriu boa quantidade de Sortes, emendando com a seção de Literatura, que se constituiu de várias transcrições e de colaboração de **Mendes Martins**, **Sebastião Pinto Ribeiro**, **Carlos Dias Fernandes**, **Lauro Vieira de Mendonça**, **Costa Régio Júnior**, **Adelmar Tavares**, **Naasson de Figueiredo**, **Aníbal de Almeida** e **Edno**. Boa quantidade de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O JOÃO CÂNDIDO —** Livro de Sortes para as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro — Saiu em junho de 1911, formato de 17x11, com 80 páginas e capa ilustrada com fotografia de marinheiro. “Poesias, Cançonetes, Contos, Modinhas, Fadinhos, Anedotas, Advinhações, etc., da lavra dos humoristas **Mateus Barafunda** e **Gil Topsy**”. Impressão da Tipografia do **Jornal do Recife**.

Relembrava o livrinho, consoante a apresentação “Aos caros leitores”, a data de uma rebelião e o nome de um marinheiro que ficará indelevelmente gravado na memória do povo brasileiro”.



As sortes, seguiu-se ligeira parte literária, com a colaboração de **Marcelo** (Mário Sette), **Correia de Melo**, **Silvano**, **Mário Galvão** e **J. Times Pereira**, sendo as 30 últimas páginas ocupadas com “A filha da Capital Federal”, condensação, imitação ou arranjo, em um ato, da burleta “A Capital Federal”, de **Artur Azevedo**, por **Olímpio Galvão** (**Bib. Púb. Est.**).

**A MULHER DOS CALÇÕES** — Livro de Sortes para **Santo Antônio**, **S. João** e **S. Pedro** — Circulou em junho de 1911, formato de 17x11, com 100 páginas, inclusive a capa; ilustrada conforme os dizeres do título. Continha “variada e completa coleção de sortes sobre temas relativos às épocas e sucessos mais notáveis da vida”, etc. Direção de **Lulu Pucuman**, edição da Livraria Econômica e trabalho gráfico da Imprensa Industrial.

Propunha-se, conforme o “Peço a palavra”, a “entrar nos salões dos aristocratas e nos modestos lares dos pequenos, desvendando-lhes o futuro”.

Foi assim dividida a matéria: 1ª parte — Sortes novas e honestas — para as pessoas discretas”; 2ª — Oráculos das Flores”; 3ª — “Gulodices literárias”, delas participando, entre transcrições e notas humorísticas, **Aleixo Muriçosa**, **Ramos da Costa** e **Gonçalves Rocha** (**Bib. Púb. Est.**).

**O TREVO** — **Jornal de ocasião** — Manuscrito, com sede em **Afogados**, o primeiro número saiu a lume em junho de 1911, para circular mensalmente. Ocupava-se, apenas, de incipiente literatura, tendo como redator **Trevo do Vale**, pseudônimo de **Getúlio de Albuquerque César**, que fazia também o trabalho material.

De formato pequeno, em duas colunas, era escrito com letra caprichosa, trazendo desenhos e, abaixo do título, o seguinte conceito bíblico: “. . .do que está cheio o coração, disso é que fala a boca”. No artigo de apresentação lia-se que o interessante jornalzinho nascera tendo “por sol uma vela, por ceu um teto de telha, por brisa a respiração de Guttenberg”.

Como soe acontecer com os jornais manuscritos, **O Trevo** tinha a tiragem de um só exemplar, que passava de leitor a leitor. Começou a publicar-se com quatro páginas, que foram aumentando até doze. Além do editor, nele colaboravam, em prosa e verso, **José Bahia**, **José Vilas Boas**, **Flávio Cavalcanti**, **An-**

tônio Magno, Ernesto Melo, Luis Gomes de Melo, Antenor Pinto Silveira, Sinésio Guimarães, Valfrido Pereira, Maria Emília Pinto da Silveira ou **Dulce Doiores**, que era seu pseudônimo, e Auréa G. Pinto, a maioria utilizando pseudônimos.

Circulou regularmente, até dezembro de 1912 (Coleç. G. César).

**SEU ZÉ — Livro de Sortes magnífico e o mais prodigioso tonificante para mocinhas nervosas e rapazes neurasténicos — Humorismo e Literatura de primeira qualidade** — Publicou-se em junho de 1911, formato de 17x11, com 80 páginas de papel comum e capa cartolinada, nela desenhado, apenas, o título, em letras brancas sobre fundo azul marinho. Impresso na oficina gráfica do **Jornal do Recife**.

“Seu Zé na moda se apura,  
com rigorismo se ostenta,  
os salões nobres procura  
e se apresenta...”

Assim começou a versalhada de abertura, para salientar mais adiante:

“Nasceu para rir dos fatos  
numa noitada de truz...  
Foram rapazes galatos  
os que lhe deram a luz...”

E concluiu o poeta:

“Vamos, patricias gentis,  
e vós, calções escovados,  
saber o que a sorte diz  
por intermédio dos dados...”

A edição divulgou numerosa série de Sortes para as noites juninas; algumas páginas de “Variedades” e a cançoneta “Seu Zé”, de **Venceslau Semifusa** (pseudônimo de Eustórgio Vanderlei). No fim, pequena quantidade de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

**O ELEPHANTE BRANCO — Estupendo Livro de Sortes novas e espirituosas, confeccionadas a capricho pelos doutores Pedro Alegre e Zé Pilhéria (da Academia de Letreiros) — Edição**

da Agência Jornalística Pernambucana, circulou em junho de 1911, formato de 24x12, com 100 páginas, inclusive a capa cartolinada, ilustrada de acordo com o título e impressa a cores. Constava do expediente: “Livro dedicado às famílias. Para as gostosas noites de S. Antônio, S. João e S. Pedro. Graça sem ofensa. Espírito sem escândalo”.

“Antes da projeção...” lia-se:

“O nosso **Elephante Branco**  
Vai começar a dar sorte;  
Ei-lo já de riso franco  
Mostrando o fidalgo porte”.

Na página seguinte, dirigindo-se à “Gentil leitora galante”, garantia-lhe o editorial, em prosa rimada, que o “belo” animal não lhe faria mal, pois sabia jogar a chacota como pouca gente. Era um **Elephante** educado, que fazia “chiste com arte, troçando, pintando o sete”. E concluiu: “Por isto, leitora amada, consulta o nosso livrinho, revendo de uma assentada, com todo amor e carinho, as sortes que ele esclarece como focos, projeções. Anda, vai, toma interesse; deixa ficar dez tostões...”

A chamada “Primeira projeção” constituiu-se de doze séries de Sortes para as reuniões familiares de S. Antônio, S. João e S. Pedro. A segunda (fitas para todos os paladares) constou de “Literatura escolhida! Muita verve! Versos, prosa, etc.”. Inseriu sonetos originais de Agripino da Silva e Armando Oliveira, que assinou outros versos utilizando o pseudônimo **Raul Pimpolho**. No mais, transcrições escolhidas, quadras soltas, pensamentos, anedotas, curiosidades e... anúncios.

A última página da capa trazia, em duas cores, o desenho de um cheque de 100\$000; “amostra do prêmio d’O **Elephante Branco**”, a ser “abocanhado” pelo leitor que acertasse na Loteria Federal de 7 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**O MICROCOSMO** — Órgão do Centro Literário Maciel Monteiro — Publicação mensal, surgiu no mês de julho de 1911; formato de 30x20, com quatro páginas de três colunas e impresso em bom papel, na tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador. Redator-chefe — Pérsio Moreira; secretários — Zoroastro de Araújo e Baltazar da Câmara; redação à rua Augusta n.º 180.

Constava do editorial de apresentação: "...é simples e exclusivamente o repercutor de nossos trabalhos intelectuais — sem pretensões a um jornal de longa esfera, limitando-se a ser órgão de nossa agremiação".

De curta vida, cogitando, apenas, de literatura, teve a colaboração de Durval César, Amador Cisneiros, Gercino e Irineu Malagueta de Pontes, Ernesto Álvares, J. Fernandes, Néri de Sousa Filho, etc.

No terceiro número P. Malheiro substituiu o terceiro dos redatores e inscrevia-se como gerente Amador Cisneiros. Mas esse terceiro número, datado de 3 de setembro, foi o último publicado (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**A PLATÉA — Jornal da Época — Humorismo, Crítica e Literatura** — Entrou em circulação a 12 de julho de 1911, formato de 30x22, com oito páginas, dispostas, no texto, em três colunas de composição. Redação à Avenida Central nº 1720 e oficina gráfica à rua Barão da Vitória (hoje, rua Nova) ns. 62, 64 e 66. Redatores: chefe — **João José**; artístico — **Max**; secretário — **Nero**; gerente — **Lingua de Prata** (pseudônimo de José Luiz de Melo). Lia-se no expediente: "**A Platéia** não se vende. troca-se por um tostão".

A primeira página de cada edição, servindo de capa, era constituída de um desenho total, tipo **charge**, em litogravura, quase sempre com a assinatura de **Max**. O do número de estréia representava um corpo — **A Platéia** — com numerosas cabeças, saudando o público e pedindo licença à "digna imprensa de Pernambuco".

"Falando ao público..." foi o título do artigo-programa, em que se lia: "**A Platéia** surge para reproduzir os ecos da opinião pública, em matéria de crítica de arte; em apresentações de tipos que a popularidade ou o talento consagrou e pôs em destaque; em falar de tudo, sem frases duvidosas, sem pensamentos de natureza a ofenderem à moral". E mais: "Entrará **A Platéia** nos teatros, nos cinemas, nas reuniões de sociedades recreativas, sem gestos de má educação, sem denotar costumes que todo o bom critério repele".

Circulando semanalmente, às quartas-feiras, o periódico divulgou variada matéria, de acordo com o programa que se impusera, a salientar os "Traços & Troças", por **J. J.**; "Notas

elegantes"; "Mordendo e soprando", por **Nero**; "Na troça", sonetos de **João José**; "Crônica", de **J Pepé**; "No bar do Helvética", por **S. M.**; "Teatrices", etc. Os anúncios pouco excediam de uma página. Eram mediocres as ilustrações, tanto as da capa quanto as do texto, com diferentes assinaturas, salvando-se as raras fotogravuras.

Saindo de sua especialização, **A Platéia** ocupou a primeira página do nº 5 com um desenho (assinado por **R. Medeiros**), cuja legenda rezava: "Na majestade de sua grandeza, o Barão do Rio Branco jamais será atingido pelos insultos, calúnias, torpezas e mentiras que lhe sacode de Paris o sr. de Pisa e Almeida. Como vêem (no clichê), o grande brasileiro está muito acima da torre Eiffel, que é o mais alto monumento do mundo".

Do mesmo desenhista (o melhor do semanário) foi a expressiva ilustração, em página dupla, ao centro, no sentido vertical, inserta na edição seguinte, em homenagem à prima-dona **Dolores Rentini** (cuja fotogravura figurou ao centro), falecida no Recife durante a temporada da Companhia Juca de Carvalho, no Teatro Santa Isabel. Serviram de legenda três quadras, em versos alexandrinos, de **Manuel Duarte**.

Mas estava no fim a vida d'**A Platéia**, que encerrou sua atuação com o nº 7, de 2 de setembro, quando **Max** passara a diretor, acrescentando-se ao primitivo corpo redacional os nomes de **Gito**, feito chefe da reportagem, e **Rheno**, caricaturista (o pior de todos, como provam as charges das últimas edições) (**Bib. Púb. e Arq. Púb. Est.**).

**O ALTANEIRO — Periódico Literário e Noticioso** — Surgiu no dia 15 de agosto de 1911, formato de 26x19, a três colunas de composição, com quatro páginas, sob a direção de **Bento Maciel**, tendo como redator-chefe **Oliveira e Silva**. Redação e oficina: rua Duque de Caxias nº 12. Tabela de assinaturas: ano — 1\$000; semestre — \$500; trimestre — \$300; número avulso — \$100. A edição de estréia, sem mais comprovantes até o nº 7, divulgou produções assinadas pelos redatores e por **Barbosa Lima Sobrinho**, **Renato Fonseca**, **Oscar Brandão**, etc.; ligeiro noticiário e charadas.

No ano seguinte, ao circular o nº 8, datado de 19 de março, iniciou o periódico nova fase, declarando haver obtido licença do chefe de polícia para circular "pelas ruas" (?). Havia muito tempo — escreveu a redação — que trabalhávamos com ar-

dor para conseguir isto, aumentando-o de formato e batalhando corajosamente pela sua manutenção”.

Além do diretor e do redator-chefe, passaram a constar do cabeçalho, como redatores, os nomes de A. Prudêncio de Sousa (secretário), Acioli Lins, Cruz Ribeiro, Eduardo Roque e J. Conrado, este também atuando como gerente. Tabela de assinaturas: cidade: ano — 2\$000; semestre 1\$000; trimestre — \$500; interior: 3\$000, 2\$000 e 1\$000, respectivamente. Redação à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-D, o mesmo local da Tipografia Comercial, onde se imprimia. O formato aumentou alguns centímetros, alargadas as colunas para 14 cêrcos. Entre os novos colaboradores, inscreveram-se João Barradas, **Felix Juvenal**, Samuel J. da Silva, J. P. Novais e Abelardo Maia. O “**Album Charadístico**” vinha sendo assinado por **Zurc Oriebir** (anagrama), para terminar sob a responsabilidade de **Leão de Nemea**.

No nº 14, de setembro de 1912, mantido o redator-chefe e substituídos o diretor e o gerente, respectivamente, por Acioli Lins e Cruz Ribeiro, os demais redatores chamavam-se Samuel da Silva, José Mendonça e Colatino Brandão.

Ficou, então, paralisado **O Altaneiro**, só reaparecendo — nº 15 — em março de 1913. Vira-se “forçado pelas asperczas desse deserto de coletivismo, sem o auxílio de quem quer que fosse, a suspender a sua publicação por algum tempo”; mas continuava “a interrompida viagem em busca do ideal sonhado”.

Tornando-se, apenas, “periódico literário”, mudou a redação para a rua do Imperador nº 31. Abolido o cargo de diretor, o corpo redacional constituiu-se dos nomes a seguir: Aristeu Acioli Lins, na chefia; Cruz Ribeiro, secretário; Oliveira Lima Filho, J. Carneiro da Cunha, Barbosa Guerra e Bento Maciel.

O 16º só pôde sair no mês de maio, não havendo indício de ter continuado a publicação, que também inseriu, nas últimas edições, a colaboração de Brito Macedo, Augusto Monteiro Tabosa, João Mendes, Diogo Ribas e Artur da Silva Cabral (**Bib. Púb. Est.**) (1).

**O CHRYSANTHO — Órgão dos alunos do Colégio Alemão**  
— Saiu a lume no dia 17 de agosto de 1911, formato de 32x23,

---

(1) Coleção bastante desfalcada.

com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana. Como novidade, a segunda página exibiu, apenas, o título do jornal, num clichê colocado em diagonal, e a frase latina: "**Sol lucet omnibus**", com motivos de arte em discretas vinhetas.

"Pátria, Progresso e Paz" constituiu a divisa d'**O Chrysantho**, em torno da qual se encheu mais de uma coluna de considerações em estilo metafísico, com a assinatura de **Gil Blás**. Seguiram-se saudações, em poucas linhas, ao diretor do Colégio, Paulo Wolf; artigo sobre Educação, crônicas de Mário Cantinho, Valdemar e **John**; humorismo, pensamentos e noticiário.

O nº 2 circulou a 12 de outubro, incluindo colaboração de Richomer Barros, Tomaz Ribeiro (transcrição), Agripino da Silva, Jair Cunha, **Sírio do Vale** e outros.

Terminou aí a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**ESCOLA — Homenagem da Escola Literária Ribeiro da Silva** — Circulou a 7 de setembro de 1911, formato de 23x15, com quatro páginas, a primeira das quais ocupada com o clichê do "querido patrono". Confeção da tipografia da Agência Jornalística Pernambucana.

Deu ensejo à publicação da poliantéla o transcurso do aniversário natalício do professor Ribeiro da Silva, enchendo-se o texto de saudações ligeiras, assinadas por sócios da Escola Literária, entre os quais Joaquim Lima, Raul e Honório Monteiro, Baltazar da Câmara, João Lício Barbosa, Petronilo Amaral e Fernando Griz (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O SYMBOLO — Órgão do Grémio Hermes Fontes** — Saiu a lume no dia 7 de setembro de 1911, formato de 38x25, com quatro páginas de três colunas, confeccionado na Tip. Moderna, à rua Duque de Caxias nº 38. Com redação no Largo do Povoado nº 28, em Beberibe, era dirigido por Antônio Gitirana, tendo como redatores Olavo Lopes e Manuel Mindelo; agente — José Hilário Fernandes; procurador — Esdras Farias. Assinaturas a 5\$000, 3\$000 e 2\$000, respectivamente, por ano, semestre e trimestre.

Todo impresso em tinta verde, a primeira metade da página de frente saudou a data da Independência. Abaixo, no arti-

go-programa, lia-se: “**O Symbolo** representa o cosmo dos nossos ideais, o auriverde pendão das nossas imaginações”.

Nos poucos números divulgados, teve a colaboração de Silvino Lopes, Jovino Barroso, Assunção Pessoa, Lina Lopes, Eulina Gitirana, Arnaldo Lopes e Ovidio Guimarães, além do pessoal da redação. Mais: “Seção charadística”, a cargo de **N. T.** ou **Negro de Tino** (pseudônimo do diretor); “Seção Elegante” e “Portaria”. A partir do segundo número, melhorou o aspecto material, abandonando a tinta verde.

Mantido o diretor, cada edição apresentava uma modificação no corpo redacional. No nº 4, declarava-se terem sido eliminados Esdras Farlas e José Fernandes. Foram últimos redatores: Seixas Borges e Joaquim Paranhos.

Publicado em datas irregulares, saiu o nº 5, que foi o último, no dia 22 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

**O TEMPO — Órgão Literário, Científico, Comercial e Religioso** — O primeiro número foi publicado no dia 20 de setembro de 1911, formato de 36x24, com quatro páginas de três colunas, apresentando lisonjeiro aspecto material. Equipe responsável: redator-chefe — Carlos Barbosa; secretário — Nilo Alves da Silva; gerente — Martins Filho; tesoureiro — Alfredo de Oliveira; auxiliares — Ulisses de Melo, Bernardino Miranda e Manuel Quirino. Tabela de assinaturas: ano — 2\$000; semestre — 1\$000; trimestre — \$500.

Dizia o editorial de abertura: “**O Tempo** não alimenta paixão política e nem será porta-voz de interesses particulares que traduzam o despeito e o ódio a grupos partidários em floração nos arraiais da política nacional”. Concluiu declarando seguir “a trilha de órgão independente”.

Seguiu-se a publicação, saindo o nº 2 a 30 de outubro e o 3º no dia 30 de dezembro, para aí terminar sua existência.

Além de comentários redacionais e do noticiário, a folha divulgou colaboração de Agripino da Silva, Flaviano Martins, B. E. Peixoto, Jonjans, J. E., Olegário Vital; Tenório de Cerqueira e Abilata (**Bib. Púb. Est.**).

**TRIBUNA ACADÊMICA — Órgão do Centro Acadêmico Rosa e Silva** — Destinado à propaganda da candidatura do seu



patrono ao governo do Estado, circulou pela primeira vez no dia 28 de setembro de 1911, tendo como redator-chefe — Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo; secretário, Lívio César; redatores: F. Aquino Ribeiro, Alberto Pôrto da Silveira e José Gabot. Formato de 43x30, quatro colunas, com quatro páginas, foi impresso na oficina do **Diário de Pernambuco**.

Dizia-se, no artigo de apresentação, “instrumento de expressão”, “um concurso homogêneo de vontades, que, túmidas ainda do entusiasmo que as arrojou ao combate pela mais larga e mais completa observância das nossas instituições, se conjugam, se harmonizam e se congraçam”, etc., “alimentadas pelas magníficas reservas de energia cívica e moral do nosso povo”...

Era “a mocidade das nossas escolas superiores, a mocidade que vibra com as emoções pernambucanas” (e por aí a fora), que fundara um Centro de resistência à candidatura do General Dantas Barreto e que ia lutar não “à sombra de ambição”, mas “à luz meridiana de um princípio encarnado na substância viva do regime federativo”...

Constituiu-se sua matéria de editoriais de légua e meia e artigos assinados pelos redatores e por Osvaldo Chateaubriand, Eurico de Sousa Leão, Alexandre Mota, Afonso Neves Baptista, Umberto Guedes Gondim, Henrique de Figueiredo, Benedito Costa e A. Tavares de Almeida. Mais versos satíricos de **Leó e Ta-borda**.

Foi curta a existência da **Tribuna Acadêmica**, cujo último número, o 6º, saiu a 4 de novembro, terminada a campanha eleitoral, uma vez que ocorreria o pleito sucessório estadual no dia seguinte (**Bib. Púb. Est.**).

A **LIBERDADE** — Órgão do Centro Acadêmico Republicano Pró-Dantas Barreto — Começou a circular, em edição especial, no dia 12 de outubro de 1911, formato acima de médio, com quatro boas colunas de composição e quatro páginas. Sob o título, trazia, de um lado, o art. 72 § 12, da Constituição, e, do outro os versos:

“A Liberdade é a lei!

.....  
Encarcerar a asa  
É encarcerar o pensamento humano”.

**Guerra Junqueiro**

Instalada a redação à rua do Imperador nº 31 e estabelecido em 100 réis o preço do exemplar, apresentou-se o periódico com a seguinte corpo redacional: Eládio dos Santos Ramos, chefe; Humberto Carneiro, secretário; Públio de Melo, Alexandre Lopes, Fernando Mendonça, Meroveu Mendonça, Plínio Calvalcanti, Lucídio de Freitas, Paulino de Andrade, Alfredo Caldas e Pessoa de Queiroz, sendo gerente Pedro Alain Teixeira.

No artigo inicial, após a primeira coluna de considerações em torno dos erros da República, lia-se o seguinte: “Na terra da Democracia, **A Liberdade** surge como um látego de Sol. Fulmina, mas consola. O seu programa? Não no tem. Não se pode impor preconceitos à ação nobre e digna dos que têm no cérebro lavas de vulcão e ímpetos de água”.

“...**A Liberdade** é a corporização dos desejos rebelados, das energias renovadas de uma raça que se não domou e arrasta avassaladoramente o granito resistente de um governo anti-republicano”.

A primeira página da edição de estréia ostentou, ao centro, vistoso clichê de Dantas Barreto, com a legenda: “futuro governador de Pernambuco”, seguido de artigo sobre a sua candidatura, terminando com dados biográficos.

Na edição seguinte, datada de 21 de outubro, o mesmo clichê trazia, abaixo da legenda, o soneto “Salve! o redentor”, autoria de José da Silva. O nº 3 homenageou, com clichê e editorial, José Mariano Carneiro da Cunha como protótipo da Democracia.

A par de editoriais candentes, em propaganda da candidatura do General, a folha inseriu, nas suas poucas edições, artigos assinados por Albino Buarque, Irineu Malagueta, Samuel Campelo, José Soriano Neto, Mário Guimarães de Sousa, H. C., autor do comentário “Farpeando”; L. Gomes de Melo, Augusto Pessoa, Edgar Cezário de Azevedo e outros, além de manifestos, moções, adesões e noticiário geral sobre a campanha dantista e as eleições. O redator F. de Mendonça afastou-se após a primeira edição.

Terminando a campanha pró-Dantas Barreto, saiu o nº 4 (e último) d'**A Liberdade** a 4 de novembro, ostentando o já mencionado clichê do candidato, seguido de poema cívico de Ton-dela Júnior. Toda a restante matéria foi dedicada ao pleito do dia seguinte, a salientar, com a assinatura de **Y Juca Pirama**,

uma "Interview interessante" com a "Senhora Dona Verdade" (Bib. Púb. Est. e Bib. do IPHAN) (1).

O **FANAL — Órgão Literário** — Destinado a publicar-se quinzenalmente, saiu o nº 1 no dia 15 de novembro de 1911, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Corpo redacional — Armando Falcão, Oscar Lisboa e Figueiredo Júnior. Foi impresso na tipografia da rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-D, para onde devia ser encaminhada a correspondência. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 2\$000.

Constava do editorial de apresentação: "...com vivas cores, como os egípcios antigos que a ação do tempo não tem podido apagar, esboçaremos quadros nos estreitos limites de nossas imaginações e expô-los-emos às vistas ávidas de vós, caros leitores e colegas de imprensa". Alheava-se às lutas políticas e religiosas. Seguiu-se uma crônica de **Vesta**, de congratulações por haver entrado **O Fanal** "na arena da literatura medieval".....

A edição inseriu artigos dos redatores; sonetos de Tiago Vila-Nova e Branca Falcão Cassal e iniciou as seções: "Postais"; "Perfis", por **Adonis**; "Esfinge", de charadas, a cargo de **Hugo Capeto**; "Datas felizes", de noticiário social, e o rodapé "Perditta", romance inédito de Alfredo Falcão.

Não passou do primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## 1912

O **MARRETA (1-A) — Periódico Crítico, Político e Noticioso** — Declarando-se "publicação semanal", saiu o nº 1 a 8 de janeiro de 1912, formato de 37x25, com quatro páginas de três colunas. Impressão da tipografia d'**A República**. Redator-chefe — **Helder Erebo**; proprietários — **J. Prego** (pseudônimo de João Lima), **R. Martelo** e **A. Torquez**. Assinaturas: desde anual, por 5\$000, até mensal, por \$500. Número avulso — \$100.

---

(1) Não obstante tão poucos números publicados, ambas as coleções manuseadas são incompletas, completando-se entre si.

(-A) O título desse jornal depresentava uma sátira ao líder político decaído Rosa e Silva, cognominado **Marreta**.

“Jornal destinado, exclusivamente, à crítica fina, ele não penetrará nos recônditos dos lares”, sendo seu objetivo “re-crear as famílias” — dizia o artigo de apresentação.

Circularam, apenas, dois números d’O **Marreta**, os quais divulgaram interessante matéria, em prosa e verso, inclusive com assinatura de **Hermes Sandoval** ou **H. S.** (Horácio Saldanha), José Peixoto, G. Aires e **K. Lixto**, o responsável pela “Seção Charadística”.

O nº 2 foi datado de 16 de janeiro (**Bib. Púb. Est.**).

A **LANCETA** — **Semanário Ilustrado, Crítico, Político e Noticioso** — Saiu à luz no dia 13 de janeiro de 1912, formato de 33x22, com oito páginas de três colunas. Proprietário — Júlio Agostinho Bezerra, em cuja tipografia, denominada Agência Jornalística Pernambucana, se imprimiu, utilizando papel assetinado. Redatores — Leovigildo Júnior, Osvaldo Aníbal de Almeida e Carlos Oton de Melo Gonçalves.

“...sem obediência política, sem programa político, sem filiação política”, dizia, além disso, o editorial de apresentação: “**A Lanceta**, que pelo nome não peca, tem o bedelho, que é natural de todo vivente que se presa, maior que todos os bedelhos. Em tudo ela se mete, para tudo ela se julga com o direito de crítica, procurando, entretanto, não se afastar da linha em que está colocada a imprensa digna, a imprensa livre... Ela não se afasta da verdadeira compostura em todos os seus atos. O critério presidirá os seus comentários. Será, entretanto, implacável dentro dos limites do direito e da justiça”.

“**A Lanceta** será ilustrada e manterá um atelier (1) para este fim. Propõe-se a acompanhar todos os progressos da arte da gravura e bem assim os da imprensa. Modéstia à parte, vai ser um jornalzinho modelo; pelo menos é este o desejo de seu proprietário”.

Bem redigido e variado, começou o periódico divulgando comentários de **Lucrecio**; uma “Galeria Política”, iniciada com clichê de José Mariano; a seção “Marretadas”, em versos, a car-

---

(1) Na edição de 17/4/1912, a Agência Jornalística divulgava a seguinte tabela de preços dos trabalhos de gravura confeccionados no seu atelier: Fotogravura — 100 réis por centímetro quadrado; zincografia — 150 réis; estereotípla — 100 réis em bloco de madeira e 250 réis em bloco de metal.

go de **Fragoso**; “Furos e lancetadas”; “Serviço telegráfico”, de caráter humorístico; “Queixas e endeixas”, tendo por sub-título: “Seção em prosa ou em verso, / Mas nunca com fim perverso”; “Para rir”; notas diversas, anedotas e ligeiro noticiário.

No segundo número abria-se a seção “Saneamento d’A Lanceta”, assinada por **Zé Mole**; depois, vieram outras, tais como: “Quebra-Quengo”, de charadas, dirigida por **Holmes** (pseudônimo do tenente Jorge de Oliveira) e continuada em 1914, por **Vulcano** (travesti de Severo de Barros); “Cartas de um caipira”, com a assinatura de **Cazuza da Conceição**; “Glossário Cearense” e outras, que se foram sucedendo e substituindo. A capa de cada edição era ilustrada com fotografias de fatos ou figuras importantes ou ainda **charges** desenhadas por **Wald**, que era Valdemar Costa; **Yoyô**, como se ocultava Manuel Caitano de Albuquerque Melo Filho; **Loló**, etc., não faltando eles, igualmente, no texto.

Publicou-se **A Lanceta** regularmente, aos sábados, e, decorridos os dois primeiros meses, também nas quartas-feiras, aceitando assinatura de 50 números por 5\$000. Ocorreram edições especiais: em homenagem à memória do Barão do Rio Branco; pelo Carnaval, impressa em tinta encarnada, e por ocasião do falecimento do líder político José Mariano Carneiro da Cunha (mais de uma), servidas de farto serviço noticioso e fotográfico dos funerais e literatura necrológica.

Instituiu torneios a prêmio e plebiscito político; divulgou movimentadas reportagens policiais, ilustradas por fotógrafo exclusivo; manteve campanhas sociais e admitiu, no primeiro ano, colaboração esporádica de Valfrido Leonardo Pereira, Bráulio Fraga, Lídio Gomes, Mendes Martins, A. Barbosa, Frederico Codeceira (também usando o pseudônimo **Lúcio de Alfombra**), Odilino França, Samuel Campelo, com o anagrama **Leumas** (2), Albino de Brito, **D. Xiquote** (já famoso pseudônimo de Bastos Tigre), Custódio Carneiro, Barbosa Neto, **Gil Paladino**, **Flóscu-**

---

(2) A 20/3/1912 **A Lanceta** divulgou a notícia de haver concedido a **Leumas** o primeiro lugar no seu sorteio literário, publicando-lhe o trabalho premiado: a historieta em versos intitulada “Forte caiporismo”. Mas, na edição de 17/7, **Zé Mole**, que era duro no “Saneamento” da redação, escrevia:

“**Leumas** — É preciso que o amigo faça versos mais decentes. **A Lanceta** é um jornal puramente familiar. O sr., apesar disso, tem talento e pode mandar-nos coisas melhores sem muita pimenta...”

lo da Paz, De Marcos, com a seção "Fitas", Enéas Alves, Mário Melo, Pedro Botelho, autor da seção "Monólogo"; João dos Car-tazes, que manteve, até princípios de 1915, o noticiário comen-tado sob o título "Telas, Palcos e Salões"; Paula Judeu (Osval-do Almeida), que fazia a crônica semanal "Artes e Artistas"; João Calouro, este assinando perfis de estudantes; Zeca Brito (como se ocultava José Ferreira da Silva), etc.

Na edição de 27 de maio, iniciava-se a publicação da peça teatral, em dois atos: "A mal-assada", por Vulcano e Gil Mas-cote (outro pseudônimo de Osvaldo Almeida); e a "Crônica", que vinha sendo assinada por Lucrécio, passou à responsabili-dade do Dr. Pitombo, este mantendo-a durante longo tempo. Não cessava a produção do redator Leovigildo Júnior. E Plan-chut assinou, algures, as "Baralhadas e Trapalhadas".

A Lnceta deu sua maior edição a 10 de agosto, com 12 pá-ginas, em homenagem ao aniversário da fundação (no dia 11) dos Cursos Jurídicos no Brasil, dedicando-lhe espaço integral, ilustrada a matéria com clichês da Faculdade de Direito e de todos os seus professores. Seguiu-se, no dia 14, uma edição nor-mal, mas impressa a cores, solenizando a data em que circu-lava o nº 50; figurou na página de frente um grupo caricatu-ral (desenho de Wald), com "as caretas do pessoal d'A Lanceta, pessoal este que não é de todo feio e, sem grandes dificuldades heróicas, fotografa, grava, faz bonecos, saneia versejando, cro-nica e rabisca, imprime, caricatura e pagina. É esta a zoogra-fia cá de casa". Outro redator, ali incluído, foi Alexandre Mo-ta.

Circulando ininterruptamente, a folha atingiu 1913, acres-centando ao expediente: "Periódico ilustrado de grande tira-gem". Redação e oficina, aliás desde a fundação, à rua do Im-perador ns. 18/20. Por algum tempo, manteve, em manchete, nas páginas do centro, os seguintes títulos: "Diversões — Curio-sidades — Charadas — Entrevistas — Política — Artes — Le-tras — Vida Social — Poesias — Ilustrações". Veio a incluir, de quando em quando, originais de músicas em voga. A edição de 2 de julho estampou na primeira página enorme clichê do Presidente Campos Sales, pouco antes falecido.

Datado de 13 de agosto, o nº 154 fez-se acompanhar de um Suplemento de duas páginas dedicadas ao "Triste e lamentável episódio" do assassinio do jornalista Trajano Chacon (ocorrido dois dias antes), numa reportagem ilustrada com flagrantes

fotográficos. Outra edição, maior, de 12 páginas, foi dedicada à memória do extinto, a 27 de dezembro, também vastamente ilustrada, ao ensejo da pronúncia dos assassinos.

Pouco menos de um mês decorrido do ato de selvajaria da rua da Imperatriz, Osvaldo Almeida, a serviço d'A **Lanceta**, era expulso, violentamente, da Chefatura de Polícia, e, na mesma data (edição de 6 de setembro), à porta do Teatro Helvética, o alferes Severo Dória agredia outro redator, Carlos Gonçalves, sem graves consequências.

Variando, sempre, de colaboradores, o interessante bissemanário veio a divulgar poesias de **Job Sá** (pseudônimo de Jáder de Andrade), Gomes de Castro, Agripino da Silva, Fernando de Mendonça, B. de Azevedo, Teles de Meireles, Afonso Ferraz, Olegário Mariano, Esdras Farias, Armando Maia, Manuel Ferreira Diu; **Flávio Smart** ou Franklin Seve, que era o mesmo; João Fioravante, **Dulce Dolores**, como se ocultava a professora Maria Emilia Pinto da Silveira, autora, também, dos "Perfis da Escola Pinto Júnior", etc.

Firmando produções em prosa, apareciam Mário Sette, **João Feio**, **Zé Caçador**, **Paulo de Pádua**, autor dos "Comentários"; Caitano de Almeida Andrade, Eduardo Dias, L. Távora, com a crônica literária "Bandarilhas"; **Nós Dois**, como se assinava o encarregado da crônica "De como vemos..."; **Frankito & Fakito**, o dos "Perfis farmacológicos", etc. Mais ainda: "Quadras soltas", de **Linguarudo**; "Traços e retraços", por **J. Carlos Fradique**; "Cartas de **Bastião**", em linguagem caçange; "Fitas", de **Pedro Simples** (pseudônimo de Gabriel Soares Quintas); "Ecos do Ai! láife", de **Zico Dúblis**; "Recife elegante", a cargo de **Ivete**; "Cartas impressas", por **A.**; versos humorísticos de **Xico Rato**, e tantos mais.

Enquanto isto, eram vistos desenhos de **Craion** (pseudônimo de Abelardo Maia); **Vitu** (J. Vitoriano Lima), e **Pinheiro** (José Pinheiro), sobretudo **charges**, de grande efeito, ora na capa, ora no texto. Foi intensa a campanha contra a Pernambuco Tramways, no início dos trabalhos para a introdução de bondes elétricos no Recife.

Divulgado o nº 194, de 31 de dezembro, prosseguiu a existência do periódico em 1914, sem alterações substanciais, até que, no mês de junho, voltava a circular uma só vez por semana, pois os tempos estavam "cheios de dificuldades econômicas

para todas as classes sociais”, sendo bastante onerosos os dispêndios com “o serviço litográfico a cores, a ilustração a clichês e o que de habitual se lhe segue”.

Em 1915, porém, já em seu nº 272, ano III, de 2 de janeiro, passou a folha a admitir 12 páginas ordinariamente, quatro das quais, as da capa, impressas a cores, com apuro gráfico, tomando, assim, aspecto definitivo. Anunciou vender-se o exemplar a 100 réis. Não lhe faltava, como desde o princípio, boa messe de reclamos comerciais.

Ia, portanto, **A Lanceta** em auspicioso progresso, pois a 16 de janeiro, solenizando a passagem do terceiro aniversário de sua fundação, escrevia, à página 11: “Nesse espaço de tempo, relativamente insignificante, temos já presenciado, nesta nossa muito querida terra natal, acontecimentos de importância indiscutida numa carreira vertiginosa de crise (não é à quebradeira que nos referimos), em especial nos arraiais da política e do jornalismo. Neste último departamento assistimos, nesses mesquinhos três anos, a nascimentos, enfermidades e passamentos de alguns orgulhosos confrades; mas, graças à Providência divina e à Previdência humana, cá vamos vivendo como Deus é servido em matéria de finanças, que em outra coisa, franqueza das franquezas!, nosso recado é dado com garbo, tão à risca do nosso programa *comme il faut*. A vitória d'**A Lanceta**, perante os embates da quebradeira tremenda que, vendaval furioso com raios e seu rancho, tem esfrangalhado, sem piedade, tantas tendas armadas para a luta pela vida por nobres “filhos de Guttenberg” em Pernambuco, vale-nos por um incentivo na espinhosa jornada que prosseguimos com a altivez dos filhos do povo a quem as delícias de Cápuia das posições cómodas jamais adoçaram a boca com o contrapeso da moral pública e privada”.

O corpo redacional achava-se, então, constituído de Alexandre Mota, Oscar Magalhães, Aníbal Cruz Ribeiro e José Pinheiro o primeiro dos quais produzindo anônimamente; o segundo, em evidência como poeta e prosador; o terceiro, poeta e charadista, usando o anagrama **Labina Oriebir**, e o quarto, desenhista, autor de excelentes **charges** que figuravam na primeira e na última páginas, em litogravuras a cores, alternando com **Vitu, Craion e Wald**.

Continuou, sem alteração, a campanha contra os serviços da Pernambuco Tramways. Copioso material fotográfico ilus-



trava o texto, a salientar clichês de personalidades políticas, figuras da sociedade e flagrantes da guerra européia, de cidades e de vultos internacionais. Surgiram “As enquetes d’A Lanceta”; novos colaboradores e novas seções, a saber: “Postais”, em que apareciam Milton Souto, Prudenciano de Lemos, Carlos Viegas, Hercílio Celso, Jerônimo Nascimento, Jubal de Carvalho e outros plumitivos; “Coisas do grand-mond”, por **Zico Dublios**; “Cartas de Olga”, de **Olga Brasil** (travesti de Agrício Brasil); “Cartas sem porte”, de **Carmen**; “Cartas sertanejas”, de **Chico Nune Catonhé**; “Cartão postal”, a cargo de **Rui Vaz**; “Sabatina”, por Gomes Pacheco; “Professorandas de 1915”, da Escola Normal Pinto Júnior, que tinha como responsável **Anna Mary** (pseudônimo de Mariana de C. P. Barros), além da “Correspondência”, de **Zoroastro**, seguida da “Caixa d’A Lanceta”, por **Theo Cabeção**, e do “Saneamento”, por **Zé Broide**, todas as três tratando das relações do periódico com os literatos ansiosos pela estréia em letra de forma.

Ainda foram colaboradores: Osório Borba, **Jônio** (contos e sonetos satíricos), Osiris Caldas, Fausto Rabelo, Carlos Coelho, **João do Sul ao Norte** (como se ocultava Cícero Perdigão Nogueira), J. Borges, Teles de Sousa, Luiz Moreira, Carmencita Ramos, etc. Promoviam-se concursos: qual o clube de futebol mais simpatizado? o sucessor do governador Dantas Barreto? a guerra européia: mais francófilos ou mais germanófilos? e, já no fim do ano: “qual o clube carnavalesco mais simpatizado do povo?”.

Dedicava-se, aproximadamente, uma página ao “Quebra-Quengo”, cujo diretor, **Vulcano**, foi substituído, em junho (1915), por **Sílvio Ney**, o qual, por sua vez, transmitiu o cargo, em outubro, a **Labina Oriebir**. Seção das mais apreciadas, contou com a colaboração, entre outros, de **Hélio d’Alba** e **Zé Bruno** (pseudônimos de Hercílio Celso), **Flósculo Rusor** (Fausto Rabelo), **Ajax** (Dário Souto), **Polux** (Milton Souto), **Palemon** (Prudenciano de Lemos), **Cérbero** (Severiano Guilherme Pontes), **Deus da Alegria** (Jubal de Carvalho) e Pedro Rego Barros, dono de vários pseudônimos.

A edição de 4 de setembro dedicou duas páginas à agressão de que fora vítima o diretor-proprietário do magazine, Júlio Agostinho Bezerra, por parte de Juvêncio da Cunha Melo Filho, o qual, por questões de somenos, lhe desfechou alguns tiros de revólver. Hospitalizado, em consequência dos ferimentos re-

cebidos, o dono da Agência Jornalística Pernambucana viu-se cercado de solidariedade e simpatias gerais.

Despediu-se da redação, a 13 de novembro, Alexandre Mota. No mês seguinte, dia 18, **A Lanceta** saiu com 16 páginas, ao ensejo da transmissão do Governo do Estado a Manuel Borba, enchendo-se a edição de clichês dos elementos que serviram na administração do General Dantas Barreto, cujos méritos foram enaltecidos em longo artigo, nas duas páginas centrais. Frisou o editorialista que o periódico tivera “a sua razão de existir na admirável vitória do movimento social de 1911”.

Durante 1915 não se alterou o padrão d'**A Lanceta**, bastante noticiosa e variada, cabendo-lhe, na imprensa pernambucana, iniciar o sistema de anúncios em tricromia, para o que dispunha de seção de gravuras, serviço de litografia e boa equipe de desenhistas. Assim continuou até 5 de agosto de 1916, perfazendo um total de 355 edições.

Após longo interregno, reapareceu em abril de 1921, edições modestas, de quatro páginas, e formato um pouco maior que o anterior, lendo-se abaixo do cabeçalho: “Rir é uma manifestação de superioridade. Rindo corrigem-se costumes. É a divisa d'**A Lanceta**”. Corpo redacional desconhecido.

Prosseguiu, meses afora, mantido o velho programa. Teve novos colaboradores, a salientar Agripino da Silva e **Aires Palmeira** (pseudônimo do piauiense José Augusto de Sousa). Decorrido um ano da nova fase, via-se-lhe reduzido o formato à metade. Era o fim. Mais alguns números e terminou a existência do apreciado órgão com a edição de 26 de abril de 1922 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**), (3).

O PARAFUSO — Órgão da Rosca (clube alegórico) — Saiu o nº 1 no primeiro dia — 18 de fevereiro — do Carnaval de 1912, formato de 38x25, com quatro páginas de duas colunas largas. Imprimiu-se em bom papel, a tinta azul, na Tipografia Moderna.

Apresentou lisonjeiro aspecto material, bem elaborado editorial de saudação ao Frevo e toda a colaboração principal em versos, assinados por Bráulio Fraga, Frederico Codeceira e Ernesto Alvares (**Bib. Púb. Est.**).

---

(3) Ambas as coleções manuseadas são incompletas.

O **PALADINO** — Jornalzinho manuscrito, dos alunos do Ginásio Porto Carreiro, teve o seu primeiro número dado à leitura, de mão em mão, no dia 9 de março de 1912. A redação achava-se confiada aos estudantes Ceciliano de Oliveira Melo (Célio Meira), Herculano Pires e José Ximenes (Inf. d'O Recife).

O **THEATRO** — Circulou pela primeira vez, consoante o diário **A Republica**, no dia 21 de março de 1912. Crítico e noticioso, teria, “certamente, boa aceitação pelos frequentadores do Politeama e do Helvética”. Publicar-se-ia semanalmente.

Na semana seguinte, dia 29, outro diário, o **Pernambuco**, registou o aparecimento do nº 2 da “artística folha” acrescentando que ostentava, na primeira página, “o retrato da simpática cançonetista francesa Renée d'Orleans”.

Além de não restarem comprovantes das edições d'O **Theatro**, era parco o noticiário dos contemporâneos a seu respeito. O que é certo, entretanto, é que circulou, pelo menos, até o nº 6, segundo o **Pernambuco** de 3 de maio, cuja primeira página vinha “ilustrada com os retratos dos simpáticos duetistas italianos Fattorini — Caroli”.

O **LIZ** — **Opúsculo Literário e Noticioso** — Estreado a 30 de março de 1912, para publicar-se quinzenalmente, só foi possível encontrar comprovante do nº 6, datado, com bastante atraso, do mês de outubro. Tinha o formato de 30x20, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso em papel **couché**, tinta azul, na Tipografia Comercial, situada à rua São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-D. Diretor — Evaristo dos Santos Maia; redatora — **Dulce Dolores** (pseudônimo de Maria Emília Pinto da Silveira); gerente — Heleno Mendonça. Redação à rua Direita de Afogados nº 88. Preço da assinatura trimestral — 1\$000.

A edição inseriu produções, em prosa, de Soriano Neto, José Miranda e da redatora; poesias de Edgar Gusmão, Ernesto Alvares, Getúlio César, **Visconde da Pedra Fria**, S. Guimarães e Sherloneck de Amorim; noticiário e curiosidades.

Outro exemplar manuseado foi o nº 11, ano III, de 7 de março de 1914, sem outras alterações senão a substituição do gerente por Alvaro Miranda e a elevação do custo da assinatura.

ra para 1\$500, sendo a confecção material executada pela Tipografia Chateaubriand, instalada na rua Duque de Caxias nº 25, e a redação transferida para o Largo da Paz nº 1. A par da matéria ligeira, divulgou trabalhos assinados por Olindina Holanda, Agra Dornelas, Nilo Amorim, C. Meira de Vasconcelos, **Dulce Dolores** e Teodomiro Jordão.

Existe, finalmente, comprovante do nº 13, de 30 de março, ainda de 1914, comemorativo do segundo aniversário d'**O Liz**. Saiu com 12 páginas, figurando na primeira delas o retrato do diretor Evaristo Maia. Colaboração variada e muitas ilustrações, absolutamente destituído de matéria comercial (**Bib. Púb. Est.**).

**A ROSCA — Órgão do mesmo Clube** — Em substituição a **O Parafuso**, publicou-se o nº 2, ano I, no Segundo Carnaval de 1912, a 8 de abril, formato de 33x23, com quatro páginas de três colunas. Foi impresso na Tipografia Moderna, em papel assetinado especial, utilizando tinta azul. Inseriu noticiário da instituição carnavalesca; colaboração satírico-humorística de B. Fonseca, **Zé Cia**, **Rêgo Luis**, **Gomes Medeiros** e outros, sendo toda uma página de poesias (**Bib. Púb. Est.**).

**O RABISCO** — Jornal datilografado, ocupando duas folhas de papel pautado, com as letras do título manuscritas, foi fundado em meados de abril de 1912, só existindo comprovante do nº 4, datado de 11 de maio. Publicação semanal, confeccionavam-se tantas cópias quantos fossem os assinantes, custando 3\$500 a anualidade, 2\$000 o semestre e 100 réis o número avulso. Corpo redacional: Aurino Duarte (o chefe), João Ribeiro Souto, Armindo Vanderlei, Dario Barbosa Souto, Milton Barbosa Souto e Alvaro A. de Oliveira. Além disso, figuravam nomes, no cabeçalho, de nove colaboradores. Escritório e redação à rua do Sol nº 17.

A par de editorial e artigos de incipiente literatura, a edição avistada inseriu seções ligeiras de humorismo e ironia, charadas e “anúncios”.

Segundo informação precisa, **O Rabisco** estendeu sua existência por alguns meses (**Colec. Milt. Souto**).

**A ENCRENCA** — **Livro de Sortes** — Destinado aos salões familiares, em suas reuniões festivas nas noites de Santo An-

tônio, São João e São Pedro, apareceu com 128 páginas e “uma capa **chic**, impressa a cores”. Inseriu “dez assuntos de sortes” e variada colaboração dos “nossos principais literatos” (**Jornal Pequeno**, 21/5/1912).

**O MARRETA — Livro de Sortes** — Redigido por Juca Palheta, apresentou “chistoso conjunto de assuntos e de sortes para as divertidas noites sanjuanescas, contendo literatura, modinhas, cançonetas, etc.” (**Pernambuco**, 4/6/1912).

**ESTA NA HORA** — Entrou em circulação esse outro livro de sortes, organizado por “conhecido humorista” que se ocultava sob o pseudônimo de **Braz Turbante**. Oferecia prêmio, a sorteio, de 50\$000 e um jogo de disparates rimados, intitulado “**O dantista**” (**Pernambuco**, 5/6/1912).

**O TRINTA E QUATRO** — Foi mais um livro de sortes publicado em junho de 1912, tendo como diretores **Zé Pihéria** e **Pedro Alegre**. Imprimiu-o a tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra (Inf. d’A **Lanceta**).

**O RATAO — Livro de Sortes para as festivas noites de Santo Antônio, S. João e S. Pedro** — Tendo como divisa “Espírito e Moralidade”, circulou em junho de 1912, formato de 17x11, com 100 páginas, inclusive a capa, ilustrada de acordo com o título. “Contendo assuntos novos e palpitantes”, foi “dado à estampa sob os auspícios de uma sociedade iniciadora de publicações originais muito bem acabadas, presidida pelo **Barão das Novidades**, secretariado pelo gaiato **Dr. Manéxico**, com assistência dos **Bons Costumes**”. Direção de **Felizardo Procópio**. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial. Preço do exemplar — 1\$000.

A matéria, exclusivamente em versos, constou de Sortes; a seção “Chá de Garfo” (11 sonetos, sem assinaturas), e “Diversos a Diversos”, com a colaboração dos poetas Ismael Silva, C. Buarque, Laurino Luna e Pedro Buarque, encerrando a edição um soneto de despedida do diretor do curioso magazine. Anúncios nas páginas internas e última da capa (**Bib Púb. Est.**).

**O PERALTA — Um pouco de tudo** — Órgão mensal, surgiu em junho de 1912, formato de 35x24, com quatro páginas a três colunas de composição, impresso em bom papel assetinado. Redação à Travessa do Leão Coroado (antiga e atual rua da

Mangueira) nº 9. Tabela de assinaturas: ano — 2\$000; semestre — 1\$000; trimestre \$600; para fora da cidade: 3\$000, 2\$000 e 1\$000, respectivamente.

Só dedicado à Literatura, nada obstante o enunciado no sub-título, a folha divulgou, a partir do segundo número (falta comprovante do nº 1), produções, em prosa e verso, assinadas por Demostenes Cavalcanti, Baltazar José de Oliveira, Paulo E-leutério, M. Libânio, José Antônio da Silveira, José Félix, Manuel Ribeiro, **Omonja**, Alfredo E. da Rocha Pereira, Amadiz Cordeiro, **Mineral do Manguê**, J. Conrado da Costa, Leucade Abru-nhosa, José Constantino, **Lancelote Bigorna**, Vicente Sacra-mento, etc.

A publicação prolongou-se até o nº 6, datado de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

O CALOURO — Entrou em circulação esse “interessante jornalzinho de publicação mensal, dirigido por um grupo de estudantes do Ginásio Pernambucano”. Estava servido de “va-riado sumário” (**A República**, 5/6/1912).

**A REVOLUÇÃO — Jornal Político Contra o Marretismo e Intransigente Defensor do Governo do Estado** — Apresentando lisonjeira feição material, com quatro boas colunas de composi-ção e quatro páginas, surgiu no dia 13 de junho de 1912, desti-nado a publicar-se às quartas-feiras e aos sábados. Assinatu-ras a 2\$000 por trimestre, custando cada exemplar 100 réis.

Dizia-se, no artigo “de fundo”, “escrito por homens do povo que não dispõem de um certo cultivo intelectual, mas que en-tretanto saberão dizer a verdade, pregar o bem e a justiça”, acrescentando: “. . . propugnará pelo nosso grande Partido Re-publicano Conservador, defendendo em toda altura o governo do Estado, não dando tréguas, porém, ao marretismo despudo-rado, pérfido, insidioso e especulador que pretende acastelar-se na nossa política. Arrancará sem hesitação as máscaras de todos esses desbriados trãnsfugas que calculadamente se fin-gem de amigos do governo e continuam indevidamente, indig-namente, nas nossas repartições públicas. Será **A Revolução** a voz do povo, zelando os seus reais interesses e direitos”.

Na primeira edição inseriu-se expressiva fotogravura do líder político José Mariano, falecido dias antes, seguido de ne-

crológios assinados por Caitano Galhardo e Artur Lapa. Afora uma página de anúncios, o restante da matéria constou de artigos contra os jornalistas ex-marretas Osvaldo Machado e Mário Rodrigues (um deles assinado por Crumencio da Silva Ferreira), tema, igualmente, dos dois números seguintes, aparecendo no segundo o clichê do Governador, General Dantas Barreto, e no terceiro o do General Carlos Pinto. Só então figuraram no cabeçalho: diretor — Artur Lapa; secretário — Teodorico Milet. Colaborou, também, o poeta A. Jorge de Sousa, inclusive glosando o mote:

“Uma força em cada esquina,  
Em cada força um marreta”.

Com a publicação do nº 3, datado de 19 de junho, ficou o jornal suspenso, para só editar o nº 4 a 29 de julho, nele figurando como diretor o Capitão Emílio Pessoa de Oliveira. Mudou de tipografia, aumentou um pouco o formato e manteve o lema “Guerra aos marretas”, frisando: “**A Revolução** puxará pelas orelhas esses despudorados que não têm vergonha de posuir nas faces as cores do arco-iris”.

Repleto de matéria variada, mas dentro do programa traçado, logo iniciou, entre outras, a seção de comentários causticantes “Pelos esquinas”, assinada por **Lafaiete** (pseudônimo de Oscar Brandão da Rocha). A última página, entre os anúncios dela constantes, divulgou um da Tipografia d’**A Revolução**, abaixo do qual vinha a reprodução do recibo da compra, pelo Capitão Emílio Pessoa de Oliveira, da oficina gráfica do periódico **O Popular**, de Vitória de Santo Antão.

Terminou aí a meta do bravo jornal, para continuar, na semana subsequente, com outra denominação (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**LEÃO DO NORTE — Órgão Anti-Marreta — Defensor Incondicional do Governo do Estado** — Apareceu com o nº 5, datado de 5 de agosto de 1912, continuando a numeração d’**A Revolução**, a que substituiu. Impresso em oficina própria, localizada no Beco do Ouvidor (hoje, rua Marquês do Recife) nº 1, com quatro páginas de cinco, depois seis colunas. Propriedade “de uma Empresa”, tinha como diretor o Capitão Emílio Pessoa de Oliveira; “redatores e colaboradores — diversos”; na verdade, os redatores eram Oscar Brandão da Rocha e Manuel

Gomes Duarte. Tabela de assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; para fora da cidade: 15\$000 e 7\$500, respectivamente. Número avulso — \$100.

Do seu programa, que ficou expresso no editorial do nº 4 do órgão substituído, constava: "... traçará, sem piedade, o perfil desses rafeiros esquálidos que farejam, com os olhos fitos na boca dos convivas, as sobras, os restos dos bocados que, por descuido, possam cair debaixo da mesa onde aqueles se banqueteiavam cansados de distribuir-lhes **ponta-pés**".

Tomava o compromisso de "arrancar a máscara dos tartufos que aderiram à política republicana e moralizadora do General Dantas Barreto com o intuito preconcebido de corromperem-na, de prostituírem-na..."

"O seu lema — guerra aos **marretas** — continua a tremular na bandeira que desfraldamos aos quatro ventos" — frisou o articulista, concluindo: "Está lançado o cartel de desafio. Preparem-se os Osvaldos e Mários Rodrigues, porque para os cadáveres teremos o bisturi e para os leprosos o ferro em brasa".

Jornal de linguagem candente, como o demonstra o tópico transcrito, e até insultuosa para com os inimigos políticos, desferia ataques a torto e a direito, visando "os rosistas aproveitadores da situação".

Circulando ora duas, ora três vezes por semana (1), por algum tempo abria a página de frente o panegírico de determinada personalidade da grei situacionista, precedida de clichê em duas colunas, com legenda em versos. Várias seções de matéria ligeira, em prosa ou verso, onde a sátira se casava ao humorismo, a par dos editoriais trovejantes e da "Coluna Operária", de Ulisses Melo, espalhavam-se através das duas páginas e pouco de matéria redacional (o restante eram anúncios), a destacar: "Jocadas", a cargo de **Jerímia**; "Pelas esquinas", de **Lafaiete**; "Toques e repiques", de **Sem Jonio**; "Perguntas que não ofendem"; "Pelo fio", de **Abelha**; "Panfletos", de **Leon Petrowisk** (pseudônimo de Juvencio Carlos Mariz); "Observações", por **Beisot**; "De leve", por **H. S.**;

---

(1) Sebastião Galvão ("Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco"), além de haver registado o aparecimento do **O Leão do Norte**, erroneamente, a 20 de agosto, cometeu outro lapso ao classificá-lo como diário, confundindo-o com o órgão de igual nome que circulou em 1908.



“Pelas ruas”, de **Abelhudo**; “Coisas miudas” e “Ripadas”, ambas firmadas por **X.**; “Salpicos”, de **Diavolino**; “Na berlinda”, por **Ling**; “Museu de raridades”; Motes e Glosas, com diferentes assinaturas, inclusive a de **Briano Valério**, ou seja, **Bianor de Oliveira**; “Cartas a Pacheco” e “Na macieza”, por **Silvio Murat e D.**; “Alfandegando”, por **M.**; “Toques e retoques”, ainda a cargo de **D.**, (todos ocultando **Manuel Duarte**), etc. Na edição de 24 de agosto iniciava-se, nas “Solicitadas”, longa série de artigos, sob o título “As misérias da Great Western”, assinados por **Siro**.

A 22 de outubro afastou-se do corpo redacional **Oscar Brandão**, responsável pelos pseudônimos **Lafaiete** e **Sem Jonio**. No mês seguinte, dia 26, ocorreu o falecimento de **Manuel Duarte**, merecendo amplo necrológico (2).

Entre 7 e 19 de novembro, esteve o jornal suspenso, em consequência da mudança da tipografia para a rua Duque de Caxias nº 8. Veio a terminar o ano com o nº 47, de 22 de dezembro, iniciando 1913 com o nº 1, ano II, de 1º de janeiro.

Num comentário da edição de 18 de janeiro, lia-se: “**O Leão do Norte**, amigo do proletariado, porque deste mesmo proletariado nós todos que aqui trabalhamos fazemos parte, abre suas colunas aos operários de Pernambuco, para que nelas sejam discutidas as questões que mais de perto interessam ao povo, sejam lançadas as idéias generosas que possam servir para o melhoramento das atuais precárias condições de subsistência e sejam registados os esforços daqueles que desinteressadamente pretendem cooperar para o alevantamento moral e material do nosso povo, tão honrado, tão generoso, tão forte, tão trabalhador e infelizmente tão esquecido e desprezado”.

Logo após a perda dos primeiros redatores, declinou a parte pitoresca do jornal, extinguindo-se quase todas as seções humorísticas. Apareceu, mais tarde, “As vezes”, com um soneto satírico de **Mauro Cisne**, e **Felix Adão** passou a escrever “A margem”. Raros trabalhos de colaboração eram divulgados, a

---

(2) Tópicos sobre **Manuel Duarte**: “Amava a liberdade e desprezava o incondicionalismo. Não se adaptava com esta espécie de acorrentamento convencional que a sociedade impõe”.

“Como redator do **Pernambuco**, ele deixou em destaque o seu real valor de jornalista que escreve desde o artigo de fundo até a simples e corriqueira notícia”.

salientar os de Isaias Gomes Matos e Silva, Ulisses de Melo e Reginaldo Guanabara.

Os redatores substitutos, Elpídio Cordeiro Benevides e José Chaves de Oliveira, afastaram-se a 20 de março, “o que — dizia uma nota — se comunica para os fins convenientes”.

A folha solenizou, a 13 de junho, com uma edição de seis páginas, o primeiro aniversário de sua fundação, estampando clichês do diretor Emílio P. de Oliveira e dos ex-redatores Manuel Duarte e Oscar Brandão, em meio a extenso artigo, em que dizia haver sido “fundado, com poucos e limitadíssimos recursos, por uma plêiade de moços patriotas ao extremo e que todos eles se distinguiam na luta travada corajosamente pelo povo pernambucano contra os tiranos chefiados pelo conselheiro Rosa e Silva”. E acentuou: “O nosso jornal propugnará pelo nosso grande Partido Republicano Conservador, defendendo o governo do Estado, não dando tréguas, porém, ao marretismo despudorado, pérfido, insidioso e especulador, que pretende acastelar-se no nosso partido”.

Além de combater o “marretismo impenitente”, investia contra “os falsos e maquiavélicos dantistas eternos parasitas dos banquetes orçamentários de todos os governos; que tudo vendem, alma e dignidade, contanto que se conservem alaparados à sombra de gordas sinecuras, ou duma curul nas assembleias de representação do Estado, roídos de paixões, de apetites e de vícios requintados”.

Não deixava o **Leão do Norte** de ser visado pelas vítimas de sua linguagem exaltada. A 28 de junho, por exemplo, o então redator Públio Pugô, às 9 horas do dia, “ao sair do Café Chic, foi agredido e barbaramente espancado pelos policiais”. (3). E, no mês de setembro, “por censurar as irregularidades policiais”, foi o diretor Emílio Pessoa de Oliveira, “ao meio dia em ponto, agredido, no depósito da Lafaiete, pelo major Alfredo Veloso da Silveira Lopes, subdelegado em exercício, acompanhado de suas ordenanças” (4).

A partir da edição de 4 de outubro, o título do jornal pas-

---

(3) **Leão do Norte**, edição de 17 de agosto de 1913.

(4) **Almanach de Pernambuco**, edição de 1919.

sou a apresentar-se com o desenho intercalado de um leão em atitude de espreita.

A 1º de novembro veiculava-se uma nota explicativa, segundo a qual o diretor-proprietário se declarava “único e exclusivo inspirador” de tudo o que se publicava na parte editorial, acrescentando: “Ninguém, além do nosso diretor, tem o direito de falar em nome do jornal ou de representá-lo em qualquer ocasião, salvo em casos especiais, nos quais o capitão Emílio de Oliveira tenha concedido o prévio mandato”.

Tendo dado à publicidade 62 edições até 27 de dezembro, continuou o **Leão do Norte**, em 1914, nº 1, ano III, a 3 de janeiro, com sua linguagem cada vez mais desaforada, profligando erros, verberando escândalos, administrativos ou não, sem solução de continuidade quanto à circulação, já restringida para um só número por semana. Perto do fim do ano, passaram a figurar no Expediente, como advogados da empresa, o deputado Sérgio Nunes Magalhães (durou pouco tempo) e Aniceto Varejão, e como correspondente, no Rio de Janeiro, Armênio Jouvín, sendo “repórteres-diversos” e “redatores-diversos”. Apareciam raros versos de Bianor de Oliveira. Ao atingir o nº 35, de 25 de outubro, a folha foi suspensa, sem motivo alegado, só reaparecendo a 7 de janeiro de 1915.

Nesse derradeiro ano a folha encetou campanha contra certos desmandos da Great Western (hoje Rede Ferroviária do Nordeste), focalizando, principalmente, os condutores de trens, o que deu lugar a nova agressão ao diretor Emílio P. de Oliveira, que foi enfrentado por três indivíduos, a 5 de maio, ao meio dia, em plena rua Duque de Caxias, próximo à redação (5).

Depois disso, circulou o **Leão do Norte** no dia 13, nº 12, que foi o último, quando divulgou uma carta assinada pelos irmãos do diretor — Clotilde, Américo e Bianor de Oliveira — que apelavam “para os laços fraternais, muito amoráveis”, que os uniam, no sentido de que ele suspendesse tal campanha, dado o receio “de novos atentados e traçoelras agressões”. Invocaram, até, a memória dos progenitores.

Atendido o apelo, o capitão Emílio mandou retirar da página, já pronta, a continuação dos artigos “com que pretendia

---

(5) Idem, edição de 1921.

levar a cabo a campanha honesta" em que se enpenhara "para demolir a comandita perniciososa de alguns condutores da Great Western". E frisou: "Nunca me arreceei de agressões, e quando alguma tivesse de ocorrer, confiava que viessem individualmente, um agressor de cada vez, com brio e coragem, e não em bandos, à traição, ferindo-me pelas costas". Em conclusão: "Não deixarei, porém, de registrar que o fato comigo ocorrido vem por em destaque, mais uma vez, quanto é duvidosa a tão apregoada liberdade de imprensa. Ou o jornalista deve viver sempre agachado, como os sapos dos pântanos, ou, se reagir, será fatalmente vítima do estadulho ou do cano de ferro".

Assim encerrou sua existência atribulada o **Leão do Norte**. Divulgaram-se, ao todo, 156 edições (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA ACADEMICA** — Entrou em circulação o primeiro número (e único), "sob a competente direção dos ilustrados drs. Gondim Filho, Laurindo Leão, Augusto Vaz, Neto Campeolo e Gervásio Fioravanti. Em cada página que se abre brilham centelhas de inteligência dos seus distintos colaboradores". "Entre outros trabalhos avultam o do dr. Clóvis Bevilaqua, sobre Brasil e Uruguay, e o do exímio civilista dr. Gondim Filho, sobre Proteção Possessória" (**Jornal Pequeno**, 21/8/1912).

**O TRIBUTO** — **Homenagem da Escola Literária Ribeiro da Silva** — Publicou-se no dia 7 de setembro de 1912, formato de 28x18, com quatro páginas, sendo a primeira ocupada com a effigie do "querido patrono". Trabalho gráfico da oficina da Agência Jornalística Pernambucana. Papel **couché**.

Abriu a poliantéia conciso panegírico do famoso aniversáriante, saudado, a seguir, em crônicas ou notas ligeiras, por Mário Linhares, Petronilo do Amaral, João Lício Barbosa, Fernando Griz, Baltazar da Câmara, Honório e Raul Monteiro, Antônio Azevedo e outros, inclusive soneto de José da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

**A JUVENTUDE** — **Órgão da Sociedade Recreativa Juventude** — Acusado o aparecimento do nº 1 (sem chegar ao nº 2) do "interessante jornalzinho", impresso "em bom papel e de variada leitura". Distribuição gratuita. Pretendia circular mensalmente (**Jornal Pequeno**, 16/9/1912).

**O ECHO** — **Periódico, Literário e Noticioso** — Direção de Custódio Carneiro; redator-chefe — Alexandre Braga. Em for-

mato de 32x23, a três colunas, com quatro páginas, impresso em bom papel, na Tip. Comercial, à rua de S. Francisco, 2-D, o primeiro número foi dado a público em setembro de 1912. Ao lado do título, a divisa: "A imprensa é a eucaristia do pensamento" (Quintino Bocaluva).

Lia-se no artigo de apresentação: "O nosso programa será a defesa do nosso direito e a ilustração de nossos espíritos ainda fracos e ávidos de luzes; rendemos homenagem às datas gloriosas de nossa alcandorada pátria, cantamos com fervor as suas glórias e bradamos com entusiasmo contra os transgressores de nossa lei social".

No segundo número, de outubro, aparecia, como gerente, V. Teixeira. Entre os colaboradores contavam-se Getúlio César, **Mário I. Beiral** (anagrama de Antônio Lima Ribeiro Filho), Cauby Pereira, Frederico Codeceira e W. Silvestre Sobrinho. Noticiário ligeiro e poucos anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Embora faltem outros comprovantes, publicaram-se mais duas edições d'O **Echo**, a última datada do mês de dezembro, segundo o noticiário do **Jornal Pequeno**.

**MERCURIO — Consagrado aos interesses do Comércio —** Surgiu em setembro de 1912, para publicar-se mensalmente, em formato grande, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Impresso na Tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47, tinha redação à rua da Imperatriz nº 15. Assinatura anual — 5\$000. Tiragem declarada de 5.000 exemplares.

Constava do editorial de apresentação: "...ansiamos uma única recompensa: a alentadora certeza de sermos úteis ao Comércio — um dos fatores do nosso engrandecimento e a que, em muito, se deve o caminhar progressivo dos povos — e aos nossos colegas, os obscuros, mas indefessos e impertérritos paladinos da cruzada serena do Trabalho".

Na segunda edição — outubro — abriu o texto a nota a seguir: "Nosso programa é este: batalhar, destemidamente, abnegadamente, pelo que concerne aos interesses do Comércio e, em particular, dos que nesse mesmo Comércio mourejam".

**Jornal bem feito e de matéria variada, dispondo de poucos anúncios, teve como objetivo primordial defender reivindica-**

ções dos comerciários, relativamente a horas de trabalho e descanso dominical. Divulgou produções literárias de S. L., Ulisses Sampalo e U. Ribeiro.

O nº 3 do mensário só veio a aparecer em março de 1913, terminando aí sua existência (**Bib. Púb. Est.**).

**O AGRARIO — Revista da Escola de Agricultura de Pernambuco** — Apareceu em novembro de 1912, para publicar-se mensalmente. Direção dos alunos José Constantino, Luiz de França, Castelo Branco, Américo Montenegro, Marcelo Peres e Severino Mariz.

A propósito, escreveu o **Jornal Pequeno**, do dia 12, acusando-lhe o aparecimento: “Já a feição material, que é agradável, já a colaboração, que, conquanto para ela não concorram trabalhos de nomes conhecidos, ainda assim representa o fruto de um estudo bem feito, de uma investigação cuidadosa e fina de inteligentes alunos daquele estabelecimento. Oferece a leitura de bons artigos, de interesse vivo, tais como a lavoura sêca, a cultura do caféiro, a lavragem do solo e outras questões de grande importância”.

Circularam mais duas edições, sendo o nº 3 registado pelo mencionado vespertino, em sua edição de 18 de janeiro de 1913.

## 1913

**INDICADOR DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE PERNAMBUCO — Publicação Anual de Propaganda** — Apareceu datado de 1912-1913, formato de 31x22, com 242 páginas de papel superior, sendo a capa cartolinada. Responsável e editor — I. Néri da Fonseca, proprietário da tipografia situada à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51.

Vinha, consoante o editorial de abertura, preencher uma lacuna. Pernambuco precisava de um órgão que bem informasse sobre o desenvolvimento da indústria, comércio, agricultura, meios de transporte, condições higiênicas, cultura, comodidades e divertimentos... Daí, a criação do **Indicador**.

Sua matéria não foi além da literatura informativa e dos reclamos comerciais.

Só reapareceu — nº 2 — em 1916, tendo como novos editores proprietários Eugênio Nascimento & Cia., da Livraria (e tipografia) Universal, instalada na Avenida Central (atual Barrão do Rio Branco). Com 222 páginas, dedicou 56 ao Estado de Alagoas.

O 3º e último número foi o de 1917, dedicando exclusivamente a Pernambuco suas 248 páginas de informações comerciais e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

O **CARNAVAL — Órgão Noticioso, Pilhérico e Reclamista de uma Propriedade Anônima** — Circulou no dia 2 de fevereiro de 1913, formato de 38x27, com quatro páginas. Redator-chefe — Paulo Diniz; secretário — **Lúcio d'Alfombra** (pseudônimo de Frederico Codeceira). “Assinatura à vontade do freguês — Publicação anual, na época Momista”.

Afora o artigo-programa, rara matéria carnavalesca inseriu, além de um soneto do redator-chefe; duas sextilhas de **Nós de Casa** e algumas anedotas. O restante espaço, quase três páginas, encheu-se de anúncios (**Arq. Púb. Est.**).

O **CHIM — Órgão do Clube Carnavalesco Misto 18 de Março** — Número único, ano I, publicou-se no dia 2 de fevereiro, começo do Carnaval de 1913, formato de 37x26, com quatro páginas de três colunas. Propriedade de **Surdina**; diretor — **Pacífico da Paz Cordeiro Manso**; redator-chefe — **Matuto Metido**. Confecção material da Tipografia Moderna, à rua Duque de Caxias nº 38.

Seu programa, consoante a nota de abertura, era “rir de tudo e de todas as coisas deste mundo”. Completaram a página de frente os nomes dos componentes das três diretorias do Clube. O espaço restante constou de variada matéria de fundo satírico-humorístico. Trabalhos assinados, apenas, por **Edno e A.A.**.

Nas mesmas condições, circulou outro número único, ano II, no Carnaval de 1914, a 22 de fevereiro, inserindo colaboração de **Gluck**, David Costa, Januária da Silva, etc.

O número único do ano III ocorreu no Carnaval de 1915, a 14 de fevereiro, tendo sido impresso na Tipografia Chateaubriand, à rua Duque de Caxias nº 25. Boa matéria especializada (**Arq. Púb. Est.**).

**O VATAPÁ** — Órgão das Baianas Cachoeiranas — Número único, saiu a lume datado de 2/3/4 de fevereiro de 1913, formato de 26x16, com quatro páginas de duas colunas.

Apresentou editorial intitulado “Vai ou racha, entra ou arrebenta”, seguido de literatura carnavalesca, constituída de soneto e crônica de Estanisláu de Sousa; soneto de **Bolem Balacho**; crônica de **Sancho Pança** e notas ligeiras sobre o tríduo de Momo (**Arq. Púb. Est.**).

**O SAPATO** — Órgão da Troça Carnavalesca Sapateiros — Sem indício de edição anterior, viu-se publicado o nº 2, ano II, a 2/3/4 de fevereiro de 1913, obedecendo ao formato de 32x21, com quatro páginas de três colunas. Impressão em papel couché.

Divulgou interessante matéria dedicada ao frevo e à folia, incluindo a colaboração de David Costa, **Guedopolis**, **Vitopolwysch Faghslandow** e **Simão Pitorra** (**Bib. Púb. Est.**).

**O COIÓ** — Jornal de humorismo e escândalos, surgiu no dia 12 de abril de 1913, formato de 38x25, com quatro páginas, continuando com oito. Redação instalada no Beco do Ouvidor (hoje, rua Marquês do Recife) nº 20. Proprietários — José M. Rosa e Adelino de Santana; diretor — José Bezerra. Assina-va-se a 10\$000, 5\$000 e 3\$000, respectivamente, por ano, semestre e trimestre.

Como apresentação, figurou a legenda de escabroso desenhinho, em zincogravura, da primeira página, aqui reproduzida:

“Eis **O Coió** presunçoso  
Ao lado de sua amada,  
Manso, firme, garboso,  
Deitando sua cartada.

Neste extase de amores  
Nesta alegria sem par,  
Livre e isento de dores  
Veio a vida começar!”

Publicou-se bissemanalmente, com a colaboração, entre outros, de **Frei Batoque** (“Tipos & Tipos”); **Jean Mason**; **Ólho Elétrico** (“Feira de Caxangá”); **Dr. Piff Paff**, ou seja, José Fi-



gueiredo; Cruz Ribeiro; Juca das Neves; Dr. Tinisco; Sarthe; Manuel Firmino Ferreira; Louveland e Silva Regadas. Não faltaram ilustrações fesceninas.

Desapareceu **O Coió** após o nº 8, de 9 de maio, quando José Rosa ficava sozinho no cabeçalho (**Bib. Púb. Est.**).

**O PORVIR — Jornal Literário** — Apareceu o nº 1 a 14 de abril de 1913, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe — José de Orange; redator-secretário — Bento Maciel; gerente — Orlando Dantas. Com redação e oficina (Papeleria Brasil) à rua Duque de Caxias nº 10, assinava-se a 1\$000 por ano, sendo impresso em excelente papel **couché**.

“... publicação particular e de propriedade de seus redatores” — declarou o artigo-programa — transcreveria “trechos escolhidos de autores recomendáveis, publicando produções de seus assinantes, mediante apreciação, e faria trimestralmente concursos a prêmio de produções ineditas”.

No segundo número, datado de 31 de maio, o corpo redacional foi acrescido dos nomes de Gelmirez de Melo, Severino de Albuquerque e Marieta Marques.

O interessante jornal teve também a colaboração de Paulo Moreira, Eduardo Lemos Sobrinho, Brito Macedo, Cleóbulo de Aquino, Bráulio Fraga, Lino Quintas, Joaquim Lima e Severino Rodrigues de Barros. Ligeiro noticiário e poucos anúncios.

Suspensão, “em virtude de causas poderosas”, reapareceu **O Porvir** — nº 1, ano II — em junho de 1914. Afastados os redatores Albuquerque e Gelmirez, foram substituídos por Manuel Ferreira, Boaventura Tavares, H. Soares e Orlando Dantas, este substituído, na gerência, por J. Vasconcelos. Um único colaborador fora do quadro foi o poeta Tiago Vila Nova.

Não há indício de ter prosseguido a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**O MUNDIAL — Órgão de Propaganda Mutualista e Comercial** — Salu a lume no dia 26 de abril de 1913, sob a direção dos diretores da Garantia Predial do Norte e União Dotal Brasileira, tendo como gerente Frederico Codecelra. Imprimiu-se na

tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, formato grande, de cinco boas colunas, com quatro páginas. Redação à rua 1º de Março nº 1, sobrado.

Com dois únicos números publicados, a folha inseriu vasta matéria de propaganda, sobretudo em forma literária, além de anúncios, amenizando-a porém, poemas e prosa de Frederico Codeceira ou **Lúcio d'Alfombra**, que era o mesmo; de Leonardo Xichita e Oscar M.

O nº 2 saiu a 29 de maio (**Bib. Púb. Est.**).

**MARIA** — **Revista Mensal Literária, Apologética e Noticiosa** — “Foi fundada em abril de 1913 pelos revdmos. padres Alberto Pequeno, José Pereira Alves, José do Carmo Barata e Guilherme Wassen, e circulou regularmente até maio de 1914” (1).

Suspensa, voltou a publicar-se em abril de 1915, com sede em Olinda. O nº 4, datado de julho, com 16 páginas, capa simbólica, trazia o sub-título “Revista das Filhas de Maria”. Diretor — Padre Leonardo Mascello; secretário — Padre Alfredo Xavier Pedrosa; gerente — Padre Henrique Vieira. Assinatura anual: comum 3\$000; de proteção — 10\$000. Aprovação eclesiástica. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, no Recife.

A publicação prosseguiu pelos anos afora, “formando (2) um rico, repositório de apologética mariana, defesa dos dogmas, hagiografia, história em geral e missologia católica”.

Em maio de 1917 assumiu a gerência o Padre Euvaldo Souto Maior, passando a redator-secretário em março de 1922 e a diretor-gerente em agosto de 1939, já promovido a Cônego e permanecendo na função até novembro de 1943, quando faleceu, sendo substituído por sua irmã Maria Adalgisa Souto Maior Genn.

Ausentando-se o Padre Mascello, assumiu a direção, em junho de 1920, o Cônego Xavier Pedrosa, que passou a designar-se redator-chefe em agosto de 1939, assim mantido até maio de

---

(1) Até aí, em vista da inexistência de comprovantes, a informação do livro “Letras Católicas em Pernambuco”, do Cônego Xavier Pedrosa.

(2) Autor e obra citados.

1952, quando morreu, substituindo-o o Cônego Eustáquio de Queiroz.

A sede da publicação transferiu-se para o Recife em outubro de 1919, funcionando a redação na rua Conde da Boa Vista nº 640, depois na Praça Maciel Pinheiro nº 54, 2º andar; na Avenida Rosa e Silva nº 1616 e, finalmente, na Avenida Conde da Boa Vista nº 1477. No princípio, a redação localizava-se no Seminário de Olinda.

A partir de 1924, mudou o sub-título para “Revista das Congregações Marianas” e, no período de 1935 a 1939, dizia-se “Filial à Associação Jornalística Católica”.

Velo a alterar-se a tabela de assinaturas em janeiro de 1925, ficando assim organizada: anualidade simples — 5\$000; de proteção — 20\$000; semestre — 3\$000; número avulso — \$400. Só em 1946 ocorreu nova modificação: assinatura anual simples — Cr\$ 15 (3); de proteção — Cr\$ 20; preço do exemplar — Cr\$ 1. Em janeiro de 1949: simples — Cr\$ 20; de proteção — Cr\$ 25; bemfeitores — Cr\$ 100; perpétuas — Cr\$ 500. Em 1952: simples — Cr\$ 25; de proteção Cr\$ 50.

Até outubro de 1940, **Maria** foi confeccionada na Imprensa Industrial; transferiu-se, então, para a oficina do **Jornal do Commercio**, voltando à primitiva em julho de 1945, para finalmente, ser impressa, a partir de outubro de 1948, na tipografia do **Diário da Manhã**.

Além dos nomes figurantes na equipe redacional, a revista inseria, desde o início e de substituição em substituição, trabalhos, em prosa ou verso, dentro do programa enunciado, de **Caitano Galhardo**, **Mário Célio**, **Ignotus**; **Dulce Celeste**; **Miles Christi**, **Jonatas Serrano**, **Max**; **Emílio d’Alva**; **Recife-Noel** (pseudônimo de Raquel Lima), **Padres Gonzaga Cabral**, **Matias Freire**, **Antônio Magalhães**, **J. Benigno de Lira**, **Bernardino de Carvalho e Foulquier**; **Domingos de Albuquerque**, **Tomaz de Aquino**, **M. Cacilda Santos**, **Cláudia Seve**, **Eurípedes Cardoso de Meneses**, **Guilomar de Sá Fontes**, **Frei Romeu Peréa**, **Paulo de Damasco**, **Padres Leopoldo Aires**, **Dubois**, **Carlos Borromeu**, **Henrique de Queiroz**, **Isnaldo Fonseca** e **M. Monteiro**; **Neusa Mousinho**, **Monsenhor Francisco Sales**, **Lamartine Vasconcelos**,

---

(3) O padrão Mil Réis mudara, desde 1942, para Cruzeiro.

Maria José de Jesus, **Diessa**, Monsenhor José Landim, Cônego Pedro Adrião, José Mariz, Monsenhor José Olímpio, Manuel Cirilo Vanderlei, Amélia e Alaide Negromonte, Maria José Aguiar, Eustórgio Vanderlei, João Pinheiro Lira, Armando Mala, Teresinha Caldas, etc.

Vale salientar a colaboração da poetisa Virgínia Cândida de Figueiredo, desde os primeiros números, ininterruptamente, até 1954 (e ainda alguns anos depois). Outra colaboradora de mérito foi Odete Mesquita, só aparecida, a partir de 1939, sob os pseudônimos de **Maria de Ipojuca** e **Clara Lúcia**, com o primeiro assinando crônicas e, depois, "O Conto do Mês", e, com o segundo, páginas de entretenimento para crianças. Enquanto isto, divulgava-se a seção de notas ligeiras "Respigando", que permaneceu de 1918 a 1954, com a assinatura de **Ruth** (pseudônimo usado pelo Cônego Xavier Pedrosa).

Outras seções mantidas, algures, pelo magazine: "Página Catequética"; "Notas e Fatos"; "Notícias Missionárias"; "Da Agência Mariana"; "Graças" e um "Quadro de honra dos protetores da revista". A exemplo do que fizera em 1920, ficando na primeira novela, **Maria** transcreveu, em forma de livro, para recortar e brochurar, a começar de agosto de 1938, a "Vida de São Judas Tadeu" e, desde janeiro de 1946, a novela "No turbilhão do mundo", de João Carlos Moreno.

Circulando em edições que variavam de 20 a 30 páginas, ocorreram, entretentes, números especiais, a saber: setembro de 1922 — Centenário da Independência; agosto de 1924 — Centenário da Consagração da Diocese de Olinda ao Coração de Jesus, com 52 páginas; outubro de 1926 — Centenário de São Francisco; Março de 1938 — Jubileu de Prata de **Maria**, e outras (4).

Nada obstante as assinaturas de proteção, a revista vivia em dificuldades, em virtude da constante alta do preço da impressão, fazendo constantes apelos pró-admissão de novos assinantes. Ao findar o ano de 1951, chegou a anunciar uma suspensão, devido à falta de meios para prosseguir a jornada. Não

---

(4) Em janeiro de 1925 (conforme o **Jornal do Commercio** do dia 29), saiu a lume, também, o **Almanack da Revista Maria**, para distribuição entre os assinantes. Divulgou importantes informações sobre o ano religioso, efemérides e variedades. A edição esteve a cargo do Cônego Xavier Pedrosa e do Padre Euvaldo Souto Maior.

Anno I

RECIFE-Agosto-1913

N.º 5

# HELIOPOLIS

REVISTA DE ARTES E LETRAS



Homenagem da HELIOPOLIS

*Ao fulgurante espirito de Trajano Chacon*

suspendeu, todavia, porque os últimos apelos foram em parte atendidos; mas a circulação passou, em 1952, a ser bimestral. Tomou novo alento e atingiu dezembro de 1954 (5) **Bib. Púb. Est.**) (6).

**HELIÓPOLIS — Revista de Artes e Letras** — Começou a publicar-se em abril de 1913, formato de 23x16, com 20 páginas de texto, utilizando papel **couché**, e capa cartolinada. Apurado trabalho gráfico da Livraria Contemporânea, de Ramiro & Filhos, à rua 1º de Março. Corpo redacional — Agripino da Silva, Mário Linhares, Costa Rêgo Júnior, Silva Lobato, Raul Monteiro, Rodovalho Neves, Ulisses Sampaio, Paulino de Andrade, Eládio Ramos, Mariano Lemos, Umberto Carneiro e Tenório de Cerqueira.

Segundo o editorial de apresentação, firmado por Mário Linhares, a revista surgia “aparelhada para as justas ensarilhadas do Pensamento, revestida da intransigência dos mais sãos e dignificadores princípios”, acentuando: “Não a anima o sopro de fúteis e sorradeiras veleidades; inflama-a o esto da luta em que se empenham, golpeantemente, todos os espíritos impulsionados pela força dos ideais superiores”. Concluiu declarando levar “nalma a fortalecedora esperança de ter, como um supremo conforto, nas horas de quebrantamento, o viático da simpatia pública”.

Na última página vinha o Regulamento, de acordo com o qual o magazine não tinha diretor, mas sim tesoureiro; era mantido por contribuição dos redatores, à razão de 10\$000 mensais, e pelas assinaturas. Cada edição ficava a cargo de uma comissão de três membros, escolhidos em reunião do corpo redacional, mediante escrutínio secreto. Todavia, a comissão diretora, composta de Costa Rego Júnior, Mário Linhares e Raul Monteiro, permaneceu até o fim da publicação. Tabela de assinaturas: anual — 5\$000; semestral — 3\$000. Preço do exemplar — \$500.

**Heliópolis** teve a melhor receptividade possível nos círculos intelectuais, sendo muito bem tratada pela imprensa diária. Circulou regularmente, mantendo o ritmo inicial, algumas páginas impressas a cores, com um suplemento em papel asse-

---

(5) Prosseguiu em 1955, não mais se detendo até hoje.

(6) Coleção desfalcada.

tinado, destinado a anúncios, e uma folha de cartolina especial, ao centro, sob o título "os de casa", exibindo retratos a bico-de-pena ou caricaturas executados, por Lob (Silva Lobato), J. Pinheiro ou Craion (Abelardo Maia). Nas capas apareciam fotogravuras de individualidades de projeção nacional, ao passo que outras, de colaboradores, ilustravam o texto.

Ao atingir o nº 8, desfalcou-se a equipe responsável pela redação, com a saída de Rodovalho Neves (que deixou a gleba para ir instalar-se no Rio de Janeiro) e, em março de 1914, já não constavam do cabeçalho os nomes de Paulino de Andrade, Eládio Ramos, Mariano Lemos e Tenório de Cerqueira. Enquanto isto, entraram a figurar como colaboradores Júlio Pires Ferreira, Manuel Arão, França Pereira, Teotônio Freire, Alfredo de Carvalho, Artur Muniz, Gonçalves Maia, Alfredo de Castro, Faria Neves Sobrinho e Padre Leonardo Mascello.

A segunda alteração verificada no corpo redacional não foi, todavia, ato pacífico, mas fruto de desavença suscitada em torno do título da revista, que Mariano Lemos resolvera registrar como de sua exclusiva propriedade. Houve gestos de contrariedade, de modo que a turma de redatores ficou reduzida a sete elementos. Mais adiante, em janeiro de 1916, Umberto Carneiro era substituído por Eustáquio Gomes e, no mês de abril, aparecia, no quadro, um novo redator: Araújo Filho.

Até dezembro de 1914, o bem feito órgão literário editava-se mensalmente. No ano subsequente, só circulou três vezes: em abril, julho e outubro, com maior quantidade de páginas, o que aconteceu, igualmente, em 1916: edições de janeiro, abril e agosto. Ocorreram, em 1917, apenas dois números: o de janeiro e o de abril, sendo este o 29º, último publicado; quando escreveu a redação:

"Quatro anos de vida numa revista literária! É de mais. Ainda nenhuma chegou lá. Ninguém conseguiu, ainda, esse milagre em Pernambuco".

Cada mês de abril — mês de aniversário — aparecia **Heliópolis** em edição volumosa. A derradeira foi recordista, saindo com 70 páginas, todas circuladas de linhas, mais a capa e diversas outras de publicidade comercial.

Afora os nomes já mencionados, a revista contou, ainda, com os seguintes colaboradores: Olegário Mariano, Lins e Sil-

va, Belmiro Braga, Assis Chateaubriand, Odilon Nestor, Faria Neves Sobrinho, João de Lourenço, Antônio Drumond, Silveira Carvalho, Júlio Maciel, Otávio de Freitas e, na edição final, **Pedro Rodrigues, Rosália Sandoval** (pseudônimo da poetisa alagoana Rita de Abreu), Mário Sette, João Barreto de Meneses, Lucilo Varejão, Laiete Lemos, Esmaragdo de Freitas e **Alres Palmeira** (como se assinava o poeta piaulense José Augusto de Sousa) (1) **Bib. Púb. Est.**).

Trinta e três anos decorridos, precisamente em março de 1950, houve uma tentativa no sentido de fazer reaparecer **Heliópolis**, iniciativa na qual se empenharam os antigos redatores Araújo Filho, Costa Rego Júnior e Mariano Lemos. Ficou só na tentativa.

**O BONDE ELÉTRICO — Livro de Sortes** — Publicou-se em junho de 1913, formato de 19x13, sob a direção de **Felizardo Perpétuo**, reunindo 100 páginas, inclusive a capa, esta ostentando desenho de um bonde puchado por uma fila de burros e homem em pé, a duas cores. Papel **bouffand**. Preço do exemplar — 1\$000. Confecção da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica ns. 49/51.

Iniciavam o texto quatro páginas em versos, de apresentação, seguindo-se um “Florilégio Sanjuanescos — Livro para Salões — Nos divertimentos de Santo Antônio, São João e São Pedro”; Sortes Sortidas e uma parte de literatura, intitulada “**F F F F e R R R R**”, contendo prosa e verso de Elpídio Brasil, Crispiniano Buarque, **Dulce Dolores**, Luna Júnior, Alda Ilza, Eustórgio Vanderlei, Manuel Ferreira e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O MATA MOSQUITOS — Livro de Sortes de Frei Gravatá e Zé Mosquito** — “Abracadabrante e Primoroso”. Sortes “desinfetadas e manipuladas no laboratório químico de Chiste-Verve”, por dois “notáveis higienistas modernos de maior reputação mundial”. Publicado em junho de 1913, reuniu 96 páginas, formato de 18x12, e capa com desenho de mata-mosquito, em duas cores. Trabalho gráfico da “Imprensa Industrial”.

---

(1) “A revista **Heliópolis**, mesmo com o seu aspecto burguês, chegando a sair com capa dourada, foi o que de mais sério apareceu, no Recife de outrora, com o nome de revista” — **Silvino Lopes** (artigo no **Boletim da Cidade e do Porto do Recife**, edição de outubro/dezembro de 1941).



Toda a matéria do interessante jornal, edições afora, constituiu-se de blagues, historietas, anedotas, ditos, a seção “Há núncios analfabéticos”, tudo vasado no mais sadio humorismo, entremeado de boa sátira, pondo em ridículo os figurões da administração decaída. À prosa ligeira, seguia-se o verso chistoso.

Além da matéria geral sem assinatura, **Sá Poty** assinava crônicas e poesias cheios de verve, lendo-se, igualmente, produções de Píndaro Barreto de Meneses, Cromwell Leal, **Zé do Norte**, **Léo Dlopo**, **Chopp Nhauer**, **Mário Marmelo**, **Mr. Brown**, **Eduardo**, **Jaime Giz**, **Juca do Morro**, etc.

Já caminhando para o fim (novo preço do número avulso — 100 réis), abriu a seção “Culônia de Portugali — Diretoire, Antônio Dias”. Modificou-se, por sua vez, o cabeçalho, passando a figurar aos lados do título dois desenhos, em zinco-grafia, representando **O Fujão** e **O Rebocador**. A par dos anúncios, em quantidade reduzida, ocorreram dois concursos, para a eleição da “melhor cerveja” e do “melhor café”. Poucos clichês ilustravam a matéria.

A publicação ultrapassou o ano de 1931 sem interromper a numeração e prolongou sua existência até o n.º 20 de 9 de maio (**Bib. Púb. Est.**). (1)

**A LUTA — Órgão da União dos Operários Católicos de Pernambuco** (com aprovação eclesiástica) — Surgiu no dia 8 de dezembro de 1930, formato de 48 x 30, com quatro páginas de quatro colunas a 14 cíceros, ladeado o título de símbolos de trabalho. Direção do cônego João Olímpio; gerente Eugênio Bandeira dos Santos, funcionando a redação na rua da Piedade n.º 59. Tabela de assinaturas: Ano — 10\$000; semestre — 5\$000; de proteção: 20\$000 e 10\$000, respectivamente; grátis aos operários.

Destinava-se, consoante a apresentação, “ao aperfeiçoamento moral e intelectual” da classe proletária.

---

(1) A coleção manuseada acha-se desfalcada dos n.ºs 1 e 2, encontráveis na biblioteca da IPHAN-Recife.

**A PISADA** — Foi apresentado através do seguinte anúncio: “Qual é o melhor livro de sortes deste ano? **A Pisada**, edição original de **Juca Palheta**. Oferece um prêmio de 150\$000, uma coleção de disparates rimados — “Não se Impressiona” — e a “Cabala de Frel Matias” ou o meio certo de acertar na loteria” (**Jornal Pequeno**, 10/6/1913).

**O BEM-TI-VI** — **Periódico Humorístico, Literário e Noticioso** — Apareceu no dia 10 de junho de 1913, tendo como proprietários: **Drs. Pizada e Pimentão**. Formato de três colunas, com oito páginas. A redação confundia-se com a tipografia onde era impresso, de **J. Agostinho Bezerra**, à rua de São Francisco nº 2-B. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000. Preço do exemplar — 100 réis.

Declarava o artiguete de apresentação: “...falará de tudo, procurando, com a sua verve, curar os sofrimentos alheios, as máguas incontidas, as dores e as saudades”.

Seguiu-se a publicação irregular, embora pretendesse sair bi-semanalmente. Usou, em geral, linguagem licenciosa, desbragada, com **charges** fesceninas na primeira página, incluindo, porém, de vez em quando, um soneto lírico de **Anibal Cruz Ribeiro**, o mesmo **Labina Oribier** de versinhos chulos. Foram outros colaboradores: **Zé Garanche, Jansen de Capistrano, Asilado, Pragamyó**, com a “Semana a prelo”; **Zé dos Cinemas, Juca das Neves, Pedrosa**, etc. Seções havia como estas: “Notas brejeiras”, “Palmatoadas” e “Vida mundana”, não faltando, também, a “Carteira de Oedipo”.

O segundo dos proprietários, que se chamava, na vida séria, **Izidoro Marinho Campos**, foi substituído, no nº 7, por **Olho Elétrico**; depois, acrescentavam-se ao cabeçalho: **Diretor** — **Gil Valério**; **gerente** — **Zeca Lima**; **repórter** — **Lord**.

Não teve existência muito curta **O Bem-ti-vi**, cujo último número, o 16º, saiu no dia 7 de outubro (**Bib Púb. Est.**).

**DOUTORES DA MODA** — **Livro de Sortes para as Noites Sanjuanescas** — Entrou em circulação, tendo como organizador **Cadete Quincas**, repleto de matéria de boa leitura, da literatura ao humorismo, acompanhando-o um disparate com vinte perguntas, intitulado “Os dois surdos” (**Jornal do Recife**, 12/6/1913).

O DR. PISADA — Apresentou-se, finalmente, para as noites festivas de São João e São Pedro, esse livro de sortes, redigido por **Zeca-Melo**, contendo matéria variada, farta colaboração e, entre as canções estampadas, a popular “Caraboo”. Figurou na primeira página “um smart em tinta azul sobre fundo amarelo” (**Jornal Pequeno**, 21/6/1913).

UNIAO CIVICA BENEFICENTE — Jornal mantido pela Associação de Assistência Mútua, recém-fundada, saiu a lume o nº 1, segundo o noticiário do **Jornal Pequeno**, de 21 de junho de 1913, sem mais pormenores.

O FALLADOR — Periódico Literário, Humorístico e Noticioso — Entrou a circular no dia 21 de julho de 1913, formato de 38x25, a três boas colunas de composição, com oito páginas, sendo impresso na tipografia de A. Lins Vieira, à rua do Imrador nº 49, instalada a redação no Beco do Ouvidor (hoje: rua Marquês do Recife) nº 20. Proprietários: **Zé K. Lunga** e **Chico Gordo**; repórteres: **Lord** e **Teu Tio**. Assinava-se a 10\$000, 5\$000 e 3\$000, respectivamente, por ano, semestre e trimestre, custando 100 réis o número avulso.

Sem artigo de abertura, manteve, nas poucas edições vividas, linguagem licenciosa, divulgando reportagens de escândalos, seções debochadas e desenhos de cenas amorosas, com legendas amorais.

Extraordinariamente, a edição de 16 de agosto dedicou a primeira página ao truclamento do jornalista Trajano Chacon, com o respectivo clichê e artigo vibrante de exprobração do crime.

Circularam, apenas, sete números, até 26 de agosto, ficando suspenso **O Fallador**, precisamente quando os proprietários passaram a ser **Ólho Elétrico** e **Lord**, entrando **Zeca Lima** para a gerência.

Reapareceu — nº 1, ano II — no dia 9 de janeiro de 1914, feito “propriedade de uma sociedade anônima”. Acrescentara ao sub-título: “Crítico e Buliçoso”. Consoante uma Declaração da terceira página, a folha sucedia a **O Pimpão**, continuando a dirigir a redação o acadêmico Oscar Cavalcanti, que fora proprietário do outro.

Não teve êxito, igualmente, a segunda fase d'**O Fallador**, que manteve o mesmo programa da primeira fase e não passou do nº 5, de 17 de fevereiro (**Bib. Púb. Est.**).

**A MUTUA PREDIAL DO RECIFE** — Boletim de propaganda da sociedade anônima de construções e prêmios, de nome acima, começou a publicar-se em agosto de 1913, não existindo comprovantes das cinco primeiras edições.

Circulou o nº 6, ano II, em março/abril de 1914, obedecendo ao formato de 37x23, com oito páginas, impresso em papel superior. A edição seguinte, de nº 7, foi datada de setembro, tendo apenas quatro páginas. Nenhuma outra matéria veiculou, a não ser literatura predialista (**Bib. Pub. Est.**).

Ainda se publicou o nº 8, ano III, registado pelo **Diario de Pernambuco**, em sua edição de 30 de março de 1915.

**O LABARO** — Órgão da Sociedade Literária Joaquim Nabuco, do Colégio Americano Batista — Surgiu no dia 4 de setembro de 1913, formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas largas (depois substituídas para três normais). Direção de Osvaldo Silva, redator-chefe Gilberto Freire.

“O nosso fim primordial — dizia no artigo de abertura — é honrar a saudosa memória do nosso inesquecível patrono, o insigne brasileiro cujos sublimes feitos permanecem ainda indelévels na história pátria, tomando-o como o mais perfeito modelo a seguir”.

A segunda (e última) edição do ano circulou a 4 de outubro.

Constitua-se a matéria d'**O Labaro** de produções dos estudantes e noticiário das atividades da Sociedade e do Colégio.

Suspenso, reapareceu, em nova fase, a 20 de julho de 1916, com oito páginas, ainda sob a chefia de Gilberto Freire, tendo como secretário Caio Cavalcanti e gerente Munguba Sobrinho.

Circulou, no ano seguinte, com certa regularidade, sendo o secretário substituído por A. Mesquita. Na edição de 26 de novembro de 1917 veio estampado o clichê do grupo de bacharéis em ciências e letras então formados, entre os quais o atual sociólogo Gilberto Freire.

Só reapareceu no dia 28 de março de 1919 — nº 1, ano V — com oito páginas, sob a direção de José Vanderlei, Antônio Barros e Osiris Caldas, os dois últimos com retratos estampados. Colaboração, entre outros, de Débora Monteiro.

Publicou-se outro número a 30 de maio do mesmo ano.

Decorreu longo período e **O Labaro** voltou ao manuseio do pesquisador, com o nº 3, ano XXII, de 31 de julho de 1936, sob a direção e redação de Belmiro Sampaio. Colaboração de Carlos Dubois, Benjamin Andrade, Jonatas Braga, Estácio Cardoso e Antônio Costa. Das quatro páginas de então passou para doze no quinto número, de 21 de novembro. E parou, voltando a publicar-se — ns. 1 e 2 — nas datas de 14 de junho e mês de novembro de 1937, com seis páginas, tendo como diretor e redator Josias Moura Gomes.

Persistindo a falta de comprovantes, só foi possível avistar outro exemplar d'**O Labaro** correspondente ao ano de 1953, mês de outubro, nº 2, ano XL (1), edição dedicada ao Ex-Aluno, com oito páginas, impressa em papel especial. Direção da Sociedade Literária Joaquim Nabuco, que tinha como presidente Jerson Maciel Neto; redator — José Barros de Moura. Inseriu colaboração dos ex-alunos Marcos Suassuna, Munguba Sobrinho, Elijah von S'hosten, Estácio Cardoso, Washington M. de Amorim e **Aucopin**, notas e reminiscências, tudo ilustrado com fotografias antigas.

Eis, finalmente, aparecido e manuseado o nº 1, ano XLI, d'**O Labaro**, de junho de 1954, tendo por sub-título "Boletim da Sociedade Literária do Colégio Americano Batista". Com quatro páginas de quatro colunas, formato de 32x23, imprimiu-se na oficina gráfica de Mousinho Artefatos de Papel Ltda., situada à rua do Aragão nº 89. Direção de João Alexandre Barbosa. Circulação interna.

Sua matéria principal constou de produções assinadas pelo diretor e por Elmir Ramalho, Genival Costa e Silva, J. F. R., Jorge Eduardo Vanderlei, Cherobino V. Guimarães e Gadiel Perruci, que lançou um apelo, junto aos colegas, no sentido de cooperarem para maior vigoramento da Sociedade Literária Joaquim Nabuco (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) A edição de 1953 foi o único exemplar d'**O Labaro** encontrado na Biblioteca do Colégio Americano Batista.

**HONORES ACCIPE** — **Homenagem da Escola Literária Ribeiro da Silva** — Poliantéla de 7 de setembro de 1913, apresentou-se em formato de 28x20, com quatro páginas, papel superior, impressa na tipografia de Júlio Agostinho Bezerra.

Exibiu, de frente, clichê do “querido homenageado”. As páginas restantes divulgaram crônicas e notas ligeiras em torno do aniversário natalício do professor Ribeiro da Silva, motivo da publicação, assinando-as Raul Monteiro, Joaquim Lima, Fernando Griz, Baltazar da Câmara, Mário Linhares, Pércio Moreira e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O FLORETE** — **Órgão Literário, Crítico e Noticioso** — Com redação instalada na Farmácia Arralal, em Casa Amarela, surgiu a 13 de setembro de 1913, feito quinzenário, depois semanário, com quatro páginas, depois seis, a três colunas de composição. Diretores — A. Ferreira e Sebastião Cabral Pontes; redator-chefe — Edgar Neto; secretário — Gaspar Guimarães. Impressão, em papel **couché**, na tipografia d’**O Tempo**, à rua do Imperador nº 39.

Lia-se no artigo de apresentação: “Será uma arma que levará flores, somente flores, para espargir sobre as cabeças gentis de suas leitoras”.

Publicou-se regularmente, inserindo produções dos redatores e de **R. Danilo** (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias), **Mauzolina**, Barbosa Neto, Alzira Vidal Guimarães, Gulomar de Carvalho e outros plumitivos, terminando com noticiário e alguns anúncios.

Durou pouco **O Florete**, cujo último número deve ter sido o 6º, datado de 26 de outubro (1) (**Bib. Púb. Est.**).

**O TEMPO** — **Órgão do Centro Literário Dantas Barreto** — O nº 1 publicou-se a 5 de outubro de 1913, formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas a 14 cêceros. Redator-chefe — Asdrubal Vilarim; secretário — Costa Monteiro; comissão redacional “para o mês de outubro”: acadêmicos José Neves Daltro, Costa Monteiro, José Sodré da Mota, capitão Antônio

---

(1) Durante vários dias, no mês de dezembro de 1913, o diário **O Tempo** publicou o Aviso a seguir: “A gerência d’ **O Tempo** precisa se entender com o tesoureiro d’**O Florete**, que se edita em Casa Amarela, ou quem suas vezes fizer, a negócio de seu particular interesse. O convite é urgente”.

Lins Caldas e Georgino Martins. Assinatura trimestral — 1\$000; número avulso — 100 réis.

Lia-se no artigo de apresentação, intitulado “O soerguimento d’O Tempo”: “Não procuraremos macular os esplendores da nossa doutrina com os interesses mesquinhos da política. A nossa pena só se levanta para defender o que é puro, o que é admirável, o que é magistral, a idéia. Os nossos cérebros só possuirão no seu interior, aureolados pelos raios da ilustração juvenil, os pensamentos verdadeiramente ímpolutos.

A edição de estréia, que foi, provàvelmente, única, divulgou produções de alguns dos redatores; noticiário, e iniciou um concurso de beleza feminina (**Bib. Púb. Est.**).

**O FEITOZENSE — Revista Literária, Recreativa e Noticiosa** — Destinada a publicar-se quinzenalmente, saiu o primeiro número a 18 de outubro de 1913 (informação do **Diário de Pernambuco** do dia 23), sob a direção de Joaquim Lima; redatores — Trajano Rodrigues, Fernando Gomes, Amaro Oliveira, Mateus Tartaruga e Manuel Reinaldo; gerente — Augusto Mendes.

Primeiro comprovante encontrado foi o nº 4, de 30 de dezembro. Apresentou-se em formato de 33x23, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso, utilizando papel **couché**, na oficina gráfica de Júlio Agostinho Bezerra. Redação instalada na rua Nova do Feitosa nº 67. Assinatura trimestral — 1\$000.

A publicação prosseguiu em 1914, só avistados, entretanto, exemplares dos ns. 13, de 30 de maio, e 17, de 31 de julho. Tornara-se “órgão do Grémio Silvério de Farias”, assumindo o patrono, também, a direção da folha.

Sua matéria constava das seções “Página azul”; “Retalhos”; “Postal”; “Matando o tempo”, de charadas, a cargo de Manuel Reinaldo; “Cota”, crônica de Luiz Loureiro; “Pensamentos”; “Noticiário”; mais a colaboração de Fausto Rabelo, Esdras Farias, Oscar Nunes de Amorim, Tito Manta, Prudenciano de Lemos, **Alicio**, Silvério e **Omonja** (**Bib. Púb. Est.**).

Faltam notícias de haver ou não continuado a publicação.

O **ARRABALDE** — **Órgão Litero-Elegante** — Apareceu a 1º de novembro de 1913, formato de 30x20, com quatro páginas de três colunas. Redatores: Moreira Cardoso, Costa Monteiro, Durval César, Eduardo Cunha (só até o nº 2), Monteiro Filho, Oscar Ramos e Benedito A. Monteiro. Publicação quinzenal, assinava-se a 2\$000 por trimestre, sendo a redação localizada no Sancho (Tigipió), à Avenida Barros Rêgo nº 9.

No “Artigo sem fundo”, dizia o editorialista de 17 anos, tal a idade, em média, dos componentes do corpo redacional: “O nosso programa é agradar às leitoras e aos leitores, maximé às leitoras”. Que tivessem cuidado os colaboradores, pois seriam condenados à cesta os artigos que ofendessem à Gramática e ao Bom Senso...”

Constituiu-se a matéria d’O Arrabalde, em sua breve existência, de produções literárias, em prosa e verso, da turma responsável e de Olga Serrano, Judite Alva, Epifânio Braga, Paulilipo da Fonseca, Custódio Carneiro, Pércio Moreira e J. F. Mulatinho. Havia, também, “Carnet elegante”, “Notas suburbanas”, outras notícias locais e até um “plebiscito elegante”, que findou ao principiar.

Não passou o interessante quinzenário do nº 4, datado de 17 de dezembro. A primeira edição saiu da oficina gráfica da Papelaria Brasil, de Olímpio Brederodes & Cia., à rua Duque de Caxias ns. 10/12. As demais foram impressas na Tipografia Chateaubriand (Bib. Púb. Est.).

O **ANDARILHO** — **Jornal Humorístico, Crítico e Noticioso** — Destinado a publicar-se semanalmente, saiu o primeiro número no dia 1 de novembro de 1913, formato de 35x24, com oito páginas. Impressão da Tip. e Pap. Brasil, de Olímpio Brederodes & Cia., à rua Duque de Caxias ns. 10/12. Assinatura trimestral: 1\$200. Caixa de correspondências à rua de São Francisco nº 2-B.

“...mais um combatente, mais um guerreiro — lia-se no artigo de apresentação — que bater-se-á contra o vício, contra a injustiça, contra tudo que for de encontro à sociedade e à boa moral”. Criado “por uma plelade de moços que desejam se instruir”, teria para todos a crítica sarcástica, a pilhéria fina e inofensiva”. E advertiu: “Seus redatores jamais consentirão que, em suas colunas, figurem nomes ou gravuras que ofendam a moral”.



Principalmente mal redigido pelo redator Mário Flores, o periódico seguiu sua jornada. Ocupava a primeira página de cada edição uma **charge**, nem sempre de bom gosto, salvantes os desenhos de Benevenuto Teles; duas outras continham anúncios, enquanto as restantes inseriam matéria variada, de acordo com o programa enunciado, incluindo seções diversas, a saber: "Observando", por **Jacks Bull**; "Pitadas", por **Mário Beiral**, (anagrama de Antônio Lima Bezerra Filho); "É com isso que Zezinho esperneia", de **O Cisne**, que depois a mudou para "**O Andarilho** na cavação"; "Pelo espiritismo", por **Crispim Latoeiro**; "De varanda a varanda", a cargo de **Parafuso**; "Pela ribalta", etc. Sonetos de Silva Regadas, **Labina Oriebir** (anagrama), **Barbosa Neto**, **Pena e Costa** e **Leão de Sales**.

Estendeu-se a publicação, não muito regular, até o nº 6, de 21 de dezembro, excepcionalmente com quatro páginas, em papel de cor.

Após quase um ano de suspensão, reapareceu **O Andarilho**, em nova fase, — nº 1, ano II — a 31 de outubro de 1914. Exibiu formato maior, de 40x26, a três colunas largas de composição e quatro páginas, substituído o cabeçalho por vistoso clichê. O programa dizia-se o mesmo, sendo redatores: **Zé Grilo**, **Zé Perreré**, **Zé Dunga** e **Zé Macaco**. Nova tabela de assinaturas: ano 5\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000. Número avulso — \$100.

Embora promettesse a redação dar ao público "um jornal humorístico capaz de entrar em qualquer lar familiar", não o fez. Ao contrário, entrou a inserir ilustrações livres, servidas de legendas de duplo sentido, e incluiu, entre a matéria tipográfica, a seção nada escrupulosa "Notas do brejo". Foram outros colaboradores **Gil Lima**, **Walkiria**, **Zebalos**, **Zé M. Leite**, **H. Romeu**, **Zé Palhaço**, etc., sendo abundantes as produções ligeiras assinadas pelos redatores. Poucos anúncios. Duas edições homenagearam, com os respectivos clichês, o governador **Dantas Barreto**, o prefeito **Eudoro Correia** e o deputado **Neto Campelo**. Não faltava, também, a inserção de letras de canções da época, sobretudo do repertório de **Felix Lobo**.

Dada a edição de 19 de dezembro, ocorreu o interregno de quase um mês, só vindo a publicar-se o número 9, em continuação, a 16 de janeiro de 1915. Mais algum tempo, e o nº 13, que saiu, com atraso, no dia 1 de março, apareceu com oito pági-

nas, mas o formato reduzido à metade, entrando para o corpo redacional **H. Romeu** e retirados **Zé Pereira** e **Zé Macaco**.

Era, entretanto, o fim d'**O Andarilho**, que cansara ao iniciar sua terceira fase. (**Arq. Púb. Est.**).

**O PIMPÃO — Periódico Humorístico, Crítico, Boliçoso, Noticioso e Literário** — Propriedade “de uma associação anônima” (na realidade, o proprietário era o acadêmico Oscar Cavalcanti), saiu o primeiro número no dia 14 de novembro de 1913, formato de 38x25, com oito páginas. Dizendo-se bissemanário, cobraria 10\$000 por assinatura anual e 5\$000 pela semestral. Número avulso — 100 réis. Impressão da tipografia de A. Lins Vieira, à rua Barão de Lucena (ex-Pátio do Paraíso, hoje inexistente), onde também funcionava a redação.

Seguiu o caminho dos jornais debochados da época, com desenhos pouco recomendáveis, igualmente a quase toda a matéria. Pretendeu, entretanto, um lugar entre as publicações sérias, inserindo seções como “**O Pimpão de monóculo**”, por **Marcus Vinicius**; “**Bastidores**”; “**Posta Restante**”, por **Petronio**, e até colaboração literária de Pécio Moreira e outros plumitivos.

Mas foi muito curta a vida d'**O Pimpão**, que se extinguiu com o nº 4, de 12 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

**O PRELIO — Periódico de publicação bimensal** — Impresso em papel superior, saiu o nº 1 a 14 de dezembro de 1913, formato de 33x24, com quatro páginas de três colunas, sem mencionar corpo redacional. Imprimiu-se na tipografia d'**O Tempo**, à rua do Imperador nº 39, funcionando a redação na Estrada do Arraial nº 47, Casa Amarela.

“...tentaremos — declarava o artigo de abertura — fazer d'**O Prelio** a consciência da alma coletiva, a que se dirige, refletindo os pensamentos que a dominam, levando-lhe, como as ondas fertilizantes de um Niló, a força das nobres emoções intelectuais do saber e da forma, da arte e da ciência”.

Divulgou produções de Enéas Alves, A. Galvão Cerquinho, Gil Florêncio, **Mínimus**, **Duclos**, **Sílvio** e Gulomar de Carvalho. Quase uma página de anúncios.

Faltam indícios da continuação (**Bib. Púb. Est.**).

O PLANETA — Órgão Independente, Literário e Noticioso — Publicação mensal, apareceu a 15 de dezembro de 1913, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Diretor — Clementino Pontes; gerente — Abelardo Cavalcanti. Redação à rua do Sossego nº 88. Custo da assinatura trimestral — \$500; edição avulsa — \$200.

Vinha, conforme o artigo de apresentação, “advogar a causa daqueles que, infelizmente, no momento atual, se vêem prejudicados em seus direitos”. Gritaria contra as irregularidades, marchando sempre “ao lado da justiça”.

Mais adiante, comentou, elogiosamente, a passagem do segundo aniversário do governo de Dantas Barreto. José Constantino abriu a seção “Vida operária”; seguiram-se produções literárias de L. Barbosa, *Mineral do Mangue* e J. Caitano; soneto de Melo Santos, breves comentários e noticiário.

Só avistado o primeiro número. Teria sido único (**Bib. Púb. Est.**).

ALBUM ARTISTICO, COMMERCIAL E INDUSTRIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO — A primeira edição circulou no fim de 1913, formato oblongo de 11x16, com 302 páginas de papel couché. Editores e proprietários — Manuel Rodrigues Folgueira & Cia., com redação à rua do Hospício nº 210, no Rio de Janeiro.

Em seguida à página de rosto, nela repetidos os dizeres da capa, esta em cartolina, apareceram clichê do editor Folgueira e um quadro alegórico com retratinhos da comissão executiva da Liga Comercial Dantas Barreto. Toda a matéria constituiu-se, precedida de ligeiros dados técnicos de cada município, de anúncios e fotografias de casas comerciais ou industriais do Recife e do interior do Estado, paisagens, edifícios públicos e autoridades administrativas, tudo com a marca do fotógrafo Folgueira. No fim, algumas páginas dedicadas a informações úteis de serviços públicos e um calendário do ano.

Acrescido de dois centímetros o formato, a segunda edição publicou-se em 1914, com 160 páginas, só dedicada à publicidade comercial ilustrada do Recife e iniciada com clichês do editor, do Governador Dantas Barreto e do Prefeito Eudoro Correia.

Sem literatura, sem panegíricos, sem uma nota redacional, o seco **Album** documenta, entretanto, aspectos do comércio e da indústria pernambucana do princípio do século. Sua distribuição era feita como brinde das Prefeituras e das firmas anunciantes (**Bib. Púb. Est.**).

Decorridos doze anos, veio à tona o nº 3 do **Album Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**, obedecendo ao mesmo padrão dos anteriores, conforme noticiou o **Jornal do Recife** de 20 de janeiro de 1926.

## 1914

**ALBUM DE PERNAMBUCO** — Circulou em 1914, formato de 23½x32, oblongo, confeccionado na tipografia do **Anuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 24, em Lisboa; tiragem de 4.000 exemplares. Organização e direção de Manuel Monteiro. Preço do exemplar — 60\$000. Apresentou-se encadernado, capa dura, ilustrada com expressiva alegoria simbolizando a vida pernambucana, sem faltar a legendária figura do Leão do Norte.

Todo impresso no melhor papel **couché**, sua matéria consistiu de uma nota histórica sobre Pernambuco, ocupando 30 páginas, repetida noutras tantas, na língua francesa; 170 páginas de ilustrações fotográficas, constituídas de aspectos do Recife e das principais cidades do interior, e páginas especiais em cartolina de cor, com fotografias superpostas do Governador Dantas Barreto, a primeira, e de outras personalidades, ou de reproduções de cabeçalhos dos diários da época, ilustrados com clichê do redator-chefe de cada um, cm meio a desenhos simbólicos (**Colec. Olímp. Costa Jr.**).

**JORNAL DO COMMERCIO** — **Órgão Independente, Defensor do Comércio, Indústria e Agricultura** — Apareceu no dia 27 de janeiro de 1914, formato de 48x27, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade “de uma Sociedade Anônima”, teve como diretor José Irineu de Sousa, sendo impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Redação na rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 60, 1º andar. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre 4\$000; para fora da capital: 9\$000 e 5\$000, respectivamente.

Declarando “devotamento às causas públicas”, acentuou o editorial de apresentação: ‘O título que serviu ao nosso batismo no jordão da publicidade é um estandarte bastante amplo para comportar tudo o que se possa ventilar na imprensa, pois o vacábulo **comércio**, além do seu sentido restrito, compreende outras atividades que posso (?) resumir na expressão sintética: **tráfico social**’.

Sua matéria constou de comentários ligeiros e amplo noticiário. **Sem** (pseudônimo de Armando Oliveira) abriu a seção “Furos”, de versos humorísticos, e **Petrônio** (como se ocultava Valfrido de Almeida) começou a nota intitulada “Films”. Pouco mais de uma página de anúncios.

No segundo número, de 6 de fevereiro, mais de duas páginas foram dedicadas às bodas de prata do Comendador Bento Luiz de Aguiar, incluindo fotografuras.

Não há notícia de haver continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**MARIDOS IDEAIS — Órgão do Clube (1)** — Interessante publicação carnavalesca, saiu a lume no dia 22 de fevereiro de 1914, impressa em papel especial, formato de 31x20, com quatro páginas de três colunas.

Ocupou-se, a começar da crônica de abertura, quase que exclusivamente, do tema do título, através de notas ligeiras e produções poéticas, com diferentes assinaturas, a salientar: **Hélio, Doutorzinho, Bochecha, A Sogra e José Noca**.

O “marido ideal” era, segundo um dos colaboradores, assemelhado ao “marido carnaval”.

Poucos anúncios completaram a última página. E o jornalzinho ficou no primeiro número (**Arq. Púb. Est.**).

**MACACO SECCO — Clube Carnavalesco** — Saiu a lume no dia 22 de fevereiro de 1914. Edição da Tipografia L. Guimarães, foi impresso em papel de cor, formato de 32x22, com quatro páginas, servindo a primeira de capa, ilustrada com vinhetas alusivas à folia.

---

(1) A denominação da nóvel sociedade carnavalesca teve origem numa enquete do **Jornal Pequeno**, entre suas leitoras intelectualizadas, com a pergunta: “Qual o marido ideal?”

Divulgou uma crônica única, em prosa e verso, que ocupou as páginas centrais, em tipo corpo 10, focalizando pesosas e coisas do Carnaval, em linguagem pitoresca. Ficou em branco a quarta página (**Arq. Púb. Est.**).

**O FRADE — Órgão dos Frades Deportados —** Ano I, número único, circulou a 22 de fevereiro de 1914, embora não mencionasse data, nem procedência. Formato de 24x15, com quatro páginas de duas colunas.

Era “um misto de Momo e frade”, segundo o artigo-programa. Não se dispunha “a confessar ninguém”, pois resolvera “dar um quarto ao Diabo, entrando no Carnaval decididamente”.

Redigido e confeccionado por um grupo de tipógrafos intelectuais do **Jornal do Recife**, em cuja oficina foi impresso, nele escreveram Estanislau de Sousa, Cha-Gaz (criptônimo de Antônio Chagas Ribeiro), **Frei Calunga** e **Bumba**, junto à colaboração do jornalista Armando Oliveira, o qual, sob o pseudônimo de **Sem**, forneceu as produções “Tango da Fradalhada”, “Hino Conventual” e “Canção Fradesca”.

Outra edição, igualmente sem data, foi dada a público no Segundo Carnaval do referido ano, dia 11 de abril, incluindo soneto do tipógrafo Silvano e mais variada matéria mluda.

Finalmente, saiu a 14 de fevereiro de 1915 — primeiro dia de Carnaval — o nº 3, ano II, nele aparecendo a mesma turma das edições anteriores (**Bib. Púb. Est.**).

**O CARNAVAL — Noticiário do Esplendoroso Carnaval de 1914** — Publicou-se a 22 de fevereiro, formato de 36x22, com quatro páginas de três colunas, destinado a divulgar literatura de propaganda dos produtos do Laboratório Maciel (de Limoeiro), com depósito e escritório no Recife.

Inseriu pouca matéria carnavalesca e colaboração única de **Frei K. Duco**. Sonetos anônimos fizeram a apologia da famosa “Garrafada do Sertão” (**Arq. Púb. Est.**).

**O COMMERCIO — Publicação Bissemanal Vespertina** — De formato grande, em cinco colunas, com quatro páginas, deu à luz o primeiro número no dia 6 de março de 1914. Diretor-proprietário Severiano Correia de Araújo; redatores Oscar Ca-

valcanti e João Mendes de Sousa. Com oficina à rua Francisco Jacinto (atual Siqueira Campos), instalou redação à rua Augusta nº 79. Assinaturas — ano — 10\$000; semestre — 6\$000.

Constava do artigo-programa: “Filho, única e exclusivamente, do trabalho acurado e constante de todos os dias, **O Commercio** surge à arena do publicismo pernambucano cingindo a rija couraça dos cruzados antigos, para defesa de uma só e única religião puríssima e sagrada: a religião do trabalho que engrandece os povos”.

Jornal bem feito, seguiu sua trajetória com certa irregularidade de circulação, mas dedicado ao objetivo que se traçava. Abriam-lhe o texto constantes artigos de defesa dos interesses comerciais; além do noticiário; a seção “Escrituração Mercantil”, por Genebaldo do Nascimento; diferentes artigos assinados por Severino de Albuquerque e outros, sem faltar uma parte literária, com versos de Ernesto Alvares, Mavignier de Noronha, Adauto Acton e Tiago Villa Nova. Havia ainda a seção instrutiva “Correspondência Comercial” e cêrca de duas páginas eram dedicadas a anúncios.

No nº 12, de 6 de junho, o redator João Mendes era chamado a prestar contas da verba de assinaturas a seu cargo.

O último número foi o 15º, de 9 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**MUTUALIDADE PERNAMBUCANA** — Começou a publicar-se na primeira quinzena de março de 1914, só encontrado noticiário, a respeito, no periódico **A Serra**, de Timbaúba, edição do dia 21.

Outra única informação do órgão de “propaganda da sociedade desse nome” acha-se no **Diário de Pernambuco**, de 19 de maio de 1915, que acusou o recebimento do nº 2, ano II.

**PÁTRIA** — Órgão mensal dos alunos do Colégio Imaculada Conceição — Apareceu impresso em bom papel, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas, trazendo aos lados do título os slogans “Deus e Pátria” e “**Labor improbus omnia vincit**”.

Começou a circular em abril de 1914, tendo como diretor Delfim Cavalcanti de Araújo; redatores: Joaquim de Oliveira e José de Araújo C. Duca; gerente — Lulz Osório de Siqueira.

Trabalho gráfico de I. Neri da Fonseca, à rua do Apolo ns. 49/51. Redação à Estrada da Ponte d'Uchôa nº 30 — Colégio Marista. Assinatura anual — 4\$000 (5\$000 para o interior do Estado).

Depois do quinto número, publicado em agosto só há conhecimento das edições de 1915, quando foi publicado, regularmente, saindo a primeira em abril e a sexta no mês de setembro. Nesse período o corpo redacional achava-se desfalcado de Delfim e de Oliveira, substituídos por Alvaro W. Lima.

Afora a produção dos redatores, o periódico teve a colaboração de Lourival Cavalcanti de Araújo, A. Lima, Gilberto C. Araújo, Manuel Araújo, Lúcio Pires, Narciso P. Lins, Domício P. Lima e outros, que se escondiam sob pseudônimos.

**Pátria** inseria noticiário de interesse do colégio, sendo ilustrada cada edição com clichês de imagens (**Bib. Púb. Est.**).

**FIAT-LUX — Revista Literária, Desportiva e Noticiosa do Grêmio Olegário Mariano** — Surgiu a 23 de abril de 1914, formato de 33x22, com oito páginas de três colunas, instalada a redação na Estrada dos Aflitos (atual Avenida Rosa e Silva) nº 74, logo transferida para a rua Santo Elias nº 1, Espinheiro. Direção de Henrique Costa (1), o qual, no terceiro número passou a redator, entregando a função maior a Rômulo Sousa; redatores — Baltazar de Oliveira, M. Sampaio, Salatiel Costa, Cristiano Cordeiro, Joaquim Lima, Tito Manta e Francisco Fixel; gerente — S. Rodrigues. Assinaturas: semestral — 3\$000; trimestral — 1\$500. Número avulso — \$500.

Muito mal redigido, o editorial de abertura só serviu para apresentar (clichê ao centro da página) a musculatura de um lutador pernambucano. A redação lançou outro artigo de apresentação no nº 2 do jornal, igualmente péssimo.

Nada obstante, inseria boas produções, em prosa e verso, quando assinadas, inclusive por Oliveira e Silva, Mavíael do Prado, Brito Macedo, Oscar Magalhães, Alberto de Oliveira, Leucade Abrunhosa e outros. Uma seção charadística intitulava-se "Esmaga míolos" e o registro de aniversários natalícios era feito na "Coluna rósea".

---

(1) Desportista especializado em luta romana.



Tendo os dois primeiros números saldo com oito páginas, o terceiro só teve seis. Foi o último publicado, no mês de junho (**Bib. Púb. Est.**).

O MEZ — **Literário, Crítico e Noticioso** — Surgiu no dia 25 de abril de 1914, formato de 28x17, com quatro páginas de duas colunas. Diretor — Ildefonso Lopes; redatores — Durval Montarroios, Leôncio de Sá e Rodrigo de Almeida, funcionando a redação na Estrada do Rosarinho (atual rua Dr. José Maria) nº 6. Publicação mensal.

Constava da ligeira nota de abertura achar-se o jornalzinho disposto “a tudo fazer para o engrandecimento da pátria”, sendo o seu programa expresso no sub-título.

Edição modesta, divulgou matéria ligeira, aí compreendida a literatura incipiente dos redatores, assim continuando. Na quarta edição, porém, que saiu a 26 de julho, aumentou o formato para 33x23, a três colunas de composição, sempre impresso em papel *couché*. Oito páginas, depois diminuídas para quatro. A assinatura semestral, que custava 400 réis (500 réis fora do Estado), passou para 1\$000 (1\$200 fora do Estado), e o número avulso vendia-se a 200 réis.

A feição gráfica melhorou, também, inserindo clichês e colaboração de Baltazar de Oliveira, Silvino Lopes, Napoleão Albuquerque, Ribeiro da Silva, Bráulio Fraga (1), Esdras Farias, **Matos e Silva**, Borges Fialho, Ovidio Guimarães e outros. Manteve concurso de simpatia e boa seção charadística.

Em janeiro de 1915 faleceu o redator Durval, sendo substituído por João Montarroios. O corpo redacional sofreu outras modificações, afastando-se Leôncio e Rodrigo e entrando Aladin Vanderlei. Bem organizada, a edição de aniversário, com oito páginas.

Desde julho de 1915, passou a ser impresso em papel de cor, assetinado, assim continuando até janeiro do ano seguin-

---

(1) Em artigo intitulado “Vergonhoso”, na edição de janeiro de 1916, **O Mez**, aludindo à “trajetória negra em que pontificam os nulos, os insensatos, os intrujões da nossa literatura”, verberou a atitude do periódico **Bello Campo**, da Bahia, que plagiara o artigo “A Instrução”, de Bráulio Fraga, “sem alteração de uma virgula”, dando-lhe a assinatura de O. M.

te, nº 19, havendo, nos últimos meses, algumas lacunas na circulação.

O nº 20 saiu no mês de abril de 1916, feito revista de bolso, com 14 páginas, inclusive a capa. Festejou, aí, o segundo aniversário de fundação, inserindo literatura, em prosa e verso. Em artigo de fundo, o diretor Ildefonso Lopes congratulou-se com o acontecimento, pois nenhum outro jornal, na Encruzilhada, conseguira ultrapassar um ano de vida. Sobre a data, escreveram ainda Joaquim Lima, Luiz Loureiro, J. M. Gama (soneto) e Francisco Rodrigues.

Nova edição d'O Mez como revista, começou a ser confeccionada para circular em maio, mas, depois de já estarem impressas duas páginas, ficou suspenso o serviço. Findou, dessa forma, a existência da interessante publicação.

O nº 1 tinha sido impresso na tipografia d'A Republica; do 2º ao 14º saiu da oficina gráfica da Fábrica de Sacos de Papel, em Santo Amaro, e os restantes em tipografia própria, estando toda a mão de obra a cargo dos jovens intelectuais-tipógrafos amadores Ildefonso Lopes e José Penante (2) (Bib. Púb. Est. e Coleç. Ild. Lopes).

O ESTADO DE SITIO — Livro de Sortes — Entrou em circulação, “editado pela Imprensa Industrial e caprichosamente organizado”, para as noites alegres de Santo Antônio, São João e São Pedro. A redação esteve a cargo dos “conhecidos humoristas” Zé Militar, Zé Povo e Zé Capelão (A Provincia, 10/5/14).

VEM VINDO — “Espirituoso livro de sortes”, foi redigido por Donato de Arruda e “caprichosamente confeccionado para as próximas festas sanjuanescas” (A Provincia, 12/5/1914).

O PADRE CICERO — Circulou esse outro livro de sortes, “da lavra de Labina Oriebir, pseudônimo que esconde o espirituoso moço Aníbal Ribeiro. As quadras numeradas são feitas com alguma originalidade e a parte miscelânea vem bastante agradável” (Diário de Pernambuco, 13/5/1914).

---

(2) Informação pessoal de Ildefonso Lopes.

A NOTA (1) — **Quinzenário Ilustrado** — Circulou pela primeira vez a 13 de maio de 1914, formato de 28x16, com doze páginas a duas colunas de 14 ciceros. Direção de Astrogildo Calipso de Carvalho, tendo como secretário Ovídio Guimarães; redatores — Luiz de França, Manuel de Sousa, Valfrido Leonardo Pereira e Marcelo Ramalho; gerente — J. S. Lima Júnior. Redação instalada na Estrada de Belém (Feitosa) nº 64 e trabalho gráfico da oficina de Júlio Agostinho Bezerra. Assinatura semestral — 3\$000. Número avulso — 200 réis.

O aparecimento da revista constituiu, consoante sucinta nota de abertura, plena temeridade num meio “refratário, por índole e por educação, às coisas da inteligência”. Todavia, a audácia “é o predicado supremo da mocidade”. Daí, o “órgão de ciências, artes, letras e variedades” que estava sendo entregue ao leitor.

Magazine interessante, dividia-se-lhe a matéria em seções, tais como: “A Nota Social”; “A Nota Fotográfica”; “Utilidades”; “A Nota Elegante”; “A Nota Teatral”; “A Nota Noticiosa”; “Silhuetas feminis”, a cargo de **Minerva Pereira**; “Charadofilomania” e “Pró-Ciência”, afora a produção em prosa e verso, com assinatura dos redatores e de Agripino da Silva, Francisca R. Pereira, Teodoro de Albuquerque, Lourival Moreno, Mendes Martins, Osvaldo Aníbal de Almeida, Borges Filho, Samuel Campelo, **J. Bocó**, Manuel Arão, Fausto Rabelo, Napoleão de Albuquerque, Paulino de Andrade, Manuel de Sousa Pinto, Gonçalves Maia, Leovigildo Júnior e outros. No nº 3, o **Diabo Louro** (pseudônimo de V. Leonardo Pereira) iniciou curiosa seção, intitulada “Crônicas Mundanas”, mas ficou na estréia. As capas, trabalhadas em vinhetas, apresentavam soneto ou fotogravura de quadro célebre.

Como sola acontecer, **A Nota** não conseguiu equilibrar-se e deixou de existir após o nº 6, datado de 6 de agosto, jamais tendo ultrapassado a quantidade de páginas inicial (**Bib. Púb. Est.**).

O ESTUDO — **Literatura, Artes, Ciências, Etc.** — Publicação mensal, surgiu no dia 15 de maio de 1914, formato de 37x24, com quatro páginas a três colunas de 12 ciceros. Papel couché

---

(1) No volume seguinte desta “História da Imprensa de Pernambuco” encontrará o leitor outra **A Nota**, que viveu de 1916 a 1921.

e lisonjeiro trabalho gráfico. Corpo redacional — Luiz Ribeiro Pessoa, Rotílio Marinho e Samuel Gomes: auxiliares — José Carlos de Santana, José Augusto Noronha (assinava-se **Janf**) e José Negreiro, funcionando a redação no nº 26 da rua Conde Aguiar, subúrbio de Boa Viagem.

Lia-se no editorial de apresentação: "... a sua base é uma somente: é trabalhar unicamente para o engrandecimento da literatura; é lutar valorosamente, com toda energia, para o desenvolvimento da intelectualidade; é pelear unicamente em prol das letras pátrias".

Em sua curta existência, o periódico, a par das produções dos redatores, divulgava originais de Gregório Galeno, Genésio de Gois, M. A. da Rocha Melo, **Oinabil M.** (Mário Libânio), José Constantino, Fausto Rabelo, Oscar Marcondes, **Garçon**, **Serip** e outros. Ilustravam-no fotografuras de elementos de projeção intelectual.

Ao atingir o nº 4, via-se-lhe a equipe redacional reduzida dos nomes de Ribeiro Pessoa e José Negreiro. E foi o último, datado de 15 de agosto, posto em circulação (**Bib. Púb. Est.**).

**A CARTOMANCIA** (1) — Para as **Maravilhosas, Adoráveis e Deliciosas Noites de Santo Antônio, São João e São Pedro** — Constituído de "assuntos variadíssimos e hodiernos" e "muita literatura inédita", circulou em junho de 1914, formato de 23x 10, com 60 páginas e capa em cartolina, ilustrada a cores, por **Crayon** (nome artístico de Armando Gama). Diretores — **Zizina & Esmeralda**, sendo o trabalho gráfico da **Imprensa Industrial**. Preço do exemplar: 1\$000.

Abriu o texto uma "Dedicatória", dirigida "às moças que são bonitas e aos moços feios ou não", em versos, com quatro quadras, a primeira das quais vai aqui reproduzida:

**"A Cartomancia**, o livro original,  
Que oferecemos **grátis** aos leitores,  
É folgasão, não leva nada a mal,  
Traz alegria, afugentando as dores".

---

(1) Basílio Magalhães, no seu livro "O Folclore no Brasil" (edições **O Cruzeiro**, 3ª edição, Rio, 1960), citou **A Cartomancia** como "o mais lúxuo livro de sortes.

Seguiu-se boa seção de Sortes, entremeada de bastante literatura, em prosa e verso, a cargo de A. Galvão Cerquinho, que assinou diferentes produções, inclusive usando o pseudônimo **A. Gê. Cê**; Claribalte Galvão e outros. Algumas páginas de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**A EPOCA — Jornal Literário, Noticioso e Crítico-Político** — O nº 1 circulou a 1º de junho de 1914, formato de 35x24, com oito páginas de três colunas. Propriedade de Inácio Agábito Pimentel e João Correia de Almeida; redator-chefe — Adauto Acton; redatores — Moisés Florivaldo Chaves de Holanda e Filipe de Bittencourt Cardoso Pinto. Correspondência para a rua Duque de Caxias nº 25 (Tipografia Chateaubriand) ou rua da Penha nº 1, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$500; para o interior — 5\$000 e 3\$000, respectivamente.

Segundo o editorial de apresentação, **A Epoca**, indicada para sair às segundas-feiras, era “um transmissor de idéias e opiniões diversas”, alheio à política partidária. Procuraria “incentivar o comércio, a indústria, a lavoura, as artes liberais” e tudo, enfim, que se relacionasse “com o progresso do Estado”.

Afora os trabalhos, em prosa e verso, dos redatores, o pretenso semanário inseriu outros, de Artur Rabelo e Nelson de Castro e Silva; começou um folhetim, com o romance “O moço louro”, de Joaquim Manuel de Macedo, e adotou “Vida Social”. A primeira página constou de uma **charge**, em fotogravura, de crítica política, e as três últimas encheram-se de anúncios.

Não há indícios do prosseguimento da publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**O PREGO — Órgão das Classes Laboriosas. Respeito, Ordem e Moralidade** — Apareceu no dia 5 de junho de 1914, formato de 38x26, com quatro páginas de quatro colunas. Consta-vam do cabeçalho os adágios: “Rir, que o riso não leva selo”, “Homem suado não enche a pança”, “Tristezas não pagam dívidas” e “Quem não tem cachorro caça com gato”. No expediente: “Folha independente e de grande circulação em todas as zonas da moralidade. Periódico ilustrado e satírico”; “**O Prego** não tem redação. É encontrado em qualquer parte onde for procurado”. Preço do exemplar \$100.

Só a partir do nº 5 deliberou a direção: “O leitor terá 50 pregadas por 5\$000, em sua própria casa. É só pedir por escrito

e pagar à vista". Trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, situada à rua do Imperador ns. 18/20. O clichê do título, em zincografia, constava de enorme prego, com as letras entrelaçadas e, entre elas alegres figurinhas masculinas e femininas.

Começou o artigo de abertura da edição de estréia: "O Recife — toda gente dizia — há muito precisava de um órgão assim, da feição d'O Prego, moderno, cheio de novidades, trazendo copiosas notícias das zonas mais em destaque; enfim, de todos os sucessos mundanos".

Depois de aludir à sua "plataforma político-financeira, ou joco-política", aduziu: "O Prego tem, em síntese, a sua polítcazinha, que é a da cavação, que é a do furo esmagador. Também não se compreende um prego sem furo, como também não se mete prego sem estopa".

Circulando duas vezes por semana, passou a semanário ao atingir o nº 32. Sua matéria constituía-se de contos, crônicas, notas chistosas e trepações, em prosa e verso, onde faltavam, precisamente, "respeito ordem e moralidade". Cada edição exibia duas fotogravuras de mulheres nuas ou semi-nuas, na primeira (clichê integral) e na quarta página, reproduzidas da revista francesa *L'Etude Academique*, e desenhos em zincografia, nas do centro, às vezes assinados por José Pinheiro ou Wald, ou seja, Valdemar Costa. A colaboração estava a cargo de F. Alador, Diavolino, Frei Peru, Zorcastro, H. Romeu, Danilo, De Lande, Santinho, Abelhudo, Lili Macho, Labina Oriebir (Anibal Cruz Ribeiro), Zé Broide, D. Terencio, Joca Bichão; Temerário; Camisinha, Dr. T. Melo, Zé Fidelis, Demo de Moraes (pseudônimo de José Monteiro), Hércules Bravo, João Sabe-Tudo, Minhocão, Escaravelho, Zete A. Tocha, Professor Cabeção; K. Lino, Apclônio de Rodes, J. Arébiros (anagrama), Pimpão e outros, que se iam arrevizando ou substituindo pelo tempo afora.

Assuntos escabrosos, escândalos e patifarias eram divulgados pelo famoso pasquim, inclusive, como "atração" dos primeiros meses, a série "Enquetes pela zona estragada", "Ecos da zona" e "É com isto que O Prego engica", além dos concursos: "qual a polaca mais simpática", "qual a cocotte de pernas mais bonitas" e outros. Enquanto isto, promovia campanha para o fechamento, pela polícia, dos "recursos". E estabeleceu a seção "O Prego no interior".

Publicação ininterrupta, numerou-se seguidamente, de um ano para outro. Já em fins de 1915, adotou impressão a cores, não sendo as caricaturas ou **charges assinadas**, a não ser, raramente, com uma vaga letra. A parte de anúncios era reduzida. Percorreu 1916 e chegou ao nº 143, ano III, a 14 de abril de 1917. Ficou, então, suspenso o endiabrado jornal.

Decorrido longo tempo, reapareceu **O Prego** — nº 1, ano II (?) — no dia 23 de março de 1921, sem modificações, salvo no tocante ao trabalho material, transferido para o “Recife Gráfico”, empresa da qual se via como gerente Júlio Agostinho Bezerra, situada, junto à redação, na rua do Imperador nº 277. Segundo o “Artigo de... beira”, em torno do ressurgimento, vinha novamente dar tratos às bolas “dos senhores almofadinhas e melindrosas”, frisando: “...todos quantos tenham na vida qualquer coisa que possa ser furada, **O Prego** se encarregará deste utilíssimo serviço”. A intervenção da sua reportagem, quisessem ou não, seria imediata. Dona Moral teria eficiente defesa contra quem pretendesse ultrajá-la.

Proseguiu, pois, a publicação, novamente como bissemanário, omitindo, quase totalmente, a parte ilustrativa fescenina, para inserir, de raro em raro, alguma fotogravura ou **charge**, inexpressiva, do desenhista Farias. A matéria tipográfica tinha como novos colaboradores **Negro de Tino** (pseudônimo de Antônio Gitirana); **Texas**, responsável pela “Seção Alegre”; **Zé da Fonseca Gaião**, o das “Cartas daqui mesmo”, em versos matutos; **X.**, criador da seção “De vez em quando”, e **Cariri**, que vivia “Pelos postigos”, afora os signatários de glosas.

Menos de um mês depois do reaparecimento, precisamente no dia 14 de abril, eram apreendidos, em poder de gazeteiros, cerca de 400 exemplares do órgão, pelo sub-delegado de Santo Antônio, obedecendo às determinações, nesse sentido, do delegado Liberalino de Almeida. Dizia o noticiário tratar-se de “um jornaleco que se publica nesta capital com o fim único e exclusivo de fazer chantagem e promover escândalos”. O dr. Liberalino de Almeida, segundo o noticiário, estava no firme propósito de “não consentir mais na circulação do referido “jornaleco uma vez que não seja modificada a sua linguagem”.

A edição de 24 de maio de 1921 narrou a agressão de que ia sendo vítima o diretor d'**O Prego**, Júlio Agostinho Bezerra, por parte do chefe de gazeteiros Pedro Alves, alcunhado **Meu**

**Fio**, que o ameaçara de morte, em consequência de comentários aleivosos, ofensivos, veiculados pela folha.

O “órgão das classes laboriosas”, a par das campanhas contra a Pernambuco Tramways ou contra o Padre Venâncio, alimentava seções como “Sport Mundano”, de perfis de marafonas, e chegou a instituir (a exemplo do que fizera na primeira fase) concurso para saber qual a decaída mais simpática do Recife, sem faltarem as notas da “Zona brejeira”. E continuava dizendo-se defensor da moralidade...

Circularam, até 27 de dezembro, 113 edições, começando numeração nova a 3 de janeiro de 1922. Cinco meses decorridos, tornou-se **O Prego** outra vez semanário, vindo a divulgar o nº 64, último do ano, no dia 30 de dezembro.

Outro nº 1 saiu a 6 de janeiro de 1923, e o nº 3 no dia 20. Depois disto, só restam comprovantes de três edições, correspondentes ao ano de 1924, a última das quais de nº 72, datada de 25 de outubro, vendo-se, pela primeira vez, no cabeçalho: Diretor-proprietário — Júlio Agostinho Bezerra, cuja tipografia tinha sido transferida para a rua São Francisco (atual Siqueira Campos) ns. 270/276 (**Bib. Púb. Est.**) (1).

Sem mais indícios do prosseguimento da publicação, veio o diário **A Noite**, edição de 28 de junho de 1927, a noticiar que o inspetor de polícia Ramos de Freitas chamara Agostinho à repartição policial, proibindo-lhe continuasse a imprimir **O Prego**, sob a alegação de ser “ofensivo à moral”.

**O AVACALHADO** — “Este é o último de um livro de sortes contendo 16 páginas, da lavra do conhecido humorista **Labina Oriebir**, que o confeccionou depois de **O Padre Cicero**, que tem feito sucesso, haja vista a sua aceitação pelo público”. Preço do exemplar — 200 réis (**Jornal Pequeno**, 3/6/1914).

**O FANATICO** — Livro de Sortes de **Juca Palheta**, saiu “magnificamente aparelhado para a quadra sanjuanesca”. Dizia-se “bastante apreciável” a sua parte literária, oferecendo uma série de brindes, a sortelo, pela Loteria Federal (**Diário de Pernambuco**, 7/6/1914).

---

(1) Coleção incompleta, constante de dois grossos volumes.



ESTÁ NAMORANDO!... — Opúsculo editado pela Tipografia Moderna, de Luiz Leite, com 100 páginas, foi posto à venda nas diferentes casas de fogos da cidade. Apresentava boa parte de “sortes, em chistosos versos, abundante literatura, humorismo”, etc. Prêmio de 100\$000 ao leitor felizardo na Loteria (**Jornal Pequeno**, 13/6/1914).

O DESTINO DOS AMANTES — Circulou, ainda, esse “espiritoso” livro de sortes do “conhecido humorista **Frei Caduco**”. Trazia, “além de ótima parte cabalística”, “excelente produção literária e úteis informações” (**Jornal Pequeno**, 15/6/1914).

O POLYTHEAMA — Surgiu no dia 14 de junho de 1914, formato de 33x23, com quatro páginas a três colunas de composição. Impresso em bom papel, na oficina do **Diário de Pernambuco**, tinha redação à rua Gervásio Pires e escritório na rua Rosário da Boa Vista, nº 2, constando ainda do expediente: “Aceitam-se (?) colaboração das gentis senhoritas e de qualquer pessoa”. Assinaturas: seis meses — 3\$000; três meses — 1\$000; número avulso — \$200. Direção de Conrado da Costa; redator-chefe — Romualdo Silva; secretário — Aristeu Acioli Lins; gerente — A. B. Silva.

Sob o título “A nossa plataforma”, dizia o artigo-programa: “As profundas e sinceras simpatias com que é fartamente distinguido o Politeama Pernambucano — centro de diversões tão justamente preferido pelo escol feminino, nos inspiraram a criação do presente periódico, que outra coisa não será — diga-se logo em síntese — além do reflexo, esmaecido talvez, das brilhantes “soirées” realizadas naquele amplo, belo e confortável estabelecimento”.

Tendo o Cinema Politeama como ponto-chave de suas atividades, estamparia “artísticas ilustrações” e “seletos trechos literários, em prosa e verso”, adiantando: “Este **Polytheama** será, de preferência, o jornal das famílias “habitués” do outro — o de pedra e cal”.

Saiu o segundo número a 5 de julho, abrindo-o a “Crônica”, de **Arismeu** (pseudônimo de Acioli Lins). Vieram ambas as edições repletas de ligeiras produções literárias, assinadas por J. Carneiro Filho, Adão da Silva, Manuel d’Araújo Gonçalves d’Orey, Marieta Seixas, Carmencita Ramos e alguns pseudônimos, principalmente **Mário Flôres**. A ilustração (figuras) esteve a cargo de **Craion** (Abelardo Maia).

No terceiro número, entraram para o corpo redacional Manoel T. Cunha e Maria Lapa, sendo outros colaboradores Lídio Gomes e Dias Amorim.

Não passou do nº 4, de agosto, sendo substituído pelo **O Cinema (Bib. Púb. Est.)**.

**ALMANACK ACADEMICO** — Publicou-se com o objetivo “de congregar a mocidade estudiosa que frequenta os vários estabelecimentos de ensino do Estado numa única comunhão de idéias”. Editado pela Associação Cristã de Moços, apresentou-se bem redigido, impresso em ótimo papel. Exibiu, na primeira página, nitido retrato de Adolfo Cirne, diretor da Faculdade de Direito do Recife, e no texto, clichê do edifício e literatura alusiva. Matéria variada (**Diário de Pernambuco, 30/6/1914**).

**O CHARADISTA** — Mensário especializado, propriedade do Bloco Charadístico Pernambucano, entrou em circulação no mês de julho de 1914, obedecendo ao formato de 32x22, com quatro páginas, impresso em papel especial. Redação à rua Barão do Triunfo (atual do Brum) nº 81. Assinaturas: ano — 2\$000; semestre — 1\$000.

Lia-se no artigo de apresentação: “...nasceu e vive unicamente para os infatigáveis adeptos da institutiva Arte de Edipo e o seu programa é pugnar pelos interesses dessa mesma arte, concorrendo tão somente para o seu desenvolvimento e confraternização”.

Completaram a edição de estréia: “Regulamento d’**O Charadista**” e, ocupando duas páginas, o título geral “Charadas. Seu mecanismo. Regras para a sua confecção e decifração”.

Seguiu o jornal a sua meta, só divulgando matéria específica, em prosa e verso, dos mais diferentes tipos de charadas. Tinha como colaboradores: **Cerbera** (Severiano Guilherme Pontes); **Eolo** (Eloi Pontes Teixeira); **Seu Né** e **Lucibelo** (Manuel de Oliveira Lima); **Crisantemo** (José Inácio Filho); **Diavolo** (Mariano Pontes Teixeira); **Acioly** (Aristeu Acioly Lins); **João Pequeno** (João Nepomuceno de Miranda) e outros menos assíduos.

Circulou regularmente, até outubro. Após descansar um mês, publicou-se em dezembro o nº 6, que foi último (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO — **Publicação mensal de Jurisprudência** — Começou a publicar-se em julho de 1914, formato de 22x14, com 28 páginas de papel **bouffant**, afora a capa. Direção de Antônio Vicente de Andrade Bezerra; editor — M. Nogueira de Sousa, da Livraria Econômica, sendo o trabalho gráfico confeccionado nas oficinas d'O **Tempo**, à rua do Imperador nº 39.

O editorial, sob o título “Nosso rumo”, focalizou a falta sensível, que de há muitos anos se vinha fazendo sentir, de um órgão forense e jurídico, acentuando: “...procurará a **Revista** ser, antes de tudo, um registo da própria vida do Tribunal, resumindo os debates orais sobre os casos mais interessantes, acompanhando de notas explicativas os repectivos julgados, para a melhor compreensão de cada espécie, inserindo razões e pareceres de advogados. Junta a essa jurisprudência, tão completa quanto possível, não serão também esquecidos os julgados e as decisões, quer dos juizes locais, quer do juizo federal do Estado”.

Foi o seguinte o sumário da edição de estréia: artigos doutrinários de **Hersillo de Sousa** e **Andrade Bezerra**; legislação estadual e federal; pareceres de **Gondim Filho**, **Adolfo Cirne** e **Odilon Nestor**, e a “**Crônica Jurídica**”, de **A. B.**.

Obedecendo ao programa enunciado, com a quantidade de páginas sempre majorada, a publicação especializada só estendeu sua existência até o fascículo 5/6, de novembro/dezembro. Divulgava, sobretudo, produções de **J. M. da Mota Júnior**, **Manuel Artur de Sá Pereira** e **Filinto Ferreira de Albuquerque** (**Bib. Púb. Est.**).

**THESOIRO DA FAMILIA** — **Boletim de Propaganda Social** — Apareceu em julho de 1914, obedecendo ao formato de 36x24, com oito páginas de três colunas. Tiragem declarada de 10.000 exemplares, para distribuição gratuita.

Tendo a primeira página ocupada com clichês dos diretores da instituição, abriu a segunda a seção “**Informações gerais**”, seguindo-se-lhe o artigo “**Surgindo**”, em que dizia do jornal: “**Será o arauto do nosso movimento, o porta-voz de nossa grandeza, a testemunha do nosso progresso**”. Toda a matéria restante constou de literatura específica e estatísticas.

O nº 2 foi distribuído em setembro, contendo apenas quatro páginas, comemorativo do segundo aniversário da fundação do Tesouro da Família.

**GAZETA PEDAGOGICA — Hebdomadário Literário, Noticioso e Independente** — Órgão do Professorado Pernambucano, saiu o primeiro número no dia 4 de julho de 1914, formato de 30x20, com oito páginas de três colunas. Trabalho gráfico, em bom papel, da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador ns. 45/47. Tabela de assinaturas: ano — 16\$000; semestre — 9\$000; trimestre — 5\$000; mês — 2\$000. Preço do exemplar — \$500. Diretor — Oscar Farias; redatores — Oscar Castelão de Vasconcelos e Joaquim Rocha Pereira, e depois, Osvaldo Lima e Eduardo Valois. Redação à rua da Aurora nº 55, 1º andar. Gaston Manguinho era o correspondente em Olinda.

Lia-se no editorial de apresentação: “Esta folha é um protesto veemente às investidas de que o magistério pernambucano foi infelizmente alvo, trazendo à luz dos fatos a verdade palpável do quanto vale a plêiade maravilhosa a quem foi entregue a educação da criança pernambucana”.

O magazine circulou normalmente, passando a ser impresso, desde o nº 6, na oficina do **Diário de Pernambuco**, acompanhando-se de capa em papel de cor. Foi quando se afastou da redação Oscar C. de Vasconcelos. Duas edições, depois, saíram conjugadas, contendo 16 páginas. E, no nº 11 transformava-se em “revista bimensal litero-científica, noticiosa e independente”, sendo admitidos João Barreto de Meneses no cargo de redator-chefe e José Irineu de Sousa no de gerente. Chegou ao nº 13, de 30 de novembro, com 12 páginas, mais a capa, tudo em papel **bouffant**.

A par de seções como “Cloribel social”, “Notas oficiais”, “Espírito dos outros”, “Correspondência”, “Curiosidades”, “Filatélica”, “Teatros e cinemas”, e noticiário solto, a **Gazeta** inseria produções assinadas por Nestor Diógenes, **Briggs Lith** (o colaborador principal), Carlos de Corinto, José Estelita, Carlos Lagarde, Mário Teotônio, J. da Rocha Pereira, Adalberto Carmargo, Joaquim Pimenta, Oscar Farias, Gil César, **Terson**, que redigia os “Perfis”, Cláudio de Olinda, João Barreto de Meneses, Luiz Sandoval, Raul Azedo, Leal de Barros e outros, assinando poesias Oscar Lisboa, Serafim França, José Julião Neto, Teotônio Freire, Manuel Ferreira, Fernando Griz e **Visconde de Monsaraz**. Ocorriam também ilustrações, inclusive o “Album

Róseo”, de fotogravuras. Três a quarto páginas eram de anúncios.

Em bons editoriais, a revista rebateu acusações ao magistério e proclamou a vitória da instrução” em Pernambuco, devida ao desassombro com que o professorado se vinha libertando “de umas tantas normas convencionais, para se transformar num verdadeiro corpo de higienistas do espírito juvenil de nossa pátria”. Tal o último de uma série de artigos sobre tão importante tema.

Após o nº 13, não voltou a circular (**Bib. Púb. Est.**).

**O LUCTADOR — Órgão da Federação Operária de Pernambuco** — Circulou a 20 de julho de 1914, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Direção de Pedro Alexandrino de Melo. Redação à rua Estreita do Rosário nº 43, 1º andar. Destinado a publicar-se nos dias 5 e 20, assinava-se a 4\$000 por ano ou 1\$000 por trimestre.

Constava do seu programa, expresso em editorial: “...encarnar as aspirações do operariado, defender os seus interesses, orientá-lo na luta pacífica pela realização dos seus nobres ideais de justiça; enfim, tornar-se um baluarte dos seus direitos”.

Contou com a colaboração de Ludgero de Carvalho Sousa, José Constantino, Martins Filho, Carlos Ubirajara, etc. Mais comentários redacionais e noticiário de interesse dos trabalhadores.

Faltam notícias do prosseguimento (**Bib. Púb. Est.**).

**RENASCENÇA — Revista Científica do Corpo Discente da Faculdade de Direito** — Publicação mensal, saiu a lume o nº 1, segundo noticiou o **Jornal Pequeno**, de 19 de agosto de 1914, acrescentando:

“Bem impressa, de belo aspecto material, é ela uma farta coletânea de artigos literários e científicos, firmados por mestres e alunos. Pelo seu artigo-programa, ela será a força impulsionadora do levantamento intelectual da classe acadêmica, como nos tempos áureos de Tobias Barreto e quejandos. O seu corpo redacional é composto pelos jovens Abdias Campos, Américo R. Neto, Olívio Montenegro e Eduardo Valois e a sua ad-

ministração está confiada a Soriano Neto, Clóvis Vanderlei, Agamenon Magalhães e Nelson Leão”.

**PREITO — Homenagem da Escola Literária Ribeiro da Silva** — Poliantéia de 7 de setembro de 1914, apresentou-se em formato de 23x18, com quatro páginas, na primeira delas figurando o clichê do sempre “querido patrono”, que completava mais um aniversário natalício. Trabalho gráfico da oficina de Júlio Agostinho Bezerra. Papel couché.

A edição inseriu saudações dos associados Fernando Griz, Joaquim Lima, Urânio Coutinho, João Henriques de Freitas, Barbosa Neto, Boaventura de Assis, Hisbelo de Holanda, João Germano e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O PIMENTÃO — Jornal Humorístico, Crítico e Noticioso** — Surgiu no dia 12 de setembro de 1914, formato de 33x23, com oito páginas a três colunas de composição. Destinado a publicar-se bissemanalmente, às quartas-feiras e sábados, assinava-se a 8\$000 por ano e 5\$000 por semestre. Diretor — **Juca das Neves**; redatores — Olívio de Oliveira, **Dr. Zé de Biu e Pedro Paulo**, este igualmente gerente. Caixa de correspondência à rua Francisco Jacinto nº 2-B.

Lia-se no artigo de apresentação: “...é do seu programa não respeitar conveniências para se pronunciar a respeito deste ou daquele fato escandaloso, na certeza de corrigir os seus autores”.

Logo na primeira página, assim continuando em cada edição, inseriu **O Pimentão** uma **charge** e legenda licenciosas, constando a matéria geral de matérias do mesmo quilate, assim intituladas as seções: “Uma por semana”, por **Zuza Fontoura**; “Na cavação”, autoria do **Juca das Neves**; “Lira popular”; “No Telefone”, por **Vicente da Viúva**; “É com isto que **O Pimentão** se dana”; “Retratos”, de **Zé Mimoso**; “Pelo brejo”, etc., anunciando, em cada edição, esboços de escândalo para a seguinte.

A par da matéria pouco familiar, manteve boa seção sob a epígrafe “Pelos teatros e cinemas”, com informações gerais de todas as telas e palcos do Recife. E, de vez em quando, a página de frente homenageava, com ilustrações, artistas teatrais de nomeada. Não deixou, também, de divulgar anúncios, cuja quantidade crescia sempre.

# CRIMINALMENTAÇÃO

Semanário, humorístico, noticioso e illustrado

Director: Iscller do Sacramento

POLITICA NÃO FÁE SAÚDE

QUOTA MAN HÁ DE ENTRAR

## NA KERMESSE



Este typo que aborrece  
 Indo té a festa da Liga...  
 Foi deparar de barriga...  
 Debrante d'uma kermesse...

Por rapace uma donzella  
 Que o vé, dá-lhe amores...  
 — Senhor que vale esta rosa  
 Collocada na tapeta?...

— Pode valer chuchullo  
 Diz o typo em fogação  
 Quando a moça espeditada.

Diz: — Veja agora o Senhor  
 — Quanto é que dá do valor  
 Se for aqui collocada?...

Graficamente mal confeccionado e mal impresso, o periódico teve ainda a colaboração poética de **Evodio Lessa**, **Dechelte d'Aubry** e outros; instituiu a seção de consultas "Ciências ocultas", pelo **Dr. Zé de Biu**; abriu concurso para apurar "qual a pastora mais simpática", e divulgou a comédia "Um dia de noivado", por **Barbadinho**. Circulou até o nº 23, de 19 de dezembro, ficando suspenso (**Arq. Púb. Est.**).

Reapareceu **O Pimentão** — nº 1, ano II — a 26 de outubro de 1915, continuando o programa anterior. Mas teve existência bem curta, publicando o nº 9, que foi o último, no dia 30 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

**O CINEMA** — Folha literária, deu à luz sua primeira edição no dia 27 de setembro de 1914, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Direção de Romualdo Domingues da Silva; redator-chefe — Aristeu Acioli Lins; secretário — **Manfredo T. Cunha**; gerente — **A. B. Silva**. Distribuição gratuita.

Substituindo **O Polytheama**, seguiu-lhe o programa exarado, abrindo a primeira página a crônica de mundanidades "Polytheama elegante", assinada por **Mandu** (pseudônimo do redator-secretário). O nº 2 circulou a 11 de outubro, pretendendo continuar mensalmente.

Foram seus colaboradores, afora o pessoal da redação (**Muladoro**, o das "Reminiscências...", era Romualdo Silva): **Oscar Magalhães**, **Carmencita Ramos**, **Boaventura Tavares**, **M. Brito**, etc. Também algum noticiário e humorismo ligeiro.

Não prosseguiu a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**A SEMANA AGRICOLA** — Órgão de Propaganda e Defesa da Lavoura — Começou a circular no dia 28 de setembro de 1914, com oito páginas, formato de 37x24 (duas colunas de 20 cíceros), impresso em papel assetinado. Redatores: **Marcelo Gonçalves Peres**, **Luiz de França A. Pereira** e **Otávio Gonçalves**. Assinatura anual — 12\$000; número avulso — \$300. Redação e administração no Pátio do Paraíso (hoje, Avenida Dantas Barreto) nº 29, 1º andar.

Justificando o aparecimento d'**A Semana Agrícola**, escreveu o editorialista: "Ela fará presentes aos lavradores conheci-



mentos indispensáveis à profissão — dados estatísticos e meteorológicos, situação de mercados, preços correntes e **stocks**, informes sobre máquinas, noções de agricultura geral e especial, pecuária, etc., o direito rural, estudos econômicos, em particular sobre o cooperativismo, que tamanhas esperanças desperta. Variarão a leitura, amenizando-a, uma parte literária, noticiário e crônica de fatos alheios, porém não indiferentes à classe, que quer, pode e deve de tudo se inteirar”.

Concluiu o artigo-programa solicitando a cooperação dos amigos da lavoura.

O periódico criou, a partir do segundo número, uma seção especial para responder consultas em torno da agricultura e assuntos correlatos, sob a responsabilidade do jurista Vicente Ferrer. Constavam do sumário, entre outras matérias: “Crônica”, “Carta Aberta”, “Culturas Diversas”, “Direito Rural”; “Comércio”, “Estatística” e “Bibliografia”, a par de artigos assinados pelos redatores e por José Teófilo, O. Girol, A. Serpe, Nicolas von Gorkum, etc., sem faltar, em cada edição, uma quadra ou glosa sob o título “Berlinda”.

O bem feito órgão especializado circulou regularmente, cada semana, até 21 de dezembro, quando saiu a 13ª edição, última do ano.

O nº 1/2, ano II, saiu a 4 de janeiro de 1915, com doze páginas, do mesmo modo que o nº 3/4, do dia 18, após o que voltou ao período semanal de oito páginas, menos o nº 7, com seis, datado de 23 de fevereiro.

Embora deixando duas matérias em regime de continuação, encerrou-se aí a existência d’**A Semana Agrícola**, que foi sempre impressa na tipografia de I. Neri da Fonseca, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51. (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**BRASIL-TURISTA — Magazine Ilustrado do Bilhete Postal e do Selo do Correio. Literatura, Carto-filatelia, Variedades —** Órgão oficial do Clube Internacional de Correspondência e Permuta Atlas, publicou-se o nº 1 em dezembro de 1914, formato de 23x15, contendo 48 páginas impressas em papel superior, mais a capa em papel de cor. Redator principal — Aládio Amaral, com sede à rua Velha nº 97. Trabalho gráfico de I. Neri da Fonseca (Imprensa Industrial), à rua Visconde de Itaparica

(atual do Apolo) ns. 78/82. Destinado a circular “em todas as partes do mundo”, trimestralmente, assinava-se a 3\$000 anuais, “com direito a inscrição no Atlas”.

“Nossa revista — lia-se no editorial “Aos que vivem...” — vai conseguir um ideal que parece impossível: ser profundamente patriota e, ao mesmo tempo, profundamente cosmopolita”. Pregando “o evangelho da concórdia dos povos”, não se cansaria “de revelar ao estrangeiro as eternas belezas e incensuráveis riquezas que dormem esquecidas em nossa pátria”.

O nº 2/3 saiu a lume em março/junho de 1915, seguindo a numeração de páginas do precedente, para atingir o total de 96.

Sua matéria constituiu-se de uma parte literária, incluindo produções em francês e espanhol; regulamento e instruções em torno do Atlas, instituição destinada à propaganda e informações do Brasil através da permuta de postais, fotografias, objetos de arte, livros, músicas, moedas, artefatos e outros objetos; mais a colaboração de Carlos de Corinto, Mavíael Ferreira da Silva, Carlos Passos, Vileta Olindense, A. A., Joel Pinto, etc.. Ainda: “O nosso arquivo”, “Em família”, “Livro de Ouro”, “O que é o Atlas”, lista de aderentes e anúncios exclusivos da agremiação.

Não conseguiu chegar ao terceiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**ALMA LATINA — Ciências, Religiões, Filosofias e Artes** — Órgão mensal, com redação em Beberibe, no Sítio do Monte, saiu a lume no dia 15 de dezembro de 1914, formato de 33x23, com quatro páginas de três boas colunas. Diretor — Silvério de Farias; sub-diretor — Esdras Farias; redatores — Antônio Duque, Silvino Lopes, Adelgício de Figueiredo, Estêvão Marques, Oscar Cesário, Barreto de Gusmão e Seixas Borges; gerente — Silvío Douglas. Assinava-se a 1\$000 por semestre, acrescidos de 200 réis para o Interior; preço do exemplar — \$200. Do Expediente constava a advertência: “Quaisquer trabalhos serão corrigidos pela Direção, caso venham eivados de superficialidades”.

Lia-se no artigo de apresentação, intitulado “Sinfonia primeira”: “A nossa idéia é a de trabalharmos, humilde mas afanosamente, pelo soerguimento das boas letras da inércia em que

as encontramos ao decorrer agitadíssimo dêste tempo encharcado de sangue pelo monstro horripilante da guerra”.

Circulando com regularidade, o periódico cingiu-se, entretanto, a literatura e notícias, suburbanas ou não, do que foi, na realidade, interessante veículo. Teve como colaboradores Guedes Alcoforado, Tondela Júnior, Oliveira e Silva, José Mindelo, Austriclínio Quirino (edição de maio) (1), Osório Borba, Severino Leite, Agripino da Silva, Paulino de Andrade, Izidro Nunes da Silva, Sebastião Sampaio, Lázaro Chagas (pseudônimo de Esdras Farias), Consuelo das Graças, Amparo das Dores, Braulino Filho e outros.

Uma das curiosidades da **Alma Latina**, às vezes ilustrada, é que todo mês havia modificação no seu corpo redacional, pelo qual também passaram Mavíael do Prado, Abelardo Cesário, Baltazar de Oliveira e José Penante. Ffindou unicamente com Esdras Farias na direção e João Gomes na gerência. A este último pertencia a Tipografia Popular, na rua Direita nº 86, onde o jornal foi impresso a partir do nº 6, utilizando papel couché, quando antes aparecia em assetinado de cor.

Publicou-se até o nº 10, de setembro de 1915 (**Bib. Púb. Est.**).

**CAIXA DOTAL DO RECIFE** — Órgão de informações da sociedade mútua do mesmo nome, começou a publicar-se em fins de 1914, não restando comprovantes. Primeiro noticiário encontrado, a respeito, foi o do **Jornal Pequeno**, de 8 de abril de 1915, segundo o qual havia entrado em circulação o nº 6, ano II, do “jornalzinho”.

## 1915

**FOLHINHA POPULAR DO “DIARIO DE PERNAMBUCO”** — Circulou a primeira edição em janeiro de 1915, para distribuir-se, gratuitamente, entre os assinantes e amigos do matutino. Outra edição, contendo 80 páginas, foi dada à publicidade, correspondente ao ano de 1916. Não restam comprovantes da primeira nem da segunda.

---

(1) Foi a segunda aparição do poeta em jornal do Recife (a primeira, no diário **O Tempo**, dois meses antes), quando ainda não se lembrara de transformar-se em Austro Costa. (

Foi possível consultar a edição de 1917. Apresentou-se em formato de 20x13, com 84 páginas, inclusive a capa, destinada à distribuição nos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Trabalho gráfico, com apuro, da oficina do **Diário**.

Abriu o texto o poema "Novo Ano", de Rubem Darío, traduzido por Fernandes Costa. A demais matéria constou de "Indicações úteis", "Calendário", "Curiosidades", "Estatísticas", "Superstições do Ano Novo" e "Correios e Telégrafos", tudo bem entremeadado de reclamos comerciais (**Bib. Nac.**).

Outras edições encontradas: a de 1918, com 94 páginas, e a de 1919, com 84. Tiragem declarada de 25.000 exemplares. Obedeceram, ambas, ao ritmo da precedente, sendo as capas ilustradas (**Bib. Púb. Est.**).

Não há qualquer indício de ter a **Folhinha Popular** continuado a publicar-se.

**THE PERNAMBUCO TIMES** — Redigido em inglês, saiu o primeiro número no dia 10 de fevereiro de 1915, em agradável formato, com doze páginas. Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 18/20, foi editado por George Herford, com escritório de redação à rua Larga do Rosário nº 6. Tinha por missão a defesa dos interesses comerciais e sociais da colônia britânica, não só em Pernambuco como nos demais Estados nordestinos. Preço do exemplar — \$500.

Do sumário da edição de estréla, além do artigo de apresentação, constaram comentários diversos e noticiário local e internacional da conflagração européia. Mr. Alfred Basck assinou o artigo "The Pan American States Association", ilustrado com o respectivo clichê, havendo outros colaboradores.

Não há indícios de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**AVANÇA** — **Bissemanário Humorístico, Crítico, Noticioso e Ilustrado** — Circulou a 20 de fevereiro de 1915, formato de 33x23, com oito páginas, a primeira das quais exibindo charge debochada. Diretor-proprietário — **Olho Elétrico**; redator-chefe — **Dr. Fura Mundo**; repórteres — **K. Listo, Zuza e Zeca Ramalho**; encarregado da cobrança — **Azarias Cunha**. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000. Nú-

mero avulso — \$100. Impresso em oficina própria — Tip. Chateaubriand — instalada, com a redação, na Praça Barão de Lucena (hoje absorvida pelo Edifício Juscelino Kubitschek).

Escreveu a redação, nas “Duas palavras” de abertura, que a folha se dedicava, “de preferência, ao humorismo fino e gracioso, sem ofender a vida privada de qualquer; mantendo seções para crianças, ilustrando-se com a publicação de retratos, de crianças especialmente; seções de charadas, versos, críticas, etc.”.

O humorismo da folha nada teve de gracioso. Foi, ao contrário, ferino e bastante malicioso. Reportagens escandalosas, epigramas e notas picantes constituíram sua especialidade. Nenhum atrativo para crianças. Poucos anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

O **Avança** parou, sem dar sinal de vida durante quase dois anos. Só a 13 de janeiro de 1917 noticiou o **Jornal Pequeno** haver recebido o nº 2 — ano III — cuja primeira página se apresentou de luto pelo recente falecimento do jornalista José Luiz de Melo, com o respectivo retrato e soneto, alusivo, do **Dr. Piff-Paff**.

**CARTÃO POSTAL** — Jornalzinho manuscrito, apareceu em cena no dia 1 de abril de 1915, destinado a circular quinzenalmente. Diretor — **Zildo**; redator — **Xisto**. Escrito a cores, representava, consoante o **Jornal Pequeno** do dia 3, “a paciência e o bom humor dos seus operosos proprietários”. Dividia-se-lhe a matéria entre poesias, contos, anedotas, curiosidades, etc.

Demorou a publicar-se o nº 2 do órgão feitozense, só noticiado na edição do **Jornal Pequeno** de 15 de maio. Trazia “vários escritos literários em prosa e verso”.

Nenhuma outra informação foi possível colher a respeito do **Cartão Postal**, que era, na realidade, dirigido por Joaquim Lima, segundo revelou **A Serra**, de Timbauba, em sua edição de 26 de fevereiro de 1916.

**A SURDINA** — Órgão da Intimidade — Propriedade do Clube 18 de Março, saiu a lume — ano I, nº único — no dia 4 de abril de 1915, por ocasião do Segundo Carnaval. Direção de **Boêmio Dorminhoco**; redator-chefe — **Matuto Severo**. Formato de 26x17, com quatro páginas de duas colunas.

Divulgou matéria ligeira, em prosa e verso, tendo como colaboradores **Fecha Boca, L. M., Madame Procópia, David Costa, Um Surdineiro e J. L.**, tudo entremeado de vinhetas carnavalescas.

**A Surdina** foi sucessora d'**O Chim**, cujo último número saíra no Carnaval de fevereiro (**Arq. Púb. Est.**).

**OS PHILOMOMOS — Segundo Carnaval de 1915 — Ridendo castigat mores** — Circulou a 4 de abril, em comemoração ao ressurgimento do antigo Clube, formato de 31x22, com quatro páginas, impressas em tinta encarnada. Da primeira constou artística zincogravura de Pierrot e Colombina, ocupando as três restantes longa “Proclamação” ao “Povo ilustre do Leão do Norte”, na qual se fez a apologia de Momo e o elogio do prefeito da capital, frisando:

“**Os Philomomos** comprometem-se a conservar, com desusado brilhantismo, a tradição patriótica da antiga galhofa brasileira, que a urucubaca ameaçava asfixiar” (**Arq. Púb. Est.**)

**O IMPARCIAL — Semanário Independente, Crítico, Noticioso e Literário** — Sob a direção de Felix Lobo, começou a publicar-se no dia 9 de abril de 1915, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na Tip. Mercúrio, à rua Marquês do Herval (atual Concórdia) nº 159 e pertencente a Libânio Figueiredo, o qual, a partir do nº 3, figurou, no cabeçalho, como Editor. Mas a correspondência devia ser enviada para a Rua Duque de Caxias nº 7. Tabela de assinaturas: semestre — 2\$400; trimestre — 1\$200; mês — \$400. Número avulso — \$100.

Constava do artigo de apresentação: “O nosso jornalzinho, embalado por uma fé inabalável e guiado por um ideal puríssimo, promete se ocupar de tudo e de todos, trabalhando, exclusivamente, pelos interesses coletivos”.

Logo no segundo número, estampou, na primeira página, amplo clichê do Governador Dantas Barreto, aplaudindo-lhe a obra administrativa.

Seguiu-se a publicação, inserindo editoriais objetivos, noticiário, folhetim, variando com artigos de Jerônimo Higino e versos de Agripino da Silva, Aduino Acton, Ribeiro da Silva e do diretor. Na 4a. página, só anúncios.

Teve vida efêmera **O Imparcial**, cujo último número encontrado foi o 5º, de 6 de maio (Bib. Púb. Est.).

O **GENIO** — Sem que haja notícia de qualquer outra edição anterior, circulou o nº 6, ano VI, desse jornalzinho do Grêmio Literário Aires Gama (**Jornal Pequeno**, 7/5/1915).

**COMMERCIO & INDUSTRIA** — **Revista Mensal de Propaganda Comercial, Industrial e Agrícola** — O nº 1 publicou-se em maio de 1915, formato de 28x20, com 14 páginas a duas colunas largas de composição. Diretores-proprietários — Carlos Augusto Pereira da Costa e Umberto Carneiro.

Além dos seus “propósitos doutrinários”, conforme a página de abertura, o programa do magazine restringia-se “ao que concerne mais de perto com os problemas essenciais à vida econômica deste Estado”. Esperava “o concurso das classes laboriosas”.

Sua matéria constou de “Seção Comercial”, “Seção Industrial”, “Seção Agrícola”, “Várias”, “Quebra-cabeça”; “Prosa e Verso” e anúncios. Foram colaboradores: Eugênio Samico, Anibal Lima, L. Correia de Brito, R. Fernandes e Silva, Urbano Duarte (transcrição) e Rodrigo Otávio (transcrição).

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est. e Bib. Est. Sergipe).

**ESTRELLAS DE JUNHO** — **Revista Familiar de Sortes** — Dedicada “às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro”, surgiu em 1915, no mês indicado. Formato de 31x23, com 112 páginas, divididas em papel comum (anúncios em tinta vermelha) e assetinado. Boa capa, trabalhada em vinhetas e impressa em tricromia. Edição do **Diário de Pernambuco**. Preço do exemplar — 1\$000.

Lia-se na página de apresentação: “As gentis leitoras encontrarão nestas páginas uma coletânea modesta de fatos e coisas da época; literatura leve e sadia, ditos e trechos que podem divertir o espírito, enlevar e talvez edificar. É um livro, o **Estrellas de Junho**, quase exclusivamente dedicado às nossas famílias e, em particular às nossas crianças”.

A edição inseriu 24 páginas de Sortes e cerca de 30 de matéria paga, sendo a parte restante constituída, principalmente,

de transcrições literárias e clichês de fatos internacionais. Colaboração local, em prosa e verso, de Araújo Filho, Ferreira de Melo, Raul Machado, Henrique de Magalhães, Job Sá e Levina das Dores (ambos pseudônimos de Jäder de Andrade), Durval de Brito, Eládio dos Santos Ramos, Firmino de Figueiredo, Mendes Martins e Gaspar Uchoa; mais Variedades, Charadas e Humorismo.

Proseguiu a publicação cada ano, crescendo sempre a quantidade de páginas e a de reclamos comerciais, mas bem feita graficamente, contendo matéria variada e curiosa, juntando-se ao número inicial de colaboradores outros nomes, pelo tempo afora, a saber: Carlos Estevão de Oliveira (quadras, 1916, com ilustração de J. Cardoso); Silva Lobato; **Emilio Birra**, o mesmo **Mário I. Beiral** (como se ocultava Antônio Lima Bezerra Filho), Bianor de Oliveira, **D. Xiquote**, ou seja Bastos Tigre, João Monteiro (1917); Rodovalho Neves, Gervásio Fioravante, Oliveira e Silva, Osório Borba, Olegário Mariano, Farla Neves Sobrinho, Gervásio Lobato, Sev. Leite, Ernesto de Albuquerque, Luiz Moreira, Raul Monteiro, Mariano Lemos, Naasson de Figueiredo, **André Gira-Sol**, Samuel Campelo, Osiris Caldas, Aurélio Domingues, João Pacífico dos Santos, **João Semana**, Lemos Brito, Durval César, Paulo Moreno, Austro Costa (1923), Luiz Loureiro, Gil Duarte, Bastos Portela, João de Deus da Mota, Augusto Rodrigues, **Gastão Penalva** (pseudônimo do Comandante Sebastião de Sousa), Vicente Noblat, Eustáquio Gomes, Damasceno Vieira, **Cláudia**, Silvino Olavo, José Penante, Jason Bandeira, também travestido em **Torres-Mendalva**; **Silvia Patrícia** (dísfarce de Silvia Gonçalves Pena); Jaime d'Altavila (nome literário de Anfilóbio de Oliveira Melo); Luiz Barbosa Passos, **Guy**, Gaspar Regueira Costa, Camucé Granja, Mário Sette (1930); Esdras Farias, Waldemar Lopes, José Valadares, Nelson de Alcântara, Aduino Barreto, Nair de Andrade, Costa Pôrto, Arnaldo Guedes Pereira, Israel Fonseca (1936), Iraci Ipirapoan Lopes, Gomes Maranhão, Silvino Lopes, Valdemar de Oliveira, Danilo Lôbo Torreão, Filgueiras Júnior, Odorico Tavares, Alfredo Medeiros, Samuel Soares, Célio Meira, Silva Andrade (Zé da Luz), Carmen de Melo, Edna Leite Gueiros, Godofredo de Medeiros, Stênio de Sá, Isnar de Moura, Carlos Moreira, Carlos Leite Maia, L. A. Esteves, Carmencita Ramos Cavalcanti e outros, não faltando boa ilustração fotográfica, a salientar "Aspectos pernambucanos".

A partir da edição de 1917, **Estrellas de Junho** veio a exibir capa ilustrada com motivo sanjuanescos, impressa em litogra-



vura, às vezes variando de desenhista, como, principalmente, em 1926 e em 1929, assinada, respectivamente, por Manuel Bandeira e Vilares.

Alterou-se o ritmo regular da “revista familiar de sortes” após o nº 15, de 1929, deixando ela de aparecer nos anos de 1930, 1931, 1933 e 1935, sem mais interrupções até 1933 nº 20, ano XX.

O preço da vendagem avulsa só em 1934 foi modificado, subindo para 1\$200; mas logo na edição seguinte passou para 1\$500, atingindo 2\$000 nos dois últimos anos.

As edições de 1936 e 1938 foram impressas na oficina do **Diário da Manhã**, não voltando mais a publicar-se o bem feito magazine de tanta receptividade na época dos festejos juninos e que, tendo sido fundado por Carlos Lira Filho e Jäder de Andrade, teve como responsáveis, nos últimos anos, Alfredo Ramos e Arnaldo Constantino (**Bib. Púb. Est.**).

**URUCUBACA — Livro de Sortes** — Foi posto em circulação em junho de 1915, “para as noites sanjuanescas”, com 64 páginas, capa em cores, editado pela Tipografia Mercúrio, de Bibiano Figueiredo, situada na rua Marquês do Herval (atual da Concordia) nº 159, e redigido por Dulce, Mascote & Cia. Apresentava “interessante jogo de sortes, em quadrinhas espirituosas, modinhas; contos; pensamentos, ditos pitorescos, vários brinquedos familiares, etc.”. Preço do exemplar — \$800. (**Bib. Púb. Est.**).

**ARCHIVOS DE HIGIENE PUBLICA E MEDICINA TROPICAL — Órgão da Corporação Médica da Diretoria de Higiene de Pernambuco** — Circulou, pela primeira vez, em julho de 1915, formato de 24x18, com 96 páginas de texto, em papel couché. Na capa, em papel-cartolina de cor, um desenho ilustrativo. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo ns. 49 e 51, marcava 10\$000 por assinatura anual e 2\$500 por exemplar. Direção científica de Gouveia de Barros, Costa Ribeiro, Mário Ramos, Fernando Simões Barbosa e João Amorim; secretário — Antônio Inácio; tesoureiro — Odilon Gaspar. Figurou, além disso, um quadro de 32 redatores, divididos para as seções de “Higiene Pública”, “Medicina Tropical” e “Higiene e Medicina Sociais”.

O artigo de apresentação aludiu à necessidade de se integrar “a perfeita síntese funcional dos aparelhos que constituem o já complexo organismo do nosso serviço sanitário”, concluindo:

“...esta revista prestará ao Estado os mais salientes benefícios, procurando elucidar questões ainda pendentes de estudo e a solução científica e orientando a sistematização de medidas e providências administrativas e legislativas, em relação com os mais vitais interesses de nossa coletividade. E, para que as energias e atividade a empregar nesse sentido se apliquem de acordo com os seus intúitos, os **Arquivos** apresentam um programa anual de estudos, em que sugerem os problemas sanitários e as questões científicas que lhes são relativas, no sentido de, focalizando-as, atrair-lhes a atenção dos estudiosos, pois que delas depende, em grande parte, o progresso de nossa salubridade”.

O sumário constou de decretos, instruções e determinações diversas sobre administração sanitária; relatório dos serviços realizados pela Inspetoria de Higiene em 1912; estudos médicos assinados por João Amorim, Gouveia de Barros, Antônio Inácio, Mário Ramos e Eduardo Vanderlei, além de mapas e diagramas.

O nº 2 saiu no mês de outubro, prosseguindo a numeração das páginas, desde 97 até a 246<sup>a</sup>. Divulgou extensos relatórios; longa memória (para concurso) do dr. Mário Ramos; colaboração do médico matogrossense Malaleel Marinho Rego e do dr. E. Vanderlei, dedicando as vinte páginas restantes ao início do trabalho (também para concurso) do dr. Antônio Inácio: “Repressão às fraudes de conservas alimentares por meio de antisépticos”.

Não prosseguiu a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**A VIBRAÇÃO — Boletim do “Tattwa Alvorada”** — Iniciou sua circulação em julho de 1915, formato de 27x18, com quatro páginas de três colunas, tendo a redação instalada à rua Imperial nº 155. Direção conjunta de Sátiro de Oliveira Lima, Tomaz Vila Nova, Francisco de Oliveira Lima, M. Rio Lima; M. Ramos e Amaro dos Santos, mas a partir do quinto número só ficou o primeiro nome. Assinava-se a 2\$000 por semestre.

Dizia o artigo de apresentação: "... é uma exposição efetiva dos esforços de meia dúzia de devotados discípulos da doutrina ocultista no Recife".

Constituída de literatura específica, as poucas edições divulgadas, além das produções da equipe dirigente, inclusive o pseudônimo de **Slima**, inseriu colaboração de **Edla de Moraes**, **E. Leão**, **Cardoso**, **Milcíades Barbosa**, **J. Freire** e **Elmira Lima**. Algum noticiário.

O último número publicado foi o 6º, no mês de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

**UNIAO CAIXEIRAL** — Órgão de Propaganda da Coligação B. dos Auxiliares do Comércio de Pernambuco, de propriedade do Grupo União, foi fundado a 15 de julho de 1915.

O nº 16 circulou no dia 29 de fevereiro de 1916, formato de 38x27, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47, achando-se a redação instalada à Praça Barão de Lucena (hoje Avenida Dantas Barreto) nº 16, 1º andar. Direção de **Dário Souto**. Redatores: **Rodvalho Neves** e **Antônio Martins de Almeida**. Administrador — **Manuel Nunes Simões**. Diretor técnico — **L. G. de Castro**. Assinatura anual — 5\$000; semestral — 3\$000, mediante pagamento adiantado.

Ao completar o primeiro aniversário, a **União Caixeiral** trazia no cabeçalho: "Defensor da classe caixeiral", mantendo a propriedade.

Em janeiro de 1917 **Antônio Almeida** era substituído por **Lutgardes F. Neves**, o qual, por sua vez, se retirou no mês de maio. A direção técnica já tinha novo titular: **M. Sabino Nascimento**. No mês de junho, **Dário** acumulava as funções de diretor e redator-chefe, só permanecendo **Rodvalho** como redator e **Simões** na administração.

O periódico, que circulou regularmente, manteve as seções: "Fiscalizando", versos, por **Fiscal**; "Perfis caixeirais", também em versos, por **K. Vaco**; "Quinzenais", por **Flores**; "Cartas de... Caixeiro", por **Da Silva**; além de comentários de defesa da classe, relato das reuniões da Coligação; "Hino à Coligação", por **Dário Souto**; mais colaboração de **Marcial Vieira**, **Brito Alves**, **Trajano J. de Carvalho**, **Alberto Braga**, **Jerônimo de Mo-**

rais Filho, Martins Filho, C. Leal,, Monte Sobrinho, Antônio Dias, Miguel Monteiro, etc. A quarta página constava, sempre, de anúncios, e a impressão fazia-se em papel **couché**.

A publicação continuou até, pelo menos, o nº 4, do ano III, datado de 30 de agosto de 1917 (**Bib. Púb. Est.**) (1).

**A TROMBETA — Órgão de interesses locais e de propagandas comerciais** — Com sede em Afogados, à rua São Miguel nº 5, circulou o nº 1 em setembro de 1915, formato de 18x14, com quatro páginas de duas colunas. Impresso na Tipografia Brasil, à rua Duque de Caxias nº 10, distribuía-se gratuitamente, tendo como redatores...“diversos”; **João Joca** era um deles.

Visava, particularmente, o jornalzinho, “acordar o comércio do sono criminoso” em que jazia, e “fazê-lo triunfar, florescente e feliz, a caminho do progresso”.

Publicaram-se poucas edições, apenas a primeira página com matéria redacional — comentário e notícias, — uma vez que o objetivo em mira era o anúncio.

O número 4 (e último) saiu em dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

**MÉRITO** — Publicou-se no dia 7 de setembro de 1915, formato de 23x18, com quatro páginas, a três colunas de composição, exceto a primeira, ocupada com o retrato do indefectível “querido patrono”, cujo aniversário natalício se comemorava. Trabalho material da tipografia de Júlio Agostinho Bezerra.

Escreveram sobre o evento os associados Adolfo Astolfo, João Freitas, Pércio Moreira, Luiz Loureiro, Cristobal de Sousa, José A. Cezário da Cunha, Hisbelo de Holanda e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**CHANAAN — Revista Ilustrada de Atualidades, Literatura, Ciências e Artes** — Saiu a lume no dia 1 de outubro, destinada a publicar-se mensalmente. Orientação de José Penante.

A edição de estréia inseriu “verso e prosa de apreciados intelectuais e publicou o retrato do inditoso poeta Aníbal Teófilo,

---

(1) Coleção bastante desfalcada.

assassinado no Rio de Janeiro" (**Diário de Pernambuco**, 2/10/1915).

Teria ficado no primeiro número.

**A MENSAGEM** — Órgão oficial da Missão Batista do Norte do Brasil — Surgiu a 17 de outubro de 1915, formato grande, de cinco boas colunas, com quatro páginas, impresso na tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, à rua do Imperador ns. 18/20. Diretor — A. A. Muirhead; redator — Carlos Barbosa. Tabela de assinaturas: ano — 3\$000; semestre — 2\$000; clube de 10 pessoas — 20\$000, preços que, "para o estrangeiro", foram estabelecidos em 4\$000, 3\$000 e 30\$000, respectivamente.

Trazia, sob o título, duas citações evangélicas e declarava, no editorial de apresentação: "O nosso plano será respeitar a opinião alheia, nunca descendo a uma mera folha anti-clerical. Teremos de "defender a fé uma vez entregue aos Santos", mas sempre no espírito de Cristo".

Seguiu-se a publicação, mensal e, depois, quinzenalmente, divulgando artigos doutrinários e, sobretudo, vasto noticiário, através do título "O progresso através as Igrejas", procedente de cidades de Pernambuco e dos Estados vizinhos. Após os primeiros números, adotou uma página de anúncios.

Reduziu o formato, no segundo semestre de 1916, para 48x31, de cinco colunas normais, quando passou a ser impresso em oficina própria, situada, com a redação, à rua Visconde de Goiana nº 96. Retirara-se o redator Carlos Barbosa e, no ano seguinte, aparecia o nome de José Vanderlei, na qualidade de redator-secretário.

Tendo terminado o ano anterior com 24 publicações, iniciou 1917 circulando semanalmente, para chegar ao nº 50 em 22 de dezembro. Inseriu, nos ns. 49 e 50, o discurso de formatura de Gilberto Freire no Colégio Americano Batista. Abriu numeração nova — nº 1, ano IV — a 5 de janeiro de 1918, atingindo o nº 5 no dia 2 de fevereiro, que teria sido o último publicado.

A par da matéria redacional, **A Mensagem** contou com a colaboração esporádica de Pereira Sales, J. B. da Rocha, Adrião Bernardo, Manuel Arão, Munguba Sobrinho, C. C. Duclerc, Félix J. Moraes, Archimínia Barreto, W. C. Taylor, Tércio de Oli-

veira, Marcus Vinitius, Bráulio dos Palmares, Manuel Vieira Peixoto e outros (**Bib. Púb. Est.**) (1).

**O DEVER — Órgão do Grêmio Literário Chateaubriand** — Inexistentes comprovantes das primeiras edições, publicou-se o nº 4, ano II, no dia 28 de novembro de 1915, formato de 38x25, com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico da oficina da Papelaria Brasil, situada na rua Duque de Caxias nº 10. Redator-chefe — José Pinto; redatores — Adamastor Santos, Alfredo Mauricéa e Renê Laclete. Redação instalada na rua Visconde de Goiana nº 92. Assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 2\$000.

Sua matéria constituiu-se de notas educativas; artíquetes de alunos do Colégio Chateaubriand; versos de **Kodak**; pensamentos; noticiário, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

**ANNAES DO 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAPHIA — Reunido, na Cidade do Recife, de 7 a 17 de setembro de 1915** — Impresso na Imprensa Oficial, saiu o primeiro volume, formato comum de livro, em fins de 1915, com 166 páginas. A matéria dividiu-se em três partes; 1ª — História. Expõe a organização e funcionamento do 4º Congresso, enfeixando “a documentação e vida dos trabalhos”; 2ª — Compreende as memórias e monografias aprovadas, pareceres e relatórios; 3ª — Destinada à publicação das contribuições não submetidas às comissões por escassez de tempo, mas capazes de ser publicadas.

Abriu o 1º tomo “Saudoso preito à memória dos ilustres brasileiros João Batista Regueira Costa (1845/1915) e João Feliciano da Mota e Albuquerque (1849/1913), presidente e vice-presidente da Comissão Organizadora”. Faziam parte da mesma Comissão: Alfredo de Carvalho, F. A. Pereira da Costa, Artur Muniz, Manuel Arão, Alfredo Freire, José Bandeira de Melo, Eugênio Samico, Raul Azedo, Gonçalves Maia, Pedro Celso e Henrique Capitulino.

Inserer uma relação dos participantes do conclave, representantes dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

---

(1) Coleção desfalcada.

Constituiu-se a matéria dos dois volumes de noticiário da instalação solene, discursos do governador Dantas Barreto, de Pedro Celso e Artur Muniz; do padre Florentino Barbosa Ferreira, da Paraíba; Bernardino de Sousa, da Bahia; José Artur Boiteux, de Santa Catarina, e do arcebispo d. Luiz de Brito; sessões plenárias; banquete; encerramento; moções; votos; indicações, etc.

O segundo tomo dedicou inúmeras páginas a uma "Contribuição ao estudo da Corografia do Estado de Pernambuco" e ao ensaio intitulado "Ao Sertão", do jornalista Mário Rodrigues (Bib. Púb. Est.).

**NOITES DE NATAL** — Revista ilustrada de Arte, Literatura, Modas, Sports, etc. — Edição do **Diário de Pernambuco**, o nº 1 circulou datado de 1915/1916, formato de 30x20, capa em papel-cartolina especial, vinte páginas impressas a cores, de anúncios, abrindo e encerrando o volume; 80 ditas de matéria redacional e, ao centro, uma folha, dobrada em oito partes, com o Calendário para 1916, excelente trabalho gráfico em bicolor.

Sem nenhuma nota de apresentação, abriu o texto o soneto "Natal", de Auta de Sousa, constituindo-se a matéria geral de contos, crônicas, poesias, curiosidades, humorismo e, como brinde às leitoras, a música da valsa inédita "Como é bom sonhar", autoria de Alfredo Gama. Profusa ilustração de fotografias de personalidades européias e "Quadros da guerra".

Afora numerosas transcrições, o interessante magazine divulgou colaboração original, em versos, de **Job Sá** (pseudônimo de Jäder de Andrade); **Paulo Sem** (como se ocultava o cônego Benigno Lira), Gaspar Uchoa, Mário Linhares, Solidéa Ramos, Domingos de Albuquerque, Valfrido Leonardo Pereira, Ferreira de Melo, Frederico Codeceira, Baltazar de Oliveira, João Monteiro, Ribeiro de Carvalho, Naasson de Figueiredo e José de Barros Lima e prosa de Tenório de Cerqueira.

A publicação ficou no número de estréia (Bib. Púb. Est.).





## INDICE ONOMÁSTICO

- ABLE, Pedro d' — 120, 121, 175, 176.  
ABRANTES, Ambrosina — 140.  
ABRANTES (dos Santos), Jorge — 189  
ABRANTES, Laura Georgina — 140. ,  
ABREU, Casimiro (José Marques de) — 112.  
ABREU, Domingos de — 257.  
ABREU, João Caitano de — 72.  
ABREU, José Ferraz de — 107.  
ABREU, Sebastião de — 235.  
ABRUNHOSA, Leucade — 316, 350.  
ACIOLI, Ildfonso — 37.  
ACIOLI, Júlio — 224.  
ACTON (Mariano das Mercês), Adauto — 52, 174, 215, 251, 255, 349, 355, 372.  
ADELINO (Antônio de Luna) Filho — 132  
ADERNE, Henrique — 178.  
ADRIÃO (da Silva), Cônego Pedro — 330.  
AFONSO (de Medeiros), Pedro — 273.  
AGRA, Zeferino Gonçalves — 154, 178.  
AGUIAR, Amadeu de — 244.  
AGUIAR, Bento Luiz de — 347.  
AGUIAR, M. de Sousa — 39.  
AGUIAR, Maria José de — 330.  
AIRES, Artur Cardoso — 57.  
AIRES, Clemente — 34.  
AIRES, G. — 306.  
AIRES, Padre Leopoldo — 329.  
AIRES, Raul Cardoso — 230.  
ALBANO, Sílvio — 230.  
ALBUQUERQUE, Afonso de — 72.  
ALBUQUERQUE, Aristarco Cavalcanti de — 177.  
ALBUQUERQUE, Benjamin de — 185.  
ALBUQUERQUE, Domingos de — 329, 381.  
ALBUQUERQUE, Eduardo de — 213.  
ALBUQUERQUE, Epaminondas de — 189.  
ALBUQUERQUE Filho, (João Feliciano da) Mota e — 184, 185, 380.  
ALBUQUERQUE, Filinto Ferreira de — 361.  
Albuquerque, Herculano de — 65, 119, 134, 153, 176, 232, 233, 238, 269.  
ALBUQUERQUE, Jerônimo M. de — 195.  
ALBUQUERQUE, (José) Teófilo (Carneiro) de — 101, 114, 129, 202, 268, 367.  
ALBUQUERQUE, (Manuel) Soriano de — 132, 243.  
ALBUQUERQUE, Mateus de — 87, 132, 161.  
ALBUQUERQUE, Marilita de — 140.  
ALBUQUERQUE, Napoleão (Juvêncio) de — 351  
ALBUQUERQUE, Olavo de — 124.

- ALBUQUERQUE, Severino de — 327, 349.  
 ALBUQUERQUE, Teodoro de — 45, 353.  
 ALBUQUERQUE, Valdemar de — 170.  
 ALCANTARA, Nelson (Veras) de — 374.  
 ALCOFORADO, (Antônio) Guedes — 111, 183, 244, 269.  
 ALCOFORADO, (José de Moraes) Guedes —  
 ALECRIM, Antônio C. da Costa — 207.  
 ALEMBERT, (João Le Rond) d' — 276.  
 ALEM, Matos — 245.  
 ALENCAR, José (Martiniano) de — 81, 102, 107.  
 ALENCAR, Olga — 85.  
 ALENCAR, Padre Nestor (Bartolomeu de) — 185.  
 ALENCAR, Paulo de — 260.  
 ALENCAR, Renato de — 227.  
 ALFREDO (Gonçalves da Costa Lima), João — 124.  
 ALMEIDA, Albano de — 244.  
 ALMEIDA, Antônio Martins de — 337.  
 ALMEIDA, A. Tavares de — 303.  
 ALMEIDA, Bispo Antônio Moraes de — 190.  
 ALMEIDA Cunha, Elisa de — 95.  
 ALMEIDA Cunha, José Antônio de — 28, 119, 129/130, 161.  
 ALMEIDA Cunha, Luisa Laura de — 85.  
 ALMEIDA, Eduardo de — 180.  
 ALMEIDA, Euzínio de (Oliveira) — 91, 215, 219, 220.  
 ALMEIDA, João Correia de — 180, 292, 355.  
 ALMEIDA Júnior — 54.  
 ALMEIDA, Liberalino de — 357.  
 ALMEIDA, (Luiz Cavalcanti) Lacerda de — 185.  
 ALMEIDA, Osvaldo (Aníbal) de — 45, 48, 65, 67, 71, 74, 75, 163, 168, 169,  
 177, 210, 213, 228, 231, 253, 294, 306, 308; 309, 353.  
 ALMEIDA Pernambuco, José Antônio de — 117.  
 ALMEIDA, Pisa e — 299.  
 ALMEIDA, Rodrigo de — 351.  
 ALMEIDA, Rubens — 247.  
 ALMEIDA Sobrinho, A. Carmo de — 35, 155.  
 ALMEIDA, Valfrido (da Silva) — 61, 75, 169, 231, 347.  
 ALTINO (de Araújo), Edgar — 59, 96, 114, 144, 146.  
 ALVA, Emílio d' — 329  
 ALVA, Judite — 342  
 ALVARES, Ernesto — 298, 312, 313, 349.  
 ALVARES, S. — 239.  
 ALVAREZ, E. de — 245.  
 ALVES, (Antônio de) Castro — 195, 196.  
 ALVES, Augusto — 282.  
 ALVES, (Francisco) Rodrigues — 86.  
 ALVES, (José de) Brito — 377.  
 ALVES, Bispo (José) Pereira — 29, 181, 183, 184, 328.  
 ALVES, (Manuel) Enéas de Sousa — 245, 247, 308, 344.  
 ALVES (da Silva), Nilo — 57, 302.  
 ALVES, Pedro — 357.  
 ALVIM, Plínio — 96.  
 AMADO (de Faria), Gilberto (de Lima Azevedo Sousa Ferreira) — 169.  
 AMARAL, Eládio (Andrade do) — 367.  
 AMARAL, Crispim do — 58, 118.  
 AMARAL, Dulce — 161.

- AMARAL, Getúlio do — 86.  
AMARAL, José (Maria) do — 61.  
AMARAL, Monsenhor Marcolino Pacheco — 182.  
AMARAL, Petronilo do — 301, 322.  
AMAZONAS, Joaquim (Inácio de Almeida) — 59.  
AMILCAR, Otávio — 170.  
AMORIM, Adel (Batista de) — 147.  
AMORIM, Alvaro — 204.  
AMORIM, Aníbal — 41.  
AMORIM, Dias — 360.  
AMORIM, Dr. João — 142, 375, 376.  
AMORIM, Nilo — 314.  
AMORIM, Oscar Nunes de — 341.  
AMORIM, Sherloneck de — 313.  
AMORIM, Washington M. de — 339.  
ANACLETO (do Nascimento), Bartolomeu — 138, 192.  
ANDRADE, Amaro Soares de — 246.  
ANDRADE, Arlindo de — 132.  
ANDRADE, Benjamin — 339.  
ANDRADE, Clóvis Jordão de — 247.  
ANDRADE, Guilhermina de — 293.  
ANDRADE, Helvécio de — 191.  
ANDRADE, Jäder de — 49, 309, 374, 375, 381.  
ANDRADE, Joaquim G. Correia de — 102, 247.  
ANDRADE, José Maria de — 268.  
ANDRADE, Padre Jonas Taurino de — 62.  
ANRRADE, (Manuel) Aristeu (Goulart) de — 60.  
ANDRADE, (Manuel) Caitano de (Almeida) — 34, 61, 86, 128, 193, 309.  
ANDRADE, Nair de — 374.  
ANDRADE, Paulino de — 304, 332, 333, 353, 369.  
ANDRADE, Temístocles (Gonçalves Ramos) de — 37, 174.  
ANDRADE e Silva (Zé da Luz), Severino de — 374.  
ANDRÉ (da Silva), Paulo — 116, 192.  
ANJOS, Alcides (Rodrigues) dos — 140.  
ANJOS, Aprígio dos — 236.  
ANJOS, José (Rodrigues) dos — 31/32, 140, 286.  
ANJOS, Leonor dos — 124.  
ANJOS, Odilon (de Carvalho Rodrigues) dos — 132, 140.  
ANTAS, Oscar Mendes — 267.  
ANTUNES (de Oliveira), Juvenal — 42.  
ANTUNES, (Manuel Osório de) Sá — 132.  
APOLINÁRIO de Oliveira, José — 234, 254.  
AQUINO, Cleóbulo de — 327.  
AQUINO, Cleodon de — 157.  
AQUINO, Tomaz Ferreira de — 152, 193, 198, 329.  
ARAGÃO, Egas Moniz Barreto de — 88.  
ARAO (de Oliveira Campos), Manuel — 29, 30, 60, 122, 125, 183, 193, 197;  
243, 244, 283, 333, 353, 379, 380.  
ARAÚJO, Abdénago (Rodrigues) de — 245, 247.  
ARAÚJO, Amélia — 178.  
ARAÚJO (Barão de Cairará), Manuel Alves de —  
ARAÚJO, Custódio de — 206.  
ARAÚJO, Delfim Cavalcanti de — 349, 350.  
ARAÚJO Filho (Francisco Pedro de) — 108.  
ARAÚJO Filho, (Joaquim de) — 30, 124, 169, 170, 177, 209, 234, 333; 334, 374.

- ARAÚJO, Gilberto C. — 350.  
ARAÚJO, Guilherme (Barreto) de — 49, 52, 53.  
ARAÚJO, João Antônio de — 249.  
ARAÚJO, José de — 124.  
ARAÚJO, José Maria (Correia) de — 62.  
ARAÚJO Jorge, Artur Guimarães de — 59, 60, 96, 130, 131, 136.  
ARAÚJO, Josefina de — 164.  
ARAÚJO, Josefino — 178.  
ARAÚJO, Lourival Cavalcanti de — 142, 350.  
ARAÚJO, Manuel Correia de — 62, 350.  
ARAÚJO, M. J. de Santana — 154.  
ARAÚJO, Odilon Vidal de — 195, 206.  
ARAÚJO, Ranulfo de — 138.  
ARAÚJO, Rodolfo (de Albuquerque) — 132.  
ARAÚJO, Severino Correia de — 348.  
ARAÚJO, Zoroastro (Aristides) de — 297.  
ARCANJO, Miguel — 145, 146.  
ARMADA, Simão d' — 208.  
ARRUDA, Antônio C. de — 102.  
ARRUDA, Donato — 275, 352.  
ARRUDA, João de — 271.  
ARRUDA, Paulo (Gonçalves) de — 29, 61, 162.  
ASFORA, João — 146.  
ASFORA, José — 148.  
ASSIS, Boaventura de — 364.  
ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de — 136.  
ASTOLFO, Adolfo — 378.  
AUGUSTO, Graciliano — 80, 134.  
AUGUSTO, José — 131.  
AVELAR, Rômulo R. C. de — 268.  
AVELAR, Soares de — 144.  
AVELAR, Zózimo de — 173.  
Ávila, José Inácio d' — 142, 192.  
AZEDO, Jaime — 242.  
AZEDO, Raul (de Almeida) — 121, 142, 176, 183, 241, 243, 362, 380.  
AZEVEDO Alfredo de — 247, 248.  
AZEVEDO, Amâncio — 155.  
AZEVEDO, Antônio — 322.  
AZEVEDO, Artur (Nabantino Gonçalves) de — 180, 295.  
AZEVEDO, B. de — 309.  
AZEVEDO, Edgar Cesário de — 304.  
AZEVEDO (e Melo), (José) Miranda de — 128, 177, 219.  
AZEVEDO, Gaudêncio — 245.  
AZEVEDO, (Manuel Antônio) Álvares de — 116.  
AZEVEDO, Miguel de — 280/281.  
AZEVEDO, Milton de — 103.  
AZEVEDO, Rômulo de — 264.  
AZZGLIO, Paulo d' — 129.  
BAHIA (da Cunha), Artur (Augusto) — 86, 140, 161.  
BAHIA, José — 295.  
BALBI, Heliodoro — 86.  
BALTAR, Afonso Ferreira — 161.  
BALTAR, Aloisio — 239.  
BALTAR, Filho, Augusto Ferreira — 197.  
BALTAR, Tenente Emílio — 292.  
BANDEIRA, Alípio — 263.

- BANDEIRA (de Melo), Herculano — 287.  
BANDEIRA (de Melo), José — 380.  
BANDEIRA, Fernandes — 45.  
BANDEIRA Filho, José Alves de Sousa — 142, 199.  
BANDEIRA, Jason — 374.  
BANDEIRA, Lafaiete — 203.  
BANDEIRA, Manuel (Alves) — 375.  
BANDEIRA, Otávio — 158.  
BANDEIRA, Umbelina — 124.  
BARATA, Padre José do Carmo — 183, 328.  
BARBOSA, A. — 307.  
BARBOSA, Austriciano — 275.  
BARBOSA, Bruno — 83, 86.  
BARBOSA, Carlos — 57, 302, 379.  
BARBOSA, Fernando Simões — 132, 142, 375.  
BARBOSA, J. — 280.  
BARBOSA, João Alexandre — 339.  
BARBOSA, João Lício — 301, 322.  
BARBOSA, José Vicente — 281.  
BARBOSA Júnior, Astolfo — 226, 282.  
BARBOSA, Manuel Simões — 189.  
BARBOSA, Milcíades (Alcântara) — 244, 377.  
BARBOSA Neto, (Francisco Alves) — 307, 340, 343, 364.  
BARBOSA, Severino Alves — 75, 134, 135, 167, 209; 255; 260; 269; 276.  
BARJONA, Júlio — 86.  
BARRADAS, João — 300.  
BARRETO, Abel — 41.  
BARRETO, Adolfo — 213.  
BARRETO, Alberto C. Pais — 203.  
BARRETO, Ana Carlota de Barros — 140.  
BARRETO, Antônio C. de Sá — 189.  
BARRETO, Archimínia — 379.  
BARRETO (da Silva Nen), Aduino — 374.  
BARRETO de Menezes, João — 41, 87, 131, 241, 242; 243; 266; 334; 362.  
BARRETO de Menezes, Pedro — 271, 272.  
BARRETO de Menezes, Targélia — 253.  
BARRETO de Menezes, Tobias — 123, 131, 363.  
BARRETO, Eduardo (Valdemar Tavares) — 132, 133.  
BARRETO, General Emídio Dantas — 73, 202, 243, 286, 303, 304, 311, 312, 317, 318, 40, 43, 345, 346, 372; 381.  
BARRETO, Inácio de Barros — 100, 101.  
BARRETO, José Diniz — 216.  
BARRETO, Pio — 203.  
BARRETO, Tomaz — 195.  
BARROCA, Fernando (Teófanos do Rêgo) — 132, 266.  
BARROS, Alice de — 85, 116.  
BARROS, A. Lopes — 155.  
BARROS Almeida, J. F. — 95.  
BARROS, Antônio — 339.  
BARROS, Artur Leal de — 163, 293.  
BARROS, Cândida Duarte de — 83, 95.  
BARROS, Clóvis de Carvalho — 59, 60.  
BARROS, Eugênio de — 132.  
BARROS, Jarbas de — 150.  
BARROS, (Joaquim Cavalcanti) Leal de — 241, 242, 362.  
BARROS, José de — 142.

- BARROS Júnior, (Sebastião do) Rêvo — 130.  
BARROS, Manuel Caitano de — 148.  
BARROS, (Manuel) Gouveia de — 142, 241, 242, 375, 376.  
BARROS, Mariana de C. P. — 311.  
BARROS, Oscar de — 58.  
BARROS, Padre Teófanés — 189.  
BARROS, Paulino (Pinto) de — 144.  
BARROS, Paulo — 136.  
BARROS, Pedro Rêgo — 311.  
BARROS, Richomer — 301.  
BARROS, Santos — 152.  
BARROS, Severino Rodrigues de — 327.  
BARROS, Severo de — 49, 67, 77, 91, 92, 210, 212, 307.  
BARROSO, Jovino — 302.  
BASCK, Alfred — 370.  
BASILISCO, Franco — 150.  
BASSELIM, Eustáquio — 275.  
BASTOS, Pedro Rodrigues — 248.  
BATALHA, José — 102.  
BATISTA, Afonso Neves — 303.  
BECKER, João Rodrigues — 202.  
BELO, José Maria — 59.  
BELO, Rui de Aires — 187.  
BELTRÃO, dom Gabriel — 187.  
BELTRÃO, Lauro — 107.  
BENEVIDES, Elpidio Cordeiro — 320.  
BERNARDO, Adrião — 372.  
BERTOLDO, Felix — 177, 228.  
BEVILAQUA, Amélia de Freitas — 83, 85, 87, 95, 149/150, 161, 162.  
BEVILAQUA, Aquiles — 60.  
BEVILAQUA, Clóvis — 85, 86, 96, 130, 131, 133, 149, 162, 322.  
BEVILAQUA, Doris Teresa — 162.  
BEVILAQUA, Euclides — 96.  
BEVILAQUA, Floriza — 162.  
BEZERRA, Afonso Ligório — 186.  
BEZERRA, (Antônio Vicente de) Andrade — 132, 185, 186, 187, 242, 361.  
BEZERRA Cavalcanti, José Rufino — 100.  
BEZERRA de Meneses, José Augusto — 248.  
BEZERRA, Epifânio — 184/185, 245.  
BEZERRA Filho, Antônio Lima — 343, 374.  
BEZERRA, J. L. — 56.  
BEZERRA, João — 247.  
BEZERRA (e Silva), José — 199, 208, 226, 326.  
BEZERRA, Júlio Agostinho — 39, 42, 43, 66, 72, 73, 76, 78, 94, 124, 130, 154, 160, 161, 162, 167, 176, 177, 182, 192, 196, 197, 203, 209, 210, 211, 217, 225, 228, 238, 252, 253, 257, 261, 269, 273, 274, 276, 279, 280, 282, 288, 291, 294, 297, 306, 311, 313, 328, 336, 340, 341, 353, 356, 357, 358, 364, 370, 378, 379.  
BEZERRA, Juraci Mendes — 148.  
BEZERRA, Severino — 138.  
BITTENCOURT, Elvira — 293.  
BOCAIUVA, Quintino — 323.  
BOITEUX, José Artur — 381.  
BONFIM, Agenor — 146.  
BONIFÁCIO (Ribeiro de Andrada Machado e Silva), José — 136.  
BORBA, Padre José de V. — 187.

- BORBA, (José) Osório (de Moraes) — 111, 311, 369, 374.  
BORBA, José Vasconcelos — 278.  
BORBA, Manuel (Antônio Pereira) — 312.  
BORBA, Paulo — 148.  
BORGES, Alfredo da Rosa — 268.  
BORGES, Alvaro — 174.  
BORGES, Antônio I. — 42, 43, 93.  
BORGES Filho — 353.  
BORGES, Heitor — 263.  
BORGES, J. 311.  
BORGES, José Carlos Cavalcanti — 132.  
BORGES, Seixas — 302, 368.  
BORROMEU, Padre Carlos — 329.  
BOSSI, Emílio — 186.  
BOTELHO, Pedro (Joaquim Velez) — 308.  
BOUDOUX, Armando — 53.  
BRAGA, Alberto — 377.  
BRAGA, Alexandre — 140, 322.  
BRAGA, Belmiro (Belarmino de Barros) — 334.  
BRAGA, Epifânio — 342.  
BRAGA, Filinto — 280.  
BRAGA, Ismael Gomes — 248.  
BRAGA, Jonatas — 339.  
BRAGA, (José Roxo de) Almeida — 47, 116, 155, 224.  
BRAGA, O. — 236.  
BRANDAO, Ceyne — 56.  
BRANDAO, Colatino — 300  
BRANDÃO (da Rocha), Oscar — 30, 164, 195, 197, 224, 299, 317, 318, 320.  
BRANDÃO, Enéas de C. S. — 101.  
BRASIL, Agrício (Gonçalves da Silva) — 110, 311.  
BRASIL, Alvaro de Assis — 255.  
BRASIL, Carlos — 273.  
BRASIL, Carmelita — 293.  
BRASIL, Elpidio (Vieira) — 244, 275, 334.  
BRASIL, Oliveira — 198.  
BRAULINO Filho — 369.  
BRISSANT Neto — 178.  
BRITO, Alberto de — 39.  
BRITO, Albino de — 252, 307.  
BRITO, Argemiro de — 226.  
BRITO, d. Luiz Raimundo da Silva — 138, 181, 381.  
BRITO, Durval (Delfino) de — 39, 131, 197, 250, 374.  
BRITO, Francisco Toscano de — 36, 37.  
BRITO Filho, Paulo C. — 189.  
BRITO, José Luiz de Medeiros — 144.  
BRITO, Júlia Toscano de — 281.  
BRITO, Lemos — 374.  
BRITO, Luiz Correia de — 100, 184, 201, 373.  
BRITO, M. — 366.  
BRITO, Paulino de — 179.  
BRITO, Teodorico de — 279.  
BUARQUE, Albino — 304.  
BUARQUE, Crispiniano — 315, 334.  
BUARQUE, Manuel — 161, 170, 183.  
BUARQUE, Pedro — 243, 244, 315.  
BURGET, Mário — 283.

- BURGOS Filho, Luiz — 248.  
BURLAMAQUI, Fernando (Barbalho) — 245, 247.
- CABRAL, Artur da Silva — 300.  
CABRAL (de Oliveira), Alcibiades — 41.  
CABRAL, Filipe — 181.  
CABRAL, João C. de Melo — 125, 197.  
CABRAL, Padre José Batista — 184.  
CABRAL, Padre Júlio — 185.  
CABRAL, Padre Luiz Gonzaga — 186, 329.  
CABRAL, Milton — 186.  
CAETÉ, Nilo — 132, 222.  
CAHU, Jorge (de Melo) — 115.  
CAHU, (Pedro Hipólito de) Melo — 95, 110.  
CAITANO, J. — 345.  
CALADO, Pedro (Eloi Pereira) — 108, 165.  
CALANDER, Miguel — 110.  
CALDAS, Alfredo — 304.  
CALDAS, Capitão Antônio Lins — 241, 340/341.  
CALDAS, Osiris (Peixoto Lins) — 311, 339, 374.  
CALDAS, Sebastião — 215, 254.  
CALDAS, Teresinha — 330.  
CALHEIROS, (Agrício) Salgado — 148.  
CALIXTO, Pedro — 150.  
CALUETE, Raul — 112, 125.  
CAMARA, A. — 154.  
CAMARA, Arcebispo Helder — 189.  
CAMARA, Baltazar (José Estêvão) da — 235, 254, 255, 267, 297, 301, 322, 340.  
CAMARA, João da — 154.  
CAMARA, (João) Laudelino (Dornelas) — 106, 110, 140, 184, 185, 187.  
CAMARA, Nilo (Dornelas) — 192, 193.  
CAMARA, Olívio (Dornelas) — 193.  
CAMARA, Padre Alfredo de Arruda, — 187.  
CAMARA, R. — 56.  
CAMARA, Renato (Dornelas) — 106.  
CAMARGO, Adalberto — 362.  
CAMARGO, Pedro — 247.  
CAMPELO, Amanda — 285.  
CAMPELO, Arcelina — 140.  
CAMPELO, (Francisco) Barreto (Rodrigues) — 184, 185, 186, 187, 189, 190.  
CAMPELO, João Cláudio (Carneiro) — 81, 87, 94, 112, 132, 133; 136.  
CAMPELO, José (Carneiro Rodrigues) — 112, 116, 124, 168, 231.  
CAMPELO, (Manuel) Neto (Carneiro) — 29, 131, 322, 343.  
CAMPELO, Pedro — 99.  
CAMPELO, Samuel (Rodrigues Carneiro) — 47, 55, 81, 100, 112, 208, 217, 230, 241, 259, 272, 304, 307, 353; 374.  
CAMPOS, Abdias (da Silva) — 363.  
CAMPOS, Afonso Rodrigues de Sousa — 59, 60.  
CAMPOS, Alfredo — 239.  
CAMPOS, Irene — 280.  
CAMPOS, George — 169.  
CAMPOS, Izidoro Marinho — 336.  
CAMPOS Sales, (Manuel Ferraz de) — 64, 308.  
CANECA, Frei (Joaquim do Amor Divino) — 62.  
CANTINHO, Mário — 301.  
CAORS, A. — 120.



- CARDOSO, Antônio — 127, 155, 179, 180.  
CAPITULINO (Pereira de Melo), Henrique — 380.  
CARDOSO, Barreto — 169.  
CARDOSO, J. — 374.  
CARDOSO, Estácio — 339.  
CARDOSO, (José Maria) Moreira — 59, 112, 114, 116, 129, 166; 172; 177; 228, 342.  
CARMO (Ribeiro), Alfredo do — 50, 252, 255, 288.  
CARMO, R. G. do — 277.  
CARNEIRO, Custódio — 307, 322, 342.  
CARNEIRO da Cunha, Alberto Solano — 169.  
CARNEIRO da Cunha, Francisco Solano — 130, 132, 169.  
CARNEIRO da Cunha, José Clementino — 300.  
CARNEIRO da Cunha, José Mariano — 268, 304, 306, 307, 316.  
CARNEIRO (da Cunha), (Manuel) Umberto — 257, 304, 332, 333, 373.  
CARNEIRO da Cunha, Olegário Mariano — 309, 333, 374.  
CARNEIRO da Cunha, Rômulo — 249.  
CARNEIRO da Cunha, Rui — 106.  
CARNEIRO, Ernesto Pereira — 268.  
CARNEIRO da Cunha Filho, José Mariano — 268, 359.  
CARNEIRO Leão, A. de A. — 177.  
CARNEIRO Leão, Antônio — 132, 144, 268.  
CARNEIRO Leão, Francisca Isabel — 140.  
CARNEIRO Leão, Maria do Carmo — 140.  
CARNEIRO, Oscar F. — 248.  
CARNEIRO, Padre Francisco Domingos — 184, 185, 186, 189.  
CARREIRA, Alcântara — 161.  
CARVALHEIRA, Frederico — 148.  
CARVALHEIRA, Manuel — 138, 197, 283.  
CARVALHO, A. B. de — 202.  
CARVALHO, Alfredo (Alvares) de — 21, 22, 24, 27, 28, 31, 36, 60, 70, 71, 88, 93, 95, 111, 117, 129, 132, 135; 138; 148, 155, 156.  
CARVALHO, Alípio Z. de — 57.  
CARVALHO, Aloísio (Lopes Pereira) de 180.  
CARVALHO, Álvaro de — 38.  
CARVALHO, Antônio Jorge de — 149, 226.  
CARVALHO, Antônio Pereira de — 98.  
CARVALHO, Astrogildo (Calipso) de — 196, 208, 210, 230, 240, 265, 288, 353.  
CARVALHO, Padre Bernardino de — 329.  
CARVALHO, Carmen de — 290.  
CARVALHO, Costa — 148.  
CARVALHO, Cromwell (Barbosa de) — 131.  
CARVALHO, Eduardo de — 27, 87, 159.  
CARVALHO, Eustáquio de — 142.  
CARVALHO, Guiomar de — 284, 340, 344.  
CARVALHO, J. — 81.  
CARVALHO, Januário de — 128.  
CARVALHO, João Batista de — 195.  
CARVALHO, João S. de — 39.  
CARVALHO, (Joaquim Cândido da) Silveira — 116, 118, 128, 164, 178, 232; 334.  
CARVALHO, Joaquim (Eusébio da Rocha) — 112.  
CARVALHO, (José Nicolau) Tolentino de — 195.  
CARVALHO, Jubal (Protásio) de — 311.  
CARVALHO, Juca de — 299.  
CARVALHO, Julieta de — 284.

- CARVALHO Júnior — 155, 180.  
CARVALHO, Pedro de — 85.  
CARVALHO, Ribeiro de — 381.  
CARVALHO, Trajano (José) de — 377.  
CARVALHO, Viana de — 244.  
CASA FORTE, Barão de — 235.  
CASSAL, Branca Falcão — 280, 305.  
CASTEL-Branco, João Bentes — 121.  
CASTELO BRANCO, Agricola — 159, 324.  
CASTELO BRANCO, Marechal/presidente — 24.  
CASTILHOS, Júlio (Prates) de — 102.  
CASTRO, Alfredo de — 333, 335.  
CASTRO, Antônio A. de — 201.  
CASTRO, Aprigio de (Miranda) — 241.  
CASTRO, Augusto de — 201, 241.  
CASTRO e Silva, Nelson de — 355.  
CASTRO, Gomes de — 309.  
CASTRO, João Batista de — 201.  
CASTRO, José Augusto de — 215.  
CASTRO, (José) Plácido de — 87.  
CASTRO, L. G. de — 377.  
CASTRO, Manuel Joaquim de Santana — 36, 276, 277.  
CATUANA, Barão de — 132.  
CAVALCANTI, Abelardo — 344.  
CAVALCANTI, Alice de Oliveira — 85.  
CAVALCANTI, Antônio Casado de Araújo — 62.  
CAVALCANTI, Caio (de Lima) — 338.  
CAVALCANTI, Carlos de Lima — 58.  
CAVALCANTI, Delph — 72.  
CAVALCANTI, Flávio — 295.  
CAVALCANTI, Hisbelo de Holanda — 275.  
CAVALCANTI, Joaquim — 146.  
CAVALCANTI, Joaquim Gois — 102.  
CAVALCANTI, José de Gois — 102.  
CAVALCANTI, José Otávio — 148.  
CAVALCANTI, Leandro — 106.  
CAVALCANTI, Luiz de Barros — 62, 285.  
CAVALCANTI, Maria de Oliveira — 85.  
CAVALCANTI, Maria Stela de Holanda — 140.  
CAVALCANTI, Mário — 245.  
CAVALCANTI, Oscar — 337, 344, 348/349.  
CAVALCANTI, Padre Eliseu — 183.  
CAVALCANTI, Plínio — 304.  
CEDRO (Carneiro Leão), Luiz — 185.  
CELESTE, Aura — 245.  
CELESTE, Dulce — 329.  
CELESTINO, Frei — 175.  
CELIO, Mário — 329.  
CELSO (da Silva), Euclides — 61/62.  
CELSO (da Silva), Hercílio — 311.  
CELSO, Flávio — 186.  
CELSO Júnior — 78.  
CERQUEIRA, (Antônio Apolinário) Tenório de — 125, 234, 254, 302, 322;  
333, 381.  
CERQUEIRA, E. da Gama — 96.  
CERQUINHO, A. Galvão — 344, 355.

- CERQUINHO, Isaac (Alfredo Vaz) — 88, 98, 150, 180, 197.  
CESAR (de Meneses Lima), Durval — 125, 257, 298, 342, 374.  
CESAR, Getúlio (de Albuquerque) — 293, 295, 313, 323.  
CESAR, Gil — 362.  
CESAR, Lívio (de Vasconcelos) — 303.  
CESAR, Nestor — 110.  
CESARIO, Abelardo — 369.  
CESARIO, Oscar — 368.  
CHACON, Augusto (Trajano de Holanda) — 142.  
CHACON, Trajano (Carneiro de Holanda) — 132, 308, 337.  
CHAGAS, Edwiges — 39.  
CHAGAS, Felix Francisco das — 165.  
CHAGAS, J. B. — 247.  
CHATEAUBRIAN (Bandeira de Melo), Francisco de Assis — 303, 334.  
CHATEAUBRIAND, Osvaldo — 303.  
CHAVES, Leôncio — 283.  
CHAVES, Nelson (de Castro) — 146.  
CHAVES, Samuel — 215.  
CHAVES, Turbilo — 136.  
CHINIQUY, Padre — 176.  
CICERO, Marco Túlio — 257.  
CINIRA, Carmen — 248.  
CINTRA Luiz — 83, 84, 85, 86.  
CIRILO (Vanderlei Filho), Manuel — 185, 330.  
CIRNE, Adolfo (Tácio da Costa) — 96, 128, 131, 283, 360, 361.  
CISNEIROS, Amador — 298.  
CISNEIROS (do Amaral), Adolfo — 298.  
CISNEIROS, José Nonato — 151  
CLAVIS, Nícios — 285.  
CLEMENTINO, Francisco — 144.  
CLEOMENES Filho — 37, 58.  
CLOTILDES, Francisca — 85, 95.  
CODECEIRA, Alcides — 49, 110, 142.  
CODECEIRA, Gustavo — 192.  
CODECEIRA, J. — 271.  
CODECEIRA, (Luiz) Frederico — 52, 91, 152, 219, 252, 307, 312, 323, 325, 327, 328, 381.  
CODECEIRA, Major José Domingues — 72, 86.  
COELHO, Adriano Pinto — 186.  
COELHO, Carlos — 311.  
COELHO, J. — 88.  
COELHO, José Vieira — 186, 187.  
COELHO, (José) Xavier — 60, 154, 159, 172.  
COELHO, Simões — 241.  
COIMBRA, Caítano — 246.  
COIMBRA Filho, Luiz — 246.  
COIMBRA, Maria José G. — 140.  
COIMBRA, Tancredo — 246.  
COLAÇO, J. — 204.  
COLOMA, Padre — 182.  
COLOMBO, Cristóvão — 216.  
CONRADO, J. — 300.  
CONSTANT (Botelho de Magalhães), Benjamin — 102.  
CONSTANTINO, Arnaldo — 375.  
CONSTANTINO, José — 316, 324, 345, 354, 363.  
CORDEIRO, Amadiz — 316.

- CORDEIRO, Cristiano (Coutinho) — 350.  
CORINTO, Carlos de — 362, 368.  
CORREIA, Barbosa — 279, 280.  
CORREIA (Bayma Filho), (Manuel) Viriato — 83.  
CORREIA, Bernardo José — 106.  
CORREIA, Capitão Eudoro — 73, 204, 291, 343, 345.  
CORREIA de Araújo, João Aureliano — 30, 290.  
CORREIA (de Araújo), Lafaete — 89, 107.  
CORREIA (de Oliveira, João) Paulo — 110.  
CORREIA (de Oliveira), Pedro — 110.  
CORREIA, Leonino — 168, 195.  
CORREIA, Manuel Nunes — 136.  
CORREIA, Morais — 132.  
CORREIA, Ovidio de Valois — 107.  
CORREIA, R. G. — 289.  
COSTA, Adroaldo Cabral — 213.  
COSTA, A. Fernandes da — 186.  
COSTA, Afonso (Gonçalves Ferreira da) — 85.  
COSTA, André Pereira da — 228.  
COSTA, Antônio — 339.  
COSTA, Antônio de Sousa — 147'  
COSTA, Augusto — 245.  
COSTA (Austricínio Ferreira Quirino), Austro — 369, 374.  
COSTA Barros, (Lupicínio Amintas da) — 41.  
COSTA, Benedito — 195, 303.  
COSTA, Carlos Augusto Pereira da — 373.  
COSTA, David — 325, 326.  
COSTA, Diamantino — 199.  
COSTA, Fernandes — 370.  
COSTA, (Francisco Augusto) Pereira da — 28, 116, 132, 161, 380.  
COSTA, Henrique — 350  
COSTA, Heribaldo Dias da — 273.  
COSTA, J. Conrado da — 316, 359.  
COSTA, Bispo João (Portocarrero) — 187, 189.  
COSTA, Jônatas — 174.  
COSTA, José — 245.  
COSTA Júnior, Leovigildo (Samuel da Silva) — 118, 306, 308, 353.  
COSTA Júnior, Olímpio (Vaz da) — 22, 23, 346.  
COSTA, Luiz Pereira da — 152.  
COSTA, Manuel Francisco da — 35.  
COSTA, Oscar L. de Araripe — 251.  
COSTA, Parente da — 263.  
COSTA, Pedro Mendes da — 38.  
COSTA, Pena e — 343.  
COSTA Pôrto, (José Antônio da) — 189, 374.  
COSTA, Ramos da — 295.  
COSTA Rêgo Júnior, (José Maria da) — 29, 30, 124, 152, 170, 186, 196,  
197, 244, 294, 332, 334.  
COSTA, Rita Cinta — 85, 95.  
COSTA, Salatiel (Esberard de Siqueira) — 350.  
COSTA, Silva — 281.  
COSTA Sobrinho, F. G. — 37.  
COSTA, Ulisses (Gerson Alves da) — 52, 111, 259.  
COSTA, Valdemar — 307, 356.  
COSTA, Walter — 148.  
COSTA, Wilson — 251.

- COUTINHO, Aureliano — 82.  
COUTINHO, Aloísio Bezerra — 146.  
COUTINHO, Isaura — 217.  
COUTINHO, Lisboa — 96, 142.  
COUTINHO, Nelson — 186.  
COUTINHO, Oscar (Bandeira de Lima) — 142.  
COUTINHO, Otaviano — 207, 271, 272.  
COUTINHO, Otávio (Bandeira de Lima) — 192, 247, 248.  
COUTINHO, Sinfrônio — 102, 192.  
COUTINHO, Urânio — 364.  
COWOU, John L. — 201.  
CRESPO, Dinamérico Apolinário — 244.  
CRIBARI, Francisco — 247.  
CRUMENCIO, J. — 219.  
CRUZ, Paulo — 182.  
CRUZ, Rabelo — 183.  
CUNHA, Altamiro (Pereira da) — 223.  
CUNHA, Amadeu — 189.  
CUNHA, A. C. Vieira da — 142.  
CUNHA, Augusto — 195.  
CUNHA, Eduardo — 342.  
CUNHA, Jair — 301.  
CUNHA, João da — 35, 60.  
CUNHA, José A. Cesário da — 378.  
CUNHA, José Mariano C. da — 202, 304.  
CUNHA, Manfredo T. — 360, 366.  
CUNHA, Manuel Bezerra da — 245.  
CUNHA, Mário X. Carneiro da — 144.  
CUNHA Melo Filho, Juvêncio — 59.  
CUNHA Sobrinho, Manuel Xavier da — 200.  
CURADO, Fleury — 96.  
CÚRIO, Frederico — 142, 286.
- DALTRO, José Neves — 340.  
DAMASCENO, João — 132.  
DANIEL, J. 66.  
DANTAS, Olinto — 191.  
DANTAS, Orlando (Ribeiro) — 327.  
DANTAS, Victor — 181.  
DARIO, Rubem — 370.  
DATIVO, José — 39, 270.  
DELGADO, Luiz (Maria de Sousa) — 30, 187, 188, 190.  
DEMÉTRIO, João — 192.  
DEMÉTRIO, Victor — 270.  
DIAS, Antônio — 377.  
DIAS, Arlindo Moreira — 165, 180, 248, 285, 340.  
DIAS da Silva, José Maria — 189.  
DIAS da Silva, Maria do Socorro — 189.  
DIAS da Silva, Paulo André — 189.  
DIAS, Eduardo — 309.  
DIAS, Euclides — 83.  
DIAS, J. — 294.  
DIAS, José Alheiro Ferreira — 82, 102.  
DIAS, José Carlos — 187.  
DIAS, Leopoldina — 140.  
DINIZ, Almáquio (Gonçalves) — 242.

- DINIZ, Paulo — 325.  
 DINIZ, Teresa (da Fonseca Borges) — 137, 138.  
 DIÓGENES (da Silva Melo), Nestor — 257, 362.  
 DIU, Manuel Ferreira — 247, 309.  
 DOBBIN, Harry Herbert — 82, 102.  
 DOMINGUES, Aurélio — 186, 374.  
 DOMINGUES Filho, José — 59.  
 DORES, Amparao das — 369.  
 DORES, Maria das — 88.  
 DORIA, Alferes Severo — 309.  
 DORNELAS, Agra — 314.  
 DOUGLAS, Sílvio — 368.  
 DRUMOND, Antônio de Vasconcelos Meneses de — 334.  
 DUARTE, Aurino — 314.  
 DUARTE, Cândido (Gomes) — 89, 107, 110, 136, 165, 178.  
 DUARTE Cavalcanti de Albuquerque, Lídia — 164, 177.  
 DUARTE (de Oliveira), Urbano — 373.  
 DUARTE, Eutália de Lemos — 125.  
 DUARTE, Francisco (Gomes) — 89, 178.  
 DUARTE, Gil — 374.  
 DUARTE, Leopoldina — 178.  
 DUARTE, Manuel (Gomes) — 34, 61, 86, 89, 110, 121, 151, 165; 177, 178,  
 211, 213, 224, 228, 231, 299, 317/318, 319, 320.  
 DUBOIS, Carlos — 339.  
 DUBOIS, Padre — 185, 329.  
 DUCA, José de Araújo C. — 349.  
 DUCLERC, C. C. — 379.  
 DUQUE, Antônio — 368.  
 DUMONT, (Alberto) Santos — 70.  
 DURAES, Manuel — 273.  
 DUTRA, J. S. Silva —
- EBBERT, Leonis — 58.  
 EDELBROCK, J. B. 95, 155, 159.  
 ELEUTÉRIO (Álvares da Silva), — Paulo — 112, 125, 169, 316.  
 ELOY, M. — 122.  
 EMBIRASSU, Efrem Esdras Eustáquio — 192.  
 EMILIANO, Manuel — 270.  
 ERBAL, Oscarlino d' — 41.  
 ESPERANÇA, Frei Manuel da — 186.  
 ESPINDOLA, Torquato — 138.  
 ESQUIRÓS, Alphonse — 128.  
 ESQUIRÓS, Irene — 170.  
 ESTANISLAU, Antônio — 69, 136, 222, 226, 283.  
 ESTELITA, José — 362.  
 ESTEVES, José — 39.  
 ESTEVES, L. A. — 374.  
 ESTRELA, Estêvão — 37.  
 EUGÊNIO, Manuel — 111.  
 EURICO, B. — 232.  
 EVANGELISTA, J. Maria — 335.  
 EZEQUIEL (de Oliveira Luz), João — 32, 36, 37, 39, 136, 152, 195, 200.
- FAELANTE da Câmara (Lima), (Francisco) — 88, 130, 131, 133, 136, 152,  
 180, 241, 242.

- Faelante (da Câmara Lima), Renato — 108, 125, 169, 213, 231, 232.  
FALCAO, Alfredo — 123, 305.  
FALCAO, Armando — 309.  
FALCAO, Arnulfo — 254.  
FALCAO Filho, J. — 185.  
FALCAO, Júlio César — 41.  
FALCAO, Pedro — 56, 57.  
FARIA, José Sotero da Silva — 166.  
FARIA, Luiz — 199.  
FARIA, Luiz Pereira de Oliveira — 205.  
FARIA, Pedro — 199.  
FARIAS, Alano A. de — 247.  
FARIAS, Antônio — 111.  
FARIAS, A. H. de — 140.  
FARIAS, Delmiro — 228.  
FARIAS, Djalma (Montenegro de) — 245, 247.  
FARIAS, Esdras (Leonam Alves de) — 30, 111, 301, 302, 309, 341, 351, 368, 369, 374.  
FARIAS Filho, Alves de — 248.  
FARIAS, Joaquim — 195.  
FARIAS, Oscar (Montenegro de) — 248, 362.  
FARIAS, Silvério de — 341, 368.  
FEIJO, Celina — 208.  
FEIJO, Otacílio — 165.  
FEIO, João — 252.  
FEITOSA, Joaquim — 240.  
FEITOSA, Minervino — 271.  
FELIX, José — 316.  
FERNANDES, Abdon Gomes — 52, 261.  
FERNANDES, Abelardo — 110, 165.  
FERNANDES, Alexandre — 212.  
FERNANDES, Anibal (Gonçalves) — 278.  
FERNANDES, Carlos Dias — 54, 268, 270, 279, 294.  
FERNANDES (da Silva), Olímpio — 32, 86, 87, 195, 232.  
FERNANDES (de Oliveira), Sebastião — 41.  
FERNANDES, Francisco — 150.  
FERNANDES, J. — 298.  
FERNANDES, José Hilário — 301, 302.  
FERNANDES, M. — 289.  
FERNANDES, Padre Antônio — 186.  
FERNANDES, Raul — 41.  
FERRAZ, Afonso — 309.  
FERRAZ, (Domingos de) Sampaio — 241.  
FERREIRA, Alvaro da Silva — 102.  
FERREIRA, Antônio — 270, 340.  
FERREIRA, (Antônio) Gonçalves — 132.  
FERREIRA, Beatriz da Silva — 247.  
FERREIRA, Bernardino — 35.  
FERREIRA, Cícero — 278.  
FERREIRA, Costa — 180.  
FERREIRA, Crumêncio da Silva — 317.  
FERREIRA, Florentino Barbosa — 381.  
FERREIRA, Fernando — 213, 249/250.  
FERREIRA, João Lopes — 62.  
FERREIRA, Júlio Antônio — 195.  
FERREIRA, Lício S. — 247.

- FERREIRA, Manuel — 362.  
FERREIRA, Manuel Firmino — 327.  
FERREIRA, Manuel Zeferino Gonçalves — 128, 334.  
FERREIRA, Mário — 224.  
FERREIRA Neto, Domingos da Silva — 199.  
FERREIRA, Raimundo — 276.  
FERREIRA, Tancredo — 224.  
FERRER (Neto de Paiva), Vicente — 60, 96, 121, 130, 131, 193, 197, 367.  
FIALHO, Borges — 351.  
FIALHO, Francisco — 245.  
FIGUEIRA, Augusto — 155.  
FIGUEIRA, José dos Santos — 180.  
FIGUEIREDO, Adelgício de — 368.  
FIGUEIREDO, Alvaro de — 148.  
FIGUEIREDO, Elpidio de (Abreu e Lima) — 202.  
FIGUEIREDO, Firmino de — 373.  
FIGUEIREDO, Henrique de — 303.  
FIGUEIREDO, José — 66, 77, 91, 120, 205, 211, 214, 217; 230, 283, 292, 326/327.  
FIGUEIREDO, José Valdemar de — 261.  
FIGUEIREDO Júnior — 305.  
FIGUEIREDO, Libânio — 372.  
FIGUEIREDO, Naasson de — 208, 217, 253, 279, 288, 294, 374; 381.  
FIGUEIREDO, Nelson — 257.  
FIGUEIREDO, Virginia (Cândido) de — 85, 140, 164, 330.  
FILGUEIRAS Júnior — 374.  
FIORAVANTE, José — 116.  
FIORAVANTE (Pires Ferreira) Gervásio — 28, 88, 130, 131, 180, 241, 322, 374.  
FIORAVANTE (Pires Ferreira), João — 165, 169, 174, 309.  
FIUZA, José M. — 100.  
FIXEL, Francisco — 350.  
FLEUISS, Max — 257.  
FLORENCIO, Gil — 344.  
FLORES, Lira — 230.  
FLORES, Mário — 343.  
FLORES, Otaviano — 62.  
FOIGEL, Simão — 148.  
FOLGUEIRA, Manuel Rodrigues — 345.  
FONSECA, Alfredo Rodrigues da — 215.  
FONSECA, B. — 314.  
FONSECA, Benjamin — 273.  
FONSECA, Eduardo — 44, 58, 65, 82, 89, 90, 117.  
FONSECA, Euclides — 35, 59, 62, 93, 242.  
FONSECA, Heloisa — 185.  
FONSECA, Inácio Néri da — 82, 120, 145, 324, 350, 367.  
FONSECA, Padre Isnaldo — 329.  
FONSECA, Israel — 247, 374.  
FONSECA, Jovino (Barral) da —  
FONSECA, (José Joaquim de) Oliveira — 96.  
FONSECA, Luiz Anselmo — 242.  
FONSECA, Marechal Hermes (Rodrigues) da — 256, 262, 263, 292.  
FONSECA, Marechal (Manuel) Deodoro da — 64.  
FONSECA, Pausilipo da — 342.  
FONSECA, Pedro Borges da — 38, 47, 102.  
FONSECA, Renato (Barbosa da) — 299.  
FONTES, Guiomar de Sá — 329.  
FONTES, Hermes (Floro Bartolomeu Martins de Araújo) — 279, 301.



- FOULQUIER, Padre José —  
FRAGA, Bráulio (da Silva) — 37, 39, 251, 279, 285, 291, 307, 312, 327, 351.  
FRAGOSO, Maria — 132.  
FRANÇA, João Martins de — 138.  
FRANÇA, Luiz de — 324, 353.  
FRANÇA, Odilon — 307.  
FRANÇA, Serafim — 362.  
FRANCELINO Júnior — 81, 155.  
FRANCO, Luiz — 132.  
FREIRE, Alfredo — 380.  
FREIRE (da Fonseca), Aníbal — 161.  
FREIRE Filho (Manuel) Teotônio — 125, 169, 231.  
FREIRE, Gilberto (de Melo) — 148, 338, 379.  
FREIRE, J. — 377.  
FREIRE, (Manuel) Teotônio — 28, 50, 85, 86, 116, 120, 131, 136, 150, 161,  
169, 197, 241, 333, 362.  
FREIRE, Maria Augusta — 83, 95.  
FREIRE, Mário — 87, 140.  
FREIRE, Padre Matias — 329.  
FREITAS, (Augusto) Teixeira de — 59.  
FREITAS, Elena — 147.  
FREITAS (e Sousa), Esmaragdo de — 334.  
FREITAS, João — 378.  
FREITAS, João Henrique de — 364.  
FREITAS, (José) Otávio de — 141, 142, 145, 146, 147, 148, 334.  
FREITAS Júnior, (José) Otávio de — 144, 145, 147.  
FREITAS, Lucídio de — 304.  
FREITAS, Lustosa de — 131, 136.  
FREITAS, M. de — 214.  
FREITAS, Penalva de — 129.  
FREITAS, José Ramos de — 358.  
FURTADO, Minarte — 271.  
FULQUIER, João — 329.
- GABOT, José — 303.  
GAIA, Manuel — 38, 39, 151.  
GAIAO, Francisco Carreira — 115.  
GALENO, Gregório — 354.  
GALHARDO, Caitano (Quintino) — 74, 125, 178, 252, 317, 329.  
GALHARDO, J. — 72.  
GALHARDO, Olegária — 178.  
GALHARDO, Tenente Rodrigues — 263.  
GALVAO, Anísio (Cordeiro) — 291  
GALVAO, Claribalte (Vilarim de Vasconcelos) — 355.  
GALVAO, F. — 38, 211.  
GALVAO, F. J. Jaime — 203.  
GALVAO, Joel — 110, 289.  
GALVAO, (José Francisco da) Fonseca — 96.  
GALVAO, Mário (Vilarim de Vasconcelos) — 288, 295.  
GALVAO, Olímpio (Euzébio de Arroxelas) — 35, 178, 198, 295.  
GALVAO, Sebastião (de Vasconcelos) — 21, 27, 111, 117, 275, 290, 318.  
GAMA, Armando — 354.  
GAMA, Alfredo (de Albuquerque) — 58, 114, 115, 126, 136, 153, 195, 200,  
203, 228, 381.  
GAMA, J. M. — 352.  
GAMA, Rosinha — 234.

- GARCIA, Aprígio (Carlos de Amorim) — 132.  
GARCIA, Rodolfo (Augusto de Amorim) — 131.  
GARCIA, Úrsula — 84, 87, 95, 150, 162.  
GARRIGOSA, Emilio Filol — 71.  
GASPAR, Alfredo — 138, 197.  
GASPAR, Odilon — 375.  
GERMANO, João — 364.  
GETULIO, Bazilides — 150.  
GIBSON, Romeu — 49.  
GIBSON, Tomé (Joaquim de Barros) — 161.  
GINSBURG, Salomão L. — 56, 93.  
GIROL, O. — 367.  
GITIRANA, Antônio — 49, 301, 302, 357.  
GITIRANA, Eulina — 302.  
GLASNER, Jorge — 148.  
GOETHE — 280.  
GOIS, Genésio de — 354.  
GOIS, Luiz (Gonzaga) de (Sousa) — 242.  
GOIS, Padre Campos — 187.  
GOMES, A. — 88.  
GOMES, Aristides de Paula — 148.  
GOMES (da Silva), Lídio (Otávio) — 138, 239, 307, 360.  
GOMES, Fernando — 341.  
GOMES, João — 369.  
GOMES, (José) Eustáquio — 186, 333, 374.  
GOMES, Josias Moura — 339.  
GOMES, Salustiano — 147.  
GOMES, Samuel — 354.  
GOMES, Vicente (André) — 142.  
GONÇALVES, Alcibiades — 291.  
GONÇALVES, Carlos (Oton de Melo) — 306, 309.  
GONÇALVES, Luiz Filipe de Sousa Leão — 233.  
GONÇALVES, Sigismundo (Antônio) — 22, 180, 200.  
GONÇALVES, Tenente José Bento Tomaz — 262, 263.  
GONDIM Filho — 322, 361.  
GONDIM, Umberto Guedes — 303.  
GONZAGA, Orlando Luiz — 247.  
GORKUM, Nicolas von — 367.  
GOUVEIA, Cornélio — 287.  
GOUVEIA, (Renato) Cruz — 83.  
GOUVEIA, Santos — 247.  
GRAÇAS, Consuelo das — 369.  
GRACINDO, Demócrito (Brandão) — 62.  
GRANGEIRO, Sebastião P. de Araújo — 62.  
GRANJA, Camucé (de Siqueira) — 374.  
GREGÓRIO Júnior (João Gregório Gonçalves) — 40, 47, 64, 156.  
GREGÓRIO, Padre Manuel — 186.  
GRIZ, Fernando (Carlos) — 87, 282, 301, 322, 335, 340, 362, 364.  
GUEDES, Conêgo Airton — 187.  
GUEIROS, Edna Leite — 374.  
GUEIROS, Jerônimo (de Carvalho Silva) — 183.  
GUERRA, Barbosa — 300.  
GUERRA, Edgar — 236, 248.  
GUERRA, Euclides — 293.  
GUERRA, Flávio (da Mota) — 189.

- GUERRA, Múcio — 39.  
GUIMARAES, Alzira Vidal — 340.  
GUIMARAES, Aprigio (Justiniano da Silva) — 28.  
GUIMARAES, Carlos Bota — 196.  
GUIMARAES, Cherobino V. — 339.  
GUIMARAES, Cristóvão — 244.  
GUIMARAES, Gaspar (Vidal) — 340.  
GUIMARAES, Henrique — 248.  
GUIMARAES Júnior, (Francisco José da Silva) — 132, 253.  
GUIMARAES, Luiz — 54, 158, 281, 347.  
GUIMARAES, Ovidio — 44, 302, 351, 353.  
GUIMARAES, Sinésio — 296, 313.  
GUSMÃO, Afonso de — 290.  
GUSMÃO, Artur — 174.  
GUSMÃO, Barreto de — 368.  
GUSMÃO, Edgar — 313.  
GUSMÃO, Epaminondas (Vieira) de — 177, 290.
- HAMILTON, D. L. — 56.  
HAMILTON (Tavares Barreto), Otávio — 132.  
HANCEM, Júlio (Guilherme) — 91.  
HARTMAN, Antônio — 277.  
HAASEN, Padre Francisco — 189.  
HEINE, Heinrich — 28.  
HEMELINK, Padre Bonifácio — 189.  
HENRIQUE, José — 154.  
HENRIQUES, João de Freitas — 165, 248, 249.  
HERFORD, George — 370.  
HIGINO, Sérgio — 187.  
HERMETO, Padre — 62.  
HOLANDA, (Ferreira) Aurélio Buarque de — 108.  
HOLANDA, Hisbello de — 364, 378.  
HOLANDA (Lacerda Cavalcanti), Uriel de — 165, 203.  
HOLANDA, Moisés Claribalte Chaves de — 355.  
HOLANDA, Olindina — 314.  
HORTA, Joaquim Carneiro de Miranda e — 178.
- ILZA, Alda — 334.  
INACIO (Carneiro) Filho, José — 360.  
INACIO, João — 270.  
INOJOSA (de Andrade), Aloizio — 247.  
IZIDORA (Gonçalves da Rocha), Francisca — 28, 85, 162.
- JACINTO Júnior — 226, 227, 230.  
JESUS, Leodegário de — 85.  
JESUS, Maria José de — 330.  
JOBIM, A. — 58.  
JOBIM, (Manuel) Anísio (de Sousa) — 60.  
JORDÃO (de Vasconcelos), Edmundo — 110.  
JORDÃO, Teodomiro — 58, 314.  
JORGE, Targino — 289.  
JOUVIN, Armênio — 321.  
JUCA, Paulino Cândido da Silva — 61.  
JULIAO, J. — 118.  
JULIAO (Regueira Pinto de Sousa) Neto, José — 362.

- JÚLIO, José** — 150.  
**JUNQUEIRA, (Abílio) Guerra** — 303.  
**KARDEC, Alan** — 175, 247.  
**KERENSKY, Nelson** — 247.  
**LACLETE, René** — 380.  
**L. AGARDE, Carlos** — 362.  
**LAGO, Pedro do** — 239.  
**LANDIM, Monsenhor, José** — 330.  
**LAPA, Artur** — 265, 317.  
**LAPA, Maria** — 360  
**LAPA, Ramiro (Beltrão da Silva)** — 111.  
**LAYME, Eduardo** — 32.  
**LEAL, A.** — 108.  
**LEAL, Alvaro Ramos** — 98.  
**LEAL, Artur (Douville)** — 97.  
**LEAL, C.** — 377.  
**LEAL, Maria Olíndina** — 85.  
**LEÃO, E.** — 377.  
**LEÃO, Francisco** — 196, 198.  
**LEÃO, Laurindo (Aristóteles Carneiro)** — 117, 132, 322.  
**LEÃO, Luiz G. C.** — 116, 137.  
**LEÃO, Nelson (Carneiro)** — 364.  
**LEÃO XIII, Papa** — 102.  
**LEGEY, H.** — 289.  
**LEITÃO, Emília** — 85.  
**LEITÃO, Francisco de Assis** — 278.  
**LEITÃO, Jandari** — 189.  
**LEITÃO Padre José G. de Sá** — 183, 278.  
**LEITÃO, (José Henrique de) Sá** — 253.  
**LEITE, (Augusto) Coelho** — 39, 119.  
**LEITE, Luiz** — 68, 359.  
**LEITE, Severino (Alves do Amaral)** — 166, 174, 177, 369, 374.  
**LELIO Júnior** — 266.  
**LELIS (de Sousa Pontes), Estêvão** — 208, 228.  
**LELIS, Franco** — 129.  
**LEMOS, Artur (de Sousa)** — 266.  
**LEMOS (Duarte), Laiete (Edgar Poggi de)** — 29, 58, 88, 125, 128, 132, 164, 172, 211, 254, 334.  
**LEMOS, João (Emanuel Poggi de)** — 164/165.  
**LEMOS, Mariano (Barbosa de)** — 39, 124, 152, 171, 196, 212, 266, 332, 333, 334, 374.  
**LEMOS, Prudenciano (Agostinho Pereira) de** — 311, 341.  
**LEMOS Sobrinho, Eduardo** — 327.  
**LEMOS, Tenente Antônio Salustiano de** — 88  
**LESSA, José Otávio de A.** — 97, 108.  
**LIBANIO, Mário (Alves)** — 316, 354.  
**LIMA, A.** — 81, 350.  
**LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Ataíde)** — 187, 189.  
**LIMA, Alcibiades Buarque de** — 83, 126, 136.  
**LIMA, Alfredo Vieira** — 59.  
**LIMA, Almeida** — 281.  
**LIMA, Alvaro W.** — 350.  
**LIMA, Aníbal (de Araújo)** — 373.  
**LIMA, Arlindo** — 106.

- LIMA, Artur Benfício de Araújo — 44, 45, 46, 61, 70, 74, 80, 81, 82, 89, 94, 112.
- LIMA, Artur R. Nogueira — 41, 45, 46, 127, 155, 207, 208.
- LIMA, B. — 156.
- LIMA, Carlos — 216.
- LIMA, Cornélio Fonseca — 144, 201.
- LIMA, Padre Daniel — 189.
- LIMA, Domicio P. — 350.
- LIMA, Durval C. de Meneses — 279.
- LIMA, Elmira — 377.
- LIMA, Elvira Santos — 195.
- LIMA, Ermiro — 197, 243.
- LIMA, Ernesto — 59.
- LIMA, Manuel Ferreira — 247.
- LIMA Filho, (Antônio de) Andrade — 187.
- LIMA Filho, (Galdino dos Santos) — 41.
- LIMA Filho, Oliveira — 300.
- LIMA, Francisco de Oliveira — 376.
- LIMA, Georgina — 87.
- LIMA, Gerson S. de — 217, 226, 282.
- LIMA, Gonçalves — 254.
- LIMA, Harold — 107.
- LIMA, Henriques — 85.
- LIMA, J. B. de Andrade — 132.
- LIMA, J. G. Pereira — 100, 202.
- LIMA, João — 305.
- LIMA, Joaquim (Honorato de Sousa) — 49, 77, 217, 241, 275, 282, 293, 301, 327, 340, 341, 350, 352, 364, 371.
- LIMA, Jorge — 102.
- LIMA, José — 56, 195.
- LIMA, José de Barros — 32, 88, 128, 132, 133; 169; 381.
- LIMA, J. P. da Mota — 244.
- LIMA Júnior, José Simplício de — 353.
- LIMA, J. Vitoriano — 309.
- LIMA, Laurêncio Lins de — 148.
- LIMA, Luiz R. Andrade — 245.
- LIMA, M. de Sousa — 155.
- LIMA, Manuel — 81, 88.
- LIMA, (Manuel de) Oliveira — 29, 257, 360.
- LIMA, Maria Osmida de Barros — 140.
- LIMA, Mateus de — 144.
- LIMA, M. Rio — 376.
- LIMA, Osvaldo (Cavalcanti da Costa) — 241, 362.
- LIMA, Paula — 87.
- LIMA, Praxedes — 43, 74, 79.
- LIMA, Raquel — 186, 329.
- LIMA, Rodolfo — 36, 37.
- LIMA, Sátiro de Oliveira — 376.
- LIMA Sobrinho, (Alexandre José Barbosa) — 110, 299.
- LIMA, Virgílio — 144.
- LINCH, Otto — 98.
- LINDEN, S. Van Der — 248.
- LINDOSO, Artur Cristo — 56, 57.
- LINDOSO, Heitor — 115.
- LINHARES, Mário — 322, 332, 340, 381.
- LINO, J. — 280.

- LINS, Aderbal — 51.  
LINS, Aristeu Acioli — 300, 359, 330, 366.  
LINS, Benjamin — 60.  
LINS (de Araújo), Aguinaldo — 146.  
LINS e Silva, Augusto — 30, 88, 142, 333/334.  
LINS Filho, Idalino — 248.  
LINS, Joaquim Caldas — 138.  
LINS, Manuel Vicente de Albuquerque — 44.  
LINS, Marcionilo de Barros — 147, 148.  
LINS, Meira — 144, 146.  
LINS, Narciso P. — 350.  
LINS, Raul — 85.  
LINS, Samuel — 37, 164, 178, 198, 209.  
LINS, Secundino — 36.  
LIRA, Abdon — 177.  
LIRA, Cônego Benigno Pereira de — 279, 329, 381.  
LIRA Filho, Carlos (Benigno Pereira de) — 375.  
LIRA, H. — 289.  
LIRA, João Pinheiro — 330.  
LIRA, Luiz Tavares de — 41, 86.  
LIRA, Napoleão A. — 280, 281.  
LIRA, Pedro — 247.  
LISBOA, Oscar — 305, 362.  
LISTOWEL, Judite — 189.  
LIVRAMENTO, Fernando — 146.  
LOBÃO, José — 272.  
LOBATO, Cervásio — 258, 374.  
LOBATO (Manuel Tolentino da) Silva — 169, 170, 209, 211, 228, 232, 234;  
332; 333, 374.  
LOBATO, Rui — 107.  
LOBO, Abelardo — 132.  
LOBO, Felix — 343, 372.  
LOBO Lili — 284.  
LOBO, Manuel Coimbra — 46, 66, 136, 150, 153, 155, 161, 167, 179, 180,  
200, 237, 240, 260, 285.  
LOEBMANN, Padre Antônio — 189.  
LOIO, Gaspar Vanderlei — 60, 89, 132, 178.  
LOIO, Tencredo Vanderlei — 89.  
LOMBARDI, Aimée de Toledo — 247.  
LOPES, Alexandre — 304.  
LOPES, Antônio Gomes — 75, 81, 90, 92/93, 94.  
LOPES, Arnaldo (Ferreira) — 279, 285, 302.  
LOPES, Carlos Teixeira — 98.  
LOPES, Honorina — 220.  
LOPES, Ildelfonso (Pessoa de Almeida) — 220, 221, 351, 352.  
LOPES, Iraci Ipirapoan — 374.  
LOPES, Lina — 302.  
LOPES, Major Alfredo Veloso da Silveira — 320.  
LOPES, Manuel de Oliveira — 134, 273.  
LOPES, O'avo — 207, 215, 219, 301.  
LOPES (Pereira), Silvino — 30, 302, 334, 351, 368, 374.  
LOPES, Tiburtino — 129.  
LOPES, Waldemar (Freire) — 374.  
LORETI, Jarbas — 129.  
LOUREIRO, Joaquim (Antônio de Castro) — 142.

- LOUREIRO, Luiz (Tolentino César) — 142, 208, 239, 240, 241, 341, 352, 374; 378.  
LOUREIRO, Oscar — 150, 168.  
LOURENÇO, João de — 334.  
LUBAMBO, Manuel (da Costa) — 186, 187.  
LUCENA, Ernesto de — 112.  
LUNA, Davina — 285.  
LUNA, Ivo — 110, 230.  
LUNA Júnior — 172, 334.  
LUNA, Laurino — 315.  
LUNA Sobrinho, Padre Francisco — 181.  
LUSTRE, Henrique — 155.  
LUZ, José Pereira da — 195.  
LUZ, Mariana — 85.  
LUZ, Pierre — 199.
- MAC-DOWELL, Samuel (da Gama e Costa) — 131.  
MACEDO, Albino Buarque de — 257.  
MACEDO, Afonso de — 241.  
MACEDO Amorim — 122.  
MACEDO, Brito — 300, 327, 350.  
MACEDO, Erasmo de — 195.  
MACEDO, J. — 88.  
MACEDO, Joaquim Manuel de — 355.  
MACEDO, Reinaldo — 283.  
MACHADO, Eleazar — 148.  
MACHADO (Freire Pereira da Silva), Osvaldo — 58, 87, 96, 119, 122, 131, 150; 155; 183; 197; 317; 318.  
MACHADO, Gilson — 148.  
MACHADO, (Joaquim) Nunes — 62.  
MACHADO, Leopoldo — 247, 248.  
MACHADO, Raul (Campelo) — 374.  
MACHADO, Rogério de Paiva — 198.  
MACHADO, Rosa Evarista Rodrigues — 140.  
MACHADO, Severino — 208, 230.  
MACIEL, Alceu Dantas — 111.  
MACIEL, Aurino (Vieira de Araújo) — 55.  
MACIEL, Bento — 299, 300, 327.  
MACIEL, Carlos Frederico — 189.  
MACIEL, Júlio — 334.  
MACIEL, Marcionilo — 32.  
MACIEL Neto, Jerson — 339.  
MAESTRALI, P. T. — 197.  
MAFRA, Jeremias de Albuquerque — 203, 255.  
MAGALHÃES, Agamenon (Sérgio de Godoi) — 364.  
MAGALHÃES, Basílio — 354.  
MAGALHÃES, Ageu (de Godoy) — 144, 146.  
MAGALHÃES, F. — 35.  
MAGALHÃES, Henrique de — 374.  
MAGALHÃES, Hilário T. — 247.  
MAGALHÃES, João Luiz de — 247.  
MAGALHÃES Lima — 193.  
MAGALHÃES, M. — 129.  
MAGALHÃES, Miguel — 50, 66, 77, 102, 116, 169, 259.  
MAGALHÃES Neto, Bento — 148.  
MAGALHÃES, Oscar — 310, 350, 366.

- MAGALHAES, Padre Antônio — 329.  
 MAGALHAES, Sérgio Nunes de Godoi — 321.  
 MAGALHAES, Valentim — 86.  
 MAGNO, Antônio — 207, 295/296.  
 MAIA, Alcino — 177, 290.  
 MAIA, Carlos Leite (dos Santos) — 374.  
 MAIA, Dionísio — 161.  
 MAIA (e Silva), Abelardo (Pontes) — 227, 300, 309, 333, 359.  
 MAIA (e Silva), Armando (Pontes) — 309, 330.  
 MAIA, Evaristo (dos Santos) — 313, 314.  
 MAIA, (José) Gonçalves — 116, 117, 333, 353, 380.  
 MALHEIRO, P. — 298.  
 MALHEIROS, Jacinto — 209.  
 MALHEIROS, Luiz — 217, 226.  
 MALTA, Leopoldina — 35.  
 MANGUINHO, Gaston — 362.  
 MANTA, Tito — 341, 350.  
 MARANHÃO, Artur — 213.  
 MARANHÃO (de Barros), Adige — 189.  
 MARANHÃO, (Manuel) Gomes — 187, 374.  
 MARANHÃO, Metódio (Romano de Albuquerque) — 186.  
 MARANHÃO, Sobrinho — 196.  
 MARANHÃO, Valfrido — 106.  
 MARCIO, Anco — 37.  
 MARCONDES, Oscar — 354.  
 MARINHO Filho, José — 245.  
 MARINHO, Gastão da Franca — 110.  
 MARINHO, Rutilio — 354.  
 MARIZ, João — 277.  
 MARIZ, José —  
 MARIZ, José (Marques da Silva) — 330.  
 MARIZ, Juvêncio Carlos — 318.  
 MARIZ, Severino — 324.  
 MAROTTI, Francisco — 37, 121, 151, 270.  
 MARQUES, (Alfredo) Arnóbio — 59, 142.  
 MARQUES, Aluizio — 144.  
 MARQUES, Arnaldo — 145, 148.  
 MARQUES (Carneiro Leão), Virgílio — 89, 108, 110, 111, 131.  
 MARQUES (de Oliveira), Manuel (dos Passos) — 130.  
 MARQUES (de Sá), João — 142, 144.  
 MARQUES, Estêvão — 368.  
 MARQUES, Márcio — 129, 169.  
 MARQUES, Marieta — 327.  
 MARQUES, Mário — 170.  
 MARQUES, Romero — 144, 145, 146.  
 MARQUES, Rui João — 148.  
 MARROCOS, (Francisco) Alcedo (da Silva) — 161.  
 MARROQUIM, Adalberto (Afonso) — 59, 114, 169, 177.  
 MARTINS, (Antônio) Mendes — 77, 86, 116, 128, 161, 164, 172; 178; 211;  
 212; 241; 243; 255; 276; 294; 307; 353, 374.  
 MARTINS, Armando — 108.  
 MARTINS, Augusto J. — 180.  
 MARTINS Filho (Antônio Mendes) — 32, 36, 37, 39, 116, 123, 124, 136, 151,  
 249, 254, 265, 302, 363, 378.  
 MARTINS, Flaviano — 36, 124, 302.  
 MARTINS, Georgino — 340.



- MARTINS, Guilherme — 106.  
MARTINS, Henrique — 133.  
MARTINS, João Vicente — 180.  
MARTINS, Júlia Dias — 285.  
MARTINS Júnior, (José Izidoro) — 29, 35, 86, 102, 108, 124, 129, 131, 133, 134; 157; 159; 180; 248.  
MARTINS, Pedro — 275.  
MARTINS, Samuel — 29, 87.  
MARX, Karl — 270.  
MASCARENHAS, Luiz de — 62, 171.  
MASCELO, Padre Leonardo — 183, 186, 323, 333.  
MATOS, Aluizio de — 247.  
MATOS, Catulo — 102.  
MATOS e Silva, Isaias Gomes de — 198, 228, 320, 351.  
MATOS e Silva, José (Gomes) de — 37, 86.  
MAURICÉA, Alfredo — 380.  
MEDEIROS (Albuquerque), Godofredo de — 374.  
MEDEIROS, Alfredo de — 374.  
MEDEIROS, Bianor (Gadault Fonseca) de — 117, 131, 132, 133, 150, 195, 196, 197.  
MEDEIROS, Ezequiel de — 192.  
MEDEIROS, J. — 41.  
MEDEIROS, Luiz — 230.  
MEDEIROS, Raul Armando de — 276, 299.  
MEDEIROS, Sigismundo F. — 246.  
MEIRA (de Oliveira Melo), (Ceciliano) Célio — 30, 247, 250, 313, 374.  
MEIRA (de Vasconcelos), Albino (Gonçalves) — 96, 119.  
MEIRA (de Vasconcelos) Filho, Albino (Gonçalves) — 78.  
MEIRA de Vasconcelos (José Vicente) — 132.  
MEIRA, Leonel — 265.  
MEIRELES, Flávio — 257.  
MEIRELES, Teles de — 309.  
MELO, Aminadab — 246.  
MELO, Ana Angélica de Albuquerque — 140.  
MELO, Anfilóbio de Oliveira (Jaime d'Altavila) — 374.  
MELO, Antônio Furtado de — 153.  
MELO, B. — 112.  
MELO, Basílio (de Sousa) — 116.  
MELO, Carmen de — 374.  
MELO, Correia de — 295.  
MELO, Dom Pedro Bandeira de — 189.  
MELO, Ernesto — 296.  
MELO, Ferreira de — 374, 381.  
MELO Filho, Manuel Caitano de Albuquerque — 307.  
MELO Filho, Juvêncio da Cunha — 311.  
MELO, Francisco Alexandrino de Albuquerque — 117, 130.  
MELO, Gelmirez — 327.  
MELO, Gonçalo de — 145.  
MELO, Guilhermino de — 151.  
MELO, Joaquim de Oliveira — 219, 232, 233.  
MELO, José Luiz de — 45, 51, 161, 298, 371.  
MELO, José P. Nunes de — 44, 271.  
MELO, Luiz Gomes de — 281, 290/291, 296, 304.  
MELO, Luiz (Antônio) Cabral de — 248, 249, 257.  
MELO, M. A. da Rocha — 354.  
MELO, Josefa P. de — 293.

- MELO, Manuel Caitano de Albuquerque — 117, 132, 161.  
MELO, Maria Natália de — 275.  
MELO, Maria Tavares César de — 140.  
MELO, Mário (Carneiro do Régo) — 29, 32, 112, 144, 193, 262, 263, 308.  
MELO, O. C. — 161.  
MELO, Osvaldo — 247.  
MELO, Oton Linch Bezerra de — 30.  
MELO, Pedro Alexandrino de — 38, 39, 270, 363.  
MELO, (Raimundo) Públio (Bandeira) de — 304.  
MELO, Santos — 345.  
MELO, Ulisses de — 35, 36, 99, 302, 318; 320.  
MELO, Ulisses Pernambucano de — 144.  
MELO, Vicente de — 224.  
MELO, Vieira de — 36, 37.  
MENDES, Augusto — 300, 341.  
MENDES, Durval — 188.  
MENDES (Guimarães), Oscar — 187, 278.  
MENDES, João 188.  
MENDES, José Pinto — 117.  
MENDES, Luiz (Francisco Rodrigues) — 233, 235, 260.  
MENDONÇA, (Antônio) Baltazar de — 282.  
MENDONÇA, Fernando (Augusto) de — 216, 304, 309.  
MENDONÇA, Heleno — 313.  
MENDONÇA, José — 300.  
MENDONÇA, Lauro Vieira de — 294.  
MENDONÇA, Meroveu — 304.  
MENDONÇA, Manuel Alcides de — 278.  
MENDONÇA, Trajano de — 58.  
MENESES, Alípio — 35, 247.  
MENESES, Bezerra de —  
MENESES, Eurípedes Cardoso de — 329.  
MENESES, F. Facundo de Castro — 117.  
MENESES, João — 187.  
MENESES, João Demétrio de — 128.  
MENESES, Manuel Joaquim de — 193.  
MENESES, Olavo de — 280.  
MENESES, Sales de — 272.  
MERCÊS, Ricardo das — 271, 272.  
MESQUITA, A. — 338.  
MESQUITA, Armando Hora de — 132.  
MESQUITA, Carlos — 189.  
MESQUITA, José — 107.  
MESQUITA, Odete — 330.  
MILET, Henrique (Augusto de Albuquerque) — 96, 132, 191.  
MILET, Teodorico — 317.  
MINDELO, José — 369.  
MINDELO, Manuel de Larraz — 276, 283, 301.  
MIRANDA, Álvaro — 313.  
MIRANDA, (Antônio) Guedes de — 169.  
MIRANDA, Bernardino — 302.  
MIRANDA, Fileno de — 185.  
MIRANDA, João Nepomuceno de — 360.  
MIRANDA, José (Euclides de) — 291, 313.  
MODESTO, Fausto — 118.  
MONCORVO (Gonçalves Pena), Sílvia — 144.  
MONDIN, Tiburtino — 184.

- MONEZILHO, D. — 71.  
MONTARROIOS, Durval — 351.  
MONTARROIOS, João — 351.  
MONTE, Luiz de França do — 163.  
MONTE, Sabino do — 96.  
MONTE Sobrinho, (Francisco do) — 50, 66, 91, 152, 208, 215, 219; 222; 227; 229; 255; 273; 282; 288; 377.  
MONTEIRO, (Antônio Peregrino) Maciel — 212.  
MONTEIRO, Augusto (Carlos de Vasconcelos) — 41, 60.  
MONTEIRO, Benedito A. — 342.  
MONTEIRO, Débora do Rêgo — 339.  
MONTEIRO, Deodato — 281.  
MONTEIRO (de Carvalho), Manuel — 266.  
MONTEIRO (de Melo), João — 381.  
MONTEIRO, Dulce — 208.  
MONTEIRO Filho 341.  
MONTEIRO, Honório (da Costa) — 301, 322, 340, 341.  
MONTEIRO, João — 185, 195, 233, 374.  
MONTEIRO, João Teodoro — 280, 281.  
MONTEIRO, José — 44, 104, 196.  
MONTEIRO, (José da) Costa — 341, 356.  
MONTEIRO, Padre M. — 329.  
MONTEIRO, Manuel — 60, 346.  
MONTEIRO, Miguel — 377.  
MONTEIRO, Raul (da Costa) — 29, 30, 282, 301, 322, 332, 340, 374.  
MONTEIRO, Tecla — 281.  
MONTENEGRO, Américo — 324.  
MONTENEGRO, Francisco — 146, 148, 189.  
MONTENEGRO, Olivio (Bezerra) — 363.  
MORAIS (e Barros), Prudente (José) de — 64.  
MORAIS, Edla de — 377.  
MORAIS, Esmerino — 233, 244.  
MORAIS, Felix J. — 379.  
MORAIS Filho, Jerônimo de — 206, 377/378.  
MORAIS, Pascoal de — 201, 202.  
MORAIS Rêgo, (Manuel César de) — 279.  
MORATO, Camilo — 196.  
MOREIRA, Albino — 152, 185.  
MOREIRA, Artur L. — 195.  
MOREIRA, Carlos (Martins) — 374.  
MOREIRA, F. dos Santos — 180.  
MOREIRA, Jerônimo de Rangel — 241.  
MOREIRA, Joaquim Maria — 186.  
MOREIRA, Luiz — 311, 374.  
MOREIRA, Manuel Pinto — 97.  
MOREIRA, Paulo Leite — 208, 327.  
MOREIRA, Pércio — 297, 340, 342, 344, 378.  
MOREL, Sérgio — 146.  
MORENO, João Carlos — 330.  
MORENO, Lourival — 353.  
MORENO, Paulo — 374.  
MOTA, Alexandre (Freitas Simões da) — 264, 303, 308, 310.  
MOTA, João de Deus da — 374.  
MOTA, José Sodré da — 340.  
MOTA Júnior, J. M. da — 361.  
MOTA, Mauro (Ramos de Albuquerque) — 186.

- MOURA, Abel Peretti de — 101.  
 MOURA, Artur Tavares de — 145, 216.  
 MOURA, Bispo João Tavares de — 181.  
 MOURA, Helena — 147.  
 MOURA, Isnar de — 374.  
 MOURA, José Barros de — 339.  
 MOURA, Maria de — 244.  
 MOURA, T. — 120.  
 MOUSINHO, Neusa — 329.  
 MUIRHEAD, H. H. — 56, 379.  
 MULATINHO, J. F. — 342.  
 MULLER, Frei Bonifácio — 189.  
 MUNGUBA Sobrinho (José) — 338, 339, 379.  
 MUNIER, Amanda — 195, 289.  
 MUNIZ, J. E. da Cunha — 161, 213/214, 217.  
 MUNIZ, (Manuel) Artur — 85, 87, 129, 131, 132, 136, 140, 157, 160, 161, 164, 169, 178, 197, 234, 257, 333, 380, 381.  
 NABUCCO (de Araújo), Joaquim (Aurélio Barreto) — 115, 133, 165, 266, 338, 339.  
 NASCIMENTO, Eugênio — 325.  
 NASCIMENTO, Genebaldo — 349.  
 NASCIMENTO, Jerônimo do — 311.  
 NASCIMENTO, João do — 199.  
 NASCIMENTO, José A. — 248.  
 NASCIMENTO, Luiz do — 189.  
 NASCIMENTO, M. Sabino — 377.  
 NASCIMENTO, Teodoro do — 199.  
 NASCIMENTO, Torquato do — 236.  
 NAZARE, Agripino — 45, 47, 74, 78.  
 NEGREIRO, José — 354.  
 NEGREIROS, Maria do Carmo Vidal de — 140.  
 NEGROMONTE, Alaide — 330.  
 NEGROMONTE, Alvaro — 185.  
 NEGROMONTE, Amélia — 330.  
 NETO (do Rêgo Cavalcanti), Américo — 383.  
 NETO, Edgar — 340.  
 NETO, Garibaldi — 124.  
 NESTOR (de Barros Ribeiro), Odilon — 132, 133, 241, 334, 361.  
 NEVES, Almelda — 196.  
 NEVES, Antônio da Silva — 202.  
 NEVES, H. — 134.  
 NEVES, Herculano F. — 199.  
 NEVES, João B. — 265.  
 NEVES, Lutgardes Flores — 377.  
 NEVES, Mário — 289.  
 NEVES Neto, Targino — 116.  
 NEVES, R. — 265.  
 NEVES, Rodovalho — 125, 196, 234, 287, 332, 333; 374; 377.  
 NEVES Sobrinho, (Joaquim José de) Faria — 28, 29, 30, 58, 119; 130; 162; 333; 334; 374.  
 NILO, José Romão — 245.  
 NILSON, Oscar — 247.  
 NOBLAT, Vicente (de Matos) — 374.  
 NÓBREGA, Manuel da — 247.  
 NOGUEIRA, Antônio — 120, 154, 158.

- NOGUEIRA (Batista), Ana — 83, 85, 162.  
NOGUEIRA, Cícero Perdigão — 311.  
NOGUEIRA, Paulino — 96.  
NOLASCO, Cir — 76.  
NOLASCO, Gil — 229.  
NORONHA, José Augusto — 354.  
NORONHA, Mavignier de — 349.  
NOVAIS Filho, Antônio de — 187.  
NOVAIS, J. P. — 300.  
NUNES, Ambrosina — 136.  
NUNES (da Silva), Benedito — 189.
- OLAVO (Cândido Martins da Costa), Silvino — 374.  
OLÍMPIO, Monsenhor José — 330.  
OLINDA, Cláudio de — 362.  
OLINDA (de Almeida Cavalcanti), Demóstenes de — 61, 86, 87, 96, 316.  
OLINDENSE, Vileta — 368.  
OLIVEIRA, Adolfo de — 107.  
OLIVEIRA, Alberto (Rodrigues) de — 278, 350.  
OLIVEIRA, Alfredo de — 302.  
OLIVEIRA, Aluísio de — 136, 153.  
OLIVEIRA, Alvaro A. de — 314.  
OLIVEIRA, Amaro — 341.  
OLIVEIRA, Amélia de — 124.  
OLIVEIRA, Américo de — 321.  
OLIVEIRA (Andrade), Antônio Correia de — 110.  
OLIVEIRA, Aristides José de — 81.  
OLIVEIRA, Armando — 66, 129, 167, 209, 255, 260, 269, 297, 347, 348.  
OLIVEIRA, Artur José de — 140, 240, 241.  
OLIVEIRA, Augusto de — 72, 86.  
OLIVEIRA, Baltazar (José) de — 316, 350, 351, 369, 381.  
OLIVEIRA, Bianor de — 319, 321, 374.  
OLIVEIRA, Capitão Emílio Pessoa de — 317, 320, 321.  
OLIVEIRA, Carlos Estêvão de — 165, 374.  
OLIVEIRA, Clodoaldo Pessoa de — 186.  
OLIVEIRA, Clotilde de — 321.  
OLIVEIRA, Edite de — 234.  
OLIVEIRA, Edmundo de — 102, 285.  
OLIVEIRA, Elesbão de — 107.  
OLIVEIRA e Silva, (Francisco de) — 110, 261, 285, 299, 350, 369, 374.  
OLIVEIRA, Euclides de — 195, 222, 235.  
OLIVEIRA, João Cleofas de — 221.  
OLIVEIRA, João de — 107, 132, 138.  
OLIVEIRA, João do Patrocínio — 281.  
OLIVEIRA, João (Honorato) de — 244.  
OLIVEIRA, Joaquim (Tavares) de — 349, 350.  
OLIVEIRA, José Chaves de — 320.  
OLIVEIRA, José da Cruz — 131.  
OLIVEIRA, José Felix de — 233.  
OLIVEIRA, (José Manuel) Cardoso de — 177.  
OLIVEIRA, Júlio Alcino de — 111.  
OLIVEIRA, Leandro de — 155, 197.  
OLIVEIRA, Leônidas de — 44, 45, 48, 80, 94, 171.  
OLIVEIRA, Luiz Estêvão de — 131.  
OLIVEIRA, Manuel Antunes de — 122.

- OLIVEIRA, Manuel Arlindo de — 221.  
 OLIVEIRA, Maria das Mercês — 195.  
 OLIVEIRA, Mateus de — 35, 61.  
 OLIVEIRA, Padre Nestor — 189.  
 OLIVEIRA, Olívio de — 364.  
 OLIVEIRA, Plínio Dias de — 272.  
 OLIVEIRA, Tenente Jorge de — 307.  
 OLIVEIRA, Tércio de — 379/380.  
 OLIVEIRA, Valdemar de — 30, 55, 148, 374.  
 ORANGE, José de — 327.  
 OREY, Manuel d'Araújo Gonçalves d' — 359.  
 ORLANDO (da Silva), Artur — 27, 28, 29, 86, 119, 130, 131, 180.  
 ORLANDO, Isabel — 185.  
 ORLEANS, Renée d' — 313.  
 OTAVIO (de Oliveira Meneses), Rodrigo — 373.
- PACHECO, Gomes — 138, 311.  
 PAIVA, Astrogildo — 110.  
 PAIVA, Clóvis — 148.  
 PALHA, Ana — 161.  
 PALMARENSE, Flório — 335.  
 PALMARES, Bráulio dos — 380.  
 PALMEIRA, Pedro (Antônio da Costa) — 62.  
 PAPIN, Diniz — 277.  
 PARAHYM, Orlando (da Cunha) — 148.  
 PARAIBA, Hermes — 174.  
 PARANHOS Júnior, (Barão do Rio Branco) José Maria da Silva — 86, 180, 221, 299, 307.  
 PARANHOS, Joaquim — 302.  
 PARENTE, (Francisco) Gomes —  
 PASSOS, Abel dos — 219.  
 PASSOS, Alcino F. — 248.  
 PASSOS, Alfredo M. J. dos — 198.  
 PASSOS, Carlos — 244, 368.  
 PASSOS, Luiz Barbosa — 374.  
 PASSOS, Luiz R. de Brito — 201.  
 PATROCÍNIO, José (Carlos) do — 117.  
 PAZ, Júlio Severino da — 138, 283.  
 PAZ, Manuel da — 57.  
 PEDROSA, Conêgo Alfredo Xavier — 30, 181, 184, 185, 186, 187, 328, 330.  
 PEIXE, Maria Rodrigues — 87.  
 PEIXOTO, Ascânio (Alcântara dos Guimarães) — 74, 142, 286.  
 PEIXOTO, B. E. — 302.  
 PEIXOTO, José — 306.  
 PEIXOTO, Manuel Vieira — 380.  
 PEIROTO, Marechal Floriano (Vieira) — 64, 292.  
 PENA, Afonso — 227.  
 PENA, Sílvia Gonçalves (Sílvia Patrícia) — 374.  
 PENANTE (Ferreira da Cunha), José — 352, 369, 374, 378.  
 PEQUENO, Padre Alberto — 183, 328.  
 PERAZA, N. Balet — 179.  
 PERÉA, Frei Romeu (Cortês) — 329.  
 PEREGRINO (da Rocha Fagundes), Adalberto — 132.  
 PEREIRA, Alfredo E. da Rocha — 316.  
 PEREIRA, Arnaldo Guedes — 374.

- PEREIRA, Baltazar (Martins de Albuquerque) — 86, 129, 152, 161, 164.  
PEREIRA, Cauby — 323.  
PEREIRA (da Silva), Luciano — 132.  
PEREIRA (da Silva), Oscar — 208.  
PEREIRA, Edwiges de Sá — 30, 34, 83, 86, 95, 125, 129, 150, 154, 169.  
PEREIRA, Enio de Barros — 147.  
PEREIRA, Eugênio de Sá — 34, 86.  
PEREIRA, F. — 134, 150.  
PEREIRA, **Faneca**, (João) Eustáquio — 132, 242, 266.  
PEREIRA, Felisberto dos Santos — 100, 111, 185, 230, 241.  
PEREIRA, Francisca R. — 353.  
PEREIRA, Joaquim Rocha — 362, 362.  
PEREIRA, J. Times — 125, 244, 279, 295.  
PEREIRA Júnior, Antônio Gomes — 60, 117, 119.  
PEREIRA Júnior, (Joaquim da Rocha) — 280.  
PEREIRA, (Luiz de) França — 29, 30, 86, 88, 119, 131, 333.  
PEREIRA, Luiz de França A. — 366.  
PEREIRA, Luiz S. de França — 152.  
PEREIRA, Manuel Artur de Sá — 361.  
PEREIRA, Nilo (de Oliveira) — 187, 189.  
PEREIRA, Nuno Guedes — 203.  
PEREIRA, Paulo Guedes — 102.  
PEREIRA, Reginaldo — 278.  
PEREIRA, Risoleta Guedes — 111.  
PEREIRA, Valfrido Leonardo — 47, 70, 77, 196, 197, 207, 210; 239; 240;  
255, 259, 296, 307, 353, 381.  
PEREIRA, Virgílio (Augusto) de Sá — 131.  
PERES, Apolônio — 201.  
PERES, Marcelo Gonçalves — 324, 366.  
PERES, Otávio Gonçalves — 366.  
PERNAMBUCANO, José — 130.  
PERNAMBUCO, Diógenes — 224.  
PERRUCCI, Gadiel — 339.  
PESSOA, Adauto X. Carneiro — 189.  
PESSOA, Adelgísio — 207.  
PESSOA, Assunção — 241, 302.  
PESSOA, Augusto — 285, 304.  
PESSOA, Epitácio Monteiro — 281, 285.  
PESSOA Filho, Jorge — 166.  
PESSOA, Francisco Lopes — 208.  
PESSOA (Cavalcanti de Albuquerque), João — 233.  
PESSOA, José — 207.  
PESSOA, Luiz Ribeiro — 354.  
PESSOA, Veiga — 170.  
PIERRECH, Louis — 280.  
PIMENTA, Joaquim — 184, 241, 243, 362.  
PIMENTEL, Inácio Agápito — 355.  
PIMENTEL, M. G. — 247.  
PIMENTEL, Tenente Manuel Floriano — 291.  
PINHEIRO, Alberto — 132.  
PINHEIRO, Afonso de Moraes — 157.  
PINHEIRO Filho, Manuel — 32.  
PINHEIRO, Ildefonso de Freitas — 197.  
PINHEIRO, João Marques de Queiroz — 89.  
PINHEIRO, José — 309, 310, 333, 356.  
PINHO, (João) Sabino (de Lima) — 148, 190.

- PINHO (Maia), Inês Sabino — 85, 88.  
 PINTO, Antônio de Sousa — 60, 196.  
 PINTO, Áurea G. — 296.  
 PINTO, General Carlos — 317.  
 PINTO, Benedito — 196.  
 PINTO, Filipe de Bittencourt Cardoso — 355.  
 PINTO, Gustavo — 59, 129.  
 PINTO, Joel — 368.  
 PINTO, José — 380.  
 PINTO, Manuel de Sousa — 353.  
 PINTO, Silva — 223.  
 PINTO, Tenente Francisco de Sousa — 131, 268, 292.  
 PINZON, Ferreira — 146.  
 PIO dos Santos, Artur — 268.  
 PIRES, Lúcio — 350.  
 PIRES (Ferreira), Júlio — 29, 58, 88, 129, 132, 136; 161; 333.  
 PIRES (Ferreira), Leopoldo — 195.  
 PIRES, Francisco José Fernandes — 281.  
 PIRES, Herculano — 313.  
 PIRETE, Ezequiel — 221.  
 PIRETE Silva, Manuel — 221.  
 PIRRO, J. — 245, 247.  
 PITA, João (Guilherme da Silva) — 62.  
 POITANO, João Solari — 71.  
 POLARI, Alfredo (de Oliveira) — 114, 138.  
 POMPÍLIO, Colombo — 233.  
 PONTES, Adauto (Amaro Feitosa de) — 245.  
 PONTES, (Antônio) Fiuza de — 61.  
 PONTES, Clementino — 345.  
 PONTES, Gercino Malagueta de — 257, 298.  
 PONTES, Irineu Malagueta de — 110, 166, 298, 304.  
 PONTES, Joaquim — 240, 241, 247.  
 PONTES (Marques de Almeida), Carlos — 132.  
 PONTES, Sebastião Cabral — 340.  
 PONTES, Severiano Guilherme — 311, 360.  
 PONTUAL, Constâncio — 110, 132, 142.  
 PONTUAL, Davino — 100.  
 PONTUAL, José — 216.  
 PONTUAL, Parísia Nímia — 140.  
 PORCIÚNCULA, M. — 196.  
 PORTELA, (Gentil) Bastos — 240, 374.  
 PORTELA, Sofrônio (Eutíquiano da Paz) — 132.  
 PORTO Carreiro, Carlos (da Costa Ferreira) — 27, 28, 60, 85, 86, 97; 108;  
 110, 130, 131, 133, 140, 160/161, 180; 232; 241; 266; 313.  
 PORTO Carreiro, Júlio — 97/98, 50, 232, 234.  
 PORTO, Duarte — 278.  
 POSSI, M. — 245.  
 POTIGUARÉ, Santana — 85, 95, 166, 194.  
 PRADO, Diógenes Ferreira — 190.  
 PRADO, João de Melo — 279.  
 PRADO (Sampaio), Mavíael do — 350, 369.  
 PRAZERES, Cassimiro — 226, 283.  
 PRAZERES, Rômulo A. — 97, 273.  
 PUGO, Públio — 236, 320.



- QUAJYL, Mário — 245.  
QUEIROZ, A. S. — 245.  
QUEIROZ, Cônego Eustáquio de — 187, 329.  
QUEIROZ, Francisco Pessoa de — 231, 304.  
QUEIROZ, Henrique de — 329.  
QUEIROZ, Venceslau de — 241.  
QUINTAS, Gabriel Soares — 47, 113, 155, 174, 309.  
QUINTAS, Lino — 327.  
QUIRINO, Manuel — 302.  
RABELO, Artur — 355.  
RABELO, Fausto — 53, 66, 196, 208, 244, 247, 248, 311, 341, 353, 354.  
RAMALHO, Elmano — 53.  
RAMALHO, Elmir — 339.  
RAMALHO, Luisa Cintra — 83, 95.  
RAMALHO, Marcelo — 353.  
RAMIRES, Adolfo — 98.  
RAMIRO, D. — 207.  
RAMOS, Agesileu Pinheiro — 247.  
RAMOS, Alfredo (M. de Oliveira) — 375.  
RAMOS, Autenci — 247.  
RAMOS, Antônio da Silva — 62.  
RAMOS, Capitão Augusto B. de Farias — 291.  
RAMOS, Aurélio — 183.  
RAMOS (Cavalcanti), Carmencita — 311, 359, 366, 374.  
RAMOS (da Silva) Júnior, Artur — 132.  
RAMOS, Eládio (dos Santos) — 280, 304, 332, 333, 374.  
RAMOS, Herodoto Pinheiro — 148.  
RAMOS, Jarbas — 244.  
RAMOS, Jurandi da Silva — 278.  
RAMOS, Leonor — 195.  
RAMOS, Mário — 144, 375, 376.  
RAMOS, M. — 376.  
RAMOS, Odilon (Bráulio de Lemos) — 239, 240, 241.  
RAMOS, Oscar — 166, 174, 279, 342.  
RAMOS, Raulino — 155.  
RAMOS, Samuel — 38, 277, 292.  
RAMOS, Solidéa — 381.  
RANGEL, Domicio (do Rêgo) — 85, 86, 93, 128, 150, 154, 161, 197.  
REGADAS, Silva — 327, 343.  
REGO, Gomes do — 219.  
REGO, Lia Marinho — 85.  
REGO, Luiz da Silva — 58/59.  
REGO, Malaleel Marinho — 376.  
REGUEIRA Costa, Gaspar (do Nascimento) — 154, 374.  
REGUEIRA Costa, João Batista — 27, 28, 29, 87/88, 132, 133, 161, 169,  
195, 197, 380.  
REINALDO, Manuel — 341.  
REIS, A. Marinho — 281.  
REIS, Cardoso — 197.  
RENTINI, Dolores — 299.  
RIBAS, Anselmo — 41.  
RIBAS, Diogo — 300.  
RIBEIRO, Adalgisa Duarte — 83.  
RIBEIRO, Almerinda — 292.  
RIBEIRO, (Anibal) Cruz — 246, 248, 300, 310, 327, 336, 356.

- RIBEIRO, Aníbal (Guimarães) — 352.  
RIBEIRO, (Antônio Camilo das) Chagas — 163, 223, 348.  
RIBEIRO, Antônio Inácio (de Barros) — 144, 375, 376.  
RIBEIRO, (Antônio José da) Costa — 375.  
RIBEIRO, Beatriz — 152.  
RIBEIRO, Cândida — 85, 116.  
RIBEIRO, Cirilo — 150, 152.  
RIBEIRO da Silva, (José Cavalcanti) — 136, 179, 218, 241, 275, 282; 301; 340; 351.  
**RIBEIRO, Domingos — 288.**  
RIBEIRO, F. Aquino — 303.  
RIBEIRO (Ferreira), Tomaz (Antônio) — 301.  
RIBEIRO Filho, Antônio Lima — 323.  
RIBEIRO, Hermilo (Nimiano) de Melo — 95, 96.  
RIBEIRO, (João da) Cruz — 203, 206.  
RIBEIRO, João Pinto — 77, 179, 180, 222.  
RIBEIRO, José — 107.  
RIBEIRO, José Bento — 64.  
RIBEIRO, José F. — 62.  
RIBEIRO, Lima — 235.  
RIBEIRO, Luiz — 213.  
RIBEIRO, Manuel — 316.  
RIBEIRO, (Manuel) Euniciano (do Nascimento Guimarães) — 41, 45, 98, 127, 154, 211, 212, 228, 253.  
RIBEIRO, Sebastião Pinto — 53, 66, 81, 125, 149; 214; 223; 227; 251; 252; 260, 276, 294.  
RIBEIRO, U. — 324.  
ROBERT, Clémence — 173.  
ROCHA, (Antônio) Fraga — 200.  
ROCHA, Augusto — 230.  
ROCHA, Avertano — 59, 60.  
ROCHA Filho, A. — 282.  
ROCHA, Gilberto Fraga — 144.  
ROCHA, João Borges da — 56, 379.  
ROCHA, Julieta — 239.  
ROCHA, Leduar de Assis — 148.  
ROCHA, Malaquias Gonçalves da — 154, 197, 295.  
ROCHA Melo — 39.  
ROCHA, Minervino da — 283.  
ROCHA, Padre Zeferino — 189.  
RODRIGUES, Amélia — 253.  
RODRIGUES, Augusto — 374.  
RODRIGUES de Melo, Manuel — 132.  
RODRIGUES, Francisco — 161, 352.  
RODRIGUES, Guilherme — 124, 265.  
RODRIGUES, Mário (Leite) — 54, 317, 318, 381.  
RODRIGUES, Pedroso — 334.  
RODRIGUES, S. — 350.  
RODRIGUES, Trajano — 341.  
ROMANO, Pedro — 134.  
ROMEIRO, Manuel Olímpio — 257.  
ROMERO, José Augusto — 248.  
ROMERO (Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos), Sílvio — 277.  
ROQUE, Eduardo — 300.  
ROSA e Silva, Francisco de Assis — 119, 133, 177, 180, 290; 291; 302; 305; 320.  
ROSA e Silva Júnior, Francisco de Assis — 192.

- ROSA, José M. — 326, 327.  
ROSA, Tito (dos Passos de Almeida) — 132.  
ROUQUAYROL, Hypólito — 120.  
RUFIER, Fernando — 202.  
RUSSELL, Carlos — 60, 82.
- SA, Antônio — 174.  
SÁ (e Albuquerque), Fernando de — 242.  
SÁ (e Albuquerque), Stênio de — 374.  
SÁ, João Meira e — 132.  
SÁ, Leôncio de — 351.  
SÁ, Leônidas e — 125.  
SÁ, Manuel Gomes de — 146.  
SÁ, Olimpio A. de — 154.  
SÁ, Umberto — 221.  
SABIA, Angelo — 154.  
SABINO Filho — 58.  
SABOIA, Eugênio — 126.  
SACRAMENTO, Manuel — 35, 57, 270.  
SACRAMENTO, Vivente — 316.  
SALDANHA, Afonso — 164.  
SALDANHA, Alberto — 250, 273.  
SALDANHA, Horácio (Cícero) — 213, 250, 252, 273, 306.  
SALDANHA, João — 250.  
SALDANHA Júnior — 273.  
SALDANHA, Manuel Torquato de Araújo — 179.  
SALDANHA Neto — 252.  
SALDANHA, Teobaldo — 273.  
SALES, Antônio — 86.  
SALES, Efigênio F. de — 56.  
SALES, Monsenhor (Francisco) Apolônio Jorge — 329.  
SALES, Leão de — 343.  
SALES, Pereira — 57, 379.  
SALES, General Plutarco — 186.  
SALGADO, Paulo (Cavalcanti de Amorim) — 132.  
SAMICO, (Manuel) Eugênio (da Rocha) — 373, 380.  
SAMICO, Valdimiro — 223.  
SAMPAIO, Belmiro — 339.  
SAMPAIO, J. — 207.  
SAMPAIO, (Manuel de Sá) Barreto — 144, 350.  
SAMPAIO, Sebastião — 369.  
SAMPAIO, Ulisses — 324, 332.  
SANDOVAL, Luiz — 362.  
SANDOVAL, Manuel — 49.  
SANDOVAL, Rosália (Rita Rosália de Abreu) — 85, 87, 116, 247, 334.  
SANTA CRUZ, Luiz — 187.  
SANTANA, Adelino — 326.  
SANTANA, José Carlos de — 354.  
SANTIAGO, Umberto — 115.  
SANTOJANE, E. César — 202.  
SANTOS, Adamastor — 380.  
SANTOS, Adolfo — 214.  
SANTOS, Amaro dos — 376.  
SANTOS, Américo — 107.  
SANTOS, Antônio Luiz — 98.

- SANTOS, Ernesto de Paula — 28, 41, 43, 62, 64, 66, 80, 86, 98, 118, 150, 153, 154, 160, 168, 211, 253, 274.
- SANTOS, Felix dos — 160.
- SANTOS, J. Daniel — 277.
- SANTOS, João M. G. dos — 35.
- SANTOS, João Pacifico Ferreira dos — 374.
- SANTOS, José Dativo dos — 154.
- SANTOS, Julieta — 284.
- SANTOS, (Luiz) Ferreira dos — 144.
- SANTOS, M. Cacilda — 329.
- SANTOS Dias Filho, Manuel A. dos — 100, 186.
- SANTOS, Marcelino dos — 54, 125, 151.
- SANTOS, Marieta — 174.
- SANTOS, Mário de Albuquerque — 244.
- SANTOS Neto, (Antônio Bernardino) — 85, 131, 222.
- SANTOS, Pedro de Melo — 243.
- SANTOS, Ramiro dos — 155.
- SANTOS, Samuel José dos — 42, 138.
- SANTOS, Tiago José dos — 150, 151, 195, 206, 222.
- SARMENTO, Vicente — 252.
- SATURNINO, José — 37.
- SCHLOBACH, Aristides Carvalho — 58.
- SCHMALZ Alfredo Carlos — 189, 190.
- SEABRA, José — 132.
- SEIXAS, Carlos Manuel — 199.
- SEIXAS, Marieta — 359.
- SEIXAS, Misael (Correia) — 59, 83.
- SEIXAS, Raimundo — 98.
- SELVA, Alexandre dos Santos — 114.
- SELVA Filho, Alexandre dos Santos — 59.
- SELVA, Leonardo — 172, 228, 234, 239, 285.
- SENA, G. de — 220.
- SERPE, A. — 367.
- SERRANO, Jonatas — 329.
- SERRANO, Olga — 342.
- SETTE, Mário (Rodrigues) — 48, 129, 203, 204, 266, 275, 280, 295, 309, 334, 374.
- SEVE, Cláudia — 329.
- SEVE, Franklin (de Magalhães) — 59, 168, 171, 251, 289, 309.
- SHOSTEN, Elijah von — 339.
- SILVA, A. B. — 359, 366.
- SILVA, Abel da — 136.
- SILVA, Adão da — 359.
- SILVA, Adolfo — 123.
- SILVA, Agripino (Fernandes da) — 37/38, 112, 124, 151, 243, 244, 297, 301, 302, 309, 312, 332, 353, 369, 372.
- SILVA, Alvaro — 106, 108.
- SILVA, Antônio Valentim da — 136, 163, 292.
- SILVA, Apolônio — 278.
- SILVA, Aurélio — 138.
- SILVA, Avelar e — 111.
- SILVA, Cardeal Augusto Alvaro da — 181, 182, 278.
- SILVA, Carmelita de B. — 293.
- SILVA d'Utra, J. S. — 202.
- SILVA, Euclides G. da — 227.
- SILVA, Fábio — 125, 172.
- SILVA, Fausto Rodrigues da — 247.

- SILVA, Floro e — 267.  
SILVA, Genival Costa e — 339.  
SILVA, Gomes da — 247.  
SILVA, Ismael — 315.  
SILVA, Izidro Nunes da — 359.  
SILVA, Januária da — 325.  
SILVA, Jarbas da — 204.  
SILVA, Jonas da — 172.  
SILVA, José Ferreira da — 48, 215, 217, 254, 304, 308, 322.  
SILVA, José Francisco de Moraes e — 136.  
SILVA, Júlio A. — 108.  
SILVA Júnior, Francelino Domingues da — 179.  
SILVA, Lourenço Tomaz da — 46, 89.  
SILVA, Luiz Amorim — 179.  
SILVA, Luiz Augusto Alves da — 166.  
SILVA, Mavíael Ferreira da — 368.  
SILVA, Manuel Paranhos da — 272.  
SILVA, Marcelino da — 124.  
SILVA, Maria Amélia de J. e — 140.  
SILVA, Mário Ramos e — 106.  
SILVA Melo, Vital Pereira da — 39.  
SILVA, Monteiro da — 201.  
SILVA, Niño Cairo da — 191.  
SILVA, Olímpio Alves da — 102.  
SILVA, Osvaldo — 338.  
SILVA, Paulino Hermes da — 152, 227.  
SILVA, Pedro de Oliveira e — 280.  
SILVA, Pedro Martins da — 252.  
SILVA, R. — 186.  
SILVA, R. Fernandes e — 373.  
SILVA, Raimundo Honório da — 106.  
SILVA, Romualdo (Domingues da) — 359, 366.  
SILVA, Samuel J. da — 300.  
SILVEIRA, Alberto Porto (Rodrigues) da — 281, 303.  
SILVEIRA, Antenor Pinto — 296.  
SILVEIRA, Bruno Veloso da — 186.  
SILVEIRA, Gastão Leopoldo da — 108.  
SILVEIRA, Jobar — 212.  
SILVEIRA, José Antônio da — 316.  
SILVEIRA, Maria Emilia Pinto da — 296, 309, 313.  
SILVEIRA, Oliveira — 280.  
SILVEIRA Sobrinho, W. — 323.  
SILVIO, SILVINO — 107.  
SIMÕES, Adolfo — 129, 165.  
SIMÕES, José M. — 200, 224.  
SIMÕES, Lucinda — 44.  
SIMÕES, Luiz — 239.  
SIMÕES, Manuel Nunes — 377.  
SIQUEIRA, Luiz Osório de — 349.  
SIQUEIRA, Pedro — 230.  
SIQUEIRA, Teofredo Lopes de — 98.  
SMITH (de Lima), Leonardo — 128, 138.  
SOARES, Augusta — 289.  
SOARES, D. — 81.  
SOARES, H. — 327.

- SOARES (de Araújo), Antônio — 41, 277.  
SOARES, João — 112.  
SOARES, Orris (Eugênio) — 149.  
SOARES, Samuel — 374.  
SOBRAL, Francisco F. — 115.  
SOBREIRA, Antônio Maciel — 68, 205, 217, 230, 275.  
SOBREIRO, Antônio D. — 77.  
SODRÉ (e Silva), Laura (Nina) — 174, 180, 192.  
SOLANO, Alberto —  
SOLANO (Carneiro da Cunha), Francisco — 87.  
SORIANO (de Sousa) Neto, (José) — 273, 304, 313, 364.  
SOTERO (de Farias), Alfredo — 110, 257.  
SOTERO (de Farias), José — 174.  
SOUSA, A. Jorge de — 219, 220, 317.  
SOUSA, A. Prudêncio de — 300.  
SOUSA, Auta de — 182, 335.  
SOUSA, Crisobal de — 378.  
SOUSA, Estanislau de — 253, 276, 326, 348.  
SOUSA, Eutóbio (Néri Alves) de — 32, 150.  
SOUSA, Ferreira de — 115.  
SOUSA Filho, B. de — 248.  
SOUSA Filho, Neri de — 298.  
SOUSA (Gastão Penalva), Sebastião de — 374.  
SOUSA, Hersílio (Lupércio) de — 132, 241, 242, 361.  
SOUSA, João Eufráasio Guió de — 255.  
SOUSA, João Mendes de — 349.  
SOUSA, (João) Silveira de — 131.  
SOUSA, José Andrade de — 247, 248.  
SOUSA, José Augusto de — 223, 312, 334.  
SOUSA, José Irineu de — 346, 362.  
SOUSA, José Júlio Virgiles de — 87.  
SOUSA, José Neri Alves de — 199.  
SOUSA, José Pedro de — 74, 134, 247.  
SOUSA Leão, Domingos Magarinos de — 64, 80, 125, 169.  
SOUSA Leão, João Magarinos de — 276.  
SOUSA Leão, Eurico de — 108, 303.  
SOUSA Leão, Francisco Antônio de — 100, 101.  
SOUSA Leão, João Augusto de — 193, 243.  
SOUSA Leão, Odilon (Lima) de — 110, 166.  
SOUSA, Ludgero de Carvalho — 362.  
SOUSA, Padre Bernardino de — 381.  
SOUSA, Manuel Batista Esteves de — 207, 353.  
SOUSA, Manuel Nogueira de — 361.  
SOUSA, Maria Emília Pereira de — 194.  
SOUSA, Mário Guimarães de — 304.  
SOUSA, Major Ermírio José Francisco de — 291.  
SOUSA, Possidônio de — 207.  
SOUSA, Rândolfo — 67, 214, 252.  
SOUSA, Rômulo — 350.  
SOUSA, Sigismundo G. de — 270.  
SOUSA, Teles de — 311.  
SOUTO, Dário (Barbosa) — 311, 314, 377.  
SOUTO, João Ribeiro — 314.  
SOUTO Maior, Cônego Euvaldo — 184, 328, 330.  
SOUTO Maior Genn, Maria Adalgisa — 328.

- SOUTO, Milton (Barbosa) — 248, 311, 314.  
SPENCER (Lopes) Neto, (Joaquim) — 178, 195.  
SPÍNOLA, Joaquim Antônio de Sousa — 96, 133.  
STAPPER, Ed — 121.  
SUASSUNA (Henrique Marques de Holanda Cavalcanti), Barão de — 100.  
SUASSUNA, Marcos — 339.  
SWENSON, Antônio (Argemiro) — 264.  
TABORDA, Manuel — 155.  
TABOSA, Augusto (Monteiro de Andrade) — 300.  
TARGINO (César Afonso) Filho — 265.  
TARQUÍNIO, Plínio — 253.  
TARTARUGA, Mateus — 341.  
TAVARES, Abílio — 107.  
TAVARES (da Silva), Arsênio (Luiz) — 44.  
TAVARES, Aurélio (Francisco) — 178.  
TAVARES, Bráulio Fernandes — 38.  
TAVARES (da Cunha Melo), José —  
TAVARES (da Silva Cavalcanti), Ademar — 107, 108, 110, 164, 165, 177,  
232; 239; 266; 279; 294.  
TAVARES (da Silva Filho), Odorico (Negromonte) — 374.  
TAVARES (de Melo), Boaventura — 110, 327, 366.  
TAVARES, Joaquim — 96, 131.  
TAVARES Júnior, J. — 250.  
TAVARES, M. — 60.  
TAVORA, Luiz (Antônio da Silveira) — 309.  
TAYLOR, W. C. — 379.  
TEBAS, Paulo — 215, 282.  
TEIXEIRA, Bento — 27.  
TEIXEIRA, Eloi Pontes — 360.  
TEIXEIRA, Guedes — 118.  
TEIXEIRA, Gustavo — 213.  
TEIXEIRA, J. — 72.  
TEIXEIRA, Mariano (Eloi) — 360.  
TEIXEIRA, Mariano (Pontes) — 245, 360.  
TEIXEIRA, Pedro Alain — 304.  
TEIXEIRA, Venâncio Rodrigues — 261, 323.  
TEJO, Severino (de Castro Pereira) — 110.  
TELES, Alberto J. de Gois — 132.  
TELES, Benevenuto (de Azevedo) — 46, 65, 70, 74, 80, 93, 97, 138, 169,  
199, 259, 261, 268, 343.  
TELES Júnior, Gois — 215.  
TELFOR, Alexander — 99.  
TEMPORAL, Ana — 140.  
TEMPORAL, José Moreira — 140.  
TEÓFILO (de Ladislau y Silva de Figueiredo de Giron de Torres y Espi-  
nosa), Aníbal — 378.  
TEOTÔNIO, Mário — 362.  
TERTULIANO (de Almeida Lins), João — 62.  
TIGRE, (Manuel) Bastos — 307, 335, 374.  
TOMAZ, Cônego José — 185.  
TONDELA Júnior, (Francisco) — 166, 219, 251, 304, 369.  
TONTI, Bispo Júlio — 129.  
TORREAO, Danilo Lôbo — 374.  
TORRES, Carlos Martins — 70, 73.  
TOSTA, J. Inácio — 201.  
TRAVASSOS, J. C. — 201.

TRINDADE, J. — 39.

TWORTZ, Padre Teófilo — 217.

UBIRAJARA, Carlos — 363.

UCHOA, Cândido — 207.

UCHOA Cavalcanti, Adolfo Celso — 110/111.

UCHOA Cavalcanti, Antônio Celso — 165.

UCHOA Cavalcanti, Pedro Celso — 58, 89, 108, 110, 111, 380; 381.

UCHOA, Gaspar R. Cavalcanti — 374, 381.

VALADARES, José (de Vasconcelos) — 374.

VALADARES, Prado — 114.

VALDEZ, Alba — 87.

VALENÇA, Antônio (Maximiano Ramos) — 34.

VALENÇA, Aurélio — 247.

VALENÇA, Mamede — 224.

VALENTE, Samuel (da Silva) — 271.

VALGA, Henrique — 96.

VALOIS Correia, Eduardo de — 280, 362, 363.

VALOIS, Luiz — 189.

VALVERDE, Arcebispo Miguel de Lima — 185.

VANDERLEI, Aladin — 351.

VANDERLEI, Armindo — 314.

VANDERLEI, Clóvis (de Barros) — 257, 364.

VANDERLEI, Eduardo — 213.

VANDERLEI, Eustórgio — 30, 88, 125, 172, 185, 209, 296, 330; 334; 335.

VANDERLEI Filho, Augusto (José Maurício) — 135.

VANDERLEI, José — 252, 339, 379.

VANDERLEI, Jorge Eduardo — 148, 339, 376.

VANDERLEI, Segundo — 49, 155.

VANDERLEI, Vicente — 190.

VAREDA, Lafaiete — 111.

VAREJÃO, Aniceto (Ribeiro) — 192, 321.

VAREJÃO, (José) Lucilo (Ramos) — 334.

VAREJÃO, Leodegário — 168, 172, 258.

VASCONCELOS, Bernardino Quité de — 189.

VASCONCELOS, Blandina A. de — 293.

VASCONCELOS, C. Meira de — 314.

VASCONCELOS, (João Evangelista da) Frota e — 130, 133 327.

VASCONCELOS, José de — 87.

VASCONCELOS, Lamartine — 329.

VASCONCELOS, Manuel R. de — 281.

VASCONCELOS, Maria A. de — 293.

VASCONCELOS, Oscar Castelão de — 362.

VAZ (de Oliveira), (Augusto) Carlos — 96, 132

VAZ, Fernando (Lopes) — 248.

VAZ (Ferreira), Augusto — 322.

VEIGA, Domingos — 170.

VELOSO, Dário — 193, 201.

VELOSO, José — 233.

VELOSO, Padre — 182.

VENANCIO, Padre — 358.

VERA CRUZ, Antônio — 62, 79.

VERAS, Merval (Gomes) — 130.

VERÍSSIMO (Dias de Matos), José — 257.

VERRI, Bruno Mário — 245, 246, 248.



- VIANA, Antônio Benevides Barbosa — 166.  
VIANA, (Antônio Joaquim) Barbosa — 27, 60, 138, 161, 197, 283, 284.  
VIANA, (Augusto) Fernandes — 148.  
VIANA, C. — 189.  
VIANA, (José) Hermógenes (de Araújo) — 30, 213.  
VIANA, Major Lobo — 292.  
VIANA, (Manuel) Parente — 110, 166.  
VIANA, Ulisses (Machado Pereira) — 132.  
VICENTE, A. — 112.  
VICENTE, José — 242.  
VICTOR, Abílio — 58.  
VICTOR, Olinto — 241, 242.  
VIEGAS, Carlos — 311.  
VIEIRA, Antônio Lins — 96, 140.  
VIEIRA, Damasceno — 87, 374.  
VIEIRA (de Araújo Correia), João — 132.  
VIEIRA de Gusmão — 116.  
VIEIRA de Melo, Bernardo — 62, 168, 180.  
VIEIRA (de Melo Pereira), Celso — 83, 118.  
VIEIRA, Domingos (Marques) — 102, 168, 192, 254.  
VIEIRA, Padre Antônio — 182.  
VIEIRA, Padre Henrique — 328.  
VIEIRA, Marcial — 377.  
VIEIRA, Olício — 129.  
VIEIRA, Samuel — 290.  
VILAÇA, Angelo — 157.  
VILA NOVA, Tiago — 293, 305, 327, 349.  
VILA NOVA, Tomaz — 39, 166, 173, 174, 376.  
VILAR, Frederico — 136.  
VILARES, L. V. — 375.  
VILARES, Odorico — 281.  
VILARIM, Asdrubal — 340.  
VILARIM, Belmira — 83, 84, 95.  
VILARIM, Capitão Joaquim Quintino — 87.  
VILAROUCA, José — 179.  
VILAS Boas, Aldo — 148.  
VILAS BOAS, José — 295.  
VILELA (de Castro Tavares), Jerônimo —  
VILELA (de Castro Tavares), Joaquim — 28, 87.  
VILELA, (Joaquim Maria) Carneiro — 28, 30, 130.  
VINITIUS, Marcus — 380.  
VIRIATO (do Socorro), Manuel — 31.  
VITAL, Antônio Carlos — 66, 276, 277.  
VITAL, Olegário — 244, 302.  
VITAL Sobrinho, (Tenente Manuel Carlos) — 45, 48, 125, 263.  
VITALE, Etti — 171.  
VITORIANO Filho, Corinto — 273.  
VITORINO, Luiz — 224.  
VITRUVIO (Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos) Antônio 132.  
VITRUVIO (Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos), Eurico — 141, 224.  
  
WASSEN, Padre Guilherme — 328.  
WATT, Stephson — 277.  
WATTS, Alfred — 101.  
WOLF, Paulo — 301.

- XAVIER, J. J. Albuquerque — 95.  
XAVIER (Pais Barreto), Carlos — 131, 138.  
XEXÉO, Artur (de Araújo Lima Calda) — 62.  
XEXÉO, Flávia — 285.  
XICHITA, Leonardo — 328.  
XIMENES, José — 221, 313.
- YOFFELY, P. — 121.
- ZOLA, Emile — 180.

## IN MEMORIAM

*A Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, ao lançar este sétimo volume da História da Imprensa em Pernambuco, do jornalista e pesquisador Luiz do Nascimento o faz sob a emoção de profunda saudade e não menor admiração.*

*Com o falecimento do insuperável historiador da Imprensa em Pernambuco abre-se uma lacuna que não é fácil, tão cedo, preencher. Nascimento foi o homem certo para a tarefa certa: amava o jornal e a sua fascinante história de fixar o dia a dia das comunidades.*

*Foi o artesão paciente, devotado, inteligente e incansável da estruturação de uma obra definitiva e necessária a quem pretenda conhecer os fatos diários, sob todos os ângulos, ocorridos no Estado.*

*Luiz do Nascimento estabeleceu, talvez sem o sentir pela sua encantadora modéstia, o marco divisório na vida da Imprensa de Pernambuco: antes de Luiz do Nascimento e depois dele.*

*Pesquisadores de todos os matizes têm na sua obra, sem favor monumental, uma fonte inexaurível de informações.*

*Dai a perda incomensurável que a pesquisa desse gênero sofreu com a sua morte.*

*A Universidade Federal de Pernambuco, pela sua Editora, como homenagem de apreço ao trabalho do grande pesquisador, se compromete a editar, no menor espaço de tempo possível, o restante da obra do pranteado Autor, num montante de 14 volumes, dos quais a presente edição é a sétima.*

*É a melhor e mais eficiente prova de respeito e gratidão à memória de quem tão assinalados serviços prestou à cultura pernambucana.*





## **Nascimento, Luiz do**

História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).  
Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imp. Universitária, 1966—

v. Ilust.

1ª ed. do vol. 1 foi editado pelo Arquivo Estadual em 1962.  
Inclui bibliografia.

Conteúdo. — v. 1. Diário de Pernambuco. — v. 2. Diários do Recife.  
— 1829-1900. — v. 3. Diários do Recife — 1829-1900. — v. 4. Periódicos  
do Recife — 1821-1929. — v. 5. Periódicos do Recife — 1851-1875. — v. 6.  
Periódicos do Recife — 1876-1900. — v. 7. Periódicos do Recife — 1901-1915.

655.1834 (C.D.D.)  
655.1(813.4) (C.D.U.)

UFPE.  
BC - 70-1391

Nascimento, Luiz  
História da imprensa  
pernambucana: (1821-1972)

07/N244h

**FUNDAÇÃO -  
INSTITUTO DE  
BIBLIOTECA GEN  
Rua Dois Irmãos  
52.071-440 - F  
Caixa Postal  
Telefone (081)  
bibli@fundarj.gov.br**

"... oferece subsídios biográficos de muitos autores pernambucanos, ou aqui atuantes, subsídios que ficariam entregues às moscas, ou pior, às traças, sem esse pesquisador, não de sete, mas de fôlegos incontáveis, tal a dimensão de sua obra, a já publicada e a programada. Mas a sua recompensa está na cara: no campo de sua especialidade, ninguém chega perto de Luiz do Nascimento neste país. A sua "História da Imprensa de Pernambuco" ninguém tirará da História, da mais válida e permanente bibliografia pernambucana deste século". (AGENDA, Mauro Mota, *Diário de Pernambuco*, 28.9.1972).

"Meus efusivos cumprimentos por essa edição, que, como os volumes precedentes, merece o caloroso aplauso de todos os círculos culturais do País e não apenas, é óbvio, de Pernambuco. Daqui do Rio Grande, eu me sinto muito honrado com sua generosa oferta e logo me pergunto, com uma pontinha de inveja: quando teremos, aqui, um Luiz do Nascimento gaúcho, para ao menos tentar uma empreitada semelhante com a imprensa rio-grandense? Quem compulsa jornais antigos do Rio Grande do Sul, cujas coleções, mesmo incompletas, são raras, sente a necessidade de uma obra de vulto, como a do eminente amigo. Tomara que o grande exemplo do Norte um dia frutifique aqui no Sul!" (Carta do escritor Eneidy R. Till ao Autor, com a data de 14.3.1970).

"Luiz do Nascimento é historiador, não é um dileitante; tem o "faro dos documentos" e sempre bem forrado de bibliografia categorizada. Tanto é verdade que nos deu, em poucas páginas, a propósito do "Sesquicentenário do Primeiro Jornal Pernambucano", um trabalho de reconstituição histórica, em estilo de quem sabe escrever para o público. É o panorama político e social de Pernambuco nos primórdios da Independência, pois a História da Imprensa é um reflexo marcante da história social, sobretudo pela influência que o jornal exerce nas idéias, nos costumes, nas transformações sócio-culturais". ("O Primeiro Jornal de Pernambuco", Deolindo Amorim. *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, GB., 29.4.72).

# Semana Agricola

am de propagan

ministração

20

AMAR

za da Lavoura

ANNO I

Assinaturas

Recife, 18 de Outubro de 1904

# O JUANOTA

Dirrecção: de Frei Vergão e frei Galermo

## Coisas da vida



com  
a au-  
a func-  
tio rec a-

quecel-o, pois  
moral e intel-  
trancia condiz me



NUMERO 1



NUM



©